OBRAS COMPLETAS

DO

PADRE ANTONIO VIEIRA

—

SERMÕES

St. Ignatius' Church,
3220-43rd St. S.E.
Portland, Oregon

PORTO — Imprensa Moderna,
de Manoel Lello
Rua Rainha D. Amelia, 63

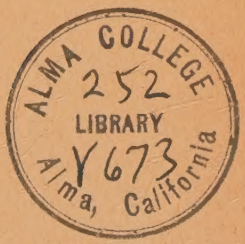
Obras completas do Padre ANTONIO VIEIRA

SERMÕES

VOLUME IV

Revisto pelo Rev. Padre Gonçalo Alves

Prègador, ou S. Paulo, ou Vieira.
D. Luiz de Sousa, Arc. de Braga.



PORTO
LIVRARIA CHARDRON
de Lello & Irmão, editores
Rua das Carmelitas, 144
—
1907

9106

COMPOSTO EM MACHINA «LINOTYPE»

SERMÃO

DO

Quarta Dominga da Quaresma *

Colligite quæ superaverunt fragmenta, ne pereant. [1]

I

Como é uso antigo, e sempre praticado na guerra depois das batalhas, principalmente victoriosas, tocar a recolher os exercitos, para que descancem os soldados e sejam vistos, como em triumpho, e conhecidos os vencedores, assim o General supremo da Igreja militante manda hoje a seus Apostolos, que recolham as reliquias e fragmentos dos cinco pães, que venceram, para que se não perca no esquecimento a memoria de tão illustre combate: *Colligite quæ superaverunt fragmenta, ne pereant.* [2] Este é, com novo e sublime pensamento, o sentido das palavras que propuz, e este o primeiro reparo que pódem fazer nelle os doutos, por não dizer os criticos. A palavra, *superaverunt*, tem egualmente dois sentidos naturaes: quando se falla de batalha, significa vencer; e quando de banquete ou convite, que é a materia do presente

---

[1] *Joan.*, VI.

[2] *Joan.*, VI, 12.

* Foi este sermão prégado na Igreja da Conceição da Praia, na Bahia, no anno de 1633, antes de Vieira ser ordenado de sacerdote, contando, apenas, ainda, 25 annos d'idade. O assumpto é de guerra, de milicias, escolhido pelo proprio general commandante das armas portuguezas. Vieira sahindo a prégar sobre tão arduo e escabroso assumpto provou desde esse dia o seu immenso talento e os altissimos triumphos que o esperavam na carreira do pulpito. Entre outros notam-se principalmente os n.os II, III e V, verdadeiramente eloquentes.

Evangelho, quer dizer, sobejar: logo, fallando com propriedade, parece que havia eu de dizer *sobejaram*, e não *venceram*. Esta replica pede uma razão, eu a satisfarei com duas. Uma das maiores escólas de Marte, que hoje tem o mundo, é a nossa Bahia; e porque o Mestre unico desta bem exercitada milicia, sobre querer auctorisar com sua illustrissima presença o auditorio, advertiu que sendo o dia de banquete, fossem proporcionadas as iguarias; que outra proporção lhe podia eu achar mais acommodada aos ouvidos tão costumados ao som das caixas e trombetas, senão fazel-as tambem bellicas, marciaes, e de guerra? Taes foram as vozes com que o propheta Isaias, tendo el-rei Balthazar convidado a mil principes do seu imperio, lhes tocou não esperadamente a rebate, e que trocassem os pratos com os escudos: *Comedentes, et bibentes: surgite principes, arripite clypeum.* [1]

Esta é a primeira razão com que não póde deixar a minha obediencia de responder ao favor do offerecimento, que em todas as leis da cortezia devia eu aceitar, como mandado. A segunda, e que pertence á bem fundada duvida dos criticos, não é, como não deve ser, minha, mas de um tão grande e judicioso interprete, como é entre os antigos Padres, o subtilissimo Eusebio Emisseno. As palavras do seu novo e maravilhoso commento são estas: *Non sunt panes nisi quinque, manducantes autem plus millibus quinque:* Os pães são sómente cinco; os que comem são mais de cinco mil: *Illi manducant, panes crescent:* Os homens comem; os pães crescem: *Certamen fit inter panes et homines.* Que é isto, senão uma batalha campal entre pães e homens? E qual o fim della? Milagroso, e que de nenhum modo se podia esperar: *Vincunt panes, superantur homines:* Os pães sendo comidos, vencem; e os homens que os comem, são vencidos. Isto disse com tão maravilhosa novidade, como é a do caso, o grande Emisseno: e isto é, com maior largueza, o que nós ouviremos em um só discurso; mas tal, que desde o principio até o fim nos mostre em toda a narração do Evangelho os verdadeiros preceitos de Marte; e o que desde o tomar as armas, até o recolher os despojos, devem desejar os vencedores soldados: *Ave Maria.*

---

[1] *Isai.*, XXI, 5.

II

Colligite quæ superaverunt fragmenta, ne pereant.

Altamente disse Salomão, que as guerras se hão-de governar com o leme: *Gubernaculis tractanda sunt bella.* [1] E qual será, não digo nas guerras navaes, mas nas terrestres, o leme? Não ha duvida que é o conselho. Por isso os cultos da grammatica militar dizem acertadamente, que as batalhas se dão na campanha, mas as victorias se alcançam no gabinete. Christo Redemptor nosso, não perguntava para saber, senão para ensinar; e para ensinar, que nos casos similhantes ao presente, se ha-de tomar conselho, e de quem. Apontando primeiro para a grande multidão dos que o seguiam, perguntou a Filippe: *Unde emamus panes, ut manducent hi?* [2] Donde compraremos pão para dar de comer no deserto a tanta gente? Antes de ouvir a resposta, é muito de notar, a quem Christo fez a pergunta, e a quem a não fez. Parece que o consultado em primeiro logar havia de ser Judas, como aquelle que tinha cuidado do provimento e sustento do collegio, e era o thesoureiro das esmolas, de que a sua pobreza se valia: e do mesmo modo parece que se não devia consultar Filippe, por ser entre todos os discipulos de Christo o menos provecto nas sciencias do seu estudo, segundo o que o mesmo Senhor lhe tinha dito: *Tanto tempore vobiscum suum, et non cognovistis me? Philippe, qui videt me, videt et Patrem meum.* [3] Mas assim na pessoa perguntada, como na que não perguntou, nos deu Christo dois soberanos documentos. Não perguntou a Judas, porque era traidor; e de um ministro de pouca fé e verdade, talvez se pódem dissimular os furtos da fazenda; mas os segredos da guerra, de que depende a conservação do estado, por nenhum modo se lhe deviam fiar. Consultou, porém, e perguntou Christo a

[1] *Prov.*, XX, 18.
[2] *Joan.*, VI, 5.
[3] *Ibid.*, XIV, 9.

Filippe, porque era natural de Bethsaida, e pratico daquelle paiz, de cuja experiencia em qualquer lavrador ou pastor rustico, depende muitas vezes o acerto das resoluções mais que da agudeza e discurso dos sabios, que entendem, mas não adivinham. Porém Filippe como se viu chamado a conselho, sendo que só se lhe perguntava o logar donde se podia comprar o pão: *Unde ememus panes;* metteu-se a ministro, difficultando e impossibilitando a compra, e exaggerando a somma de dinheiro necessario para ella: *Ducentorum denariorum panes non sufficiunt eis, ut unusquisque modicum quid accipiat.* [1] E se o seu voto se seguira, sem duvida morreria á fome toda aquella multidão de homens, como outras vezes acontece, pelo mal entendido zelo de ministros tão acanhados no animo, como Filippe o era na fé. Não ha votos mais perniciosos na paz e na guerra, nem mais bem aceites commummente aos que governam o leme, que os que por poupar a fazenda impossibilitam as acções, com que o que havia de ser trabalho, é ociosidade, e o que havia de importar muito, se resolve em nada.

De Philippe passou o Senhor a Santo André, o mais antigo de todo o Apostolado, e por isso com a principal qualidade de conselheiro. Mas tambem aqui se póde com razão duvidar, porque não consultou antes a S. Pedro. Direi: S. Pedro era tão destemido e arrojado, que elle só se atreveu a tirar pela espada, e investir com um esquadrão armado de soldados romanos: e homens de espiritos tão alentados são mais para desfazer as difficuldades na execução, que para consultar se se devem ou não emprehender. Duas partes teve o voto de Santo André, e a primeira de grande juizo e acerto. Aqui ha, disse, um moço que tem cinco pães: *Est puer unus hic, qui habet quinque panes.* [2] O voto verdadeiro ha se de fundar no que é e no que ha, ou seja muito, ou pouco: e não votos mui elegantes e discretos, mas fundados no impossivel, que dizem o que fôra bem haver, e não ha; e fôra bem ser, e não é. Na segunda parte reconheceu André a difficuldade e desproporção dos cinco pães para sustentar a tantos mil: *Sed hæc quid inter tantos?* [3]

[1] *Joan.*, VI, 7.
[2] *Ibid.*, 9.
[3] *Ibid.*

E tambem aqui acertou, como bom conselheiro de guerra, sem advertir porém qual era o general, debaixo do qual militava. Considerando Christo Senhor nosso esta mesma proporção do numero que ha-de haver dos combatentes de uma e outra parte, disse assim: *Quis rex iturus committere bellum adversus alium regem, non sedens prius cogitat si possit cum decem millibus occurrere ei, qui cum viginti millibus venit ad se?* [1] Que rei ha, diz o Senhor, o qual sabendo que vem outro a accommettel-o com o exercito de vinte mil soldados, não cuida primeiro, muito devagar, se póde sahir só com dez mil a pelejar com elle em campanha? Boa consolação, e tão necessaria, como animosa para os capitães mais versados na arithmetica, que na milicia, os quaes dizem, quasi hereticamente, que Deus sempre se costuma pôr da parte onde ha mais mosqueteiros. Heresia muitas vezes condemnada na Sagrada Escriptura, onde se diz, que tão facil é a Deus vencer com poucos, como com muitos: *Non est differentia in conspectu Dei coeli liberare in multis, vel in paucis.* [2]

Desta sentença de Christo póde inferir, não digo o nosso temôr, mas o nosso cuidado, que ainda que os inimigos que nos infestam, tenham dobradas bocas de fogo, nem por isso devemos receiar ou desconfiar da victoria. Mas não é isto só o que aquella sentença significa, sendo a nossa guerra puramente defensiva. Quando Christo diz que póde um rei esperar que com dez mil combatentes resista e prevaleça contra o que o acommette com vinte mil, falla expressamente de batalha campal, e guerra em campanha, como se colhe claramente das palavras: *Si possit cum decem millibus occurrere ei;* e a nossa guerra nas circumstancias presentes, póde com dez mil resistir e defender-se, não só de vinte, senão de cem mil; porque na campanha peleja um homem contra outro homem de peito a peito; porém os que se defendem cubertos e armados das suas fortificações com uma muralha diante, ainda que sejam pygmeus, em respeito dos outros homens são gigantes. Assim o diz o propheta Ezechiel da confiança ou desprezo

[1] *Luc.*, XIV, 31.
[2] *1.º Livr. dos Machab.*, I. 3, 18.

com que os soldados da cidade de Tyro zombavam, sendo pygmeus, de todos os seus sitiadores, mostrando-lhes os arcos e as aljavas penduradas da altura dos muros, donde, comparados com os outros homens, eram gigantes: *Sed et pygmæi, qui erant in turribus tuis per gyrum: ipsi compleverunt pulchritudinem tuam.* [1]

III

Mas que é o que oiço? São as trombetas e caixas da nossa guerra, do nosso Evangelho que tocam a arma. Pede Christo pães, e com elles nas mãos, e os olhos nos cinco mil homens, diz o Evangelista, que levantando-os ao céo deu as graças a Deus, antes de partir, nem distribuir os pães: *Et cum gratias egisset, distribuit discumbentibus.* [2] Esta anticipada acção nos obriga, posto que já com as armas nas mãos, a reparar nella, e a não passar em silencio, sendo tão nova, e ainda encontrada com a razão. As graças dão-se depois da guerra, da batalha, e da victoria: então se canta o *Te Deum*, e se fazem as outras solemnidades. Pois se isto, segundo o pensamento que seguimos de Emisseno, era uma batalha entre os pães e os homens: *Certamen fit inter panes et homines;* como anticipa Christo as graças antes de se dar a batalha? Porque era sua. Nas guerras de Christo primeiro é o vencer, que o pelejar. Arrebatado S. João nas visões do Apocalypse ouviu uma voz, que lhe dizia: *Veni, et vide:*, Vem, e vê: abriu os olhos, e viu sobre um cavallo branco um mancebo de gentil disposição, armado de arco e aljava: *Ecce equus albus, et qui sedebat super eum habebat arcum:* [3] e não tinha bem admirado o ar e bizarria, com que o cavalleiro do céo vinha sahindo, quando viu que lhe punham na cabeça uma corôa: *Et data est ei corona.* Corôa? Logo já tinha vencido. Mas como tinha vencido, se só trazia na mão o arco, e ainda não tinha disparado as settas? Porque este galhardo mancebo, como diz Santo Agostinho, era o Verbo Eterno, que sahia do céo a con-

[1] *Ezech.*, XXVII, 11.
[2] *Joan.*, VI, 11.
[3] *Apoc.*, VI, 2.

quistar o mundo; e nas conquistas e batalhas de Christo, primeiro é o vencer, que o pelejar; primeiro a victoria, que a batalha: o mesmo Texto o diz expressamente: *Et exivit vincens, ut vinceret:* [1] Sahiu vencedor para vencer: se vencedor, já tinha vencido; se para vencer, ainda não tinha dado a batalha. Mas isto mesmo era ser Christo, que só elle, antes de pelejar, vence; e antes de dar a batalha, já é senhor da victoria. Por isso estando ainda com os cinco pães nas mãos, antes do famoso, e nunca visto combate, pondo os olhos na multidão que havia de ser vencida, e levantando-os juntamente com as mãos ao céo, dá as graças a Deus, como vencedor.

Primeiro que tudo mandou o Senhor a seus doze Apostolos, como a outros tantos sargentos maiores de batalha, que dividissem os cinco mil homens em cem esquadras, cada uma de cincoenta: e porque a batalha havia de ser comendo ao modo e ao uso com que se punham á meza os hebreus, os fizessem recostar sobre o feno, de que havia muito naquelle deserto. Se o pão se houvesse de dar juntamente a tanta multidão de homens famintos de tres dias, qual seria o tumulto e labyrintho? Por isso mandou que se dividissem e puzessem primeiro em ordem. Multidão desordenada, é confusão; com ordem, é exercito. Desordenada serve só de levar despojos ao inimigo; com ordem, na mesma ordem e em si leva já segura a victoria. Esse é o respeito, por que Salomão pintando um exercito formidavel e terrivel, não o encareceu pelo numeroso dos combatentes, ou pelo luzido das armas, senão pela ordem de todo elle: *Terribilis ut castrorum acies ordinata.* [2] Ordenada, e disposta assim a campanha, então repartiu Christo aos doze Apostolos os cinco pães, lançando-lhes primeiro a sua benção, e divididos em egual proporção com os homens, sahiram os pães ao combate por todos os modos novo; elles cinco, e estes cinco mil.

Agora se verá a muita razão que teve Santo André, e a pouca fé com que disse: *Quid hæc inter tantos?* Quanto á razão: os mesmos que haviam de

---

[1] *Apocal.* VI, 2.
[2] *Cant.*, VI, 3.

comer se podiam rir ou chorar dos poucos bocados de pão, com que os Apostolos queriam tapar tantas boccas. Quando Josué e Caleb tornaram de explorar a Terra da Promissão, disseram que não havia que temer na conquista, porque os filhos de Israël aos Amorrheus os podiam comer a bocados, como pão: *Neque timeatis populum terræ hujus, quia sicut panem ita eos possumus devorare.* [1] Devorar, disseram e engulir, que é muito mais facil que comer, zombando da difficuldade do pão, em que não ha osso, nem espinha. O mesmo podiam dizer neste caso os cinco mil comedores, não havendo para a sua fome pão, senão tão pouco para tantos. Nem lhes falta o exemplo da Escriptura, muito mais proprio e encarecido aos mesmos pães que haviam de ser comidos. Estando em campo, ou tendo inundado todos os campos, contra os Hebreus, o exercito dos Madianitas, cujo numero compara o Texto sagrado não menos que ás areias do mar, sonhou um soldado que via cahir e rodar do céo um pão, o qual dando no mesmo exercito o desbaratava todo, e destruia; e contando o sonho a um companheiro, inspirado este por Deus disse com espirito prophetico: *Non est hoc aliud nisi gladius Gedeonis.* [2] Isso que viste, não é outra coisa senão a espada de Gedeão. E assim foi: podendo dizer os cinco pães daquella batalha, em que agora entravam, não só o mesmo, mas com maior propriedade, e mais ajustada a todas suas circumstancias; porque o pão que descia do céo, segundo a versão que refere Abulense, não só era um, senão *canistrum panis*, [3] que vem a ser a cesta, em que trazia o menino os cinco pães: *Est puer hic, qui habet quinque panes.* Os Setenta Interpretes leem: *Mensa panis*, meza de pão: e tal era a que os cinco mil divididos esperavam assentados já, ou recostados á meza: *Discumbentibus;* e todos sem discrepancia, que era pão de cevada: *Hordeaceus;* e assim o diz o Evangelho: *Ex quinque panibus hordeaceis.* Finalmente Vatablo com novo reparo: *Strepitus panis:* e Caetano: *Tremor panis:* Estrondo, e tremor de pão. Pois se o pão era um, ou tão pouco

[1] *Num.*, XIV, 28.
[2] *Juizes* II, 14.
[3] *Abul. quæst.*, 16.

que o trazia um menino em uma cesta, como se chama estrondo e tremor de pão: *Strepitus et tremor panis?* Porque tão estrondosa e tão formidavel havia de ser esta batalha dos cinco pães comidos contra os cinco mil comedores, de que elles se riam ou choravam de ser tão pouco pão, contra tantos homens.

IV

Assim se começou o combate, cuidando todos que havia de acabar em um momento, sendo tantos os gastadores, e tão pouco o que se havia de desbastar. Mas depois que os Apostolos, começando pela primeira, acabaram pela ultima das cem esquadras, então comendo todos, se ouviu o estrepido, ou estrondo da marcha, e pareceu que a terra, e todo o deserto tremia: *Strepitus, et tremor panis.* Passou a admiração a espanto, e a primeira e mais que admirada foi a natureza. Eu, dizia a natureza, tambem sei, e posso fazer do pouco pão muito pão; mas isto quando mais apressadamente, em tres mezes. Ha se de arar a terra, ha se de semear e gradar o trigo, ha de regal-o o céo, ha-de amadurecel-o o sol, hão-de colhel-o suando os segadores; posto em paveias na eira, depois de calcado e limpo, ha-de ser moido, depois amassado e levedado, depois finalmente cosido, até que se possa comer. Mas isto quando menos, como dizia, em tres mezes; e ordinariamente desde as neves de dezembro até ás calmas de agosto. Mas em um momento, crescer das mãos á bocca! Santo Agostinho diz que crescia nas mãos de Christo; S. Chrysostomo, que nas dos Apostolos; S. Hilario, que nas dos que comiam; e tudo era, mas principalmente nestes ultimos, porque partido o pão, que a cada um coube, em quanto a mão direita o partia, e levava á bocca, já na esquerda ficava outro tanto, que se podia tornar a partir, e desta maneira, quanto mais partiam os comedores, tanto mais cresciam os pães comidos. Oh se o mundo soubesse entender e aprender esta traça de multiplicar o pão! *Parvuli petierunt panem, et non erat qui frangeret eis*, diz Jeremias: [1] Pediram pão

[1] *Thren.*, IV, 4.

os pequenos, e não havia quem lh'o partisse. Partisse, diz, porque a falta de não haver pão, é porque não ha quem o parta e reparta. Grande prova no mesmo Evangelho. Neste milagre, como veremos, sobejaram doze alcofas de pão; em outro similhante sete: e porque menos pão naquelle, que neste?

Naquelle eram mais os pães, e menos os comedores; porque eram os pães sete, e quatro mil os comedores: neste os pães eram cinco, e os comedores cinco mil: logo, lá, onde os pães eram mais e os comedores menos, haviam os pães de crescer mais; e cá, onde os pães eram menos, e os comedores mais, haviam os pães de crescer menos. E porque não foi assim, senão pelo contrario? Pela razão expressa e infallivel, que tenho dito. Onde os pães eram sete, e os comedores quatro mil, foi necessario que os pães se partissem e repartissem menos; e onde se partiram, e repartiram menos, tambem cresceram menos: porém no nosso caso, em que os pães eram menos, e os homens mais, foi necessario e forçoso, que os pães se partissem e repartissem mais, e por isso cresceram mais. Não vos cresce o pão em casa, porque o não sabeis partir e repartir com os que carecem delle. Se o partisseis e repartisseis, elle cresceria, assim como cresceu, sendo tão pouco, e os comedores tantos nesta batalha. Nas outras guerras, uns vivem, outros morrem, e dos vivos são vencedores os mais valentes, e vencidos os mais fracos: aqui nenhum morreu, porque os comidos só matavam a fome dos comedores, mas os mesmos comedores, ficando sem fome, mais alentados e inteiros, foram os vencidos; e os poucos pães comidos, desbaratados e feitos em pedaços os vencedores: *Vincunt panes, superantur homines.* Uma das maiores victorias que viu o mundo, e na realidade a maior de todas, foi a de Samsão, quando elle sendo um só, venceu e matou a mil: *Percussi mille viros.* [1] Tal foi a victoria de cada um dos cinco pães; elles só cinco, e cinco mil os vencidos. Mas porque a victoria tanto é mais gloriosa, quanto menos proporcionados os instrumentos, o mesmo Samsão ponderou na sua, que vencera os mil homens com uma queixada: *In mandibula delevi eos, et percussi mille viros.* [2] As-

[1] *Juizes*, xv, 16.
[2] *Ibid.*

sim o fizeram tambem, ou fez cada um dos cinco pães; porque cada um venceu a mil, e não com queixada alheia: *In mandibula pulli*, senão com as mesmas queixadas dos que os comiam: *Illi manducat, panes crescunt: vincunt panes, superantur homines.*

Vencida a batalha, e nenhuma tão gloriosamente como esta, mandam os generaes tocar a recolher os soldados vencedores; e assim mandou Christo a seus Discipulos, que em signal da victoria recolhessem as reliquias e fragmentos della, para que se não perdessem: *Colligite quæ superaverunt fragmenta, ne pereant.* Fizeram-no assim os Apostolos, e admira-se com razão S. João Chrysostomo, que recolhessem cheias doze alcofas, nem mais, nem menos: *Quia nec plus, nec minus fecit superfluum esse.* Doze, e só doze! Bem; porque eram doze os Apostolos. Mas porque não treze, para que chegasse tambem a Christo a sua? Porque era Christo o general. As alcofas tecem-se de palmas, as palmas significam as victorias, as alcofas cheias de pão, os despojos dellas: e o general de sublimes pensamentos, qual Christo, da victoria só quer a honra; dos interesses della, nada para si, tudo para os seus soldados. Assim o fizeram generosamente sem conhecimento do verdadeiro Deus, um Agesislau, um Alexandre, um Vespasiano, e dos que o conheceram antes de ser homem, David, Josuë, Jephtë, Gedeão, Samsão e Judas Macchabeu, dos quaes disse com não menos levantado pensamento S. Bernardo: *Nemo eis communicavit in gloria.* Vendo os vencidos o milagre, e parecendo-lhes acção verdadeiramente real a de um capitão, que não só não mata os homens á fome para comer elle, mas mata a fome aos homens para os vencer: que resolveram entre si? Resolvem e determinam todos de acclamar a Christo por Rei, ainda que elle o repugnasse: *Ut raperent eum, et facerent eum Regem.* [1] Entendeu-lhes o Senhor os pensamentos, e para ultima prova do seu desinteresse, deixando-os com o titulo de Rei quasi na bocca, se retirou só para o monte: *Fugit iterum in montem ipse solus.*

---

[1] *Joan.*, VI, 15.

V

Aqui acaba o Evangelho, e eu tambem tenho acabado o sermão. Mas se é verdade, como é, o que diz Santo Agostinho, que os milagres depois de entendidos fallam: *Habent miracula, si intelligantur, linguam suam*, ainda que o Evangelista se nos calou, não deixa o milagre de fallar. Oiçamos-lhe duas palavras. Em Christo, sabedoria eterna, pedir conselho, *Unde emenus panes?* diz que sem conselho nenhuma coisa façamos; porque nenhum homem é tão sabio, que não esteja sujeito a errar. Em ser errado o dos Apostolos, por não recorrerem aos poderes de Christo, *Sed haec quid inter tantos*, diz que elle deve ser o oraculo, a quem em todas as nossas duvidas e difficuldades devemos recorrer. Em o Senhor dar as graças antes da mercê recebida: *Et cum gratias egisset*, diz que, ao menos depois de as receber, não sejamos desconhecidos e ingratos. Em partir e repartir o pão para o multiplicar: *Distribuit discumbentibus*, diz que a melhor traça de acrescentar os nossos bens é soccorrer com elles aos pobres. Em, finalmente, não querer Christo nada para si, senão tudo para os seus: *Collegerunt duodecim cophinos:* que é o que diz? Sem duvida que nos diz o Senhor, o que lá disse Abrahão a outro rei sobre os despojos de uma victoria: *Da mihi animas, cætera tolle tibi.* [1] Tudo o mais vos dou, daeme as almas. Exhortar este só ponto é o que aqui cabia; mas porque fio mais do bom juizo, com que os que me ouvem o poderão considerar, do que das razões, com que eu o posso persuadir, acabo com desejar a todos nesta vida a graça, e na outra a gloria: *Ad quam nos perducat, etc.*

[1] *Gen.*, XIV, 21.

SERMÃO

DA

Quarta Dominga da Quaresma*

Fugit iterum in montem ipse solus. [1]

I

Não foge uma só vez, quem foge de coração. Já o Evangelista S. João tinha dito, que o Salvador dos homens fugira dos mesmos homens uma vez, e agora nos diz que fugiu outra: *Fugit iterum*. Quando Herodes quiz matar a Christo, para que não fosse rei, fugiu para o Egypto; agora que o querem fazer rei, foge para o monte: *In montem*. Os amigos e os inimigos todos por seu modo perseguem, e quem conhece que o amôr de uns e o odio de outros tudo é perseguição, foge de todos. Não só fugiu o Senhor hoje das turbas que o seguiam, mas tambem dos mesmos discipulos que o acompanhavam, e por isso fugiu só: *Ipse solus*. Os Apostolos recolheram das sobras do banquete doze alcofas, uma para cada um; e parece que haviam de ser treze, para que ao obrador do milagre coubesse tambem a sua. Comtudo muito mais recolheu do banquete o Mestre que os discipulos: elles recolheram o pão, elle recolheu o recolher-se. Oh se o mundo conhecêra quanto se tira

---

* Foi este sermão prégado em Lisboa, na Capella Real, no anno de 1655, na occasião em que tendo feito a primeira das suas retiradas da Côrte para o Maranhão, Vieira se dispunha a partir para alli pela segunda vez. Este sermão versa os beneficios, vantagens e excellencias da vida religiosa e retirada. E' um sermão largo e eloquentissimo.

[1] *Joan.*, VI.

de um retiro, e quanto colhe quem se acolhe: *Fugit!* O Evangelista diz que os Discipulos não entenderam o milagre dos pães: *Non enim intellexerunt de panibus.* [1] E muito mais tem que entender o retiro de Christo, que o milagre. Ora eu que neste logar fiz antigamente alguns sermões de côrte, quizera hoje fazer um sermão de deserto. Bem creio que será prégar em deserto, mas será prégar. Vós, Senhor, que tentado do demonio o vencestes em um deserto, e applaudido dos homens fugistes delles para outro, sêde servido de me assistir neste assumpto com vossa mesma soledade, para que haja quem queira fugir de si para vós, e nesse monte, onde estaes tão só, viver só por só comvosco.

II

Fugit iterum in montem ipse solus. [2]

Não é coisa nova em Christo, Mestre Divino e Senhor nosso, depois de dar o mantimento ao corpo, dar tambem o seu á alma. Assim o fez na meza do Phariseu, assim nas bodas de Caná, assim quando foi hospede de Martha, e sobre tudo na ultima Céa, em que ensinou e revelou aos Discipulos os mysterios mais altos da sua divindade. A sobremeza pois do famoso banquete de hoje qual cuidamos que seria? Foi o exemplo com que o Senhor fugiu dos mesmos que lhe queriam dar o que elle não queria, nem havia mister; e a doutrina não de palavra, mas de obra, com que se foi metter só comsigo na soledade de um monte: *Fugit in montem ipse solus.* Deixar o povoado pelo deserto, trocar as cidades pelos montes, fugir do trato e frequencia das gentes, para viver com Deus, e comsigo; grande ponto de doutrina em Christo e grande resolução de prudencia em quem o imitar.

Bem sei que dizem os defensores das côrtes, ou os enfeitiçados dellas, que tambem se póde ser ermitão em Mexico, como respondeu em nossos dias um

[1] *Marc.*, VI, 52.
[2] *Joan.*, VI, 15.

varão de mui celebrado espirito [1] a quem se queria retirar daquella grande cidade, e lhe pedia conselho. Mas nem todos os conselhos servem para todos os casos, como nem todas as receitas para todos os enfermos. Bem sei que dizem (e por modo de affronta) que o fugir é fraqueza. Como se quem foge se quizera acreditar de valente: e como se não fôra valor quebrar as cadeias, de que tantos se não desatam! Catão, com Cesar e Pompeu á vista, dizia: Sei de quem devo fugir, mas não sei para onde. E quem sabe, e tem para onde, porque se envergonhará de que lhe chamem fraco, quando foge com Catão? Dizem que a natureza fez ao homem animal sociavel, e que trocar a sociedade e communicação dos homens pela solidão dos desertos, é querer accusar, ou emendar a natureza e como arrepender-se de ser racional. Mas quem se ri de similhantes ditos, com provar o racional pelo risivel se exime desta calumnia: e não tem por crime emendar a natureza, quando ella está tão corrupta. Dizem, como disse Aristoteles, que quem gosta de estar só, ou é Deus, ou féra: *Aut Deus, aut bestia.* Mas se elle alcançára, que em Deus ha tres Pessoas, não havia de suppôr que Deus estava só: e se soubera que quem se aparta dos homens, é para mais se chegar a Deus, tambem o não havia de pôr no predicamento das féras; antes, como gentio, no numero dos deuses. Dizem, finalmente, que deixar a côrte, o serviço dos principes, e a benevolencia, e graça dos amigos, é falta de juizo, e rematada loucura. Assim o digo, porque assim lh'o ouvi dizer. Mas a esta censura, que mais pertence aos medicos, que aos theologos, responderá Hypocrates. Democrito, aquelle famoso philosopho, que de tudo se ria, e fez chorar a Alexandre Magno, por dizer que havia mais mundos, cançado de zombar dos despropositos deste, que tão mal conhecemos, deixou a patria, e todo o povoado, e foi-se metter em um deserto. Correu logo fama, que Democrito endoudecera, e compadecidos os seus naturaes, que eram os Abderitas, mandaram rogar por uma embaixada a Hypocrates, que pelo amôr que tinha e honra que fazia ás sciencias, se dignasse de querer ir curar um sujeito tão notavel e tão beneme-

[1] *Gregor. Lop.*

rito dellas. E que vos parece que responderia Hypocrates? Respondeu, como refere Laercio, que se a enfermidade fosse outra, elle iria logo curar a Democrito; porém que retirar-se das gentes, e ir-se viver nos desertos, o que elles reputavam por doudice, mais era para invejar, que para curar: porque nunca Democrito estivera mais sisudo, nem tivera o juizo mais são, que quando fugia dos homens: *Habere in eo magis, quod suspiciat, quam quod sanet: et illud schema vitæ esse sartam, tectamque animæ sanitatem: nulloque modo melius sibi consuli contra pestilentem hominem auram, quam recipiendo se in tuta solitudinum loca.*

Isto é o que faziam, e isto o que ensinavam os philosophos (já que começamos por elles); e a razão, ou razões, que para isso tiveram, dá-as em varios logares Seneca, mais venturoso se os imitara. Escreve a seu amigo, e discipulo Lucilio, o qual lhe tinha perguntado de que se havia de guardar, para viver quieta e felizmente; e o primeiro documento que lhe dá, é que fuja da multidão e frequencia da gente: *Quid tibi vitandum maxime existimem, quæris? Turbam.* [1] Oh quanto resumiu o grande philosopho em uma só palavra! E a razão é, diz elle: porque o trato e conversação dos homens é uma especie de contagio, com que sem querer, nem sentir, nos pegamos uns a outros cada um a sua doença. E assim como nos maiores logares se accende mais a peste; assim nas cidades mais populosas é maior o perigo: *Inimica est multorum conversatio: nemo non aliquod nobis vitium, aut commodat, aut imprimit, aut nescientibus alliuit. Itaque quó major est populus, cui commiscemur, periculi plus est.* Já eu daqui pudera inferir, que assim como no tempo da peste deixam os que pódem as cidades, e se retiram aos campos, assim é prudente cautela em qualquer tempo, pois todo é de peste, fugir para os desertos. Mas sigamos ao nosso philosopho e a bandeira da saude, que elle nos levantou: *Sanabimur, si modo separemur á cœtu.* [2]

Prova Seneca o seu documento, e allega a Lucilio um exemplo não alheio, senão domestico e experi-

[1] *Senec., Epist.* VII, L. 1.
[2] *Senec., De Vita Beata*, C. I.

mentado em si mesmo: *Ego certe confiteor imbecillitatem meam: nunquam mores, quos extuli, refero. Aliquid ex eo, quod composui, turbatur: aliquid ex his, quæ fugavi, rediit:* Confesso-te (diz o estoico) a minha fraqueza. Nunca sahi a tratar com os homens, que não tornasse peior do que fui. Sempre se me descompõz alguma das paixões que já tinha composto, e sempre tornei a trazer commigo algum dos vicios que já tinha desterrado. Cuidarás por ventura, que te heide dizer, que torno mais avarento, mais ambicioso, mais incontinente? Pois sabe (o que não imaginas) que tambem torno mais cruel e mais deshumano, só porque estive entre homens: *Imo verò et crudelior, et inhumanior, quoniam inter homines fui.* Não se pudéra mais altamente encarecer o perigo de tratar com homens! Se dissera que nos pegavam outros achaques, miseria é de seculo tão enfermo: mas pegarem os homens deshumanidade? A humanidade não é a essencia do homem? As feras com o trato do homem não se humanam? Assim é, ou assim era: mas tem degenerado tanto a natureza humana de seu proprio ser, que em logar de se tirar humanidade do trato com os homens, o que se bebe destas fontes é deshumanidade. Ereis humano antes de tratar com elles, depois que os tratastes, sem o sentir, nem saber como, achaes-vos deshumano: *Et inhumanior, quoniam inter homines fui.* Já se não contentam os homens com fazer deshumanidades, mas chegam a fazer deshumanos, que é muito peior. Fazer deshumanidades é ser cruel, fazer deshumanos é não ser homem: antes ser o contrario de homem. Se vissemos que o sol, devendo allumiar, escurecia, e que o fogo, devendo aquentar, esfriava, e que um homem em logar de gerar homens, gerava tigres e serpentes, não seria uma horrenda monstruosidade? Pois isso é o que fazem os homens. Não só teem deshumanado a sua, mas deshumanam a humanidade daquelles que os tratam. Vêde se é prudencia fugir dos homens, quem quizer conservar o ser de homem.

A segunda razão que dá Seneca para isto, é serem muitos aquelles de quem se deve fugir. Nas facções ou parcialidades é muito natural seguir o partido dos mais: *Facile transitur ad plures.* E como a multidão dos homens toda propende para os vicios, que virtude haverá tão forte que possa resistir ao impeto e tor-

rente de tantos? *Socrati, Catoni, et Lelio excutere mentem suam dissimilis multitudo potuisset: adeo nemo nostrum, qui maxime concinamus ingenium, ferre impetum vitiorum tam magno comitatu venientium potest.* Até Socrates, até Catão, até Lelio, que entre gregos e romanos foram os Atlantes da virtude, se não poderiam sustentar firmes contra o pezo e bateria dos vicios, acompanhados de tão numeroso exercito. E se estes, perdidas as côres da propria vida e costumes, se revestiriam das contrarias, posto que tão dissimilhantes; quanto mais os que conhecemos a fraqueza de nossa imperfeição, e só temos o estudo de a enfeitar? Forçados pois da violencia, do exemplo commum, e quasi necessitados entre os homens a ser como elles, que remedio póde haver em partido tão desegual, senão fugir? Assim o resolve o mesmo Seneca com um argumento muito do seu engenho: *Necesse est, aut imiteris, aut oderis. Utrumque autem vitandum est: ne vel similis malis fias, quia multi sunt: neve inimicus multis, quia dissimiles sunt.* Sendo esta a condição dos que enchem o mundo, e por ventura tambem a dos que o mandam, que póde fazer um homem entre taes homens? Ou os ha-de imitar, sendo taes, ou os ha-de aborrecer, porque são taes: e na duvida de os imitar, ou aborrecer, nem a imitação, nem o odio lhe póde estar bem; porque para imitados são máus, e para inimigos são muitos: *Vel similis malis, vel inimicus multis.* Logo o que convém é fugir, e queira Deus que baste.

A terceira razão, e que no mesmo Seneca tinha grande logar, e o póde ter em outros, declara elle com esta queixa da sua primeira vida: *Omnem operam dedi, ut me multitudini educerem, et aliquam dotem notabilem facerem:* [1] Trabalhei, diz, com todas as minhas forças por me separar do numero dos muitos, e por fazer alguma obra notavel, a qual me servisse de dote para o credito e estimação do mundo. E que tirei deste meu trabalho? *Quid aliud quam telis me opposui, et malevolentiæ, quod morderet, ostendi:* O que tirei foi provocar contra mim, e expôr o peito ás lanças, e dar materia á malevolencia em que empregasse os dentes, e tivesse que morder. E por-

[1] *Senec., Lib.* 1, *Ep.* 2.

que? Dá a razão, apontando-a com o dedo: *Vides tu istos, qui eloquentiam laudant, qui opes sequuntur, qui gratiæ adulantur, qui potentiam extollunt? Omnes aut sunt hostes, aut (quod in æquo est) esse possunt:* Vês tu estes que louvam a eloquencia, que seguem a cubiça, que adulam a graça, que adoram a potencia? Pois sabe que todos ou são inimigos, ou o pódem ser, que vale o mesmo: *Quam magnus mirantium, tam magnus invidentium populus est:* Quão grande é o povo dos que te admiram, tão grande é o numero dos que te invejam. A admiração estará por algum tempo suspensa e muda, como costuma; mas a inveja reconcentrada rebentará com mais força como de mina, e o que foram applausos, serão estragos. Antes nos tenham inveja, que compaixão, sentença foi nascida na gentilidade, que depois fez christã S. Gregorio Nazianzeno; mas no mesmo Nazianzeno mostrou a experiencia, que antes se deve eleger o estado da compaixão, que o da inveja; porque a de seus emulos o perseguiu de tal modo (ou tão sem modo) que obrigado a se lançar ao mar como Jonas, a mesma inveja lhe veiu a ter compaixão. Em quanto ella não chega a se despicar assim, não descança. Por isso Seneca conclue, que arrependido do primeiro instituto da sua vida, e de se ter mostrado ao mundo, tomára por ultimo conselho recolher-se comsigo dentro em si mesmo, e cultivar a propria alma com taes exercicios, que elle só os pudesse sentir, e nenhum homem os podesse vêr: *Quin potius quæro aliquid usu bonum, quod sentiam, non quod ostendam.*

Estas foram as razões porque se retiravam aos desertos, e fugiam da communicação dos homens aquelles grandes philosophos: um dos quaes perguntado, que fructo tinha colhido de todos seus estudos, respondeu: Saber viver só commigo. Assim o refere Estobeo, e o qualificou o mesmo Seneca, dizendo: *Primum argumentum bene compositæ mentis existimo, posse consistere, et secum morari.* O primeiro argumento não de se ter alienado o juizo, como ao principio se dizia, mas de estar muito em seu logar, e bem composto, é saber um homem morar comsigo: *Secum morari.* Mas passemos da philosophia á christandade, e dos documentos da razão sem fé, aos da fé e razão, que são os dos Santos.

III

Arsenio, aquelle insigne varão em todos os estados, pedido pelo imperador Theodosio, [1] e nomeado pelo papa S. Damazo para mestre de Arcadio, já declarado successor do imperio, era tão estimado do mesmo imperador, que entrando uma vez a ouvir dar lição a seu filho, e vendo que Arsenio estava em pé, e Arcadio assentado, reprehendeu a ambos daquella que elles não tinham por indecencia, e mandou que dalli por diante Arsenio ensinasse asseniado, e Arcadio ouvisse em pé, e com a cabeça descoberta. Com este credito e favor de um tão grande monarcha, e com o applauso de todo o paço e côrte, que por reverencia ou lisonja sempre seguem ou mostram seguir o affecto dos principes, vivia comtudo inquieto e descontente Arsenio, não se fiando nem do que era, nem do que lhe promettia aquella fortuna. Duvidoso pois da resolução que devia tomar, não pediu conselho aos amigos de maior auctoridade, e mais fieis, nem menos se quiz aconselhar comsigo, mas recorrendo a Deus, que só é o norte seguro nas bonanças ou tempestades de um mar tão incerto, ouviu uma voz do céo que lhe dizia: *Arseni, fuge homines, et salvus eris:* Arsenio, foge dos homens, e salvar-te-has. Com este aviso, que não era necessario ser em voz para se entender, sem pedir licença ao imperador (porque sabia que lh'a não havia de dar) se embarcou occultamente Arsenio, de Constantinopla para o Egypto, e mettendo-se pelo mais interior do deserto, alli escolheu para perpetua morada uma cova, na qual, porque se soube enterrar em vida, tanto verificou o oraculo do céo em se salvar, como o tinha obedecido em fugir dos homens: *Fuge homines, et salvus eris.*

Oh se tomassemos este aviso como feito a todos, e se entendesse cada um que falla com elle! Quando Christo disse a Martha: *Maria optimam partem elegit:* [2] quando disse ao outro moço rico: *Vende quæ habes, et da pauperibus:* [3] quando disse ao que tinha

[1] Metafrast. die 19 jul. et in vit. PP.
[2] *Luc.*, x, 42.
[3] *Math.*, xix, 21.

sarado na piscina: *Jam noli peccare:* [1] as palavras eram ditas a um só, mas o documento fallava com todos. Tire cada um o nome de Arsenio, e ponha no mesmo logar o seu, e desengane-se que no deserto e no povoado, quem de coração se quer salvar, ha-de fugir dos homens. Assim o fez elle constantemente, e vêde como. Tanto que se soube que Arsenio era passado a Africa, informados do logar onde se tinha recolhido, vieram logo a visital-o Theophilo, bispo de Alexandria, e o presidente daquella real cidade: e como Arsenio os recebesse, não com as cortezias que tinha deixado no paço, mas com as que são proprias do deserto, modestia e silencio, rogaram-lhe os hospedes que os não quizesse despedir tão seccamente, e ao menos lhes dissesse algumas palavras de edificação, com que tornassem consolados. E que responderia Arsenio? Respondeu que assim o faria, se ambos tambem lhe promettessem de fazer o que elle lhes dissesse. Acceitaram facilmente a condição, e o que disse Arsenio, como refere Metafrastes, foram estas palavras: *Ubi esse Arsenium audieritis, hoc est vobis cavendum, ne velitis amplius eo venire:* Se ouvirdes dizer onde está Arsenio, o que haveis de observar é que não torneis mais ao logar onde elle estiver. Este foi o sermão que fez áquelles tão auctorisados ouvintes, com o qual elles se partiram tão edificados, como compungidos: e como prudentes que eram, e verdadeiros amigos que tinham sido de Arsenio, de tal sorte cumpriram o que tinham promettido, e se conformaram com a sua resolução, que nem esperaram delle outra correspondencia, nem inquietaram mais o seu silencio.

Viviam no mesmo deserto, não juntos, mas apartados, cada um na sua cova ou choupana, outros anachoretas, e com estes fallava algumas vezes Arsenio, ouvindo-os como a mestres da disciplina monacal, e vida eremetica. E como um dos mais anciãos lhe perguntasse qual fôra o motivo daquella sua retirada tão estranha; a resposta que deu foi esta: *Non posse se cum Deo simul, et cum hominibus vivere:* Que o motivo que tivera para fugir do mundo, fôra ter experimentado no mesmo mundo, que viver juntamente com

[1] *Joan.*, v, 14.

os homens, e mais com Deus, não é possivel. E declarando a razão desta impossibilidade, dizia que era porque as vontades dos homens raramente se ajustam com a vontade de Deus; e porque sendo a vontade de Deus uma só, e sempre a mesma, as dos homens pelo contrario são tantas, tão diversas, e tão encontradas, quantos são os mesmos homens, e seus interesses e appetites: e porque ainda no mesmo homem não dura muito a mesma vontade, por ser inconstante, e varia. Assim provava e concluia a sua razão Arsenio, e desta demonstração infallivel se tira uma de tres conclusões egualmente certas: ou que os que cuidam que vivem com Deus, e com os homens, se enganam: ou que os que vivem com os homens não vivem com Deus: ou que quem quizer viver com Deus, ha-de deixar os homens.

Se o mesmo Deus não concorda as vontades dos homens com a sua, como poderá um homem por mais que faça ou se desfaça, concordar as vontades dos homens com a de Deus? De David disse Deus, que tinha achado um homem conforme seu coração, o qual faria todas as suas vontades: *Inveni David virum secundum cor meum, qui faciet omnes voluntates meas.* [1] E com ser este homem singular entre todos os homens, e este rei a excepção de todos os reis, quando elle mandou tirar a vida a Urias, quando o fez portador de sua propria morte em uma carta aleivosa, e quando no primeiro acto desta tragedia lhe mandou roubar a mulher de casa, sem se lembrar que o mesmo Urias o estava servindo na campanha, com tanto valor e lealdade; haveria algum adulador tão sabio, ou tão sem pejo, que pudesse concordar estas vontades com a de Deus? Mal podiam logo caber similhantes concordatas em um animo tão amigo da verdade, tão recto, tão inteiro, e tão constante como o de Arsenio. As experiencias a que elle se referia, eram as de Roma e Constantinopla, as duas maiores côrtes do mundo das quaes costumava dizer, que os tres mais fortes inimigos que nellas lhe faziam guerra, um se chamava vêr, outro ouvir, outra fallar; e que de todos estes o livrára o deserto, onde se não vê, nem ouve, nem falla: *Qui sedet in solitudine, quiescit, et á tribus*

[1] *Act.*, XIII, 22.

bellis eripitur,id est, auditus, locutionis, et visus. E em um mundo onde se vêem tantas coisas que se não pódem vêr, e se ouvem as que se não pódem ouvir, e se fallam, e são falladas, as que se não pódem dizer; como póde viver um homem que não fôr cego, surdo, nem mudo, senão fugindo dos homens: *Fuge homines?*

Assim o tinha já entendido quasi um seculo antes de Arsenio o primeiro fundador depois de Paulo, e o segundo habitador daquelle mesmo deserto. Movido o imperador Constantino Magno da fama de Antonio, tambem por antonomasia o Magno (que só os grandes homens sabem estimar, e não desconfiam de ter junto a si os grandes) mandou-lhe rogar ao Egypto que se quizesse passar a Roma; porque o queria ter comsigo, e ajudar-se de seu conselho e exemplos. Porém o santo anacoreta, que estimava mais as faias e cyprestes do seu ermo, que os palacios e torres da cabeça do mundo, dando as graças á magestade Cesarea da mercê e honra que lhe desejava fazer, se escusou de a receber com os termos geraes de religião e modestia, como convinha ao retiro da sua profissão, e humildade do seu estado. Esta foi a resposta publica. Mas em particular e privadamente aos seus deu Antonio outra razão de não aceitar, tão emphatica e discreta, que mais parece de algum politico da mesma Roma, que de um ermitão da Thebaida. E foi esta: *Si ad imperatorem venero, Antonius ero; sin minus, Abbas Antonius:* [1] Se eu fôr ao imperador, serei Antonio; se não fôr, serei Antonio, o abbade. Até nos desertos ha razão de estado. Pezou o grande varão na balança da propria conveniencia o que perdia com o que ganhava, e o que era com o que havia de ser; pezou a Antonio no paço, com Antonio no deserto: e porque no paço *Inventus est minus habens,* [2] quiz antes ser no deserto Antonio abbade, que no paço só Antonio sem este sobrenome.

Mas dae-me licença, politico santo, que nem como santo, nem como politico me parece bem fundada a vossa resolução. Se chamado do imperador não ides, por não deixar de ser Antonio abbade, ide e sereis

[1] Refert. á Cornel. in Cap. 3 Exod.
[2] *Dan.*, v, 27.

muito mais. Se não fordes Antonio abbade, sereis Antonio bispo, sereis Antonio arcebispo, sereis Antonio presidente, sereis Antonio conselheiro de estado: sobre tudo, sereis Antonio e valído, que sem nome é a maior dignidade, e sem jurisdição o maior poder: em fim, sereis com Constantino o que foi José com Pharaó, e o que foi Daniel com Nabuco: elle terá o nome de imperador, e vós o imperio da monarchia. E se acaso, como politico do deserto, vos não movem estas ambições cá do mundo; ao menos como santo deveis lançar mão de uma occasião do serviço e gloria de Deus, tão grande e tão opportuna, como o imperador e o tempo vos offerecem. Ainda Roma não está de todo sujeita a Christo: ainda no Capitolio é invocado e adorado Jupiter: ainda o anno acaba e começa com as festas e duas caras de Jano: ainda no redondo Pantheon se ouvem os nomes e se vêem em pé as estatuas de todos os falsos deuses. Se até agora servistes a Deus no deserto com o silencio, tempo é já de o servir tambem com a voz. Ide a Roma, prégae, confundi, convertei: e se o zelo de Constantino começa a edificar templos, acabe o vosso de derrubar os idolos. Lembrae-vos que viu Esdras sahir dos bosques um leão, o qual só com o bramido de sua voz derrubava uma aguia, que tinha usurpado a potencia do mundo: [1] e pois esta aguia é a romana, sêde vós o leão africano, que sahindo das brenhas desse deserto, lhe tireis o sceptro das mãos e o passeis ás de Christo. Pois se Antonio tinha tantas razões humanas e divinas de deixar o deserto e vir a Roma, porque se escusa, porque não vem?

E' certo que não recusou a jornada o grande Antonio, por receiar a passagem de Scylla e Carybdes: mas porque temeu vir-se metter outra vez entre os homens, quem tantos annos havia tinha fugido delles. Por isso diz, que se viesse, tornaria a ser o Antonio que dantes tinha sido, e não o abbade Antonio, que ao presente era. O que temia perder, não era o nome da dignidade, senão o espirito da profissão. A profissão dos anacoretas era viver longe da communicação dos homens, e isto é o que significa o mesmo nome, como escreve S. Jeronymo, que visitou pes-

[1] *Esdræ.*, IV, 13 e 14.

soalmente aquelles desertos: *Quod procul ab hominibus recederent anachoritæ nuncupabantur.* [1] E se a profissão de Antonio era viver longe dos homens, como podia conservar-se na sua profissão, nem conserval-a na sua inteireza, se se viesse metter, não só na mais populosa cidade, mas na mesma cabeça do mundo, onde concorriam todas as gentes delle? Se Antonio com o seu exemplo de fugir dos homens tinha povoado os desertos, como agora os não tornaria a despovoar com o exemplo de tornar para elles? A mesma razão por que era chamado do imperador, se desfazia se viesse, e só não vindo, nem deixando o seu deserto, se conservava. Bem sabia Antonio, que maior opinião grangeou ao Baptista o seu deserto sem milagres, que a Christo os seus milagres no povoado. Quanto mais que se viesse á côrte de Roma, muito mais era o que devia temer, que o que podia esperar. Que fizeram a David os satrapas de el-rei Achis, e como trataram a Daniel os conselheiros de Nabuco e de Dario? Se Constantino acaso se cançasse da austeridade de Antonio, logo os lisongeiros de palacio haviam de seguir o mesmo dictame, e desacreditado o prégador, que fructo podia fazer a sua doutrina? Se pelo contrario o imperador o tivesse na sua graça, e essa graça fosse crescendo, que laços lhe não armaria a inveja, para o derrubar e destruir? Finalmente, se o mesmo Constantino era de tão inconstante condição e tão facilmente suspeitoso, que a seu sobrinho Licinio, e a Crispo seu proprio filho, e a sua mulher Fausta tirou a vida sem causa: que podia não receiar de tal homem qualquer outro homem? Fez muito como homem Antonio, e muito como politico, e muito como santo, em se conservar no seu deserto longe dos homens.

Só resta nesta materia um escrupulo muito bem fundado, porque se funda nas forças e poderes do céo, com que o mesmo céo assistia e defendia a este grande varão. Ninguem alcançou maiores victorias do inferno, ninguem desafiou a todos os demonios juntos, e os venceu em todas as batalhas, como Antonio: Os leões, os ursos, os tigres, as serpentes, e os outros monstros da Africa, não só não offendiam

[1] *Relatus à Spondan.*

a Antonio, mas o obedeciam e reverenciavam. Pois se nos dentes e peçonha das feras, se no poder e astucias de demonios não tem que temer Antonio, porque teme, e foge dos homens? Porque os homens são mais feras que as feras, e mais demonios que os mesmos demonios. Os demonios não teem carne, nem sangue, porque são espiritos; as feras não teem entendimento, nem vontade, porque se governam por instincto: e os homens são peiores demonios que os demonios, porque são demonios com carne e sangue: e são peiores feras que as feras, porque são feras com entendimento e vontade. Coisa admiravel é, que sujeitando Christo em um momento e com uma só palavra uma legião de seis mil e seiscentos demonios, como lhe succedeu em Genezareth, a Judas com tantos beneficios, com tantos exemplos, com tantas exhortações, e com tantas ameaças, o não abrandasse, nem reduzisse em um anno inteiro! Assim consta da chronologia evangelica, porque um anno antes de Judas consummar a traição, tinha o Senhor dito delle: *Ex vobis unus diabolus est:* [1] Um de vós é demonio. Pois se Christo sujeitou tão facilmente a tantos mil demonios, ao demonio Judas porque o não pôde reduzir? Porque os outros demonios eram puramente espiritos, o demonio Judas era demonio com carne e sangue. Ajuntava-se em Judas o que S. Paulo distinguiu, quando disse: *Non est nobis colluctatio adversus carnem, et sanguinem, sed adversus principes tenebrarum, contra spiritualia nequitiæ.* [2] E para reduzir demonios com carne e sangue, nem bastam razões, nem bastam exemplos, nem bastam milagres, nem bastam ameaças e terrores, nem ha diligencia alguma humana, ou mais que humana, que baste. Por isso não bastaram todas estas diligencias juntas, tantas vezes repetidas, e por tanto tempo continuadas, para que Judas se reduzisse: nem bastou que o mesmo Christo lhe désse sua propria carne e seu proprio sangue, porque era demonio com carne e sangue.

Esta foi a razão por que o grande Antonio, depois de vencedor de todos os outros demonios, não se quiz tomar com demonios de carne e sangue: e para

[1] *Joan.*, VI, 71.
[2] *Ephes.*, VI, 12.

se não tomar com feras de entendimento, teve a mesma razão. Sendo assim que Deus desde o principio da creação deu logo a todas as feras as suas armas naturaes, e só ao homem creou desarmado; comtudo, não só no estado da innocencia, senão tambem depois do diluvio, disse que o homem seria o terror das feras: *Terror vester, ac tremor sit super cuncta animalia terræ.* [1] Parece que antes as feras armadas haviam de ser terror do homem, e não o homem desarmado terror das feras. Porque diz logo o Auctor e Legislador da natureza, que todos os animaes, por bravos e feros que sejam, temerão e tremerão do homem? Porque ao homem ainda que desarmado, deulhe entendimento, e ás feras armadas, não. E mais para temer é um homem desarmado, com entendimento, que todas as feras armadas, sem elle. Mas se o entendimento dos homens se passasse, e se unisse ás feras, ou a fereza das feras se unisse ao entendimento dos homens, estas feras com entendimento quem as poderia domar, ou quem escaparia dellas? Uma e outra coisa advertiu excellentemente S. Lourenço Justiniano: *Deserta sunt castra Dei, et refugia munitissima ab incursibus intellectualium bestiarum valde secura:* [2] Sabeis, diz o grande patriarcha (que como pastor deste gado o conhecia bem), sabeis o que são communmente os homens? São umas feras intellectuaes, umas feras como as outras, mas com entendimento: *Intellectualium bestiarum:* e o unico refugio que Deus deixou no mundo para escapar destas féras, não é outro mais que os desertos. E' verdade que esses mesmos desertos estão habitados das outras que vulgarmente se chamam feras, mas essas, ainda que sejam leões e tigres, reverenceiam, como no primeiro Adão a innocencia, e respeitam a santidade dos que vivem entre ellas: porém das feras intellectuaes, das feras que são feras com entendimento, e por isso com vontade, e má vontade, não ha outro remedio seguro, senão fugir, e fugir para os desertos: *Deserta sunt refugia munitissima ab incursibus intellectualium bestiarum.* Muita razão teve logo o grande Antonio, posto que domador das feras do deserto, de não que-

[1] *Genes.*, IX, 2.
[2] *Laur. Just.* Lib. 7, C. 8.

rer provar forças com as feras do povoado, nem arriscar-se a perder com as feras intellectuaes o que tinha ganhado com as feras sem entendimento: e mais em Roma onde os homens de tal modo eram feros e entendidos, que por jogo e recreação lançavam os homens ás feras.

Mas aqui replicará alguem, ou replicarão todos, e com maior fundamento, que por isso mesmo devia Antonio vir a Roma. Venha como pedra de David á cabeça do mundo e da idolatria, prégue livremente a fé de uma só divindade, confute a falsidade dos que ainda são chamados deuses immortaes: e se por esta causa o lançarem aos leões do amphitheatro, deixe-se comer vivo, e será o segundo Ignacio: ou se os leões o respeitarem, como costumam, deixe-se cortar a cabeça, e será o segundo Baptista. Confesso que esta ultima instancia parece que tem difficultosa sahida: mas assim como foi prudencia em Constantino dissimular por então e não conquistar a idolatria com as armas, assim foi prudencia em Antonio não a impugnar com a prégação. E' doutrina expressa de Deus pelo propheta Amós, a qual como servia para aquelles tempos, póde tambem servir para outros: *Odio habuerunt corripientem in porta, et loquentem perfecte abominati sunt: Ideo prudens in tempore illo tacebit, quia tempus malum est:* [1] Chegou a corrupção dos costumes a tal estado (diz o Propheta) que os poderosos teem odio a quem reprehende suas injustiças, e abominam a quem lhes falla verdade: e nos taes casos o que deve fazer o prudente prégador, é calar, porque, ainda que a doutrina seja boa, o tempo é máu: *Prudens in tempore illo tacebit, quia tempus malum est.* Prudentemente fez logo o grande Antonio em antepôr o silencio do seu deserto á prégação da cabeça do mundo, porque no mundo não podia colher fructo para os outros, e no deserto podia fructificar para si. Em fim, fez Antonio então, como Christo hoje, que podendo prégar ás turbas, fugia dellas: *Fugit.*

---

[1] *Amos*, v, 10 e 13.

IV

Fugit in montem. Diz o Evangelista, que fugiu o Senhor para o monte, e não diz qual fosse o monte para que fugiu. Mas até o fugir para monte sem nome, é circumstancia que acredita o fugir. Fugiu como quem buscava o retiro, e não a fama: fugiu como quem queria que não soubessem delle, nem onde estava. Assim sepultou Deus a Moysés sem se saber jámais aonde; e assim se deve enterrar e esconder quem toma o deserto por sepultura. E porque o nome de sepultura não faça horror aos vivos, nem os eccos do deserto aos que não sabem viver sós: ainda teve maior mysterio o Evangelista em não dizer o nome do monte. Tinha dito que era deserto, e por isso lhe callou o nome proprio; porque todas as prerogativas que fizeram celebrados os montes de grande nome, se encerram neste nome *deserto.* Ora vamos vendo estas mesmas prerogativas de monte em monte, e de deserto em deserto, para que lhe percamos o medo.

Appareceu Deus a Moysés no deserto de Madian, para que fosse libertado o povo do captiveiro do Egypto; e porque elle difficultava a empreza, o signal com que o Senhor o assegurou do successo della, foi que naquelle mesmo monte lhe faria sacrificio em acção de graças: *Cum eduxeris populum meum de Egypto, immolabis Deo super montem istum.* [1] Este monte era o monte Horeb, sito no mais interior daquelle deserto: *Cumque minasset gregem ad interiora deserti, venit ad montem Dei Horeb.* [2] E que quer dizer Horeb? Horeb em hebreu é o mesmo que *desertum:* e neste monte que tinha por nome *deserto*, e se levantava no mais interior do deserto: *Ad interiora deserti;* aqui é que os filhos de Israël deram as primeiras graças a Deus de se verem livres do captiveiro do Egypto, porque a primeira prerogativa de que gosam os que habitam o deserto, é livrarem-se do captiveiro do povoado. Ouvi um logar admiravel em

[1] *Exod.*, III, 12.
[2] *Ibid.*, 1.

confirmação desta figura. O Psalmo setenta tem este titulo: *Psalmus David, filiorum Jonadab, et priorum captivorum:* Psalmo de David, o qual cantaram os filhos de Jonadab, que foram os primeiros captivos. Os filhos de Jonadab, por outro nome, os Rechabitas, eram uns como monges ou anacoretas da Lei Velha, os quaes viviam solitarios nos ermos de Jérusalem. E o captiveiro de que aqui falla a Escriptura, é aquelle com que, sitiada a mesma Jérusalem, e conquistada pelos exercitos dos chaldeos, todos os hebreus que então estavam, foram levados captivos a Babylonia. Isto supposto, entra agora a duvida, porque razão os filhos de Jonadab, que eram aquelles habitadores do ermo, se chamam os primeiros captivos: *Filiorum Jonadab, et priorum captivorum?* Por ventura foram os primeiros captivos, porque quando chegaram os exercitos dos chaldeos, como elles estavam retirados no deserto, foram os primeiros que vieram ás mãos dos inimigos? Não: porque os que governavam e defendiam a cidade de Jérusalem, tanto que tiveram novas do exercito dos chaldeos, a primeira diligencia que fizeram, foi obrigar aos mesmos eremitas que todos se retirassem dos seus desertos, e se viessem metter na cidade. Pois se rendida a mesma cidade, e com ella todo o reino, o captiveiro foi um só, e commum a todos, e todos juntamente foram levados a Babylonia; como diz a Escriptura, que estes habitadores do deserto foram os primeiros captivos: *Priorum captivorum?* Dá a razão ou distinção S. Jeronymo, digna verdadeiramente da sua erudição e juizo: *Filii Jonadab, qui in tabernaculis semper habitabant, ad extremum propter irruptionem chaldaici exercitus Hierosolymam intrare compulsi, hanc primi captivitatem sustinuisse dicuntur, quod post solitudinis libertatem urbe quasi carcere sunt reclusi:* A razão (diz o Doutor Maximo) porque naquelle captiveiro e transmigração geral os filhos de Jonadab se chamam os primeiros captivos, não foi porque os chaldeos os captivassem a elles primeiros que aos demais; mas porque sendo habitadores do deserto, os mesmos hebreus os obrigaram a se vir metter na cidade: e virem-se metter na cidade homens que eram costumados a viver nos desertos, este é o que para elles foi o primeiro captiveiro; porque nos desertos se tinham por livres, e no povoado por captivos. Os outros foram

captivos, quando de Jérusalem os levaram para Babylonia, mas elles quando do seu deserto os trouxeram para Jérusalem, então começaram a padecer a sua Babylonia, e o seu captiveiro: *Quod post solitudinis libertatem urbe quasi carcere sunt reclusi.* Fallou S. Jeronymo como quem tão experimentado tinha a quietação do deserto, e as perturbações do povoado. Tinha gastado a vida alternadamente, já em Roma, e nas cidades da Grecia, já nos desertos da Thebaida e da Palestina: e assim escrevendo a Rustico, dizia: *Mihi oppidum carcer est, solitudo paradisus:* para mim o povoado é carcere, e o deserto paraiso. Livrar-se pois de tal carcere, de tal Babylonia, e de tal captiveiro, esta é, como dizia, a primeira prerogativa dos que se deliberam a deixar o povoado, e fugir com Christo ao monte: onde por isso, como Moysés, lhe devem offerecer sacrificios, e dar infinitas graças.

Do monte Horeb passemos ao monte Sinaï, ambos desertos, e ambos no deserto. Coisa notavel, e muito digna de reparar é, que havendo Deus de escrever e dar Lei aos homens, escolhesse para isso um monte de um deserto, qual foi o monte Sinaï nos desertos da Arabia. As leis não se fizeram para os montes, nem para os desertos, senão para o povoado, e para as cidades. Da cidade de Jérusalem disse o propheta que havia de sahir a Lei: *De Sion exibit lex, et Verbum Domini de Hierusalem.* [1] As partes de que se compunha a mesma lei, todas se ordenam a povo, a cidade, a congregação de homens. Porque na parte moral o segundo preceito da primeira taboa, e os sete da segunda, todos estão fundados na justiça e caridade do proximo, sem lesão, nem offensa do trato humano: a parte cerimonial, que pertencia ao culto divino, expiações e sacrificios, tambem tinha todo o seu exercicio, não fóra, senão dentro da cidade: porque o Templo era um só, e na cidade de Jérusalem, e a elle havia de concorrer todo o povo tres vezes no anno: finalmente, a parte civil e forense no mesmo nome está dizendo cidade, communidade, republica, tribunaes, juizes, partes. Pois se as leis se fizeram para os povos, porque as dá Deus no despovoado; se

[1] *Isai.*, II, 3.

para as cidades e republicas, porque as dá em um monte, e no meio de um deserto? Porque só nos montes e nos desertos, diz Philo Hebreu, estão os homens capazes de receber em suas almas, como convém, os preceitos e dictames da sabedoria divina: *Quod ad sacras leges recipiendas animus purificatus requiritur elutis maculis, quæ hærent ex miscellaniæ turbæ in civitatibus degentis contagio; id verò non est possibile aliter quam in deserto efficere:* Para receber e perceber a santidade e espirito das leis divinas, é necessario que os animos estejam puros, e sem mistura, nem mancha dos affectos e cuidados terrenos, que os descompõem e alteram: e esta pureza, tranquillidade, e serenidade de animo, não a póde haver entre a perturbação e tumulto dos povos, e labyrintho das cidades, senão no retiro dos montes, e na quietação e silencio dos desertos. As leis de Deus são as regras da vida, os espelhos da alma, e as balanças da consciencia; e no meio dos embaraços, encontros, e batalhas continuas do povoado, as regras perdem a rectidão, os espelhos a pureza, as balanças a egualdade, e tudo se descompõe e perturba; com que não é possivel (diz Philo) que nem o que Deus manda se perceba, nem o que mal se percebe se guarde. E senão vêde-o nas taboas da mesma Lei. Em quanto estiveram no monte conservaram-se inteiras; tanto que Moysés chegou com ellas ao povo, logo se quebraram. E depois de quebradas que remedio houve para se reformarem? Não houve outro remedio senão tornar Moysés a Deus, e ao monte; porque só com Deus em um monte se guardam as suas leis sem se quebrar, e só com Deus em um monte se reformam depois de quebradas. Emfim, quando Deus deu a mesma Lei, sendo Lei universal para todos, em todos os preceitos della sempre fallou com um só: *Non occides, non mœchaberis, non furtum facies:* [1] para que entendessemos que só os que vivem sós as veneram, só os que vivem sós as observam, só os que vivem sós colhem o fructo dellas. E estes são os que seguindo o nascimento das mesmas leis, do povoado se retiram para o deserto, e das cidades para o monte: *In montem.*

Mas porque não pareça que só na Lei antiga nos

[1] *Exod.*, xx, 13, 14 e 15.

deu Deus este documento, venhamos á Lei nova. Publicou Christo Senhor e reparador nosso, a Lei nova, e mais propriamente sua; e onde a publicou? Tambem em um deserto, e em um monte: *Ascendit in montem, et cum sedisset, accesserunt ad eum discipuli ejus, et aperiens os suum docebat eos.* [1] Era este monte, na sentença commum de todos os padres, o monte Thabôr, alto sobre as campinas de Galiléa trinta estadios, e distante da côrte de Jérusalem quarenta leguas, como descreve Hegesippo; e neste monte, por todas as partes deserto, assentou o Mestre Divino a sua cadeira: *Cum sedisset:* aqui ajuntou seus discipulos: *Accesserunt ad eum discipuli ejus:* e aqui lhes começa a lêr as primeiras lições de sua celestial doutrina: *Et aperiens os suum docebat eos.* Bem pudéra o Senhor escolher outro logar no povoado, e ainda outro monte (como o de Sion no meio de Jérusalem) para assentar nelle a sua escola; mas elegeu este tão distante da mesma cidade, e tão apartado do mundo, para nos ensinar com o primeiro exemplo, que a escóla da sabedoria do céo, é a vida solitaria, e do deserto. Assim o diz S. Pedro Damião, aquelle que pelo deserto trocou a Roma, e pelo saial a purpura: *Solitaria vita cœlestis doctrinæ schola est, et divinarum artium disciplina: illic enim Deus est totum, quod discitur:* A vida solitaria é a escola da doutrina do céo, e as artes que nella se professam todas são divinas, porque tudo o que alli se aprende é Deus: *Illic enim Deus est totum, quod discitur.* Oh quem levantára uma destas cadeiras, sem emulação, nem opposição, em todas as universidades do mundo! Aqui se graduaram os já nomeados Antonios e Arsenios, aqui os Paulos, os Hilariões, os Pacomios, e todos aquelles doutissimos idiotas laureados na eternidade, que, ou de ignorantes se fizeram sabios, ou de sabios ignorantes por Christo.

Os livros porque estudavam sem especulação, e mais com o esquecimento, que com a memoria, são aquelles tão approvados por S. Bernardo, e tão alheios de toda a inveja, como de toda a censura. Escrevia S. Bernardo a um desejoso de saber, a quem elle desejava fazer mais sabio, e diz assim: *Experto crede,*

[1] *Math.*, v, 1 e 2.

aliquid amplius invenies in sylvis, quam in libris. Crêde-me como a experimentado, que mais haveis de aprender nos bosques, que nos livros. Que arvore ha em um bosque, ou mais alta, ou mais humilde, que não cresça sempre para o céo? E se tanto anhelam ao céo as que teem raizes na terra; que devem fazer as que não teem raizes? As do povoado, e cultivadas, dependem da industria dos homens; as do deserto, e sem cultura, dependem só do céo e de Deus, fortuna, porque lhe ha-de succeder o inverno. As que despe o inverno, ensinam a esperar pelo verão: e as que veste e enriquece o verão, a não fiar da presente fortuna, porque lhe ha-de succeder o inverno. As que se dobram ao vento, ensinam a conservação propria: e as que antes querem quebrar que torcer, a rectidão e a consciencia. Emfim, cada arvore é um livro, cada flôr um desengano, e cada fructo tres fructos: os verdes ainda não são, os maduros duram pouco, e os passados já foram. Esta é a escóla muda do deserto, em que S. Bernardo estudou no seu valle: e esta a que Christo assentou no mesmo monte, onde disse a voz do céo: *Ipsum audite.* Mas deixemos o Thabôr, e páre o nosso discurso no Olivete.

O monte Olivete deshabitado de homens, e povoado só das arvores que lhe deram o nome, foi o logar deserto donde Christo, e por onde, subiu ao céo, mostrando-nos com sua subida, que o caminho mais direito, e estrada mais segura, para nós tambem subirmos, é o deserto. Duas vezes viram os anjos subir para o céo a alma santa; mas donde e por onde subia? Uma e outra coisa é bem notavel. A primeira vez viram que subia pelo deserto: *Quæ est ista, quæ ascendit per desertum?* [1] E a segunda vez, que subia do deserto. *Quæ est ista, quæ ascendit de deserto?* [2] Quem sóbe, aparta-se de um logar, e sóbe por outro. Pois se esta alma subia do deserto para o céo: *Ascendit de deserto:* como subia pelo deserto: *Ascendit per desertum?* O deserto era o logar donde subia, e o deserto tambem o logar por onde subia? Sim, porque isso é ser o deserto monte Olivete. Christo em sua Ascenção, primeiro subiu pelo monte acima, e

[1] *Cant.*, III, 6.
[2] *Ibid.*, VIII, 5.

depois subiu do monte: e este é o modo com que tambem se sóbe do deserto. Por isso os anjos primeiro viram, que a alma subia pelo deserto: *Quæ est ista, quæ ascendit per desertum:* e depois viram que subia do deserto: *Quæ est ista, quæ ascendit de deserto?* De sorte que o deserto é o donde e o por onde se sóbe ao céo. E se eu disser que não só é o donde, e o por onde, senão tambem o para onde, não direi coisa nova, posto que grande. Disse o mesmo Christo em uma parabola, que a certo pastor, o qual guardava cem ovelhas, se lhe perdêra uma, e que para achar esta ovelha perdida, deixou as noventa e nove no deserto: *Nonne dimittite nonaginta novem in deserto.* [1] O pastor é Christo, a ovelha perdida o homem, as noventa e nove, os nove córos dos anjos, e o deserto o céo. Mas se esse mesmo céo o deixou o Senhor povoado com tantas gerarchias, e tantos córos de anjos, como lhe chama deserto? Porque fallava por comparação ás coisas da terra: e na terra não ha coisa que se pareça com o céo, e mereça o nome do céo, senão o deserto. Logo o deserto é o donde, o deserto o por onde, e o deserto o para onde sóbe quem sóbe ao céo.

E para que a este encarecimento da summa verdade ajuntemos outro ainda maior, digo, que se depois de um bemaventurado subir ao céo, lhe fôra licito descer de lá, por nenhum outro logar trocára o céo, senão por um deserto. Viu S. João no céo aquella famosa mulher vestida do sol: *Signum magnum apparuit in cœlo, mulier amicta sole.* [2] E viu que a esta mulher se lhe davam duas azas de aguia proporcionadas á sua grandeza: *Et datæ sunt mulieri alæ duæ aquilæ magnæ:* [3] Mas para que? Esta mulher posta no céo, e vestida do sol, significa qualquer alma santa, illustrada já com o lume da gloria, e por isso bemaventurada. As azas de aguia, que não são proprias da natureza humana, significam algum privilegio particular e sobrenatural, que a esta mulher se concedeu: e supposto que já é bemaventurada, e está no céo, de que uso lhe pódem ser as azas? O mesmo Texto

[1] *Luc.*, XV. 4.
[2] *Apoc.*, XII, 1.
[3] *Ibid.*, 14.

o diz: *Datæ sunt mulieri alæ duæ aquilæ magnæ, ut volaret in desertum.* [1] Deram-se-lhe duas azas de aguia grande, para que voasse ao deserto. Pois ao deserto ha-de voar uma alma que já está no céo, e na bemaventurança? Sim. Porque nenhuma alma está no céo, por mais bemaventurada que seja, que, se tivesse licença e privilegio de Deus para deixar por algum tempo o céo, se não viesse de boa vontade metter em um deserto. O estado do céo excede á vida do deserto em lá se gosar a Deus com maior claridade: mas o deserto excede ao céo em cá se gosar a Deus com o merecimento, que lá não tem logar: e por isso sem aggravo, antes com lisonja do amôr de Deus, se póde trocar o céo por um deserto. E como estas prerogativas do deserto excedem ás do monte Horeb, ás do monte Sinaï, ás do monte Thabôr, e do mesmo monte Olivete; grande razão teve o Evangelista em calar o nome proprio do monte onde o Senhor hoje se retirou: e por isso tendo já declarado que era deserto, se contentou com lhe chamar monte: *In montem.*

V

Ipse solus. Esta é a ultima clausula que só resta do nosso Texto: e peza-me de chegarmos a ella tão tarde. Retirou-se o Senhor, ou fugiu para o monte, e retirou-se elle só: *Ipse solus.* Nesta palavra estão recopilados, ou feiamente pintados todos os horrores e medos da soledade. E quantos destes medrosos cobrindo o mesmo medo com apparencias de discretos, estarão allegando com Salomão, e dizendo com elle: *Væ soli:* [2] Ai do só. Sentença foi esta daquelle rei sapientissimo; e sem lhe perguntarmos a razão, elle a deu logo: *Quia cum ceciderit, non habet sublevantem se:* [3] Ai do só; porque quando cahir não terá quem o levante. Mas não é necessario ser Salomão para refutar este inconveniente. Se o só não terá quem o levante, tambem não terá quem o derrube. E maior

[1] *Apocal.*, XII, 14.
[2] *Eccl.*, IV, 10.
[3] *Ibid.*

felicidade é carecer do perigo de quem me derrube, que haver mister o soccorro de quem me levante. Quanto mais que os que pódem e costumam derrubar, são os muitos, e os grandes, e os cahidos, a quem estes derrubam, mais facilmente acharão uma lisonja que lhes ponha o pé em cima, que uma amisade constante e valorosa, que se atreva a lhes dar a mão. Mas se lhes faltar a mão dos homens, não lhes faltará a de Deus: *Cum ceciderit, non collidetur, quia Dominus supponit manum suam:* disse melhor que Salomão seu pai David. [1] Salomão dóe-se do só, porque se cahir não terá quem o levante, e David dá-lhe o parabem, porque se cahir Deus lhe porá a mão debaixo, para que nada lhe faça mal. Aquelle só achar-se-ha só, porque lhe faltarão os homens; mas este só nunca estará só, porque sempre terá comsigo e por si a Deus. Aquelle só, poderá cahir, ainda que o não derrubem: este só, por mais que o queiram derrubar, nunca poderá cahir; porque quem cáe sobre as mãos de Deus, a mesma queda o levanta: *Cum ceciderit, non collidetur, quia Dominus supponit manum suam.*

Daqui se segue, que na soledade tomada por Deus, o só nunca está só. Está só, assim Christo esteve só, quando hoje se retirou ao monte: *Ipse solus.* Prophetisando o mesmo Senhor aos discipulos, que todos haviam de fugir e o haviam de deixar, disse-lhes assim: *Venit hora, ut me solum relinquatis, et non sum solus:* [2] Virá hora em que todos me haveis de deixar só, mas eu nunca estou só. E por que razão, quando todos deixam a Christo só, não está Christo só? Porque como Christo é Deus, e homem juntamente, nem em quanto Deus está só, porque está com o homem, nem em quanto homem está só, porque está com Deus: e isto que faz em Christo a união da pessoa, faz na soledade a união do logar. O só na soledade nunca está só, porque Deus está com elle, e elle com Deus. Profundamente S. João Chrysostomo. Sendo este facundissimo varão o mais eloquente de quantos escreveram, e tendo composto um livro inteiro em louvôr da soledade, conclue o seu discurso com esta pro-

[1] *Psal.*, XXXVI, 24.
[2] *Joan.*, XVI, 32.

testação: *Me etiam imparem tuæ laudis fateor, sed unum pro certo scio, ó vita benedicta, quod indubitanter affirmo:* Confesso, ó soledade bemdita, que eu, e tudo quanto tenho dito, é muito desegual a teu merecimento, e muito inferior a teus louvores; mas uma só coisa sei de ti, a qual affirmo constantemente. E que coisa é, ou será esta? *Quia quisquis in amoris tui desiderio perseverare studuerit, ipse quidem habitator est tui, sed ejus inhabitator est Deus.* O que affirmo indubitavelmente, diz Chrysostomo, é que todo aquelle que te habitar, ó soledade, será juntamente habitador e mais habitado: habitador, porque habitará em ti, e habitado, porque habitará nelle Deus: *Ipse quidem habitator est tui, sed ejus inhabitator est Deus.* E como Deus habita no solitario, porque o solitario habita na soledade, daqui se segue, que o mesmo solitario nunca está, nem póde estar só, porque mais é morar Deus nelle, que morar elle com Deus. Por isso dizia S. Bernardo: *Nunquam minus solus, quam cum solus:* Nunca estou menos só, que quando estou só; porque quando não estou só, estou com os homens, e quando estou só, estou com Deus. E é demonstração evidente, que quem está com Deus, está menos só que quem está com os homens; porque a companhia dos homens, ainda que sejam muitos, é limitada, e a companhia de Deus, ainda que seja um só, é immensa.

Oh se acabassem de entender os homens quanto perdem de si e de tudo em não saberem estar sós com Deus e comsigo! Em quanto Adão esteve só, conservou-se no paraiso, na graça de Deus, e na monarchia do mundo: depois que esteve acompanhado, perdeu o paraiso, perdeu a graça, perdeu o imperio, perdeu-se a si, perdeu-nos a nós, perdeu tudo. E desta differença de Adão só a não notou algum ermitão, ou anacoreta do deserto, senão um cortezão de Paris, o grande Cancellario Gerson: *Adam tandiu salvus mansit, quandiu solus.* Só sahiu Jacob da casa de seus pais, e gloriava-se elle depois, que tendo passado o Jordão só com a companhia do seu cajado, quando da volta que fez para a patria o tornou a passar, era tão acrescentado de familia, que os filhos, criados, carros, cavallos e grossos rebanhos, formavam duas grandes esquadras: *In baculo meo transivi Jordanem istum et nunc cum duabus turmis regre-*

dior. [1] Para bem vos sejam, Jacob, todas essas boas fortunas, e todos esses grandes augmentos de casa e fazenda. Mas fazei-me graça de ajuntar com essa tão notavel differença, outra em que vós não reparaes, e eu sim. Quando viestes só, vistes a escada, mas agora quando ides tão acompanhado, não a vistes. Quando vos fazem corpo de guarda esses dois esquadrões, não ides seguro dos temores de Esaü: mas quando jazieis só com uma pedra por cabeceira, Deus e os anjos vos guardavam o somno. Só para os sós falta a terra; mas só para os sós se abre o céo. Só estava Abrahão, e só Moysés, quando lhes appareceu Deus: só estava Josué, só Gedeão, e só Elias, quando lhes acudiram os anjos; só estava Isaias, quando viu o throno da magestade divina cercado de serafins; e só Ezechiel, quando viu o carro triumphal de suas glorias. Só tambem S. Pedro, quando lhe foi mostrado em um painel todo o mundo gentilico convertido, que descia, e se tornava a recolher ao céo; e só finalmente João, o amado, quando se lhe abriram os sete sigillos do seu Apocalypse, e os mysterios secretissimos de todos os tempos futuros lhe foram só a elle revelados.

E porque não pareça, que ponho a felicidade da solidão em revelações interiores, occultas aos sentidos humanos; outras visões teem os solitarios manifestas, e que todos vêem, sendo elles porém mais ditosos que todos, porque as vêem de longe, e em logar seguro. Nesta mesma occasião, em que Christo Senhor nosso se retirou ao monte, os discipulos, que se tinham embarcado, padeceram uma terrivel tempestade, na qual já desconfiados de remedio, faltou pouco que o mar os não comesse: e no mesmo tempo nota o Evangelista, que o Senhor estava só em terra: *Et ipse solus in terra.* [2] O mesmo succede a quem vive só no seu deserto. Os outros, que andam no mar deste mundo, luctam com os ventos e com as ondas: uns se perdem e se afogam, outros se salvam mal a nado, e todos correm fortuna: e só o só vê tudo isto de longe, porque está em terra: *Et ipse solus in terra.* Arde o mundo em guerras, uns vencem, outros são vencidos, combatem-se cidades, conquistam-se

[1] *Gen.*, XXXII, 10.
[2] *Marc.*, VI, 47.

reinos, morrem os homens a milhares, e só o só, se lá lhe chegam os eccos, tudo isto ouve sem temor, porque a sua paz é segura: *Et ipse solus in terra.* Volta-se o mesmo mundo em perpetua roda, a uns derruba, a outros levanta; uns crescem até ás nuvens, outros descem até os abysmos, e só o só, que está fóra da jurisdição da fortuna, nem á prospera tem inveja, nem da adversa tem medo, porque só o seu estado é incapaz de mudança: *Et ipse solus in terra.* Por isso disse altamente S. Cypriano: *Una placida, et fida tranquillitas, una sola, et perpetua securitas est, si quis ab inquietantis sæculi turbinibus extractus Deo suo mente proximus quidquid apud cæteros in rebus humanis sublime, ac magnum videtur intra suam jacere conscientiam, gloriatur:* Nesta vida (diz o santo) não ha mais que uma só tranquillidade fiel, e uma só segurança perpetua: e esta só a goza aquelle que, apartado das perturbações do mundo, sempre inquieto, e unido só a Deus: quando olha para as coisas que os outros estimam e teem por grandes, elle as vê todas abaixo de si: e como todas lhe ficam abaixo, nenhuma o altera, nem lhe dá cuidado.

E para reduzir a breve compendio tudo o que os outros santos disseram das excellencias da solidão, e felicidade sem egual dos que a habitam: os que habitam a solidão são aquelles a quem Deus escolheu de entre os outros homens, e os chamou e levou comsigo a viver sós nos desertos, não porque elles não fossem dignos de illustrar o mundo; mas, como diz o Espirito Santo, porque o mundo não era digno de os ter a elles: *In solitudinibus errantes, quibus dignus non erat mundus.* [1] E a solidão é aquella que não tendo similhante na terra, só a tem na bemaventurança do céo, sendo tão parecidas reciprocamente uma com a outra, que a solidão só se póde retratar pela bemaventurança, como por seu original: e a bemaventurança só se póde vêr na solidão, como em seu espelho. E assim acabo com aquella famosa exclamação, que todos quizera levasseis na memoria: *O' beata solitudo: ó sola beatitudo!*

---

[1] *Hebr.*, XI, 38.

VI

Tenho dado fim ao meu discurso, largo para o tempo, mas muito breve e diminuto para o merecimento da causa. Vejo porém que não faltaria em todo elle quem estranhasse a materia como impropria do logar e do auditorio, e mais accommodada para os desertos do Bussaco, ou para as serras da Arrabida, que para a Capella Real e Côrte de Lisboa. Assim julgam os que sabem pouco do mundo, do christianismo e das historias: como se não fossem as côrtes catholicas em todas as edades as que mais illustremente povoaram os ermos, e por isso com melhores e mais qualificados exemplos. No baixo (ou no alto) deste pavimento, e no mais alto de umas e outras tribunas, estou eu vendo muitas almas, livres ainda daquellas cadêas que se não pódem quebrar, as quaes, se trocassem a vaidade pela verdade, a côrte pelo deserto, o paço pela clausura, as galas pelo cilicio, e o captiveiro do mundo pelo jugo suave de Christo, triumphando do mesmo mundo com a fé, e de si mesmos com o entendimento, não só teriam muito de que se gloriar na outra vida, mas tambem de que se não arrepender nesta.

Mas vindo em particular aos que por estado, profissão e officio teem para si que se não pódem retirar do povoado e deixar o trato das gentes: saibam, que para satisfazer ás obrigações do mesmo estado, da mesma profissão, e do mesmo officio, tambem elles devem alternar o exercicio com o retiro, e partir os dias e a vida com o deserto: não sempre (que isso é alternar) mas a seus tempos. Todas essas obrigações do estado e do officio, ou são ecclesiasticas, ou seculares; e nenhum homem, por mais capaz que se imagine, as poderá administrar como convém, ou no espiritual, ou no politico, se não fôr aprender na escola do deserto o modo justo e acertado com que as ha-de exercitar.

Quanto aos ecclesiasticos, quem mais obrigado ás ovelhas que o pastor? E que pastores mais obrigados á conta que Deus lhes ha-de pedir dellas, que os supremos? Mas estes se retirados ao deserto com Deus e comsigo, se não tomarem a si mesmos a mesma

conta, nunca a darão boa. Que pastores mais zelosos e vigilantes que bispos e arcebispos, mais doutos e santos que um Chrysostomo em Constantinopla, um Bazilio em Cesarea, um Ambrosio em Milão, um Athanasio em Alexandria, um Agostinho em Hippona? E todos, se lêrdes as suas vidas, já os vereis na cadeira, já no deserto, já anacoretas, e sós, e já cercados de infinito povo, convertendo gentios, confutando hereges e aperfeiçoando christãos, e cultivando de tal modo as suas Igrejas e Dioceses, que as casas pareciam Religiões e as cidades Paraisos. E donde nasciam estes effeitos tão maravilhosos, senão porque os mesmos Prelados no deserto recebiam a luz e a graça, e na solidão o espirito e fervor com que no povoado accendiam as almas, arrancavam os vicios e plantavam as virtudes? Quando Saül foi a Ramá e perguntou por Samuel, responderam-lhe, que chegára a bom tempo, porque naquelle dia havia de vir á cidade a offerecer sacrificio: *Hodie enim venit in civitatem, quia sacrificium est hodie populi in excelso.* [1] E porque disseram que naquelle dia havia de vir á cidade? Porque Samuel, que era o sacerdote e prelado do povo, em tal fórma tinha repartido os dias, que parte delles gastava com Deus no deserto, e parte com os homens na cidade. E nota S. Gregorio Papa, sobre as mesmas palavras, que nesta repartição do tempo a melhor e maior parte era a de estar só com Deus; porque tanto que tinha satisfeito a obrigação dos sacrificios e governo espiritual das almas, logo sem se deter um momento no povoado, se tornava a recolher para o deserto: *Quia raró videbatur in civitate, videlicet, tardé veniens, et citó recedens.* E se isto fazia Samuel, antes da vinda, antes da doutrina, e antes do exemplo de Christo; vejam os successores do mesmo Christo o que devem fazer e o que pódem.

No estado secular e politico parece que tem menos logar este retiro, pela frequencia e multidão dos negocios, e pela maior necessidade da assistencia das pessoas publicas em materias tantas e de tanto pezo, como as que ordinariamente occorrem no governo de uma monarchia. Assim o suppõe a politica humana, ou mais verdadeiramente gentilica, como se

[1] *1.º Livro dos Reis*, IX, 12.

o acerto dos negocios, por muitos e grandes, necessitára menos da Providencia de Deus, e a vista das coisas da terra, ou no claro ou no escuro, não dependêra toda das luzes do céo! Rei era, e de populosissimo reino, David: gravissimos foram os pontos de estado, que em quarenta annos do seu reinado, assim na paz como na guerra, assim dentro, como fóra de casa, lhe puzeram em perigo e contingencia a corôa: e aonde ia elle buscar a luz, e consultar as resoluções senão ao deserto? Oiçamol-o de sua mesma bocca: *Cor meum conturbatum est in me, et formido mortis cecidit super me: timor, et tremor venerunt super me, et contexerunt me tenebræ:* [1] Oh quantas vezes, diz David, se viu o meu coração confuso e perturbado no meio de perigos e temores mortaes que o faziam palpitar e tremer; e sobre tudo cercado e coberto de escuridades sem o menor raio de luz que me mostrasse o caminho por onde escapar? E neste tempo e nestas angustias, qual era o meu refugio? *Ecce elongavi fugiens, et mansi in solitudine: expectabam eum, qui salvum me fecit á pusillanimitate spiritus, et tempestate:* [2] O meu refugio e remedio nos taes casos não era outro senão fugir muito longe das cidades e metter-me na solidão dos desertos, e alli, só por só com Deus, esperar delle que me allumiasse, e me tirasse a salvamento daquellas tempestades, das quaes eu, como piloto areado, e com a náu quasi perdida, me não sabia nem podia livrar. E se isto fazia um coração tão animoso, e intrepido, e um juizo tão sabio, tão experimentado e tão prudente como o de David; porque cuidarão os outros principes (e mais sobre a experiencia de muitos erros) que sem se retirarem a seus tempos das côrtes, e sem consultarem sós por sós a Deus, poderão elles por si, e por seus ministros, conseguir os acertos do bem publico, que talvez não sabem desejar, quanto mais conseguir?

E se me disserem que não ha tempo para esses tempos e para esses retiros, ninguem me negará que ha dias e semanas e mezes para outros retiros, para outros desertos, para outros bosques e para outros montes, e não dentro ou perto das côrtes, senão muito longe dellas, sendo certo que o trabalho (chamado re-

---

[1] *Psal.*, LIV, 5, e 6.
[2] *Ibid.*, 8, e 9.

creação) que se toma para cercar e ferir um javali, e morto o levar em triumpho, fôra mais bem empregado em montear outras feras que se tornam a trazer da caça tão vivas como se levam. Aos vicios corrompidos chamou a Igreja *vitiorum monstra;* não vicios de qualquer modo, senão monstros: e a montaria destes monstros e tambem a altaneria delles é a que se faz nos desertos só por só com Deus. Alli se quebram as azas á vaidade, alli se dá em terra com a soberba, alli se atalham os passos á cubiça, alli se cortam as mãos á vingança, alli cáe em si a injustiça e a sem-razão, alli morre e se desfaz, escumando, a ira e todos os outros monstros da intemperança poderosa e sem freio, ou se matam, ou se afugentam, ou se domam. No primeiro rei que houve no mundo, diz a Escriptura: *Erat robustus venator coram Domino:* [1] Que era valente caçador diante de Deus: e estas caçadas que se fazem diante de Deus, são as recreações que devem tomar os principes, e as valentias de que mais se devem prezar, pois são as verdadeiras valentias. E se no tempo que tomam para a caça, ausentando-se das côrtes, não temem perder a benção e o morgado, como o perdeu Esaü; muito menos deverá temer esta perda, ou outro detrimento da monarchia, no tempo em que se retirarem a tratar com Deus, e receber delle a luz com que só a pódem conservar e reger. Muitos reis na caça perderam desastradamente a vida; porém aquelle a quem a Escriptura, não sem mysterio, chamou caçador diante de Deus, não só reinou sessenta e sete annos, mas fundou uma nova monarchia, que durou mil e duzentos, e se conservou mais que todas as que floresceram no mundo.

Em fim (para convencermos com o maior de todos os exemplos, assim o estado ecclesiastico como o politico) Christo Redemptor e Senhor nosso, que juntamente era supremo Rei, e summo Sacerdote; não só nos tres annos, em que exercitou no mundo uma e outra dignidade repartiu sempre a vida entre o povoado e o deserto, mas neste mesmo dia em que com as obras provou que o era, e todos o reconheceram por tal, uma parte do mesmo dia deu ás turbas e ao povo, e a outra parte ao deserto e ao monte: ***Fugit in montem ipse solus.***

---

[1] *Genes.*, x, 9.

SERMÃO

DA

Quarta Dominga da Quaresma *

Prégado na Matriz da cidade de S. Luiz do Maranhão, no Anno de 1657

Ut autem impleti sunt, collegerunt, et impleverunt duodecim cophinos fragmentorum. [1]

I

Bem me podeis ouvir hoje desasustadamente, porque vos hei-de prégar muito á vontade. E justo é que entre tantos discursos tristes, mettamos tambem algum menos funesto, para desenfastiar a Quaresma. Queixa-se de mim o corpo, que todos os domingos passados préguei sómente da alma. Deus assim como creou as almas, tambem creou os corpos, antes os corpos primeiro; pois porque se não tratará tambem do corpo alguma vez? Sou contente. O sermão de hoje todo será do corpo, e para o corpo. Nos passados tratámos de como havemos de alcançar os bens espirituaes; hoje ensinaremos como se hão-de alcançar, e ainda acrescentar os temporaes.

A maior pensão com que Deus creou o homem, é o comer. Lançae os olhos por todo o mundo, e vereis que todo elle se vem a resolver em buscar o pão para a bocca. Que faz o lavrador na terra, cortando-a com o arado, cavando, regando, mondando, semeando? Busca pão. Que faz o soldado na campanha, carregado

---

* Este sermão é um dos melhores e mais praticos prégados por Vieira, digno pela nobreza do estylo e pela sublimidade dos pensamentos, de ser prégado nos mais selectos e auctorisados pulpitos da Igreja.

[1] *Joan.*, VI, 12 e 13.

de ferro, vigiando, pelejando, derramando o sangue? Busca pão. Que faz o navegante no mar, içando, amainando, sondando, luctando com as ondas, e com os ventos? Busca pão. O mercador nas casas de contratação, passando lettras, ajustando contas, formando companhias? O estudante nas universidades, tomando postillas, revolvendo livros, queimando as pestanas? O requerente nos tribunaes, pedindo, allegando, replicando, dando, promettendo, annullando? Busca pão. Em buscar pão se resolve tudo, e tudo se applica a o buscar. Os pobres dão pelo pão o trabalho; os ricos dão pelo pão a fazenda; os de espiritos generosos dão pelo pão a vida; os de espiritos baixos dão pelo pão a honra; os de nenhum espirito dão pelo pão a alma, e nenhum homem ha que não dê pelo pão e ao pão todo o seu cuidado. Parece-vos que tenho dito muito? pois ainda não está discorrido tudo.

Tirae o pensamento dos homens, e lançae-o por todas as outras coisas do mundo, achareis que todas ellas estão servindo a este fim, ou pensão do sustento humano. A este fim nascem as hervas, a este fim crescem as plantas, a este fim florescem as arvores, a este fim produzem e amadurecem os fructos, a este fim trabalham os animaes domesticos em casa, a este fim pascem os mansos no campo, a este fim se criam os silvestres nas brenhas, a este fim os do mar e os dos rios nadam em suas aguas, em fim, tudo o que nasce e vive neste mundo, a este fim vive e nasce. Que digo eu; o que vive e o que nasce? Os elementos não são viventes e a este mesmo fim cançamos e fazemos trabalhar aos proprios elementos. O fogo nas forjas e nas fornalhas, a agua nas levadas e nas azenhas, o ar nas velas e nos moinhos, a terra nas vinhas e nas searas, e até o sol e a lua, e as estrellas, não deixamos estar ociosas desta pensão, porque o que todos aquelles orbes celestes fazem, andando em perpetua roda, e voltando sem nunca descançar, é produzir e temperar com suas influencias o que ha-de comer o homem. Ha mais para onde subir? Ainda ha mais. Subi do céo acima até o mesmo Deus, e achareis que elle é o que mais occupado está que todos em nosso sustento, porque todas as outras coisas, cada uma trabalha em si; e Deus, ainda que sem trabalho, obra em todas.

De maneira, senhores, que a occupação do céo e da terra, e de todo este mundo, a maior pensão, o maior cuidado, e o maior trabalho dos homens, é buscar o pão para a bocca. Pois isto, porque todos trabalham, hei-de ensinar hoje o modo, com que se possa alcançar sem trabalho. Todos os homens querem ter pão, e muito pão: dois alvitres lhes trago hoje para isso: um para terem pão, outro para terem muito. Esta será a materia do sermão. Como é toda do corpo parecerá a alguem, que não é necessario pedir graça para elle; antes é o contrario; nenhumas materias teem mais necessidade de graça que aquellas que teem mais de corpo. Peçamol-a ao Espirito Santo por intercessão da Senhora. *Ave Maria.*

II

Propõe-nos hoje a Igreja aquelle famoso milagre, tão famoso, como sabido, em que, com cinco pães e dois peixes, em um deserto deu Christo de comer a cinco mil homens, afóra mulheres e meninos, e sobejaram doze alcofas de pão. Duas coisas fez Christo neste milagre: deu pão, e deu muito; deu pão, porque todos comeram á vontade: *Manducaverunt et saturati sunt;* [1] e deu muito, porque a todos sobejou: *Et tulerunt duodecim cophinos fragmentorum.* [2] Estas duas coisas, que Christo fez naquelle milagre, são as que vos prometti sem milagre: alvitre para ter pão: alvitre para ter muito. Vamos ao primeiro.

Mas que alvitre vos parece que será este? Que meio vos parece que se póde dar para um homem em toda a sua vida ter o pão certo, sem nunca lhe haver de faltar? Será por ventura ajuntar mais? Trabalhar mais? Lavrar mais? Negociar mais? Desvelar mais? Poupar mais? Mentir mais? Adular mais? Alguns cuidam que estes são os meios de ter pão, mas enganam-se. Sabeis qual é o meio seguro de ter pão, sem nunca haver de faltar? E' seguir a Christo. Assim lhes aconteceu a estes cinco mil homens; porque se-

[1] *Math.*, XIV, 20.
[2] *Ibid.*

guiam a Christo, tiveram pão no deserto. Se cinco mil homens, com mulheres e filhos, entrassem de repente em uma grande cidade, não haveria promptamente que lhes dar a comer, quanto mais em um deserto! Em um deserto porém se achavam estes homens, sem casa, sem venda e sem dinheiro para comprar o mantimento ainda que o houvesse, e sobre tudo com fome de tres dias; mas porque seguiam a Christo, tiveram que comer todos, sem lhes faltar nada. Senhores meus, que tão desvelados andaes todos, e tão esfaimados por ter de comer, e por deixar de comer a vossos filhos, segui e servi a Christo, e eu vos seguro de sua parte, que nem a vós nem a elles lhes faltará pão.

Ora porque este ponto em que estamos, assim como é muito para desejar e para aceitar, não é facil de persuadir, eu vol-o quero mostrar evidente, por todos os meios com que se póde uma coisa fazer certa. A Escriptura Sagrada divide-se em Livros historiaes, Sapienciaes, Psalmos, Propheticos, Evangelhos, Epistolas canonicas. Com Textos de todas estas Escripturas hei-de provar primeiramente o que digo, logo com figuras do Testamento Velho, depois com exemplos, ultimamente com a experiencia. Dae-me attenção.

III

Começando pelos Livros Historiaes no Capitulo vinte e seis do Levitico diz Deus: *Si in præceptis meis ambulaveritis et mandata mea custodieritis, dabo vobis pluvias temporibus suis: et terra gignet germen suum, et pomis arbores replebuntur: et comedetis panem vestrum in saturitate: comedetis vetustissima veterum et vetera novis superrenientibus projicietis.* [1] Se guardardes a minha Lei, e os meus preceitos, dar-vos-hei a chuva a seu tempo, e os fructos de todo genero serão tantos, que quando colherdes os novos, para os recolher lançareis fóra dos celleiros e das adegas os velhos: *Quód si non audieritis me nec feceritis omnia mandata mea, dabo vobis cælum desuper sicut ferrum*

[1] *Levit*, XXVI, 3, 4, 5, 10.

et terram æneam: consumetur incassum labor vester, non proferet terra germen, nec arbores poma præbebunt. [1] Pelo contrario, se me não ouvirdes, nem guardardes meus mandamentos, o céo será para vós de ferro, e a terra de bronze, aral-a-heis e trabalhareis debalde, porque as sementeiras não nascerão, e as arvores não darão fructo. Isto mesmo repete Deus no Livro do Deuteronomio, e em outros muitos logares dos Historiaes.

Nos Sapienciaes: *Non affliget Dominus fame animam justi.* [2] Não affligirá Deus com fome a alma do justo. Parece que havia de dizer: Não affligirá o Senhor com fome o corpo do justo; mas não diz senão a alma, porque a fome, e a pobreza afflige o corpo, e mais a alma; ao corpo com a falta do comer, e á alma com o cuidado donde ha-de vir. E Deus tem tanto cuidado e providencia com os que o servem, que, não só os sustenta com tal abundancia, que lhes livra o corpo da fome, mas com tal certeza, que lhes livra a alma do cuidado.

Nos Psalmos diz assim, Psalmo trinta e tres: *Timete Dominum omnes sancti ejus, quoniam non est inopia timentibus eum. Divites eguerunt, et esurierunt: inquirentes autem Dominum non minuentur omni bono.* [3] Temei a Deus todos os que os servis, porque os que o temem, elle os livrará da pobreza. Os ricos empobrecerão e padecerão fome; porém os que servem e temem a Deus, e o buscam, não sentirão falta de bem algum. No Psalmo trinta e seis: *Spera in Domino et fac bonitatem, et pasceris divitiis ejus.* [4] Esperae em Deus, e fazei boas obras, e elle vos sustentará com suas riquezas. E dá a razão no Psalmo trinta e dois: *Ecce oculi Domini super metuentes eum, et in eis, qui sperant in misericordia ejus, ut eruat á morte animas eorum, et alat eos in fame;* [5] porque os seus olhos estão postos sobre os que o temem para os livrarem da morte, e os sustentarem no tempo da fome.

---

[1] *Levit.*, XXVI, 14, 19, e 20.
[2] *Prov.*, X, 3.
[3] *Psalm.*, XXXIII, 10.
[4] *Ibid.*, XXXVI, 3.
[5] *Ibid.*, XXXII, 18 e 19.

Nos Prophetícos, Isaias, primeiro: *Si volueritis, et audieritis me, bona terræ comedetis: quód si nolueritis, et me ad iracundiam provocaveritis, gladius devorabit vos.* [1] Se quizerdes servir-me, comereis os bens da terra, e se não quizerdes e me provocardes a ira, a minha espada vos comerá a vós. Notae ó *comedetis*, e o *devorabit:* se me servirdes, comereis; se não me servirdes, sereis comidos. Quantos ha, que não teem que comer, e se andam comendo? Pelo propheta Oseas: *Seminate vobis in justitia, et metite in ore misericordiæ:* [2] Semeae boas obras e colhereis misericordias. E quantas? Quantas vós pedirdes pela bocca, que isso quer dizer, *in ore misericordiæ*. Vamos aos Evangelhos.

S. Matheus: *Quærite primum Regnum Dei, et justitiam ejus; et hæc omnia adjicientur vobis:* [3] Buscae primeiro o reino de Deus, e tudo o que vos fôr necessario, vos buscará a vós. *Beati, qui esuriunt, et sitiunt justitiam; quoniam ipsi saturabuntur:* [4] Bemaventurados os que teem fome e sede da justiça, isto é, da virtude, que faz justos, porque essa fome e sêde se lhes converterá em fartura. Quão errados vão os que para a ter andam esfaimados após as riquezas! Tende vós fome e sêde do serviço de Deus, e elle vos sustentará abundantemente. *Fiat voluntas tua: panem nostrum da nobis hodie:* [5] Façamos nós a vontade de Deus, e elle nos não faltará com o pão de cada dia; porque a disposição para ter o *panem nostrum*, é o *fiat voluntas tua.*

Finalmente nas Epistolas canonicas: S. Paulo *Ad Romanos*, Capitulo oitavo: *Accepistis spiritum adoptionis filiorum; si autem filii, et hæredes:* [6] Os que servem a Deus e estão em graça, são seus filhos adoptivos; se são seus filhos, logo são seus herdeiros. Vêde agora se aos herdeiros de Deus Todo Poderoso, lhes póde faltar alguma coisa. O mesmo S. Paulo na primeira *Ad Corinthios: Omnia vestra sunt: vos*

---

[1] *Isai*, I, 19 e 20.
[2] *Oseas*, X, 12.
[3] *Math.*, VI, 33.
[4] *Math.*, V, 6.
[5] *Math.*, VI, 10 e 11.
[6] *Ad Rom.*, VIII, 15 e 17.

autem Christi: Christus autem Dei: [1] Christo é de Deus, vós sois de Christo, logo todas as coisas são vossas, porque quem serve a Christo, não lhe póde faltar coisa alguma.

Eis-aqui como todas as Escripturas conformemente estão dizendo, que o meio mais certo e mais seguro de ter pão, e de nos não faltarem os bens temporaes, é seguir a Christo, e servir a Deus. Agora quizera eu perguntar pela vossa cubiça á vossa fé, e pela vossa fé á vossa cubiça. Se tendes fé, e tendes cubiça, porque não encaminhaes a vossa cubiça pelos caminhos que vos ensina a fé, para assegurar os interesses que pretendeis? Nem christãos, nem cubiçosos sabemos ser. Mas é que não temos fé. Ouvi a S. Pedro Chrysologo: *Homo homini exiguæ cartulæ obligatione constringitur: Deus tantis, ac tantis voluminibus cavet, et debitor non tenetur?* [2] Ides daqui para Portugal, não embarcaes nada comvosco, que haveis de comer? Respondeis: Levo uma lettra de tantos mil cruzados. Pois tendes por certo que não vos póde faltar pão, porque levaes a lettra de um mercador, e não tendes por certo com tantas Escripturas de Deus, que vos não ha-de faltar nada? Apertemos mais este ponto. Na praça de Londres quereis ir para Leorne, levaes lettra de um hereje; na de Amsterdam para Allemanha, levaes lettra de um judeu; na de Veneza para Constantinopla, levaes lettra de um turco, e ides seguro de que vos não ha-de faltar pão. Pois com as lettras de um hereje, de um judeu, de um turco, cuidaes que ides muito seguro, e com as de Deus não? Ah *modicæ fidei*, que não temos fé!

IV

Vamos ás figuras do Testamento Velho: o Manná deu-o Deus aos filhos de Israël, quando caminhavam para a terra de Promissão, e não quando estavam no Egypto. Parece que no Egypto fôra mais razão que Deus os soccorresse por afflictos. Ora vêde: A

---

[1] *1.ª Ad Cor.*, III, 22 e 23.
[2] *D. Pet. Chrys.*

Terra da Promissão significava o céo; o captiveiro do Egypto significava o peccado, pois por isso lhes não dá Deus o manná, senão depois que sahiram do Egypto, e quando caminhavam para a Terra da Promissão. porque aos que se tiram do peccado, e aos que caminham para o céo, a esses tem Deus promettido de sustentar, e de lhes não faltar em nenhum tempo, e em nenhum logar com o necessario. Oh quantos, e quantas ha neste mundo, que quando vão ao confessionario choram mais as suas pobrezas que os seus peccados, devendo ser ás ávessas! Sahi-vos do peccado, em que estaes, resolvei-vos a caminhar para o céo, e vereis como vos chovem os bens de Deus, e vos não falta nada. E se estiverdes em logar, ou em estado, que não possaes buscar de comer, o mesmo comer vos buscará a vós, como buscava aos filhos de Israël todos os dias. Mas vós quereis estar no Egypto do peccado, que vos tem captivo, e captiva ha tanto tempo, quereis caminhar para o inferno a vélas tendidas; e no cabo que vos faça Deus a matalotagem? Isso não póde ser: dar volta á vida, deixar o caminho do inferno, e tomar o do céo, e vereis como vos não falta coisa alguma: *Dominus regit me, et nihil mihi deerit.* [1]

Segunda figura. Quiz Isaac dar a benção a Esaü, seu primogenito, e disse-lhe que fosse primeiro caçar, e que lhe trouxesse alguma coisa. Em quanto Esaü foi ao monte, veiu Jacob, e fingindo ser Esaü, como Isaac era cégo, furtou-lhe a benção. Abendiçoou pois Isaac a Jacob, e disse desta maneira: *Det tibi Deus de rore cœli, et de pinguedine terræ.* [2] Dê-te Deus das influencias do céo, e da abundancia da terra. Levada assim a benção, veiu Esaü com a caça, e conhecendo o engano pediu ao pai que ao menos lhe désse outra benção, ao que respondeu o velho, que outra benção já lh'a não podia dar; mas para o consolar o abendiçoou tambem com estas palavras: *In pinguedine terræ, et in rore cœli, erit benedictio tua.* [3] A vossa benção será da abundancia da terra, e das influencias do céo. Notavel caso! As mesmas pala-

[1] *Psalm.*, XXII, 1.
[2] *Genes.*, XXVII, 28.
[3] *Ibid.*, 39, e 40.

vras, que Isaac disse a Jacob, disse tambem a Esaü. A Jacob disse: *De rore cœli, et de pinguedine terræ*, a Esaü disse: *De pinguedine terræ, et de rore cœli.* Pois se em Jacob foram benção, como em Esaü o não foram, antes maldição? Ora notae: ainda que as palavras foram as mesmas, a ordem dellas foi trocada. Na benção de Jacob pôz no primeiro logar os bens do céo, e no segundo os da terra: *De rore cœli, et de pinguedine terræ;* na benção de Esaü pôz primeiro os bens da terra, e depois os do céo: *De pinguedine terræ, et de rore cœli.* E eis-aqui em que esteve ser benção a de Jacob, e não ser benção a de Esaü. Os mesmos bens dados por Deus, ou não dados por Deus, são benção, ou maldição.

Senhores meus, todos havemos mister os bens da terra, e mais os do céo; os da terra para esta vida, e os do céo para a outra; e ainda que esta vida é primeiro que a outra, o buscar os bens dellas ha-de ser ás ávessas Os bens da outra hão se de buscar no primeiro logar, e os desta no segundo, porque nisso consiste termos benção, ou termos maldição. Quem busca primeiro os bens do céo, e depois os da terra, tem benção, porque logra os da terra e mais os do céo; quem busca primeiro os da terra, e depois os do céo, tem maldição, porque nem logra os do céo, nem os da terra. Eu não vos digo que não busqueis os bens da terra, que isso de os deixar, e de os desprezar, é espirito que Deus dá só a quem é servido; não vos digo que os não busqueis, só vos digo que os busqueis por caminho, em que seguramente os possaes achar, que é buscando em primeiro logar os do céo, e servindo a Deus. Servi a Deus, e estae seguros que é impossivel faltar o necessario. E senão vamos aos exemplos.

V

Quem parece que tinha menos fundamento para ter, que Abrahão, a quem Deus mandou sahir de sua patria, e viver desterrado della? E comtudo, porque tratou de servir a Deus, e particularmente, porque teve tanta fé e obediencia, que chegou a lhe sacrificar seu filho, veiu a ser tão rico e poderoso, que

sendo necessario soccorrer a seu sobrinho Loth, levou só de sua casa trezentos e dezoito criados. Jacob, desamparado, e fugitivo da casa de seu pai; e comtudo, porque serviu a Deus, e particularmente, porque foi tão dado á oração e contemplação, que chegava a andar a braços com os anjos, veiu a ter tanta fazenda, como elle mesmo disse, que sahindo da patria só com o seu bordão: *In baculo meo transivi Jordanem*, [1] depois se recolheu a ella com a familia de gente e gados, dividida em duas esquadras: *Et nunc cum duabus turmis regredior.* [2] José, vendido para o Egypto, e lá escravo; comtudo, porque foi tão casto, que resistiu aos requerimentos e violencias de sua má senhora, veiu a ter tanto pão, que não só sustentou a seus irmãos, e a toda a casa de seu pai, senão a todo o Egypto, e a todo o mundo. David, da menor familia, e o menor de seus irmãos, como elle mesmo confessava; e comtudo, porque foi grande perdoador de injurias, cresceu a tanta opulencia, que os thesouros de que testou, não se contaram por mil cruzados, nem por contos, senão por milhões. Eis-aqui o que fez Deus a estes: e se acaso vol-o não faz a vós, não é porque Deus não seja o mesmo que era; mas porque vós não sois quaes elles foram. Seja o soldado como foi David; seja o lavrador como foi Jacob; seja o desterrado como foi Abrahão; seja o desamparado e perseguido, com foi José: e eu vos prometto que lhes não falte Deus com muitos bens. Mas concluamos com a nossa prova, e vamos á experiencia.

VI

A experiencia verdadeiramente parece que a tenho contra mim; porque não ha duvida que vemos muitas pessoas virtuosas, que padecem grandes necessidades; logo não é verdade que o caminho de ter pão é servir a Deus. Primeiramente eu hei-de crêr mais ao testemunho de David, que ao vosso. Olhae o que diz David: *Junior fui, etenim senui, et non vidi*

---

[1] *Genes.*, XXXII, 10.
[2] *Ibid.*

justus derelictum, nec semen ejus quærens panem. [1] Eu fui moço, e tambem fui velho, e nunca vi um justo desamparado, e a sua familia sem o pão para a bocca. Se vós tivereis os olhos tão alumiados como David, póde ser que dissereis o mesmo. A's vezes os que nós cuidamos que são justos, não são justos; ás vezes os que nós cuidamos que servem verdadeiramente a Deus, não o servem verdadeiramente: e por isso lhes falta Deus com os bens. Serem os homens uma coisa, e parecerem outra, é facil: faltar a palavra de Deus, é impossivel. Em resolução: todos aquelles que parecem bons, e padecem necessidades, é uma de duas: ou é que o não são, ou é que quer Deus provar se o são.

Faz um criado de el-rei uma petição a sua magestade, e diz desta maneira: Diz Fulano, que elle é criado da casa de vossa magestade; e porque ha tanto tempo que serve, e não se lhe paga sua moradia: Pede a vossa magestade seja servido de lh'a mandar pagar com effeito, e receberá mercê. Responde el-rei pelo seu mordomo-mór: Prove o fôro, e deferir-se-lhe-ha. O mesmo passa no nosso caso. Serve um homem, ou uma mulher, a Deus; vê-se em necessidade; recorre áquelle Senhor; allega-lhe com suas palavras, e com suas promessas, e pede-lhe que o soccorra; e comtudo vemos que o não soccorre Deus logo, e que padece. Que é isto? E' que o mandou Deus provar os serviços, e está fazendo as sua provanças; e como tiver provado, logo se lhe deferirá com grande abundancia. Christãos e christãs da minha alma; se servís a Deus, e sentís falta do necessario, tende mão, que vos prova Deus: *Expecta Dominum, viriliter age*, diz o mesmo David: *et confortetur cor tuum, et sustine Dominum.* [2] E' estylo este da casa de Deus. Vêde-o nos mesmos exemplos. Abrahão rico por servir a Deus, mas provado primeiro com o desterro; José rico por servir a Deus, mas provado primeiro com o captiveiro; David rico por servir a Deus, mas provado primeiro com as perseguições; Jacob rico por servir a Deus, mas provado primeiro com os trabalhos. E aos do Evangelho lhes succedeu o mesmo. Não lhes

[1] *Psalm.*, XXXVI, 25.
[2] *Psalm.*, XXVI, 14.

deu Christo de comer ao primeiro dia, nem ao segundo, senão ao terceiro: *Quia jam triduo sustinent me.* [1] Depois que provou a constancia e paciencia com que o seguiam, então lhes deu o pão milagroso; primeiro os provou, depois os proveu. Em Deus não ha provêr sem provar.

Sabeis, senhores e senhoras, porque Deus nos não provê bem? Porque nós provamos mal; e a quem o não serve verdadeira e constantemente, não tem elle obrigação de sustentar. Somos christãos, servimos a Deus, vêmo-nos em pobreza e necessidade; em logar de então o servirmos melhor para que nos soccorra, tomamos por meio de nos remediar o offendel-o. Quantos, e quantas ha, que tanto que se vêem em necessidade, vendem a consciencia, vendem a alma, e ás vezes o corpo? E que faz Deus então? Como justissimo Juiz, em logar de lhes dar a abundancia, que lhes havia de dar se perseverassem constantemente, tira-lhes esse pouco remedio que tinham, com que fiquem perdidos de todo; porque assim como o caminho certo de ter pão é servir a Deus, assim o caminho certo de se perder o pão, que se tem, é desservil-o. Não vos quero trazer disto mais que dois exemplos em dois mandamentos: um da primeira tabua, outro da segunda. Da primeira tabua o terceiro, da segunda o setimo.

Diz Deus no setimo mandamento: Não furtarás; e vós com cubiça de acrescentar fazenda, ajuntaes a alheia á vossa por todas as artes que podeis. E que se segue daqui? Que pelo mesmo caso vos tira Deus a que tinheis, e mais a que lhe ajuntastes. Dos thesouros do céo dizia Christo taxando os da terra, que não os come a ferrugem, nem a traça, nem os roubam os ladrões; *Thesauros in cœlo: ubi neque ærugo, neque tinea demolitur, et ubi fures non effodiunt.* [2] Quaes sejam os ladrões, já o sabemos; mas qual é a ferrugem, e a traça dos bens deste mundo? A ferrugem é o alheio. Assim como a ferrugem come, e consome os metaes; assim o alheio come o proprio, se se lhe ajunta. E qual é a traça que tambem o róe e o come? A traça são as traças. Buscaes mil traças

[1] *Marc.*, VIII, 2.
[2] *Math.*, VI, 20

e invenções, para ajuntar o alheio ao vosso; e essas são as que em logar de vol-o acrescentar, vol-o róem, e vol-o desbaratam. E' o alheio pontualmente como o vomitorio. Receita-vos o medico um vomitorio; e que vos acontece depois que o tomaes? Lançaes-lo a elle, e tudo o mais que tinheis dentro. Assim é o alheio; guardae-vos de o metter no estomago; porque primeiramente não vol-o ha-de lograr, e ha-vos de puxar, e levar comsigo o mais que tiverdes nelle. E vêde quão pouco basta para fazer estes effeitos. Achab era rei, tomou a Naboth uma vinha; e tanto que a vinha se ajuntou ao reino, perdeu o reino e mais a vinha. Fez a vinha o que faz o vinho: vomitou-a Achab, e com ella tudo o mais.

Conta Tito Livio de um principe dos Piezenigos chamado Cures, que querendo-lhe tomar suas terras Suatislao, principe dos Ruthenos, elle o houve ás mãos em uma emboscada, e mandando-lhe tirar a cabeça, fez da sua caveira uma taça encastoada em oiro, por onde bebia, com esta letra: *Quærendo aliena, propria amisit:* [1] Buscando o alheio, perdeu o proprio. Oh que boa lembrança para a meza dos principes, e dos que o não são! Se em todas as mezas se bebera por esta taça, não se comera em tantas o pão alheio: e se no Brazil deramos em desenterrar caveiras, em quantas poderamos escrever a mesma letra! Cuja é esta caveira? E' de Fulano. Viveu rico, e morreu pobre; testou de muitos mil cruzados, e seus filhos pedem esmola. Pois que foi isto? Que ar máu deu por esta fazenda? *Quærendo aliena, propria amisit:* Misturou a sua fazenda com a alheia, perdeu a alheia, e mais a sua. Fazenda adquirida com desserviço de Deus, e contra seus mandamentos? Deus nos livre. O servil-o é o verdadeiro caminho de a adquirir, e de a conservar.

Vamos ao segundo exemplo da primeira taboa. Diz Deus no terceiro mandamento: Guardarás os domingos e as festas; e vós, porque aquelle dia vos não fique sem grangear fazenda, não mandaes á Missa os vossos escravos, antes mandaes, ou quando menos, permittis que trabalhem. Pois sabei, e desenganae-vos, que tudo quanto se trabalha ao domingo, é

[1] *Liv. Lib.* 23 *cit. a Fabr. Dom.* 8 *post. Pentecost.*

destruição de tudo o que se adquire pela semana. Dir-vos-hei agora um logar, que ha muitos annos tenho notado para os homens do Brazil: *Quando fueritis in terra hostili, sabbatizabit, et requiescet in sabbattis solitudinis suæ, eo quod non sabbatizaverit in sabbatis vestris, quando habitabatis in ea.* [1] Se fizerdes trabalhar a terra aos dias santos, eu a entregarei aos inimigos, e então guardará os dias santos a terra. Perguntemos aos nossos visinhos da Parahiba, e da Guayana, quanto ha que se não cultivam as suas canas, e que não móem os seus engenhos? Pois que é isto? E' que estão agora as terras e os engenhos guardando os dias santos, que seus donos antigamente lhes não deixavam guardar: *Sabbatizabit, et requiescet.*

E' peccado geral do Brazil deitar a moer ao dia santo. Deus deu á terra um dia na semana para descançar; vós não quizestes que descançasse, e louvasse a Deus um dia; pois descançará agora toda a semana, e todo o mez, e todo o anno, e tantos annos. Senhores, porque cuidaes que vos morrem as peças? Porque cuidaes que vos fogem e desapparecem? Porque cuidaes que se arruinam e desfabricam, e estão feitos táperas tantos engenhos? Eu vol-o direi: por descuido, e pouco zelo desta Capitania. Não mandaes o vosso escravo ao domingo á Igreja? Pois que faz Deus? Já que vós não obedeceis ao meu preceito, e não quereis que o vosso escravo venha um dia na semana á Igreja, eu vol-o matarei, e virá estar toda a semana no adro. Sabeis que fazem alli os vossos escravos? Estão para ouvirem as Missas, que vós lhes não fizestes ouvir. Por cubiça de lavrar e grangear mais, mandastes trabalhar o vosso escravo ao dia santo; que faz Deus? Deixa-o fugir para o matto, e que nunca mais appareça; e agora anda folgando sete dias da semana, porque vós não quizestes que descançasse um só. Por fazer as seis tarefas redondas mandastes deitar a moer ao domingo á tarde; e Deus que faz? Dispõe que tenhaes taes perdas no mar e na terra, que não possaes sustentar a fabrica, e que não moaes nem uma só tarefa. Sabeis que faz agora a tápera do engenho? Está guardando os dias santos, que seu dono lhe não deixou guardar.

---

[1] *Levit*, XXVI, 34 e 35.

Eis-aqui, senhores, como anda enganada a vossa cubiça. Cuida que póde avançar fazenda, quebrando os mandamentos de Deus, e é tanto pelo contrario, que não só se não adquire fazenda por este caminho, antes se perde a que estava adquirida. O caminho certo e seguro de ter fazenda, é fazer o que Deus manda; o caminho certo e seguro de ter pão, é seguir a Christo, como experimentaram os do nosso Evangelho: *Manducaverunt, et saturati sunt.*

VII

Temos dito o primeiro alvitre que promettemos, que é como havemos de alcançar o pão: vamos agora ao segundo, como havemos de alcançar muito. Oh que ponto este para os cubiçosos, e para os avarentos! Se eu os consultasse a elles do remedio para acrescentar pão, para multiplicar fazenda; uns haviam de dizer que negociar, e melhor que tudo, negociar para o Maranhão, porque o que em Portugal vale dois, aqui se vende por vinte. Este meio será muito bom, quando no mundo não houver quatro coisas: quando em Zelandia não houver pechilingues; quando em Argel não houver turcos; quando na agulha de marear não houver suestes; e quando na costa do Maranhão não houver baixios. Mas em quanto ha estas quatro coisas, é muito arriscado modo de ganhar esse.

Outros dirão que é bom meio servir a el-rei em algum posto grande, ou muito junto a elle, ou muito afastado delle: que estes são os postos em que os homens se aproveitam. Dizem que o rei se ha-de tratar como o fogo; nem tão perto que queime, nem tão longe que não aquente. A's avessas ha-de ser. Do rei, ou muito perto ou muito longe. Se tendes posto muito perto ao rei, tudo se vos sujeita, tudo vos vem ás mãos; e se tendes posto muito longe do rei, tudo vós sujeitaes, e em tudo vós metteis a mão. Este modo de acrescentar fazenda, não ha duvida que é muito prompto, e muito effectivo, e tambem me atrevera eu a dizer que era bom, se neste mundo não houvera uma conta, e no outro mundo outra. Se no outro mundo não houvera inferno, e neste mundo não houvera justiça, era muito bom; mas nesta vida

limoeiro, e na outra vida fogo eterno; nesta vida confiscado, e na outra vida queimado; não é bom modo de ganhar.

Outros dirão que para ter muito, o melhor remedio é tel-o, guardar, poupar, não gastar, morrer de fome, e matar á fome; porque dizem que muito mais cresce a fazenda com poupar muito, que com ajuntar muito. Este meio eu confesso que é muito bom; mas bom para ajuntar fazenda para outros, e não para si, porque o que eu poupo, e o que não gasto, não é meu, é daquelles a quem eu o hei-de deixar, e depois o hão-de gastar muito alegremente. E poupar e morrer de fome, para que outros vivam e alardeem, é uma avareza mui louca.

Pois que remedio para acrescentar a fazenda, util, discreta, e muito seguramente? O remedio é muito facil: dar da que tiverdes por amôr de Deus. De maneira que ambos os nossos pontos se veem a resumir a Deus. Quereis ter pão? Servi a Deus. Quereis ter muito? Dae por amôr de Deus. Pois o dar, o tirar de mim, é caminho de acrescentar? Antes parece caminho de diminuir. Se fôra dar por amôr dos homens, ou por outro respeito, sim, que era caminho de perder o que se dá; mas dar por amôr de Deus, não ha mais certa negociação, não ha mais certo modo de ajuntar fazenda. Vêde-o no nosso Evangelho. *Unde ememus panes, ut manducent hi?* [1] Perguntou o Senhor onde acharíam pão, para que comessem todos. Respondeu santo André, que todos os pães que havia não passavam de cinco: *Est puer unus hic, qui habet quinque panes;* [2] e com estes, sendo só cinco, quiz Christo dar de comer a todos. Pois, Senhor, não vêdes que tendes doze Discipulos que sustentar, e que os pães não são mais que cinco? Se tivesseis muito pão, então estavam bem essas liberalidades; mas sendo tão pouco? Antes por isso mesmo: se os Apostolos tiveram doze pães, então não era necessario mais; porém como não tinham mais que cinco, era força buscar algum modo de os acrescentar; e não podia haver meio mais breve, nem mais certo, que dal-os aos pobres. E assim foi; que os Apostolos, porque

[1] *Joan.*, VI, 5.
[2] *Ibid.*, 9.

deram cinco pães, não só receberam doze pães, senão doze alcofas: *Duodecim cophinos.* Se os Apostolos foram de animo avarento e acanhado, e quizeram comer os seus cinco pães, sahira menos de meio pão a cada um; mas porque cada um deu o seu pedaço de pão, ficou com uma alcofa cheia. Dizia o sabio fallando de uma mulher sabia: *Manum suam aperuit inopi, et palmas suas extendit ad pauperem:* [1] Abriu a mão, e estendeu as mãos. Mas porque, ou para que? Porque quando abris uma mão para dar por amôr de Deus, é necessario abrir duas para receber; quando o que daes cabe numa mão, o que recebeis não cabe em duas. Assim lhes aconteceu hoje aos Apostolos. O pão que deram (que era o que tocava a cada um) cabia em tres dedos, e o que recolheu cada um, não cabia em duas mãos, por isso foi necessario tomarem alcofas: *Duodecim cophinos.*

Tudo temos em um caso do Testamento Velho. Acabado o diluvio, sahiu Noé em terra com seus filhos, e todos os animos; e lançou-lhes Deus a benção, dizendo: *Crescite, et multiplicamini, super terram:* [2] Crescei, e multiplicae sobre a terra. E que fez Noé? *Edificavit altare Domino, et tollens de cunctis pecoribus, et volucribus mundis obtulit holocausta:* [3] Levantou um altar, e começou a degollar de todos os animaes, de que era licito fazer sacrificio, e queimou-os sobre elle. Parece que de repente se esqueceu aqui Noë do que Deus tinha dito e mandado. Não tinha dito Deus que crescessem, e multiplicassem sobre a terra todos os animaes? Pois como os degolla Noë e queima, e sacrifica sobre o altar? Olhae: Noë não matou as rêzes para as comer, matou-as para as offerecer e sacrificar a Deus; e para as coisas crescerem e multiplicarem, o meio mais certo e mais seguro, é dal-as a Deus.

E de que modo as daremos a Deus? Bemdita seja sua infinita magestade e bondade, pois se serviu ensinar-nos por sua propria bocca, o que nem imaginar nos atreveriamos. *Quandiu fecistis uni ex his fratribus*

[1] *Prov.*, XXXI, 20.
[2] *Genes.*, VIII, 17.
[3] *Ibid.*, 20.

meis minimis, mihi fecistis: [1] Tudo o que daes ao pobre, dae-lo a mim. Vêdes, christãos, como podemos dar a Deus tudo: tudo o que damos ao pobre, damol-o a Deus; e se quereis que as vossas coisas cresçam, e se multipliquem, reparti-as com os pobres. Dois modos ha no mundo, com que as coisas crescem, e se multiplicam muito; um natural, ou da arte, como na lavoira; outro industrial, como na mercancia. Na lavoira, semeaes um alqueire de pão, colheis quinze, colheis vinte, e se a terra é muito boa, colheis trinta. Na mercancia, empregastes cincoenta, ganhastes cento, ganhastes duzentos, e ás vezes mais. Tudo isto tendes na esmola. Dar esmolas é semear, e é negociar, mas com grandes vantagens. Para semear, não ha melhor terra que as mãos do pobre; e para negociar não ha melhor correspondente que Deus. Não são considerações minhas, tudo é fé, e sagrada Escriptura. Vamos ao negociar.

VIII

Nos Proverbios, Capitulo dezenove, diz assim o Espirito Santo: *Fœneratur Deo qui miseretur pauperis.* [2] Sabeis que coisa é dar esmola? Quem dá esmola ao pobre, dá a cambio a Deus. Cuida o outro que quando dá esmola, que a dá para a perder, e engana-se, porque a dá a cambio; e dar a cambio não é perder o que se dá, antes é accrescental-o. Quem dá a cambio sempre tem o seu capital seguro, e sobre isso recebe as ganancias. Assim lhe acontece a quem dá esmola; segura tudo o que deu, e sobre isso recebe as ganancias. Mas que ganancias? Não como as dos homens, porque Deus paga muito melhor. Os homens, se lhes daes dinheiro a cambio, dão-vos quando muito, a seis e quarto por cento; e Deus não dá a seis por cento, senão a cento por um: *Centuplum accipiet, et vitam æternam;* [3] no outro mundo a vida eterna, e neste cento por um.

---

[1] *Math.*, XXV, 40.
[2] *Prov.*, XIX, 17.
[3] *Math.*, XIX, 29.

Quereil-o vêr por experiencia? Ora ouvi um grão caso. S. João Esmoler mandou dar a um homem pobre e honrado quinze libras, deram os criados sómente cinco. Ao outro dia veiu uma mulher com um escripto de quinhentas libras. Estranhou o santo o escripto, chamou o thesoureiro, perguntou-lhe quanto déra. Disse que quinze libras, mas replicou o santo: Não póde ser, que Deus paga cento por um, e por quinze libras haviam de vir mil e quinhentas, e aqui não veem mais que quinhentas. Confessou então o criado a sua avareza. Ficaram todos admirados, mas muito mais quando ouviram o que acrescentou a mulher: Eu, senhor bispo, tinha intenção de trazer mil e quinhentas libras, e assim o escrevi hontem neste papel, mas esta manhã não achei mais que quinhentas, com grande admiração minha, porque não sabia a causa e agora a sei. Dizei-me: Se no monte da Piedade de Roma, ou no banco de Veneza se déra a cento por um, houvera quem alli não mettera o seu dinheiro? Pois os pobres são os banqueiros de Deus. Dá-se naquelle banco a cento por um, e sendo nós tão amigos de acrescentar, não mettemos todo o nosso cabedal naquelle banco. Pois crêde-me que o banco de Veneza póde quebrar, como está hoje menos seguro com a guerra do turco, e o de Deus não ha-de quebrar, nem quebrou nunca.

E' boa mercancia a esmola? Pois ainda é melhor lavoura. O Ecclesiastes, no Capitulo onze: *Mitte panem tuum super transeuntes aquas: quia post tempora multa invenies illum.* [1] Semeae o vosso pão em terra regada com aguas, e eu vos prometto que ainda que pareça perdido, o achareis depois. Que terra é esta regada com aguas, diz S. Bazilio, senão as mãos dos pobres? Estão os pobres chorando a sua miseria e regando as suas mãos, assim como a Magdalena regava os pés de Christo; pois nesta terra assim regada semeae o vosso pão, e vereis quão abundantemente o recolheis. O hebreu diz: *Mitte panem tuum super faciem aquarum:* sobre a face das aguas; e eu digo: sobre a agua das faces. Está a viuva, a donzella honrada padecendo necessidade; póde chorar, porque padece, mas não póde pedir, porque é nobre: estão-lhe

[1] *Eccles.*, XI, 1.

correndo as lagrimas pelas faces abaixo, pois, *Mitte panem tuum super faciem aquarum*, semeae alli a vossa esmola, semeae alli o vosso pão, e vereis quão bem vos rende a seara, porque não ha terra mais fertil. Semeae o vosso pão nesta terra, e vereis que vos rende mais de cento por um. S. Paulino bispo, antes de o ser foi casado; pediu-lhe esmola um pobre; disse á mulher que lhe désse dois pães que havia em casa, mas ella não deu mais que um. Ao outro dia chegou uma barca de pão mandada ao santo, e juntamente nova, que outra que vinha com ella, se perdera. Admirou-se não da que chegou, mas da que se perdera; a mulher então confessou que não déra os dois pães senão um só. Pois esse que déstes nos trouxe a barca de pão que chegou a salvamento, e o que deixastes de dar, metteu no fundo a que se perdeu. Quantas vezes perdeis muito pão, porque não daes um pão? Nas outras terras colhe-se o trigo aos alqueires, aqui ás barcadas.

Pois, senhores, se tendes tão boa terra em que semear, porque a deixaes estar muitas vezes erma e devoluta? S. Joaquim, cujo dia celebramos hoje, repartia a sua fazenda em tres partes, e uma era para os pobres. Com menos me contento. Aquelle semeador do Evangelho semeou em quatro partes: nas pedras, nas espinhas, no caminho e na terra boa. Já que se semeia tanto nas espinhas, que são os vicios, já que se semeia tanto na rua, que é a vaidade, já que se semeia tanto nas pedras, que é o que levam os ingratos, porque se não semeará a quarta parte na terra boa, que são as mãos dos pobres? Porque se não semeará alguma parte dos bens nesta terra boa, que multiplica cento por um: *Fecit fructum centuplum?* [1]

IX

Ora, senhores, o tempo em que se faz esta lavoura, é este da Quaresma. Este é o tempo de semear. Não fallam pobres. Para que cuidaes que se fez a Quaresma? Para duas coisas: para jejuar e para dar es-

[1] *Luc.*, VIII, 8.

mola. O que agora direi é de Santo Agostinho, de Santo Ambrozio, e de todos os Doutores. Nos dias que não são de jejum comemos duas vezes: jantamos e ceamos; nos dias que são de jejum comemos uma só vez: jantamos e não ceamos. E para que? Para que demos aos pobres o que haviamos de cear. Jejuar e guardar pão, não é abstinencia, é avareza. Pois assim como a avareza tira o merecimento ao jejum, a esmola lh'o acrescenta. Dêmos esmola, e todos, que todos a pódem dar. Os que teem muito deem do muito, os que teem pouco, do pouco, e os que não teem que dar, tenham paciencia de não ter, e desejo de poder dar por amôr de Deus.

Bem sei que ha muita caridade nesta terra, mas não posso deixar de estranhar uma muito grande falta que aqui ha. E' possivel que numa cidade tão nobre, e cabeça de um Estado, não haja um hospital, e que a Misericordia não sirva mais que de enterrar os mortos? Vêde o que ha-de dizer Christo no dia do Juizo: *Venite benedicti Patris mei, possidete paratum vobis regnum: esurivi enim, et dedistis mihi manducare: sitivi, et dedistis mihi bibere: hospes eram, et collegistis me: infirmus, et visitastis me.* [1] Notae, primeiro: que não fez menção do enterro dos mortos, porque a principal misericordia é com os corpos vivos: *Esurivi, et dedistis mihi manducare: sitivi, et dedistis mihi bibere.* Segundo: que fez menção da casa de hospitalidade para os peregrinos e enfermos: *Hospes eram, et collegistis me: infirmus, et visitastis me.* Terceiro: que não disse foram enfermos os outros, senão, fui enfermo eu; não disse foram peregrinos os outros, senão fui peregrino eu, e hospedastes-me e visitastes-me: *Hospes eram, infirmus: et collegistis me, et visitastis me.* Pois seria bem que viesse Christo a esta cidade com fome, com sêde, despido, peregrino, enfermo, e não haver uma casa onde o hospedar? Melhor fôra não haver na Misericordia igreja, que não haver hospital, porque a imagem de Christo que está na igreja, é imagem morta, que não padece: as imagens de Christo, que são os pobres, são imagens vivas que padecem. Se não houver outro modo, converta-se a igreja em hospital, que Christo será mui

[1] *Math.*, XXV, 34, 35 e 36.

contente disso. Fazei casa aos pobres, que Deus vos fará casa a vós: tirae de vossas casas com que a fazer, que Deus vos lançará sobre ellas uma benção, como a que hoje lançou sobre o pão dos Apostolos, com que tudo se acrescente e se multiplique com grandes augmentos de bens temporaes e da graça, penhor da Gloria: *Ad quam, etc.*

SERMÃO

DA

Quinta Terça Feira da Quaresma *

Nemo in occulto quid facit. [1]

I

A maior graça da natureza, e o maior perigo da graça, são os olhos. São duas luzes do corpo, são dois laços da alma. Mas como os mesmos olhos ou são os proprios, com que vemos, ou os alheios, com que somos vistos; questão póde ser não vulgar, e util curiosidade, saber quaes delles sejam o maior laço, e o maior perigo. Eu em tanta estreiteza de tempo não o tenho para disputar: e assim digo resolutamente, que o maior perigo, e o maior laço são os olhos alheios. E porque? Porque sendo tão natural no homem o desejo de vêr, o appetite de ser visto é muito maior. Considerava Job a sua morte, e vêde a espinha que mais lhe picava o coração: *Nec aspiciet me visus hominis:* [2] Morrerei, e não me verão mais os olhos dos homens. O uso de vêr tem fim com a vida, o appetite de ser visto não acaba com a morte. Esta foi a origem das estatuas romanas sepulchraes. Punha-se a estatua e imagem do defunto sobre o sepulchro, para que o homem que dentro delle não podia vêr, sobre elle fosse visto. Já que me falta a vida propria, ao

* Foi este sermão, diz o proprio Vieira na 1.ª edição dos seus Sermões, prégado em Roma, em italiano, á serenissima rainha de Suecia, em obsequio de um dictame daquelle sublime espirito, que detestando as beatarías publicas, só reputava por verdadeiras virtudes as que se occultam aos olhos do mundo.

[1] *Joan.*, VII.

[2] *Job.*, VII, 8.

menos não me falte a vista alheia. De maneira que devendo os marmores da sepultura ser uns espelhos em que se vissem os vivos, são uma anticipada resurreição da arte, em que se vêem os defuntos. Tão immortal é nos mortaes o desejo de ser vistos! E se esta ambição vive nos mortos, nos vivos que será? Será o que diz o Texto que propuz, com maior erro ainda, e indignidade na vida, que ambição e vaidade depois da morte: *Nemo in occulto quid facit:* Ninguem faz occultamente coisa digna de louvor, porque occulta não póde ser vista. Tirae do mundo (diz Seneca) os olhos alheios, e nada se fará do que o mesmo mundo admira, e préza: *Nemo oculis suis lautus est: ubi testis, ac spectator abscessit, omnia, quorum fructus monstrari, et conspici.* [1] Este era o uso de Roma no tempo do estoico. Mas porque então, e depois, e ainda hoje se usa o mesmo em tempo de Christo, que faremos? Para desterrar de Roma o *nemo*, e ajuntar nella o *facit* com o *occulto*, isto é, para que as boas obras se façam, e juntamente se occultem, vos offerecerei brevemente neste discurso tres documentos: um seguro, outro perfeito, e o terceiro heroico. O seguro, não obrar para os olhos dos homens: o perfeito, obrar só para os olhos de Deus: e o heroico? Obrar por Deus, como se Deus não tivera olhos. Este é o meu argumento. Bem vejo quanta dissonancia vos fará nos ouvidos a rudeza de uma voz tão pouco romana como a minha, no meio da harmonia destes córos reaes, pouco menos que celestes. Mas o mesmo auctor do nosso Evangelho, S. João, diz que no tempo em que os anjos no céo estavam cantando os louvores de Deus, se fez lá pausa e silencio por espaço de meia hora, para se ouvirem as vozes da terra: *Factum est silentium in cælo quasi media hora.* [2] Eu farei por não exceder a meia, nem ainda o quasi.

---

[1] *Senec. Epist.* 95.
[2] *Apoc.*, VIII, 1.

II

Nemo in occulto quid facit

Contra o abuso tão geral como errado deste dogma, ensina o nosso primeiro documento, a que chamei Seguro, que nenhuma coisa se deve obrar para os olhos dos homens. E porque razão? Não só para justificar as mesmas obras, senão para as fazer; porque tudo aquillo que se faz para os olhos dos homens, ainda que se faça, não se faz. Parece paradoxo, mas é verdade divina. Ensinava Christo Senhor nosso aos homens do seu tempo, que se guardassem de fazer o que faziam os escribas e phariseus: *Secundum opera eorum nolite facere.* [1] E assignalando o divino Mestre o fundamento desta sua doutrina, acrescenta: *Dicunt enim, et non faciunt:* [2] porque dizem, e não fazem. Senhor meu, dae-me licença para que vos represente uma réplica a minha ignorancia, que o não parece, pois se funda nas vossas mesmas palavras. Vós não dizeis que estes mesmos homens não só jejuam, mas andam pallidos, e macilentos, e com apparencia mais de cadaveres, que de vivos, de pura abstinencia? Vós não dizeis que não só fazem oração no Templo, mas que nas praças e nas ruas publicas com as mãos e os olhos levantados ao céo estão orando? Vós não dizeis que não só dão esmola, mas que a som de trombetas chamam aos pobres, para que de perto e de longe venham todos? Como logo dizeis delles, que não fazem: *Non faciunt?* Aperto mais a minha admiração. Estas obras assignaladas por Christo, são todas aquellas a que S. Paulo reduz as obrigações de um verdadeiro christão: *Sobrié, et pié, et justé vivamus in hoc sæculo:* [3] *sobrié*, para comnosco: *pié*, para com Deus: *justé*, para com o proximo. Tudo isto faziam os escribas e phariseus. *Sobrié*, para comsigo: porque jejuavam: *pié*, para com Deus, porque oravam: *justé*, para com o proximo; porque davam esmola. Como

[1] *Math.*, XXIII, 3.
[2] *Ibid.*
[3] *Ad Tit.* II, 12.

logo diz Christo: *Et non faciunt?* [1] Fazer tudo isto é não fazer? Sim. Porque *omnia opera sua faciunt, ut videantur ab hominibus.* Tudo aquillo faziam para que os homens o vissem, e o que se faz para ser visto dos homens, ainda que se faça, não se faz. *Faciunt, ut videantur ab hominibus? Non faciunt.* Jejuam, e não fazem jejum; oram, e não fazem oração; fazem esmolas, e não as fazem: *Et non faciunt.* O' quantas coisas se fazem neste mundo, que não se fazem! Discorrei vós por ellas, que eu não tenho tempo.

Senhores meus, as boas obras são a alma da fé; fazei-as, mas guardae-as dos olhos, que a mesma fé é cega. Faça a virtude por cautela o que faz o vicio por vergonha: *Qui male agit, odit lucem*, diz Christo: [2] Quem faz mal, foge da luz, e não quer que o vejam, porque faz mal: quem faz bem, fuja tambem da luz, e não queira ser visto, porque faz bem. Toda uma noite tinha gastado ou empregado Jacob, não rondando, não jogando, não em saraus ou festins, mas abraçado estreitissimamente com Deus. Começaram a se pintar os horisontes com as primeiras côres da manhã; e basta (diz Deus) porque vem apparecendo a aurora: *Dimitte me, jam enim ascendit aurora.* [3] E que importa que venha à aurora, o sol, e o dia? Se Jacob fizera algum mal, fuja, e esconda-se da luz, para que o não vejam: mas se está bem occupado, e no maior bem a que póde aspirar um homem; tambem ha-de fugir e ter mêdo da luz? Sim. Porque a luz é o maior perigo das boas obras. A virtude é como o segredo: occulto, conserva-se: manifesto, perde-se. Retire-se logo Jacob, não o veja a aurora, e pois tem vencido e triumphado de Deus, faça a retirada, para que não perca a victoria. Por isso os santos se retiravam aos desertos, e se mettiam nas covas: sepultavam a virtude, para que não morresse. Estas eram aquellas estrellas de que dizia Deus a Job, que as estrellas da manhã o louvavam: *Cum me laudarent astra matutina.* [4] E porque louvam a Deus mais as da manhã que as da noite; ou as da manhã sim, e as

---

[1] *Math.*, XXIII, 5.
[2] *Joan.*, III. 20.
[3] *Genes.*, XXXII, 26.
[4] *Job.*, XXXVIII, 7.

da noite não? Porque as estrellas da manhã escondem-se aos olhos, as da noite manifestam-se, e brilham. As que se manifestam, são louvadas dos homens, as que se escondem, louvam a Deus: *Cum me laudarent astra matutina.*

III

Este foi o documento seguro. E qual é o perfeito? Obrar só para os olhos de Deus. E porque? Porque aquillo é o mais perfeito, que mais une ao homem com Deus: e Deus só dá os seus braços a quem busca só os seus olhos. Torne Jacob, já que o nosso theatro nos não dá logar de multiplicar figuras. Verdadeiramente é caso estupendo vêr a Deus abraçado com um homem, e quando Deus não era homem! Cresce o pasmo com saber que Jacob não era Hilarião, nem Macario. Era um homem leigo, e tão leigo que nenhum hoje o póde ser tanto por muitas circumstancias. Elle com boa licença de Rachel, de Lia, e das duas criadas não tinha voto de castidade. Elle não professava obediencia, porque era senhor independente de copiosa familia, não fallando na investidura do morgado universal. Elle não professava pobreza, porque os seus rebanhos de gados maiores e menores, que eram os thesouros daquelle tempo, não cabiam nos campos. Como logo mereceu Jacob uma união com Deus tão estreita, tão forte, e tão singular e inaudita? O mesmo Texto o diz: *Traductis omnibus, quæ ad se pertinebant, mansit solus: et ecce vir luctabatur cum eo usque mane.* [1] Jacob naquella occasião, passado da outra parte de um rio tudo o que levava comsigo, e todos os que o acompanhavam, elle só em um deserto, e de noite, se deixou ficar orando, onde, quando, e como só os olhos de Deus o podiam vêr. Onde, porque era um deserto: quando, porque era de noite: e como, porque estava só. De sorte, que não uma só vez, nem por um só modo, senão tres vezes, e por tres modos se retirou e escondeu Jacob dos olhos dos homens, para assim só, e mais só, e ainda

[1] *Genes.*, XXXII, 23 e 24.

mais só, buscar só os olhos de Deus. E se namorou tanto desta acção a divindade do Verbo, que não se podendo conter nem no céo, nem em si mesmo, como se anticipasse á Encarnação, se vestiu de homem, *ecce vir*, para se abraçar e unir fortissimamente com elle: *Luctabatur eum eo.* [1] Em fim, Deus feito homem antes de ser homem, só para se unir a um homem, que só buscava os olhos de Deus.

Senhores cortezãos da cabeça do mundo, isto não é só para os desertos, e para os anacoretas. Querer que as vossas obras sejam boas, e sejam vistas, é contradição manifesta nos olhos humanos; porque nos olhos humanos as boas obras, ou em quanto vistas não pódem ser boas, ou em quanto boas não pódem ser vistas. Ouvi um notavel segredo da razão de estado de Deus: *Homo videt ea, quæ parent, Deus autem intuetur cor:* [2] Para os olhos dos homens fez Deus as côres, e para os seus os corações. E porque reservou Deus só para si a vista e conhecimento do coração humano? Para que só Deus podesse vêr as obras boas. Os homens pódem vêr as obras: mas a bondade dellas, ainda que a tenham, não a pódem vêr; porque não vêem os corações. E como o coração é a fonte da bondade, onde as obras se baptizam e recebem o caracter de boas; daqui é que reservou Deus só para si a vista dos corações, para que o homem, ainda que quizesse, não podesse dirigir as suas obras boas a outros olhos que aos de Deus. Aos olhos de Deus sim, e só a elles, porque elles só as vêem; aos outros não, porque as não vêem. E que doidice verdadeiramente seria não consagrar as boas obras aos olhos de Deus, que só as vê, e sacrifical-as ao idolo dos olhos humanos, que as não pódem vêr?

A razão desta cegueira, os mesmos, que se deixam levar della, sendo tantos a não sabem, nem eu a sabia; mas a agudeza de Santo Agostinho a descobriu subtilissimamente. Argumentava Agostinho contra os idolatras, e dizia assim: *Simulacra gentium argentum, et aurum, oculos habent, et non videbunt.* O idolo tem olhos, mas não vê: o verdadeiro Deus vê

[1] *Gen.*, XXXII, 23, 24.
[2] *1.º Livro dos Reis*, XVI, 7.

tudo: como offereceis logo os vossos sacrificios ao idolo, que os não vê, e não a Deus, que vê? O mesmo argumento, e a mesma pergunta, faço eu aos idolatras da christandade. E' certo que estes idolatras o fim porque dedicam as suas boas obras aos olhos dos homens, é para que ellas, em quanto boas, lhes grangeem reputação e nome de bons; mas se a bondade dessas mesmas obras só a vêem os olhos de Deus, e os dos homens não, porque a não dedicaes aos olhos que a vêem, senão aos que a não pódem vêr? Só a perspicacia da mesma Aguia dos Doutores podia penetrar o segredo desta cegueira: *Oculos habent, et non videbunt:* Os olhos do idolo (diz Agostinho) ainda que não vêem, vê-os o idolatra; os olhos de Deus, ainda que vêem tudo, o idolatra não os vê: e é tal a propensão e inclinação humana a nos deixarmos levar só do que vêmos, que antes quer o idolatra dedicar os seus sacrificios aos olhos visiveis do idolo, porque elle os vê, ainda que elles o não vejam, do que aos olhos invisiveis de Deus, ainda que elles o vejam, porque elle os não vê. E daqui se colhe a dobrada perfeição dos que consagram as suas boas obras só aos olhos de Deus: porque as consagram visivelmente aos olhos que as vêem, e invisivelmente aos que elles não pódem vêr. E isto basta quanto ao documento perfeito.

IV

Segue-se o Heroico, com que somos chegados ao ultimo gráu e mais sublime desta materia. E agora vos peço um momento de attenção. O documento heroico, como prometti, é obrar por Deus, como se Deus não tivera olhos; não porque me vê, nem para que me veja, senão como se Deus me não vira. Notae a differença entre o servo fiel dos homens, e o servo fiel de Deus: o servo fiel dos homens, é o que serve a seu senhor, onde o mesmo senhor o não vê, como se o estivesse vendo; e o servo fiel de Deus, é o que serve a Deus, que sempre e necessariamente o está vendo, como se o não visse. Mas como póde ser isto, se Deus vê, e não póde deixar de vêr tudo? Direi. Um espirito heroico ha-de crêr e amar a Deus, mas não o ha-de amar como o crê. Ha-de crêl-o com todos seus

attributos, e ha-o de amar como se lhe faltasse algum. Isto não negando, mas abstrahindo. Os maiores mestres da Theologia ascetica dizem que se ha-de temer a justiça de Deus, como se não tivera misericordia, e que se ha-de esperar na misericordia de Deus, como se não tivesse justiça. Mas esta abstração não chega a ser sublimemente heroica. Não se ha-de ajudar o respeito de um attributo com a desattenção do outro, senão com a desattenção do mesmo: temer a Deus justo, como se não tivesse justiça: obedecer a Deus omnipotente, como se não tivesse omnipotencia: servir a Deus liberalissimo, como se não tivesse liberalidade: e ao nosso intento, temer, obedecer, servir, e amar a Deus, que tudo vê e sabe, como se não soubesse, nem visse. E qual é a razão? Divinamente S. Paulo: *Non ad oculum servientes, quasi hominibus placentes.* [1] Quem serve aos olhos, serve por agradar; e quem serve a Deus por agradar a Deus, já não obra heroicamente; porque no mesmo agradar busca o premio do servir: *Non ut placeam Deo, sed quia Deus placet*, diz S. Bernardo. Servir, não por agradar, mas por servir; amar, não por agradar, mas por amar: e por isso como se Deus não tivesse olhos: *Non ad oculum servientes.*

No tempo de David havia alguns impios tão impios, que negavam os olhos a Deus: *Dixerunt: Non videbit Dominus, nec intelliget Deus Jacob.* [2] E porque negavam estes os olhos a Deus? Para o offenderem com maior liberdade, diz o Propheta. Do mesmo modo. Assim como a malicia consummada nega os olhos a Deus para o offender com maior liberdade, assim a virtude heroica não ha-de attender aos olhos de Deus para o amar com maior fineza. Vêde todo o caso nos peiores homens da terra, e nos melhores anjos do céo. Os peiores homens da terra foram os algozes de Christo: e estes que fizeram? *Velaverunt eum, et percutiebant faciem ejus:* [3] Cobriram-lhe os olhos, e davam-lhe bofetadas. Os melhores anjos do céo são os Serafins: e que fizeram estes? *Velabant faciem ejus... et dicebant: Sanctus:* [4] Cobriam os olhos

[1] *Ad Ephes.*, VI, 6.
[2] *Psalm.* XCIII, 7.
[3] *Luc.*, XXII, 64.
[4] *Isai.*, VI, 2 e 3.

a Deus, e cantavam-lhe louvores. Pois como? Os peiores homens da terra cobrem os olhos a Christo, e os melhores anjos do céo cobrem os olhos a Deus? Sim. Aquelles para o offender e affrontar com maior liberdade: estes para o louvar e amar com maior fineza. Aquelles crendo que Christo os não via, que era o maior erro da fé: estes, como se Deus os não visse, que é o mais heroico do amôr. Da Magdalena disse Christo: *Quoniam dilexit multum:* [1] e amôr que parece muito a Deus, grande amôr é. Mas que teve de grande este amôr? Lagrimas, e de uma mulher? Muitos choram, e facilmente. Quebrar o alabastro? Os marmores se quebram por si mesmos na morte de Christo. O preço do unguento? Só na avareza de Judas foi grande preço. Enxugar os pés do Senhor com os cabellos? Mais faria, se os cortára. Onde está logo a grandeza daquelle acto? Onde está o muito daquelle *dilexit multum?* S. Pedro Chrysologo o observou agudamente em duas palavras do Texto: *Stans retro.* Tudo o que a Magdalena fazia, não era aos olhos, senão ás espaldas de Christo, *retro:* e neste modo de servir consistiu o muito do amar. O vêr e não vêr em Deus, só se póde verificar na Pessoa de Christo. Christo com os olhos da divindade via a Magdalena, mas com os olhos da humanidade não a via: e como ella chorava e ungia, servia e amava, não como Deus a via, senão como Deus a não via: *stans retro:* nella se verificou á lettra: Servir a Deus que nos vê, como se o mesmo Deus nos não visse. Por isso o seu amôr por bocca do mesmo Deus foi canonisado por heroico, que no conceito de Deus só o heroico é muito: *Stans retro: Dilexit multum.*

Animos grandes e generosos: não vos engane a grandeza de vossas obras, para as julgardes por heroicas. Por maiores e mais heroicas que vos pareçam, se forem feitas porque Deus as ha-de vêr, e não feitas como se Deus as não visse, é certo que ficarão abaixo deste supremo gráu, e não chegarão a merecer tal nome. A façanha ou fineza que viu e celebrou o mundo com nome de maior entre as maiores, foi o sacrificio de Abrahão. Mandou Deus a Abrahão que lhe sacrificasse o seu filho com expressão de

[1] *Luc.*, VII, 47.

todos aquelles motivos que faziam a novidade de tal acção, ardua, difficil, e quasi impossivel a um coração humano. E' possivel (dizia dentro de si o pai) que hei-de sacrificar o meu filho? O meu primogenito? o meu amado? O meu Isaac? Eu sou, e outra, e mil vezes eu, o que lhe hei-de metter o ferro pelas entranhas? Eu o que heide derramar o sangue que me sahiu das veias? Eu o que morto com estas mãos o hei-de pôr na fogueira? Eu o que com estes olhos o hei-de vêr arder? Mas em quanto o amôr paterno estava suspenso, e como irresoluto nesta terrivel consideração, vêde o pensamento com que se resolveu, e lhe deu animo, valor e coragem para executar valentemente o sacrificio! Quando Deus disse a Abrahão que lhe sacrificasse o filho, foi com estas palavras: *Vade in terram visionis, atque ibi offeres eum in holocaustum super unum montium, quem monstravero tibi.* [1] Vae á terra da vista (notae muito o *in terram visionis*), vae á terra da vista, e ahi sacrificarás o teu filho em um monte que eu te mostrarei. Se Deus me ha-de mostrar o monte (diz o pai) ahi ha-de estar Deus: se o monte ha-de ser na terra da vista, ahi me ha-de vêr. E é tão certo que foi este o pensamento de Abrahão, que elle deu por nome ao mesmo logar: *Dominus videt*, e ao mesmo monte: *Dominus videbit: Appellavit nomen loci illius, Dominus videt. Unde usque hodie dicitur: In monte Dominus videbit.* [2] De sorte que com certeza tres vezes repetidas conheceu Abrahão que naquella terra, naquelle logar, e naquelle monte, o havia de vêr Deus: naquella terra, *in terram visionis;* naquelle logar, *in loco Dominus videt;* naquelle monte, *in monte Dominus videbit:* e como Abrahão conheceu certamente que Deus o havia de vêr, e os olhos de Deus lhe haviam de fazer o theatro naquella grande acção, este foi o pensamento e o motivo com que se resolveu a sacrificar o filho. E que se infere daqui, conforme a verdade do nosso documento? Infere-se, que quantas foram as certezas que Abrahão teve de Deus o haver de vêr naquella acção, tantos degráus se abateu ella para não subir a ser perfeitamente heroica. Se fôra perfeitamente heroica,

---

[1] *Genes.*, XXII, 2.
[2] *Ibid.*, 14.

não havia de imaginar, nem attender Abrahão a que Deus o via; mas sacrificar o filho, degolal-o e queimal-o, como se Deus o não visse.

V

Tenho acabado, e não sei se persuadido o que prometti: e para que estes tres documentos sirvam a todos, a todos digo só tres palavras, conforme a generosidade de cada um. Vós, espiritos sublimes, que voaes ao mais alto, obrae como se Deus não tivera olhos, que isto é o heroico. Vós, almas que aspiraes á perfeição, obrae só para os olhos de Deus, que isto é o perfeito. E vós, os que vos contentaes com menos, guardae-vos de obrar coisa alguma para os olhos dos homens, que isto é o seguro. Nestes dias em que entramos, nos quaes se celebra a morte do Redemptor, lembrae-vos daquelle grande mysterio que observou Santo Epiphanio. Depois da morte se conhecem os verdadeiros amigos: e Christo depois da morte só se achou com José e Nicodemus. E porque razão, ou mysterio, com estes dois, e só com elles? Porque não só ambos eram discipulos do Senhor, senão ambos discipulos occultos. Os discipulos manifestos todos o deixaram e fugiram, *Omnes, relicto eo, fugerunt;* [1] só os discipulos occultos, na vida, na morte, e depois da morte foram fieis. Para que no mesmo sepulchro de Christo se sepultasse aquelle indigno epitaphio das obras humanas: *Nemo in occulto quid facit.*

[1] *Math.*, XXVI, 56.

SERMÃO

DA

Quinta Quarta Feira da Quaresma *

Prégado na Misericordia de Lisboa, no Anno de 1669

Vidit hominem cæcum. [1]

I

Um cego e muitos cegos: um cego curado e muitos cegos incuraveis: um cego que não tendo olhos viu, e muitos cegos que tendo olhos não viram, é a substancia resumida de todo este largo Evangelho. Deu Christo vista milagrosa em Jérusalem a um cego de seu nascimento: examinaram o caso os escribas e phariseus como coisa nunca vista, nem ouvida até áquelles tempos; convenceu-os o mesmo cego com argumentos, com razões, e muito mais com a evidencia do milagre. E quando elles haviam de reconhecer e adorar ao obrador de tamanha maravilha por verdadeiro Filho de Deus e Messias promettido (como fez o cego), cegos da inveja, obstinados na perfidia, e rebeldes contra a mesma Omnipotencia, negaram, blasphemaram e condemnaram a Christo. De maneira que a mesma luz manifesta da Divindade a um homem deu olhos, e aos outros deu nos olhos: para um foi luz, e para os outros foi raio: a um allumiou, aos outros feriu: a um sarou, aos outros adoeceu: ao cego fez vêr, e aos que tinham vista cegou. Não é a ponderação minha nem de alguma auctoridade humana, senão toda do mesmo Christo. Vendo o milagroso Senhor os effeitos tão

---

* Vasado todo este sermão no tropo Escriptural da cegueira physica, symbolo e significação do erro e da cegueira do espirito, não é elle menos pratico, engenhoso e erudito do que qualquer dos melhores de Vieira. A peroração, principalmente, é eloquentissima.

[1] *Joan.*, IX.

encontrados daquella sua maravilha concluiu assim: *Ego in hunc mundum veni, ut qui non vident videant: et qui vident, cæci fiant.* [1] Ora o caso é (diz Christo) que eu vim a este mundo para que os cegos vejam, e os que teem olhos ceguem. Não porque este fosse o fim de sua vinda, senão porque estes foram os effeitos della. Os cegos viram, porque o cego recebeu vista, e os que tinham olhos cegaram, porque os escribas e phariseus ficaram cegos.

Suppostas estas duas partes do Evangelho, deixando a primeira tratarei só da segunda. O homem que não tinha olhos e viu, já está remediado: os que teem olhos e não vêem, estes são os que hão mister o remedio, e com elles se empregará todo o meu discurso: *Vidit hominem cæcum:* Christo viu um homem cego, sem olhos: nós havemos de vêr muitos homens cegos com olhos. Christo viu um homem sem olhos, que não via, e logo viu: nós havemos de vêr muitos homens com olhos, que não vêem, e tambem poderão vêr se quizerem. Deus me é testemunha que fiz eleição deste assumpto para vêr se se póde curar hoje alguma cegueira. Bem conheço a fraqueza e a desproporção do instrumento, mas o mesmo com que Christo obrou o milagre, me anima a esta esperança. Inclinou-se o Senhor á terra, fez com a mão omnipotente um pouco de lodo, applicou-o aos olhos do cego, e quando parece que lh'os havia de escurecer e cegar mais com o lodo, com o lodo lh'os abriu e allumiou. Se Christo com lodo dá vista, que cego haverá tão cego, e que instrumento tão fraco e inhabil, que da efficacia e poderes de sua graça não possa esperar similhantes effeitos? Prostremo-nos (como fez o cego) a seus divinos pés, e peçamos para nossos olhos um raio da mesma luz, por intercessão da Mãi de misericordia, em cuja casa estamos. *Ave Maria.*

II

Vidit hominem cæcum. O cego que hoje viu Christo, padecia uma só cegueira: os cegos que nós havemos de vêr, sendo as suas cegueiras muitas, não as

[1] *Joan.*, IX, 39.

padecem, antes as gozam e amam: dellas vivem, dellas se alimentam, por ellas morrem e com ellas. Estas cegueiras irá descubrindo o nosso discurso. Assim o ajude Deus como elle é importante.

O maior desconcerto da natureza, ou a maior circumstancia de malicia, que Christo ponderou na cegueira dos escribas e phariseus (que será o triste exemplar da nossa) foi ser cegueira de homens que tinham os olhos abertos: *Ut videntes cæci fiant.* Os escribas e phariseus eram os sabios e lettrados da Lei, eram os que liam as Escripturas, eram os que interpretavam os Prophetas, e por isso mesmo eram mais obrigados que todos a conhecer o Messias, e nunca tão obrigados como no caso presente. Isaias no Capitulo trinta e dois, fallando da divindade do Messias, e de sua vinda ao mundo, diz assim: (oiçam este Texto os incredulos) *Deus ipse veniet, et salvabit vos. Tunc aperientur oculi cæcorum.* [1] Virá Deus em Pessoa a salvar-vos; e em signal de sua vinda, e prova de sua divindade, dará vista a cegos. O mesmo tinha já dito no Capitulo vinte e nove: *De tenebris, et caligine oculi cæcorum videbunt.* [2] E o mesmo tornou a dizer no Capitulo quarenta e dois: *Dedi te in fœdus populi, in lucem gentium, ut aperires oculos cæcorum.* [3] Por isso quando o Baptista mandou perguntar a Christo se era elle o Messias: *Tu es, qui venturus es, an alium expectamus?* [4] Querendo o Senhor antes responder com obras que com palavras, o primeiro milagre que obrou diante dos que trouxeram a embaixada, foi dar vista a cegos: *Renuntiate Joanni quæ audistis, et vidistis: cæci vident.* Pois se o primeiro e mais evidente signal da vinda do Messias é a primeira e mais evidente prova de sua divindade e omnipotencia, era dar vista a cegos; e se entre todos os cegos a que Christo deu vista, nenhum era mais cego que este, e nenhuma vista mais milagrosa, por ser cego de seu nascimento, e a vista não restituida, senão creada de novo, como se allucinaram tanto os escribas e phariseus, que vendo o milagre, não viam nem conhe-

---

[1] *Isai.*, XXXV, 4 e 5.
[2] *Ibid.*, XXIX, 18.
[3] *Ibid.*, XLII, 6 e 7.
[4] *Math.*, XI, 3.

ciam o milagroso? Aqui vereis qual era a cegueira destes homens. A cegueira que cega cerrando os olhos, não é a maior cegueira; a que cega deixando os olhos abertos, essa é a mais cega de todas: e tal era a dos escribas e phariseus. Homens com os olhos abertos e cegos. Com olhos abertos, porque, como lettrados, liam as Escripturas e entendiam os Prophetas; e cegos, porque vendo cumpridas as prophecias, não viam nem conheciam o prophetisado.

Um destes lettrados cegos era Saulo antes de ser Paulo, e vêde como lhe mostrou o céo qual era a sua cegueira. Ia Saulo caminhando para Damasco, armado de provisões e de ira contra os discipulos de Christo, quando, ao entrar já da cidade, eis que, fulminado da mão do mesmo Senhor, cáe do cavallo em terra, assombrado, attonito e subitamente cego. Mas qual foi o modo desta cegueira? *Apertis oculis* (diz o Texto) *nihil videbat.* [1] Com os olhos abertos nenhuma coisa via. A cidade, os muros, as torres, a estrada, os campos, os companheiros á vista, e Saulo com os olhos abertos sem vêr nenhuma coisa destas, nem se vêr a si! Aqui esteve o maravilhoso da cegueira. Se o raio lhe tirára os olhos ou lh'os fechára, não era maravilha que não visse: mas não vêr nada estando com os olhos abertos: *Apertis oculis nihil videbat.* Tal era a cegueira de Saulo, quando perseguia a Christo, tal a dos escribas e phariseus, quando o não criam, e tal a nossa (que é mais) depois de o crêrmos. Muito mais maravilhosa é esta nossa cegueira, que a mesma vista do cego do Evangelho. Aquelle cego, quando não tinha olhos não via, depois que teve olhos, viu: nós temos olhos, e não vêmos. Naquelle cego houve cegueira e vista, mas em diversos tempos; em nós no mesmo tempo está junta a vista com a cegueira, porque somos cegos com os olhos abertos, e por isso mais cegos que todos.

Se lançarmos os olhos por todo o mundo, acharemos que todo ou quasi todo é habitado de gente cega. O gentio cego, o judeu cego, o herege cego, e o catholico (que não devêra ser) tambem cego. Mas de todos estes cegos, quaes vos parece que são os mais cegos? Não ha duvida que nós os catholicos. Porque

[1] *Act.*, IX, 8.

os outros são cegos com os olhos fechados, nós somos cegos com os olhos abertos. Que o gentio corra sem freio apoz os appetites da carne: que o gentio siga as leis depravadas da natureza corrupta, cegueira é; mas cegueira de olhos fechados: não lhe abriu a fé os olhos. Porém o christão, que tem fé, que conhece que ha Deus, que ha céo, que ha inferno, que ha eternidade, e que viva como gentio? E' cegueira de olhos abertos, e por isso mais cego que o mesmo gentio. Que o judeu tenha por escandalo a cruz, e por não confessar que crucificou a Deus, não queira adorar a um Deus crucificado? Cegueira é manifesta; mas cegueira de olhos fechados. Por isso mordidos das serpentes no deserto, só saravam os que viam a serpente de Moysés exaltada, e os que não tinham olhos para a vêr, não saravam. [1] Porém que o christão (como chorava S. Paulo) seja inimigo da cruz: [2] e que adorando as chagas do Crucificado, não sare das suas? E' cegueira de olhos abertos, e por isso mais cego que o mesmo judeu. Que o hereje sendo baptisado, e chamando-se christão, se não conforme com a lei de Christo, e despreze a observancia de seus mandamentos? Cegueira é, mas cegueira tambem de olhos fechados. Crê erradamente que basta para a salvação o sangue de Christo, e que não são necessarias obras proprias. Porém o catholico, que crê e conhece evidentemente pelo lume da fé e da razão, que fé sem obras é morta, e que sem obrar e viver bem, ninguem se póde salvar; que viva nos costumes como Luthero e Calvino? E' cegueira de olhos abertos, e por isso mais cego que o mesmo herege. Logo nós somos mais cegos que todos os cegos.

E se a alguem parecer que me alargo muito em dizer que a nossa cegueira dos catholicos é maior que a do herege, e a do judeu, e a do gentio: que seria se eu dissesse que entre todas as cegueiras, só a nossa é a cegueira, e que entre todos esses cegos só nós somos os cegos? Pois assim o digo, e assim é, para maior horror e confusão nossa. Ouvi ao mesmo Deus por bocca de Isaias: *Quis cæcus, nisi servus meus? Quis cæcus, nisi qui venundatus est? Quis cæcus, nisi*

---

[1] *Num.*, XXI, 8.
[2] *Phil.*, III, 18.

servus Domini? [1] Falla Deus com o povo de Israël, o qual naquelle tempo (como nós hoje) era o que só tinha a verdadeira fé; e diz não uma, senão tres vezes, que só elle entre todas as nações do mundo era o cego. Não reparo no *cego*, senão no *só*. Que fosse cego aquelle povo no tempo de Isaias, elle e todos os outros Prophetas o lamentam; porque devendo servir e adorar ao verdadeiro Deus, serviam e adoravam aos idolos. Mas dessa mesma cegueira, e dessa mesma idolatria, se segue que não eram só os Hebreus os cegos, senão tambem todas as nações daquelle tempo, e daquelle mundo. Cegos e idolatras eram no mesmo tempo os Assyrios; [2] cegos e idolatras os Babylonios, cegos e idolatras os Egypcios, os Ethiopes, os Moabitas, os Idumeos, os Arabes, os Tyrios, contra os quaes todos prophetisou e denunciou castigos o mesmo Isaias, em pena de sua idolatria. Pois se a idolatria era a cegueira; e não só os Hebreus, senão todas as nações de que estavam cercados, e tambem as mais remotas, eram idolatras; como diz Deus, que só o povo de Israël é o cego: *Quis cæcus, Quis cæcus, Quis cæcus, nisi servus Domini?* Todos os outros são cegos, e só o povo de Israël é o cego? Sim. Porque todos os outros povos eram cegos com os olhos fechados: só o povo de Israël era cego com os olhos abertos. O mesmo propheta o disse: *Populum cæcum, et oculos habentem:* [3] Povo cego e com olhos. Os outros povos adoravam os idolos e os deuses falsos, porque não tinham conhecimento do Deus verdadeiro; e isso mais era ignorancia que cegueira. Porém o povo de Israël era o que só tinha fé e conhecimento do verdadeiro Deus: *Notus in Judæa Deus.* [4] E que um povo com fé e conhecimento do Deus verdadeiro, adorasse os deuses falsos? Isso nelle não era nem podia ser ignorancia, senão mera cegueira, e por isso só elle o cego: *Quis cæcus, nisi servus Domini?* Deixae-me agora fazer a mesma pergunta, ou as mesmas tres perguntas ao nosso mundo e ao nosso tempo: *Quis cæcus?* Quem é hoje o cego? O gentio? Não. *Quis*

[1] *Isai.*, XLII, 19.
[2] *Ibid.*, X, 15, 17, 19, 21, 22 e 23.
[3] *Ibid.*, XLIII, 8.
[4] *Psal.*, LXXV, 1.

cæcus? Quem é hoje o cego? O judeu? Não. *Quis cæcus?* Quem é hoje o cego? O herege? Não. Pois quem é hoje este cego que só merece o nome de cego? Triste e temerosa coisa é que se diga, mas é forçosa consequencia dizer-se, que somos nós os catholicos. Porque o gentio, o judeu, e o herege, são cegos sem fé, e com os olhos fechados; e só nós os catholicos somos cegos com a verdadeira fé, e com os olhos abertos: *Populum cæcum, et oculos habentem.* Grande miseria e confusão para todos os que dentro do gremio da Igreja professamos a unica e verdadeira Religião Catholica, e para nós os portuguezes (se bem olharmos para nós) ainda maior.

No Psalmo cento e treze, zomba David dos idolos da gentilidade; e uma das coisas de que principalmente os moteja, é que teem olhos e não vêem: *Oculos habent, et non videbunt.* [1] Bem pudéra dizer que não tinham olhos; porque olhos abertos em pedra, ou fundidos em metal, ou coloridos em pintura, verdadeiramente não são olhos. Tambem pudéra dizer, e mais brevemente, que eram cegos. Mas disse com maior ponderação e energia, que tinham olhos e não viam: porque o encarecimento de uma grande cegueira, não consiste em não ter olhos, ou em não vêr; senão em não vêr, tendo olhos: *Oculus habent, et non vidébunt.* Depois disto volta-se o Propheta com a mesma galanteria contra os fabricadores e adoradores dos ditos idolos, e a benção que lhes deita, ou a maldição que lhes roga, é que sejam similhantes a elles, os que os fazem: *Similes illis fiant, qui faciunt ea.* Porque assim como a maior benção que se póde desejar aos que adoram o verdadeiro Deus, é serem similhantes ao Deus que os fez, assim a maior praga e maldição que se póde rogar aos que adoram os deuses falsos, é serem similhantes aos deuses que elles fazem: *Similes illis fiant, qui faciunt ea.* Agora dizei-me: E não seria muito maior desgraça; não seria miseria, e semrazão nunca imaginada, se esta mesma maldição cahisse, não já sobre os adoradores dos idolos, senão sobre os que crêem e adoram o verdadeiro Deus? Pois isso é o que com effeito nos tem succedido. Que coisa são pela maior parte hoje os christãos, senão umas esta-

[1] *Psalm.*, CXIII, 5.

tuas mortas do christianismo, e umas similhanças vivas dos idolos da gentilidade, com os olhos abertos e cegos: *Oculos habent, et non videbunt?* Miseria é grande, que sejam similhantes aos idolos, os que os fazem; mas muito maior miseria é, e muito mais estranha, que sejam similhantes aos idolos, os que os desfazem: e estes somos nós. Estes somos nós (torno a dizer) por christãos, por catholicos, e muito particularmente por portuguezes. Para que fez Deus Portugal, e para que levantou no mundo esta monarchia, senão para desfazer idolos, para converter idolatras, para desterrar idolatrias? Assim o fizemos, e fazemos, com gloria singular do nome christão nas Asias, nas Africas, nas Americas. Mas como se os mesmos idolos se vingaram de nós, nós derrubamos as suas estatuas, e elles pegaram-nos as suas cegueiras. Cegos e com olhos abertos, como idolos: *Oculos habent, et non videbunt.* Cegos e com olhos abertos, como o povo de Israël: *Populum cæcum, et oculos habentem.* Cegos e com olhos abertos, como Saulo: *Apertis oculis nihil videbat.* E cegos, finalmente, e com os olhos abertos, como os escribas e phariseus: *Ut videntes cæci fiant.*

III

Está dito em commum o que basta: agora para maior distinção e clareza, desçamos ao particular. Esta mesma cegueira de olhos abertos divide-se em tres especies de cegueira, ou, fallando medicamente, em cegueira da primeira, da segunda, e da terceira especie. A primeira é de cegos que vêem e não vêem juntamente: a segunda de cegos que vêem uma coisa por outra: a terceira de cegos que vendo o demais, só a sua cegueira não vêem. Todas estas cegueiras se acharam hoje nos escribas e phariseus: e todas (por egual ou maior desgraça nossa) se acham tambem em nós. Vamos discorrendo por cada uma, e veremos no nosso vêr muita coisa que não vêmos.

Começando pela cegueira da primeira especie, digo que os olhos abertos dos escribas e phariseus, eram olhos que juntamente viam e não viam. E porque? Não, porque vendo o milagre, não viam o milagroso, como já dissemos: mas porque vendo o milagre, não

viam o milagre, e vendo o milagroso, não viam o milagroso. O milagre viam-no nos olhos do cego, o milagroso viam-no em sua propria Pessoa, e muito mais nas suas obras (que é o mais certo modo de vêr) e comtudo, nem viam o milagre, nem viam o milagroso. O milagre, porque o não queriam vêr; o milagroso, porque o não podiam vêr. Bem sei que vêr e não vêr, implica contradição; mas a cegueira dos escribas e phariseus era tão grande, que podiam caber nella ambas as partes desta contradictoria. Os philosophos dizem que uma contradictoria não cabe na esphera dos possiveis, eu digo que cabe na esphera dos olhos. Não me atrevêra a o dizer se não fôra proposição expressa da Primeira e Summa Verdade. Assim o disse Christo, fallando destes mesmos homens, no Capitulo quarto de S. Marcos: *Ut videntes videant, et non videant.* Para que vendo, vejam e não vejam. Agora esperaveis que eu sahisse com grandes espantos. Se viam, como não viam?! E se não viam, como viam?! Difficultar sobre tal auctoridade, seria irreverencia. Christo o diz, e isso basta. Eu porém não me quero escusar por isso de dar a razão deste que parece impossivel. Mas antes que lá cheguemos, vejamos esta mesma implicação, de vêr e não vêr, praticada em dois casos famosos, ambos da Historia Sagrada.

Estando el-rei de Syria em campanha [1] sobre o reino de Israël, experimentou por muitas vezes, que quanto deliberava no seu exercito, se sabia no do inimigo. E imaginando ao principio que devia de haver no seu conselho alguma espia comprada, que fazia estes avisos, soube dos capitães e dos soldados mais praticos daquella terra, que o propheta Eliseu era o que revelava e descobria tudo ao seu rei. Oh se os reis tiveram a seu lado prophetas! Achava-se neste tempo Eliseu na cidade de Dothan: resolve o rei mandal-o tomar dentro nella por uma entrepreza: e marchando a cavallaria secretamente em uma madrugada, eis que sáe o mesmo Eliseu a encontrar-se com elles: diz-lhes que não era aquelle o caminho de Dothan; leva-os á cidade fortissima de Samaria, mette-os dentro dos muros; fecham-se as portas; e ficaram todos tomados e

[1] *4.º Livro dos Reis*, VI, 13.

perdidos. E' certo que estes soldados de el-rei de Syria, conheciam muito bem a cidade de Dothan, e a de Samaria, e as estradas que iam a uma e a outra, e muitos delles ao mesmo propheta Eliseu. Pois se conheciam tudo isto, e viam as cidades e os caminhos, e ao mesmo propheta, como se deixaram levar onde não pretendiam ir? Como não prenderam a Eliseu quando se lhes veiu metter nas mãos? E como consentiram que elle os mettesse dentro dos muros, e debaixo das espadas de seus inimigos? Diz o Texto sagrado, que toda esta comedia foi effeito da oração de Eliseu, o qual pediu a Deus que cegasse aquella gente: *Percute, oro, gentem hanc cæcitate.* [1] E foi a cegueira tão nova, tão extraordinaria, e tão maravilhosa, que juntamente viam e não viam. Viam a Eliseu, e não viam a Eliseu: viam a Samaria, e não viam a Samaria: viam os caminhos, e não viam os caminhos: viam tudo, e nada viam. Póde haver cegueira mais implicada, e mais cega, e de homens com os olhos abertos? Tal foi por vontade de Deus a daquelles barbaros, e tal é contra a vontade de Deus a nossa, sendo christãos. Eliseu quer dizer saude de Deus: Samaria quer dizer carcere e diamante. E que é a saude de Deus, senão a salvação? Que é o carcere de diamante, senão o inferno? Pois assim como os Assyrios indo buscar a Eliseu se acharam em Samaria, assim nós buscando a salvação, nos achamos no inferno. E se buscarmos a razão deste erro e desta cegueira, é porque elles e nós, vêmos e não vêmos. Não vês, christão, que este é o caminho do inferno? Sim. Não vês que este outro é o caminho da salvação? Sim. Pois como vaes buscar a salvação pelo caminho do inferno? Porque vêmos os caminhos, e não vêmos os caminhos: vêmos onde vão parar, e não vêmos onde. Tanta é com os olhos abertos a nossa cegueira! *Percute gentem hanc cæcitate.*

Segundo caso, e maior. Mandou Deus dois anjos á cidade de Sodoma, para que salvassem a Loth, e abrazassem a seus habitadores: e eram elles tão merecedores do fogo, que lhes foi necessario aos mesmos anjos defenderem a casa onde se tinham recolhido. Mas como a defenderam? Diz o Texto sagrado, que o

[1] *Liv. 4.º dos Reis*, VI, 18.

modo que tomaram para defender a casa, foi cegarem toda aquella gente desde o maior até o mais pequeno: *Percusserunt eos cæcitate á maximo usque ad minorem.* [1] Quando eu li que os anjos cegaram a todos, cuidei que lhes fecharam os olhos, e que ficaram totalmente cegos, e sem vista. E que a razão de cegarem não só os homens, senão tambem os meninos, fôra porque os meninos não podessem guiar os homens. Mas não foi assim. Ficaram todos com os seus olhos abertos e inteiros como dantes. Viam a cidade, viam as ruas, viam as casas; e só com a casa, e com a porta de Loth (que era o que buscavam) nenhum delles atinava. Buscavam na cidade a rua de Loth, viam a rua, e não atinavam com a rua: buscavam na rua a casa de Loth, viam a casa, e não atinavam com a casa: buscavam na casa a porta de Loth, viam a porta, e não atinavam com a porta: *Ita ut ostium invenire non possent*, diz o Texto. E para que cesse a admiração de um caso tão prodigioso, isto que fizeram naquelles olhos os anjos bons, fazem nos nossos os anjos máus. Estamos na Quaresma, tempo de rigor e penitencia; e sendo que a penitencia é a rua estreita por onde se vae para o céo: *Arcta via est, quæ ducit ad vitam*, [2] vêmos a rua, e não atinamos com a rua. Entramos e frequentamos agora mais as igrejas; pômos os pés por cima dessas sepulturas; e sendo que a sepultura é a casa onde havemos de morar para sempre: *Sepulchra eorum domus illorum in æternum*, [3] vêmos a casa, e não atinamos com a casa. Sóbem os prégadores ao pulpito, põem-nos diante dos olhos tantas vezes a lei de Deus, esquecida e desprezada; e sendo que a lei de Deus é a porta por onde só se póde entrar á bemaventurança: *Hæc porta Domini, justi intrabunt in eam:* [4] vêmos a porta, e não atinamos com a porta: *Ita ut ostium invenire non possent.*

Paremos a esta porta ainda das telhas abaixo. Andam os homens cruzando as côrtes, revolvendo os reinos, dando voltas ao mundo: cada um em demanda das suas pretenções, cada um para se introduzir ao

---

[1] *Gen.*, XIX, 11.
[2] *Math.*, VII, 14.
[3] *Psal.*, XLVIII, 12.
[4] *Ibid.*, CXVII, 20.

fim dos seus desejos; todos aos encontrões uns sobre os outros; os olhos abertos, a porta á vista, e ninguem atina com a porta. Andaes buscando a honra com olhos de lynce; e sendo que para a verdadeira honra não ha mais que uma porta (que é a virtude) ninguem atina com a porta. Andaes-vos desvelando pela riqueza com mais olhos que um Argos; e sendo que a porta certa da riqueza não é acrescentar fazenda, senão diminuir cubiça, ninguem atina com a porta. Andaes-vos matando por achar a boa vida; e sendo que a porta direita por onde se entra á boa vida, é fazer boa vida, ninguem atina com a porta. Andaes-vos cançando por achar o descanço; e sendo que não ha, nem póde haver outra porta para o verdadeiro e seguro descanço, senão accommodar com o estado presente, e conformar com o que Deus é servido, não ha quem atine com a porta. Ha tal desatino! Ha tal cegueira! Mas ninguem vê o mesmo que está vendo: porque todos, desde o maior ao menor, somos como aquelles cegos: *Percusserunt eos cæcitate á maximo usque ad minorem.*

Sobre estes dois exemplos tão notaveis, entre agora a razão, porque estaes esperando. Que seja possivel vêr e não vêr juntamente, já o tendes visto. Direis que sim, mas por milagre. Eu digo que tambem sem milagre, e muito facil e naturalmente. [1] Não vos tem acontecido alguma vez ter os olhos postos e fixos em uma parte, e porque no mesmo tempo estaes com o pensamento divertido, ou na conversação, ou em algum cuidado, não dar fé das mesmas coisas que estaes vendo? Pois esse é o modo e a razão porque naturalmente, e sem milagre, podemos vêr e não vêr juntamente. Vêmos as coisas, porque as vêmos: e não vêmos essas mesmas coisas, porque as vêmos divertidos.

Iam para Emmaüs os dois discipulos, praticando com grande tristeza na morte de seu Mestre, e foi coisa maravilhosa que apparecendo-lhes o mesmo Christo, e indo caminhando e conversando com elles, não o conhecessem. Alguns quizeram dizer que a razão deste engano ou desta cegueira, foi porque o Senhor mudára as feições do rosto, e ainda a voz ou tom da falla.

[1] *Arist. Polit.*, 10.

Mas esta exposição (como bem notou Santo Agostinho) é contra a propriedade do Texto, o qual diz expressamente, que o engano não foi da parte do objecto, senão da potencia; não da parte do visto, senão da vista: *Oculi illorum tenebantur, ne eum agnoscerent.* [1] Como é possivel logo, que não conhecessem a quem tão bem conheciam, e que não vissem a quem estavam vendo? Na palavra *tenebantur* está a solução da duvida. Diz o Evangelista que não conheceram os discipulos ao mesmo Senhor que estavam vendo, porque tinham os olhos presos. Isto quer dizer *tenebantur*. E da mesma phrase usa o Evangelista, fallando da prisão de Christo: *Ipse est, tenete eum. Tenuerunt eum. Non me tenuistis.* [2] Mas se os olhos estavam presos, como viam? E se viam como estavam presos? Não estavam presos pela parte da vista: estavam presos pela parte da advertencia. Iam os Discipulos divertidos na sua pratica, e muito mais divertidos na sua tristeza: *Qui sunt hi sermones, quos confertis ad invicem, et estis tristes?* [3] E esta diversão do pensamento, era a que lhes prendia a advertencia dos olhos. Como tinham livre a vista, viam a Christo: como tinham preza a advertencia, não conheciam que era elle. E desta maneira estando os olhos dos discipulos juntamente livres e presos, vinham a ser um composto de vista e de cegueira: de vista, com que viam; e de cegueira, com que não viam. Vêde a força que tem o pensamento para a diversão da vista! Os olhos estavam no caminho com Christo vivo, o pensamento estava na sepultura com Christo morto: e póde tanto a força do pensamento, que o mesmo Christo ausente, em que cuidavam, os divertia do mesmo Christo presente, que estavam vendo. Tanto vae de vêr com attenção e advertencia, ou vêr com desattenção e divertimento!

Por isso Jeremias bradava: *Attendite, et videte.* [4] Attendei, e vêde. Não só pede o propheta vista, mas vista e attenção, e primeiro a attenção que a vista: porque vêr sem attenção, é vêr e não vêr. Ainda é

[1] *S. Agost.* n.º 16.
[2] *Math.*, XXVI, 48, 50 e 55.
[3] *Luc.*, XXV, 17.
[4] *Jer. Thren.*, I, 12.

mais proprio este vêr e não vêr, do que o modo com que viam e não viam aquelles cegos tão cegos nos dois casos milagrosos que referimos. Elles não viam o que viam; porque lhes confundiu Deus as especies. Nós sem confusão nem variedade das especies, não vêmos o que vêmos, só por desattenção e divertimento da vista. Agora entendereis a energia mysteriosa e discreta com que o propheta Isaias nos manda olhar para vêr: *Intuemini ad videndum.* [1] Quem ha que olhe senão para vêr? E quem ha que veja senão olhando? Porque diz logo o propheta, como se nos inculcára um documento particular: *Intuemini ad videndum:* olhae para vêr? Porque assim como ha muitos que olham para cegar, que são os que olham sem tento; assim ha muitos que vêem sem olhar, porque vêem sem attenção. Não basta vêr para vêr, é necessario olhar para o que se vê. Não vêmos as coisas que vêmos; porque não olhamos para ellas. Vêmol-as sem advertencia, e sem attenção, e a mesma desattenção é a cegueira da vista. Divertem-nos a attenção os pensamentos; suspendem-nos a attenção os cuidados; prendem-nos a attenção os desejos; roubam-nos a attenção os affectos; e por isso vendo a vaidade do mundo, imos após ella, como se fôra muito solida: vendo o engano da esperança, confiamos nella como se fôra muito certa: vendo a fragilidade da vida, fundamos sobre ella castellos, como se fôra muito firme: vendo a inconstancia da fortuna, seguimos suas promessas, como se foram muito seguras: vendo a mentira de todas as coisas humanas, crêmos nellas como se foram muito verdadeiras. E que seria se os affectos que nos divertem a attenção da vista, fossem da casta daquelles que tanto divertiram e perturbaram hoje a dos escribas e phariseus? Divertia-os o odio; divertia-os a inveja; divertia-os a ambição; divertia-os o interesse; divertia-os a soberba; divertia-os a auctoridade e ostentação propria: e como estava a attenção tão divertida, tão embaraçada, tão perturbada, tão presa, por isso não viam o que estavam vendo: *Ut videntes cæci fiant.*

---

[1] *Isai.*, XLII, 18.

IV

A cegueira da segunda especie, ou a segunda especie da cegueira dos escribas e phariseus, era serem taes os seus olhos, que não viam as coisas ás direitas, senão ás avessas: não viam as coisas como eram, senão como não eram. Viam os olhos milagrosos, e diziam que era engano: viam a virtude sobrenatural, e diziam que era peccado: viam uma obra que só podia ser do braço de Deus, e diziam que não era de Deus, senão contra Deus: *Non est hic homo á Deo.* [1] De maneira que não só não viam as coisas como eram, mas viam-nas como não eram: e por isso muito mais cegos, que se totalmente as não viram.

Na cidade de Bethsaida, curou Christo outro cego como este de Jérusalem; mas não o curou pelo mesmo modo: porque as mesmas enfermidades, quando os sujeitos não são os mesmos, muitas vezes requerem diversa cura. Poz o Senhor a mão nos olhos a este cego, e perguntou-lhe se via? Olhou elle, e disse: *Video homines, velut arbores ambulantes.* [2] Senhor, vejo os homens como umas arvores que andam de uma parte para outra. Torna Christo a applicar-lhe outra vez a mão, e diz o Texto, que desta segunda vez começou o homem a vêr: *Iterum imposuit manus super oculos ejus, et cœpit videre.* Neste *cœpit videre* reparo, e é muito para reparar. Este homem é certo que começou a vêr da primeira vez que Christo lhe pôz a mão nos olhos, porque até alli não via nada, e então começou a vêr os homens como arvores. Pois se o cego da primeira vez começou a vêr os homens como arvores, como diz o Evangelista, que não começou a vêr senão da segunda vez: *Iterum imposuit manus super oculos ejus, e cœpit videre?* Porque da primeira vez via as coisas como não eram: da segunda vez já as via como eram: da primeira vez via os homens como arvores: da segunda vez via as arvores como arvores, e os homens como homens. E vêr as coisas como são, isso é vêr: mas vêl-as como não são, não é vêr, é estar cego.

---

[1] *Joan.*, IX, 16.
[2] *Marc.*, VIII, 24.

Sim. Mas se este homem estava cego quando não via nada; e se estava tambem cego quando via as coisas como não eram; quando estava mais cego, quando as via, ou quando as não via? Quando as via estava muito mais cego, porque quando não via nada, tinha privação da vista: quando via as coisas ás avessas, tinha erro na vista: e muito maior cegueira é o erro que a privação. A privação era um defeito innocente, que não mentia nem enganava: o erro era uma mentira com apparencia de verdade, era um engano com representação de certeza, era um falso testemunho com assignado de vista. E senão vamos ao caso. E' philosophia bem fundada de Philo Hebreu, que os olhos não só vêem a côr, senão a côr, a figura, e o movimento: e em todas estas tres coisas errou a primeira vista daquelle homem, representando-lhe os homens como arvores. Errou na côr; porque as arvores são verdes, e os homens cada um é da côr do seu rosto, e do seu vestido. Errou na figura; porque as arvores teem um pé, e os homens dois; os homens teem dois braços, e as arvores muitos. Errou no movimento; porque os homens movem-se progressivamente, e mudam logares, e as arvores estão sempre firmes, e se se movem com o vento, não mudam logar. Eis aqui quantos erros, quantos enganos, e quantas cegueiras se envolviam naquella primeira vista. Por isso o Evangelista disse que quando o cego via desta maneira, ainda não tinha começado a vêr, porque vêr umas coisas por outras, não é vista, é cegueira, e mais que cegueira.

Os mais cegos homens que houve no mundo foram os primeiros homens. Disse-lhes Deus, não por terceira pessoa, senão por si mesmo, e não por enygmas ou metaphoras, senão por palavras expressas, que aquella fructa da arvore que lhes prohibia era venenosa; e que no mesmo dia em que a comessem haviam de perder a immortalidade em que foram creados, não só para si, senão para todos seus filhos e descendentes; e comtudo comeram. Ha homem tão cego que coma o veneno conhecido, como veneno, para se matar? Ha homem tão cego que dê o veneno conhecido, como veneno, a seus filhos, para os vêr morrer diante de seus olhos? Tal foi a cegueira dos primeiros homens, e não cegueira de olhos meio abertos como a daquelle cego, senão de olhos totalmente aber-

tos, porque tudo isto viam muito mais clara, e muito mais evidentemente, do que nós o vemos e admiramos. Pois como cahiram em uma cegueira tão estranha; como foram, ou como puderam ser tão cegos? Não foram cegos, porque não viram que tudo viam; mas foram cegos porque viram uma coisa por outra. O mesmo Texto o diz: *Vidit mulier, quód bonum esset lignum ad vescendum.* [1] Viu a mulher que aquella fructa era boa para comer. Mulher cega, e cega quando viste, e porque viste, vê o que vês, e não vejas o que não vês. Assim havia de ser. Mas Eva com os olhos abertos estava tão cega, que não via o que via, e via o que não via. A fructa vedada era má para comer, e boa para não comer. Má para comer, porque comida era veneno, e morte: boa para não comer, porque não comida, era vida e immortalidade. Pois se a fructa só para não comer era boa, e para comer não era boa, senão muito má, como viu Eva que era boa para comer: *Vidit, quód bonum esset ad vescendum?* Porque era tão cega a sua vista, ou tão errada a sua cegueira, que olhando para a mesma fructa não via o que era, e via o que não era. Não via que era má para comer, sendo má; e via que era boa para comer, não sendo boa: *Vidit, quód bonum esset.*

Esta foi a cegueira de Eva, e esta é a dos filhos de Eva: *Væ qui dicitis malum bonum, et bonum malum.* [2] Andam equivocados dentro em nós o mal com o bem, e o bem com o mal: não por falta de olhos, mas por erro e engano da vista. No Paraiso havia uma só arvore vedada, no mundo ha infinitas. Tudo o que véda a Lei natural, a divina, e as humanas, tudo o que prohibe a razão e condemna a experiencia, são arvores e fructas vedadas. E é tal o engano e illusão da nossa vista, equivocada nas côres com que se disfarça o veneno, que em vez de vêrmos o mal certo, para o fugir, vêmos o bem que não ha, para o appetecer: *Vidit, quód bonum esset.* Daqui nasce como da vista de Eva, a ruina original do mundo, não só nas consciencias e almas particulares, mas muito mais no commum dos estados e das republicas. Cahiu a mais

[1] *Gen.*, III, 6.
[2] *Isai.*, V, 20.

florente e bem fundada republica que houve no mundo, qual era antigamente a dos hebreus, fundada, governada, assistida, defendida pelo mesmo Deus. Qual vos parece que foi a origem, ou causa principal de sua ruina? Não foi outra senão a cegueira dos que tinham por officio ser olhos da republica. E não porque fossem olhos de tal maneira cegos que não vissem, mas porque viam trocadamente uma coisa por outra, e em vez de verem o que era, viam o que não era. Assim o lamentou o propheta Jeremias nas lagrimas que chorou em tempo do captiveiro de Babylonia sobre a destruição e ruina de Jérusalem: *Prophetæ tui viderunt tibi falsa.* [1]

Os olhos daquella republica, que não só tinham por officio vêr o presente, senão tambem o futuro, eram os prophetas, que por isso se chamavam *Videntes*. E diz Jeremias á enganada e já desenganada Jérusalem, que os seus prophetas lhe viam as coisas falsas: *Prophetæ tui viderunt tibi falsa.* Notae muito a palavra *viderunt*. Se dissera que prophetisavam ou prégavam ou aconselhavam, ou, finalmente, diziam coisas falsas, bem estava: mas dizer que as viam: *Viderunt tibi?* Se as coisas eram falsas, não eram; e se não eram, como as viam? Porque essa era a cegueira dos olhos da triste republica. Olhos que não viam o que era, e viam o que não era, nem havia de ser. Os prophetas verdadeiros viam o que era: os prophetas falsos viam o que não era: e porque a cega republica se deixou governar por estes olhos, por isso se perdeu. Jeremias, propheta verdadeiro, dizia, que se sujeitassem a Nabuchodonosor, porque se assim o não fizessem, havia de tornar segunda vez sobre Jérusalem, e destruil-a de todo. [2] Pelo contrario Hananias, propheta falso, prégava e promettia que Nabuco não havia de tornar, antes havia de restituir os vasos sagrados do Templo que tinha saqueado. E porque estes oraculos falsos, como mais plausiveis, foram os cridos, foi Jérusalem de todo destruida e assolada, e as reliquias de sua ruina levadas a Babylonia. [3] Micheas, propheta verdadeiro, consultado sobre a guerra de Ramoth Galaad disse: que via o exercito de

[1] *Thren.*, II, 14.
[2] *Jerem.*, XXVIII, toto cap.
[3] *3.º Livro dos Reis*, XXII, toto cap.

Israël derramado pelos campos, como ovelhas sem pastor. Pelo contrario Sedecias, com outros quatrocentos prophetas falsos, persuadiam a guerra e asseguravam a victoria. E porque el-rei Acab quiz antes seguir a falsidade lisongeira dos muitos, que a verdade provada e conhecida de um, posto que entrou na batalha sem corôa e disfarçado para não ser conhecido, um só tiro de uma setta perdida matou o rei, desbaratou o exercito, e sentenciou a victoria pelos inimigos. Assim viram Micheas e Jeremias o que havia de ser, e os demais o que não foi. Para que abram os olhos os principes, e vejam quaes são os olhos, por cuja vista se guiam. Guiem-se pelos olhos dos poucos que vêem as coisas como são, e não pelos dos muitos e cegos, que vêem uma coisa por outra: *Viderunt tibi falsa.*

Mas como póde ser (para que démos a razão desta segunda cegueira, como a démos da primeira) como póde ser que haja homens tão cegos, que com os olhos abertos não vejam as coisas como são? Dirá alguem que este engano da vista procede da ignorancia. O rustico, porque é ignorante, vê que a lua é maior que as estrellas; mas o philosopho, porque é sabio, e méde as quantidades pelas distancias, vê que as estrellas são maiores que a lua. O rustico, porque é ignorante, vê que o céo é azul; mas o philosopho, porque é sabio, e distingue o verdadeiro do apparente, vê que aquillo que parece céo azul, nem é azul nem é céo. O rustico, porque é ignorante, vê muita variedade de côres, no que elle chama Arco da Velha; mas o philosopho, porque é sabio e conhece que até a luz engana (quando se dobra) vê que alli não ha côres, senão enganos corados, e illusões da vista. E se a ignorancia erra tanto, olhando para o céo, que será se olhar para a terra? Eu não pretendo negar á ignorancia os seus erros; mas os que do céo abaixo padecem commummente os olhos dos homens (e com que fazem padecer a muitos) digo que não são da ignorancia, senão da paixão. A paixão é a que erra, a paixão a que os engana, a paixão a que lhes perturba e troca as especies, para que vejam umas coisas por outras. E esta é a verdadeira razão ou semrazão, de uma tão notavel cegueira. Os olhos vêem pelo coração, e assim como quem vê por vidros de diversas côres, todas as coisas lhe parecem daquella côr, assim

as vistas se tingem dos mesmos humores, de que estão, bem ou mal, affectos os corações.

Tinham os Moabitas assentado seus arraiaes defronte a fronte com os de Josaphat e Jorão, reis de Israël e Judá, e vendo ao amanhecer que por entre elles corria uma ribeira, julgaram que a agua, ferida dos raios do sol, era sangue, e persuadiram-se que os dois reis amigos, por alguma subita discordia, tinham voltado as armas um contra o outro: *Dixerunt sanguis gladii est, pugnaverunt reges contra se, et cæsi sunt mutuó.* [1] Cahido da graça de el-rei Assuero seu grande valido Aman, e condemnado á morte, lançou-se aos pés da rainha Esther no throno onde estava, pedindo perdão e misericordia; e como Assuero o visse naquella postura, foi tal o juizo que formou, e tão alheio de sua propria honra, que não ha palavras decentes, com que se possa declarar: *Etiam reginam vult opprimere me præsente.* [2] Corria fortuna a barca de S. Pedro no mar de Tiberiades, derrotada da furia dos ventos, e quasi sossobrada do pezo das ondas, quando appareceu sobre ellas Christo caminhando a grandes passos a soccorrel-a. Viram-no os Apostolos, e então tiveram o naufragio por certo, e se deram por totalmente perdidos, julgando (diz o Texto) que era algum phantasma: *Putaverunt phantasma esse.* [3] Voltemos agora sobre estes tres casos tão notaveis, e saibamos a causa de tantos enganos da vista. Os Apostolos, Assuero, os Moabitas, todos estavam com os olhos abertos, todos viram o que viam, e todos julgaram uma coisa por outra. Pois se os Apostolos viam a Christo, como julgaram que era phantasma? Se Assuero viu a Aman em acto de pedir misericordia, como julgou que lhe fazia adulterio? Se os Moabitas viam a agua da ribeira, como julgaram que era sangue? Porque assim confundem e trocam as especies da vista os olhos perturbados com alguma paixão. Os Apostolos estavam perturbados com a paixão do temor; Assuero com a paixão da ira; os Moabitas com a paixão do odio e da vingança; e como os Moabitas desejam verter o sangue dos dois exerci-

[1] *4.º Livro dos Reis*, III, 23.
[2] *Esth.*, VII, 8.
[3] *Marc.*, VI, 49.

tos inimigos, a agua lhes parecia sangue: como Assuero queria tirar a vida a Aman, a contrição lhe parecia peccado: como os Apostolos estavam medrosos com o perigo, o remedio e o mesmo Christo lhes parecia phantasma. Fiae-vos lá de olhos que vêem com paixão.

As paixões do coração humano, como as divide e numera Aristoteles, são onze; mas todas ellas se reduzem a duas capitaes: amôr e odio. E estes dois affectos cegos são os dois polos em que se revolve o mundo, por isso tão mal governado. Elles são os que pezam os merecimentos, elles os que qualificam as acções, elles os que avaliam as prendas, elles os que repartem as fortunas. Elles são os que enfeitam ou descompõem, elles os que fazem, ou aniquilam, elles os que pintam ou despintam os objectos, dando e tirando a seu arbitrio a côr, a figura, a medida e ainda o mesmo ser e substancia, sem outra distinção ou juizo, que aborrecer ou amar. Se os olhos vêem com amôr, o corvo é branco; se com odio, o cysne é negro: se com amôr, o demonio é formoso; se com odio, o anjo é feio; se com amôr, o pygmeu é gigante; se com odio, o gigante é pygmeu; se com amôr, o que não é, tem ser; se com odio, o que tem ser, e é bem que seja, não é, nem será jámais. Por isso se vêem com perpetuo clamor da justiça os indignos levantados, e as dignidade abatidas; os talentos ociosos, e as incapacidades com mando; a ignorancia graduada, e a sciencia sem honra; a fraqueza com o bastão, e o valor posto a um canto; o vicio sobre os altares, e a virtude sem culto; os milagres accusados, e os milagrosos réos. Póde haver maior violencia da razão? Póde haver maior escandalo da natureza? Póde haver maior perdição da republica? Pois tudo isto é o que faz e desfaz a paixão dos olhos humanos, cegos quando se fecham, e cegos quando se abrem: cegos quando amam, e cegos quando aborrecem: cegos quando approvam, e cegos quando condemnam: cegos quando não vêem, e quando vêem muito mais cegos: *Ut videntes cæci fiant.*

V

Temos chegado, posto que tarde, á cegueira da terceira especie, na qual estavam confirmados os es-

cribas e phariseus, porque sendo tão cegos (como temos visto) não viam, nem conheciam a sua propria cegueira. O cego que conhece a sua cegueira não é de todo cego, porque, quando menos, vê o que lhe falta: o ultimo extremo da cegueira é padecel-a e não a conhecer. Tal era o estado mais que cego destes homens, dos quaes disse agudamente Origenes, que chegaram a perder o sentido da cegueira: *Cæcitatis sensu carentes.* A natureza, quando tira o sentido da vista, deixa o sentido da cegueira, para que o cego se ajude dos olhos alheios. Porém os escribas e phariseus estavam tão pagos dos seus, e tão rematadamente cegos, que não só tinham perdido o sentido da vista, senão tambem o sentido da cegueira: o da vista, porque não viam, o da cegueira, porque a não viam. Arguiu-os Christo hoje tacitamente della, e elles que entenderam o remoque, responderam: *Nunquid, et nos cæci sumus?* [1] Por ventura somos nós tambem cegos? Como se disseram: os outros são os cegos, porém nós, que somos os olhos da republica, nós que somos as sentinellas da casa de Deus, nós que temos por officio vigiar sobre a observancia da fé e da lei, só nós temos luz, só nós temos vista, só nós somos os que vemos. Mas por isso mesmo era maior a sua cegueira que todas as cegueiras, e elles mais cegos que todos os cegos. Porque não póde haver maior cegueira, nem mais cega, que ser um homem cego, e cuidar que o não é.

Introduz Christo em uma parabola um cego, que ia guiando a outro cego: *Si cæcus cæcum ducat.* [2] O que ia guiado era cego, o que ia guiando tambem era cego. Mas qual destes dois cegos vos parece que era mais cego; o guia ou o guiado? Muito mais cego era o guia. Porque o cego que se deixava guiar, via e conhecia que era cego, mas o que se fez guia do outro, tão fóra estava de vêr e conhecer que era cego, que cuidava que podia emprestar olhos. O primeiro era cego uma vez, o segundo duas vezes cego: uma vez porque o era, outra vez porque o não conhecia. S. João no seu Apocalypse escreve uma carta de reprehensão ao bispo de Laodicea, e diz nella assim:

[1] *Joan.*, IX, 40.
[2] *Math.*, XV, 14.

Nescis, quia miser es, et miserabilis, et cæcus? Não sabes que és miseravel, e miseravel e cego? No *miser, et miserabilis* reparo. Que lhe chame miseravel, porque era cego, bem clara está a miseria; mas porque lhe chama, não só uma, senão duas vezes miseravel: *Miser, et miserabilis?* Chama-lhe duas vezes miseravel, porque era duas vezes cego: uma vez cego, porque o era, e outra vez cego, porque o não conhecia. O mesmo Evangelista o disse: *Nescis, quia miser es, et miserabilis, et cæcus.* Notae o *nescis:* era uma vez cego, porque o era: *Cæcus:* era outra vez cego, porque o não conhecia: *Nescis*, e porque era duas vezes cego, era duas vezes miseravel: *Miser, et miserabilis.* Ser cego era miseria, porque era cegueira; mas ser cego e não o conhecer, era miseria dobrada, porque era cegueira dobrada. A primeira cegueira tirava-lhe a vista das outras coisas, a segunda cegueira tira-lhe a vista da mesma cegueira, e por isso era cego sobre cego, e miseravel sobre miseravel: *Miser, et miserabilis, et cæcus.*

Oh quantos miseraveis sobre miseraveis, e quantos cegos sobre cegos ha como este no mundo! Refere Seneca um caso notavel, succedido na sua familia, e diz a seu discipulo Lucilio, que lhe contára uma coisa incrivel, mas verdadeira: *Incredibilem tibi narro rem, sed veram.* Tinha uma criada chamada Harpastes, a qual (sendo fatua de seu nascimento) perdeu subitamente a vista: *Hæc fatua subitó desiit videre.* E que vos parece que faria Harpastes cega e sem juizo? Aqui entra a coisa incrivel. *Nescit esse se cæcam:* era cega e não o sabia. *Pædagogum suum rogat, ut migret:* quando o que tinha cuidado della lhe dava a mão para a guiar, lançava-o de si: *Ait domum tenebrosam esse:* dizia que estava a casa ás escuras, que abrissem as janellas: e as janellas que tinha fechadas não eram as da casa, eram as dos olhos. Póde haver cegueira mais fatua e mais digna de riso? Pois has-de saber, Lucilio (diz Seneca) que desta maneira somos todos: cegos e fatuos: cegos porque não vêmos, e fatuos porque não conhecemos a nossa cegueira: *Hoc, quod in ea ridemus, omnibus nobis accidere liqueat tibi.* Não é cegueira a soberba? Não é cegueira a inveja? Não é cegueira a cubiça? Não é cegueira a ambição, a pompa, o luxo? Não é cegueira a lisonja e a mentira? Sim. Mas a nossa fatuidade é

tanta, como a de Harpastes, que sendo a cegueira e a escuridade nossa, attribuimol-a á casa, e dizemos que não se póde viver de outro modo neste mundo, e muito menos na côrte: *Nemo aliter Romæ potest vivere.* Se somos cegos, porque o não conhecemos? Isaac era cego, mas conhecia a sua cegueira, por isso tocou as mãos de Jacob para supprir a falta da vista com o tacto. O mendigo de Jericó era cego; mas conhecia que o era, por isso a esmola que pediu a Christo, não foi outra senão a da vista: *Domine ut videam.* [1] Como havemos nós de supprir as nossas cegueiras, ou como lhes havemos de buscar remedio, se as não conhecemos?

Pois por certo que não nos faltam experiencias muito claras, e muito caras, para as conhecer, senão foramos cegos sobre cegos. Olhae para as vossas quedas, e vereis as vossas cegueiras. Quando Tobias ouviu que vinha chegando seu filho, de cuja vinda e vida já quasi desesperava, foi tal o seu alvoroço, que, levantando-se, remetteu a correr para o ir encontrar e receber nos braços. Tende mão, velho enganado: não vêdes que sois cego? Não vêdes que não podeis andar por vós mesmo, quanto mais correr? Não vêdes que podeis cahir, e que póde ser tal a queda, que funeste um dia tão alegre, e entristeça todo este prazer vosso, e de vossa casa? Assim foi em parte, porque a poucos passos titubeantes e mal seguros tropeçou Tobias, e deu comsigo em terra: *Consurgens cæcus pater ejus, cœpit offendens pedibus currere, et prolapsus est:* [2] diz o Texto grego. Levantado porém em braços alheios deu a mão o cego já menos cego a um criado, e com este arrimo, sem novo risco chegou a receber o filho: *Et data manu puero occurrit filio suo.* De maneira que o alvoroço, a alegria subita, e o amôr, cegaram de tal sorte a Tobias, que não viu nem reparou na sua cegueira; porém depois que cahiu, a mesma queda o fez conhecer que era cego, e que como cego se devia pôr nas mãos de quem o sustentasse e guiasse. Todas as coisas se vêem com os olhos abertos, e só a propria cegueira se póde vêr com elles fechados. Mas quando ella é tão cega que

[1] *Luc.*, XVIII, 41.
[2] *Tob.*, XI, 10.

não se vê a si mesma, as quedas lhe abrem os olhos, para que se veja. Cahiram os primeiros pais tão cegamente como vimos: e quando se lhes abriram os olhos para verem a sua cegueira? Depois que se viram cahidos: *Et aperti sunt oculi amborum.* [1] O appetite os cegou, e a cahida lhes abriu os olhos. Que filho ha de Adão que não seja cego? E que cego que não tenha cahido uma e muitas vezes? E que não bastem tantas cahidas e recahidas para conhecermos a nossa cegueira! Se cahis em tantos tropeços quantas são as vaidades e loucuras do mundo, porque não acabaes de cahir em que sois cego; e porque não buscaes quem vos levante e vos guie? Só vos digo que se derdes a mão para isso a algum criado, como fez Tobias; que seja tão seguro criado, e de tão boa vista, que saiba por onde põe os pés, e que vos possa guiar e suster. E quando ainda assim lhe derdes a mão, adverti que não seja tanta, que se cegue tambem elle com a vossa graça, e vos leve a maiores precipicios. Mas já é tempo que dêmos a razão desta ultima cegueira como das demais.

Parece coisa incrivel e impossivel, que um cego não conheça que é cego. Mas como já temos visto que ha muitos cegos desta especie, resta saber a causa de tão estranha e tão cega cegueira. Se algum cego pudéra haver que se não conhecesse, era o nosso cego do Evangelho; porque era cego de seu nascimento e quem não conhecia a vista, não é muito que não conhecesse a cegueira. Elle porém é certo que a conhecia, e nós fallamos de cegos com os olhos abertos, que sabem o que é vêr e não vêr. Qual é logo, ou qual póde ser a causa porque estes cegos se ceguem tanto com a sua cegueira, que a não conheçam? Outros darão outras causas (que para errar ha muitas). A que eu tenho por certa e infallivel, é a muita presumpção dos mesmos cegos. A causa da primeira cegueira, como vimos, é a desattenção: a da segunda a paixão: e a desta terceira, e maior de todas, a presumpção. Nos mesmos escribas e phariseus temos a prova. Delles disse Christo noutra occasião a seus discipulos: *Sinite eos: cæci sunt, et duces cæcorum.* [2]

---

[1] *Gen.*, III, 7.
[2] *Math.*, XV, 14.

Deixae-os, que são cegos, e guias de cegos. Mas por isso mesmo é bem que nós os não deixemos agora. Se eram cegos e não viam, como eram ou se faziam guias de cegos? Porque tanta como isto era a sua presumpção. Para um cego guiar cegos, é necessario que tenha dois conhecimentos contrarios: um com que conheça os outros por cegos; e outro com que conheça ou tenha para si que elle o não é. E tal era a presumpção dos escribas e phariseus. Nos outros conheciam que a cegueira era cegueira; em si estimavam que a sua cegueira era vista. Por isso sendo tão cegos como os outros cegos, em vez de buscarem guias para si, faziam-se guias dos outros, e se vendiam por taes. Se vissemos que um cego andasse apregoando e vendendo olhos, não seria riso das gentes, e da mesma natureza? Pois essa era a força que representava nos tribunaes de Jérusalem, a cegueira e presumpção daquelles gravissimos ministros, e esse era o altissimo conceito que elles tinham dos seus olhos. Toupeiras com presumpção de lynces.

Ainda passou muito ávante esta presumpção no caso de hoje. O cego, depois que Christo o allumiou, ficou um lynce na vista, e as toupeiras queriam guiar o lynce. Que um cego queira guiar outro cego, e uma toupeira outra toupeira, cegueira é muito presumida: mas que as toupeiras quizessem guiar o lynce, e os cegos dar lições de vêr a quem tinha olhos, e olhos milagrosos?! Foi a mais louca presumpção que podia caber em todas as cegueiras. Todo o intento hoje dos escribas e phariseus, e todas as diligencias e instancias com que perseguiam o cego allumiado, e com que o queriam persuadir que agora estava mais cego que dantes, eram a fim de o apartarem da luz e conhecimento de Christo, e o tirarem e trazerem á sua errada opinião. Elle dizia: *Scimus, quia peccatores Deus non audit.* [1] Elles diziam: *Nos scimus, quia hic homo peccator est.* E sendo estas duas proposições tão encontradas, toda a differença, porque condemnavam a sciencia do cego, e canonisavam a sua, era serem elles os que diziam: *Nos scimus.* Aquelle *nós* tão presumido, e tantas vezes inculcado nesta demanda, era todo o fundamento da sua censura. Nós o dize-

[1] *Joan.*, IX, 31 e 24.

mos, e tudo o mais é ignorancia e erro. Nós: como se não houvera nós cegos: e como senão fôra certo o que elles já tinham inferido: *Nunquid, et nos cæci sumus?* O homem dos olhos milagrosos confutava-os, confundia-os, e tomava-os ás mãos; e elles porque sabiam responder aos argumentos, tornavam-se contra o argumentante, e fixado no seu *nós*, diziam mui inchados: *Et tu doces nos?* E quem és tu para nos ensinar a nós? Eu perguntára a estes grandes lettrados: E quem sois vós para não aprender delle? Elle arrazôa vivamente: vós não daes razão: elle prova o que diz; vós fallaes, e não provaes nada: elle convence com o milagre, que Christo é santo; vós blasphemaes que é peccador: elle demonstra com evidencia que é elle; vós buscaes testemunhas falsas qué digam que é outro: elle é uma aguia que fita os olhos no sol; vós sois aves nocturnas que cegaes com a luz: elle em fim é lynce, e vós toupeiras, e no cabo vós tão vãos, e tão presumidos, que cuidaes que vêdes mais com a vossa cegueira, do que elle com os seus olhos. Viu-se jámais presumpção tão cega? Só uma acho nas Escripturas similhante; mas tambem em Jérusalem: que só em uma terra onde se crucifica a Christo, se pódem crear e soffrer taes monstros.

Os soldados que guardavam o Calvario, tendo ordem que acabassem de matar aos crucificados, tanto que viram que Christo estava já morto, passaram adiante: *Ut viderunt eum jam mortuum, non fregerunt ejus crura.* [1] Isto fizeram os soldados que tinham olhos. E Longuinhos que era cego, que fez? Deu-lhe a Christo a lançada. Quem mette a lança na mão de um cego, quer que elle a metta no peito de Christo. Pois se os que tinham olhos, viram que Christo estava já morto, o cego, porque o quiz ainda matar, como se estivera vivo? Porque sendo cego, e tão cego, era tão presumido da vista, que cuidava que via melhor com os seus olhos fechados, que os outros com os olhos abertos. Oh quantos Longuinhos ha destes no mundo, e tão longos, e tão estirados, e tão presumidos! Mas a culpa não é sua, senão dos generaes. Se Longuinhos, era cego, porque havia de comer praça de soldado? Se acaso tinha muitos annos de serviço,

[1] *Joan.*, XIX, 33.

dêem-lhe uma mercearia. Já que é cego, seja rezador. Mas sem olhos, e com a lança na mão? Sem vista, e com a praça acclarada? E como não havia de presumir muito dos seus olhos, se sendo cego o não reformavam? Elle foi muito presumido, mas tinha a presumpção por si. Ouvi a Isaias, fallando com a mesma republica de Jérusalem: *Speculatores tui cæci omnes:* [1] as tuas sentinellas, ó Jérusalem, todas são cegas. A cidade muito fortificada, porque tinha tres ordens de muros; mas as sentinellas todas tão mal providas, que em cada uma punham a vigiar um cego. E se o cego se via levantado sobre uma torre, e posto numa guarita, como não havia de presumir muito da sua vista? Elles tinham a presumpção por si, mas a presumpção e o posto não lhes diminuia a cegueira. Os postos não costumam dar vista, antes a tiram a quem a tem, e tanto mais, quanto mais altos. Por isso aos escribas e phariseus se lhes foi o lume dos olhos. Cegos com a presumpção do officio; e porque era officio de vêr, muito mais cegos: *Ut videntes cæci fiant.*

VI

Esta era a ultima e mais rematada cegueira dos escribas e phariseus. E a nossa qual é? Elles eram cegos sobre cegos, porque não viam as suas cegueiras: E nós acaso vemos as nossas? Se as remediamos, confessarei que as vemos: mas se as não remediamos, é certo e certissimo que as não vemos. Vêr, e não remediar, não é vêr. Appareceu Deus a Moysés naquelle disfarce da sarça; disse-lhe quem era, e a que vinha: e as palavras com que se declarou a Divina Magestade, foram estas: *Vidi afflictionem populi mei in Ægypto, et sciens dolorem ejus, descendi, ut liberem eum.* [2] Vi a afflicção do meu povo no Egypto, e conhecendo o muito que padece, venho a libertal-o. E essa afflicção que ha tantos annos padece o vosso povo, ainda agora a vistes, Senhor? Sei eu, que antes de haver tal povo no mundo, revelastes vós ao avô de seu fundador, que

[1] *Isai.*, LVI, 10.
[2] *Exod.*, III, 7 e 8.

o mesmo povo havia de peregrinar quatrocentos annos em terras estranhas; e que nellas havia de ser captivo e affligido. Assim o disse, ou predisse Deus a Abrahão muito antes do nascimento de Jacob, que foi o pai das doze tribus, e de todo o povo hebreu, captivo no Egypto: *Scito prænoscens quód peregrinum futurum sit semen tuum in terra non sua, et subjicient eos servituti, et affligent eos quadringentis annis.* [1] Pois se havia mais de quatrocentos annos que Deus tinha revelado este captiveiro: e se desde o primeiro dia em que começou (antes desde toda a sua eternidade) o estava sempre vendo; como diz que agora viu a afflicção do seu povo: *Vidi afflictionem populi mei?* Diz que agora a viu, porque agora a vinha remediar: *Vidi, et descendi, ut liberem eum.* O que se vê, e não se remedeia, ainda que se esteja vendo quatrocentos annos, ainda que se esteja vendo uma eternidade inteira, ou não se vê, ou se vê como se se não vira. Por isso Anna, mãi de Samuel, fallando com o mesmo Deus, e pedindo-lhe remedio para outra afflicção sua, disse: *Si respiciens videris afflictionem meam.* [2] Se vendo virdes a minha afflicção. E que quer dizer: se vendo virdes? Quer dizer, se remediardes: porque vêr sem remediar, não é vêr vendo, é vêr sem vêr. [3] Quem duvida que neste mesmo dia viu Christo pelas ruas de Jérusalem muitos outros cegos, mancos, e aleijados, que concorrem a pedir esmolas ás côrtes? Mas não dizem os Evangelistas que os viu; porque os não remediou. Só dizem que viu este cego, a quem remediou, e por isso dizem que viu: *Vidit hominem cæcum.*

Oh quem me dera ter agora neste auditorio a todo o mundo! Quem me dera que me ouvira agora Hespanha, que me ouvira França, que me ouvira Allemanha, que me ouvira a mesma Roma! Principes, reis, imperadores, monarchas do mundo: vêdes a ruina dos vossos reinos, vêdes as afflicções e miserias de vossos vassallos, vêdes as violencias, vêdes as oppressões, vêdes os tributos, vêdes as pobrezas, vêdes as fomes, vêdes as guerras, vêdes as mortes, vêdes os

---

[1] *Gen.*, XV, 13.
[2] *1.º Livr. dos Reis*, I, 11.
[3] Ita omnes Interpretes.

captiveiros, vêdes a assolação de tudo? Ou o vêdes ou o não vêdes. Se o vêdes como o não remediaes? E se o não remediaes, como o vêdes? Estaes cegos. Principes, ecclesiasticos, grandes, maiores, supremos, e vós, ó Prelados, que estaes em seu logar: vêdes as calamidades universaes e particulares da Igreja, vêdes os destroços da fé, vêdes o descahimento da religião, vêdes o desprezo das leis divinas, vêdes a irreverencia dos logares sagrados, vêdes o abuso dos costumes, vêdes os peccados publicos, vêdes os escandalos, vêdes as simonias, vêdes os sacrilegios, vêdes a falta da doutrina sã, vêdes a condemnação e perda de tantas almas, dentro e fóra da christandade? Ou o vêdes ou o não vêdes. Se o vêdes, como o não remediaes, e se o não remediaes como o vêdes? Estaes cegos. Ministros da republica, da justiça, da guerra, do estado, do mar, da terra: vêdes as obrigações que se descarregam sobre o vosso cuidado, vêdes o pezo, que carrega sobre vossas consciencias, vêdes as desattenções do governo, vêdes as injustiças, vêdes os roubos, vêdes os descaminhos, vêdes os enredos, vêdes as dilações, vêdes os sobornos, vêdes os respeitos, vêdes as potencias dos grandes e as vexações dos pequenos, vêdes as lagrimas dos pobres, os clamores e gemidos de todos? Ou o vêdes ou o não vêdes. Se o vêdes, como o não remediaes? E se o não remediaes como o vêdes? Estaes cegos. Pais de familias, que tendes casa, mulher, filhos, criados: vêdes o desconcerto e descaminho de vossas familias, vêdes a vaidade da mulher, vêdes o pouco recolhimento das filhas, vêdes a liberdade e más companhias dos filhos, vêdes a soltura e descomedimento dos criados, vêdes como vivem, vêdes o que fazem, e o que se atrevem a fazer, fiados muitas vezes na vossa dissimulação, no vosso consentimento, e na sombra do vosso poder? Ou o vêdes, ou o não vêdes. Se o vêdes, como o não remediaes? E se o não remediaes como o vêdes? Estaes cegos. Finalmente, homem christão, de qualquer estado e de qualquer condição que sejas: vês a fé e o caracter que recebestes no baptismo, vês a obrigação da lei que professas, vês o estado em que vives ha tantos annos, vês os encargos de tua consciencia, vês as restituições que deves, vês a occasião de que te não apartas, vês o perigo de tua alma e de tua salvação, vês que estás actualmente em pec-

cado mortal, vês que se te toma a morte nesse estado, que te condemnas sem remedio, vês que se te condemnas, has-de arder no inferno, em quanto Deus fôr Deus, e que has-de carecer do mesmo Deus por toda a eternidade? Ou vêmos tudo isto, christãos, ou não o vêmos. Se o não vêmos, como somos tão cegos? E se o vêmos como o não remediamos? Fazemos conta de o remediar alguma hora, ou não? Ninguem haverá tão impio, tão barbaro e tão blasphemo, que diga que não. Pois se o havemos de remediar alguma hora, quando ha-de ser esta hora? Na hora da morte? Na ultima velhice? Essa é a conta que lhe fizeram todos os que estão no inferno, e lá estão e estarão para sempre. E será bem que façamos nós tambem a mesma conta, e que nos vamos após elles? Não, não, não queiramos tanto mal á nossa alma. Pois se algum dia ha-de ser, se algum dia havemos de abrir os olhos, se algum dia nos havemos de resolver, porque não será neste dia?

Ah Senhor, que não quero persuadir aos homens, nem a mim (pois somos tão cegos) a vós me quero tornar. Não olheis, Senhor, para nossas cegueiras, lembrae-vos dos vossos olhos, lembrae-vos do que elles fizeram hoje em Jérusalem. Ao menos um cego sáia hoje daqui allumiado. Ponde em nós esses olhos piedosos: ponde em nós esses olhos misericordiosos; ponde em nós esses olhos omnipotentes. Penetrae e abrandae com elles a dureza destes corações: rasgae e allumiae a cegueira destes olhos, para que vejam o estado miseravel de suas almas, para que vejam quanto lhes merece essa cruz e essas chagas, e para que, lançando-nos todos a vossos pés, como hoje fez o cego, arrependidos com uma firmissima resolução de nossos peccados, nos façamos dignos de ser allumiados com vossa graça, e de vos vêr eternamente na gloria.

SERMÃO

DA

Quinta Dominga da Quaresma *

Prégado na Cathedral de Lisboa, no Anno de 1651

Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi? [1]

I

Estas palavras que hoje nos propõe a Igreja, e nos manda prégar ao povo christão, são as mesmas que Christo antigamente prégou contra os escribas e phariseus. E porque são as mesmas, parece que não é razão se nos préguem a nós. Christo nestas palavras queixava-se dos judeus, porque o não criam: *Quare non creditis mihi?* [2] E não seria grande impropriedade, e ainda affronta da nossa fé, se em um auditorio tão catholico fizesse eu a mesma queixa, e affirmasse ou suppozesse de nós, que sendo christãos não crêmos a Christo? Este foi o meu primeiro reparo, e me pareceu conforme a elle, que as palavras do Evangelho que propuz, só as mandava referir a Igreja como historia do tempo passado, e não como doutrina necessaria aos tempos e costumes presentes.

Dei um passo mais ávante com a consideração, e comecei a duvidar disto mesmo. Olhei para a fé que

---

* Este sermão é um modelo d'arte oratoria. O padre Honorati diz que é um dos melhores do grande Vieira. Sobresahem n'elle a facilidade, a naturalidade da argumentação e a harmonia de todas as suas partes.

[1] *Joan.*, VIII.

[2] *Joan.*, VIII, 46.

se uza; olhei para a vida e obras que correspondem á mesma fé; olhei para os pequenos, e muito mais para os grandes; olhei para os leigos, e tambem para os ecclesiasticos; e achei, e me persuadi com grande confusão minha, que tão necessaria é hoje esta prégação, como foi no tempo de Christo. E porque? O dia é de verdades; hei-de dizer o porquê, muito claramente. Porque se os escribas e phariseus não criam a Christo, tambem os christãos e catholicos não crêmos a Christo. Iramo-nos muito, e dizemos grandes injurias contra os judeus daquelle tempo, e nós somos como elles. Contra elles prégou Christo: contra nós préga o Evangelho. E se Christo fallára daquelle sacrario; assim como então disse aos judeus: *Quare non creditis mihi;* assim haviamos de ouvir que nos dizia a nós: christãos, porque me não crêdes? Se sois, e vos chamaes christãos, porque não crêdes a Christo?

Parece-me, senhores, que vos vejo inquietos, e ainda indignados contra mim, por esta proposta; e que cada um dentro de si não só me está arguindo e condemnando, mas cuida que me tem convencido. Nós (dizeis todos) por graça de Deus somos christãos; e o Christo em que crêmos, e por cuja fé daremos a vida, é o mesmo Christo quê os judeus hoje negaram. Elles crucificaram-no, nós adoramol-o: elles não crêram que era o verdadeiro Messias, nós crêmos que é verdadeiro Deus, e verdadeiro Homem; que encarnou, que nasceu, que morreu, que resuscitou, que salvou e remiu o mundo. Logo grande injuria é a que faz á nossa fé e á nossa christandade, quem diz que somos como os judeus, em não crêr a Christo. E que seria se eu dissesse que nesta parte ainda somos peiores?

Entendei bem o que diz o Texto de Christo, e logo vereis como a vossa instancia, nem desfaz a minha proposta, nem é argumento contra ella. Dizeis que sois christãos? Assim é. Dizeis que crêdes muito verdadeiramente em Christo? Tambem o concedo. Mas Christo não se queixa de não crêrem nelle: queixa-se de o não crêrem a elle. Notae as palavras. Não diz: *Quare non creditis in me?* Porque não crêdes em mim? O que diz, é: *Quare non creditis mihi?* Porque me não crêdes a mim? Uma coisa é crêr em Christo, que é o que vós provaes, e eu vos concedo; outra coisa é

crêr a Christo, que é o que não podeis provar, e em que eu vos hei-de convencer. De ambos estes termos usou o mesmo Senhor muitas vezes. Aos Discipulos: *Creditis in Deum, et in me credite.* A Martha: *Qui credit in me, etiam si mortuus fuerit, vivet.* Por outra parte, á Samaritana: *Mulier, crede mihi:* e aos mesmos judeus: *Si mihi non vultis credere, operibus credite.* [1] De maneira que ha crêr em Christo, e crêr a Christo: e uma crença é muito differente da outra. Crêr em Christo, é crêr o que elle é; crêr a Christo é crêr o que elle diz: crêr em Christo é crêr nelle: crêr a Christo é crêl-o a elle. Os judeus nem criam em Christo, nem criam a Christo. Não criam em Christo, porque não criam a sua divindade, e não criam a Christo, porque não criam a sua verdade. E nesta segunda parte é que a nossa fé, ou a nossa incredulidade, se parece com a sua, e ainda a excede mais feiamente. O judeu não crê em Christo: e que não crêa a Christo quem não crê em Christo, é proceder coherentemente. Pelo contrario, nós crêmos em Christo, e não crêmos a Christo: e não crêr a Christo, quem crê em Christo; não crêr a sua verdade, quem crê na sua divindade; é uma contradição tão alheia de todo o entendimento, que só se póde presumir de quem tenha perdido o uso da razão: e por isso o mesmo Senhor nos pergunta por ella: *Quare non creditis mihi?* Porque razão me não crêdes?

Isto que já tenho dito, é o que resta declarar e provar. Mostrarei que a queixa de Christo Senhor nosso, feita contra os escribas e phariseus, tambem pertence a este auditorio, e que, se condemna a parte secular delle, tambem fere a ecclesiastica. As palavras dizem: *Non creditis mihi?* E nós veremos debaixo de toda a sua propriedade, e com grande confusão nossa, que, por mais que nos prezemos tanto de christãos, crêmos em Christo, mas não crêmos a Christo. Esta é a verdade que trago para prégar hoje. Se vos parecer nova, será por ignorada, ou mal advertida: se amargosa e de pouco gosto, esse é o sabôr da verdade: se finalmente difficultosa de crêr, isso fica por conta do

[1] *Joan.*, XIV, 1. XI, 25. IV, 21. X, 38.

que haveis de ouvir. A materia não póde ser nem mais christã, nem mais importante, nem mais util. Assista-nos Deus com sua graça: *Ave Maria.*

II

De maneira, senhores catholicos, que sômos christãos de meias: temos uma parte da fé, e falta-nos outra: crêmos em Christo, mas não crêmos a Christo: *Non creditis mihi?*

Quando Christo sahiu ao mundo com a primeira prova de sua omnipotencia e divindade, convertendo uma creatura em outra nas bodas de Caná de Galiléa, conclue o Evangelista S. João a narração do milagre com esta notavel advertencia: *Hoc fecit initium signorum Jesus in Cana Galileæ: et crediderunt in eum discipuli ejus.* [1] Este foi o primeiro milagre que fez o Senhor Jesus; e crêram nelle seus discipulos. Já vejo que reparaes em uma e outra consequencia. Se depois do milagre crêram nelle seus dicipulos, segue-se que antes do milagre não criam nelle: e se ainda não criam nelle, como eram já seus discipulos? Eram já seus discipulos, porque criam a sua doutrina: mas ainda não criam nelle, porque não conheciam a sua divindade. Criam-no a elle, mas não criam nelle: criam-no a elle como Mestre: mas não criam nelle como Deus. De sorte que crêr em Christo, e crêr a Christo, não são crenças que andem sempre juntas. Os discipulos naquelle tempo, e naquelle estado, criam a Christo, mas não criam em Christo: e nós agora ás avessas delles, crêmos em Christo, mas não crêmos a Christo: crêmos em Christo, porque crêmos o que é: não crêmos a Christo, porque não crêmos o que diz.

Isto mesmo que a nós, succedeu aos mesmos discipulos, quando já tinham não menos que tres annos de escóla divina, e no dia em que acabavam o curso della. Neste dia (que foi a vespera da Paixão de Christo) disse o Senhor a todos os discipulos, que todos naquella noite haviam de padecer escandalo, faltando

[1] *Joan.*, II, 11

á fé e amôr que lhe deviam: *Omnes vos scandalum patiemini in me in ista nocte.* [1] Respondeu Pedro, que ainda que todos faltassem, elle não havia de faltar: e replicando o Senhor que antes que o gallo cantasse o negaria tres vezes; tornou Pedro a dizer, que se fosse necessario dar a vida, primeiro a daria, e se deixaria matar, do que negar a seu Mestre; e o mesmo disseram todos os mais discipulos: *Similiter et omnes discipuli dixerunt.* [2] Se antes de Christo ter dito o que acabava de affirmar com tanta asseveração, Pedro presumisse tanto de si, e o mesmo presumissem e dissessem os outros discipulos, não me admirára: porque fallavam pela bocca do coração, o qual de longe, e antes das occasiões, sempre nos engana. Mas depois de o Senhor ter dito a Pedro e aos demais, que elle nomeadamente o havia de negar, e que todos os outros o haviam de desamparar, e fugir: *Percutiam pastorem, et dispergentur oves:* como não deram credito a um oraculo tão expresso de Christo? Pedro e os demais não criam que Christo era Deus? Sim, criam, que assim o tinha confessado o mesmo Pedro, e todos com elle: *Vos autem quem me esse dicitis? Tu es Christus Filius Dei vivi.* [3] Pois se criam a divindade de Christo: se criam que Christo era Deus, como não crêram o que lhes dizia? Porque a sua fé naquelle tempo era como a nossa, e todos criam então como nós crêmos hoje. Criam em Christo, mas não criam a Christo. Os Apostolos e Discipulos, antes de descer sobre elles o Espirito Santo, eram sujeitos como homens a defeitos, e talvez padeciam os mesmos em que nós incorremos. No principio e no fim criam de meias, e em um e outro caso só chegou a sua fé a ser meia fé, diversamente repartida. No principio por rudeza e imperfeição criam a Christo, e não criam em Christo: no fim por fraqueza e tentação, criam em Christo, mas não crêram a Christo. E porque este modo de crêr era muito mais arriscado e perigoso, por isso acrescentou o Senhor, que o demonio naquella occasião os havia de crivar:

---

[1] *Math.*, XXVI, 31.
[2] *Ibid.*, 35.
[3] *Math.*, XVI, 16.

Ecce Satanas expetivit vos, ut cribaret sicut triticum. [1]

Tenta e engana o demonio aos filhos de Eva com a mesma traça e com a mesma astucia com que a enganou a ella. Como a fé é o fundamento da graça, contra a fé vomitou a serpente o primeiro veneno, e na fé armou o laço á primeira mulher. Mas como? Por ventura intentou persuadir-lhe que não crêsse em Deus, ou duvidasse da sua divindade? Tão fóra esteve disto o demonio, que antes elle ratificou a Eva essa mesma crença de Deus uma e outra vez, suppondo sempre que o que lhe puzera o preceito era Deus: *Cur præcepit vobis Deus?* E o que lhe ameaçára a morte tambem era Deus: *Scit enim Deus, quod in quocumque die comederitis ex eo.* [2] Pois em que esteve logo a tentação contra a fé? Não esteve em que Eva não crêsse o que Deus era; esteve em que não crêsse o que Deus dizia. Deus disse a Eva e a Adão, que no ponto em que comessem da arvore vedada haviam de morrer: e isto que Deus lhes tinha dito, é o que o demonio procurou que não crêssem: *Nequaquam morte moriemini:* [3] Deus disse-vos que haveis de morrer se comerdes da arvore: não creaes tal coisa. Elle é o Deus que vos creou, elle é o Deus que vos deu o paraiso, elle é o Deus que vos poz o preceito, isso crêde vós: mas crêr que depois de vos crear, e crear tanta diversidade de fructos, para que sustenteis a vida, vos haja de tirar a mesma vida: *Nequaquam:* de nenhum modo: não creaes tal, ainda que elle vol-o tenha dito. Crêde nelle, sim; mas não o creaes a elle. Isto é o que pretendeu o demonio, isto é o que conseguiu; e como enganou a nossos pais, assim nos engana a nós. Dá-nos de barato ametade da fé, para nos ganhar a outra ametade. Crêr em Deus, quanto nós quizermos; mas crêr a Deus, isso não quer o demonio. Por isso crêmos em Christo, e não crêmos a Christo: *Non creditis mihi?*

E para que vejaes quão importante é o conhecimento deste engano, e quão digna de se nos prégar esta doutrina, ouvi uma acção de Christo, que póde

[1] *Luc.*, XXII, 31.
[2] *Genes.*, III, 1 e 5.
[3] *Ibid.*, 4.

ser nunca ouvistes: Diz o apostolo S. Pedro no terceiro Capitulo da sua primeira Epistola, [1] que quando Christo desceu ao inferno, prégou ás almas dos que se tinham afogado no diluvio, e os reprehendeu da sua incredulidade, porque não crêram a Noé, quando fabricava a Arca, esperando vãmente na paciencia de Deus: *His, qui in carcere erant, spiritibus veniens prædicavit: qui increduli fuerant aliquando, quando expectabant Dei patientiam in diebus Noë, cum fabricaretur Arca.* [2] Este passo, que é um dos mais difficultosos da Escriptura, encerra tres grande duvidas: Primeira, como prégou Christo aos condemnados do inferno, se no inferno ninguem se póde converter, nem emendar? Segunda, porque havendo no inferno tantos outros peccadores impenitentes e obstinados, entre todos escolheu Christo para prégar e reprehender os que se afogaram no diluvio? Terceira, porque tendo estes mesmos homens tantos outros peccados gravissimos, pelos quaes mereceram aquelle tão extraordinario castigo, só os argue e reprehende Christo da sua incredulidade: *His, qui increduli fuerant?*

Não se pudéra melhor, nem mais temerosamente declarar o que imos dizendo. Primeiramente prégou Christo no inferno, não para converter os condemnados, senão para mais os confundir; [3] porque uma das maiores confusões do inferno, é o conhecimento triste com que aquelles miseraveis estão vendo as causas porque se perderam, e quão facilmente se poderam salvar se quizeram: e quiz Christo confundir particularmente aos condemnados do diluvio, porque todos eram homens que criam em Deus. A idolatria e os deuses falsos todos começaram depois do diluvio, sendo Nemrod o inventor desta cegueira, como consta da chronologia sagrada, [4] e se colhe do Livro da Sabedoria

---

[1] *Ita Damasc. Epist. ad Epictec. 1.ª Petri.* III, 10 e 20.

[2] Descendisse Christum ad infernum damnatorum sententia est Aug. Ambr. Fulgent. Greg. Nis. Cyril. Hierosol. Euseb. Emis. et alior. quos citat, et sequitur Bellarminus, De Christi anima. L. 4, c. 16.

[3] D. Th. q. 52. art. 4, ad 2.

[4] Clemens Rom. lib. 1. Recog. Epiph. præf. lib. de Hæres. Cyril. L. 1. et III, contra Julian. Damasc. init. l. de Hæresib. Hier. Oseæ 2. Euseb. in Chron. et passim alii.

no Capitulo quatorze. [1] E como até áquelle tempo todos conservaram a fé recebida de Adão, e criam no verdadeiro Deus: por isso Christo deixando todos os outros homens, e todos os outros peccados, argue sómente aos que pereceram no diluvio, e os confunde com a sua incredulidade; porque a maior semrazão que se commette na terra, e a maior confusão que se ha-de padecer no inferno, é não crêrem a Deus, homens que crêem em Deus. Avisou Deus por Noë aquelles homens, que os havia de afogar a todos elles, e aos montes, e ao mundo, se se não emendavam: continuaram estes avisos dez annos, vinte annos, e cem annos inteiros: cada martellada que se dava na arca, era um pregão dessa justiça que Deus determinava fazer: e elles crendo em Deus para esperarem na sua paciencia, não criam a Deus, para temerem a sua irá. Pois homens que crêem em Deus, e não crêem a Deus, desça o mesmo Deus ao inferno a confundil-os. Para confundir os da torre de Babel, desceu á terra: para confundir os do diluvio, desceu ao inferno. Isto é o que Christo lá prégou então, e isto é o que aqui prega hoje: *Quare non creditis mihi?*

Mas vejo que ainda ha quem repugne, ou quando menos duvide, e pergunte como póde ser, e se póde dizer com verdade, que nós os christãos e catholicos não crêmos a Deus? Para nós não ha outra fé, nem outra auctoridade, nem outro oraculo infallivel, senão o da palavra divina. Logo como não crêmos a Deus? O mesmo Deus respondeu a esta duvida, e nos deu uma regra certa por onde conheçamos sem engano, se o crêmos a elle ou não. Cuidamos que crêmos a Deus, e enganamo-nos. Mas qual é a regra? *Qui credit Deo, attendit mandatis.* [2] Sabeis quem crê a Deus, diz o Espirito Santo? Quem faz o que Deus lhe manda: se fazeis o que Deus manda, crêdes a Deus: se não fazeis o que elle manda, não o crêdes a elle: crêdes-vos a vós, crêdes ao vosso appetite, crêdes ao diabo, como crêu Eva. Por isso dizia David: *Quia mandatis tuis credidi:* [3] Eu, Senhor, cri aos vossos mandamentos. Isto é só o que é crêr a Deus. A nossa fé pára no

[1] *Sap.*, XIV, 13.
[2] *Eccl.*, XXXII, 28.
[3] *Psal.*, CXVIII, 66.

credo, não passa aos mandamentos. Se Deus nos diz que é um, creio: se nos diz que são tres Pessoas, creio: se nos diz que é Creador do céo e da terra, creio: se nos diz que se fez homem, que nos remiu, e que ha-de vir a julgar vivos e mortos, creio. Mas se diz que não jureis, que não mateis, que não adultereis, que não furteis, não crêmos. Esta é a nossa fé, esta a vossa christandade. Somos catholicos do crédo, e hereges dos mandamentos. Vêde se se deve contentar Christo com tal invenção de crêr: e se tenho eu razão de prégar que crêmos em Christo, mas não crêmos a Christo: *Non creditis mihi.*

III

E para que esta verdade, que só está provada em commum, se veja com os olhos, e se apalpe com as mãos, desçamos a exemplos particulares, e ponhamol-os para maior clareza nas materias mais familiares e usuaes, ainda da conveniencia, do interesse, e do gosto.

Que homem ha, senhores, que não busque o descanço? Este é o fim que se busca e se pretende por todos os trabalhos da vida. O soldado pelos perigos da guerra busca o descanço da paz. O mareante por meio das ondas e das tempestades, busca o descanço do porto. O lavrador pelo suor do arado, o estudante queimando as pestanas, o mercador arriscando a fazenda, todos, como diversos rios ao mar, correm a buscar o descanço, que é o centro do desejo e do cuidado. E houve algum homem tão mimoso da fortuna neste mundo, que em alguma, ou em todas as coisas delle achasse o descanço que buscava? Nenhum. Sahiu a pomba da arca, diz o Texto sagrado, que já ia, já tornava, já tomava para uma parte, já para outra, e que não achava onde descançar: *Cum non invenisset ubi requiesceret pes ejus.* [1] Primeiro lhe cançaram as azas do que achasse onde descançar os pés. E porque não achava a pomba onde descançar? Porque buscava o descanço onde o não havia. As cidades, os campos, os

[1] *Genes.*, VIII, 9.

valles, os montes, tudo era mar. Este é o mundo em que vivemos. Antes e depois de Noë, sempre foi diluvio. Uns para uma parte, outros para outra; todos cançando-se em buscar o descanço, e todos cançados de o não achar. A razão deu Santo Agostinho no Livro quarto dos seus desenganos, a que elle chamou confissões: *Non est requies ubi quæritis eam: quærite quod quæritis: sed ibi non est ubi quæritis.* [1] A razão porque não achamos o descanço, é porque o buscamos onde não está. Não vos digo (diz Agostinho) que o não busqueis: buscae-o: só vos digo, que não está ahi onde o buscaes. Pois se é bem que busquemos o descanço, e elle não está onde o buscamos, onde o havemos de buscar? Onde Christo disse que o buscassemos, porque só ahi está, e só ahi o acharemos: *Venite ad me omnes, qui laboratis, et onerati estis, et ego reficiam vos: tollite jugum meum super vos, et invenietis requiem animabus vestris.* [2] Todos os que andaes cançados (que sois todos) vinde a mim (diz Christo) e eu vos alliviarei: tomae sobre vós o jugo de minha lei, e achareis o descanço. Crêdes que são estas palavras de Christo? Sim. Agora respondei-me: E' certo que todos desejaes o descanço: é certo que todos o buscaes com grande trabalho, por diversos caminhos, e que o não achaes: pois porque o não buscaes na observancia da lei de Christo? Christo diz que na sua lei está o allivio de todo o trabalho: *Venite ad me omnes, qui laboratis, et ego reficiam vos.* Christo diz que na sua lei, e só na sua lei, se acha o descanço: *Et invenietis requiem animabus vestris.* Logo se não buscaes o descanço na lei de Christo, é certo que não crêdes a Christo; porque se vós buscaes o descanço onde o não ha, com trabalho, claro está, que antes o haveis de buscar onde o ha, sem trabalho. Mas a verdade é (e vós o sabeis muito bem) que a razão porque não buscaes o descanço na lei de Christo é porque a não tendes por descançada, senão por muito trabalhosa. Vós tendel-a por trabalhosa, dizendo Christo que só ella vos póde alliviar do trabalho? Vós tendel-a por cançada, dizendo Christo que só nella está o descanço? Logo crêdes o que vós imagi-

[1] *Aug. Conf. Lib.* IV, 12.
[2] *Math.*, XI, 28 e 29.

naes, e não o que Christo diz: crêdes em Christo, mas não crêdes a Christo: *Non creditis mihi.*

Do descanço desta vida passemos ao da outra. Todos dizemos que queremos ir ao céo, e não ha duvida que todos queremos. Mas noto eu, que parece queremos chegar lá com a cabeça. Os castellos que formamos nas nossas, são como o zimborio da torre de Babel: *Cujus culmen pertingat ad cælum.* [1] Subir e mais subir; crescer e mais crescer. Os pequenos querem ser grandes, os grandes querem ser maiores, os maiores não sei, nem elles sabem o que querem ser: *Superbia eorum ascendit semper.* [2] Ninguem se contenta com a estatura que Deus lhe deu; e não ha homem tão pygmeu ou tão formiga, que não aspire a ser gigante. Para conquistar o céo, assim o dizem as fabulas; mas não são esses os Textos do Evangelho: olhae o que diz Christo: *Nisi efficiamini sicut parvuli, non intrabitis in regnum cœlorum.* [3] Se vos não fizerdes pequeninos, não haveis de entrar no reino do céo. Notae muito a palavra: *Non intrabitis*, que é muito para notar e para tremer. Se a duvida estivera em ser pequeno ou grande no céo, bem creio eu da nossa devoção, que não fizeramos muito escrupulo de ser pequenos no céo, com tanto que foramos grandes na terra. Grandes, digo, porque fallo pela vossa linguagem. Um gentio [4] que sabia melhor que nós medir as grandezas, dizia que indignamente se dera a Alexandre Magno o nome de Grande, posto que tivesse dominado a terra; porque ninguem póde ser grande em um elemento tão pequeno. Grandes só no céo os póde haver. Mas a duvida (como dizia) não está em ser grande ou pequeno no céo, está em entrar lá ou não entrar: *Non intrabitis.* A occasião que deram a esta doutrina os discipulos, foi a ambição com que todos e cada um, esquecidos de haverem sido pescadores, pertendiam ser o maior: *Quis eorum videretur esse maior.* [5] Então lhes descobriu o Mestre celestial este segredo, e lhes ensinou que a ar-

[1] *Gen.*, XI, 4.
[2] *Psal.*, LXXIII, 3.
[3] *Math.*, XVIII, 3.
[4] Seneca.
[5] *Luc.*, XXII, 24.

chitectura do céo não é como a da terra. Uma cidade tão grande como o céo, parece que havia de ter umas portas muito altas e muito largas; e não é assim. S. João no seu Apocalypse viu esta mesma cidade, e viu tambem que um anjo com uma vara de oiro a veiu medir toda, e os seus muros, e as suas portas: *Ut metiretur civitatem, et portas ejus, et murum.* [1] Declarando porém o Evangelista o comprimento e largura da cidade, e a altura dos muros; das portas não diz que altura, nem que largura tinham. Pois se o anjo veiu tambem medir as portas, e as mediu; porque não declara S. João, de que medida eram? Porque é tão pequena a capacidade das portas do céo, que não ha espaço ou nome nas medidas com que se possa declarar. O que só diz o Evangelista, quando se seguia dizer a medida das ditas portas, é que cada uma dellas (coisa digna de grande admiração) estava aberta em uma perola: *Singulæ portæ erant ex singulis margaritis.* Vêde vós em uma perola que porta se póde abrir! Por isso Christo noutro logar lhe chamou *foramen*, [2] furo, e não porta. Eu bem vejo que as perolas do céo pódem ser muito maiores que as do mar Eritreo; mas as portas que nellas abriu o supremo Artifice, como são fabricadas á proporção dos que hão-de entrar por ellas, traçou que fossem não só pequenas, mas pequeninas, porque tambem tinha decretado que não entrassem no céo senão os pequeninos: *Nisi efficiamini sicut parvuli, non intrabitis in regnum cælorum.* Isto é o que diz Christo; isto é o que repete uma e muitas vezes. Vejam agora os que todo o seu cuidado, e toda a sua industria, e todas as suas artes empregam em subir, em crescer, em se fazer grandes (ainda que seja desfazendo grandes e pequenos) vejam que fé, ou que esperança pódem ter de entrar no céo? Ou crêem estas palavras de Christo, ou não as crêem. Se as crêem, não querem ir ao céo; e se querem ir ao céo, como cuidam que pódem entrar lá por onde Christo diz que não pódem entrar? O certo é que todos estes grandes christãos, ou todos estes christãos que querem ser grandes, crêem em Christo, mas não crêem a Christo: *Non creditis mihi.*

---

[1] *Apoc.*, XXI, 15.
[2] *Marc.*, X, 25.

IV

Mas porque esta altiveza de ser grandes é ambição de que a natureza ou a fortuna tem excluido a muitos, ponhamos o caso em materia universal, e que toque a todos. Diz Christo universalmente, sem excluir a ninguem, que ninguem póde servir a dois senhores: *Nemo potest duobus dominis servire.* [1] E querendo o mesmo Christo pôr um exemplo muito claro de dois senhores a quem se não póde servir juntamente; que dois senhores vos parece que serão estes? Deus e o mundo? Deus e o diabo? Deus e a carne? Não: Deus e o dinheiro: *Non potestis Deo servire et mamonæ.* Se ha coisa no mundo que podéra competir no senhorio com Deus, é o idolo universal do oiro e prata. Muitas nações ha no mundo que não conhecem a Deus, nenhuma que não adore e obedeça a este idolo. E ainda dos que professam servir a Deus, quem ha que o não sirva? Pois assim como ninguem póde servir a dois senhores, assim diz Christo, que não póde servir a Deus e mais ao dinheiro. Servir a Deus com o dinheiro, bem póde ser, e é bem que seja; mas servir a Deus e ao dinheiro juntamente é impossivel. Quando Zacheu se resolveu a servir a Christo, logo renunciou o dinheiro; e quando Judas se resolveu a servir ao dinheiro, logo renunciou a Christo. Arrependido o mesmo Judas de ter vendido a seu Mestre, lançou os trinta dinheiros no Templo: *Projecit eos in Templum.* [2] E os ministros do Templo resolveram que não se podiam metter na bolsa: *Non licet eos mittere in corbonam.* Mofino dinheiro, que nem roubado, nem restituido, nem no Templo, nem na bolsa teve logar com Deus, e assim é todo. Se o roubaes, perdeis a Deus; se o restituis, perdeis o dinheiro: se quereis servir a Deus, Deus e o dinheiro não cabem no mesmo Templo: se quereis servir ao dinheiro, o dinheiro e Deus não cabem na mesma bolsa: *Aut unum odio habebit, et alterum diliget: aut unum sustinebit, et alterum contemnet.* [3]

---

[1] *Math.*, VI, 24.
[2] *Ibid.*, XXVII, 6.
[3] *Ibid.*, VI, 24.

Ou haveis de renunciar o dinheiro, se amaes e prezaes a Christo, como fez Zacheu, ou haveis de renunciar a Christo, se amaes e prezaes o dinheiro, como fez Judas. Oh quantos Judas, e quão poucos Zacheus ha no mundo! Se Deus tivera tantos servos e tão diligentes como tem o dinheiro, que bem servido fôra? Mas quantos desserviços se fazem a Deus em serviço deste máu idolo? O maior sacrilegio de todos é que em vez de os homens se servirem do dinheiro, para servir a Deus, chegam a se servir de Deus, para servir ao dinheiro: *Servire me fecisti in peccatis tuis.* [1]

Quantas vezes os bens ecclesiasticos, que são de Deus, os vêmos applicados e consumidos em usos profanos, e os vasos do Templo de Jérusalem, ou levados aos thesouros de Nabuco, ou servindo nas mezas de Balthazar. Quando jámais se encontrou Deus com o interesse, que o desprezado não fosse Deus? Ou quem seguiu os idolos de oiro de Jeroboão, que não virasse as costas á Arca do Testamento? O oiro que os hebreus roubaram no Egypto, adoram-no no deserto. E quantos ha que fazem o mesmo só com a figura mudada? Que importa que não adoreis a fórma, se adoraes a materia? Que importa que não adoreis o bezerro de oiro, se adoraes o oiro do bezerro? E no mesmo tempo (como os de Azoto) pondes a Deus e o idolo sobre o mesmo altar, e crêdes com affectada hypocrisia, que podeis servir juntamente a um e a outro? Se Christo diz, sem excepção, que isto é impossivel, como cuidaes vós que póde ser? Mas é que crêdes em Christo, e não crêdes a Christo: *Non creditis mihi.*

E já que fallamos em materia de interesse, que é o peccado original deste seculo, com o mesmo interesse vos quero convencer, e fazer-vos confessar sem replica, que nem como desinteressados, que devereis ser, nem como interesseiros, que sois, crêdes a Christo. A fineza e ventura do interesse, consiste em grangear muito com pouco: e quanto o muito que adquiris, é mais, e o pouco que despendeis, menos, tanta é maior a ganancia e a ventura. Agora vamos ao ponto. Todos sabeis que diz e promette Christo no Evangelho, que quem deixar ou dér por elle alguma coisa, rece-

[1] *Isai.*, XLIII, 24.

berá cento por um, e a vida eterna: *Centuplum accipiet, et vitam æternam possidebit.* [1] A circumstancia de dar a ganancia e mais a vida, ainda que não fôra eterna, é condição que nenhum assegurador, senão Deus, póde metter nos seus contractos. E para que ninguem se defenda com as esperas ou tardanças do outro mundo, posto que tão breves, declara o mesmo Christo por S. Lucas e S. Marcos, que a vida eterna ha-de ser no outro mundo; mas a ganancia e o cento por um, neste: *Centies tantum, nunc in tempore hoc, et in sæculo futuro vitam æternam.* [2] Estas são as palavras, esta a promessa, este o seguro real de Christo, e mais que real, porque é divino. Se o crêdes, ou não, digam-no agora os vossos contractos, e os vossos interesses.

Aquelles dois criados do rei, a quem elle entregou os talentos para que negociassem: *Negotiamini dum venio:* [3] fizeram-no com tanta limpeza, com tanta diligencia, e com tanta ventura, que ambos (diz o Texto) dobraram o cabedal. O que negociou com dois talentos, grangeou outros dois, e o que negociou com cinco, grangeou outros cinco. Difoso rei! Honrados criados! Se a similhantes criados entregaram os reis a sua fazenda, ella se vira mais acrescentada. Mas não fallo agora com os criados, nem com os reis, fallo com todos. Grangear com dois talentos outros dois, e com cinco talentos outros cinco, é ganhar cento por cento. E que negociante haverá tão avaro, tão interesseiro e tão cubiçoso, que se não contente, e dê muitas graças a Deus, por tão avantajada ganancia, e mais sem risco? Pois se Christo nos promette não cento por cento, senão cento por um, que são dez mil por cento, em que se perdem os algarismos: porque não negociamos com elle, nem aceitamos este contracto? E se não aceitamos um tal contracto com Deus, porque fazemos outros com os homens de tantas menores conveniencias, e tão differentes em tudo?

Daes o vosso dinheiro (fallemos claro e familiarmente) daes o vosso dinheiro a juro: e por quanto? A cinco por cento, e por menos, e se achaes a seis e

---

[1] *Math.*, XIX, 29.
[2] *Marc.*, X, 30; *Luc.*, XVIII, 30.
[3] *Luc.*, XIX, 13.

quarto, é dispensação da lei, e por grande favor. Pois se a um mercante, que póde quebrar, daes o vosso dinheiro a cinco por cento, a Deus que tem por fiador a sua palavra, e por seguro a sua omnipotencia, porque o não daes a cento por um? Se fiaes de um homem o vosso dinheiro, por uma Escriptura feita no paço dos tabelliães, porque o não fiaes de Deus por tres Escripturas, debaixo do signal raso de S. Matheus, de S. Marcos, de S. Lucas? Que bem aperta este argumento S. Pedro Chrysologo: *Homo homini exiguæ cartullæ obligatione constringitur: Deus tot, ac tantis voluminibus cavet, et tamen debitor non tenetur?* Estaes seguro que um homem vos não ha-de faltar com o lucro promettido, porque se obrigou por uma folha de papel, e temeis que vos falte Deus, tendo-se obrigado em tantos Livros Sagrados e com tantas Escripturas? O certo é que se crereis o cento por um que promette Christo, havieis de dar o vosso dinheiro a Deus de muito boa vontade por ametade menos: mas porque quereis e aceitaes antes os cinco por cento que vos promette um homem? Porque não daes credito ás palavras de Deus, porque não vos fiaes das promessas dos seus Evangelhos, em fim, porque crêmos em Christo, mas não crêmos a Christo: *Non creditis mihi.*

Infinita materia era esta, se a houveramos de proseguir com ponderações tão largas. Mas não é bem que sendo tão importante, não convençamos ainda mais a nossa pouca fé. Seja em termos brevissimos. Que mais diz Christo? Diz Christo (e esta foi a primeira coisa que disse) que são bemaventurados os pobres, e que delles é o reino do céo. Todos queremos ser bemaventurados, todos queremos ir ao céo: e sendo tão facil o ser pobre, e tão difficultoso o ser rico, ninguem quer ser pobre: porque? Porque não crêmos a Christo. Diz Christo, que se nos derem uma bofetada na face direita, offereçamos a esquerda: e sendo mais nobre a paciencia que a vingança, nós temos a vingança por honra, e a paciencia por affronta: porque? Porque não crêmos a Christo. Diz Christo que quem se humilha será exaltado, e quem se exalta será humilhado: e nós cuidamos que sendo humildes nos abatemos, e sendo altivos e soberbos nos levantamos: porque? Porque não crêmos a Christo.

Diz Christo que deixemos aos mortos sepultar os

seus mortos, e nós desenterramos os mortos para sepultar os vivos. Diz Christo que amemos e façamos bem a nossos inimigos; e quem ha que ame verdadeiramente, e guarde inteira fé aos amigos? Diz Christo que se amarmos os inimigos, seremos filhos de Deus, e nós dizemos: não serei eu filho de meu pae, se m'o não pagar o meu inimigo. Diz Christo, que se por demanda nos quizerem tirar a capa, larguemos tambem a roupeta: e nós não fazemos já as demandas para defender o vestido proprio, senão para despir o alheio. Diz Christo que vigiemos e estejamos sempre aparelhados, porque não sabemos o dia nem a hora em que virá a morte, e cada um vive e dorme tão sem cuidado, como se foramos immortaes. Diz Christo, que quem ouve os Prelados o ouve a elle, e quem os despreza o despreza; e nós ainda que o Prelado seja o supremo, desprezamo-nos de o ouvir, e ouvimos e ajudamos os que o desprezam. Diz Christo, que é mais facil entrar um calabre pelo fundo de uma agulha, que entrar um avarento no reino do céo; e nós em vez de desfiar o calabre, todo o nosso cuidado é como o faremos mais grosso. Diz Christo, que se dermos esmola, não saiba a nossa mão esquerda o que faz a direita; e nós queremos se apregôe com trombetas, que damos com ambas as mãos, o que recebemos com ambas. Diz Christo, que se o olho direito nos escandalisa, o arranquemos, e que se a mão ou o pé direito nos fôr tambem de escandalo, o cortemos e lancemos fôra: e quem ha que queira cortar, ou apartar de si, nem a coisa que ama como os olhos, nem aquella de que se serve como dos pés e mãos? Finalmente diz Christo, que elle é o caminho, a verdade e a vida; e nós vivemos taes vidas, e andamos por taes caminhos, como se tudo isto fôra mentira: porque? Porque não crêmos a Christo. Fique pois por conclusão certa e infallivel, ainda que seja com grande confusão nossa e affronta do nome christão, que todos ou quasi todos crêmos em Christo, mas não crêmos a Christo: *Non creditis mihi.*

V

Admirado Christo, de que sendo a summa verdade o não crêamos; péde-nos a razão desta incredulidade,

e diz que lhe digamos o porquê della: *Quare non creditis mihi?* Não ha coisa mais difficultosa, que dar a razão de uma semrazão. E isto é o que só resta ao nosso discurso. Não para responder a Christo, a quem não podemos satisfazer; mas para doutrina e emenda nossa, e para que entendamos e conheçamos a raiz de tamanho mal. Qual é pois, ou qual póde ser a razão, porque crendo todos nós em Christo, haja tão poucos, que crêam a Christo? A fé com que se crê em Christo, a fé com que se crê que é Deus um homem crucificado, tem todas aquellas difficuldades, que nos dois povos de que então se compunha o mundo, experimentou S. Paulo, quando disse: *Prædicamus Christum crucifixum, Judæis quidem scandalum: Gentibus autem stultitiam.* [1] Pois se crêr, como se deve, em Christo, é um ponto no qual acha tanta difficuldade, e ainda horror o entendimento humano, em quanto Deus sobrenaturalmente o não allumia, nós que tão facilmente e sem repugnancia crêmos todos em Christo, porque não crêmos tambem todos a Christo: *Quare non creditis mihi?*

A razão desta semrazão é porque as difficuldades de crêr em Christo estão da parte do objecto; as repugnancias de crêr á Christo estão da parte do sujeito: aquellas estão longe de nós; estas estão dentro em nós. A fé que não dóe, é muito facil de crêr: a fé que se não póde praticar sem dôr, é muito difficultosa de admittir. A fé com que creio em Christo, manda-me que creia a sua Paixão: a fé com que creio a Christo, manda-me que mortifique as minhas; e aqui está a difficuldade. Para crêr em Christo, basta fazer um acto sobrenatural: para crêr a Christo, é necessario fazer muitos actos contra a natureza, e é mais facil excedel-a uma vez, que batalhar continuamente contra ella, e vencel-a muitas. O mesmo S. Paulo definindo a fé, diz que é: *Argumentum non apparentium.* [2] E entre as coisas que não apparecem, e as coisas que não se appetecem, ha grande differença. Para crêr as coisas que não apparecem, póde não ter difficuldade o entendimento: para querer as coisas que não se appetecem, sempre tem repugnancia a

[1] *1.ª ad Corinth.*, I, 23.
[2] *Hebr.*, XI, 1.

vontade. Com a vontade fallou Christo, quando admiravelmente declarou ou suppôz esta mesma differença: *Si quis vult venire post me, abneget semetipsum et tollat crucem suam:* [1] Se alguem me quer seguir, negue-se a si mesmo, e tome a sua cruz ás costas. Notae. Não diz Christo: quem me quizer seguir, confesse-me a mim; senão: negue-se a si: nem diz: adore a minha cruz, senão: leve a sua. Confessar a Christo e adorar a sua cruz, é crêr nelle; negar-me a mim e levar a minha cruz é crêl-o a elle: e porque isto é o difficultoso á humanidade fraca e corrupta, esta mesma apprehensão de dôr, este receio de mortificação, esta contrariedade da natureza, que traz comsigo a doutrina de Christo nas coisas que nos manda ou aconselha, esta é a razão ou semrazão, que entibia e acovarda a segunda parte da nossa fé, e nos aparta de crêr a Christo.

O homem de todos os seculos mais affamado e celebrado em crêr, e por isso chamado nas Escripturas Pai dos creutes, foi Abrahão. Celebram esta sua fé no Testamento Velho Moysés, no Novo S. Paulo e S. Thiago, e todos pelas mesmas palavras dizem que Abrahão crêu a Deus: *Credidit Abraham Deo.* [2] Abrahão antes de crêr a Deus, crêu em Deus e não crêu em Deus como nós, que recebemos a fé de nossos paes, senão com maior merecimento e por propria eleição, sendo filho de pais idolatras, e elle tambem idolatra. Pois se Abrahão crêu no verdadeiro Deus, abjurando os idolos, porque se não louva e encarece nelle a fé, com que crêu em Deus, senão a fé com que crêu a Deus: *Credidit Abraham Deo?* Porque crêr em um Deus, e não crêr em muitos: crêr no Deus verdadeiro, e não crêr nos deuses falsos: crêr no Creador do céo e da terra, e não crêr em páus e pedras, é crença que não tem difficuldade. O lume natural o mostra, a razão o dita, o entendimento o alcança. Porém crêr a Deus (que não é crêr especulativamente o que elle é, senão praticamente o que elle manda ou aconselha) mandando muitas coisas repugnantes á natureza, e contrarias á vontade; e aconselhando outras ainda mais contrarias e repugnantes, isto é o que se louva,

---

[1] *Math.*, XVI, 24.
[2] *Gen.*, XV, 6; *Epist. Jacob.*, II, 33; *Rom.*, IV, 3.

porque isto é o que dóe: isto é o que se encarece, porque isto é o que custa: isto é o grande e heroico, porque isto é o arduo e difficultoso. E senão vêde-o no mesmo Abrahão, e no que Deus lhe mandou obrar.

Depois que Abrahão crêu em Deus, disse-lhe Deus já crido, que sahisse da sua patria, e da casa de seu pai, e de entre seus parentes e amigos, e se fosse peregrino a outra terra, a qual elle lhe mostraria: *Egredere de terra tua, et de cognatione tua, et de domo patris tui, et veni in terram quam monstravero tibi.* [1] E crêr eu a Deus quando me manda trocar a patria pelo desterro, o descanço pela peregrinação, a casa propria e grande por uma choupana, a companhia dos que são meu sangue pela de gente estranha, de costumes e lingua desconhecida; e sobre tudo sem saber para onde vou ou me levam, vêde se foi grande prova esta de fé, e se tinha neste acto muito que reclamar a natureza! Mas não parou aqui. Promette Deus a Abrahão um filho, e dá-lhe Isaac: Promette-lhe neste filho grande descendencia, e grandes felicidades: eis que no meio destas esperanças, como se Deus virára a folha, e se esquecèra ou arrependêra do que tinha promettido, manda a Abrahão que prepare espada, fogo, e lenha, e que vá tirar a vida ao mesmo Isaac, e lh'o sacrifique em um monte, que elle tambem lhe mostraria: *Tolle filium tuum primogenitum, quem diligis, Isaac, et offeres illum in holocaustum super unum montium, quem monstravero tibi.* [2] E crêr um pai a Deus, quando lhe manda sacrificar o filho unico, e unicamente amado, com todos os motivos de horror e lastima, que o mesmo Deus não calou: e que seja o mesmo Abrahão com suas proprias mãos o executor do sacrificio: e que o sacrificio não seja outro, senão holocausto, de que lhe não ficasse parte ou prenda mais que a dôr, a saudade, e as cinzas? Aqui pasmou a natureza, aqui triumphou o valor, aqui batalhou a fé contra a fé, e se venceu a si mesma. Por isso não se celebra em Abrahão o crêr em Deus, senão o crêr a Deus: *Credidit Abraham Deo.*

Mas antes que feche o discurso, quero satisfazer a

---

[1] *Gen.*, XII, 2.
[2] *Ibid.*, XXII, 2.

uma grande objecção, com que pódem replicar ao que tenho dito, os versados na Escriptura. Quando a Escriptura disse de Abrahão: *Credidit Abraham Deo*, ainda Isaac não era nascido, quanto mais sacrificado; porque o caso do sacrificio succedeu dahi a vinte e seis annos, tendo Isaac vinte e cinco de edade. Como logo podia cahir e referir-se a esta acção o testemunho e elogio da sua fé? Que o mesmo testemunho se refira ao desterro da patria, posto que passado, como dizem os commentadores, seja: porém ao sacrificio futuro e tão distante, que nem era, nem fôra, nem havia de ser senão dahi a tantos annos, como póde ser? Agradecei a solução desta nova e fortissima instancia a um notavel texto do Apostolo S. Thiago no Capitulo 2 da sua Catholica: *Abraham pater noster, nonne ex operibus justificatus est, offerens Isaac filium suum super altare? Et suppleta est scriptura, dicens: Credidit Abraham Deo.* [1] Notae muito esta ultima clausula, que é milagrosa. Diz pois S. Thiago que naquella occasião famosa, em que Abrahão sacrificou a seu filho, então suppriu a Escriptura o illustre testemunho que tinha dado de sua fé, quando disse: Abrahão crêu a Deus: *Et suppleta est scriptura, dicens: Credidit Abraham Deo.* De maneira, que o testemunho da Escriptura tinha sido antes, o sacrificio de Isaac foi tantos annos depois: e comtudo o testemunho passado refere-se ao sacrificio futuro; porque em quanto não chegava o acto do sacrificio, esteve a Escriptura como suspensa e embargada, esperando aquella maior prova da fé de Abrahão, para supplemento do que tinha dito. Em quanto Abrahão não sacrificou, nem o seu valor estava bastantemente qualificado, nem o testemunho da Escriptura cabalmente completo: mas quando elle se arrojou ao sacrificio, então acabaram ambos de supprir e desempenhar, Abrahão a sua fé, a Escriptura a sua verdade: *Et suppleta est scriptura, dicens: Credidit Abraham Deo.* Para que se veja quão certa é a razão que assignamos de differença entre o crêr em Deus, e o crêr a Deus; entre o crêr em Christo, e o crêr a Christo; e que só crê a Deus e a Christo como deve, quem contra as repugnancias da natureza, e sobre todas as

[1] Epist. Jacob. II, 23.
[2] Baron. Spond. anno Christi 260.

leis do proprio amôr, prompta e constantemente o obedece. Mas porque a nós nos falta esta resolução e valor, e nas coisas que Christo nos manda ou aconselha, nos deixamos enfraquecer do receio, e vencer da difficuldade, por isso crendo em Christo, não crêmos a Christo. Esta é a verdadeira resposta daquella pergunta: este o verdadeiro porquê daquelle *quare*: *Quare non creditis mihi?*

VI

Agora que tenho satisfeito ao thema, acabado o discurso, e, se me não engano, provado o que prometti, quizera perguntar por fim a todo o christão, ou que cada um se perguntasse a si mesmo: Supposto que não crêmos a Christo, a quem crêmos? Se não crêmos a Christo, no que nos manda como verdadeiro Senhor, no que nos ensina como verdadeiro Mestre, e no que nos aconselha como verdadeiro amigo; a quem crêmos, ou a quem podemos crêr, senão a um tyranno que nos violente, a um traidor que nos engane, a um lisongeiro que nos perca? *Non credas inimico tuo in æternum:* [1] Diz o Espirito Santo: a teu inimigo não o creias jámais. E quem são estes a quem crêmos, senão os tres inimigos de nossa alma? O tyranno que nos violenta e captiva é o mundo: o traidor que nos mente e engana é o demonio: o lisongeiro que fallando sempre ao sabôr dos sentidos, nos precipita e perde, é a carne. O' carne, ó natureza corrupta, ó appetite depravado, ó fraqueza e miseria humana, que facilmente te rendes ao apparente bem deleitavel, e que cega e poderosamente resistes ao honesto e util? Não crês a quem te promette e abre o céu, e crês a quem t'o fecha? Não crês a quem com amôr te ameaça o inferno, e crês a quem com falsa doçura te arrebata e leva a elle? Tal é a nossa cegueira, tal a nossa loucura, tal a nossa pusillanimidade e covardia!

Crêu Abrahão a Deus antes de ser homem, crêu a Deus antes de encarnar e morrer por elle: e nós, rebeldes aos exemplos de sua vida, e ingratos ás finezas

[1] *Eccles.*, XII, 10.

de sua morte, não crêmos a Christo! Não nos manda Christo, depois de deixar o céo, que deixemos a patria, como a Abrahão: não nos manda Christo que depois de se pôr em uma cruz por nós, lhe sacrifiquemos os filhos: e não nos envergonhamos, que um homem que não tinha mais lei que a da natureza, contra as maiores repugnancias da mesma natureza, tivesse fé e valor para crêr a Deus, quando lhe punha tão duras leis? Então vivemos mui confiados que nos havemos de salvar, não crêndo a Christo, só porque crêmos em Christo. Olhae o que acrescenta o Texto á fé de Abrahão: *Credidit Abraham Deo, et reputatum est illi ad justitiam.* Crêu Abrahão a Deus, e então foi reputado e canonisado por justo. Porque crêu a Deus (diz) e não porque crêu em Deus. A fé com que se crê em Deus e em Christo, é fé de justos e peccadores: a fé com que se crê a Deus e a Christo, essa só é a fé dos justos; porque só essa sobre a outra é a que justifica e salva. Muitos que crêram em Deus e em Christo, estão no inferno, e dos que chegam a uso de razão, só os que crêem a Deus e a Christo se salvam.

E porque nos não lisongeêmos com a fé de christãos e catholicos, que nos distingue dos gentios e dos hereges, quero acabar estas verdades com uma verdade, em que não cuidamos os portuguezes, e nos devêra dar a todos grande cuidado. Fiamo-nos muito em que crêmos firmemente em Christo, como fieis catholicos? Pois eu vos digo da parte do mesmo Christo, e vos desengano, que se faltarmos á segunda parte da fé, tambem nos faltará a primeira; e que se não crêmos a Christo, estamos muito arriscados a não crêr em Christo. Inglaterra, Hollanda, Dinamarca, Suecia, e tantas outras provincias e nações da Europa, ou totalmente perdidas ou inficionadas da heresia, tambem foram catholicas como nós, tambem floresceram na fé, tambem deram muitos e grandes santos á Igreja. E porque cuidaes que apostataram da mesma Igreja, e da verdadeira fé, que só ella ensina? Diga-o a sua doutrina, e os seus mestres. Luthero, e Calvino, e os outros que elles levaram após seus erros, tambem criam em Christo; mas porque não crêram a Christo, já não crêem nelle. Impugnam e negam o Evangelho, porque não crêram ao Evangelho. Deram-se soltamente aos vicios e peccados: e porque

os não quizeram confessar, negaram o sacramento da Confissão: largaram a rédea á torpeza e sensualidade; e porque não quizeram guardar continencia, negaram a castidade; entregaram-se ás demasias e intemperanças da gula; e porque não quizeram ser sobrios, negaram o jejum e a penitencia; seguiram em tudo a largueza e liberdade da vida; e porque não quizeram obrar bem, negaram o valor e necessidade das boas obras. Emfim, deixada a lei de Deus como fieis, e a da razão como homens, fizeram outra que elles chamam Religião, na qual só se crê o interesse, e se obedece o appetite. Vêde que fé se podia conservar entre costumes de brutos! Conservam o baptismo e nome de christãos; mas verdadeiramente são atheus: e porque não crèram a Christo, passaram a não crèr em Christo. Estas são as disposições por onde se introduziu, e se ateou em tantos reinos a peste da heresia. E praza a Deus, que do Septentrião não passe tambem ao Occidente! Ainda cá não chegou, mas já está em caminho. E segundo os vicios lhe tem aberto as estradas, não será difficultosa a passagem.

VII

Não lhe será (torno a dizer) difficultosa a passagem, porque assim como os que crèem a Deus, passam facilmente a crèr em Deus, assim de não crèr a Christo, é facil passar a não crèr em Christo. Ninive era a maior cidade que houve no mundo; a gente infinita; os moradores todos gentios, sem fé nem conhecimento de Deus; os costumes corruptissimos e abominaveis, e em tudo similhantes aos do rei, que então era o infame Sardanapálo. E comtudo diz a Escriptura, que todos os Ninivitas em um dia crèram em Deus: *Cœpit Jonas Prædicare itinere unius diei, et crediderunt viri Ninivitæ in Deum.* [1] Pois se estes homens eram gentios, e tantos milhares, e tão habituados nos vicios, que são os que mais escurecem os entendimentos, e mais endurecem as vontades, como crèram em Deus tão fa-

[1] *Jonas*, III, 4 e 5.

cilmente? Crêram em Deus, porque crêram a Deus. Mandou-lhes Deus annunciar pelo propheta Jonas, que dentro em quarenta dias se havia de abrir a terra, e subverter a cidade: e assombrados do prégão, e atemorisados do castigo, crêu o rei, e crêu o povo, o que Deus pelo propheta lhes dizia: e como crêram a Deus, logo tambem crêram em Deus: *Crediderunt viri Ninivitæ in Deum.* Desenganemo-nos, pois, que se de crêr a Deus se passa tão facilmente a crêr em Deus; tambem de não crêr a Christo se passará com facilidade a não crêr em Christo. Não sou eu o que o digo, é S. Paulo. E fallava S. Paulo com Timotheo, melhor christão que nós, e de cuja fé se podia temer menos similhante ruina. Era Timotheo discipulo do Apostolo, era tão provecto na fé de Christo, que no subscripto desta mesma Epistola lhe chama dilecto filho na fé: era tão santo e favorecido do céo, que tinha mui altas illustrações e revelações divinas: e comtudo o grande Mestre das gentes logo no primeiro Capitulo o admoesta, e compunge assim: *Commendo tibi fili Timothee, secundum præcedentes in te prophetias, ut milites in illis bonam militiam, habens fidem, et bonam conscientiam, quam quidam repellentes, circa fidem naufragaverunt.* [1] Encommendo-te, filho meu Timotheo, que te não fies nas tuas revelações, para te descuidar da vida. Traze sempre unidas no coração e nas obras, a boa consciencia com a fé, e a fé com a boa consciencia; porque muitos, já neste principio da Igreja, porque não fizeram caso da consciencia, fizeram naufragio na fé. O' quanto se póde temer á vista destes naufragios, que tambem o faça esta náu em que imos embarcados! Ella leva nas bandeiras a cruz e chagas de Christo, mas quando as costuras da consciencia se vêem tão rotas e tão abertas: quando crêmos tão pouco a Christo e sua doutrina, que se póde esperar senão o que aconteceu a tantos? Os nossos peccados não são mais privilegiados que os seus, nem menos pezados: e se os seus os levaram ao fundo, e chegaram a naufragar na fé; porque não temeremos nós similhante desgraça, e que tambem se diga algum dia dos portuguezes (o que a divina Misericordia não permitta) *Circa fidem naufragaverunt?*

---

[1] *1.ª ad Timoth.*, I, 18 e 19.

S. Paulo põe por exemplo a Timotheo dois christãos mui nomeados da primitiva Igreja, Hymineu, e Alexandre, que por não se accommodarem ás leis e conselhos do Evangelho, depois de receber a fé, apostataram della. Eu em logar de peroração, quero deixar-vos na memoria outro exemplo, tambem visinho áquelles tempos, mas muito mais temeroso, e verdadeiramente horrendo. No anno de Christo duzentos e sessenta, na cidade de Antiochia (onde primeiro esteve a cadeira da Fé e de S. Pedro, que em Roma) foi prezo pela confissão de Christo um presbytero chamado Sapricio. [1] Padeceu constantemente o carcere, e outros tormentos; foi levado finalmente com a mesma constancia ao logar do martyrio, e quando estava já como Isaac sobre a lenha, e o tyranno com o golpe armado para lhe cortar a cabeça, chega Nicephoro, que tinha sido seu inimigo, e lançado a seus pés lhe péde que ao menos naquella hora o receba em sua graça, e lhe deite a sua benção. Que vos parece, senhores, que responderia Sapricio, e que faria em tal acto? Claro está que se lhe não pudesse lançar os braços, por ter as mãos atadas, com todo o affecto do coração, e com a maior doçura de palavras o metteria dentro na alma, que tão gloriosamente partia para o céo, e dava por Christo. Caso porém inaudito, e sobre toda a imaginação estupendo! Respondeu Sapricio irado, que se tirasse de sua presença; que se não havia de reconciliar com tal homem: que ainda era tão inimigo seu como sempre fôra; e que na occasião em que estava mostraria ao mundo que o havia de ser até á morte. Parece que excede toda a fé humana uma tal resposta de tal pessoa, e em tal hora. Mas quiz a Providencia Divina que as Actas e testemunhos authenticos de todo o successo existam ainda hoje, como refere Baronio, para que não vacilasse o credito de tamanho caso, que ainda é maior.

Mas antes que vá por diante, oiça-me Sapricio, já que não quer ouvir a Nicephoro. Homem, sacerdote, monstro, vês onde estás? Lembras-te do que és? Conheces o que queres ser? Estás debaixo do alfange do tyranno, queres ser martyr de Christo, e não te lembras que és christão? Não te lembras que diz

[1] Baron. Spond. anno Christi 260.

Christo (e com advertencia de que elle o diz) *Ego autem dico vobis: diligite inimicos vestros*? [1] Pois como não amas a este, que se foi teu inimigo, já o não é, e mais quando elle, rendido aos teus pés, te péde perdão? Não te lembras que diz o mesmo Christo, que se fôres offerecer sacrificio sobre o altar, deixes ahi o sacrificio, e te vás primeiro reconciliar com teu proximo, se tiver de ti alguma offensa: *Si offers munus tuum ad altare, relinque ibi munus tuum, et vade prius reconciliari fratri tuo?* [2] Pois se Nicephoro se vem reconciliar comtigo, estando tu offerecendo o sacrificio de tua vida e sangue por Christo, como não aceitas sua amisade, e queres morrer como viveste em odio? Aqui vereis, christãos, como é certo o que vos préguei: que nem todos os que crêem em Christo, crêem a Christo. Sapricio cria tão firmemente em Christo, que por confessar a sua fé, estava dando a vida; e no mesmo tempo cria tão pouco a Christo, que contra dois preceitos expressos de sua doutrina, nem amava a seu inimigo, nem se quiz reconciliar com elle.

E para que vejaes tambem no mesmo caso, quão certo é o que eu acabava de vos dizer, que quem não crê a Christo, facilmente passa a não crêr em Christo, ouvi com maior assombro o que se seguiu áquella resposta. Tanto que Sapricio respondeu a Nicephoro que ainda era seu inimigo, e não se queria reconciliar com elle, volta-se ao tyranno, que ia para descarregar o golpe, manda-lhe que suspenda a espada. E para que, ou porque? Porque eu (diz Sapricio) já não sou christão, renego de Christo, e quero offerecer incenso aos idolos. Assim o disse, e assim o fez o verdadeiro e falso catholico, passando em um momento de sacerdote a sacrilego, de martyr a renegado, e de christão a idolatra. *Sapricius* (conclue o mesmo Baronio) *vita jam oppignerata martyrio, quod veteri odio flagraret in Nicephorum, ipsum prope ictum vibrante carnifice, Christum negans idolis sacrificavit.* Póde haver mais temeroso exemplo, e mais para fazer temer a todo o christão? Mas assim veem a não crêr em Christo, os que não crêem a doutrina de Christo. E ainda mal,

[1] *Math.*, v, 44.
[2] *Ibid.*, 23.

porque não é só Sapricio o christão e o sacerdote, em que se representam os actos de similhante tragedia: *Confitentur se nosse Deum, factis autem negant.* [1] Não renegam de Christo com a bocca, mas renegam-no com as obras: não offerecem incenso aos idolos, mas teem idolos a quem sacrificam os corações: não professam publicamente o gentilismo, mas publica ou secretamente vivem como atheus. Crêamos, crêamos a Christo, e teremos segura a fé com que crêmos em Christo. E se fôr necessario dar por elle a vida, tambem a daremos constantemente, e sem mudança. Tal foi (ainda continúo a historia) tal foi a maravilhosa catastrophe, com que a fortuna não merecida de Sapricio no mesmo theatro, no mesmo momento, e na continuação do mesmo acto se passou a Nicephoro. Já o tyranno ia embainhando sem sangue a mal temida espada, contentando-se com a fraqueza e retractação do apostata, quando Nicephoro levantando-se de seus pés, onde lhe pedira e não alcançára o perdão, e substituindo-se animosamente no seu logar: aqui estou (disse em alta voz) sou christão, este posto é meu. Nem á fé de Christo lhe pódem faltar defensores, nem a seus altares victimas. Aqui está o peito aberto, e a garganta nua. O sacrificio que começaste noutro, acaba-o como quizeres em mim. Não soffreu a raiva do tyranno mais palavras, nem teve paciencia para mais dilatados tormentos, começou pelo ultimo. Esperou o novo e melhor martyr com a mesma constancia e alegria a ferida mortal: levaram-lhe a cabeça, e recebeu a corôa. Tal foi o fim de Nicephoro, tal o de Sapricio: digno um e outro da fé de ambos. Sapricio crêu em Christo, mas não crêu a Christo, e perdeu a Christo para sempre: Nicephoro crêu em Christo, e crêu a Christo, e gosa e gosará de Christo nas eternidades.

[1] *Tit.*, I, 16.

SERMÃO

DA

Quinta Dominga da Quaresma *

Prégado na Igreja Maior da Cidade de S. Luiz do Maranhão, no Anno de 1654

Si dixero quia non scio eum, ero similis vobis mendax. [1]

I

Temos juntamente hoje no Evangelho duas coisas que nunca pódem andar juntas: a verdade e a mentira. E porque não pódem andar juntas, por isso as temos divididas, a verdade no prégador, a mentira nos ouvintes: o prégador muito verdadeiro, o auditorio muito mentiroso. Uma e outra coisa disse Christo aos escribas e phariseus com quem fallava. O prégador muito verdadeiro: *Si veritatem dico vobis:* [2] o auditorio muito mentiroso: *Ero similis vobis mendax.*

De tres modos (que ha muitos modos de mentir) mentiram hoje estes máus ouvintes. Mentiram, porque não crêram a verdade: mentiram, porque impugnaram a verdade: mentiram, porque affirmaram a mentira. Não crêr a verdade é mentir com o pensamento; impugnar a verdade, é mentir com a obra; affirmar a mentira, é mentir com a palavra. Tudo isto lhe tinha prophetisado a Christo seu pai David, quando disse: *In multitudine virtutis tuæ mentientur tibi inimici tui.* [3] De muitos modos mostrareis efficazmente a verdade de vosso ser; mas vossos inimigos vos men-

---

[1] *Joan.*, 8.
[2] *Ibid.*, VI, 46.
[3] *Psalm.* LXV, 3.

tirão tambem por muitos modos: mentir-vos-hão não crendo, mentir-vos-hão impugnando, mentir-vos-hão mentindo, como hoje fizeram. Disse-lhes Christo, que era Filho de Deus verdadeiro, a quem elles chamavam pai sem o conhecerem: disse-lhes, que os que recebessem e observassem sua doutrina, viveriam eternamente; e aqui mentiram, não crendo a verdade: *Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi?* Disse-lhes mais, que Abrahão desejára vêr o seu dia, isto é, o dia em que havia de descer do céo á terra, e nascer homem entre os homens, e que finalmente o vira com grande jubilo e alegria da sua alma; e aqui mentiram impugnando a verdade: *Quinquaginta annos nondum habes, et Abraham vidisti?* [1] Tu não tens ainda cincoenta annos, e viste Abrahão? E o bezerro, que vós dissestes que vos livrára do Egypto, quantos annos tinha? Não era nascido e gerado naquelle mesmo dia? O dictame, com que o tivestes por Deus, era falso; mas a supposição com que entendestes que em Deus podia haver duas gerações, uma antes, e outra depois, era verdadeira. Respondeu Christo: *Antequam Abraham fieret ego sum:* [2] antes que Abrahão fosse, eu já era. Mas este *era* declarou-o pela palavra: *Ego sum:* eu sou; para que entendessem que era aquelle mesmo Deus, que quando se definiu a Moysés, disse: *Ego sum qui sum:* [3] Eu sou o que sou; porque no eterno não ha passado, nem futuro; tudo é presente. Em fim, mentiram affirmando a mentira, porque disseram, que Christo era samaritano e endemoninhado! *Samaritanus es tu, et dæmonium habes.* [4] E para mentirem duas vezes em uma mentira, repetiram a mesma blasphemia, ratificando o que tinham dito, e allegando-se a si mesmos: *Nonne benedicimus nos?* Mal é dizer mal; mas depois de o haverdes dito, dizerdes ainda que dizeis bem, é um mal maior sobre outro mal, porque é estar obstinado nelle.

Estas são as mentiras com que os escribas e phariseus hoje contradisseram, calumniaram e quizeram affrontar e deshonrar ao Filho de Deus, como o Se-

[1] *Joan.*, VIII, 57.
[2] *Ibid.*, 58.
[3] *Exod.*, III, 14.
[4] *Joan.*, VIII, 48.

nhor lhes disse: *Ego honorifico Patrem meum, et vos inhonorastis me.* [1] Mas posto que a sabedoria eterna fosse calumniada e injuriada por similhante gente, nem por isso ficou affrontado, nem deshonrado Christo; porque tudo o que disseram delle e lhe fizeram, foi por inveja, por odio, por raiva, por vingança: e quando as causas são estas, as injurias não injuriam, as affrontas desaffrontam, as deshonras honram. Não está muito honrado Christo? Dizei-o vós. Ora eu que prégarei neste dia, em que tanto se espera o assumpto dos prégadores? Hei tambem de dizer-vos uma grande injuria, uma grande affronta, e uma grande deshonra da vossa terra. Comtudo, ainda que as verdades causam odio, espero que não haveis de ficar mal commigo: porque hei-de affrontar a todos para desaffrontar a cada um. O discurso dirá como: *Ave Maria.*

II

Si dixero quia non scio eum, ero similis vobis mendax

A este Evangelho do domingo quinto da Quaresma chamaes communmente o domingo das verdades. Para mim todos os domingos teem este sobrenome, porque em todos prégo verdades, e muito claras, como tendes visto. Por me não sahir, comtudo, do que hoje todos esperam, estive considerando commigo que verdades vos diria: e segundo as noticias que vou tendo desta nossa terra, resolvi-me a vos dizer uma só verdade. Mas que verdade será esta? Não gastemos tempo. A verdade que vos digo, é que no Maranhão não ha verdade.

Cuidavam e diziam os sabios antigos, que em differentes ilhas do mundo reinavam differentes deidades: que em Creta reinava Jupiter, que em Delos reinava Apollo, que em Samo reinava Juno, que em Chypre reinava Venus, e assim de outras. Se o imperio da mentira não fôra tão universal no mundo, podera-se suspeitar que nesta nossa ilha tinha a sua côrte a mentira. Todas as terras, assim como teem

[1] *Joan.*, VIII, 49.

particulares estrellas, que naturalmente predominam sobre ellas, assim padecem tambem differentes vicios, a que geralmente são sujeitas. Fingiram a este proposito os allemães uma galante fabula. Dizem que quando o diabo cahiu do céo, que no ar se fez em pedaços, e que estes pedaços se espalharam em diversas provincias da Europa, onde ficaram os vicios que nellas reinam. Dizem que a cabeça do diabo cahiu em Hespanha, e que por isso somos fumosos, altivos, e com arrogancia graves. Dizem que o peito cahiu em Italia, e que daqui lhes veiu serem fabricadores de machinas, não se darem a entender, e trazerem o coração sempre coberto. Dizem que o ventre cahiu em Allemanha, e que esta é a causa de serem inclinados á gula, e gastarem mais que os outros com a meza e com a taça. Dizem que os pés cahiram em França, e que daqui nasce serem pouco socegados, apressados no andar, e amigos de bailes. Dizem que os braços com as mãos e unhas crescidas, um cahiu em Hollanda, outro em Argel, e que dahi lhes veiu (ou nos veiu) o serem corsarios. Esta é a substancia do apologo, nem mal formado, nem mal repartido; porque ainda que a applicação dos vicios totalmente não seja verdadeira, tem comtudo a similhança de verdade, que basta para dar sal á satyra. E supposto que á Hespanha lhe coube a cabeça, cuido eu que a parte della que nos toca ao nosso Portugal, é a lingua: ao menos assim o entendem as nações estrangeiras, que de mais perto nos tratam. Os vicios da lingua são tantos, que fez Drexelio um abecedario inteiro, e muito copioso delles. E se as lettras deste abecedario se repartissem pelos estados de Portugal; que lettra tocaria ao nosso Maranhão? Não ha duvida, que o M. *M.* Maranhão, *M.* murmurar, *M.* molejar, *M.* maldizer, *M.* malsinar, *M.* mexericar, e, sobre tudo, *M.* mentir: mentir com as palavras, mentir com as obras, mentir com os pensamentos, que de todos e por todos os modos aqui se mente. Novellas e novellos, são as duas moedas correntes desta terra: [1] mas teem uma differença, que as novellas armam-se sobre nada, e os novellos armam-se sobre muito, para tudo ser moeda falsa.

[1] A moeda corrente n'esta terra, são novellos de fio de algodão.

Na Bahia, que é a cabeça desta nossa provincia do Brazil, acontece algumas vezes o que no Maranhão quasi todos os dias. Amanhece o sol muito claro, promettendo um formoso dia, e dentro em uma hora se tolda o céo de nuvens, e começa a chover como no mais entranhado inverno. Succedeu-lhe um caso como este a D. Fradique de Toledo, quando veiu a restaurar a Bahia no anno de mil seiscentos e vinte e cinco. E tendo toda a gente da armada em campo para lhe passar mostra, admirado da inconstancia do clima, disse: *En el Brasil hasta los cielos mienten.* Não sei se é isto descredito, se desculpa. Que mais póde fazer um homem, que ser tão bom como o céo da terra em que vive? Outra terra ha em Europa (Roma), na qual eu estive ha poucos annos, em que se experimentam cada dia as mesmas mudanças, pelas quaes Galeno não quiz curar nella; porém alli ha outra razão; porque como a terra tem jurisdição sobre o céo, segue o céo as influencias da terra. Mas o que se disse do Brazil por galanteria, se póde affirmar do Maranhão com toda a verdade. E' experiencia inaudita a que agora direi, e não sei que fé lhe darão os mathematicos que estão mais longe da Linha. Quer pezar o sol um piloto nesta cidade onde estamos, e não no porto, onde está surto o seu navio, senão com os pés em terra: tomá o astrolabio na mão com toda a quietação e segurança. E que lhe acontece? Coisa prodigiosa! Um dia acha que está o Maranhão em um gráu; outro dia em meio: outro dia em dois; outro dia em nenhum. E esta é a causa porque os pilotos que não são praticos nesta costa, aream, e se teem perdido tantos nella. De maneira, que o sol, que em toda a parte é a regra certa e infallivel por onde se medem os tempos, os logares, as alturas, em chegando á terra do Maranhão, até elle mente. E terra onde até o sol mente, vêde que verdade fallarão aquelles sobre cujas cabeças e corações elle influe. Acontece-lhes aqui aos moradores, o mesmo que aos pilotos, que nenhum sabe em que altura está. Cuida o homem nobre hoje, que está em altura de honrado, e ámanhã acha-se infamado e envilecido. Cuida a donzella recolhida, que está em altura de virtuosa, e ámanhã acha-se murmurada pelas praças. Cuida o ecclesiastico, que está em altura de bom sacerdote, e ámanhã acha-se com reputação de máu homem. Em

fim, um dia estaes aqui em uma altura, e ao outro dia noutra, porque os labios são como o astrolabio. E' isto assim? A vós mesmos o oiço, que eu não o adivinhei. Vêde se é certa a minha verdade, que não ha verdade no Maranhão.

III

Ora eu me puz a especular a causa porque o clima e o céo desta terra influe tanta mentira, e parece-me que achei a causa verdadeira e natural. Assim como o céo com uma virtude influe outra virtude, assim o clima, que tambem se chama céo, com um vicio influe outro vicio. Ponhamos o exemplo na verdade, que é a virtude contraria da mentira: *Veritas de terra orta est:* diz David. [1] A verdade nasceu da terra. E logo advertiu, que a terra de que fallava, não era toda a terra, senão a sua: *Et terra nostra dabit fructum suum.* [2] Mas donde lhe veiu áquella terra (que era a de Promissão) donde lhe veiu uma virtude tão singular no mundo, que nascesse della a verdade? O mesmo propheta o disse: *Veritas de terra orta est, et justitia de cœlo prospexit.* Toda esta virtude da terra veiu-lhe do céo. Influiu o céo na terra a justiça, e nasceu nella a verdade. A verdade é filha legitima da justiça, porque a justiça dá a cada um o que é seu. E isto é o que faz, e o que diz a verdade: ao contrario da mentira. A mentira, ou vos tira o que tendes, ou vos dá o que não tendes; ou vos rouba, ou vos condemna. A verdade não: a cada um dá o seu, como a justiça. E porque o céo influiu naquella terra a justiça, por isso influiu e nasceu nella a verdade. Influiu uma virtude, e nasce outra.

O mesmo passa nos vicios. Se o clima influe soberba, nasce a inveja: se influe gula, nasce a luxuria: se influe cubiça, nasce a avareza: se influe ira, nasce a vingança. E para nascer a mentira, que é o que influe? Ociosidade. Onde o clima influe ocio, dá-se a

[1] *Psal.*, LXXXIV, 12.
[2] *Ibid.*, 13.

mentira a perder. Nasce, cresce, espiga, e de um não sei què, tamanho como um grão de trigo, podeis colher mentiras aos alqueires. Estes são os dois vicios do Maranhão, estas as duas influencias deste clima — ocio e mentira. O ocio é a primeira influencia, a mentira a segunda: o ocio a causa, a mentira o effeito. Não ha terra no mundo que mais incline ao ocio, ou á preguiça, como vós dizeis; e esta é a semente de que nasce tão má herva. Ouvi a S. Paulo. Falla o Apostolo da ilha de Creta, que é a Candia, que hoje vae conquistando o turco, e diz assim: *Cretenses semper mendaces, ventres pigri:* [1] os cretenses teem dois vicios, que sempre se acham nelles: mentirosos e preguiçosos. Pudéra dizer mais, se fallára da nossa ilha, e de toda esta terra? Digam-no os naturaes. Nem a sua diligencia, nem a sua verdade o póde negar. Não ha gente mais mentirosa, nem mais preguiçosa no mundo. Deitados na sua rede: *Ventres pigri;* ouvidos nas suas palavras: *Semper mendaces.* Mas como estas virtudes veem do céo, como são influencias do clima, pegaram-se tambem aos portuguezes. Falta a verdade, porque sobeja a ociosidade. Dae-me vós homens ociosos, que eu vol-os darei mentirosos. E senão, vamos ao Evangelho.

As mais desfechadas mentiras que nunca se ouviram, nem imaginaram, foram as que hoje lhe disseram a Christo na cara os escribas e phariseus, pelas quaes o mesmo Senhor lhes chamou mentirosos: *Ero similis vobis mendax.* Disseram que era samaritano e endemoninhado. E não só o disseram esta vez, como advertiu Origines, mas assim o diziam publicamente: *Nonne bené dicimus nos, quia samaritanus es tu, et dæmonium habes?* [2] E notae o que disseram mais abaixo: *Nunc cognovimus, quia samaritanus es tu, et dæmonium habes:* [3] Agora conhecemos que és samaritano e endemoninhado. Pois se agora o conhecestes, como o dizieis dantes? Porque os mentirosos dizem as coisas antes de as saberem. Mas tornemos á substancia da mentira. Christo lançava os demonios de todos os corpos, e elles chamam-lhe endemo-

[1] *Tit.*, I, 12.
[2] *Joan.*, VIII, 48.
[3] *Ibid.*, 52.

ninhado: Christo era galiléu natural de Nazareth, e chamam-lhe samaritano. E se o diziam pela religião e pelos costumes, os samaritanos eram idolatras, e apostatas da Lei; e Christo era o legislador e reformador della. Estas eram as mentiras que diziam os escribas e phariseus. E o povo que dizia? Dizia a verdade: que Christo era um grande propheta, que era o Rei promettido de Israël, que era o Messias. Pois se o povo simples e sem lettras, conhecia e dizia a verdade; os escribas e phariseus, que se prezavam de sabios, como cuidavam e diziam tão desatinadas mentiras? Porque os escribas e phariseus era gente abastada e ociosa, e o povo não. Ide-lhe vêr as mãos, achar-lhas-heis cheias de callos. Quem trabalha, trata da sua vida; quem está ocioso, trata das alheias. Quem trabalha, como cuida no que faz, falla verdade, porque diz as coisas como são. O ocioso, como não tem que fazer, mente; porque diz o que imagina.

Esta é a razão porque a mentira é filha primogenita do ocio: vêde como se fórma dentro em vós mesmos este monstruoso parto. Quem está ocioso, não tem mais que fazer que pôr-se a imaginar: da ociosidade nasce a imaginação, da imaginação a suspeita, da suspeita a mentira. E' a imaginação no ocioso como a serpente de Eva. Estava ociosa Eva no paraiso, entrou a serpente colleando-se mansamente sem pés, mas com cabeça: começou pela especulação, e acabou pela mentira. Começou pela especulação: *Cur præcepit vobis Deus:* [1] e acabou pela mentira, e duas mentiras: *Nequaquam moriemini: eritis sicut dii.* [2] Consentiu Eva na mentira peçonhenta: de Eva passou a Adão, de Adão ao genero humano. Não succede assim ás mentiras imaginadas, que vós, como bicho da seda, gerastes dentro em vós mesmos, fabricando de vossas entranhas a mortalha para vós, e o vestido para os outros? Metterá a lingua a thesoura, e sem tomar as medidas á verdade, vós lhe cortareis de vestir. Porque cuidaes que se dizem tantas coisas mal feitas? Porque se fizeram? Não, que a mim me consta do contrario. E' porque se imaginaram; e tanto

[1] *Gen.*, III, 1.
[2] *Ibid.*, 4 e 5.

que vieram á imaginação, já estão na prancha da lingua.

Que bem o disse David: *Tota die iniquitatem cogitavit lingua tua:* [1] Todo o dia a vossa lingua estava cuidando e imaginando maldades: *Tota die:* Todo o dia. Vêde se era ocioso aquelle de quem fallava David: Todo o dia não tinha outra coisa que fazer. E que fazia? Estava a sua lingua cuidando e imaginando maldade. Não sei se reparaes na impropriedade das palavras. O cuidar, o imaginar é obra do entendimento, não é da lingua: a lingua falla, o entendimento imagina. Pois se a imaginação está no entendimento; como diz David que estes fabricadores de maldades imaginavam com a lingua: *Tota die iniquitatem cogitavit lingua tua?* Fallou David com esta que parece impropriedade, para declarar com toda a propriedade o que queria dizer. Não diz que imagina com a lingua, porque a lingua imagine, que isso não póde ser: mas diz que imaginam com a lingua, por duas razões: primeira, porque a sua lingua não diz o que é, senão o que imagina; segunda, porque quanto lhes vem á imaginação, logo o põem na lingua. O mesmo David: *Cogitaverunt, et loquuti sunt iniquitatem:* [2] Em imaginando a maldade, logo a dizem, sem outra causa para a dizerem, mais que a sua maldade: sem outro fundamento, mais que a sua imaginação. Por isso lhes chama o propheta *verba præcipitationis:* [3] tão precipitados em affirmar quanto imaginam sem consideração, sem advertencia, sem reparo, sem escrupulo, sem temôr de Deus, sem metter espaço, nem fazer differença entre o imaginar e o dizer: como se tiveram a imaginação na lingua, ou a lingua na imaginação: como se a lingua fôra a que imagina, ou a imaginação a que falla: *Cogitavit injustitiam lingua tua.* Quantas vezes se diz do honrado e da honrada, do innocente e da innocente o que nunca lhe passou pela imaginação? Mas basta que o maldizente o imagine, ou o queira imaginar, para o pôr na conversação e na praça, e o affirmar com tanta certeza, como se o lêra em um Evangelho. Deus vos livre de taes lin-

[1] *Psal.*, LI, 4.
[2] *Ibid.*, LXXII, 8.
[3] *Ibid.*, LI, 6.

guas, e muito mais de taes imaginações; porque se a vossa honra lhe entrou na imaginação, nenhum remedio tendes; não ha-de parar ahi, ha-de passar á lingua: *Cogitaverunt, et loquuti sunt.*

Daqui entendereis a razão de um notavel preceito de Deus, que por uma parte parece rigoroso, e por outra menos necessario. Prohibe Deus sob pena de peccado mortal e de inferno, que ninguem tenha juizo temerario do seu proximo. Juizo temerario é cuidar eu e julgar mal de meu proximo dentro no meu pensamento. Pois se o meu juizo fica dentro do meu pensamento, e não sáe fóra, nem póde fazer bem, nem mal ao proximo; porque o prohibe Deus com tanta severidade? Primeiramente notae e adverti quão estimada é e quão delicada para com Deus, a honra e a reputação de cada um de nós. Nem cá dentro no meu entendimento, nem cá dentro na minha imaginação, quer Deus que estejaes mal reputado. Zela Deus, e cia a vossa honra e a vossa reputação, até de mim para commigo. Vède quanto ciará e sentirá que passe aos ouvidos, e ande pelas boccas de uns e outros. Daqui nasce a razão porque Deus prohibe tão rigorosamente os juizos temerarios. Não quer que haja juizos temerarios, para que não haja falsos testemunhos. Os falsos testemunhos formam-se na lingua: os juizos temerarios formam-se na imaginação: e como da imaginação á lingua ha tão pouca distancia, para que não haja falsos testemunhos na lingua, prohibe que não haja juizos temerarios na imaginação. Não se contentou Deus com metter o inferno entre a imaginação e a lingua, com um preceito de peccado mortal; mas metteu outra vez o inferno entre o entendimento e a imaginação, para que com estes dois muros de fogo tivesse defendida a nossa honra das nossas linguas. E comtudo, isto não basta. Porque? Porque em se passando a primeira muralha, está vencida a segunda: em chegando á imaginação, já está na lingua: *Cogitaverunt, et loquuti sunt.*

Senhores meus, vivemos em uma terra muito ociosa, e por isso muito sujeita a imaginações. Aqui se ha-de pôr o remedio. Diz o apostolo S. Thiago, que não ha fera mais difficultosa de enfrear que a lingua. Para se pôr o freio na lingua, hão se de metter as cabeçadas na imaginação. Nos vossos engenhos, para que não córra a levada, pondes o resisto no açu-

de. O primeiro a quem mentis, é a vós. Não mentiram as linguas a todos, se as imaginações não mentiram a cada um. Aqui é que se ha-de pôr o resisto. Job, que conhecia muito bem a sympathia das potencias com os sentidos, dizia: *Pepigi fœdus cum oculis meis, ut ne cogitarem de virgine:* [1] Fiz concerto com os meus olhos, para estar seguro dos meus pensamentos. Concertae-vos com os vossos pensamentos, se quereis estar seguros das vossas linguas. Mas porque daes entrada a quanto quereis no pensamento, por isso dizeis tantas coisas que nunca passaram pelo pensamento.

IV

Vejo que estão agora alguns no auditorio mui contentes, dizendo comsigo, que isto não falla com elles, porque é verdade, que não são mudos, e que quando se acham em conversação tambem fallam nas vidas alheias: mas que não são homens que digam o que imaginam; dizem o que ouvem: e quem diz o que ouve, não mente. Ora estae commigo. Se vós soubereis quantas voltas dão as palavras desde a bocca até os ouvidos, não houvereis de dizer isso, ainda que foreis mui verdadeiros. Quero-vos pôr o exemplo na melhor bocca e nos melhores ouvidos do mundo. Perguntou S. Pedro a Christo, que havia de ser de S. João. Respondeu o Senhor: *Sic eum volo manere:* [2] quero que fique assim. Isto é o que Christo disse: e os Apostolos que disseram? *Exiit sermo inter fratres, quod discipulus ille non moritur:* Começaram a dizer uns com os outros, que S. João não havia de morrer. E acrescenta o Evangelista: *Et non dixit Jesus, non moritur, sed sic eum volo manere.* E Christo não disse que elle não havia de morrer, senão que queria que ficasse assim. Pois se Christo o não disse, como o disseram os Apostolos? Elles é certo que não quizeram dizer uma coisa por outra: mas desde a bocca aos ouvidos são tantas as voltas que dão as palavras, ou no que sôam, ou no que si-

[1] *Job.*, XXXI, 1.
[2] *Joan.*, XXI, 22.

gnificam, que o que na bocca de Christo é ficar, nos ouvidos dos Apostolos é não morrer. Não podia haver nem melhor bocca que a de Christo, nem melhores ouvidos que os dos Apostolos; e se entre o dizer de tal bocca e o perceber de taes ouvidos succedem estas contradições, que será quando a bocca não é de Christo, e quando os ouvidos não são de S. Pedro, nem de S. João? Quantas vezes vos disseram uma coisa e percebestes outra? Quantas vezes ouvis o que não ouvis? Quantas vezes entre a bocca do outro e os nossos ouvidos ficou a honra alheia pendurada por um fio? E queira Deus que não ficasse enforcada. Isto acontece quando os homens ouvem com os ouvidos; mas quando ouvem com os corações, ainda é muito peior. E os corações tambem ouvem? Nunca vistes corações? Os corações tambem teem orelhas: e estae certos que cada um ouve, não conforme tem os ouvidos, senão conforme tem o coração e a inclinação.

Em quanto Moysés estava no monte Sinaï recebendo a Lei de Deus, pediram os judeus a Arão, que lhes fundisse um bezerro de oiro: e como era o primeiro dia da dedicação daquella imagem, celebraram-no elles com grandes festas. Desce do monte Moysés com Josuë, [1] ouviram as vozes ao longe: disse Moysés: Eu oiço cantar a córos: disse Josuë: Não é senão tumulto de guerra. Aqui temos *choros castrorum*. [2] Se as vozes eram as mesmas, como a um parecem musicas, e a outro parecem trombetas? A razão é clara. Moysés era religioso, Josuë era soldado: ao religioso parecem-lhe as vozes do côro, ao soldado de guerra. Cada um ouve conforme o seu coração e a sua inclinação. Deus nos livre de um coração mal inclinado. Se ouvir um *Te Deum laudamus*, ha-de dizer que ouviu uma carta de excommunhão. Os que ouvem, são os ouvidos; mas os que ouvem bem, ou mal, são os corações. Tudo o que entra pelo ouvido, faz ecco no coração; e conforme está disposto o coração, assim se formam os eccos. Ainda vos hei-de declarar isto com outra comparação mais propria. Na fundição de Arão a temos.

---

[1] *Exod.*, XXXII, 18.
[2] *Cant.*, VII, 1.

Quer um fundidor formar uma imagem. Supponhamos que é de S. Bartholomeu com o seu diabo aos pés. Que faz para isto? Faz duas fôrmas de barro, uma do santo e outra do diabo, e deixa aberto um ouvido em cada uma. Depois disto derrete o seu metal em um fôrno, e tanto que está derretido e preparado, abre a bocca ao fôrno, corre o metal, entra por seus canaes no ouvido de cada fôrma, e em uma sáe uma imagem de S. Bartholomeu muito formosa; noutra uma figura do diabo, tão fêa como elle. Pois valha-me Deus, que differença é esta? O metal era o mesmo, a bocca por onde sahiu, a mesma; e entrando por um ouvido faz um santo, entrando por outro ouvido, faz um diabo? Sim, que não está a coisa nos ouvidos, senão nas fôrmas, que estão lá dentro. Onde estava a fôrma do diabo, sahiu um diabo: onde estava a fôrma do santo, sahiu um santo. Senhores meus, todos os nossos ouvidos vão a dar lá dentro em uma fôrma, que é o coração. Se o coração é fôrma do santo, tudo o que entra pelo ouvido é santo: se é fôrma do diabo, tudo o que entra pelo ouvido é diabolico.

Quereil-o vêr? Olhae para o nosso Evangelho. Disse Christo aos escribas e phariseus: *Ego honorifico Patrem meum:* [1] Eu honro a meu Pai: *Ego non quæro gloriam meam:* Eu não busco a minha gloria: *Si quis sermonem meum servaverit, mortem non videbit in æternum:* Se alguem guardar os meus preceitos, viverá eternamente. Ouvidas estas palavras, quem não diria, quando menos, que era um santo quem as dizia, principalmente tendo provado a sua doutrina com tantos milagres? E os escribas e phariseus que disseram? *Nunc cognovimus quia dæmonium habes:* Agora conhecemos que trazes dentro em ti o demonio. Pois tambem de umas palavras tão santas e tão divinas formam estes homens um conceito tão diabolico? Sim, tambem: porque taes eram as fôrmas em que receberam o que lhes entrou pelos ouvidos. Aquelles malditos homens eram filhos do diabo, como Christo lhes disse nesta mesma occasião: *Vos ex patre diabolo estis:* [2] e de uns corações diabolicos, de umas fôrmas endemoninhadas, ainda que

[1] *Joan.*, VIII, 49.
[2] *Ibid.*, 44.

o metal fosse tão divino, que havia de sahir senão um demonio: *Daemonium habes?* Isto succedeu ás palavras de Christo, para que vejamos o que póde succeder ás demais. E' verdade que as fôrmas não são todas umas. Assim como sáe um diabo, e outro diabo, póde sahir tambem um S. Bartholomeu; mas ainda assim, o melhor é não entrar por ouvidos de homens, posto que as fôrmas não sejam do diabo, senão do santo; porque se a fôrma é o diabo, ficaes diabo; e se é de S. Bartholomeu, ficaes esfolado. Ninguem passou pelos dois estreitos da bocca e ouvidos humanos, que não deixasse nelles, quando menos, a pelle.

Notavel é o artificio, com que a natureza formou os nossos ouvidos. Cada ouvido é um caracól, e de materia que tem sua dureza. E como as palavras entram passadas pelo ôcco deste parafuso, não é muito que quando sáem pela bocca, saiam torcidas. Tornemos ás de Christo hoje. Disse o Senhor aos seus ouvintes: *Abraham exultavit ut videret diem meum, vidit, et gavisus est:* Abrahão desejou vêr minha vinda ao mundo, viu-a, e alegrou-se. Isto é o que entrou pelos ouvidos dos escribas e phariseus. E que é o que sahiu pelas boccas? *Quinquaginta annos nondum habes, et Abraham vidisti?* Ainda não tens cincoenta annos, e viste Abrahão? Vêde como sahiram torcidas as palavras dos ouvidos á bocca. Christo disse que Abrahão o vira a elle: e os phariseus dizem que dissera que elle vira a Abrahão: *Et Abraham vidisti.* Assim torceram o nome, e mais o verbo. Ao nome mudaram-lhe o caso, e ao verbo a pessoa. Christo disse o nome em nominativo, e elles puzeram-no em accusativo: Christo disse o verbo na terceira pessoa, e elles puzeram-no na segunda. De *Abraham vidit*, formaram *Abraham vidisti.* Eis aqui como sáem as palavras dos ouvidos á bocca, torcidas, e retorcidas: torcidos os nomes, torcidos os verbos, torcidas as pessoas, torcidos os casos. Então dizeis que dissestes o que ouvistes.

Mais succede nesta passagem dos ouvidos á bocca. Como os ouvidos são dois, e a bocca uma, succede, que entrando pelos ouvidos duas verdades, sáe pela bocca uma mentira. Parece coisa de tregeito; mas é tão certa, que a primeira mentira que se disse no mundo, foi desta casta: uma mentira feita de duas

verdades. Antes que vol-a diga, quero-vos mostrar como isto póde ser. Quando quereis dizer que fulano é grande mentiroso, dizeis que é uma chimera. Mas que coisa é chimera? Mui poucos de vós deveis de o saber. Chimera é um animal fingido, composto de dois animaes verdadeiros: um monstro, meio homem, meio cavallo, é chimera: um monstro, meio aguia, meio serpente, é chimera: um monstro, meio leão, meio peixe, é chimera; mas não ha taes monstros, nem taes chimeras no mundo. De maneira, que as ametades são verdadeiras, os todos ou monstros que delas se compõem, são fingidos. As ametades são verdadeiras: porque ha homem e cavallo, ha aguia e serpente, ha leão e peixe: os monstros que se compõem destas ametades, são fingidos; porque não ha tal coisa no mundo. Isto mesmo fazem os mentirosos: partem duas verdades pelo meio, e, sem mudar, nem acrescentar nada ao que dissestes, de duas verdades partidas, fazem uma mentira inteira. Tal foi a mentira que disse o diabo a nossos primeiros pais, e foi a primeira mentira que no mundo se disse: *Cur praecepit vobis Deus, ut non comederetis de omni ligno paradisi?* [1] Porque vos mandou Deus (diz o diabo a Eva) que de todas as arvores quantas ha no paraiso, não comesseis? Ha tal mentira como esta? E foi feita de duas verdades. Deus deu a nossos primeiros pais uma permissão, e um preceito: a permissão foi: comei de todas as arvores: o preceito foi: não comaes desta arvore. E que fez o diabo? Do *comei de todas as arvores*, tomou o *de todas as arvores;* e do *não comaes desta arvore*, tomou o *não comaes:* e ajuntando o não *comaes*, com o *de todas as arvores*, disse *que mandára Deus que de todas as arvores não comessem*. Póde haver maior mentira? Pois foi grudada de duas verdades. Defendei-vos lá agora das vossas mentiras, com dizer que dissestes as mesmas palavras que ouvistes, e que não acrescentastes nada. Que importa que não acrescenteis, se diminuistes? Peior é uma verdade diminuida, que uma mentira mui declarada; porque a verdade diminuida na essencia é mentira, e tem apparencias de verdade; e mentiras que parecem verdades, são as peiores mentiras de todas.

---

[1] *Genes.*, III, 1.

Mas porque acabemos de uma vez com as mentiras de ouvidos: para que seja mentira o que dizeis, não é necessario que oiçaes mal, nem que diminuaes ou acrescenteis o que ouvistes: póde um homem dizer pontualmente o que ouviu, e ouvir pontualmente o que disseram, e com tudo isso mentir. Quando os judeus accusaram a Christo diante de Pilatos, buscavam diversos falsos testemunhos, e nenhum concluia. Ultimamente diz o Evangelista, que vieram duas testemunhas falsas, as quaes disseram, que ouviram dizer a Christo, que se o Templo de Jérusalem se desfizesse, elle o reedificaria em tres dias. Para intelligencia deste testemunho havemos de saber, que entrando Christo no Templo de Jérusalem, e achando que nelle estavam comprando e vendendo, fez um azorrague das cordas que alli estavam, e a açoites lançou fóra os que compravam e vendiam. Espantados elles da resolução de Christo, disseram que lhe désse algum signal do poder com que fazia aquillo. Respondeu o Senhor: *Solvite Templum hoc, et in tribus diebus excitabo illud.* [1] Pois se Christo disse, derribae o Templo, e em tres dias o levantarei, e elles testemunharam o que lhe ouviram: como eram testemunhas falsas? *Venerunt duo falsi testes.* [2] O Evangelista o declarou: *Ille autem dicebat de Templo corporis sui:* [3] fallava do templo do seu corpo, o qual templo o Senhor excitou tres dias depois de derrubado, que foi no dia da resurreição. E como Christo disse aquellas palavras em um sentido, e elles as referiram em outro; ainda que as palavras eram as mesmas que tinham ouvido, sem mudar, nem acrescentar, nem diminuir, as testemunhas eram falsas. Cuidaes que para mentir, e para dizer testemunhos falsos, é necessario mudar, diminuir, ou acrescentar as palavras que ouvistes? Não é necessario nada disto: basta mudar-lhe o sentido, ou a intenção, ainda que a não entendaes; porque haveis suppôr que a pódem ler; e mais quando as pessoas são taes (como era a de Christo) que pódem fallar com mysterio. Quantas vezes se dizem as palavras sinceramente com uma tenção mui-

[1] *Joan.*, II, 19.
[2] *Math.*, XXVI, 60.
[3] *Joan.*, II, 21.

lo sã, e vós as interpretaes, e corrompeis de maneira, que de um louvor fazeis um aggravo, de uma confiança uma injuria, de uma galanteria uma blasphemia, e de uma graça levantaes uma tal labareda, que se originaram della muitas desgraças? E se isto succede quando os homens dizem o que ouviram, e só o que ouviram; que será quando dizem o que imaginaram, e o que sonharam, ou o que ninguem imaginou, nem sonhou?

V

Tambem contra este segundo discurso ha quem cuide que está adargado. Dizem alguns, ou diz algum: não sou eu daquelles, porque a mim nunca me sahiu pela bocca coisa que me entrasse pelos ouvidos: para affirmar, hei-de vêr com os olhos primeiro: e se para isso fôr necessario que os olhos não durmam quarenta noites, estando vigiando a uma esquina, hei-o de fazer sem descançar, até vêr averiguada a minha suspeita. Ah, ronda do inferno! Ah, sentinella de Satanaz! Este mesmo, se lhe mandar o confessor que faça exame de consciencia, meio quarto de hora antes de se deitar, não o ha-de poder fazer com somno. Mas para destruir honras, para abrazar casas, estará feito um Argus quarenta noites inteiras. Não cuidem, porém, estes malignos vigiadores, que por ahi se livrarão de mentirosos. Fostes, vigiastes, observastes, vistes, dissestes, e tendes para vós que fallastes verdade? Pois mentistes muito grande mentira. Os olhos mentem de dia, quanto mais de noite. Grande caso! No Livro quarto dos Reis, Capitulo terceiro. [1] Sahiram em campanha contra os Moabitas, el-rei de Israël, el-rei de Judá, e el-rei de Edon. Estavam ainda os exercitos para dar batalha na manhã seguinte: eis que ao romper do sol olharam os Moabitas para os arraiaes dos inimigos, e viram que pelo meio delles corria um rio de sangue. Começaram a acclamar com grande alegria: «sangue, sangue, sem duvida que os tres reis pelejaram esta noite entre si, e mataram-se uns aos outros; vamos a recolher os

[1] *4.º Livr. dos Reis*, III, 22.

despojos». Sahiram os Moabitas correndo tumultuariamente; mas elles foram os despojados, e os vencidos; porque o sangue que viram, ou se lhes affigurou que viram, não era sangue. Foi o caso, que passava um rio por meio dos arraiaes dos tres reis, e como ao sahir do sol feriram os raios na agua que ia correndo, fez taes reflexos a luz, que parecia sangue. E esta apparencia de sangue tão enganosamente visto, e tão falsa, e tão facilmente crido, foi o que precipitou aos Moabitas, e os levou a metterem-se nas mãos de seus inimigos. Se reparaes no caso, as duas coisas mais claras que ha no mundo, é o sol, e a agua. Os nossos proverbios o dizem: claro como a agua, claro como a luz do sol. E quaes foram as coisas de que se formou aquelle engano nos olhos dos Moabitas, com que cuidaram que o rio era sangue? Uma coisa foi o sol, e outra coisa foi a agua: o sol, porque feriu com seus raios as aguas; e as aguas porque feridas deram com os reflexos apparencias de sangue. De sorte que se enganaram os olhos nas duas coisas mais claras que ha no mundo. Pois se os olhos se enganam nas coisas mais claras; como se não enganarão nas mais escuras, e ás escuras? De dia engana-vos o sol, e de noite quereis-vos desenganar com as trevas?

Dir-me-heis que havia lua e estrellas, quando vistes. Essa pequena luz é a que cega mais; porque faz que umas coisas pareçam outras. Trouxeram um cego a Christo, poz-lhe o Senhor as mãos nos olhos, e perguntou-lhe se via? Respondeu o cego: *Video homines velut arbores ambulantes:* [1] Senhor, vejo os homens como arvores que andam. Mais cego estava agora este cego que dantes; porque dantes não via nada, agora via umas coisas por outras. Os homens que são de tão differente figura e estatura, via-os como arvores, e as arvores que estão prezas com as raizes na terra, via que andavam como homens. Eis aqui o que tem vêr com pouca luz. O mesmo acontece a estes cegos vigiadores, que vão estudar de noite o que hão-de rezar de dia: *Video homines velut arbores ambulantes.* O cego de Christo, figurava-se-lhe que os homens eram arvores, e estes cegos do diabo, figura-se-lhes que as arvores são homens. Põem-se a

[1] *Marc.*, VIII, 24.

espreitar, vêem uma arvore em um quintal, eis lá vae um homem. A arvore está tão pregada pelas raizes, que dois cavadores a não arrancarão em um dia, e elle ha-de jurar aos Santos Evangelhos, que viu entrar e sahir aquelle vulto: *Arbores ambulantes*. Oh maldito officio, oh infernal curiosidade! Já se os olhos levarem alguma nuvemzinha, como sempre levam, ou de desconfiança, ou de odio, ou de inveja, ou de suspeita, ou de vingança, ou de outra qualquer paixão, ahi vos gabo eu: *Tenebrosa aqua in nubibus aeris*. [1] Notou David admiravelmente, que a agua nas nuvens é negra. Vêdes lá vir um aguaceiro escuro mais que a mesma noite: que negrume é aquelle? Não é mais que agua e nuvem: a nuvem é um volante, a agua é um crystal; e destes dois ingredientes tão puros e tão diaphanos, se faz uma escuridade tão negra, e tão espessa. Se quem vae vigiar e espreitar a vossa vida e a vossa honra, levar alguma nuvem diante dos olhos, ainda que seja tão delgada como um volante, por mais que a vossa vida e a vossa honra seja tão clara e tão pura como um crystal, ha-lhe de parecer escura e tenebrosa: *Tenebrosa aqua in nubibus aeris*. Finalmente, reduzindo todo o discurso, ou discursos: mentem as linguas, porque mentem as imaginações; mentem as linguas, porque mentem os ouvidos; mentem as linguas, porque mentem os olhos; e mentem as linguas, porque tudo mente, e todos mentem.

VI

Tenho acabado de provar a materia que propuz. Mas parece-me que estaes dizendo (como disse no principio) que tenho dito muitas affrontas á vossa terra. Porém eu digo (como tambem prometti) que antes a tenho desaffrontado. E senão, pergunto: Qual vos está melhor; que seja verdade o que se diz, ou que sejam mentiras? Não ha duvida, que vos está melhor, que sejam mentiras. Pois isto é o que eu tenho dito. Se fôra verdade o que se diz, era grande affronta vossa; mas como tenho mostrado que tudo

[1] *Psal.*, XVII, 12.

são mentiras, ficaes todos muito honrados. Hoje vos restitui vossa honra, porque provei que mentem todos os que dizem mal de vós. Vós bem sabeis melhor que eu, que tudo são mentiras: mas eu tomei por minha conta este manifesto por amôr dos forasteiros que me ouvem, que não são praticos nos costumes da terra. Dos Apostolos de Christo se diziam e se haviam de dizer muitos males, porque é uso do mundo dizer mal dos bons. E o Senhor para os desaffrontar e animar disse-lhes esta divina sentença: *Beati eritis, cum maledixerint vobis homines, et dixerint omne malum adversum vos, mentientes:* [1] Bemaventurados vós quando os homens disserem todo o mal de vós, *mentientes*, mentindo. Nesta palavra está a consolação e a desaffronta. Se os homens dizem mal, fallando verdade, é grande desgraça; mas se elles dizem mal, *mentientes*, mentindo, não importa nada. Por isso disse, e quero que saibam todos, que o que nesta terra se diz são mentiras. O mentiroso conhecido ha-de-se entender ás avessas; e entendido ás avessas, nem affronta, nem mente, porque diz verdade. E assim haveis de entender tudo o que ouvis. Guarde-vos Deus de que o mentiroso diga bem de vós; porque é signal que sois o contrario do que elle diz. Essa foi a razão porque Christo quando o diabo o nomeou por Filho de Deus, lhe mandou que callasse; porque como o diabo é pai da mentira, em dizer que era Filho de Deus, dizia que o não era. E esse foi tambem o modo geral, com que o mesmo Senhor hoje se desaffrontou de todas as injurias que os escribas e phariseus lhe tinham dito, qualificando-os por mentirosos: *Ero similis vobis mendax.*

E' verdade que os forasteiros a quem eu prégo esta doutrina fazem um terrivel argumento contra a nossa terra. Chegam a este porto, põem os pés em terra, e ouvindo dizer mal de todos e de tudo, fazem este discurso. Ou estes homens mentem, ou fallam verdade: se fallam verdade, esta é a mais má terra de todo o mundo, pois nella se commettem tantas maldades: e se mentem, tambem a terra é muito má, pois os homens teem tão pouca consciencia, que levantam tantos falsos testemunhos. Este é o argumento, que pa-

[1] *Math.*, v, 11.

rece não tem facil solução. Mas eu respondo a uma e outra parte delle. Quanto á primeira, digo que as maldades que se dizem, são falsas, e que como falsas, não se devem crêr. São falsas? (insta a outra parte) logo onde os homens levantam tantos falsos testemunhos, não póde ser senão a peior terra do mundo. Eis-ahi o engano e a falsa supposição em que estão os que não teem pratica interior da terra. No Maranhão é verdade que ha muitas mentiras, mas mentirosos, isso não: muito falso testemunho, sim; mas quem levante falso testemunho, por nenhum caso. Pois como póde isto ser? Como póde ser, que haja falsos testemunhos, sem haver quem os levante? Eu vol-o direi. Nas outras terras os homens levantam os falsos testemunhos: nesta terra os falsos testemunhos levantam-se a si mesmos. Se vos parece difficultosa a proposição, vamos á prova. Confessa-se um homem, e chegando ao quinto mandamento, diz: Padre, accuso-me, que eu desejei a morte a um homem, e o busquei para o matar, e propuz de lhe fazer todo o mal que pudesse. E porque? Porque me tirou a minha honra com um falso testemunho, de que eu estava tão innocente como S. Francisco. Irmão, perdoae-lhe, para que Deus vos perdôe. Passamos a diante, chegámos ao oitavo mandamento: levantastes algum falso testemunho? Não, Padre, peccado é de que nunca me accusei, seja Deus louvado. Vem uma mulher, chega ao quinto: Digo a Deus minha culpa, que eu ha tantos mezes que tenho odio a uma mulher, e roguei-lhe muitas pragas: que a falla e a confissão lhe faltasse na hora da morte, e que nem nesta vida, nem na outra lhe perdoava; que seus filhos visse ella mortos diante de si a estocadas frias. Porque? Porque me levantou um aleive a mim e a uma filha minha, com que nos infamou em toda esta terra, e não me atrevo a lhe perdoar. Ora, senhora, estamos em Quaresma, alguma coisa havemos de fazer por amôr de um Deus que padeceu tantas affrontas, e se poz em uma cruz por amôr de nós. Emfim, compungiu-se, prometteu de perdoar. Chega o confessor ao oitavo mandamento. E vossa mercê levantou algum falso testemunho? Senhor padre, melhor estreia me dê Deus: muito grande peccadora sou; mas nunca Deus permitta que eu diga das pessoas, o que nellas não ha: se oiço alguma coisa, ajudo tambem; mas levantar falso teste-

munho, nunca em minha vida o fiz. Isto que aqui vos puz em dois, acontece infinitas vezes: de maneira, que no quinto todos se queixam que lhe levantam falsos testemunhos: no oitavo ninguem se accusa de levantar falso testemunho. Logo, bem dizia eu que nesta terra os falsos testemunhos se levantam a si mesmos. Em summa, que temos aqui os peccados, mas não temos os peccadores: temos os falsos testemunhos, mas não temos as falsas testemunhas. Isto é o que só posso cuidar. Mas se acaso é o contrario, miseraveis daquelles que assim vivem! Grande miseria é, que os falsos testemunhos se levantem; mas maior miseria é, que, depois de levantados, se faça delles tão pouco caso e tão pouco escrupulo. Ou deixaes de confessar o falso testemunho, conhecendo que o levantastes, ou não o conhecendo: se o deixastes de confessar, conhecendo-o, mentis a Deus: se o deixaes de confessar pelo não conhecer, mentis-vos a vós. E uma e outra cegueira, é bem merecido castigo: que minta a Deus e que se minta a si mesmo, quem mentiu tão gravemente contra seu proximo, e que de um ou de outro modo se vá ao inferno!

VII

Senhores meus, se algum sermão não tinha necessidade de exhortação, era este. Só vos digo como a homens e como a christãos, que não só por consciencia, mas por conveniencia, se deve aborrecer a mentira e amar a verdade. Por conveniencia, porque viveis em uma terra muito pequena. Em toda a parte fazem muito mal as mentiras; mas nas terras grandes teem saca e teem muito por onde se espalhar; nas terras pequenas, todas alli ficam. Em Lisboa muita mentira se diz; mas repartem-se as mentiras por todo o reino e por todo o mundo. Chegou navio de Levante, falla-se nas guerras do Turco, nas do Veneziano, nas do Tartaro, nas do Polaco; falla-se no Papa, nos Cardeaes, nos outros Principes e Potentados de Italia: dizem-se muitas mentiras, mas repartem-se; umas cáem em Constantinopla, outras em Veneza, outras em Roma, outras na Toscana, Saboya, etc. Vem navio do Norte, falla-se em el-rei de

França, no imperador, no sueco, no parlamento de Inglaterra, nos estados de Hollanda e Flandres; dizem-se muitas mentiras, mas repartem-se, por Paris, por Londres, por Vienna de Austria, por Amsterdam, por Stockolmo; etc. Partem tambem os nossos correios todos os sabbados, e levam grande copia das mentiras por todo o reino; e o mesmo é das frotas do Brazil e da India; porém as mentiras do Maranhão não teem, nem outra parte donde vir, nem outra parte para onde ir: aqui nascem e aqui ficam: e quando as mentiras todas ficam na terra, e todas vos cáem em casa, ainda por conveniencia e razão de estado as haveis de lançar fóra. E senão, fazei-me por curiosidade duas contas, as quaes eu agora não posso fazer. Uma é, quantas mentiras se dirão cada dia no Maranhão? A outra, quantas casas ha nesta cidade: e logo reparti as mentiras, e vereis quantas cabem a cada casa! E que será em uma semana, que será em um mez, que será em um anno?

Pois se tudo isto vos fica em casa, e é força que assim seja, não é muito pouca razão de estado, e muito grande semrazão, que vos andeis levantando falsos testemunhos, que vos andeis infamando e affrontando uns aos outros? Não fôra muito melhor serdes todos muito amigos, muito conformes, amardes-vos todos, honrardes-vos todos, auctorisardes-vos todos, e poupardes todos desgostos? Ha outros peccados que parece que os póde desculpar o gosto ou o interesse; mas o mentir e o levantar falso testemunho? Que dão a um homem por mentir? Que gosto se póde ter em levantar um falso testemunho? Se é por me vingar de meu inimigo, muito maior mal me faço a mim, que a elle; porque a elle, quando muito, tiro-lhe a honra, a mim condemno-me a alma. Ora, christãos, por reverencia daquelle Senhor (que sendo Deus se preza de se chamar Verdade) que façamos hoje uma muito firme e muito verdadeira resolução de não haver paixão nenhuma, nem respeito, nem interesse, que vos faça torcer, nem faltar um ponto á verdade: quanto ao passado, que examinemos muito devagar, e muito escrupulosamente se temos faltado á verdade em alguma coisa, principalmente em materia da honra de nossos proximos. Olhae, senhores, que este, este é o peccado que mais facilmente se commette, e com mais difficuldade se restitue. Olhae, christãos, que as ba-

lanças em que se pezam as consciencias na outra vida, são muito delicadas, e que será grande desgraça ir ao inferno para sempre por um falso testemunho. O remedio está em uma consciencia muito bem examinada, em uma confissão muito bem feita, e em uma satisfação muito verdadeira, advertindo-vos e protestando-vos da parte de Deus, que sem estas tres condições nem nesta vida podeis alcançar a graça, nem na outra merecer a gloria.

SERMÃO

DA

Quinta Dominga da Quaresma *

Prégado em Lisboa, na Capella Real, no Anno de 1655

Quis ex vobis arguet me de peccato? Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi? [1]

I

A uma côrte e seus principes, á côrte de Jérusalem, e aos Principes dos Sacerdotes, prégou Christo hoje um sermão, cujo exordio em duas cláusulas é o que eu tomei por thema. O sermão já naquelle tempo accommodando-se ao logar e aos ouvintes, foi de um famoso acto da fé contra os judeus. Na primeira clausula provou-lhes o Senhor que era o Messias: na segunda convenceu-os e condemnou-os de o não crêrem: *Quis ex vobis arguet me de peccato?* Quem de vós me arguirá de peccado? Nesta pergunta, a que não podiam responder, nem replicar, provou Christo com evidencia que era o Messias; porque homem sem peccado ninguem o foi, nem podia ser senão um homem que fosse juntamente Deus, qual era o Messias promettido na Lei. E se eu (continua a segunda clausula), e se eu sou o Messias, e como verdadeiro Messias vos

* D'este Sermão, diz o padre Antonio Honorati, que não sendo verdadeiro modelo, como outros do genial orador, de desenvolvimento facil e natural, da materia tratada, as suas consequencias são, todavia, clarissimas e expostas com admiravel liberdade apostolica. A conclusão é primorosa.

[1] *Joan.*, VIII.

digo a verdade: *Si veritatem dico vobis;* [1] porque me não crêdes a mim: *Quare non creditis mihi?* Se eu sou o esperado, porque não sou crido? Se a vossa esperança é esta, porque não concordaes a vossa fé com a vossa esperança? Dae a razão que não tendes, nem podeis ter: *Quare, quare?*

A minha obrigação hoje, como sempre, é seguir o exemplo de Christo, e o Texto do Evangelho. E sendo o tempo, o logar, e o auditorio tão diverso, qual será o sermão? Nas circumstancias será tambem diverso mas no assumpto o mesmo. O assumpto e sermão de Christo foi de um acto da fé contra os judeus: o meu será de outro acto da fé, não contra os judeus, senão contra os christãos. Praza á bondade e misericordia divina, que se não verifique tambem em nós a maldição do povo judaico, que tendo olhos não vejam, tendo ouvidos não oiçam, e tendo, ou devendo ter, entendimento, não entendam: *Excæca cor populi hujus, et aures ejus aggrava, et oculos ejus claude: ne forté videat oculis suis, et auribus suis audiat, et corde suo intelligat.* [2]

II

Deixados os judeus, que não crêem a Christo como verdadeiro Messias, e fallando com os christãos, que o crêmos, confessamos, e adoramos, com as mesmas palavras convence o divino Prégador a uns e a outros; mas muito mais forte, e muito mais efficazmente aos christãos: *Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi?* Que diz Christo aos judeus? Se vos digo a verdade, porque me não crêdes? Que diz Christo aos christãos? Se crêdes a verdade que vos digo, porque a não obraes? Os judeus erram em não concordar a sua fé com a sua esperança: os christãos erram em não concordar a sua vida com a sua fé: e qual é maior erro, e maior cegueira? Não ha duvida que a dos christãos. Porque? Porque a fé é das coisas que não se vêem: *Argumentum non apparentium:* e o não crêr póde ter alguma desculpa nos olhos: porém crêr uma

[1] *Joan.*, VIII, 46.
[2] *Isai.*, VI, 10.

coisa, e obrar a contraria, nenhuma desculpa póde ter, nem apparencia de razão ainda falsa. Aqui nos aperta a nós mais que aos judeus aquelle *quare*. *Quare*? Porque razão? Dae-a cá. Todos os que aqui estamos, por mercê de Deus, somos homens, e somos christãos: em quanto christãos, somos obrigados a ter fé: em quanto homens, somos obrigados a dar razão: e se eu tenho razão para crêr o que Christo diz, que razão posso ter para não fazer o que Christo diz? Se tenho razão para dar a vida pela fé, que razão posso ter para não concordar a fé com a vida?

Dito é antigo, e como verdadeiro e discreto muito celebrado, que na christandade não havia de haver mais que duas prisões, a dos carceres do Santo Officio, e a da casa dos orates. Porque um homem qualquer que seja, ou tem fé, ou não tem fé: se não tem fé, é herege, e pertence aos carceres do Santo Officio: se tem fé, e crê que ha Deus, e céo, e inferno, e comtudo vive, como se o não crêra, é rematadamente doido, e pertence á casa dos orates. Os judeus do nosso Evangelho de uma e outra censura, e de uma e outra pena se mostraram bem merecedores. Quanto á fé, e ao *creditis*, não só negaram a fé a Christo, *non creditis mihi:* mas á sua infidelidade acrescentaram blasphemias: *Nonne bené dicimus nos, quia samaritanus es tu, et dæmonium habes?* [1] De sorte que no mesmo acto da fé, e no mesmo cadafalso, se pela infidelidade mereciam a fogueira, pela blasphemia mereciam a mordaça. E quanto ao juizo, e ao uso da razão, *quare*, diz o Texto que tomaram pedras para atirarem a Christo: *Tulerunt ergo lapides, ut jacerent in eum.* [2] No sagrado do Templo nem as pedras eram tão mudas, nem tão soltas, que as pudessem tomar alli: signal logo que já as traziam comsigo. Vêde se mereciam ser levados á casa dos orates, pois não só eram doidos, senão doidos de pedras?

Passemos agora de Jérusalem á christandade. Por ventura é melhor o nosso uso da razão, que o seu *quare?* E' melhor a nossa fé, que o seu *non creditis?* Não crêr é ter o entendimento cego e obstinado: crêr uma coisa, e obrar outra, é totalmente não ter enten-

---

[1] *Joan.*, VIII, 48.
[2] *Ibid.*, 59.

dimento: se não temos entendimento, não somos homens; se não temos fé, não somos christãos. Que somos logo? Terrivel consequencia uma e outra! Se não somos homens, quando muito somos animaes; se não somos christãos e catholicos, quando menos somos hereges. Não me atrevera a dizer tanto, se não tivera experimentado ambas estas consequencias, e visto ambas com os olhos. Nesta ultima viagem (seja-me licita a narração do caso, que por raro e proprio do intento, é bem notavel); nesta ultima viagem minha, que foi das Ilhas a Lisboa, em que aquella travessa no inverno é uma das mais trabalhosas, o navio era de hereges, e hereges o piloto e marinheiros: os passageiros eramos, alguns Religiosos de differentes Religiões, e grande quantidade daquelles musicos insulanos, que com os nossos rouxinoes e pintasilgos veem cá a fazer o côro de quatro vozes, canarios, e melros. As tempestades foram mais que ordinarias, mas os effeitos que nellas notei, verdadeiramente admiraveis. Os Religiosos todos estavamos occupados em orações e ladainhas, em fazer votos ao céo, e exorcismos ás ondas, em lançar reliquias ao mar, e sobretudo em actos de contrição, confessando-nos como para morrer uma e muitas vezes. Os marinheiros como hereges, com as machadinhas ao pé dos mastros, comiam e bebiam alegremente mais que nunca, e zombavam das nossas que elles chamavam ceremonias. Os passarinhos no mesmo tempo com o sonido que o vento fazia nas enxarcias, como se aquellas cordas foram de instrumentos musicos, desfaziam-se em cantar. O' valha-me Deus! Se o trabalho e o temor não levasse toda a attenção, quem se não admiraria neste passo de effeitos tão varios, e tão encontrados, sendo a causa a mesma? Todos no mesmo navio, todos na mesma tempestade, todos no mesmo perigo, e uns a cantar, outros a zombar, outros a orar e chorar? Sim. Os passarinhos cantavam, porque não tinham entendimento: os hereges zombavam, porque não tinham fé: e nós que tinhamos fé e entendimento bradavamos ao céo, batiamos nos peitos, choravamos nossos peccados.

Isto é o que eu vi e passei, e isto mesmo o que nós não vemos, estando no mesmo e em peior e mais perigoso estado. A travessa é da terra para o céo, e da vida mortal para a eternidade: o mar é este mundo:

os navegantes somos todos: o navio o corpo de cada um, tão fraco e de tão pouca resistencia por todos os costados: e a tempestade e as ondas muito maiores: *Ascendunt usque ad cœlos, et descendunt usque ad abyssos:* [1] são tão grandes, ou tão immensas as ondas, diz David, que umas sóbem até o céo, e outras descem aos abysmos. Isto que nos poetas é hyperbole, no propheta é verdade pura e certa sem encarecimento. Se quando a onda vos affoga, estaes em graça, põe-vos no céo: *Ascendunt usque ad cœlos:* se quando vos sossobra e tolhe a respiração, estaes em peccado, mette-vos no inferno: *Descendunt usque ad abyssos.* E que no meio de um perigo mais que horrivel e tremendo, em que o menos que se perde é a vida, uns não temam e cantem, outros zombem e não façam caso, e sejam tão poucos os que se compunjam e tratem da salvação? Sim, outra vez; porque os menos são os que teem entendimento e fé: os demais nem teem fé, nem entendimento. Ora já que todos imos embarcados no mesmo navio, pergunte-se cada um a si mesmo, a qual destas partes pertence. Sou dos que cantam? Sou dos que zombam, ou sou dos que choram? Sou dos christãos e catholicos, ou sou dos hereges? Sou dos homens com uso de razão ou dos irracionaes? Que as avesinhas não reconheçam o perigo da vida, não alcança mais o seu instincto: que os hereges não temam a estreiteza da conta, esta é a cegueira da sua infidelidade: mas que um homem christão no meio destes dois perigos, com a morte e a conta diante dos olhos, neste mesmo tempo esteja cantando ao som dos ventos, e zombando ao balanço das ondas! Christão, aonde está a tua fé? Homem, aonde está o teu entendimento? Se tens uso de razão, dá cá a razão: *Quare, quare?*

III

E' tão difficultosa e tão impossivel esta razão, que nenhum homem ha, nem houve, nem haverá, que por mais voltas que dê ao entendimento, a possa dar, não

[1] *Psalm.*, CVI, 26.

digo verdadeira e solida, mas nem ainda falsa e apparente. Se consultardes os bons e os justos que caminham pela estrada real da verdade e da virtude, todos hão-de dizer, e dizem constantemente que a vida se ha-de concordar com a fé. E se fizerdes a mesma pergunta aos máus e aos pessimos que seguem os caminhos do erro, e os precipicios da infidelidade, até estes, se não responderem que a vida se ha-de conformar com a fé, ao menos hão-de dizer que a fé se ha-de conformar com a vida. Ouvi agora uma notavel ponderação, e tão certa como admiravel. Sendo a fé uma só fé, assim como Deus é um só Deus: *Unus Deus, una fides;* [1] qual é o fundamento ou motivos porque os homens se dividiram em tantas seitas? Não ha duvida que se lhe cavarmos ao pé e lhe buscarmos as raizes, acharemos que todas se semearam nos vicios, e delles brotaram e nasceram. Primeiro se depravaram as vontades, e depois se perverteram os entendimentos. Epicuro era delicioso, Mafoma era torpe, Luthero e Calvino eram relaxados da sua profissão, e depois depravados em tudo. Vinde cá, máus homens, sêde embora máus viciosos, vivei embora, ou na má hora, á vossa vontade, largae a rédea a vossos appetites; mas não façaes, nem inventeis novas seitas. Epicuro seja quão delicioso quizer; mas não negue a Deus o attributo da Justiça, para que os homens tenham por bemaventurança as delicias. Mafoma seja tão torpe, e tão abominavel como foi; mas não faça tambem torpe o céo, para que os homens esperem na bemaventurança as torpezas. Luthero e Calvino vivam tão viciosa e depravadamente como viveram; mas não ensinem que o sangue de Christo nos ha-de salvar sem cooperação nossa, para que os homens crêam que póde haver salvação e bemaventurança sem obras. Pois se estes homens podiam fartar a bruteza dos seus appetites sem aggravo, nem mudança da fé; porque a mudaram tão cegamente, e formaram seitas tão barbaras e tão novas?

Aqui vereis como não ha entendimento tão depravado, e tão cego, nem erro tão irracional e tão atrevido, que dissesse ou admittisse jámais que a vida não havia de concordar com a fé. A vida, diziam todos,

[1] *Ephes.*, IV, 5.

necessariamente ha-de concordar com a fé: nós não queremos mudar a vida, senão continuar em nossos vicios; que faremos logo? Não temos outro meio senão trocar os mesmos extremos, e mudar a fé, porque desta maneira, já que a vida não concorda com a fé, ao menos a fé concordará com a vida. Não queremos fazer vida nova? Pois façamos fé nova; e assim o fizeram. Assim o fez na gentilidade Epicuro; assim o fez no paganismo Mafoma; assim o fizeram na christandade Luthero e Calvino; e se tornarmos ao acto da fé dos judeus, assim o tinham elles já feito muito antes de todos.

No Capitulo 32.º do Deuteronomio, parte referindo o passado, e parte prophetisando o futuro, se queixa Moysés de que viessem ao povo de Israël deuses novos, que seus pais não tinham conhecido: *Immolaverunt diis quos ignorabant: novi recentesque venerunt, quos non coluerunt patres eorum.* [1] Deus antigo e verdadeiro em que crêram seus pais, era aquelle que pelos honrar e se honrar delles, se chamava *Deus Abraham, Deus Isaac, et Deus Jacob.* [2] E donde aos filhos de Abrahão, Isaac, e Jacob, deixado o Deus antigo e verdadeiro, lhes vieram estes deuses novos e falsos: *Novi recentesque venerunt?* Vieram-lhes do Egypto, vieram-lhes de Canaam, e vieram-lhes da mesma terra de Israël. Vieram-lhes do Egypto; porque esquecidos da doutrina de José, imitaram as larguezas e intemperanças dos egypcios, e adoraram os deuses do Egypto. Vieram-lhes de Canaam; porque desprezada a lei que já tinham recebido de Moysés, sem freio de lei, nem razão, seguiram as cegueiras e vicios dos cananeos e adoraram os deuses de Canaan. Vieram-lhes da mesma terra de Israël; porque abraçando os preceitos impiamente politicos de Jeroboão, deixavam o unico templo de Deus verdadeiro em Jérusalem, e em todos os montes e bosques levantavam altares aos idolos da gentilidade, e se fartavam das torpezas e abominações dos seus sacrificios. De sorte que não foram os primeiros que vieram os deuses novos, senão os vicios novos: nem foi a fé ou superstição nova a que ensinou o modo de viver novo; mas a

[1] *Deut.*, XXII, 17.
[2] *Exod.*, III, 6.

novidade das vidas e dos costumes foi a que introduziu a novidade dos deuses: *Novi recentesque venerunt.*

Aqui se deve notar de caminho uma advertencia digna de grande reparo, e de grande doutrina e desengano para os que ainda não acabam de crêr em Christo; e é, com quanta verdade disse David ser cegueira propria dos judeus não só errar na fé, senão errar sempre: *Et dixi: Semper hi errant corde.* [1] Vêde-o no tempo passado e no presente. De maneira, filhos de Abrahão, Isaac, e Jacob, que no tempo da Lei Velha buscaveis deuses novos: *Novi recentesque venerunt;* e no tempo da Lei Nova buscaes e adoraes o Deus velho? Não é isto errar sempre? Respondem que não, e parece que dizem bem; porque os judeus deste tempo não adoram idolos. E se não adoram idolos, como seus antepassados, o que elles confessam, e não pódem negar; que é o que adoram? Dizem que adoram a unidade de Deus, que é a phrase com que se explicam em toda a parte. Agora torno eu a perguntar: E esse Deus, cuja unidade adoraes, confessaes tambem que é trino? Não. E esse Deus, cuja unidade adoraes, confessaes tambem que se fez homem? Não. Logo tão idolatras sois agora, como fostes antigamente; porque adorar o Deus verdadeiro, negando que é trino, e adorar o Deus verdadeiro, negando que se fez homem, é adorar um deus que não ha, é adorar um deus fingido e falso, que é a verdadeira idolatria. E senão, vamos á experiencia. A verdadeira fé entre os judeus nunca chegou a durar quarenta annos, como notou o mesmo David no mesmo logar: *Quadraginta annis proximus fui generationi huic, et dixi, semper hi errant corde.* [2] Pois se quando a vossa fé não chegava a durar quarenta annos, Deus sempre se compadeceu de vós, e vos acudiu, livrando-vos de tantos captiveiros, mandando-vos Prophetas e Redemptores; agora que ha mil e seiscentos annos que perseveraes nessa fé do verdadeiro Deus, porque vos não acóde? Porque essa que vós chamaes fé, é tão verdadeira idolatria, e muito mais refinada do que era dantes.

[1] *Psalm.*, xciv, 10.
[2] *Ibid.*

IV

Mas continuemos o acto da fé dos christãos, com os quaes o juizo do meu discurso não ha-de ser menos recto. Acabamos de dizer que os judeus tambem seguiram, ou anticiparam os passos dos gentios, dos pagãos e dos hereges, em trocar e mudar a fé para a concordar com a vida; agora saibamos se os christãos procedem mais coherentemente e conforme á razão; e se respondem melhor áquelle *quare*. Os outros mudam a fé, os christãos não a mudam: a fé dos outros mudada, é falsa; a fé dos christãos conservada, é a verdadeira; mas se olharmos para as vidas, as dos outros concordam com a sua fé; as de muitos christãos não concordam com a sua. Quaes vivem logo e procedem mais coherentemente e mais conformes com a razão? Não ha duvida (miseria e vergonha grande)! não ha duvida que mais conforme á razão procede o gentio, mais conforme á razão o pagão, mais conforme á razão o herege, e mais conforme á razão o judeu, que são todas as quatro especies da infidelidade. E porque? Porque todos estes seguem com a vida o que crêem com a fé; e o máu christão com a fé crê uma coisa e com a vida segue outra. Oiçamos neste ponto ao homem mais zelador da verdadeira fé, Elias. Estava no seu tempo o povo de Israël quasi no mesmo estado, ou verdadeiramente no mesmo em que hoje vemos a christandade. E que fez o grande propheta? Quando Jacob acabou a lucta com o anjo, tocou-lhe o anjo em um joelho, com que dahi por diante ficou manco: *Tetigit nervum femoris ejus, et statim emarcuit: ipse verò claudicabat pede.* [1] O joelho significa a adoração, e o manquejar Jacob de um joelho, significava que o povo de Israël, descendente do mesmo Jacob, com um joelho, que era o são e direito, havia de adorar o verdadeiro Deus, e com outro, que era o manco torcido, havia de adorar os idolos. E tal era o estado em que naquelle tempo se achava o mesmo povo por uma parte adorando o Deus de Israël, e por

[1] *Gen.*, XXXII, 25 e 31.

outra o idolo de Baal. Vendo pois Elias esta differença e confusão de adorações tão discordes, e tão contrarias, convocou o povo, e disse-lhe desta maneira: *Usquequo claudicatis in duas partes?* [1] Até quando, ó povo insensato, haveis de manquejar na fé, divididos e discordes de vós mesmos em duas partes? *Si Dominus est Deus, sequimini eum; si autem Baal, sequimini illum:* Se o Deus de Israël, a quem eu adoro, é o verdadeiro Deus, segui o Deus Israël: e se Baal, a quem vós adoraes, é o Deus verdadeiro, segui a Baal.

Só a espada de Elias podia cortar tão direito, e fallar tão resolutamente. Ouvida a galharda proposta, diz o Texto sagrado, que todo o povo emudeceu, e não houve quem abrisse bocca, ou replicasse uma só palavra: *Et non respondit ei populus verbum.* [2] E porque razão, *quare?* Porque assim como não ha coisa mais coherente, nem consequencia mais posta em razão, que seguir um homem com a vida aquillo que adora e crê com a fé; assim não ha, nem póde haver dictame mais irracional e mais contrario a toda a razão, que crêr uma coisa com a fé, e seguir outra com a vida. Ou a fé seja de Deus, ou a fé seja de Baal, sempre a vida e as obras hão-de seguir a fé. Crêr em Deus e seguir a Deus, uma e outra coisa era boa: crêr em Baal e seguir a Baal, uma e outra coisa era má. Mas posta uma vez a fé de Deus verdadeira, e a fé de Baal falsa, tão errada consequencia era, e tão contraria a toda a razão, não seguir a Baal, como não seguir a Deus: *Si Dominus est Deus, sequimini eum: si autem Baal, sequimini illum.*

Christãos (os que não obramos o que devemos), a quem adoramos? A quem crêmos? A quem seguimos? *Usquequo claudicatis in duas partes?* Será bem que tenhamos um pé em Roma adorando a Christo, outro em Constantinopla guardando o Alcorão? Um em Roma beijando o pé a S. Pedro, outro em Jérusalem beijando a mão a Herodes? Um em Roma rezando a Santa Maria Maior, outro em Chipre offerecendo sacrificios á deusa Venus? Um em Roma visitando as sete Igrejas, outro em Londres ou Amsterdam profanando

[1] *3.º Livro dos Reis.* XVIII, 21.
[2] *Ibid.*

os altares, e perdendo a reverencia ás imagens sagradas? Isto faz o turco, o judeu, o gentio, o herege, e cada um conforme a sua fé: e sendo a nossa tão contraria, será bem que em nós, christãos e catholicos, se ache o mesmo? Se não concordar a vida com a fé é um dictame tão barbaro e tão irracional, que não cabe no entendimento de Luthero, que não cabe no entendimento de Epicuro, que não cabe no entendimento de Mafoma; como cabe no nosso entendimento? Pôr a bemaventurança nas delicias como Epicuro, é ser gentio; passe: pôr a bemaventurança nas torpezas como Mafoma, é ser turco; seja: esperar a bemaventurança sem obras, como Luthero e Calvino, é ser herege; vá na má hora. Mas ser christão na fé, e a vida ser de Epicuro? Ser christão na fé, e a vida ser de Mafoma? Ser christão e catholico na fé, e a vida ser de Luthero e de Calvino; em que entendimento póde caber tão rematada loucura? Ha quem responda, ha quem dê razão, ha quem diga o *quare?*

O povo judaico junto, ficou tão convencido da proposta de Elias, que todo emmudeceu, sem haver quem replicasse uma só palavra. E eu em toda a Escriptura sagrada só acho um homem que satisfizesse á minha pergunta, e respondesse a proposito. E que homem será este? Christão? Não. Judeu? Não. Gentio? Não. Turco? Não. Herege? Não. Pois que casta de homem será ou póde ser o que só respondeu a proposito ao nosso *quare?* Um atheu. Todos esses outros, ou fieis ou infieis, conhecem a Deus: só o atheu o não conhece, e só este póde dar a verdadeira razão do que perguntamos. El-rei Pharaõ tinha captivo o povo de Israël no Egypto, e com o mais duro e intoleravel captiveiro que se póde imaginar. Não lhe pagava o trabalho, antes lh'o acrescentava cada dia, para que não tivessem hora de descanço: punha-lhes por ministros que superintendessem á obras em que serviam, os de condição aspera e cruel, para que mais os opprimissem: não lhes dava de comer com que sustentar a miseravel vida, e até os filhos lhes matava cautelosamente, sem que os pudessem esconder, nem livrar; em fim, o summo da tyrannia. Neste estado de tanto aperto, em que se não ouviam mais que clamores ao céo, chegou Moysés ao Egypto, e notificou a Pharaõ da parte de Deus, que désse liberdade ao seu povo, para lhe ir sacrificar no deserto: *Hæc dicit Dominus Deus*

Israël: Dimitte populum meum, ut sacrificet mihi in deserto. [1] E que vos parece que responderia Pharaö? *Quis est Dominus, ut audiam vocem ejus?* Que Deus, e que Senhor é esse para que o eu obedeça? *Nescio Dominum, et Israël non dimittam.* Não conheço tal Deus, nem tal Senhor, nem hei-de dar tal liberdade ao povo. O' barbaro! O' insolente e brutal tyranno! Isto é o que estão dizendo todos; mas eu não digo assim. Digo que respondeu Pharaö muito coherente e discretamente. Como barbaro sim; mas como barbaro bem entendido; como desobediente sim: mas como desobediente racional. Não conheço a Deus, e não hei-de libertar o seu povo? Ruim fé, mas boa consequencia. Na fé fallou como bruto, na consequencia respondeu como homem. Não obedecer a Deus, e dar por razão, não o conheço, bem se segue. Mas conhecer a Deus, e dizer conheço a Deus, e não querer fazer o que manda Deus, é consequencia e razão que não cabe em nenhum entendimento.

O' quantos Pharaös mais barbaros, ó quantos atheus mais irracionaes ha na christandade! Opprimir os povos, captivar os livres, gemerem os pobres, triumpharem os poderosos; não se dar de comer a quem trabalha, não se pagar a quem serve; tirarem-se as vidas aos innocentes, e viverem os que as tiram, não só do seu suor, senão do seu sangue; e dar por razão de tudo isto: *Nescio Dominum:* Não conheço a Deus; é obrar mal, mas fallar coherentemente. Porém, opprimir, captivar, destruir, roubar, assolar, affrontar, matar, tyrannisar; e sobre isto dizer, conheço a Deus; sobre isto dizer, sou christão; sobre isto dizer, tenho fé; não ha juizo humano, nem entendimento racional em que caiba tal coisa. E senão, dae cá a razão: *Quare, quare?*

Para confirmação desta minha instancia, tantas vezes repetida, não quero allegar nem oraculos de Deus, nem evidencias de anjos, nem discursos de homens, senão ditos e palavras dos mesmos brutos irracionaes, e o que elles sentiram e disseram, ou disseram sem o sentir. Duas vezes sabemos que fallaram neste mundo os brutos: a serpente que fallou com Eva, e o jumento que fallou com Balaam. E que disseram? Coisa

---

[1] *Exod.*, v, 1 e 2.

notavel! Sendo ambos irracionaes, um á mulher, outro ao homem, ambos lhe pediram razão. A serpente a Eva: *Cur præcepit vobis Deus?* [1] O jumento a Balaam: *Cur percutis me?* [2] *Cur* é o mesmo que *quare*, porque razão? E qual é a razão porque pediram razão os animaes que não teem uso de razão? Porque são tão obrigados os homens a dar razão do que fazem, que até os animaes teem direito para lh'a pedir, e elles obrigação de lh'a dar. Mais ainda. Pediram razão estes dois animaes: e de que a pediram? Das mesmas duas coisas em que nós litigamos, fé e obras. A serpente a Eva pediu-lhe razão do que cria: *Cur præcepit vobis Deus?* O jumento a Balaam pediu-lhe razão do que obrava: *Cur percutis me?* E se até os mesmos brutos sem uso de razão pedem razão ao homem da sua fé, e das suas obras; nós porque a não pediremos, cada um a si mesmo? Se esta é a minha fé, e a minha fé é a verdadeira; as minhas obras porque são tão alheias della, e tão contrarias? Que o cego não veja, e cáia; que o judeu não conheça a verdade que lhe diz Christo, e não crêa: *Non creditis mihi*, póde-o escusar a sua cegueira; mas que o christão que crê, adora, e confessa a Christo, e professa a sua lei, na vida e nas obras negue a mesma verdade! Assim como ao judeu o escusa a sua cegueira, assim a nossa luz accusa mais, e condemna a nossa. Se disseramos publicamente, como Pharaö: *Nescio Dominum:* que não conhecemos a Deus, tinha coherencia e desculpa o nosso atheismo; mas depois da agua do Baptismo, depois do oleo da Chrisma, e, o que é mais, confessando e commungando no gremio da Igreja Catholica, e na face de toda a christandade, haja professores della, que na soltura dos costumes, e no escandalo da vida, se não distingam dos atheus! Os mesmos brutos irracionaes, e o mesmo irracional dos brutos, se Deus lhes soltara as linguas, assim como duas vezes pediram razão aos homens, assim tinham razão de dizer duas mil, e clamar ao céo e á terra que somos mais brutos que elles.

---

[1] *Gen.*, III, 1.
[2] *Numer.*, XXII, 28.

V

Sou tão amigo e reverenciador da razão, que até as sombras della oiço de boa vontade. Pódem instar os christãos que não guardam a lei de Christo, e argumentar por si nesta fórma. E' verdade que os infieis de todo o genero, e ainda os mesmos atheus parece que procedem mais coherentemente, e mais conforme á razão, porque elles concordam a sua fé com a sua vida, e nós não concordamos a nossa vida com a nossa fé. Mas nesta mesma differença ha outra muito maior e melhor, que faz pela nossa parte. E qual é? E' que nelles a fé é má, e a vida tambem má: porém em nós ainda que a vida seja má, a fé é boa. Logo ao menos em ametade dos procedimentos são melhores os nossos que os seus? Assim parece, mas não é assim. Porque? Porque aonde a vida é má, não póde a fé ser boa. Texto expresso de S. João: *Qui dicit se nosse Deum, et mandata ejus non custodit, mendax est, et in hoc veritas non est.* [1] Quem diz que conhece a Deus, e não guarda seus mandamentos, mente. E porque mente, se o que crê é verdade? Admiravel e subtilissimamente se explicou o mesmo S. João: *Mendax est, et in hoc veritas non est:* Mente, e a verdade não está nelle. No tal caso a verdade está nos mysterios que crê, mas não está no que crê os mysterios. Notae. Uma coisa é a verdade da fé em si, a qual propriamente se chama fé; outra é a verdade da fé em nós, a qual propriamente se chama crença. A fé em si sempre é verdadeira, a crença em nós póde ser verdadeira, e póde ser falsa: se concorda com a vida, é verdadeira, porque obramos conforme crêmos; se não concorda com a vida, é falsa e mentirosa, porque crêmos uma coisa, e obramos outra. Por isso o que não guarda os mandamentos, ainda que crêa e confesse tudo o que ensina a fé, mente, e não está nelle a verdade: *Qui mandata ejus non custodit, mendax est, et in hoc veritas non est.* Se o christão e catholico cuida que a sua fé é melhor que a dos infieis, sómente porque crê o que ensina o Crédo, engana-se, e mente-se

[1] *Joan.*, II, 4.

a si mesmo: não basta só crêr no Crédo, é necessario crêr nos Mandamentos.

Daqui se entenderá um notavel dito de David no Psalmo 118, aonde allega e diz a Deus que cria nos seus mandamentos: *Quia mandatis tuis credidi.* [1] O crêr pertence ao crédo, e não aos mandamentos; ao symbolo, e não ao decalogo. O symbolo e o decalogo são duas Escripturas divinas, em que consiste toda a obrigação e perfeição christã. O symbolo contém os mysterios da fé; o Decalogo contém os Mandamentos da Lei: os mysterios da fé temos obrigação de os guardar. Pois porque troca David os termos, e em logar de dizer a Deus que guardava os seus mandamentos, diz que os cria: *Quia mandatis tuis credidi?* Porque alludiu o propheta com elegante energia, e picou e condemnou os que só crêem no Crédo. Este Psalmo 118 foi composto por David pelas lettras do A B C para o cantarem, como cantavam, os que iam em romaria ao Templo. E quiz ensinar a todos, que o A B C da fé, é ajuntar o Symbolo com o Decalogo, e a crença do Crédo com a crença dos Mandamentos: *Quia mandatis tuis credidi.* O symbolo que não anda junto com o decalogo, não é symbolo da fé, é fé do symbalo.

Explico a proposição, porque bem entendo que a não entendem todos. Escrevendo S. Paulo aos Corinthios, e fallando da fé e dos mandamentos, que todos se reduzem ao da caridade, pondo o exemplo em si, diz desta maneira: *Si habuero omnem fidem, ita ut montes transferam, charitatem autem non habuero, nihil sum:* [2] Se eu tiver toda a fé, e tal, e tão efficaz que possa abalar os montes, e passal-os de um logar para outro, e não tiver caridade, nenhuma coisa sou. E se quereis que vos declare este nada que sou, com uma similhança: *Factus sum velut æs sonans, aut cymbalum tiniens:* [3] Sou como um sino de metal, que não faz mais que soar e tinir. Comparae-me agora o symbolo com o cymbalo: o symbolo é o que contém toda a fé: *Si habuero omnem fidem:* e com toda essa fé sem caridade, na qual consistem os mandamentos, *charitatem autem non habuero;* que

[1] *Psalm.*, CXVIII, 66.
[2] *Cor.*, XIII, 2.
[3] *Ibid.*, 1.

é ou que será qualquer christão? *Velut æs sonans, aut cymbalum tiniens.* Será como o sino que não tem mais que o soar, e o tinir. Passa o Santissimo Sacramento por junto a uma igreja, repicam os sinos das torres; e que vem a ser esta correspondencia? O Sacramento é o mysterio da fé; mas os sinos nenhuma coisa teem de fé, mais que o soar, e o tinir, *sonans, et tiniens.* Eis aqui qual é a fé de todo o symbolo em que crêmos, se lhe falta a observancia dos mandamentos de Deus. Não é symbolo da fé, é fé do cymbalo. Que importa o soar do crêr sem a consonancia do obrar? Que importa o tinir, ou os tinos da fé com os desatinos das vidas?

Má vida, e boa fé, torno a dizer, é mentira. E porque, outra vez? Porque o que professa a fé, nega-o a vida; o que diz o som das palavras, nega-o a dissonancia das obras. Vêde como concorda S. Paulo com S. João, os dois maiores theologos da escóla de Christo: *Confitentur se nosse Deum, factis autem negant:* [1] Com as vozes confessam a fé de Deus, e com as obras negam o mesmo Deus e a mesma fé que confessam. Dizei-me: E' boa a fé dos christãos que a negam em Argel? Pois sabei que para ser renegados, não é necessario ir lá captivos. Ouvi a S. Salviano, bispo de Marselha, que está defronte do mesmo Argel: *Christiani sine operibus bonis nil sibi per fidei supercilium usurpare debent.* Note-se muito o *fidei supercilium.* Por uma parte não só vasios de obras boas, senão cheios e regados de obras más: e por outra com as sobrancelhas levantadas, muito presados e presumidos de christãos, usurpando e roubando o nome que lhes não é devido Por uma parte com a voz e com os pensamentos blasonando que navegam na barca de Pedro, e por outra com ambos os braços remando nas galés de Mafoma. E' boa fé esta? E' melhor que a dos mesmos turcos? Não faltará quem replique e diga que sim, e com o mesmo exemplo. Porque os christãos forçados que remam nas galés de Mafoma, debaixo das bandeiras turquescas, nem por isso perdem a fé de Christo.

Agradeço a agudeza da replica; mas vamos navegando pelo Mediterraneo acima. Aporta a mesma galé

---

[1] *Ad Tit.*, I, 16.

ao porto de Chypre; salta Muley Amet no meio da coxia, desembainha a cimitarra, e diz assim: com esta a todo o christão que não adorar aquella imagem de Venus hei-de cortar a cabeça. E que succederá neste caso? O christão que não quiz adorar perdeu a cabeça, e ficou martyr; o que adorou conservou a vida, e ficou renegado. Agora pergunto: E se aquelle christão que por força e contra sua vontade adorou a Venus em uma estatua de marmore, é renegado; que diremos daquelles que não por força, senão muito por sua vontade, e por seu gosto, adoram a mesma Venus, não em uma estatua de marmore, senão em outras que não são de pedra? Se aquelle que dantes era christão, e depois negou a fé, é renegado; o que no mesmo tempo confessa a fé, e a nega, que será? Destes é que falla S. Paulo: *Confitentur se nosse Deum, factis autem negant:* No mesmo tempo confessam a Deus, e no mesmo tempo o negam: e fé juntamente confessada e negada, que fé é? Peior que a do turco; porque o turco não nega o que confessa, o christão nega o que confessa, com manifesta contradição. Assim o definiu com auctoridade pontifical S. Gregorio papa: *Si fidem operibus tenet, si moribus non contradicit:* confessar a fé com tão manifesta contradição, não só é crêr em Deus com fé falsa, mas é crêr em Deus á falsa fé: com fé mentirosa, com fé renegada, com fé traidora. E ninguem se admire de eu chamar a esta fé dos que se chamam christãos, peior que a do turco: porque o mesmo S. Paulo estranhando muito menores defeitos de boas obras, não duvidou dizer que só pela omissão dellas era peior o christão que o infiel: *Et est infideli deterior.* [1]

VI

Supposto o muito que fica dito, já eu me pudéra contentar com estes dois grandes testemunhos de S. João e S. Paulo, ambos de fé. Mas porque a Lei diz: *In ore duorum, vel trium stet omne verbum;* [2] quero

[1] *I Tim.*, v, 8).
[2] *Math.*, XVIII, 16.

acrescentar o terceiro do apostolo S. Thiago, o qual entre todos os doze foi o primeiro que provou a sua fé com a maior de todas as suas obras, que é o dar a vida. Tomou S. Thiago entre mãos este ponto da fé com obras; (ás quaes chamou Salviano elegantemente *Testes fidei*) e porque o apertou mais forte e efficazmente que todos, oiçamos o que diz: *Fides si non habeat opera, mortua est in semetipsa. Sed dicet quis: Tu fidem habes, et ego opera habeo: ostende mihi fidem tuam sine operibus, et ego ostendam tibi ex operibus fidem meam. Tu credis quoniam unus est Deus, benéfacis, et dæmones credunt, et contremiscunt.* [1] Até aqui a força dos argumentos, ponderemos cada um de per si.

Primeiramente diz S. Thiago, que a fé sem obras é fé morta: *Fides sine operibus mortua est in semetipsa.* Didimo, declarando esta sentença, diz: *Fides mortua non est fides, sicut homo mortuus non est homo.* Assim como o homem morto não é homem, assim a fé morta não é fé. Mas este commento parece que é contrario ao Texto; porque o Texto diz: *Mortua est in semetipsa:* que a fé é morta em si mesma. Logo se é a mesma, é fé? Sim: é fé, e a mesma fé; mas assim como o homem morto é o mesmo homem; do mesmo homem (nomeado por seu nome) dizemos que morreu; que vae a enterrar; que está sepultado; que ha-de resuscitar. E comtudo esse mesmo não é já homem. Ainda que um homem não faça, nem tenha obra alguma boa, dirá: Eu creio tudo o que crê a Santa Madre Igreja; logo a minha fé é a mesma que a do maior santo? Assim é. A mesma, mas morta: *Mortua in semetipsa.* No santo é viva, porque é fé com obras: e em vós, porque carece de obras, é morta. O mesmo S. Thiago tornou a declarar a sua sentença por outra phrase: *Sicut enim corpus sine spiritu mortuum est, ita et fides sine operibus mortua est:* [2] Assim como o corpo sem alma é morto, assim a fe sem obras é morta. De maneira que as obras são a alma da fé: e do mesmo modo que o homem com a alma é homem vivo, e sem alma é homem morto, assim a fé com obras é fé viva, e sem obras é fé morta. E' fé sem alma, ou fé desalmada; porque é fé de christãos desalmados.

---

[1] *Jacob*, II, 17, 18 e 19.
[2] *Ibid.*, 26.

E se alguem me perguntar: Como morre, ou se mata a fé? Respondo, que por um de dois modos: ou natural, ou violentamente. Se a fé sómente carece de boas obras, morre naturalmente e como á fome: se além de não ter boas obras exercita as más, morre violentamente e como á espada. Quanto ao primeiro modo, diz assim Santo Agostinho: *Sicut corpus cibo reficitur, sic fides charitate animatur:* [1] Assim como o corpo vive do comer com que se nutre e sustenta, assim a fé se anima e alimenta com as obras de caridade. Donde se segue, que do mesmo modo, assim como o corpo, faltando-lhe o comer, morre á fome, assim tambem morre á fome a fé, faltando-lhe as obras de caridade. Não tem menor auctor esta consequencia, que o mesmo S. Thiago, o qual argumenta nesta fórma: *Si frater, aut soror nudi sint, et indi geant victu quotidiano, non dederitis autem eis quæ necessaria sunt corpori, quid proderit? Sic et fides, si non habeat opera, mortua est in semetipsa.* [2] Quer dizer: Se o pobre estiver despido e não tiver que comer, e vós lhe não derdes o necessario para o corpo, que lhe aproveita? Logo a fé sem obras é morta. Parece que não havia de inferir assim o Apostolo nem attribuir a morte á fé, senão ao pobre: porque o pobre sem comer morrerá á fome, e sem vestir morrerá de frio: logo a fé que lhe não dá o necessario, mata ao pobre? Não, diz o Apostolo, porque o pobre, se eu lhe não der a esmola, dar-lh'a-ha outrem; mas a fé, como não se póde sustentar das obras alheias, senão das proprias, ella é a que no tal caso se mata á fome a si mesma: *Mortua est in semetipsa.*

Quanto ao segundo modo de morrer a fé, ou se matar violentamente, e como á espada, disse-o S. Bernardo, chamando homicida da propria fé ao que a mata com más obras: *Si munus mortuum offers Deo, sic Deum honoras, et placas, tuæ fidei interfector?* [3] Matador da fé, lhe chama: e verdadeiramente é mais cruel matador da fé que os tyrannos mais crueis. Os Neros e Dioclecianos não atormentavam os christãos, para lhes tirarem a vida, senão para lhes matar a fé:

---

[1] *Aug. I. de cognit. veræ vitæ*, c. 7.
[2] *Jacob*, II, 15, 16 e 17.
[3] *Bern. serm. 24. in Cant.*

por signal, que, se negavam a fé, logo lhes davam a vida. E que succedia então? Comparae-me christão com christão, e tyranno com tyranno. O bom christão soffria as catastas, os equuleos, as laminas ardentes, as grelhas, as rodas de navalhas; e deixava matar a vida para conservar viva a fé. E o máu christão hoje mata a fé por não perder um gosto, um appetite, um interesse vil da covarde e infame vida. O tyranno gentio por um dos deuses falsos procurava matar a tormentos a fé alheia; e o tyranno christão, mais cruel que todos os tyrannos, sem fazer caso do Deus verdadeiro, nem o temer, e por fartar a sua vontade, não duvida ser homicida e matador da fé propria: *Tuæ fidei interfector.*

VII

Deste primeiro argumento passa o Apostolo ao segundo, tanto mais forte, quanto mais evidente, porque desce da especulação á pratica, da razão á experiencia, e do discurso aos olhos. E' um desafio de fé a fé; uma armada de obras, e outra sem ellas, confiada só em si mesma, e diz assim: *Tu fidem habes, et ego opera habeo: ostende mihi fidem tuam sine operibus, et ego ostendam tibi ex operibus fidem meam.* Faz aqui S. Thiago o mesmo que fez Elias, que foram as duas melhores espadas da Lei Velha e da Nova. Elias para mostrar aos olhos a verdadeira divindade de Deus, e a falsa de Baal, fazei vós, diz, sacrificio ao deus que adoraes, e eu o farei tambem ao que adoro; e sobre qual descer fogo do céo, esse seja crido por verdadeiro Deus. Responderam todos *Optima propositio:* [1] Boa proposta: e tal é a de S. Thiago. Vós, diz o Apostolo, dizeis que tendes fé, eu digo que tenho obras: mostre agora cada um de nós a sua fé, vós sem obras a vossa, e eu com obras a minha, e seja tida por verdadeira fé a que mostrar que o é. A demonstração da fé que é interior e invisivel, parece difficultosa e impossivel, e não é senão muito facil. A fé é cega, mas assim como o cego me não vê a mim, e eu o vejo a elle, assim a fé não vê, mas

[1] *3.º Livr. dos Reis,* XVIII, 24

vê-se: não vê, porque não vê os seus objectos; mas vê-se, porque se vê nos seus effeitos. Os seus effeitos são as obras conformes a ella: pelas obras se vê manifestamente; e sem obras como se póde vêr?

O exemplo que allega S. Thiago da fé com obras, é Abrahão, que por isso se chamou, *Pater credentium*, [1] Pai dos que crêem. E não fallando naquella façanha singular de sacrificar o proprio filho, nos deixou Abrahão outra figura da fé com obras, menos ardua, mas egualmente significativa. Querendo casar a seu filho Isaac, mandou ao mordomo de sua casa, que lhe fosse buscar mulher, obrigando-o primeiro com juramento, que de nenhum modo fosse da terra de Canaam, mas de Mosopotamia, sua antiga patria, porque os Cananeos eram totalmente idolatras, e os de Mosopotamia tinham conhecimento do verdadeiro Deus. Este dote da fé (de que hoje ainda os principes catholicos fazem menos conta) era o que Abrahão principalmente buscava para seu filho. Partiu o mordomo, chegou á patria de seu senhor: e porque as joias que levava para a esposa eram umas arrecadas e uns braceletes, sabendo por certos signaes de Deus que a esposa era Rebecca, encontrando-a fóra de casa, lhe pendurou das orelhas as arrecadas, e lhe atou ás mãos os braceletes. Assim o diz elle por formaes palavras: *Suspendi inaures ad ornandam faciem ejus, et armillas posui in manibus ejus.* [2] Com este novo enfeite chegou Rebecca a casa, mas de tal maneira mudada, que mostrou as arrecadas não nas orelhas, senão nas mãos: é mudança que consta expressamente do mesmo Texto: *Cum vidisset (Laban) inaures in manibus ejus.* [3] Pois se a Rebecca lhe penduraram as arrecadas nas orelhas, porque as passou ás mãos e as mostrou nellas? Porque era esposa escolhida pelo dote da fé e figura da verdadeira. As orelhas e os ouvidos são o sentido da fé: *Fides ex auditu;* [4] as mãos são o sentido e o instrumento das obras: e ainda que a fé se recebe pelos ouvidos, não se mostra, nem se vê senão nas mãos; *Cum vidisset inaures*

[1] *Rom.*, IV, 11.
[2] *Gen.*, XXIV, 47.
[3] *Ibid.*, 30.
[4] *Rom.*, X, 17.

in manibus ejus. A fé que nos prega e ensina a Igreja Catholica, ouve-se e recebe-se pelos ouvidos, como Rebecca recebeu as arrecadas nas orelhas: mas o vêr-se e o mostrar-se, *Ostende mihi fidem tuam, ostendam tibi fidem meam*, não se mostra, nem se vê senão pelas mãos e pelas obras: *Ex operibus*.

Estava Christo Senhor nosso adorado de joelhos por rei no Pretorio de Pilatos: as vozes que se ouviam das boccas dos que o adoravam, eram as de maior respeito e reverencia: *Ave Rex Judæorum*. [1] O mesmo S. João ao pé da cruz não pudéra dizer, nem lêr no titulo della outra verdade mais de fé. Mas quando isto se ouviu nas vozes, que é o que se via nas mãos dos mesmos adoradores? Umas mãos lhe batiam as faces com bofetadas: *Dabant ei alapas:* [2] outras mãos lhe pizavam o rosto com punhadas: *Colaphis eum cæciderunt*. [3] Quem crêra tão horrendo e mais que sacrilego atrevimento, se o não disseram os Evangelistas? Mas que differença havia entre uma e outra affronta, ambas tão eguaes? A differença era, que as bofetadas affrontavam e offendiam a Christo com as mãos abertas: as punhadas com as mãos fechadas. E nota S. Matheus que os auctores desta affronta foram os soldados do presidio romano: porque não só se havia de achar similhante excesso de maldade na perfidia judaica, senão tambem na fé romana, que é a nossa. Com as mãos abertas offende a Christo o filho prodigo; com as mãos fechadas o rico avarento; com as mãos abertas o que esperdiça; com as mãos fechadas o que enthesoura; com as mãos abertas o que dá o que não devera, com as mãos fechadas o que não paga o que deve; com as mãos abertas o que recebe a peita; com as mãos fechadas o que nega a esmola; com as mãos abertas o que rouba o alheio; e com as mãos fechadas o que não restitue o roubado. Olhe agora cada um para as suas mãos, e verá qual é a sua fé. Eu taparei os ouvidos ao que se diz, e só direi o que se vê com os olhos e se aponta com o dedo. Como estamos na côrte, onde das casas dos pequenos não se faz caso, nem teem nome de casas; busquemos

---

[1] *Joan.*, XIX, 3.
[2] *Ibid.*
[3] *Math.*, XXVI, 67.

esta fé em alguma casa grande e dos grandes. Deus me guie.

O escudo desta portada em um quartel tem as quinas, em outro as lizes, em outro aguias, leões e castellos; sem duvida este deve ser o palacio em que mora a fé christã, catholica e christianissima. Entremos e vamos examinando o que virmos, parte por parte. Primeiro que tudo vejo cavallos, liteiras e coches: vejo criados de diversos calibres, uns com libré, outros sem ella: vejo galas, vejo joias, vejo baixelas: as paredes vejo-as cobertas de ricos tapizes: das janellas vejo ao perto jardins, e ao longe quintas: em fim, vejo todo o palacio, e tambem o oratorio; mas não vejo a fé. E porque não apparece a fé nesta casa? Eu o direi ao dono della. Se os vossos cavallos comem á custa do lavrador, e os freios que mastigam, as ferraduras que pizam, e as rodas e o coche que arrastam são dos pobres officiaes, que andam arrastados sem poder cobrar um real; como se ha-de vêr a fé na vossa cavalheriça? Se o que vestem os lacaios e os pagens, e os soccorros do outro exercito domestico masculino e feminino depende das mezadas do mercador que vos assiste, e no principio do anno lhe pagaes com esperanças e no fim com desesperações, a risco de quebrar; como se ha-de vêr a fé na vossa familia? Se as galas, as joias, e as baixelas, ou no reino, ou fóra delle foram adquiridas com tanta injustiça e crueldade, que o oiro e a prata derretidos, e as sedas se se espremeram, haviam de verter sangue; como se ha-de vêr a fé nessa falsa riqueza? Se as vossas paredes estão vestidas de preciosas tapeçarias, e os miseraveis a quem despistes para as vestir a ellas, estão nús e morrendo de frio; como se ha-de vêr a fé, nem pintada nas vossas paredes? Se a primavera está rindo nos jardins e nas quintas, e as fontes estão nos olhos da triste viuva e orphãos, a quem nem por obrigação, nem por esmola satisfazeis, ou agradeceis o, que seus pais vos serviram; como se ha-de vêr a fé nessas flôres e alamedas? Se as pedras da mesma casa em que viveis, desde os telhados até os alicerces estão chovendo o suor dos jornaleiros, a quem não fazieis feria, e, se queriam ir buscar a vida a outra parte, os prendieis e obrigaveis por força; como se ha-de vêr a fé, nem sombra della na vossa casa?

Mas passemos do pulpito ao confessionario. Se o

confessor, quando com toda esta carga vos pondes a seus pés, puxa pelo *quare* do nosso Texto, e vos pergunta a razão porque não restituis devendo tanto; a resposta e a theologia que trazeis muito estudada, é que sem embargo das dividas, deveis sustentar a vossa casa com a decencia que pede o vosso estado, e que as vendas não dão para tanto. Bem. E os pais de quem herdastes esse mesmo estado, e eram tão honrados como vós, não sustentavam á honra e a decencia delle com menos pompa, com menos criados, com menos librés, com menos galas, com menos regalos? Mais. E o que gastaes por outra via, não com a decencia, senão com as indecencias da casa, e da pessoa? *Quare?* Que respondeis a isto? A maior galanteria é, que ao outro dia depois da confissão e desta escusa, ouve o mesmo confessor sem sigillo, que aquella noite perdestes dois mil cruzados, e que pela manhã os mandastes em dobrões a quem os ganhou: porque é contra a pontualidade da fidalguia não pagar logo o dinheiro do jogo. Assim jogaes com os homens, e assim com Deus: e esta é a vossa fé.

Dir-me-ha, porém, em contrario a nossa côrte, que se em algumas casas particulares está a fé tão morta, e tão corrupta, que nas casas de Deus está mais viva e mais inteira que em nenhuma parte do mundo. Assim se vê e demonstra em todos os templos de Lisboa, a qual muito á bocca cheia póde dizer ao mesmo mundo: *Ego ostendam tibi ex operibus fidem meam.* Eu tenho visto a maior parte da christandade da Europa, e em nenhuma, entrando tambem nesta conta a mesma Roma, está o culto divino exterior tão subido de ponto, e cada dia mais. Seria lastima grande vêr aqui desfazer e arruinar nos mesmos templos as fabricas antigas de tanta formosura e preço, se depois se não vissem as mesmas ruinas gloriosamente resuscitadas com tanto maiores riquezas da materia, e tanto maiores primores da arte. Em nenhuma parte do mundo é tanta a cubiça de adquirir, como em Lisboa a ambição de gastar por Deus. Que igreja ha nesta multidão, de tantas, em um dia de festa, que se não pareça com a que viu descer do céo S. João: *Tanquam sponsam ornatam viro suo?* [1] O oiro

[1] *Apoc.*, XXI, 2.

e os brocados, de que se vestem as paredes, são objecto vulgar da vista: a harmonia dos côros, suspensão e elevação dos ouvidos: o ambar e almiscar, e as outras especies aromaticas que vaporam nas caçoilas, até pelas ruas rescendem muito ao longe, e convocam pelo olfato o concurso. E' isto terra, ou céo? Céo é, mas com muita mistura de terra. Porque no meio desse culto celestial, exterior e sensivel, o desfazem e contradizem tambem sensivelmente, não só as muitas offensas que fóra dos templos se commettem, mas as publicas irreverencias com que dentro nelles se perde o respeito á fé, e ao mesmo Deus. Queres que te diga, Lisboa minha, sem lisonja, uma verdade muito sincera, e que te descubra um engano, de que tua piedade muito se gloría? Esta tua fé tão liberal, tão rica, tão enfeitada e tão cheirosa, não é fé viva: pois que é? E' fé morta, mas embalsamada.

VIII

Passemos ao terceiro e ultimo argumento de S. Thiago, que será tambem o ultimo do nosso discurso. *Tu credis quoniam unus est Deus, benéfacis: et dæmones credunt, et contremiscunt:* [1] Vós crêdes em um só Deus: fazeis bem: isso mesmo é o que nós crêmos, e o que ensina e canta a Igreja depois do Evangelho, *Credo unum Deum*. Mas não basta esse primeiro bem, que é bem crêr, se não fôr acompanhado do segundo, que é bem obrar. Aquella estrella que appareceu aos Magos no Oriente, era muito resplandecente, muito formosa e muito certa e segura no caminho que lhes mostrava, como é a fé; mas se elles se deixaram ficar nas suas terras e a não seguiram até Belem, para onde os guiava, que importaria a sua vista e entenderem o que significava? Tão Magos e tão gentios ficariam como dantes eram. E' necessario ajuntar o vêr com o vir: *Vidimus, et venimus.* [2] Melhor exemplo ainda. Quando os filhos de Israël depois de sahirem do captiveiro do Egypto, e passarem o Mar Ver-

[1] *Jacob*, II, 19.
[2] *Math.*, II, 2.

melho, caminhavam para a Terra da Promissão, levavam por pharol daquella viagem uma columna, a qual de noite era de fogo que os allumiava, e de dia de nuvem que lhes fazia sombra. A esta columna seguia todo o exercito (que era de mais de seiscentas mil familias) de tal sorte, que quando a columna fazia alto, e parava, todos paravam, e fixavam as suas tendas no mesmo logar; e quando a columna abalava e se movia, tambem o exercito se punha em marcha, e ao mesmo passo e compasso iam caminhando, ou fossem montes, ou valles, sem mudar, ou variar a derrota. E que figurava, ou significava tudo isto? S. Paulo: *Omnia in figura contingebant illis:* [1] Tudo era figura naquelle tempo do que havia de ser neste nosso. O captiveiro do Egypto significava o peccado: a passagem do Mar Vermelho, a agua do Baptismo, que por virtude do sangue de Christo nos havia de pôr em graça: a Terra da Promissão, a patria e bemaventurança do céo, para onde todos caminhamos: e a columna de fogo e nuvem, a fé que vae diante e nos guia. Como columna; porque ella é a columna, e firmeza da verdade: como de fogo; porque ella nos allumia: e como de nuvem; porque é luz juntamente clara e escura, em quanto nos manda crêr muitas coisas que não vêmos. Agora pergunto: E se quando a columna se movia e caminhava, parte do exercito se deixasse ficar nos arraiaes, chegariam estes á Terra da Promissão? Claro está que de nenhum modo. Mais, e peior ainda. E se em logar de seguir a columna, lhe voltassem as costas, e tornassem para o Egypto, conseguiriam o mesmo fim? Muito menos. Pois estes são os que não acompanham a fé com boas obras: e muito mais, e peior, os que a contrariam com obras más. Em logar de a fé os levar á Terra da Promissão, e ao céo, elles com a mesma fé se acharão no inferno. Emquanto negarem a fé só com as obras, e não com a palavra, não bastará esta culpa para que a Santa Inquisição da terra os condemne e mande queimar na Ribeira; mas será não só bastante, senão certo e infallivel, que por sentença do supremo Tribunal da Divina Justiça irão arder eternamente no fogo do inferno.

---

[1] *I.ª ad Cor.*, x, 11.

Isto é o que admiravel e tremendamente infere S. Thiago: *Tu credis, quoniam unus est Deus: et dæmones credunt.* [1] Contentaes-vos sómente com crêr em Deus? Tambem os demonios crêem no mesmo Deus, e nem por isso deixam de ser demonios. Oh! se Deus nos abrisse os olhos, como haviamos de vêr todo este mundo, as ruas, as casas, e as mesmas igrejas cheias de demonios, os quaes não vêmos, assim como não vêmos os anjos da guarda que nos assistem! E em que differem os demonios de muitos homens? Só differem em que os demonios são invisiveis, e os máus homens são demonios que vemos. Primeiramente quanto á fé, o demonio não é gentio, nem turco, nem herege, nem atheu. Crê no mesmo Deus verdadeiro em que nós crêmos: *Et dæmones credunt.* E se a melhor fé, e só verdadeira, é a dos christãos, o demonio tambem é christão. Assim consta de muitos logares do Evangelho, em que os demonios confessaram a Christo por Filho de Deus. Em que são logo peiores os demonios que os homens; em que são peiores que muitos christãos? Por ventura nas obras? Ainda mal porque são tão similhantes. O demonio com a sua fé é soberbo; e tu, christão, com a tua, não só és soberbo, mas a mesma soberba: o demonio sente mais os bens alheios, que as suas proprias penas; e tu a inveja mais te atormenta e abraza com as felicidades que vês em quem devias amar, que todos os males que padeces em ti mesmo: o demonio procura de roubar, e fazer cahir a quantos quer mal; e tu com o poder do teu officio, ou com a malignidade da tua informação e do teu conselho, a quantos tens derrubado e destruido? O demonio favorece os máus, e persegue os bons; e tu a quem persegues, e a quem favoreces, se os peiores e os mais viciosos, porque servem e ajudam os teus vicios, são os teus validos? O demonio é pai da mentira; e a tua adulação, o teu odio, e a tua ambição, quando fallou verdade? Os teus enganos, as tuas artes, as tuas machinas, os teus enredos, que demonio houve jámais que tão subtilmente os inventasse? Quantos peccados commettes tu em que o demonio nunca peccou, nem póde? Elle não pecca nos excessos da gula, porque não come;

[1] *Jacob*, II, 19.

nem no luxo e monstruosidade das galas, porque não veste; nem nas intemperanças e torpezas da sensualidade, porque é espirito: e tu, escravo desse corpo vil, a quantas baixezas destas abates a tua alma, que Deus te deu egual aos anjos?

Mais. E não sou eu o que o digo, senão o mesmo S. Thiago na ultima clausula que nos resta por ponderar: *Dæmones credunt, et contremiscunt:* Os demonios crêem em Deus, e tremem delle: e tu, christão, com a tua fé crês em Deus, mas não tremes, nem temes. Grande lastima e miseria é que até o demonio te possa servir de exemplo, não só neste mundo, senão no mesmo inferno. Neste mundo, sendo maior o poder do demonio que o de todos os homens, nenhum demonio faz todo o mal que póde. A Job tirou a fazenda, matou os filhos, martyrisou a pessoa com tão exquisitos tormentos; mas nenhuma coisa fez sem licença de Deus. E quantas fazem e commettem os christãos, não só sem licença, mas vedadas pelo mesmo Deus, estendendo os poderes que não teem, e executando o que não pódem? Vamos ao inferno. Alli atormentam os demonios os condemnados, mas a todos conforme o merecimento de cada um, sem perdoar nem estender o castigo, não digo em uma faisca do fogo, mas nem em um só atomo: e a justiça humana com fé de christã, a quantos culpados absolve, e a quantos innocentes condemna? Pois se os demonios neste e no outro mundo tão observantes são das leis de Deus, porque crêem nelle, e tremem delle; nós que o crêmos com melhor fé, porque não tememos, nem tememos de o offender? Apertemos bem este ponto. Crês, christão, que has-de morrer? Creio. Crês que no dia do Juizo e antes daquelle dia te ha Deus de julgar na hora da morte? Creio. Crês que se fizeres boas obras, has-de ir ao céo, e gosar de Deus por toda a eternidade, e se as fizeres más, por toda a mesma eternidade, e sem fim has-de arder no inferno? Creio. Pois se crês todas estas verdades, e os demonios crêem, e tremem, *credunt, et contremiscunt;* tu porque não temes e tremes de offender a Deus? Dá cá a razão? *Quare, quare?*

A razão verdadeira nenhum entendimento a póde dar, porque a não ha. A falsa e apparente, por mais que nós nos queiramos enganar, todos a vêmos e experimentamos. O que crê a fé, é o futuro, o que

leva após si a vida, é o presente: e póde mais comnosco o pouco e breve presente, que o muito e eterno futuro: porque o presente consideramol-o ao perto, e o futuro ao longe. As estrellas do firmamento todas são muito maiores que a lua, e comtudo a lua parece-nos maior, e faz em nós continuos e maiores effeitos, porque as estrellas estão longe, e a lua perto. Assim nos acontece com as coisas do outro e deste mundo. As do outro mundo, que são as que crêmos por fé, representamol-as ao longe; as deste, porque as póde conseguir a vida, parece-nos que estão perto, e no erro destas medidas se enleia e nos perde o nosso engano. Mas dado que a falsa apprehensão deste longe, e deste perto, fôra verdadeira, ainda a nossa conta seria muito errada; porque o certo, posto que ao longe, sempre está mais perto que o duvidoso. O duvidoso as mais vezes falta; o certo, ainda que tarda, sempre chega; e assim como todas as coisas da fé são certas, assim todas as da vida são duvidosas.

Para mim não quero mais que esta razão. Os que se não satisfizeram della, oiçam outra mais clara, e mais sensivel. As coisas da outra vida estão tão longe de nós, quão longe está a morte: as coisas desta vida estão tão perto de nós, quam perto nós estamos de as alcançar: nós corremos após ellas, a morte corre após de nós: e quantas vezes nos alcança primeiro a morte, do que nós as alcançamos? Chegado a este ponto, e reconhecendo com os olhos os logares desta Real Capella, naquelle (que depois dos altares é o mais sagrado) com horror do que hei-de pronunciar, não vejo depois de tão breve ausencia o que alli costumava vêr. Viam-se alli dois sóes; um levantado ao zenith, outro pouco distante do oriente; um coroado de raios, outro a quem tinha destinado a natureza, e promettia a esperança a mesma corôa. E quem havia de imaginar que este chegasse primeiro ao fim, e se escondesse no occaso? Cuidavamos que o nosso grande David, tão ousado, tão valente, e tão venturoso contra o gigante, depois de pendurar a victoriosa espada no templo da paz, e ferrolhar as portas de Jano, entregasse o sceptro laureado ao que já naquella edade era Salomão. Mas que é delle? Elle subiu aonde o levava a vida, que sempre concordou com a fé; e nós ficámos chorando

em perpetua saudade o engano de medirmos os seus annos com os nossos desejos, e os espaços da sua vida com os da nossa esperança. Se retratassemos em um quadro a figura deste enigma, veriamos que em differentes perspectivas os escuros faziam os longes, e os claros os pertos. Mas se chegassemos a tocar com a mão a mesma pintura, achariamos que toda aquella diversidade que fingem as côres, não é mais que uma illusão da vista, e um sonho dos olhos abertos e que tanto o remontado dos longes, como o visinho dos pertos, tudo tem a mesma distancia. Aquelle nescio do Evangelho: *Stulte:* por isso era nescio; porque quando a sua falsa esperança lhe promettia tantos annos, quantos eram os bens com que o tinha enganado a fortuna: *Multa bona in annos plurimos;* [1] nem os bens haviam de ser seus, senão alheios, nem os annos haviam de ser annos, ou dias, ou um só dia, senão os brevissimos instantes da mesma noite, em que isto imaginava: *Hoc nocte animam tuam repetunt á te.* [2] Assim empresta as vidas o Senhor dellas até o preciso e occulto termo da sua Providencia: para que acabemos de nos desenganar quão erradas são as contas dos que sommam os futuros pelos presentes: e que só são sizudos e sabios os que não medem a vida com a esperança, mas tratam só de a concordar com a fé, em que consiste a eterna.

[1] *Luc.*, XII, 29.
[2] *Ibid.*, 20.

SERMÃO

DA

Sexta Sexta Feira da Quaresma *

Prégado na Capella Real, no Anno de 1662

Collegerunt Pontifices, et Pharisæi concilium. [1]

I

A melhor e a peior coisa que ha no mundo, qual será? A mulher e a peior coisa que ha no mundo, é o conselho. Se é bom, é o maior bem; se é máu, é o peior mal. A maior maldade que commetteu neste mundo a cegueira e obstinação dos homens, foi a morte de Christo: a maior misericordia que obrou neste mundo a bondade e piedade de Deus, foi a redempção dos homens. E ambas estas coisas, tão grandes e tão oppostas, sahiram hoje resolutas de um conselho: *Expedit vobis, ut unus moriatur homo, ne tota gens pereat.* Supposta esta primeira verdade de ser o conselho o maior bem e o maior mal do mundo, ou, quando menos, a fonte dos maiores bens, e dos maiores males, quizera eu hoje que fosse materia do nosso discurso, a consideração dos bens e males que concorreram neste conselho. Este conselho, ou se póde considerar pela parte que teve de politico, ou pela parte que devia ter de christão. Pela parte que teve de politico, mostrou alguns dictames acertados: pela

---

* Este sermão é uma conferencia moral, bella, edificante, eloquentissima. E' verdadadeiramente digna de Vieira.

[1] *Joan.*, XI.

parte que devia ter de christão, commetteu o mais enorme de todos os erros. E porque dos erros e dos acertos, como do aço e do crystal, se compõem e formam os espelhos; dos acertos e dos erros deste conselho, determino formar hoje um espelho á nossa Côrte. Será este espelho de tal maneira politico para os christãos, e de tal modo christão para os politicos, que se possa vêr e compôr a elle um conselho, e um conselheiro, e tambem um aconselhado. Se fôr muito lizo, e muito claro, isso é ser espelho.

II

Collegerunt Pontifices, et Pharisæi concilium.

Quatro partes considero neste conselho do Evangelho, sem as quaes nenhum conselho póde ser acertado, nem ainda ser conselho. A eleição dos conselheiros, a formalidade da proposta, a conveniencia dos pareceres, e a efficacia da execução. A primeira contém os principios do conselho, a segunda o modo, a terceira os meios, a quarta o fim. Sem a primeira, será o conselho imprudente; sem a segunda, confuso; sem a terceira, damnoso; sem a ultima, ocioso e inutil. Comecemos pela primeira.

III

A primeira boa propriedade que teve este conselho do Evangelho, foi que a materia sobre que se havia de votar, era da profissão dos conselheiros. A materia era de religião, e elles eram sacerdotes: a materia era de fé, e elles eram theologos: a materia era do Messias, promettido pelos prophetas, e elles eram doutos nas Escripturas: em fim, a materia era de lettras, e elles eram lettrados. A causa de se governar tão mal o mundo, e de andar tão mal aconselhado, havendo tantos conselhos, é porque de ordinario os principes baralham os metaes, e trazem desencontrados os conselhos e os conselheiros. Se o soldado votar nas lettras, e o lettrado na navegação, e o piloto nas armas, que conselho ha-de haver, nem que suc-

cesso? Haverá lettrados, e não se verá justiça: haverá pilotos, e não se fará viagem: haverá soldados e exercitos, e levarão a victoria os inimigos. Vote cada um no que professa, e logo nos conselhos haverá conselho. Nos casos da Religião vote Samuel e Heli: nos negocios da guerra vote Joab e Abner: nas importancias do Estado vote Chuzay e Achitofel: e nas occorrencias da navegação e do mar (ainda que não tennam nomes tão pomposos) vote Pedro e André. Indigna coisa parece, e ainda escandalosa, que os phariseus entrem no mesmo conselho com os pontifices: *Collegerunt Pontifices, et Pharisæi concilium.* Tambem o phariseu ha-de ter logar no conselho? Tambem o phariseu ha-de dizer seu parecer? Tambem o phariseu ha-de dar seu voto? Tambem; se a materia fôr da sua profissão. Ainda que o nome de phariseu naquelle tempo fôra tão vil, e tão mal soante como é hoje, nem por isso se havia de excluir do conselho nas materias da sua profissão; porque o bom conselho, e o bom conselheiro, não o faz o nome, nem a qualidade da pessoa, senão a do voto. E porque vos não pareça esta doutrina de tão má escóla, como a do nosso Evangelho, vêde tudo o que tenho dito, no conselho de um principe melhor que os melhores pontifices, e no voto de um conselheiro peior que os peiores phariseus.

Viu o propheta Micheas a Deus em conselho, assentado em um throno de grande magestade. Conta o caso o mesmo propheta no 3.º Livro dos Reis, Capitulo 22. [1] Assistiam a Deus de uma e outra parte do conselho todas as grandes personagens das tres gerarchias: os Thronos, as Potestades, as Dominações, Cherubins, Serafins, etc. E diz o propheta que tambem veiu o diabo a achar-se no conselho. Se num conselho do céo, onde o presidente é Deus, e os conselheiros anjos, entra um diabo; nos conselhos da terra, onde os que presidem, e os que aconselham, são homens, e talvez homens de muita carne e sangue; quantos diabos entrarão? Fez Deus a proposta ao conselho em voz, e disse assim: Pelas injustiças de Acab, rei de Israël, e pelas da rainha Jezabel sua mulher, assim as que elles commettem, como as que consen-

[1] *3.º Livr. dos Reis*, XXII, 20.

tem no reino, tenho resoluto de lhes tirar a vida e a corôa. E porque o estylo de minha justiça e providencia, é castigar os reis permittindo que sejam enganados, para que sigam os caminhos de sua ruina, cuidando que são os meios de sua conservação; quizera ouvir do meu conselho, que modo haverá para que seja enganado el-rei Acab, e para que emprehenda a guerra de Ramoth, e acabe nella? E tambem me diga o conselho, a que pessoa ou pessoas será bem encarregar esta empreza? *Quis decipiet Acab regem Israël, ut ascendat, et cadat in Ramoth?*

Ouvida a proposta de Deus, foram respondendo os anjos como lhes cabia, e diz o Texto que uns diziam de um modo, e outros de outro: *Unus verba hujusmodi, et alius aliter:* [1] porque até entre os anjos póde haver variedade de opiniões, sem menoscabo de sua sabedoria, nem de sua santidade; e para que acabe de entender o mundo, que ainda que algumas opiniões sejam angelicas, nem por isso são menos angelicas as contrarias.

No ultimo logar fallou o demonio, e fallou breve, resumido, substancial, e resoluto: *Ego decipiam illum: egrediar, et ero spiritus mendax in ore omnium prophetarum ejus.* [2] Supposto, Senhor, que vossa Magestade Divina tem resolúto ou permittido que seja enganado Acab, para ser destruido; o meio mais a proposito para se enganar, é que lhe mintam todos seus conselheiros, que são os prophetas, a quem elle consulta: e a pessoa que sem duvida os fará mentir a todos (diz o demonio) serei eu, porque me transformarei em espirito de mentira, e me metterei nas suas linguas. Até aqui o diabo. Ouvi agora, e pasmae. Não tinha bem acabado de dizer o demonio, quando Deus se conformou inteiramente com o seu voto, e não só lhe commetteu a empreza, mas segurou a todos o successo della: *Decipies, et prævalebis: egredere, et fac ita.* Ainda me estou benzendo, depois que isto li. Quem tal coisa crêra se a não affirmára Micheas, como testemunha de vista? E' possivel que no seu conselho sacratissimo e secretissimo, ha Deus de admittir o demonio? E é possivel que não só o ha-de

[1] *3.º Livr. dos Reis,* XXII, 21.
[2] *Ibid.*

admittir e ouvir, senão que ha-de approvar o seu voto, e se ha-de conformar só com elle, deixando o parecer de tantos anjos, e de tantos principes do céo? Sim. Porque a prudencia e obrigação do Senhor supremo, não é tomar o conselho dos melhores, senão o conselho melhor: não é seguir as razões dos grandes, senão as grandes razões: não é sommar os votos, senão pezal-os. E porque o demonio neste caso votou melhor que os anjos, por isso se não conforma Deus com o parecer dos anjos, senão com o voto do demonio.

Os anjos, com serem anjos, votaram uns assim, outros assim, como diz o Texto; mas o demonio, vêde que gentilmente votou. A gentileza de um voto, consiste em duas proporções: em proporcionar o meio com o fim, e em proporcionar o instrumento com o meio. E tudo fez o demonio escolhidamente. Proporcionou o meio com o fim, porque o fim do conselho era que Acab fosse enganado; e para ser enganado Acab, não havia meio mais a proposito, que mentirem-lhe todos os seus conselheiros. Proporcionou tambem o instrumento com o meio, porque para os conselheiros todos mentirem, não havia instrumento mais subtil e accommodado, que o mesmo espirito da mentira, mettido nas linguas de todos. E sendo o voto do demonio tão medido com a proposta, sendo tão ajustado com o fim, sendo tão proporcionado nos meios, porque o não havia de approvar Deus, e porque o não havia de antepôr ao de todas as gerarchias? Olhar para a gerarchia de quem votou, é querer venerar os votos, mas não acertal-os. Na eleição do voto, nem se ha-de respeitar a dignidade da pessoa (que por isso Deus se não conformou com os Thronos), nem se ha-de respeitar a nobreza (que por isso se não conformou com os Principados), nem se hão-de respeitar os titulos (que por isso se não conformou com as Dominações), nem se ha-de respeitar o poder (que por isso se não conformou com as Potestades), nem se ha-de respeitar o amôr (que por isso se não conformou com os Serafins), nem se ha-de respeitar a sciencia (que por isso se não conformou com os Cherubins), nem se ha-de respeitar a santidade (que por isso se não conformou com as Virtudes). Finalmente não se ha-de respeitar qualidade alguma, por angelica e mais angelica que seja (que por isso se não con-

formou com Anjos, nem com Archanjos). Pois que se ha-de respeitar no voto, e por onde se ha-de avaliar? Ha se de avaliar o voto pelos merecimentos do mesmo voto, e nada mais. Ainda que a pessoa que votou seja o sujeito mais vil do mundo, qual era o demonio, e ainda que seja a que está mais fóra da graça do principe, como o demonio estava, se o seu voto fôr o melhor, ha-de preferir o seu voto.

O principal nos falta por advertir. Conformou-se Deus com o voto do demonio, e não com os dos anjos, porque o demonio votou melhor. Bem está. Mas porque votou melhor o demonio que os anjos? Porque tem mais sabedoria que elles? Não. Porque tem mais delgado entendimento? Não. Porque ama mais a Deus, e zela mais seu serviço? Não. Porque deseja mais dar-lhe gosto, e fazer e adivinhar-lhe a vontade? Não. Pois porque vota melhor um demonio neste conselho, que todos os anjos juntos? Porque a proposta e a materia do conselho, era da profissão do demonio, e não era da profissão dos anjos. A proposta e a materia do conselho era enganar a Acab, e fazel-o cahir: *Quis decipiet Acab, ut cadat?* E como a profissão propria do demonio é enganar e fazer cahir aos homens, por isso votou melhor e mais acertadamente que todos. Se a proposta fôra como se havia de guardar Acab, e como se havia de guiar e encaminhar, para que se defendesse e se livrasse dos perigos daquella guerra, então venceria infallivelmente o voto dos anjos, porque essa é a sua profissão — guardar, guiar, encaminhar, livrar e defender aos homens. Mas como o negocio era tão alheio da profissão e officio dos anjos, e tão proprio da profissão e exercicio do demonio, por isso o demonio votou melhor que todos os anjos. Tanto importa que vote cada um no que exercita, e que aconselhe no que professa! E seria grande desgraça, que se não observasse esta maxima em conselhos christãos e catholicos, quando vêmos que se fez hoje assim em um conselho de inimigos de Christo: *Collegerunt Pontifices, et Pharisæi concilium adversus Jesum.* [1]

[1] *Joan.*, XI, 47.

IV

A segunda boa propriedade, e excellentemente boa, que teve este conselho, foi o modo da proposta: *Quid facimus, quia hic homo multa signa facit:* Que fazemos, que este homem faz muitos milagres. Não sei se reparaes no que dizem, e no que não dizem. Não dizem, *que havemos de fazer*, senão *que fazemos?* Ah que grande conselho, e que grandes conselheiros! Conselheiros de *que havemos de fazer*, não são conselheiros. Os conselheiros hão-de ser homens de *quid facimus: Que fazemos?* E vêde que discretamente inferiram e contrapezaram a proposta. Elles eram inimigos de Christo, e tinham a Christo por inimigo, e diziam: *Quid facimus, quia hic homo multa signa facit?* Notae o *facit*, e o *quid facimus*. Basta que nosso inimigo *faz*, e nós não *fazemos?* Nosso inimigo *faz*, e nós *havemos de fazer?* Nosso inimigo faz milagres, e nós não fazemos o que se póde fazer sem milagre? Já que elle faz, façamos nós: *Quid facimus?* Que fazemos? A razão porque se perdeu tanta parte daquella tão honrada monarchia da Asia, ganhada com tão illustre sangue, qual foi? Porque o inimigo *fazia*, e nós *haviamos de fazer*. Não vamos tão longe. Em quanto Portugal teve homens de *havemos de fazer* (que sempre os teve) não tivemos liberdade, não tivemos reino, não tivemos corôa. Mas tanto que tivemos homens de *quid facimus*, logo tivemos tudo.

Quando Christo fez aquelle famoso milagre dos cinco pães no deserto, quizeram-no acclamar por rei; mas não o consentiu o Senhor. Quando entrou por Jérusalem, acclamaram-no por rei: *Benedictus qui venit in nomine Domini, rex Israël.* [1] E não só o consentiu e approvou, mas louvou e defendeu os que o acclamaram. Pois se Christo admittiu o titulo de rei na côrte, onde era mais arriscado, porque o não admittiu no deserto onde não havia risco? Sabeis porque? Porque quiz aceitar o titulo de rei da mão de homens que o fizeram, e não da mão de homens que o haviam de fazer. Notae o que diz o Texto:

[1] *Joan.*, XII, 13.

Jesus autem cum cognovisset, quia venturi erant, ut raperent eum, et facerent eum regem, fugit. [1] Vendo o Senhor, que aquelles homens haviam de vir e o haviam de arrebatar, e o haviam de fazer rei, fugiu. E vós sois-me homens de que haviam e mais que haviam, e outra vez, que haviam? Eis-aqui porque Christo não quiz ser acclamado rei por taes homens. Aceitou o titulo dos homens que o fizeram, e não dos homens, que o haviam de fazer; porque homens de *havemos de fazer*, não são homens, quanto mais homens que houvessem de fazer um rei e sustental-o. O Texto diz que fugiu para o monte; mas não diz de que fugiu. E isso é o que eu pergunto: De que fugiu Christo nesta occasião? Dizem commummente, que fugiu da côroa; mas eu digo, que, se fugiu da côroa, fugiu muito mais dos homens. Porque não ha coisa de que um rei mais haja de fugir, que de homens *de havemos de fazer*. Se elles foram de *quid facimus*, bem me rio eu, que lhes fugira Christo. E se lhes fugisse, haviam-no de prender; porque, se depois o prenderam para lhe pôr uma corôa d'espinhos, porque o não prenderiam para lhe pôrem uma corôa de oiro? Mas como eram homens de *que havemos de fazer*, nenhuma coisa fizeram: parou o seu conselho em nada.

O primeiro conselho que houve no mundo, foi o da torre de Babel. Resolveram os homens em uma junta de todos quantos então havia, que para eterna memoria de seu nome, fabricassem uma torre, cujas ameias subissem até entestar com as estrellas: *Cujus culmen pertingat ad cœlum.* [2] Não se póde crêr o grande aballo que fez no céo este conselho. Mandou Deus tocar a rebate, e assistido logo de todos os exercitos dos Anjos, a falla que lhes fez foi esta: *Cœperunt hoc facere, nec desistent á cogitationibus suis, donec eas opere compleant.* [3] Estes homens resolveram em conselho de fazer uma torre que chegue até o céo, e não hão-de desistir do seu pensamento, até o levarem ao cabo: *Descendamus igitur, et confundamus linguas eorum:* O que importa é que desçamos logo logo á terra, e que lhes confundamos as linguas,

---

[1] *Joan.*, VI, 15.
[2] *Genes.*, XI, 4.
[3] *Ibid.*, 6.

para que não vão por diante com seu intento. Com o seu intento, Senhor? E que importam, ou que pódem importar os intentos dos homens contra o céo? Pois se o céo e os anjos, e muito mais Deus, estão tão seguros de todo o poder dos homens: se todas as machinas de seus pensamentos e de suas mãos contra o céo, mais são desvanecimentos, que conselhos; de que se altera o empyreo, de que se receiam os anjos, de que se acautela Deus com tanto cuidado, com tanta prevenção, com tanto estrondo? Mais. Se a fabrica immensa daquella intentada torre, quando menos pela distancia infinita que vae da terra ao céo, não só era temeraria, senão impossivel; como affirma constantemente o mesmo Deus, que não hão-de desistir os homens da obra, até a levarem ao cabo? Eu o direi; e o mesmo Texto o diz.

Aquelles homens para tudo o que ententaram e resolveram, não fizeram mais que dois conselhos: um dos meios, outro do fim. No primeiro conselho disseram: *Venite, faciamus lateres:* Eia, façamos tijolos: no segundo conselho disseram: *Venite, faciamus turrim:* eia, façamos a torre. E homens que em todos os seus conselhos não dizem, *faremos*, nem *havemos de fazer*, senão *façamos, façamos: Faciamus lateres: faciamus turrim:* estes homens, ainda que ententem o maior impossivel, hão-de leval-o ao cabo. Homens que fazem os conselhos, *fazendo:* homens que as suas resoluções são de pedra e cal, e que quando haviam de parecer conselhos, apparecem muralhas; guarde-se o mundo, guarde-se o céo, guardem-se os anjos, e (se é licito dizel-o assim) guarde-se o mesmo Deus de taes homens. Não é o encarecimento meu, senão do mesmo Deus, o qual por isso se não dilatou um momento em acudir ao caso, nem se contentou com mandar, senão que desceu em Pessoa, e não só, senão acompanhado de todos os seus exercitos: *Descendamus.* Tal foi o conselho que hoje fizeram estes conselheiros, e taes foram tambem os effeitos delle. Tanto que Christo viu o que se tinha proposto e resoluto neste conselho, que fez? Diz o Evangelista, que o Senhor se retirou logo de Jérusalem, e se passou escondidamente para a cidade de Ephrem, e se metteu num deserto: *Jesus ergo jam non palam ambulabat apud Judæos, sed abiit in regionem juxta desertum in*

civitatem, quæ dicitur Ephrem. [1] E retira-se Christo? Esconde-se Christo? Desapparece Christo? Sim. Porque homens que nas suas propostas e nos seus conselhos não dizem *que havemos de fazer*, senão *quid facimus*, até a Deus mettem em cuidado, até a Deus põem em receios, até Deus não está seguro de taes homens e de taes conselhos: *Non palam ambulabat, abiit in regionem juxta desertum.*

V

Pedia agora a ordem do conselho, que depois da proposta se seguissem os pareceres e a resolução. Mas para maior clareza do discurso, fique esta terceira parte para o fim, e passemos á ultima. A ultima propriedade boa e melhor que todas deste conselho, foi a efficacia e presteza da execução: *Ab illa autem die cogitaverunt eum interficere.* O Texto grego diz: *Ab illa autem hora.* No mesmo dia e na mesma hora do conselho se começou a pôr o conselho em execução com todo o cuidado. A proposta do conselho, foi: *Quid facimus?* Que fazemos? E o fim do conselho na mesma hora foi fazer o que se resolveu que se fizesse. Cuidam os ministros, que feitos os conselhos, feitas as consultas, feitos os decretos, está feito tudo; e ainda se não começou a fazer nada. O principio dos negocios é a execução: em quanto se não dão á execução, não se lhes tem dado principio. *In principio creavit Deus cælum, et terram.* São as primeiras palavras da Escriptura. No principio creou Deus o céo e a terra. Pergunto: Antes de Deus crear o céo e a terra, a creação do mesmo céo e da mesma terra não estava decretada *ab æterno* no conselho de sua sabedoria? Sim, estava. Pois então é que se deu principio á creação do céo e da terra? De nenhum modo, diz o Texto: *In principio creavit Deus cælum, et terram.* Quando Deus creou o céo e a terra, então é que lhe deu principio: porque em quanto os conselhos se não dão á execução, por mais conselhos e por mais decretos que haja, ainda se não tem dado prin-

[1] *Joan.*, XI, 54.

cipio a nada. Que importa que haja conselhos e mais conselhos, que importa que haja decretos e mais decretos, se entre os decretos e a execução se passa uma eternidade? Os decretos serão divinos e divinissimos, como eram os de Deus; mas todas essas divindades decretadas, sem execução, que veem a ser? O que era o céo e a terra antes da creação do mundo? Nada. Antes da creação do mundo estava decretado o céo, estava decretada a terra, estavam decretados os elementos; e tudo quanto Deus creou, tudo estava decretado e assentado em conselho: mas todas essas coisas decretadas, que eram? O céo era nada, a terra outro nada, os quatro elementos quatro nadas, e toda essa infinidade de coisas, uma infinidade de nadas. Que importa a sentença no conselho da justiça, se se não executa a sentença? Que importa o arbitrio no conselho da fazenda, se se não executa o arbitrio? Que importa a prevenção no conselho da guerra, se se não executa a prevenção? Que importam os mysterios no conselho do êstado, se se não executam os mysterios? O mysterio altissimo e divinissimo da Encarnação estava decretado havia uma eternidade, e estava revelado, havia quatro mil annos: e que era este mysterio antes da execução? Nada.

Pois que remedio para que estes nadas sejam alguma coisa, e sejam tudo? O remedio é crear um conselho de novo. Ainda mais conselhos? Bem aviados estamos. E que conselho ha-de ser este? E como se ha-de chamar? Salomão, cujo é o arbitrio, lhe deu tambem o nome: *Consilium manuum:* [1] um conselho de mãos. Este é o conselho dos conselhos. Todos os outros conselhos sem este, são conselhos sem conselho. Os conselhos de entendimento, discorrem, altercam, disputam, consultam, resolvem, decretam, e até aqui nada. O conselho das mãos é o que faz as coisas. O mesmo Texto o diz: *Operata est consilio manuum suarum.* Os outros conselhos especulam, este conselho obra. Mas com licença de Salomão, se este chamado conselho, é de mãos, parece que se não havia de chamar conselho, porque o conselho é acto de entendimento, e as mãos não teem entendimento. Antes só as mãos teem o entendimento que é necessa-

[1] *Prov.*, XXXI, 13.

rio. A cabeça tem entendimento especulativo; as mãos teem entendimento pratico: e este é só o entendimento que faz as coisas. Assim o disse um rei que tinha muito bom entendimento, e muito boas mãos, David: *In intellectibus manuum suarum deduxit eos.* [1] Falla David das felicidades daquella mesma republica, em cujo conselho estamos, e conclue, que em todas as occasiões em que tiveram felizes successos, os governou Deus, e elles se governaram com os entendimentos de suas mãos: *In intellectibus manuum suarum.* E notae, que não diz, com o entendimento de suas mãos, senão com os entendimentos: *In intellectibus manuum suarum.* A cabeça, que é uma, tem entendimento: as mãos, que são duas, teem entendimentos: *In intellectibus.* Aqui está um entendimento, e aqui outro; um na mão direita, outro na esquerda: e se estes dois entendimentos se dão as mãos, tudo se consegue. Os mais felizes reinos não são aquelles que teem as mais bem entendidas cabeças, senão aquelles que teem as mais bem entendidas mãos. Dos entendimentos das mãos é que se fazem os prudentes conselhos, ou quando menos, nos entendimentos das mãos é que se qualificam de prudentes; porque os conselhos prudentes, que não passam do entendimento ás mãos, fazem-se de prudentes nescios.

Rebellou-se Absalão contra el-rei David. Seguiu a voz de Absalão todo o reino, cujas vontades elle tinha ganhado: *Toto corde universus Israël sequitur Absalon.* [2] Chegou a nova ao rei nestes mesmos termos: e como nos grandes casos se vêem os grandes corações, accommodou-se David á fortuna do tempo, e retirou-se com os capitães de sua guarda, que só o acompanhavam. Tinha já caminhado um bom espaço do monte Olivete, quando recebeu segundo avizo, que tambem Achitofel, seu grande conselheiro, seguia as partes de Absalão; e aqui foi que o coração do rei sentiu os primeiros abalos. Poz-se de joelhos, levantou as mãos ao céo, e disse a Deus: *Infatua, quæso, Domine, consilium Achitofel.* [3] Peço-vos, Senhor, que infatueis o conselho de Achitofel. Nunca a nossa hu-

---

[1] *Psalm.*, LXXVII, 72.
[2] *2.º Livro dos Reis*, XV, 13.
[3] *Ibid.*, 31.

gua me pareceu pobre de palavras, senão neste Texto. *Infatuar*, significa fazer imprudente, fazer ignorante, fazer nescio, e ainda significa mais: e tudo isto pedia David que lizesse Deus ao conselho de Achitofel. Vêde o que pezava no juizo daquelle grão rei, e o que deve pezar no de todos um grande conselheiro! Quando disseram a David que todo o reino unido seguia a Absalão, não fez oração a Deus, para que o livrasse de suas armas: quando lhe disseram que tambem Achitofel o seguia, fez oração apertada, para que o livrasse de seus conselhos. Mais temeu David a testa de um só homem, que os braços de infinitos homens. Bem tinha já experimentado o mesmo David na pedrada do gigante, que importa pouco que o corpo e os braços estejam armados, se a testa está fraca. Houve-se David neste caso contra Absalão, como já se houvera contra Golias. O tiro da sua oração não o apontou contra o reino, que era o corpo armado, senão contra Achitofel, que era a testa. Um grande conselheiro no conselho do rei, ha-de ser a sua maior estimação; e no conselho do inimigo ha-de ser o seu maior temor.

Vamos agora ao successo, em que a Escriptura diz duas coisas notaveis, e que parecem totalmente encontradas. A primeira, que Deus ouviu a oração de David contra o conselho de Achitofel: a segunda, que Achitofel aconselhou a Absalão prudentemente o que lhe convinha: *Domini autem nutu dissipatum est consilium Achitofel utile.* [1] Pois se Achitofel aconselhou util e prudentemente Absalão, como ouviu Deus a oração de David? A oração de David pediu a Deus que enfatuasse o conselho de Achitofel: mas se o conselho de Achitofel foi prudente e util como enfatuou Deus o seu conselho? Quereis saber como o enfatuou, lêde por diante o Texto. Ainda que a Escriptura diz que o conselho de Achitofel foi prudente, diz tambem que Absalão o não executou: e este foi o modo com que Deus enfatuou aquelle conselho: porque conselhos prudentes sem execução, não são prudentes, são fatuos. De dois modos podia Deus enfatuar o conselho de Achitofel: ou no entendimento do mesmo Achitofel, fazendo que Achitofel volasse mal: ou nas mãos

[1] *2.º Livr. dos Reis*, XVII, 14.

de Absalão, fazendo que ainda que o conselho fosse bom, Absalão o não executasse: e Deus para totalmente enfatuar o conselho de Achitofel, como David lhe tinha pedido, escolheu este segundo modo; porque o conselho que se não acerta com o entendimento, é conselho errado; mas o conselho que depois de acertado não se executa, não só é errado, é fatuo. Errar um conselho é coisa que cabe em homens prudentes: mas acertal-o e perdel-o por falta de execução, só em homens fatuos se póde achar. Oh quantos reinos se perdem por conselhos prudentes enfatuados! Vejam lá os principes se são enfatuados nos entendimentos dos Achitofeis, ou nas mãos dos Absalões. Por isso eu desejára um conselho de máus, e por isso sendo tão máu, teve esta parte de bom o conselho do nosso Evangelho. Começou estranhando o que se não fazia: *Quid facimus?* E acabou começando o que se havia de fazer: *Ab illa autem die, ab illa autem hora cogitaverunt eum interficere.*

Mas eu não acabo de entender como isto podia ser logo no mesmo dia, e na mesma hora em que se fez o conselho. Quando se lançaram os votos? Quando se escreveu a consulta? Quando se assignou? Quando subiu? Quando se resolveu? Quando baixou? Quando se fizeram os despachos? Quando se registaram? Quando tornaram a subir? Quando se firmaram? Quando tornaram a baixar? Quando se passaram as ordens? Quando se distribuiram? Tudo isto não se podia fazer em uma hora, nem em um dia, nem ainda em muitos. Se fôra no nosso tempo, e na nossa terra, assim havia de ser; mas tudo se fez, e tudo se pôde fazer. Porque? Porque não houve tinta nem papel neste conselho.

VI

Esta é a quarta e ultima propriedade boa que nelle considero: ser um conselho em que não appareceu papel nem tinta. Dias ha que tenho para mim, que a tinta e o papel são duas peças, ou escusadas, ou quasi escusadas em um conselho. E porque isto parece querer condemnar o mundo, não hei-de argumentar ao mundo, senão comsigo mesmo. Qual é mais antigo no mundo, o conselho, ou o papel? Pois assim como

naquelle tempo se faziam os conselhos sem papel, porque se não puderão fazer agora? Dir-me-heis que estava ainda o mundo pouco polido, e pouco politico. Mais politico que agora. A primeira nação, ou a primeira lingua que soube lêr e escrever, foi a dos hebreus. Primeiro se governaram por familias, depois em republica, depois em monarchia, ultimamente em reinos: e em todos estes estados não achareis tinta nem papel em seus conselhos. Chamava o principe diante de si os de seu conselho; propunha a materia; ouvia os pareceres; resolvia o que se havia de fazer; nomeava a pessoa que o havia de executar; e acabava-se o conselho. Não era bom estylo este, senhor mundo? Agora estareis mais empapelado, mas nem por isso mais bem aconselhado. E' verdade que junto ás pessoas reaes havia naquelle tempo dois officiaes de penna: e quaes eram? Um historiador, e um secretario. Tira-se do 2.º Livro dos Reis, Capitulo 8, [1] onde se referem os officiaes de que se compunha a casa real, e se nomeia entre elle Josaphat, *á Commentariis*, e Sarayas, *Scriba*. E porque eram o historiador e o secretario os dois officios de penna? Discretissimamente o ordenaram assim, porque o escrever foi inventado para remedio da ausencia e da memoria. O secretario escrevia as cartas para os ausentes, e o historiador escrevia as memorias para os futuros. Por isso geralmente nas historias sagradas só achamos livros e epistolas: os livros para os vindoiros: as epistolas para os ausentes. Tambem o escrever se fez para remedio dos mudos, como aconteceu a Zacharias, pai do Baptista, que sendo consultado sobre o nome do filho, e não tendo lingua para o declarar, pediu a penna. Se os conselheiros foram mudos, e os reis surdos, então era necessario o papel: mas se os conselheiros fallam, e os reis ouvem, para que são tantos papeis? Não é melhor ouvir um conselheiro que falla e responde, que lêr um papel mudo, que não sabe responder? E quantos conselheiros houveram de dizer de palavra, o que se não atrevem a dizer e firmar por escripto? Entre a bocca do consultado, e o ouvido do rei, passa a verdade com segurança: e nem todos teem liberdade e constancia para fiar o seu

[1] *2.º Livr. dos Reis*, VIII, 17.

voto das riscas e dos riscos de um papel. Não fallo em que a tinta com ser preta póde tingir o papel de muitas côres, e a penna, de qualquer ave que seja, toda nasceu de carne e sangue.

Introduzir papel e tinta (ao menos tanto papel e tanta tinta) nos conselhos e nos tribunaes, foi traça de fazer o tempo curto, e os requerimentos largos, e de se acabar primeiro a paciencia e a vida, que os negocios. O maior exemplo que ha desta experiencia em todas as historias, é o da execução deste mesmo conselho em que estamos: *Ab illa autem die cogitaverunt eum interficere.* A execução deste conselho foi a morte de Christo: e é coisa que parece excede toda a fé (se o não disseram os Evangelistas) considerar o muito que se fez, e o pouco tempo que se gastou nesta execução. Foi Christo prezo ás doze da noite, e crucificado ás doze do dia. E que se fez, ou que se não fez nestas doze horas? Foi levado o Senhor a quatro tribunaes mui distantes, e a um delles duas vezes: ajuntaram-se e fizeram-se dois conselhos: apresentaram-se em duas partes as accusações: tiraram-se tres inquirições de testemunhas: expediu-se a causa incidente, e perdão de Barrabás: deram-se dois libellos contra Christo: fizeram-se arrasoados por parte do réo, e por parte dos auctores: allegaram-se leis: deram-se vistas: houve replicas e treplicas: representaram-se duas comedias, uma de Christo propheta com os olhos tapados, outra de Christo rei com sceptro e corôa: foi tres vezes despido, e tres vestido: cinco vezes perguntado e examinado: duas vezes sentenciado: duas mostrado ao povo: ferido e affrontado tantas vezes com as mãos, tantas com a cana, cinco mil e tantas com os açoites: preveniram-se lanças, espadas, fachos, lanternas, cordas, columnas, azorragues, varas, cadeias: uma roupa branca, outra de purpura: canas, espinhos, cruz, cravos, fel, vinagre, mirrha, esponja, titulo com lettras hebraicas, gregas, e latinas, não escriptas senão entalhadas, como se mostram hoje em Roma: ladrões que acompanhassem ao Senhor: cruzes para os mesmos ladrões: Cyrineu que o ajudasse a levar a sua: prégou Christo tres vezes, uma a Caiphaz, outra a Pilatos, outra ás filhas de Jérusalem. Finalmente, cahindo e levantando foi levado ao Calvario, e crucificado nelle. E que tudo isto se obrasse em doze horas? E que ainda dessas doze ho-

ras sobejassem tres para descanço dos ministros, que foram as ultimas da madrugada? Grave caso! E como foi possivel que todas estas coisas, tantas, tão diversas, e de tantas dependencias, se obrassem e se podessem obrar na brevidade de tão poucas horas, e mais sendo ametade dellas de noite? Tudo foi possivel, e tudo se fez, porque em todos estes conselhos, em todos estes tribunaes, em todas estas resoluções e execuções, não entrou papel nem tinta. Se tudo isto se houvera de fazer com as tardanças, com as dilações, com os vagares, com as cerimonias, que envolve qualquer papel, ainda hoje o genero humano não estava remido. Só quatro palavras se escreveram na morte de Christo, que foram as do titulo da cruz, e logo houve sobre ellas embargos, e requerimentos, e altercações, e teimas, e descontentamentos: e se Pilatos não dissera resolutamente que se não havia de escrever mais: *Quod scripsi, scripsi:* [1] o caso era de appellação para Cesar, que estava em Roma, dalli a quinhentas leguas, e demanda havia na meia regra para muitos annos.

Até Christo teve sua conveniencia em não haver papel e tinta na sua execução, porque ao menos não pagou custas. E' possivel que não ha-de haver justiça, nem innocencia, nem premio, que escape do castigo do papel? Chamei-lhe castigo, por lhe não chamar roubo. Mas que papel ha que não seja ladrão marcado? Tirou-me o escrupulo de o cuidar assim, uma só historia de papel ou de papeis que se acha no Evangelho. Conta S. Lucas que certo senhor rico tendo entregue a sua fazenda a um mordomo, por alguns rumores que lhe chegaram, de que não era limpo de mãos, lhe tirou de repente o officio. Ouvindo o criado que lhe tiravam o officio, toma muito depressa os papeis, vae-se ter com os que deviam ao amo: e que fez com elles? Ao que devia cem cantaros de azeite, fazia-lhe escrever oitenta: *Scribe octoginta.* Ao que devia cem fangas de pão, dizia-lhe que escrevesse cincoenta: *Scribe quinquaginta.* [2] Pois esta é a fé dos papeis tão acreditada? Para isto servem os papeis? Para isto servem: para de cem cantaros, fazer oitenta

[1] *Joan.*, XIX, 22.
[2] *Luc.*, XVI, 6 e 7.

cantaros: para de cem fangas, fazer cincoenta fangas. Vêde se merecia o criado as marcas do papel? Mas se não houvera papeis, não tiveram taes occasiões os criados. Terrivel flagello do mundo foi sempre o papel; mas hoje mais cruel que nunca. A origem e o nome do papel, foi tomado das cascas das arvores, que em latim se chamam *Papyrus*, porque aquellas cascas foram o primeiro papel em que os homens escreviam ao principio: depois deram em curtir as pelles, e se facilitou mais a Escriptura com o uso dos pergaminhos: ultimamente se inventou a praga do papel, de que hoje usamos. De maneira, que se bem advertimos, foi o papel desde seus principios, materia de escrever, e invenção de esfollar. Com o primeiro papel esfollavam-se a arvores: com o segundo esfollavam-se os animaes: com o de hoje esfollam-se os homens. Oh quanto papel se pudéra encadernar com as pelles que o mesmo papel tem despido! Mas em nenhuma parte tanto como em Portugal, porque em nenhuma se gasta tanto papel, ou se gasta tanto em papeis. Estes soccorros que damos a Veneza, não seria melhor dal-os antes em dinheiro contra o turco em Candia, que dal-os por papel contra nós? O mais bem achado tributo que inventou a necessidade ou a cubiça, é para mim o do papel sellado. Mas faltou-lhe uma condição: o sello não o haviam de pagar as partes, senão os ministros. Se os ministros pagaram o sello, eu vos prometto que havia de correr menos o papel, e que haviam de voar mais os negocios. Mas ainda voariam mais, se não houvesse pennas nem papel. E por isso voaram tanto as resoluções deste conselho: *Ab illa autem hora.*

VII

Sendo este conselho tão politico, e sendo tão politicos os seus conselheiros; que se seguiu de todas estas politicas? O que se seguiu foi a destruição de Jérusalem, a destruição de toda a republica dos hebreus, a destruição dos mesmos pontifices e phariseus que fizeram o conselho. E porque? Porque tendo o conselho tanto de politico, não teve o que devia ter de christão: antes todo elle foi contra Christo: *Colle-*

gerunt Pontifices, et Pharisæi consilium adversus Jesum. Estas palavras *adversus Jesum*, não são do Texto, senão da glossa da Igreja. Notae, diz a Igreja, que este conselho foi contra Christo: e de um conselho contra Christo, que se podia esperar, senão a destruição do mesmo conselho, dos mesmos conselheiros, e de toda a republica, que por taes meios pretenderam defender e sustentar? E assim foi. O fundamento politico de toda a resolução que tomaram de matar a Christo, foi este: *Si demittimus eum sic, venient Romani, et tollent locum nostrum, et gentem.* [1] Se deixamos este homem assim, todos o hão-de acclamar por rei, e se se souber em Roma que nós temos rei contra a soberania e magestade do imperio romano, hão-de vir contra nós os romanos, e hão-de tirar-nos dos nossos logares, e hão-de destruir a nossa gente, e a nossa republica: pois morra este Homem, para que nos não percamos todos. Mas vède como lhes sahiu errada esta sua politica. Matemos este Homem, porque nos não percamos todos, e perderam-se todos, porque mataram aquelle Homem: matemos este Homem, porque não venham os romanos e tomem Jérusalem; e porque mataram aquelle Homem, vieram os Romanos e tomaram Jérusalem, e não deixaram nella pedra sobre pedra. Que é de Jérusalem? Que é da republica hebrea? Quem a destruiu? Quem a decepou? Quem a acabou? Os Romanos. Eis aqui em que veem a parar os conselhos, e as politicas, quando as suas razões de estado são contra Christo. Santo Agostinho: *In contrarium eis vertit malum consilium.* Vède (diz Agostinho) o máu conselho como se converteu contra os mesmos que o tinham tomado: *Ut possiderent, occiderunt; et quia occiderunt, perdiderunt:* para conservarem a republica mataram a Christo; e porque mataram a Christo, perderam a republica. Oh quantas vezes se perdem as republicas, porque se tomam por meios de sua conservação offensas de Christo! Quem aconselha contra Deus, aconselha contra si. E os meios que os homens tomam para se conservar, se são contra Deus, esses mesmos toma Deus contra elles para os destruir.

Muitas vezes castigou Deus a republica hebrea em

[1] *Joan.*, XI, 48.

todos os estados, e em todas as idades, por differentes nações. Deixo os captiveiros particulares no tempo dos Juizes, pelos Madianitas, e no tempo dos Reis, pelos Philisteus: Vamos aos captiveiros geraes. O primeiro captiveiro geral, em tempo de Moysés, foi pelos egypcios: o segundo captiveiro geral, em tempo de Oseas, foi pelos assyrios: o terceiro captiveiro geral, em tempo de Joconias, foi pelos babylonios: o ultimo captiveiro geral, depois de Christo, que é o presente, foi pelos romanos. E porque ordenou Deus que os executores deste ultimo captiveiro fossem os romanos, e não por outra nação? Não estavam ainda ahi os mesmos egypcios, os ethyopes, os arabes, os persas, os gregos, e os macedonios, que eram as nações confinantes? Pois porque não ordenou Deus que os executores deste captiveiro fossem estas ou outra nação, senão os romanos? Para que visse o mundo todo que a causa deste castigo foram as politicas deste conselho. Ora vêde.

Tres resoluções tomaram estes conselheiros, para conservação da sua republica, todas tres fundadas no temor, no respeito, na dependencia, e na amisade dos romanos. A primeira notou S. Gregorio: a segunda S. Basilio: a terceira Santo Ambrosio. Deixo as palavras, por não fazer o discurso mais largo. A primeira resolução foi, que se Christo continuasse com aquelle sequito e applauso, e com as acclamações de rei, que lhe dava o povo, viriam os romanos sobre Jérusalem: *Si dimittimus eum sic, venient Romani.* A segunda resolução foi entregarem a Christo aos soldados romanos, porque elles foram os que o prenderam no Horto, e o crucificaram: *Judas ergo cum accipisset cohortem:* Que era uma das cohortes romanas. A terceira resolução, foi persuadirem a Pilatos, governador de Judéa, posto pelos romanos, que se livrava a Christo, perdia a amizade do Cesar: *Si hunc dimittis, non es amicus Cæsaris.* Ah, sim. E vós temeis mais a potencia dos romanos, que a justiça de Deus: pois castigar-vos-ha a justiça de Deus com a mesma potencia dos romanos. E vós entregaes a Christo aos soldados romanos, para que o prendam e crucifiquem: pois Christo vos entregará aos soldados romanos, para que vos captivem, vos matem, e vos assolem. E vós antepondes a amizade do imperador dos romanos á graça de Deus; pois Deus fará

que os imperadores romanos sejam os vossos mais crueis inimigos, e que venha Tito e Vespasiano a conquistar-vos e destruir-vos. De maneira que todas as politicas dos pontifices e phariseus se converteram contra elles; e das resoluções do seu mesmo conselho se formaram os instrumentos da sua ruina. Disto lhes serviu o temor, o respeito, a dependencia, e a amizade dos romanos. E este foi o desastrado fim daquelle conselho, merecedor de tal fim, pois tinha elegido taes meios.

Senhor. A verdadeira politica é o temor de Deus, o respeito de Deus, a dependencia de Deus, e a amisade de Deus: e a verdadeira arte de reinar é guardar sua lei. Os politicos antigos estudavam pelos preceitos de Aristoteles e Xenofonte: os politicos modernos estudam pelas malicias de Tacito, e de outros indignos de se pronunciarem seus nomes neste logar. A verdadeira politica e unica, é a lei de Deus. Ouvi umas palavras de Deus no Capitulo 17 do Deuteronomio, que todos os principes deviam trazer gravadas no coração: *Cum sederit in solio regni sui, describet sibi Deuteronomium legis hujus, legetque illud omnibus diebus vitæ suæ, ut discat timere Deum, neque declinet in partem dexteram, vel sinistram, ut longo tempore regnet ipse, et filii ejus.* [1] Tanto que o rei (diz Deus) se assentar no throno do seu reino, a primeira coisa que fará, será escrever por sua propria mão esta minha lei, e a lerá todos os dias de sua vida, para que aprenda a temer a Deus; e não se apartará della um ponto, nem para a mão direita, nem para a esquerda, e deste modo conservará o seu reino para si e para seus descendentes. Pois, Senhor, esta é a arte de reinar, estes são os documentos politicos, e estas são as razões de estado, que daes ao rei do vosso povo, para sua conservação, e para a perpetuidade e estabelecimento de seu imperio? Sim. Estas são, e nenhumas outras. Saber a lei de Deus, temer a Deus, guardar a lei de Deus, e não se apartar um ponto della. Se Aristoteles sabe mais que Deus, sigam-se as politicas de Aristoteles: se Xenofonte sabe mais que Deus, imitem-se as idéas de Xenofonte: se Tacito falla mais certo que Deus, estudem-se as agudezas e as sentenças de

[1] *Deut.*, XVII, 18, 19 e 20.

Tacito. Mas se Deus sabe mais que elles, e é a verdadeira e unica sabedoria, estudem-se, aprendam-se e sigam-se as razões de estado de Deus.

Não digo que se não lêam os livros; mas toda a politica sem a lei de Deus é ignorancia, é engano, é desacerto, é erro, é desgoverno, é ruina. Pelo contrario, a lei de Deus só, sem nenhuma outra politica, é politica, é sciencia, é acerto, é governo, é conservação, é seguridade. Toda a politica de um rei christão, se reduz a quatro partes, e a quatro respeitos. Do rei para com Deus: do rei para comsigo: do rei para com os vassallos: do rei para com os estranhos. Tudo isto achará o rei na lei de Deus. De si para com Deus a religião: de si para comsigo a temperança: de si para com os vassallos a justiça; de si para com os estranhos a prudencia. Para todos estes quatro rumos navegará segura a monarchia, se os seus conselhos levarem sempre por norte a Deus, e por leme a sua lei: *Consiliorum gubernaculum lex divina*, disse S. Cypriano. Os conselhos são o governo da republica, e a lei de Deus ha-de ser o governo dos conselhos. Conselho e republica que se não governa pela lei de Deus, é náu sem leme. Por isso o reino de Jeroboão, de Baasa, de Jehu, e de tantos outros, fizeram tão miseraveis naufragios.

O mais politico e o mais prudente rei que lêmos nas historias sagradas, foi David: E qual era o seu conselho? Elle o disse: *Consilium meum justificationes tuæ.* [1] O meu conselho, Senhor, são os vossos mandamentos. Oh que auctorisado conselho! Oh que prudentes conselheiros! O conselho a lei de Deus: os conselheiros os dez mandamentos. De Achitofel, aquelle famosissimo conselheiro, diz o Texto que eram os seus conselhos como oraculos e respostas de Deus: *Tanquam siquis consuleret Dominum.* Os mandamentos de Deus, que eram os conselheiros de David, não são como oraculos, senão verdadeiramente oraculos de Deus. E quem se governar pelos oraculos de Deus, como póde errar? Quando Christo appareceu a el-rei D. Affonso Henriques, e lhe certificou que queria fundar e estabelecer nelle e na sua descendencia um novo imperio; assim como disse a Moysés: *Ego sum qui*

[1] *Psal.*, CXVIII, 24.

sum: Eu sou o que sou; assim o disse áquelle primeiro rei: Eu sou o que edifico os reinos e os dissipo: *Ego ædificator, et dissipator regnorum sum.* Nestas duas maximas resumiu Christo todas as razões de estado, por onde queria se governasse um rei de Portugal. Deus é o que dá os reinos, e Deus é o que os tira. O fim de toda a politica é a conservação e augmento dos reinos: como se hão-de conservar os reinos, se tiverem contra si a Deus, que os tira; e como se hão-de augmentar os reinos, se não tiverem por si a Deus que os dá? Se não tivermos contra nós a Deus, segura está a conservação: se tivermos por nós a Deus, seguro está o augmento: *Pone me juxta te, et cujusvis manus pugnet contra me:* Dizia Job, que tambem era rei: [1] Ponha-me Deus junto a si, e venha todo o mundo contra mim. Se tivermos da nossa parte a Deus, ainda que tenhamos contra nós todo o mundo, todo o mundo não nos poderá offender: mas se tivermos a Deus contra nós, ainda que tenhamos todo o mundo da nossa parte, não nos poderá defender todo o mundo. Fazer liga com Deus, offensiva e defensiva, e estamos seguros. Eis-aqui o erro fatal deste mal aconselhado conselho dos pontifices e phariseus: por se ligarem com os romanos, apartaram-se de Deus; e porque não repararam em perder a Deus, por conservar a republica, perderam a republica e mais a Deus: *Iste homo multa signa facit:* Este homem (diziam) faz muitos signaes. Chamavam signaes aos milagres de Christo, e ainda que acertaram o numero aos milagres, erraram a conta aos signaes. Os milagres eram muitos, mas os signaes não eram mais que dois. Se seguissem a Christo, signal de sua conservação: se o não seguissem, signal de sua ruina. Cada milagre daquelles era um cometa que ameaçava mortalmente a republica hebrea, se não crêsse, e offendesse a Christo. E assim foi.

Principes, reis, monarchas do mundo, se vos quereis conservar e a vossos estados: se não quereis perder vossos reinos, e monarchias, seja o vosso conselho supremo a lei de Deus. Todos os outros conselhos se reduzam a este conselho, e estejam sujeitos e subor-

[1] *Job.*, XVII, 3.

dinados a elle. Tudo o que vos consultarem vossos conselhos e vossos conselheiros, ou como necessario á conservação, ou como util ao augmento, ou como honroso ao decoro, á grandeza, e á magestade de vossas corôas, seja debaixo desta condição infallivel: se fôr conforme á lei de Deus, approve-se, confirme-se, decrete-se, e execute-se logo: mas se contiver coisa alguma contra Deus e sua lei, reprove-se, deteste-se, abomine-se, e de nenhum modo se admitta, nem consinta, ainda que delle dependesse a vida, a corôa, a monarchia. O rei, em cuja consciencia, e em cuja estimação não peza mais um peccado venial, que todo o mundo, não é rei christão: *Quid prodest homini, si universum mundum lucretur, animæ vero suæ detrimentum patiatur.* [1] Que lhe aproveitará a qualquer homem, e que lhe aproveitou a Alexandre ser senhor do mundo, se perdeu a sua alma? Perca-se o mundo, e não se arrisque a alma: perca-se a corôa e o sceptro, e não se manche a consciencia: perca-se o reino da terra, e não se ponha em contingencia o reino do céo. Mas o rei que por não pôr em contingencia o reino do céo, não reparar nas contingencias do reino da terra; é certo e infallivel que por esta resolução, por este valor, por esta verdade, por este zelo, por esta razão, e por esta christandade, segurará o reino da terra, e mais o do céo; porque Deus, que é o supremo Senhor do céo e da terra, nesta vida o estabelecerá no reino da terra, pela firmeza da graça; e na outra vida o perpetuará no reino do céo, pela eternidade da gloria.

[1] *Math.*, XVI, 26.

SERMÃO

DO

Sabbado antes da Dominga de Ramos *

Prégado na Igreja de Nossa Senhora do Desterro, na Bahia, no Anno de 1634

Cogitaverunt Principes Sacerdotum ut et Lazarum interficerent, quia multi propter illum abibant ex Judæis, et credebant in Jesum. In crastinum autem turba multa, quæ venerat ad diem festum, cum audisset quia venit Jesus Jerosolymam, acceperunt ramos palmarum, et processerunt obviam ei. [1]

I

O thema é grande, mas o sermão será pequeno. São as palavras do Evangelista S. João aos doze Capitulos de sua historia sagrada; querem dizer: fizeram consulta os principes dos sacerdotes. Quando logo encontrei com este principio, fiz esta consideração. Consulta, os principes dos sacerdotes! Sem duvida que sahirão della grandes bens á republica: é gente ecclesiastica, e pelo conseguinte douta e santa; que se póde esperar de uma consulta sua, senão coisas de grande gloria de Deus, e grandes bens dos homens? Assim o imaginava eu, mas enganei-me. Contra Deus,

---

* Este sermão foi prégado por Vieira, aos 26 annos da sua edade. São as primicias da sua eloquencia os bellos e engenhosos capitulos d'este sermão, que é antes uma homilia oratoria, vasada nos moldes das mais bellas homilias dos Padres e Doutores da Igreja.

[1] *Joan.*, XII.

e contra os homens sim. O que sahiu da consulta, foi, que em todo o caso morresse Christo, como no dia dantes se tinha decretado, isso quer dizer aquelle *et, ut et Lazarum*, como interpretam os Doutores; e não só que déssem a morte a Christo, senão que tambem tirassem a vida a Lazaro, a quem o Senhor pouco antes tinha resuscitado: *Ut et Lazarum interficerent.* Ha juizos mais apaixonados? Ha sentença mais enorme? Ora oiçamos as causas que allegam, e admirar-nos-hemos muito mais. Morra, dizem, Christo, porque faz milagres, porque dá saude a enfermos e vida a mortos, porque é amado, porque é estimado, porque é seguido: e morra Lazaro, porque sendo resuscitado por virtude de Christo, é causa de o amarem, de o estimarem, de o seguirem: *Quia multi propter illum abibant ex Judæis, et credebant in Jesum.* [1] Honrado crime! Tudo isto passou como hoje: *In crastinum autem:* [2] porém ao outro dia, diz o Evangelista, que entrou o Principe da gloria a cavallo por Jérusalem triumphando (dentro porém dos limites de sua modestia e humildade) servindo-lhe de pomposo acompanhamento a multidão infinita do povo, que com palmas e acclamações, devoto o seguia: *Turba multa, quæ venerat ad diem festum, acceperunt ramos palmarum, et processerunt obviam ei.* [3] Até aqui a lettra do nosso Thema. O que temos que vêr é uma causa crime, sentenciada, appellada, revogada. Do primeiro tribunal sahiram culpados os innocentes: do segundo sahiram condemnados os juizes. Pouco disto parece que está no thema, mas tudo tiraremos delle. Não o mostro logo, por não gastar dois tempos. Peçamos a graça.

II

Dizia Platão, que os que julgam ou governam, era bem que dormissem sobre as resoluções que tomassem. Parecia-lhe ao grande philosopho que o juizo consultado com os travesseiros, era força que sahisse

[1] *Joan.*, XII, 11.
[2] *Ibid.*, 12.
[3] *Ibid.*, 12 e 13.

mais repousado. Assim aconteceu aos nossos juizes do Evangelho, os principes dos sacerdotes: dormiram sobre a resolução que hontem tomaram, de tirar a vida a Christo; porém hoje accordaram em conselho com um conselho tão desaccordado, como foi confirmarem uma sentença a mais injusta, a mais barbara, a mais sacrilega, que nunca se deu, nem ha-de dar no mundo. Perguntára eu a suas senhorias dos principes dos sacerdotes: E bem, senhores, fazer milagres, resuscitar mortos, ser estimado, ser querido, que culpa é, ou contra que lei? No Exodo, no Levitico, no Deuteronomio, que são os Canones por onde vos governaes, não ha Texto que tal prohiba: pois ignorancia? Seria affronta de um tribunal tão auctorisado, querer presumil-a nelle. Deu a razão de tudo Eutimio em duas palavras: *Itaque tota res est invidia.* O caso é que tudo neste caso é inveja. Pois já me não espanto que achassem os principes dos sacerdotes na mesma bondade crimes, na mesma innocencia culpas, no mesmo Christo peccados, porque nos tribunaes, ou publicos ou particulares, onde a inveja preside, as virtudes são peccados, os merecimentos são culpas, as obras, ou boas qualidades, são crimes.

Estava Saül um dia muito melancolisado e triste, desejou que lhe buscassem algum bom musico, não sei se para se alegrar, se para se entristecer mais. Acudiu logo um dos cortezãos que o assistiam, dizendo que não podia sua magestade achar outro como David, porque além de grande musico, era mancebo muito valente, de grande intelligencia nas materias de guerra, cortezão, avisado, gentil-homem, e sobre tudo, muito virtuoso e temente a Deus: *Vidi filium Isaï scientem psallere, et fortissimum robore, et virum bellicosum, et prudentem in verbis, et virum pulchrum et Dominus est cum eo:* [1] Ha mais panegyrico que este? Parece-me que estão dizendo todos os que o ouviram, que é grande coisa ter um amigo em palacio, e que este o devia ser mui verdadeiro de David, pois sabia fazer tão bons officios para com elle diante de el-rei. Tal é o mundo, que muitas vezes parecem finezas de amizade, o que são odios refinadissimos,

[1] *1.º Livr. dos Reis*, XVI, 18.

Dizem os doutores hebreus, como refere Nicoláu de Lyra, que este cortezão que aqui fallou, era Doeg, capital inimigo de David. Capital inimigo de David, e gasta tanta rethorica em seus louvores? Capital inimigo de David, e de um fundamento tão leve, como ser musico, toma occasião para fazer um aranzel tão largo de suas grandezas? Sim. Descobriu-lhe a tenção delicadamente um Expositor grave portuguez e de nossa Companhia: *Sciebat Saulem esse invidum, et alienis laudibus incredibiliter cruciari: laudat igitur Davidem apud Saulem, ut Saül invidiæ stimulis agitatus interficiat Davidem.* Sabia Doeg que era Saül grande emulo de David, que o invejava muito, e como no juizo dos invejosos os merecimentos são culpas, e as excellentes qualidades delictos, louvou e engrandeceu a David diante de Saül, para que Saül, como fez, désse sentença de morte contra David. Disse que era prudente, guerreiro, esforçado, gentil-homem, virtuoso e dotado de tantas outras boas partes: e quem bem entendesse toda esta ladainha de encomios e louvores, bem podia dizer por David: *Orate pro eo.* Eram Capitulos que contra elle se apresentavam ao rei, não menos que de lesa magestade. Pareciam louvores, e eram accusações: pareciam abonos, e eram calumnias. Calumniado o innocente na sua virtude, e accusado o benemerito nas suas boas obras, sem que á innocencia se lhe désse defeza, nem ao merecimento lhe valessem embargos, porque era o juiz a inveja.

Que bem o entendeu assim o mesmo David! Dê-nos a confirmação quem nos deu a prova. Passou-se o perseguido mancebo para a côrte de Achis, rei e reino contrario ao de Saül, e que por isso parecia seguro. Ia só, desconhecido e disfarçado, mas como levava por companheira a sua fama, e esta nunca sabe guardar silencio, começou a correr logo pela côrte, que era chegado o valente de Israël, o matador do Golias, aquelle a quem as damas de Jérusalem compuzeram a lettra que então andava muito valída: *Percussit Saül mille, David decem millia.* [1] Coisa maravilhosa a que se segue! Tanto que chegou aos ouvidos de David o que passava, diz a Escriptura que começou a receiar muito apparecer diante de Achis:

[1] *1.º Livr. dos Reis,* XXI, 11.

Posui David sermones istos in corde suo, et extimuit valde a facie Achis regis: [1] e a ultima resolução que tomou, foi fugir dalli e ir-se metter em uma cova: *Fugit autem inde in speluncam Odollam.* [2] Pois David, que resolução é esta vossa? Que quer dizer ir-des-vos fazer ermitão de um deserto, quando vos vêdes tão acreditado em uma côrte? Quando vos vêdes com tanta fama diante do rei, para que fugis de sua presença? Entendia-o como prudente, obrava como experimentado. São os louvores no tribunal da inveja accusações; e porque David se viu tão louvado, homiziou-se. O vêr-se louvado, era vêr-se accusado; o vêr suas grandezas referidas, era vêr as suas culpas provadas; teve logo muita razão de se homiziar, e fugir tanto de si, como de seus emulos. Os satrapas e primeiros ministros de Achis eram mui picados de inveja contra os hebreus: e como havia de escapar delles e viver na mesma côrte David, criminoso das suas victorias, e réo da sua fama? Se se dissera de David, que era um falsario, um perjuro, um adultero, um homicida, um roubador do alheio, e outras baixezas, se as ha ainda maiores, passeára David na côrte, e entrara muito confiado no palacio do rei, porque alli teem estes serviços premio, ou quando menos, passam sem castigo: porém dizendo-se delle tantas virtudes, tantas grandezas, tantas excellencias, andou como prudente em se homiziar, em fugir, porque todas essas excellencias e grandezas eram crimes contra a pessoa e privados de Achis, e delictos sem perdão contra as leis da inveja. Considero eu, que ha mandamentos da lei da inveja, assim como ha mandamentos da Lei de Deus. Os mandamentos da Lei de Deus dizem: Não matarás, não furtarás, não levantarás falso testemunho: os mandamentos da lei da inveja dizem: não serás honrado, não serás rico, não serás valente, não serás sabio, não serás bem disposto, e tambem dizem, não serás bom prégador: e se acaso Deus vos fez mercê que soubesseis pôr os pés por uma rua, que soubesseis apertar na mão uma espada, que fosseis discreto, generoso, ou rico, ou honrado, no mesmo ponto tivestes culpas no tribunal da

[1] *Ibid.*, 12.
[2] *Ibid.*, XX, 1.

inveja, porque peccastes contra os seus mandamentos. Por estas culpas esteve tão arriscado David, por estas foi hoje condemnado seu Filho Christo, que assim lhe chamaram as turbas no Evangelho: *Hosanna Filio David.* Era grande prégador, fazia muitos milagres, dava saude a enfermos, resuscitava mortos, e como estas excellencias, ou estas culpas, estavam provadas com os applausos, com as acclamações, com o amôr e seguimento dos povos; *multi abibant ex Judæis, et credebant in Jesum.* Confirmou-se o primeiro decreto, e sahiu a segunda sentença, que morra Christo: *Ut et Lazarum, idest, ut Christum, et Lazarum interficiant.*

III

Bem está, ou mal está: porém a Lazaro porque o condemnam? Não lhe neguemos sua defeza natural. Se o condemnam, como dizem, porque o resuscitou Christo; que culpa é ser um homem resuscitado? Tão longe esteve de culpa neste caso, que nem a teve em acto, nem em potencia: nem a teve, nem a póde ter. Curou Christo um moço cego de seu nascimento, e perguntaram os discipulos, cuidando que excitavam uma questão de grande habilidade: *Domine, quis peccavit, hic, aut parentes ejus, ut cæcus nasceretur?* [1] Senhor, por cujos peccados nasceu este moço cego, pelos seus, ou pelos de seus pais? Riem-se muito desta pergunta os Expositores, e em particular Theophilato, porque se o moço nascêra cego por seus peccados, seguir-se-hia que peccára antes de nascer: e que maior disparate póde dizer-se, ou imaginar, que ter um homem peccados antes de ter ser: ser peccador antes de ser homem? Não menos innocente que isto estava Lazaro. Estava morto, quando Christo o resuscitou, e por beneficio do não ser estava impeccavel. Assim que podemos dizer delle neste caso, o que de Eurialo disse seu grande amigo Niso: *Nihil iste, nec ausus, nec potuit.* Nem teve culpa, nem a póde ter: innocente em acto, e em potencia. Mas com ser assim,

[1] *Joan.*, IX, 2.

são tão linces os olhos da inveja, que nestes impossiveis de peccado descobriram e acharam culpas dignas de morte: *Ut et Lazarum interficerent.* E porque? *Quia* (eis aqui a culpa) *quia multi propter illum credebant in Jesum.* Porque muitos por causa ou por occasião delle criam em Jesus.

Fizeram conselho sobre José seus irmãos: sahiu delle que morresse: e quasi com as mesmas palavras que temos no Evangelho, o refere a Escriptura: *Cogitaverunt eum occidere.* [1] Sabida a causa, era porque o amára Jacob particularmente, e além da samarra, ou pellote do campo com que ia guardar as ovelhas como os demais, fizera-lhe o pai uma tunica, ou pellote, não sei de que estofasinha melhor: *Tunicam polymitam,* [2] com que apparecia os dias de festa na aldeia menos pastor que os outros. Ah quantos Josés destes ha hoje no mundo! Invejados, murmurados, perseguidos, porque? Porque lhes deu a fortuna com que trazer uma capa melhor que a vossa. Assim estava condemnado o innocente moço, quando trouxe sua ventura por alli um mercador ismaelita, que prometteu por elle vinte reaes, e os cubiçosos irmãos, que eram dez, por quatro vintens, que cabiam a cada um, venderam a seu irmão, e as suas consciencias.

Tinham-lhe já despido a tunica causa das invejas, e não tinha bem virado as costas José, quando os vendedores arremettem a ella, e a começam a fazer, ou desfazer em pedaços. Parae ahi, ingratos irmãos, parae, e respondei-me, que quero arguir-vos: Não está já vendido José? Vossa colera não está já vingada? Vossa fereza não está já satisfeita? Essa tunica que culpa tem, ou que culpa póde ter? Porque a fazeis em pedaços? Bem sei que não haveis de ter bocca para me responder; mas responderá por vós Ruperto Abbade: *Fraternæ gloriæ monumentum impeccabile* (notae muito aquelle *impeccabile*) *Fraternæ gloriæ monumentum impeccabile laceratur: adeo nec morte, nec venditione satiatur invidia.* Nenhuma culpa tinha a tunica de José, que mal a podia ter a seda ou lã insensivel, sem vida, sem alma, sem von-

[1] *Gen.*, XXXVII, 18.
[2] *Ibid.*, 3.

lade. Comtudo, nesta incapacidade natural, e neste impossivel de culpa, acharam uma os invejosos irmãos, e foi ser instrumento da gloria de José: *Fraterna gloriæ monumentum.* Era prenda da particular affeição de Jacob, era gala com que José se auctorisava, com que luzia mais que os irmãos, com que grangeava respeito nos estranhos, e isto lhe bastou por culpa, para sem culpa a despedaçarem: *Monumentum impeccabile laceratur.* Não sei se se pudéra achar em toda a Escriptura passo que mais ao vivo declarasse o que temos entre mãos. Nenhuma culpa tinha commettido Lazaro, antes nem a podia ter quando o resuscitou Christo, como vimos; e nesta grande innocencia, antes nesta impeccabilidade soube a inveja descobrir culpas, e culpas dignas de morte, que foram ser instrumento das glorias de Christo: *Quia multi propter illum credebant in Jesum.* Fôra famosa, e mais que todas, a resurreição de Lazaro, admirando-se, e pasmando a gente de vêr passar pelas ruas de Jérusalem o que tinham visto de quatro dias morto na sepultura, e como toda esta admiração redundava em fama e gloria do Resuscitador, por ser instrumento da gloria desta fama, condemnam a Lazaro a perder a vida: *Ut et Lazarum interficerent.* Bem assim como a inveja dos irmãos de José, não contente com se vingar nelle, passou a executar a vingança na tunica innocente: *Adeo nec morte, nec venditione satiatur invidia.*

IV

Pronunciada contra Christo e contra Lazaro esta lão injusta sentença; como a innocencia quanto mais calla, então allega melhor por si diante de Deus, serviu este silencio de appellação ante seu divino tribunal. Não tardou muito o despacho (que no juizo do céo não ha dilações), e o que sahiu nelle foram dois decretos contra os dois dos pontifices nesta maneira: o primeiro, que a sentença dada contra Lazaro se não executasse: que ficasse só em intentos: *Cogitaverunt:* o segundo, que Christo entrasse ao outro dia por Jérusalem triumphando, recebido com palmas, e acclamado do povo: *Acceperunt ramos palmarum, et processerunt obviam ei.* Assim o diz o thema. Mas vejo que

me arguem. Não tinha eu promettido ao principio que na revogação das sentenças ficariam os juizes condemnados? Onde estão estas condemnações? Onde estão estas penas? Essa é a graça, serem-no, e não o parecerem. Não se executar a morte de Lazaro foi a primeira pena: entrar Christo por Jérusalem triumphando, foi a segunda. Vejamos a primeira, logo passaremos á outra.

Estava Job coberto de lepra, com as dôres e trabalhos que tantas vezes se teem repetido nos pulpitos, e nunca assaz exaggerado, começa a queixar-se, e dizer assim: *Dies mei transierunt, cogitationes meæ dissipatæ sunt, torquentes cor meum.* [1] Passaram-se meus dias, e os contentamentos que nelles tinha tambem se passaram, que para não durarem muito, bastava serem meus: *Dies mei:* alguns intentos que tive: *Cogitationes meæ:* abortou-mos a fortuna, não chegaram a ter execução: *Dissipatæ sunt;* e isto, diz Job, é a maior pena que padeço, porque quantos foram então esses intentos, tantos verdugos tenho agora que me atormentam a alma: *Torquentes cor meum.* Não acabo de me admirar, que um homem que tanta razão tinha de saber avaliar tormentos, sahisse com similhante queixa. E bem, exemplo da paciencia, tão mimoso andaes vós da fortuna, que de coisas tão poucas vos queixaes tanto? Não tendes perdas de fazenda, mortes dos filhos, ruina da casa e do estado, dôres, tristezas, desamparos, miserias, o corpo feito uma chaga viva; que tem que vêr com tudo isto os intentos não executados, para só vos queixardes delles: *Cogitationes meæ dissipatæ sunt?* Fallou como grande mestre de paciencia. Tinha tomado os pulsos Job a tudo o que é dôr, a tudo o que é pena, a tudo o que é tormento; e porque achou que não ha dôr tão excessiva, pena tão cruel, tormento tão insoffrivel como um pensamento frustrado, um intento sem execução; por isso tendo tanto de que se queixar, só se queixa de se frustrarem seus pensamentos, e de seus intentos se não executarem: *Cogitationes meæ dissipatæ sunt.* Como era tão difficultoso o credito deste encarecimento, não o quiz fiar Job dos Expositores, elle se fez commentador de si mesmo no verso seguinte: *Si sustinuero, in-*

[1] *Job.*, XVII, 11.

fernus domus mea est. Putredini dixi: Pater meus es, mater mea, et soror mea, vermibus: [1] Não cuide alguem, diz, que são hyperboles ou exaggerações phantasticas o que digo, porque de verdade é o tormento que padeço tão insoffrivel, e tão desesperado, que se durar mais um pouco: *Si sustinuero;* bem me pódem abrir a cova. O que os mortos sem padecer experimentam na sepultura, isso é o que executam em mim os meus pensamentos; porque não ha corrupção que tanto penetre e desfaça, não ha bichos que tanto comam e carcomam um cadaver, como os mesmos pensamentos me estão mordendo o coração, e roendo a alma: e o peior é que não acabam de matar, mas matando-me me estão gerando outra vez, como se foram meu pai e minha mãi, para mais penar: *Putredini dixi: Pater meus es tu, mater mea, et soror mea, vermibus.* Comparemos agora o *cogitationes meæ* de Job, com o *cogitaverunt* dos nossos juizes, e veremos se ficarão condemnados. Tiveram intentos de matar a Lazaro: *Cogitaverunt ut Lazarum interficerent,* ficaram esses intentos no ar, não chegaram a ter execução: *Cogitationes meæ dissipatæ sunt,* e assim não executados foram os verdugos que lhe apertaram o garrote á alma: *Torquentes cor meum,* executando nelles a sentença de Deus, sentença não menos que de morte e sepultura: *Si sustinuero, sepulchrum domus mea est.*

Satisfaçamos agora aos curiosos. Supposto que foi sentença de morte esta, e as de morte são tão varias, perguntar-me-hão que genero de morte foi? O nome não lhe saberei eu dar, mas digo que é uma morte da casta daquellas que por mais penar não matam, uma morte interior, que se sabe sentir, mas não se sabe explicar, tão rigorosa, tão cruel, que se Deus mandára pendurar de um páu todos estes principes dos sacerdotes contra os fóros de sua dignidade, muito mais benigna e piedosa fôra a sentença. Deu Achitofel um conselho a Absalão, com que sem duvida ficaria desbaratado seu pai David, contra quem o ingrato filho se levantára: não o aceitou Absalão por permissão do céo, e tomou outro bem differente, que lhe deu Cusai. Tanto que Achitofel viu isto (ouvi um caso raro e

[1] *Job.,* XVII, 13 e 14.

espantoso) põe-se a cavallo, parte-se para sua casa, faz seu testamento, deita um laço a uma trave, enforca-se: *Abiit in domum suam, et disposita domo sua, suspendio interiit.* [1] Muitas questões se pódem levantar sobre este caso. A dos canonistas bem á mão está, e é, se se havia de enterrar este homem em sagrado, ou não? A Escriptura diz que o enterraram na sepultura de seu pai: *Sepelierunt eum cum patribus suis;* mas isto não faz argumento, porque naquelles tempos nem as sepulturas estavam nas igrejas, nem havia ainda o Capitulo *Placuit;* e dado que uma e outra coisa fôra; entre todos os Santos e Doutores que escreveram sobre o passo, só um Rabino diz que não estava Achitofel em seu juizo. Se assim é (agora entra a minha questão) se estava em seu juizo Achitofel, como fez uma acção tão desasizada, como é enforcar-se um homem com suas proprias mãos? Disse-o a Sagrada Escriptura, e é prova maravilhosa do nosso intento: *Videns quod non fuisset factum consilium suum, abiit in domum suam, et suspendio interiit.* A unica e total razão porque se enforcou Achitofel, diz o Texto, foi: *Videns quod non fuisset factum consilium suum.* Porque viu que não fôra executado seu conselho. Quem dera credito a tal causa, por mais Doutores que o disseram, se o mesmo Espirito Santo o não affirmára? Tão cruel executor é um conselho não executado, taes dôres, taes penas, taes tormentos causa na alma de quem o considera, que estando um homem em seu inteiro juizo, escolhendo, segundo as regras da prudencia, do mal o menos, teve por melhor morrer a suas proprias mãos agonisando em uma forca, que viver padecendo os rigores de um tormento tão desesperado. Assim o experimentou Achitofel, e para que assim o experimentassem os invejosos pontifices, ordenou Deus que não chegasse a ter execução o conselho que entre si tomaram de tirar a vida a Lazaro, ficando nelles esse mesmo conselho não executado, por executor da mesma morte, ou por ventura, de outra mais cruel que a que lhe determinavam dar: *Cogitaverunt principes sacerdotum ut et Lazarum interficerent.*

---

[1] *2.º Livr. dos Reis,* XVII, 23.

V

Condemnados temos os juizes pela primeira sentença injustamente dada contra Lazaro. A injustiça da segunda dada contra Christo era muito mais atroz: e para que o fosse tambem em a pena e o castigo, mandou Deus, como diziamos, que entrasse o Senhor por Jérusalem triumphando: *Acceperunt ramos palmarum, et processerûnt obviam ei.* Funda-se o rigor desta pena em uma vilania da condição natural dos invejosos, com que mais sentem os bens alheios, e suas glorias, que os males e tormentos proprios. Entrou Christo Senhor nosso um dia no Templo de Jérusalem, e vendo que se estavam alli vendendo pombas, cabritos, cordeiros, e ainda novilhos, indignado de tamanho desacato, toma as cordas com que vieram atados aquelles animaes, faz dellas uns como azorragues, começa a açoitar os que compravam e vendiam. Compras e vendas feitas na Igreja castiga-as Deus por sua propria mão: e não commette a outrem a execução de similhantes delictos: sem reparar em sua auctoridade. Mas cuidava eu, que se aggravariam muito estes homens de se verem tão aspera e tão baixamente tratados por Christo, e que quando não chegassem a lhe pôr as mãos, ao menos o blasphemassem. Fui porém vêr o Texto, e achei que nenhuma má palavra disseram contra o Senhor, não o reconhecendo por tal. Comparando pois este passo com outros de sua vida, mui differentes, faz esta ponderação S. João Chrysostomo. Se quando Christo sarou o mudo, o accusaram por endemoninhado: se quando Christo deu vista a um cego, o queriam apedrejar: se quando resuscita a Lazaro, dão contra elle sentença de morte: como agora que os açoita, e os trata como escravos, nem se quer uma má palavra dizem contra Christo? Como o não accusam, como o não apedrejam, como o não matam? Divinamente o santo padre: *Animadvertis invidiam incredibilem, et quonam pacto in alios collata beneficia magis eos irritabant?* Não vêdes, diz Chrysostomo, a vilania destes invejosos, que mais se doiam dos bens alheios, que dos males proprios? Sarar Christo enfermos, dar vida a mortos, eram bens alheios, por isso o sentiam tanto, que quriam apedre-

jar a Christo e tirar-lhe a vida: açoital-os Christo a elles, e tratal-os como escravos, eram males proprios, por isso o sentiam tão pouco, que nem uma só má palavra disseram contra o mesmo Christo. Mais. Os milagres que Christo obrava, eram fama e gloria para Christo; os açoites com que os castigava, eram pena e affronta para elles, mas como era gente invejosa, mais sentiam a fama e gloria de Christo, que as penas e affrontas suas: excesso verdadeiramente da inveja, não só admiravel, mas incrivel: *Invidiam incredibilem.* Parecerá encarecimento a confirmação que hei-de dar a este passo, mas tem bom fiador.

Ardia no inferno o rico avarento, e vendo dalli o pobre Lazaro no seio de Abrahão, disse assim: *Pater Abraham, miserere mei, et mitte Lazarum, ut intingat extremum digiti in aquam, ut refrigeret linguam meam:* [1] Pai Abrahão, tende compaixão de mim, mandae a Lazaro que molhe a ponta do dedo na agua, e me venha refrigerar a lingua. Não lhe deferiu Abrahão o gosto, mas como da avareza é tão proprio o pedir como o não dar, tornou o avarento a fazer segunda petição: *Rogo te, pater, ut mittas eum in domum patris mei, habeo enim quinque fratres, ut testetur illis, ne et ipsi veniant in hunc locum:* Rogo-vos muito, pai Abrahão, que ao menos mandeis a Lazaro a casa de meus irmãos, que lhes diga o que por cá passa, para que não se condemnem. Ou eu me engano, ou estas petições dizem uma coisa, e pretendem outra. Se as labaredas do inferno são tão grandes como sabemos, e o avarento o sabia por experiencia, como é possivel que tivesse para si, que as podia refrigerar tão pouca agua, quanta póde levar a ponta de um dedo? Mais. Se no inferno não póde haver caridade, nem amôr, que se lá o houvera não fôra inferno, fôra paraiso: como é possivel que tivesse este condemnado tanto amôr para com seus irmãos, que lhes queira mandar prégadores da outra vida, para que se convertam? Quanto mais que para o refrigerar do incendio, qualquer outro o podia fazer tão bem como Lazaro; e para prégar a seus irmãos, muitos outros o podiam fazer melhor que elle. Qual é logo a razão porque em uma e outra proposta sempre insiste unicamente em que

[1] *Luc.*, XVI, 24 e 28.

vá Lazaro: em uma, *Mitte Lazarum;* em outra, *Rogo ut mittas eum?* O caso é que nenhuma destas coisas pretendia o avarento, e todo o seu intento e teima era tiral-o do seio de Abrahão, e fazer que ao menos por algum tempo não gozasse o descanço em que o via. E' subtileza de S. Pedro Chrysologo, e a razão não só tão delicada, mas tão natural como sua: *Quod agit dives, non est novelli doloris, sed livoris antiqui: zelo magis incenditur, quam gehenna:* Sabeis, diz Chrysologo, porque busca o avarento tantas traças e invenções para que sáia Lazaro, se quer por um breve espaço, do seio de Abrahão? E' porque se está comendo de inveja, porque vê agora em tanta felicidade o que noutro tempo viu em tanta miseria: *Zelo magis incenditur, quám gehenna.* Aqui vae o subtil do pensamento. O avarento está no inferno, mas o inferno do avarento mais está no seio de Abrahão, que no mesmo inferno; porque mais o atormenta no seio de Abrahão o descanço e felicidade que alli está gozando Lazaro, que no fogo do inferno as mesmas chammas em que elle está ardendo. Pedia que sahisse Lazaro do seu descanço, e que trouxesse agua para o refrigerar; e o refrigerio estava, não na agua que havia de trazer, senão no descanço de que havia de sahir. Como era invejoso, mais o abrazavam as glorias alheias, que via, que os infernos proprios, em que penava: *Zelo magis incenditur, quám gehenna.* Este foi o genero de castigo a que a divina justiça condemnou os injustos principes dos sacerdotes, mui conforme a quem elles eram. Eram invejosos, como vimos, e porque nenhuma pena os havia de atormentar tanto como as glorias de Christo, entra o Senhor diante de seus olhos em Jérusalem, triumphando, com uma universal acclamação de filho de David e rei de Israël, com um perpetuo victor nas boccas e nas mãos de todos: *Acceperunt ramos palmarum, et processerunt obviam ei.*

Bem pudéra eu dizer, que foi este maior castigo, que se Deus lhes mandára dar cem açoites, como pelas ruas publicas os negociantes do Templo: bem pudéra dizer, que foi maior castigo, que se os lançasse logo nas chammas do inferno, como o rico avarento: mas em parte quero ir menos rigoroso, por ir mais proprio. Sabida coisa é que a pena que os Juristas chamam *Talionis*, é entre todas a mais pro

porcionada. Digo, pois, que foi esta pena dos pontifices, pena e tormento de cruz. Elles quizeram crucificar a Christo, e Christo crucificou-os a elles. Não é meu o pensamento ou a sentença, senão do grande Padre da Igreja Santo Agostinho: *Quam crucem mentis invidentia Judæorum perpeti potérat, quando regem suum Christum tanta multitudo clamabat.* Que vos parece que foi para os invejosos pontifices entrar Christo por Jérusalem triumphante? Que vos parece que foi, diz Agostinho, senão crucifical-os? Aquellas acclamações do povo eram os pregões que iam diante publicando o delicto de sua injustiça; aquellas palmas que levavam nas mãos, eram as cruzes em que invisivelmente iam crucificados na alma: *cruce mentis.* Bem lembrados estareis da historia de Aman, privado de el-rei Assuero. Mandou Aman levantar uma cruz para crucificar nella a Mardocheu, só porque uma vez se não levantou passando elle. A taes soberbas, e insolencias chegam os privados de quem não sabe ser rei. Porém trocou a fortuna as mãos, revogou-se a sentença em outro tribunal superior, e o crucificado foi o Aman. Assim aconteceu aos principes dos sacerdotes. Elles no seu tribunal quizeram crucificar a Christo: porém o tribunal divino, em pena de sua injustiça, ordenou que nelles se executasse a sua sentença, e que fossem elles os crucificados, não em uma só cruz, porque eram muitos, senão em tantas cruzes, quantas foram as palmas do triumpho de Christo: *Acceperunt ramos palmarum, et exierunt obviam ei.*

VI

Tenho concluido com o Evangelho, e satisfeito ao que prometti. Resta-me dar satisfação ao logar em que estou, que é o do Desterro, cuja devoção, neste sabbado ferial, convocou a elle tão grande auditorio. Considerei de vagar, que parte deste discurso lhe acommodaria. E porque nenhuma achava que lhe servisse, determinei fazer-me um assinte a mim mesmo, e acommodar-lh'o todo. Tudo quanto até aqui tenho dito, foi uma representação do que passou no desterro de Christo. Para intelligencia desta consideração, havemos de suppôr que os juizes que condemnaram a Chris-

to á morte, quando o Eterno Padre lh'a commutou em desterro, não foi só Herodes, como parece, senão Herodes, e juntamente o demonio. Provo: *Astiterunt reges terræ, et principes convenerunt in unum adversus Dominum, et adversus Christum ejus.* [1] Ajuntaram-se os reis da terra, e uniram-se em votos os principes contra Christo, diz David: e não é pequena a difficuldade desta prophecia. Se a entendemos da morte que Christo com effeito padeceu, não houve então mais que um rei, que foi Herodes: se a entendemos da morte que lhe quizeram dar quando nascido, da mesma maneira não houve mais que um rei, que foi tambem Herodes (não já o mesmo, senão outro do mesmo nome: que um tyranno que perseguiu innocentes, não havia de viver trinta e tres annos). Diz agora S. João Chrysostomo: *Nunquid Herodes reges?* Por ventura Herodes é muitos reis: Herodes é muitos principes? Claro está que não: pois se é um só rei, e um só principe, como diz David que se ajuntaram e se uniram reis e principes contra Christo: *Astiterunt reges terræ, et principes convenerunt in unum?* A resposta do mesmo santo Padre é o que eu dizia: *In rege Herode peccati quoque regem ostendit.* Olhava David com os olhos propheticos, que vêem o visivel, e o invisivel, e por isso diz, que se ajuntaram reis e principes contra Christo; porque os que o condemnaram á morte, não foi só Herodes, senão Herodes, e mais o demonio. Herodes rei de Judéa; o demonio rei do peccado: Herodes principe da terra; o demonio principe do inferno: *In Herode peccati quoque regem ostendit.* E se bem considerarmos o motivo que Herodes e o demonio tiveram para querer tirar a vida a Christo e aos innocentes na occasião de seu desterro, acharemos que é a mesma com que a inveja moveu os principes dos sacerdotes a querer matar não só ao Resuscitador, senão tambem ao resuscitado. Estes, porque viam a Christo reconhecido e acclamado por rei de Israël, e que muitos criam nelle: *Multi abibant ex Judæis, et credebant in Jesum:* [2] e Herodes, e com elle o demonio, porque já o começavam a vêr em seu nascimento, buscado e vene-

---

[1] *Psal.*, II, 2.
[2] *Joan.*, XII, 11.

rado dos reis do Oriente, e dentro da côrte do mesmo Herodes acclamado por Messias, e Rei dos Judeus: *Ubi est qui natus est rex Judæorum.* [1]

Vista a similhança da condemnação de Christo no tribunal dos homens, segue-se vêr a condemnação dos juizes no tribunal de Deus com a mesma propriedade. A primeira pena a que Deus condemnou os principes dos sacerdotes, foi como vimos, que ficassem frustrados os seus intentos: e tal foi tambem a de Herodes. Disse Herodes aos Magos: *Ite, interrogate diligenter de Puero:* Ide, informae-vos donde está esse Menino que dizeis: *Et cum inveneritis, renuntiate mihi.* E como o achardes avisae-me: *Ut et ego veniens adorem eum:* para que eu tambem o vá adorar. Isto pronunciava Herodes com a bocca; e com o coração dizia: Ide, informae-me, que eu lhe tirarei a vida, e mil vidas (como tirou a tantos mil innocentes). Mas que fez Deus? Ou por um anjo, ou por si mesmo, avisou aos Magos que voltassem por outro caminho, e quando o tyranno viu seus intentos frustrados: *Videns quoniam illusus esset á Magis*, diga-nos o mesmo S. João Chrysostomo, qual ficou. São palavras, que se as mandaramos fazer de encommenda, não vieram mais medidas com o intento: *Considera quænam Herodem pati probabile fuerit, qui certé suffocari etiam præ indignationis magnitudine potuit, cum se ita illusum atque irrisum videret.* A pena que Herodes sentiu vendo suas traças desvanecidas, e seus intentos frustrados, considere-o quem sabe que coisa é a inveja, que explicar-se com palavras não é possivel. Mil vezes quizera tomar um laço e enforcar-se (digno castigo daquella cabeça tão indignamente corôada), e é maravilha como a mesma dôr colerica, que o fazia raivar, lhe não désse um nó na garganta, e o afogasse. Lá disse a Escriptura de Achitofel: *Videns quod non fuisset factum consilium suum, abiit, et suspendio interiit.* E da mesma maneira diz Chrysostomo de Herodes: *Videns quoniam illusus esset á Magis, suffocari etiam præ indignationis magnitudine potuit.* E nós vejamos agora se é egual a condemnação de Herodes, com a dos principes dos sacerdotes. Elles condemnados a ficarem os seus intentos só em intentos:

[1] *Math.*, II, 2.

Cogitaverunt principes sacerdotum ut et Lazarum interficerent: e elle condemnado a ficarem frustrados os seus, e zombarem delle os Magos: *Videns quoniam illusus esset á Magis.*

A segunda pena coube ao segundo juiz, o demonio, e foi vêr entrar a Christo triumphante no Egypto, como os principes dos sacerdotes vêrem o seu triumpho por meio de Jérusalem. Pinta-nos isto maravilhosamente o propheta Isaias: *Et ascendet Dominus super nubem levem, et ingredietur Ægyptum:* [1] Subirá o Senhor, e entrará pelo Egypto, levado como em carro triumphal em uma nuvem leve. Esta nuvem leve (diz Santo Ambrosio) é a Virgem Santissima, Mãi do mesmo Senhor menino, que o levou em seus braços ao Egypto: nuvem, porque ella é a que nos defende dos raios do sol de justiça; e leve, porque nella só, entre todas as creaturas, nunca houve pezo de peccado. E que succedeu ao demonio á vista deste triumpho? O mesmo propheta o diz: *Et commovebuntur á facie ejus simulacra Ægypti.* E á vista desta entrada triumphante cahirão derrubados por terra todos os idolos do Egypto. Assim foi, porque assim como o desterrado Menino, tendo escapado das mãos de Herodes, ia entrando vivo, e triumphante nos braços da Mãi pelas ruas do Egypto, ao mesmo passo dentro dos templos, e derrubados dos altares, iam cahindo as imagens dos falsos deuses, em que o demonio era adorado, desfeitas em pó e em cinza.

E' theologia certa, que quando Deus lançou do céo os anjos máus, uns foram parar ao inferno, e outros ficaram nesta região do ar, aos quaes por isso chama S. Paulo *aereas potestates.* De sorte que neste mesmo logar nos estão ouvindo muitos demonios, e queira Deus que sejam só os que se não vêem. Dá razão deste conselho divino, divinamente S. Bernardo: *Diabolus in pœnam suam locum in aere medium inter cœlum, et terram sortitus est, ut videat, et invideat, ipsaque invidia torqueatur.* Quer dizer: Para maior tormento do demonio lhe deu Deus este carcere livre do ar, elemento meio entre o céo e a terra, porque vendo subir os homens da terra ao céo, e desta Igreja militante, onde os persegue, ir gozar da gloria na

[1] *Isai.*, XIX, 1.

triumphante, a vista e inveja deste triumpho lhe sirva de maior inferno aos que ficaram, que aos que lá estão penando. Já ouvimos a S. Pedro Chrysologo, que menos pena davam ao rico avarento as labaredas do inferno, em que padecia, que as glorias que Lazaro gozava no seio de Abrahão: e este foi o castigo, mais que do proprio inferno, a que Deus condemnou o demonio, no mesmo desterro com que livrou de suas mãos a seu Filho, para que vendo-o entrar triumphante pelo Egypto, penasse mais e se desfizesse de inveja, assim como se desfizeram os marmores e bronzes das imagens e simulacros em que era adorado: *Et commovebuntur á facie ejus simulacra Ægypti.*

VII

Acabei. E supposto que tenho satisfeito ao Evangelho e ao logar, alguma justiça parece que me fica para pedir ao auditorio a mesma satisfação. No Evangelho temos a Christo triumphante em Jérusalem; naquelle altar temos a Christo triumphante no Egypto: justo é, senhores, que entre tambem Christo triumphando, ou pelo Egypto ou pela Jérusalem de nossas almas. Que outra coisa é uma alma, onde está levantado altar a Venus, idolo da torpeza; onde se fazem sacrificios a Marte, idolo da vingança; onde é adorado Jupiter, idolo da vaidade: que coisa é, digo, uma alma destas, senão um Egypto idolatra? Entre pois Christo triumphando pelo Egypto desta alma: *Et commovebuntur á facie ejus simulacra Ægypti*, e cáiam e rendam-se a seus pés todos esses idolos. Cáia a torpeza, cáia a vingança, cáia a vaidade, e acabem-se idolatrias tão pouco christãs. Que coisa é, por outro modo, uma alma onde reina a ambição, onde dá leis a inveja, onde manda tudo o odio, que coisa é, torno a dizer, uma alma destas, senão uma Jérusalem depravada e perdida, e onde por odio, por ambição e por inveja se dá sentença de morte contra o mesmo Christo? Ora, pois, Jérusalem, Jérusalem, *convertere ad Dominum Deum tuum;* acabem-se odios, acabem-se invejas, acabem-se ambições: cáiam todos esses vicios aos pés de Christo, e levantem-se palmas nas mãos em signal da victoria: *Acceperunt ramos palmarum, et exierunt obviam ei.*

Não duvido que o façam assim todos os que teem nome de christãos, não movidos da efficacia de minhas razões, mas obrigados da santidade do tempo. Entramos na Semana Santa, em que nenhum christão ha de tão fraca fé, e de tão fria piedade, que se não lance rendido aos pés de Christo. O que porém quizera eu encommendar e saber persuadir a todos é, que nos não aconteça o que aconteceu aos que acompanharam a Christo no seu triumpho. E' advertencia de S. Bernardo. Quando o Senhor ia passando pelas ruas de Jérusalem, tiravam muitos as capas dos hombros, para que o Senhor passasse por cima dellas: porém tanto que o mesmo Senhor tinha passado, tornava cada um a levantar a sua capa, e pôl-a outra vez aos hombros como dantes. O mesmo nos acontece a nós nesta semana. Despimos, ou parece que despimos, os máus habitos de nossos vicios, lançamol-os aos pés de Christo, para que passe por cima delles com a cruz ás costas; porém tanto que passou, tanto que se acabou a Semana Santa, e chegou a Paschoa, torna cada um aos mesmos vicios, e a revestir-se delles, como se já não foram peccados. Oh sepultemol-os para sempre com Christo morto, e deixemos esses máus habitos, como Christo deixou as mortalhas na sua sepultura. Façamos diante daquella Senhora uns propositos e resoluções mùito firmes de ser perpetuos escravos seus e de seu bemditissimo Filho, seguindo-o e servindo-o sempre e em qualquer parte; ou no Egypto, como desterrados deste mundo, ou em Jérusalem, como mortos ao mesmo mundo: não havendo trabalho ou felicidade, nem fortuna tão prospera ou adversa, que nos aparte de seu serviço, de sua obediencia, de seu amòr e de sua graça, para que vivendo e morrendo com elle e por elle, o acompanhemos na vida, onde não ha morte, por toda a eternidade. Amen.

SERMÃO

DE

DIA DE RAMOS

Prégado na Matriz do Maranhão, no Anno de 1656

Alii autem cædebant ramos de arboribus, et sternebant in via. [1]

I

Como Deus não se agrada de affectos subitos, senão de corações preparados, maravilhosas são as disposições, cada vez maiores e mais estreitas, com que a Igreja Catholica nossa Mãi, governada pelo Espirito Santo, de muito longe nos começou a preparar, e foi preparando sempre, para que chegassemos dignamente a este dia, e entrassemos, como convém, nesta sagrada semana. Para chegar ao *Sancta Sanctorum*, que era o logar mais sagrado do Templo de Jérusalem, traçou Deus a entrada com tal artificio, que primeiro se passasse por tres estancias, tão mysteriosas no sitio como na medida, porque quanto eram mais interiores, tanto se estreitavam mais. A primeira e a segunda se chamavam Atrios, e a terceira propriamente, Templo. Por estes como degráus de reverencia e culto, e com todas estas disposições de sempre maior recolhimento e aperto, se chegava finalmente ao *Sancta Sanctorum*, e com as mesmas quer e ordenou a Igreja, que entrassemos nós á Semana Santa, porque assim como o *Sancta Sanctorum* era o logar mais sagrado do Templo, assim a Semana Santa é o *Sancta Sanctorum* do tempo.

---

[1] *Math.*, XXI.

As tres estancias que o precedem, e já passámos, tanto mais estreitas, quanto mais interiores, foram: a primeira desde a Septuagesima até á Quaresma: a segunda do principio da Quaresma até á dominga proxima chamada da Paixão: a terceira da mesma dominga da Paixão até o dia presente. Na entrada da Septuagesima se começaram a enlutar os altares, e cessaram no canto ecclesiastico as alleluias, sendo esta ceremonia exterior o primeiro preludio ou reclamo da penitencia, para que, não dissolutos, mas compungidos, entrassemos no tempo santo da Quaresma. Começou a Quaresma com a memoria da cinza e do pó que somos, e com o jejum universal: continuou com tanta frequencia de sermões, com tantas procissões de modestia, compunção e piedade christã, com tantas mortificações secretas e publicas, e com tanta effusão violenta do proprio sangue; e não se dando por satisfeita com todas estas demonstrações a Igreja, para maior representação de sua justa dôr e tristeza, na dominga proximamente passada correu totalmente as cortinas aos altares, e até as imagens sacrosantas de Christo crucificado nos encobriu e escondeu com aquelle véo negro, para que eclipsado assim, e escurecido o divino Sol de nossas almas, chegassemos com maior assombro e santo horror aos dias em que somos entrados.

Os antigos, como se lê em S. Bernardo, chamavam a esta semana a semana penosa, pelos tormentos e penas que Christo nosso Redemptor nella padeceu, e pelo sentimento e dôr com que nós as devemos corresponder e acompanhar. A Igreja universal lhe chama a semana Maior, porque nella se consummaram os maiores mysterios de nossa Redempção, os maiores excessos do amôr e misericordia divina, e o maior e mais tremendo exemplo de sua justiça. Nós, em significação de todas estas coisas juntas, chamamos vulgarmente á mesma semana, a Semana Santa; mas não sei se as nossas acções e exercicios nella respondem ás obrigações de tão sagrado nome. Ora eu tão escandalisado do que algumas vezes acontece, como zeloso do que é bem se veja e reconheça em todos nestes santos dias: o assumpto que sómente vos determino prégar hoje, é este: Que deve fazer todo o christão para que a Semana Santa seja santa? A materia nem póde ser mais pia, nem mais util, nem mais

propria da occasião, se aquelle Senhor, que hoje chorou sobre a cidade de Jérusalem, puzer seus divinos olhos na nossa, e nos assistir com sua graça. Peçamol-a por intercessão da Virgem Senhora, com tão devoto affecto de nossos corações, que a mereçamos alcançar: *Ave Maria.*

II

Santo Agostinho, S. Basilio, e S. Pedro Chrysologo, comparam os quarenta dias da Quaresma, aos quarenta dias do diluvio universal. Naquelle diluvio esteve Deus quarenta dias chovendo castigos; neste está outros quarenta dias chovendo misericordia. Mas somos os homens tão protervos, que nem por bem, nem por mal, póde Deus comnosco: os castigos não nos emendam, as misericordias não nos abrandam. Barro em fim. Assim como o barro se endurece com os raios do sol, assim nós com os favores do céo não nos abrandamos, antes nos endurecemos mais. O mesmo que lhes succedeu áquelles antigos homens no primeiro diluvio, nos acontece a nós neste segundo.

Começou a chover o diluvio de Noë: alagaram-se na primeira semana os valles, e os quartos baixos dos edificios: subiram-se os homens aos quartos altos: choveu a segunda semana, venceram as aguas os quartos altos: subiram-se aos telhados: choveu a terceira semana, sobrepujou o diluvio os telhados; subiram-se ás torres: choveu a quarta semana, ficaram debaixo das aguas as torres, e as ameias mais altas; subiram-se aos montes: choveu a quinta semana, ficaram tambem afogados os montes; subiram-se finalmente ás arvores, e assim estavam suspensos e pegados nos ramos. Postos neste estado os homens, já não tinham para onde subir, e não lhes restava mais que uma de duas: ou nadar, e acolher-se á Arca, ou deixar-se afogar, e perecer no diluvio. Oh se nos vissemos bem neste grande espelho! E quantos de nós estamos hoje no mesmo estado? Desde o principio da Quaresma começou Deus a querer-nos conquistar as almas, e nós sempre a retirar e a fugir de Deus de semana em semana. Passou a primeira semana da Quaresma, guardámo-nos para a segunda: passou a segunda, deixámo-nos para a terceira: pas-

sou a terceira, esperámos para a quarta: passou a quarta, dilatámo-nos para a quinta: passou a quinta, appellámos para a sexta: já estamos na sexta e na ultima semana deste diluvio espiritual, já estamos como os do outro diluvio com as mãos nos ramos das arvores, ou com os ramos das arvores nas mãos: *Cædebant ramos de arboribus.* [1]

Em dia de Ramos estamos, e chegados a este dia e a esta semana precisa, em que não ha já para onde retirar, que é o que nos resta? Ou afogar e perecer, ou resolver e nadar para a arca. Os daquelle outro diluvio não podiam nadar, nem salvar-se na arca de Noë, uns porque estavam muito longe, outros porque não sabiam della, e todos porque a arca não tinha mais que uma porta, e essa estava fechada por fóra, e tinha Deus levado as chaves, como diz o Texto. Cá no nosso diluvio não é assim. O Noë é Christo Salvador, e Reparador do mundo, e a arca em que salvou o genero humano, é a sua cruz. Assim lhe chama a Igreja no hymno corrente deste tempo: *Atque portum præparare arca mundo naufrago.* O antigo Noë não tinha porta por onde recolher os que se quizessem valer da arca; mas o nosso Noë divino está com cinco portas abertas, e abertas em si mesmo, para recolher e salvar todos os que se quizerem valer delle e de sua cruz. Oh que differente diluvio é este daquelle! Naquelle morreram todos os homens, e salvou-se só Noë: neste morreu e afogou-se só o divino Noë: *Veni in altitudinem maris, et tempestas demersit me:* [2] para que todos os homens se salvem. Os que pereceram naquelle diluvio, são os que não se quizeram persuadir, e se foram dilatando até que não tiveram remedio. E será bem que nós, chegados a este dia, ainda nos dilatemos mais, e pereçamos como elles? Perecer não, christãos, pelo que nos merece o amôr de Christo, e suas santissimas chagas. Aproveitemo-nos ao menos destes poucos dias da Semana Santa, já que dos de toda a Quaresma nos não soubemos aproveitar.

Diz S. Basilio Magno, que os anjos de cada cidade, desde o principio da Quaresma, vão escrevendo em

[1] *Math.*, XXI, 8.
[2] *Psal.*, LXVIII, 3.

um livro os que jejuam e os que não jejuam. Assim como os parochos no mesmo tempo tomam a rol todos os freguezes, para lhes pedirem conta da confissão e communhão, assim o fazem os anjos, para a tomarem do jejum. Mas além destes dois livros, ainda ha outro terceiro, de que muito mais difficultosamente nos havemos de desobrigar. E que livro é este? E' o que vêdes naquelle altar. O primeiro livro é o do parocho, o segundo o do anjo, o terceiro o de Christo. Em todos os dias da Quaresma nos manda Christo lêr um novo Evangelho (o que não se faz nos outros dias do anno) e por este diario da doutrina christã havemos de ser tambem examinados todos os que nos chamamos christãos. Ouvi ao propheta David, fallando deste livro em nome da Igreja universal, que daquelle altar e desta cadeira nos lê estas lições tão mal aprendidas: *Imperfectum meum viderunt oculi tui, et in libro tuo omnes scribentur: dies formabuntur, et nemo in eis.* [1] Os vossos olhos, Senhor (diz a Igreja) vêem as minhas imperfeições, isto é, as imperfeições daquelles de que eu me componho, que são os christãos: todos se escreverão no vosso livro, formar-se-hão os dias, e ninguem nelles. O logar é escuro, mas admiravel. Que tenha Deus livro, em que se escrevam os defeitos e peccados de todos, e nomes de todos os que os commettem, e os dias em que se commettem, é coisa muito sabida e vulgar nas Escripturas. Mas que dias são estes, que se chamam formados, e nos quaes ninguem se acha: *Dies formabuntur, et nemo in eis?* São propriissimamente os dias da Quaresma, em cada um dos quaes nos propõe Christo uma fórma particular do Evangelho, pela qual fórma, como por exemplar e ideia de nossas acções, nos devemos nós tambem formar e reformar, que esse é o intento deste tempo santo: e porque geralmente ninguem se reforma, nem confórma com o que se lhe propõe no Evangelho daquelle dia, por isso diz o Propheta que os dias se formam, e ninguem se acha nelles: *Dies formabuntur, et nemo in eis.* De sorte que o *nemo* refere-se ao *formabuntur*, como se dissera: *Dies formabuntur, et nemo in eis, idest, formabitur.* Os dias dão a fórma,

[1] *Psal.*, CXXXVIII, 16.

e ninguem se conforma com ella, porque sendo a fórma de cada Evangelho ordenada cada dia á reformação de cada vicio, em vez de se vêr a emenda e reformação, continuam as mesmas deformidades, e póde ser que maiores.

Oh se aqui apparecera agora este livro como está notado e cotado na mente divina: se se abrira este livro diante de todos, e se começára a lêr publicamente o que cada um fez, ou deixou de fazer nesta Quaresma; que vergonha havia de ser, e que confusão a de muitos, quando se fossem confrontando, dia por dia, a fórma dos Evangelhos, e a deformidade das vidas? Veiu um primeiro dia da Quaresma, veiu uma quarta-feira de Cinza, poz-nos a Igreja diante dos olhos não só a memoria, senão a mesma morte; e quantos houve que mudassem a vida? Veja-se o livro neste dia: *Dies formabuntur, et nemo in eis.* Passou o dia, e ninguem se achou escripto nelle. Continuamos na mesma vida, como se ella nunca houvera de acabar, e tão esquecidos da conta, como se Deus nol-a não houvera de pedir. Chegou uma primeira sexta-feira de Quaresma, leu-se aquelle admiravel Evangelho do amôr dos inimigos; e quantos houve que deixassem os odios, quantos que se arrependessem dos propositos da vingança, quantos que se reconciliassem, e se pedissem perdão? *Dies formabuntur, et nemo in eis.* Passou o dia, e os odios não passam: ainda fulano se não corre com fulano, ainda se não fallam, ainda se não saudam, ainda mimigos, ainda escandalosos, ainda não christãos, como de antes. Chegou o domingo das Tentações, vimos como Christo nol-as ensinou a vencer com tanto desapego, sendo tão naturaes, e com tanta resolução, sendo tão fortes: mas quantas victorias alcançamos depois disso contra o demonio? *Dies formabuntur, et nemo in eis:* o demonio sempre vencedor, e vencedor sem batalha, porque onde o peccar é habito, não ha resistencia. Tantas vezes vencidos, quantas tentados, e, o que peior é, antes de tentados, vencidos, não sendo já necessario ao demonio tentar a muitos, porque elles são os que buscam as tentações, e os peiores tentadores. Chegou o segundo domingo da Gloria, vimos transfigurado a Christo, e arrebatado a S. Pedro no monte Thabôr; e quem houve, que por saudades do céo se despegasse um pouco da terra? Tambem em tal dia folha em branco:

Dies formabuntur, et nemo in eis. Tão apegados á terra, tão cegos, tão enterrados, e tão toupeiras nella, como se o céo não fôra creado para nós, nem nós para elle, e como se o Filho de Deus o não comprára para nós com seu proprio sangue! Chegou o terceiro domingo do Diabo Mudo; e quantos houve que aprendessem a saber callar os peccados alheios, e a confessar, como convem, os proprios? *Dies formabuntur, et nemo in eis.* Ainda aquelle miseravel, ainda aquella mesquinha, que traz encuberto o peccado ha tanto tempo, se não deliberou a o confessar, acrescentando em cada confissão fingida um novo sacrilegio, sem reparar que é justo juizo de Deus, provado com muitos exemplos, que falte a falla e a confissão na morte, a quem a não faz como deve na vida. Chegou finalmente uma sexta-feira de Lazaro resuscitado de quatro dias; e que moço ou velho houve, que á sua imitação se levantasse da sepultura, em que, pôdres de seus vicios, jazem ha tantos mezes, e póde ser que tantos annos? Chegaram os dias da conversão da Samaritana e da Magdalena, uma de baixa condição, outra nobre e senhora; e que mulher houve perdida ou arriscada a se perder, que reparasse na sua mesma perdição, e abrisse os olhos á sua cegueira? *Dies formabuntur, et nemo in eis.* Ainda continuam os mesmos pensamentos e malditos cuidados, ainda as mesmas correspondencias, ainda as mesmas occasiões, ainda as mesmas torpezas, ainda os mesmos escandalos, e ainda continúa e arde o mesmo fogo para se continuar no do inferno.

Eis aqui, christãos, como muitos de vós tendes passado a Quaresma, perdendo tantos dias em que pudereis abrir os olhos, e em que pudereis entrar dentro em vós; cerrando sempre os ouvidos ás vozes do céo, e fechando os corações ás inspirações divinas. Os dias que passaram, já não podem tornar, nem teem remedio: os que estão por vir d'aqui até quinta-feira (que é a ultima reserva das consciencias mais descuidadas) não são mais que tres dias: vêde se será bem que até estes deixemos passar debalde, e que nem de um praso tão estreito nos aproveitemos!

Vomitado da balêa, como muitas vezes ouvistes, o propheta Jonas nas praias de Ninive, entrou por aquella grandissima cidade, prégando ou apregoando a altas vozes: *Adhuc quadraginta dies, et Ninive sub-*

vertetur. [1] D'aqui a quarenta dias se ha de subverter Ninive. Assim se lê no Texto sagrado da Biblia, chamada Vulgata, de que hoje usa a Igreja. Porém os Setenta Interpretes, que tambem são Auctores canonicos, em logar de quarenta dias, põem sómente tres, e dizem que disse Jonas: *Adhuc tres dies, et Ninive subvertetur*. D'aqui a tres dias se ha de subverter Ninive. Todos estaes vendo o encontro destas duas Escripturas, e a difficuldade dellas; porque se é certo que Jonas disse daqui a quarenta dias, como póde concordar com a mesma verdade, que dissesse d'aqui a tres? S. Isidoro Pelusióta soltou admiravelmente a duvida, e diz que uma e outra coisa disse o propheta, não no mesmo, senão em differentes tempos. Quando começou, disse: d'aqui a quarenta dias; quando acabou, disse: d'aqui a tres. Foi o caso desta maneira. Entrou Jonas o primeiro dia prégando, e dizendo: daqui a quarenta dias se ha-de subverter Ninive: e muitos dos Ninivitas zombaram do que dizia o estrangeiro. Amanheceu o segundo dia, continuou o propheta a mesma prégação, diminuindo um dia, que era o que já tinha passado, e disse assim: d'aqui a trinta e nove dias se ha de subverter Ninive: porém os que não tinham feito caso dos primeiros brados, tambem o não fizeram dos segundos. Amanheceu o dia terceiro; foi por diante Jonas com sua prégação: d'aqui a trinta e oito dias se ha de subverter Ninive: e os maus ouvintes como d'antes. Passaram dez dias, passaram vinte, passaram trinta, e Jonas sempre diminuindo, até que finalmente chegaram os dias a ser trinta e sete: então disse o propheta o que referem os Setenta Interpretes: *Adhuc tres dies, et Ninive subvertetur*. D'aqui a tres dias se ha de subverter Ninive: porque estes só faltavam para cumprimento do praso, que Deus lhe tinha dado. Vendo pois os rebeldes que já lhe não restavam mais que tres dias, ainda que até alli tinham estado tão obstinados e insensiveis, o mesmo aperto do tempo os fez entrar em si. Consideraram que a ameaça do propheta era muito conforme a suas culpas, creram que as vozes daquelle homem verdadeiramente eram de Deus; e reconhecendo de perto o mesmo perigo, em que não reparavam quando se lhe representava mais longe, resolveram-se de todo

[1] *Jonas*, III, 4.

coração a se converter. Cobrem as cabeças de cinza, vestem-se de cilicio, publicam jejum universal, em que ninguem comesse bocado, prostram-se por terra, batem os peitos, choram e clamam ao céo: e desde o rei até o menor da cidade, desde os homens até os animaes do campo, fizeram aquella tão celebrada e tão notavel penitencia, com que mereceram que Deus levantasse o castigo, e lhes perdoasse.

Os Ninivitas eram gentios, nós por graça de Deus somos christãos. Cada cidade é uma Ninive grande, cada casa uma Ninive pequena, e cada alma uma Ninive maior que ambas. Ainda que em todos os dias nos podemos converter a Deus, o tempo que sua divina misericordia nos signalou particularmente para a penitencia dos peccados, são os quarenta dias da Quaresma: *Adhuc quadraginta dies.* O dia maior destes quarenta, e em que todos, ou por verdadeira devoção, ou por costume e cerimonia nos lançamos geralmente aos pés de Christo, e lhe pedimos perdão em um Sacramento, e o recebemos em outro, é o dia de quinta-feira de Endoenças. Neste grande dia, segundo a disposição de cada um, ou se convertem, ou se subvertem as Ninives; ou se convertem, ou se perdem as almas, como se perdeu Judas. Lançae agora a conta aos dias que nos restam para este ultimo, e achareis que somos chegados a termos, que não são jámais que tres: *Adhuc tres dies.* Oh que desgraça seria tão indigna do caracter e piedade christã, se os que imitaram aquelles gentios em se dilatar, os não imitarem, posto que tarde, em se converter? Os Ninivitas, diz Christo, que se hão de levantar no dia do Juizo, e accusar aquelle povo duro e incredulo a quem o Senhor prégava, e não se convertia. Por reverencia do mesmo Christo, que não queiramos nós tambem que se levantem contra nós. Se os Ninivitas sem fé nem baptismo, se o seu rei, que era Sardanapálo, o mais vicioso de todos os homens, vendo-se reduzidos a um termo tão apertado, conheceram o seu perigo, e por meios tão extraordinarios lhe buscaram remedio; nós, a quem Deus com os braços abertos, ha tantos dias nol-o está offerecendo tão facil, porque o desprezaremos?

Acabemos de nos desenganar, antes que se acabe o tempo: *Ecce nunc tempus acceptabile.* [1] Acabemos

[1] *1.ª ad Corinth.*, VI, 2.

de tratar da salvação, antes que se fechem as portas da misericordia: *Ecc nunc dies salutis.* Ou fazemos conta de nos converter devéras a Deus alguma hora, ou não: se não fazemos esta conta, para que somos christãos? Por outro caminho mais largo podiamos ir ao inferno. Mas se nenhum ha tão rematadamente inimigo de sua alma, que ao menos não tenha tenção de algum dia a tirar do poder do demonio, e a dar a Deus; quando ha de ser este dia? Que dia, ou que dias mais a proposito podemos ter ou esperar que estes da Semana Santa? Que dias mais a proposito para pedir a Deus perdão dos peccados, que aquelles mesmos dias em que Deus se pôz em uma cruz por meus peccados? Que dias mais a proposito para alcançar e ter parte nos merecimentos do sangue de Christo, que os dias em que se está derramando o mesmo sangue? Agora, agora, e não depois, é o tempo aceito a Deus: *Ecce nunc tempus acceptabile.* Estes dias, estes, e não os futuros, incertos e enganosos, são os dias da salvação: *Ecce nunc dies salutis.*

III

Suppostos pois, christãos, que este é o tempo, e supposto que os dias são tão precisos, que não temos outros para que appellar; o que resta é recuperar o perdido, e que nos aproveitemos delles com taes actos de verdadeira contrição e devoção, que esta Semana Santa, como o é em si, seja em nós tambem santa. Os ramos que cortaram das arvores os que hoje sahiram a receber a Christo: *Cædebant ramos de arboribus*, posto que S. Matheus não declare quaes fossem, S. João diz que eram de palma, e S. Lucas de oliveira. E com os dois affectos que estes ramos significavam, devemos nós seguir e acompanhar o Senhor em todos seus passos, offerecendo estes humildes obsequios a seus sacratissimos pés, que isso quer dizer: *Et sternebant in via.* A palma é symbolo da paciencia, como a oliveira da misericordia e compaixão: e taes eram os dois mysterios que encerrava o apparato e differença daquelles ramos: padecer e compadecer. Desta maneira receberemos e acompanharemos o nosso bom

Rei e Redemptor, muito melhor que a ingrata e inconstante Jérusalem; senão só hoje, mas todos estes dias padecermos alguma coisa com elle, e nos compadecermos delle. Tudo resumiu S. Paulo a uma só palavra, quando disse: *Si tamen compatimur.* [1] Uma coisa é compadecer, e outra padecer com: compadecer, é compadecer delle; padecer com, é padecer com elle: e tanto nos merecem a paciencia as suas penas, como a compaixão o seu amôr. Toda a sua sagrada humanidade do corpo e alma de Christo, nos mereceu sempre muito; mas nunca tanto como nestes dias: padecendo na imitação de seus tormentos, acompanharemos seu santissimo Corpo; e compadecendo-nos na meditação de suas dôres, acompanharemos sua santissima Alma.

Digo, pois, quanto ao Corpo, que havemos nesta semana de procurar padecer alguma coisa em todos os cinco sentidos, assim como Christo padeceu em todos. Adão e Eva em um só peccado, peccaram com todos os cinco sentidos. Peccaram com o ouvir, ouvindo a serpente; peccaram com o vêr, olhando para a fructa; peccaram com o palpar, tirando-a; peccaram com o cheirar, cheirando-a; peccaram com o gostar, comendo-a. Com todos os cinco sentidos peccaram nossos primeiros paes; e nós tão herdeiros de suas miserias, como de suas culpas, em todos peccamos infinitas vezes. E como Christo vinha pagar pelo peccado de Adão, e pelos nossos, quiz padecer tambem em todos os cinco sentidos.

Padeceu no sentido de vêr, vendo fugir a todos seus discipulos: vendo que um o entregou tão aleivosamente: vendo que outro o negou tres vezes: vendo-se atar, e levar prezo pelas ruas publicas, e a tantos tribunaes: vendo-se tapar os olhos: vendo-se despir no Pretorio, e estar despido no Calvario tantas horas á vista de todo o mundo, e no meio de dois ladrões: sobretudo vendo a desconsolada Mãe ao pé da cruz, em cujo coração, e em cujos olhos estava outras tres vezes crucificado. Finalmente, vendo os meus peccados e os vossos, com que tão ingratos haviamos de ser a tanto amor, que todos naquella hora lhe eram presentes.

---

[1] *Rom.*, VIII, 17.

Padeceu no sentido de ouvir, ouvindo o *Deus te salve* aleivoso da bocca de Judas: ouvindo os crimes e testemunhos falsos com que foi accusado: ouvindo as vozes e brados com que os mesmos que hoje o acclamaram rei, lhe pediam a morte: ouvindo a sentença com que o iniquo juiz o entregou á vontade de seus inimigos: ouvindo o pregão de malfeitor, e alvorotador do povo: ouvindo as injurias e blasphemias dos principes dos sacerdotes na cruz, e as dos mesmos ladrões que com elle estavam crucificados: e não ouvindo em todo este tempo uma só palavra de consolação aquelle mesmo Senhor, que com palavras e obras tinha consolado a tantos.

Padeceu no sentido do olfato, ou de cheirar, porque morreu entre os ascos e horrores do monte Calvario, chamado assim das caveiras e ossos dos malfeitores que alli se justiçavam, os quaes, ou porque os enterravam mal os algozes, ou porque depois os desenterravam os cães, estavam espalhados por todo o monte, e de mistura com a corrupção do sangue, faziam aquelle infame logar horrendo, hediondo, asqueroso, e insupportavel ao cheiro. E como o divino pagador de nossos peccados não só escolheu o genero da morte, senão tambem a circumstancia do logar, para satisfazer nelle pelos excessòs do olfato, quiz que fosse tão inficionado e mal cheiroso.

Padeceu no sentido do gosto, não só pelo fel e vinagre que lhe deram a beber, senão muito mais por aquella ardentissima sede, maior incomparavelmente que todos os outros tormentos, porque só ella obrigou ao pacientissimo Redemptor a pedir allivio. Mas podendo mais o desejo de padecer por nós, que a força da natureza na humanidade enfraquecida e exhausta, provou o azedo do vinagre, e o amargoso do fel, para mortificar o gosto, e não quiz levar para baixo o humido, para não moderar o ardor, nem alliviar a sede.

Padeceu, finalmente, no sentido do tacto, não ficando em todo o sagrado corpo, parte alguma que não fosse martyrisada com particular tormento. Padeceu nos braços as cordas e cadèas, no rosto as bofetadas, na cabeça a corôa de espinhos, nos hombros o pezo da cruz, nas costas os milhares de açoites, nas mãos e nos pés os cravos: e em todos os ossos, em todos os nervos, em todas as vèas, em todas as arterias, a suspensão, a afflicção, a violencia mais que

mortal, de estar horas no ar pendente de um madeiro até expirar nelle.

Pois se estes são os dias em que o meu Deus padeceu tão cruelmente em todos os cinco sentidos, e tão amorosamente por mim; não será justo que eu tambem em todos os sentidos padeça alguma coisa por elle? Nenhum coração me parece que haverá tão ingrato, e tão insensivel, que se não deixe mover desta razão: *Hoc enim sentite in vobis, quod et in Christo Jesu:* [1] diz S. Paulo. O que Christo Jesus sentiu em si, devemos nós sentir em nós: elle por amor de nós, e nós por amor delle. E se a vossa devoção deseja saber, e me pergunta de que modo poremos em pratica este reciproco sentimento, mortificando-nos tambem em todos os nossos sentidos; digo primeiramente, que mortifiquemos o vêr, andando nestes dias com grande modestia e recato, e negando aos olhos as vistas de todas as creaturas, e apartando-os principalmente daquellas que mais nos agradam, e mais nos apartam de Deus. Os olhos teem dois officios: vêr e chorar; e mais parece que os creou Deus para chorar, que para vêr, pois os cegos não vêem e choram. Já que tantos dias damos aos olhos para vêr, já que tão cançados andam os nossos olhos de vêr, não lhe daremos alguns dias de ferias, para que descancem em chorar? Chorem os nossos olhos os nossos peccados nestes dias, e chorem muito em particular o não haverem antes cegado que offendido a Deus. Ah Senhor, quanto melhor fôra não ter olhos, que ter-vos offendido com elles!

O sentido de ouvir mortifical-o-hemos, retirando-nos esta semana de todas as praticas e conversações, não só illicitas e ociosas, mas ainda das licitas. Troquemos o ouvir pelo lêr, lendo todos estes dias algum livro espiritual, em que Deus nos falle, e nós o oiçamos. A quem não está muito exercitado no orar, é mais facil o lêr, e muitas vezes mais proveitoso. Na oração fallamos nós com Deus; na lição falla Deus comnosco. E de quantas coisas (que fôra melhor não ouvir) ouvimos todo o anno aos homens, estes dias ao menos, bem é que oiçamos a Deus.

---

[1] *Philipp.*, II, 5.

No sentido do olfato pouco teem que mortificar os homens nesta terra, porque não vejo nella este vicio. Nas mulheres, se nellas ha alguma demasia, lembrem-se que nesta semana derramou a Magdalena os seus cheiros, e os seus unguentos aos pés de Christo. E para os aborrecerem e detestarem para sempre, saibam que a ultima disposição da morte do mesmo Senhor foram estes cheiros. Porque a Magdalena derramou os unguentos, se excitou a cubiça de Judas: porque em Judas se excitou a cubiça, tratou da venda: porque vendeu a seu Mestre, o prenderam e o mataram, por isso o Senhor disse: (e este é o sentido litteral) *Mittens hæc unguentum hoc in corpus meum, ad sepeliendum me fecit:* [1] como se dissera: estes unguentos são para a minha sepultura, porque destes unguentos se me ha de occasionar a morte.

O sentido do gosto, ainda que se tenha mortificado por toda a Quaresma com o jejum ordinario, nestes dias é bem que haja para elle alguma particular mortificação. Muitos santos do ermo passavam esta semana inteira sem comer, e pessoas de mui differente estado, não no ermo, senão nas côrtes, passam em jejum, de quinta-feira até sabbado. Nos maiores dias desta semana é estylo das mezas dos grandes principes não se pôrem nellas mais que hervas: para estes dias se fizeram propriamente os jejuns de pão e agua; ao menos estes dias não são para regalo. O Cordeiro mandava Deus que se comesse com alfaces agrestes, porque o agreste e desabrido no comer destes dias, é a melhor disposição para comer quinta feira o Divino Cordeiro Sacramentado.

O sentido do tacto, como o mais vil e mais delinquente que todos, é razão que seja nestes dias mais mortificado. Quando Urias veio do exercito com aviso a el-rei David, disse-lhe o rei, que fosse descançar a sua casa: e elle que respondeu? E bem, senhor, está o meu general Joab dormindo sobre a terra na campanha, e eu que me haja de deitar em cama? Não farei tal desprimor: e foi-se deitar em uma taboa no corpo da guarda. A cama em que dormiu o ultimo somno da morte o nosso Jesus, bem sabeis qual foi,

---

[1] *Math.*, XXVI, 12.

Pois será justo que quando elle tem por cama o duro madeiro da cruz, descance o nosso corpo tão regaladamente como nos outros dias? Alguma differença é bem que haja nestes. Ao menos o nosso rei e seus filhos, de quinta feira até domingo não se deitam em cama, nem se assentam, senão no chão, assistindo sempre ao Senhor sem sahir nunca da Capella Real, nem de dia, nem de noite. Estas são as noites e os dias para que se fizeram as penitencias: para estas noites se fizeram os pés descalços, para estas noites as disciplinas, e para estes dias e para estas noites os cilicios. Que poucos cilicios deve de haver no Maranhão! Não vos escuzeis com isso.

Quando os Ninivitas se resolveram a fazer penitencia, mandaram que todos, não só os homens, senão os animaes, se cubrissem de cilicio. Que fosse tão universal a penitencia, que até aos animaes a estendessem, não me espanta, porque a contrição, quando é verdadeira, dá nestes extremos. O que sobre tudo póde admirar a muitos, é, que sendo a cidade tão grande, que só de creanças innocentes tinha cento e vinte mil, e sendo os moradores tão ociosos, que os mandava Deus subverter, houvesse em tal cidade, e entre tal gente tantos cilicios, que se podessem cubrir delles tanta immensidade de homens, mulheres e meninos, e até os animaes. Se o não dissera a Escriptura, parecêra coisa incrivel, mas é muito facil de crèr. Os cilicios não é necessario que sejam tecidos de sedas de camelo, como os do Baptista: de qualquer coisa aspera se faz um cilicio, se ha devoção e vontade de o trazer. Um irmão tivemos na Companhia, chamado Luiz Gonzaga, o qual era filho herdeiro dos marquezes de Castilhone em Italia, e como em casa de seu pae houvesse mais instrumentos de cavalleria, que de penitencia, tomava o devoto moço umas esporas de rozeta, e pondo-as de uma parte e de outra, fazia dellas cilicio. E porque applicou as esporas desta maneira a seu corpo, correu com tanta velocidade a carreira da virtude e perfeição, que em menos de vinte e tres annos, que só teve de vida, mereceu ser (como já é) contado entre os Beatos. Assim que para haver cilicios, não são necessarios camelos, nem teares, se ha vontade e devoção.

Estas são as mortificações, com que os nossos cinco sentidos hão de imitar nesta semana as penas

de Christo. Não fallo na continencia de outros vicios, porque sei que estamos em terra de christãos. Mas porque tambem estamos em terra de soldados, advirto, que em dia de Ramos se cerram as casas de jogo, e que não é coisa que devam consentir os officiaes, nem ao soldado mais perdido. Queixa-se Christo pelo propheta, de que no dia de sua Paixão lhe jogassem as vestiduras: *Et super vestem meam miserunt sortem.* [1] Assim foi, que os que crucificaram ao Senhor, depois que o tiveram posto na cruz, lançaram as mãos aos dados, e jogaram os sagrados vestidos. E acrescenta logo o Evangelista: *Et milites quidem hæc fecerunt:* [2] e os que fizeram isto foram os soldados. Os soldados foram tambem os que crucificaram ao Senhor, mas o Evangelista não faz a reflexão em que elles o crucificaram, senão em que jogaram as vestiduras; porque o crucificar a Christo foi obediencia de seus maiores, o jogar as vestiduras foi vicio depravado seu. Sabeis quem joga em taes dias como estes? Só quem crucifica Christo, e quem jogára suas sagradas vestiduras, se as tivera. Quero-vos contar o que me succedeu em Inglaterra. Iam commigo dois portuguezes, os quaes em um domingo se puzeram a jogar as tabolas em uma estalagem: sahiu o hospede muito assustado, e como fóra de si: e bem, senhores, quereis que me venham queimar a casa? Queimar a casa? E porque? Porque é esse um jogo que se póde ouvir fóra, e se o ouvirem, ou souberem os magistrados, sou perdido. Assim o dizia este homem, e assim havia de ser. E para que mais vos admireis, a cidade ou villa era Dovres, porto e escala maritima, onde todos, sem se excepluar um só, são herejes. Oh vergonha dos que tanto nos prezamos do nome de catholicos! Se em terra de hereges é sacrilegio jogar as tabolas em um domingo ordinario, que será jogar, ou estes ou outros jogos, em uma Semana santa, em terra onde se adora a cruz, e as imagens de Christo, e se celebram os mysterios de sua morte? Seja esta tambem uma das mortificações que pertencem ao corpo.

---

[1] *Psal.*, XXI, 19.

[2] *Joan.*, XIX, 24.

IV

E a alma que ha-de fazer? O corpo imitar, a alma meditar: o corpo com os ramos da palma, a alma com os da oliveira. A alma nestes santos dias ha-de fazer do coração um monte Calvario, levantar nelle um Christo crucificado, e pôr-se desta maneira a contemplar suas dôres. Oh quem pudéra explicar-se agora com o pensamento, e fallar com o silencio! Quando os amigos de Job o foram visitar nos seus trabalhos, diz a Escriptura Sagrada, que estiveram uma semana inteira olhando só para elle sem fallarem palavra. Assim o hão-de fazer nossas almas esta semana, se são amigas de Jesus: olhar, callar, e pasmar. Oh que vista! Oh que silencio! Oh que admiração! Oh que pasmo! Só tres coisas dou licença a nossas almas que se possam perguntar a si mesmas no meio desta suspensão. Quem padece? Que padece? por quem padece? E que meditação esta para uma eternidade!

Quem padece? Deus: aquelle Ser eterno, infinito, immenso, todo poderoso: aquelle que creou o céo e a terra com uma palavra, e o póde aniquilar com outra: aquelle, diante de cujo acatamento os Principados, as Potestades e as Dominações, e todas as Jerarchias estão tremendo. Este Deus, cuja grandeza, este Deus, cuja magestade, este Deus, cuja soberania incomprehensivel só elle conhece inteiramente, e todos os entendimentos creados com infinita distancia de nenhum modo pódem alcançar: este, este é o que padece. Aqui se ha-de fazer uma pausa, e pasmar. S. Bernardo, cheio de pasmo e assombro nesta mesma consideração, rompeu, dizendo: *Ergo ne credendum est, quod iste sit Deus, qui flagellatur, qui conspuitur, qui crucifigitur?* E' possivel que se ha-de crêr, que este que padece tantas injurias e affrontas, e a mesma morte, é aquelle mesmo Deus immortal, impassivel, eterno, que não teve principio, e é o principio e fonte de todo ser? Este, este é: que nem elle fôra Deus, nem a nossa fé fôra fé, se elle não fizera, e nós não creramos, o que excede toda a capacidade humana. Por isso Isaias quando entrou a fallar da Paixão, como propheta que sobre todos era o mais eloquente, o exordio por onde começou, foi aquella

pergunta: *Quis credidit auditui nostro?* [1] Quem haverá que dê credito ao que ha-de ouvir de minha bocca? Tão alheio é quem padece do que padece, e este é Deus. Vêde se ha bem de que pasmar aqui.

Depois de considerarmos que é Deus quem padece, então se segue a consideração do que padece. E não só havemos de trazer á memoria o que já vimos que padeceu exteriormente em todos os sentidos do corpo; mas muito mais devemos considerar e ponderar o que padeceu no interior da alma, e em todas suas potencias. Com dois nomes, ou com duas similhanças nos declarou nosso amorosissimo Redemptor o que padeceu em sua Paixão: com nome e similhança de calix, quando disse a S. Pedro: *Calicem, quem dedit mihi Pater, non vis ut bibam illum?* [2] O calix, que me deu meu Padre, não queres que o beba? E com nome e similhança de baptismo, quando disse a todos os discipulos: *Baptismo habeo baptizari, et quomodo coarctor usque dum perficiatur?* [3] Eu heide ser baptisado em um baptismo, o qual desejo com grandes ancias e aperto do coração até que chegue. De sorte que declarou o Senhor o que havia de padecer por nós, já chamando-lhe calix, já baptismo: e porque? Porque o baptismo recebe-se por fóra, o calix bebe-se por dentro; e Christo Redemptor nosso em toda a sua Paixão não só padeceu por fóra os martyrios do corpo, senão tambem, e muito mais por dentro, os tormentos da alma. Por fóra padeceu os tormentos dos açoites, dos espinhos, dos cravos, da lança, que o banharam todo em sangue, e por isso lhe chamou baptismo; por dentro padeceu as tristezas, os tedios, os temores, as angustias e agonias, que sem ferro lhe tiraram tambem sangue no Horto, e lhe penetravam mortalmente a alma: *Tristis est anima mea usque ad mortem.* [4]

Oh quem pudesse entrar profundamente no interior da alma de Jesus, e entender o que naquelle con-

---

[1] *Isai.*, LIII, 1.
[2] *Joan.*, XVIII, 11.
[3] *Luc.*, XII, 50.
[4] *Math.*, XXVI, 38.

sistorio sacratissimo e secretissimo das suas tres potencias passava e se conferia em tantas horas! A memoria, desde o principio do mundo representava os peccados de todos os homens, por quem satisfazia á divina justiça: o entendimento ponderava o pouco numero dos mesmos homens que se haviam de aproveitar do preço infinito daquelles tormentos: e a vontade se desfazia com dôr, de vêr perder tantas almas por sua culpa, sem achar consolação alguma a tamanha perda: e esta era a tristeza que occupava toda a alma do Salvador, e com tres cravos mais agudos e penetrantes a crucificava. Aqui havemos de fazer a segunda pausa, e pasmar tanto daquelle infinito amôr, como da nossa infinita cegueira. Oh Senhor, quantos póde ser que visseis então dos que agora se acham nesta mesma igreja, que porque haviam de desprezar e condemnar as suas almas, agonisavam a vossa? Considere cada um se por ventura, ou eterna desventura é algum destes, e veja bem o seu perigo, em quanto tem tempo.

Este é o Deus que padece, estas as penas e dôres que padece; e só resta vêr por quem padece. Se a fé me não ensinára outra coisa, cuidára eu que padecia Deus pelo céo; porque vejo o sol eclipsado e coberto de luto: cuidára que padecia pela terra; porque a vejo tremer, e arrancar-se de seu proprio centro: cuidára que padecia pelas pedras; porque as vejo quebrarem-se umas com outras, e abrirem-se as sepulturas: cuidára que padecia pelo Templo de Jérusalem; porque vejo rasgar-se de alto abaixo o véo do *Sancta Sanctorum:* cuidára que padecia por este mundo elementar; porque vejo confusos, perturbados, attonitos, e com prodigios de sentimento e assombro, todos os elementos. Mas não são estas as creaturas por quem padece Deus, posto que todas confessam que padece o Creador: e com serem irracionaes e insensiveis, quizeram acabar com elle quando o vêem morrer. Quem são logo aquelles por quem padece o Auctor da natureza, e por quem morre o Auctor da vida? Sou eu, sois cada um de vós, e somos todos os homens. Por nós, e só por nós padece Deus: por nós, e só por nós padece quanto padece. Por nós, que depois de nos crear, o não respeitamos: por nós, que depois de nos sustentar, o não servimos: por nós, que depois de nos remir, o não obedecemos: por nós,

que depois de morer por nosso amôr, o não amamos: por nós, que depois de se pôr em uma cruz por nós, o tornamos a crucificar mil vezes: por nós, que esperando-nos assim, e chamando-nos com os braços abertos, não queremos acudir a suas vozes: por nós, emfim, que sabendo que nos ha-de julgar, e nos promette o céo, se o não offendermos, queremos antes o inferno sem elle, que o céo com elle. Isto é o que faz todo o homem que pecca mortalmente; e isto o que continua a fazer em quanto se não tira do peccado; para que vejaes se tem razão, não só de pasmar, mas de perder o juizo.

V

Estes são, christãos, os tres pontos breves e altissimos, que havemos de meditar nestes poucos dias, os quaes torno a repetir, para que vos fiquem bem na memoria. Quem padece: o que padece: e por quem padece. Espero de vossa christandade, que não só para estes dias da Semana Santa, senão para todos os de vossa vida haveis de tomar esta devoção tão devida ao que nos merece o amôr de quem deu a sua por nós. E ninguem se escuse com dizer que não sabe meditar, ou discorrer, porque Deus não quer discursos, senão vontades, antes nem ainda vontades nos pede, só com memorias se contenta: *Hoc facite in meam commemorationem:* [1] Filhos (diz Christo) dei a vida, dei o sangue, dei-me todo a mim mesmo por vosso amôr, não quero de vós outra paga, senão que vos lembreis de mim. De quantas coisas disse e fez o Filho de Deus na vida e na morte, nenhuma é mais para enternecer e ainda magoar qualquer coração humano, que esta ultima recommendação, com que se despediu de nós. Que Deus feito homem por amôr dos homens, e morto por amôr dos homens, chegue a pedir aos mesmos homens que se lembrem delle! O' amôr, ó benignidade divina! O' dureza, ó ingratidão humana! E' Deus tão amoroso e tão benigno que nos pede a nossa memoria: e somos nós tão duros e tão

[1] *Luc.*, XXII, 19.

ingratos, que é necessario a Deus, que nol-a peça. Não me enternece tanto, nem me move tanto a compaixão tudo o que Christo padeceu, quanto o que argue no seu coração e nos nossos esta lastimosa recommendação. E que lastima seria, christãos, ou que lastima é tão indigna e tão affrontosa de nossos corações, que pedindo-nos um tão bom Senhor só a memoria, ainda essa lhe neguemos?

Ora, por reverencia do sangue, da morte e de toda a Paixão de Jesus, que não seja assim ao menos nestes santos dias. Lembremo-nos de suas dôres, lembremo-nos de suas penas, lembremo-nos de suas chagas, e sobre tudo, lembremo-nos de seu amôr. Com esta memoria nos levantemos ao amanhecer, com esta memoria nos recolhamos á noite, e nesta memoria gastemos alguma parte della. Particularmente vos encommendo muito esta unica memoria nas igrejas, e no correr das igrejas. Grande fraqueza é a dos homens, e grande a astucia do demonio, que até nesta Santa Semana nos arme laços e nol-os teça da nossa propria devoção. As igrejas não se hão-de correr por ostentação, nem por festa, nem por curiosidade, nem para vêr quem vae e como vae, e com quem vae, senão para ir com os olhos no chão, e a alma muito dentro em si mesma: considerando que naquelle mesmo dia, e por aquelles mesmos passos ia Deus com uma cruz ás costas a morrer por mim, para que eu não morresse eternamente; e padecendo tantas affrontas e penas, para me livrar das do inferno. Oh que memoria esta para nos tirar tudo o mais da memoria! Finalmente, chegados á igreja haveis de imaginar que chegaes ao monte Calvario (que não é imaginação, senão verdade de fé, porque alli está realmente o mesmo Christo) e fazer com effeito o que fizereis, se então estivera o Senhor na cruz, e o vireis com vossos olhos.

Com esta modestia, e com essa consideração havemos de correr e visitar as igrejas, e com a mesma e muito maior, assistir nellas aos divinos officios, e não olhando, fallando e conversando, que é um abuso maldito, o qual não se vendo em outra alguma parte da christandade, só em Hespanha e Portugal (onde tanto nos prezamos de catholicos) se tem introduzido, com escandalo e abominação até dos hereges. Oh se assistiramos nas nossas igrejas como elles nas suas,

posto que indignas de tão sagrado nome, onde não ha altar nem cruz, nem está Christo! Por amôr do mesmo Christo, christãos e christãs, que não commettamos uma tão grande indecencia, e não façamos um tão publico e manifesto aggravo á fé, com que crêmos que aquelle Senhor que temos presente no Santissimo Sacramento, é o mesmo que esteve por nós crucificado no Calvario. No Calvario assistiram a Christo a Virgem Senhora nossa, S. João, Santa Maria Magdalena, e as outras Marias: e é coisa dignissima de se notar, que em todos os quatro Evangelistas se não diz que alguma de todas estas pessoas fallasse uma só palavra. Todas viam e consideravam o que passava, mas ninguem fallava, porque os mysterios da Paixão querem-se venerados com summa attenção, e meditados com summo silencio.

Façamos pois todos nestes dias, este pequeno sacrificio (de que ninguem tem causa para se escusar) e em satisfação do muito que temos offendido a Deus com nossas linguas, offereçamos-lhe o não fallarmos com outrem, senão com Elle, ao menos em quanto estivermos na sua presença. De tudo o mais que até aqui tenho dito, fará cada um o que o seu fervor e devoção lhe dictar; mas deste silencio, modestia e reverencia nas igrejas a ninguem exceptua o mesmo Christo. Lembremo-nos que somos christãos, e que em alguma coisa se ha-de vêr que o somos, e que deste mesmo sermão, e das advertencias que nelle vos tenho feito, vos ha-de pedir Deus estreita conta. Lembremo-nos de quantas Semanas Santas teem passado sem nos aproveitarmos dellas, e que póde mui bem ser que seja esta a ultima para alguns de nós. Quantos viram a passada, que não vêem esta, e quantos verão esta, que não hão-de vêr a que vem? Se souberamos de certo que havia de ser esta a ultima Semana Santa de nossa vida, que haviamos de fazer? Pois façamos isso mesmo, e não o façamos por temôr da nossa morte, senão por amôr da de Jesus.

Ah Senhor, que as minhas palavras são de regelo, e estes corações, sem vossa graça, de bronze. Quando expirastes na cruz, inclinastes a cabeça sobre o peito, em signal que havieis de pôr os olhos em vós, e não em nós; em vosso coração e não em nossos peccados. Desse mesmo coração alanceado e offendido sahiram os dois elementos, com que formastes vossa

Igreja: sáiam tambem agora os espiritos vitaes, espiritos da vida e graça, com que a reformeis: e assim como alumiastes e déstes vista ao mesmo que vos feriu, assim, posto que tão ferido e offendido de nós (pois está sempre vivo no vosso coração o mesmo amôr) sáia delle um raio de luz que alumie nossas cegueiras. Fertilize, Senhor, esse sangue, e regue esta agua, que sahiu de vosso coração, nossas almas, que todas rendidas a vosso amôr, e prostradas ao pé de vossa cruz, contritas e humilhadas, vos pedem perdão de todas as culpas, e de todas as offensas vossas até esta hora commettidas. Nunca mais, Senhor, offender-vos, nunca mais, por serdes vós quem sois. Assim o promettemos e protestamos firmissimamente. E assim o esperamos, clementissimo Jesus, de vossa misericordia infinita, dos merecimentos de vossa Paixão, e dos auxilios de vossa graça. Amen.

SERMÃO

DO

MANDATO

Prégado em Lisboa, no Hospital Real, no Anno de 1643

Sciens Jesus quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo ad Patrem, cum dilexisset suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos. [1]

I

Quem entrar hoje nesta casa (todo poderoso, e todo amoroso Senhor): quem entrar hoje nesta casa, que é o refugio ultimo da pobreza, e o remedio universal das enfermidades: quem entrar, digo, a visitar-vos nella (como faz todo este concurso da piedade christã) com muito fundamento póde duvidar, se viestes aqui por prodigo, se por enfermo. Déstes o céo, déstes a terra, déstes-vos a vós mesmo: e quem tão prodigamente despendeu quanto era, e quanto tinha, não é muito que viesse a parar em um hospital. Quasi persuadido estava eu a este pensamento, mas no juizo dos males sempre conjecturou melhor, quem presumiu os maiores. Diz o vosso Evangelista, Senhor, que a enfermidade vos trouxe a este logar, e não a prodigali-

---

* Seguem-se agora cinco sermões do Mandato, encerrando a mais alta philosophia natural e sobrenatural do adoravel coração do Homem-Deus. Em todos elles, sem se repetir, trata Vieira sempre o mesmo assumpto com pasmosa fecundidade — essa fecundidade que tanto admirava Carel e que elle considerava a mais extraordinaria de todas as qualidades oratorias do grande orador.

[1] *Joan.*, XIII.

dade. Enfermo diz que estaes, e tão enfermo, que a vossa mesma sciencia vos promette poucas horas de vida, e que por momentos se vem chegando a ultima: *Sciens Jesus quia venit hora ejus.* [1] Qual será esta enfermidade, tambem o declara o Evangelista. Diz que é de amôr, e de amôr nosso, e de amôr incuravel: de amôr: *cum dilexisset;* de amôr nosso: *suos qui erant in mundo;* e de amôr incuravel, e sem remedio: *in finem dilexit eos.* Este é, enfermo Senhor, e saude de nossas almas, este é o mal ou o bem de que adoecestes, e o que vos ha-de tirar a vida. E porque quizera mostrar aos que me ouvem, que devendo-vos tudo pela morte, vos devem ainda mais pela enfermidade, só fallarei della. Accommodando-me pois ao dia, ao logar, e ao Evangelho, sobre as palavras que tomei delle, tratarei quatro coisas, e uma só. Os remedios do amôr, e o amôr sem remedio. Este será. Amante divino, com licença de vosso coração, o argumento do meu discurso. Ainda não sabemos de certo se o vosso amôr se distingue da vossa graça. Se se não distinguem, peço-vos o vosso amôr, sem o qual se não póde fallar delle: e se são coisas distinctas, por amôr do mesmo amôr vos peço a vossa graça: *Ave Maria.*

II

Os remedios do amôr, e o amôr sem remedio, são as quatro coisas, e uma só, de que prometti fallar: porque sendo a enfermidade do amôr a que tirou a vida ao Auctor da vida, não se póde mostrar que foi amôr sem remedio, sem se dizer juntamente quaes sejam os remedios do amôr. Desta materia escreveu eruditamente o Galeno do amôr humano, nos livros que intitulou *de Remedio amoris*, cujos aphorismos, porque hão-de ser convencidos, entrarão sem texto e sem nome, como quem não vem a auctorisar, senão a servir. Os remedios, pois, do amôr mais poderosos e efficazes, que até agora tem descuberto a natureza, approvado a experiencia, e receitado a arte, são estes quatro: o tempo, a ausencia, a ingratidão, e sobre

[1] *Joan.*, XIII, 1.

tudo, o melhorar de objecto. Todos temos nas palavras que tomei por thema; e tão expressos que não hão mister commento: *Cum dilexisset;* eis ahi o tempo: *Suos qui erant in mundo;* eis ahi a ingratidão: *Ut transeat;* eis ahi a ausencia: *Ex hoc mundo ad Patrem;* eis ahi a melhoria do objecto. E com se applicarem todos estes remedios á enfermidade, todos estes defensivos ao coração, e todos estes contrarios ao amôr do divino Amante; nem o tempo o diminuiu, nem a ingratidão o esfriou, nem a ausencia o enfraqueceu, nem a melhoria do objecto o mudou um ponto: *In finem dilexit eos.* Estas são as quatro partes do nosso discurso: vamos acreditando amôr, e desacreditando remedios.

III

O primeiro remedio que diziamos, é o tempo. Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba. Atreve-se o tempo a columnas de marmore, quanto mais a corações de cêra? São as affeições como as vidas, que não ha mais certo signal de haverem de durar pouco, que terem durado muito. São como as linhas, que partem do centro para a circumferencia, que quanto mais continuadas, tanto menos unidas. Por isso os antigos sabiamente pintaram o amôr menino; porque não ha amôr tão robusto que chegue a ser velho. De todos os instrumentos com que o armou a natureza, o desarma o tempo. Afrouxa-lhe o arco, com que já não tira; embota-lhe as settas, com que já não fere; abre-lhe os olhos, com que vê o que não via; e faz-lhe crescer as azas, com que vôa e foge. A razão natural de toda esta differença, é porque o tempo tira a novidade ás coisas, descobre-lhe os defeitos, enfastia-lhe o gosto, e basta que sejam usadas para não serem as mesmas. Gasta-se o ferro com o uso, quanto mais o amôr? O mesmo amar é causa de não amar, e o ter amado muito, de amar menos. Baste por todos os exemplos o do amôr de David.

Amou David a Bersabé com aquelles extremos que todos sabem: e sendo o coração deste homem feito pelos moldes do coração de Deus, e Deus tão picado de ciumes, como elle confessa de si: *Ego Deus zelotes;* [1]

[1] *Exod.*, XX, 3.

coisa é dignissima de grande reparo, que o mesmo Deus o deixasse continuar naquelle amôr, sem lhe procurar o remedio, senão ao cabo de um anno, quando o mandou reduzir pelo propheta Nathan. Quanto Deus sentisse este desamôr de David, bem se vê da circumstancia deste mesmo cuidado, pois elle sendo o offendido, foi o que sollicitou a reconciliação, sem esperar que David a procurasse. Pois se Deus queria e desejava tanto que David se apartasse do amôr de Bersabé; porque dilatou esta diligencia tanto tempo, e não lhe procurou o remedio, senão no fim de um anno? Pois esse mesmo anno, e esse mesmo tempo, foi o primeiro remedio com que o começou a curar. As outras enfermidades teem na dilação o maior perigo: a do amôr tem na mesma dilação o melhor remedio. Via o que só vê os corações dos homens, que em quanto duravam aquelles primeiros fervores da affeição de David, difficultosamente se lhe havia de arrancar do coração um amôr em que estava tão empenhado: pois deixe-se a cura ao tempo, que elle pouco a pouco o irá dispondo; e assim foi. Ao principio não reparava David no que devia ao vassallo, nem no que se devia a si, nem no que devia a Deus: matava homens, perdia exercitos, não fazia caso da fama, nem da consciencia, que tanta violencia trazia aquelle bravo incendio em seus principios: mas foi andando um dia e outro dia, foi passando uma semana e outra semana, foi continuando um mez e outro mez, e quando já chegou o fim do anno, em que estado estava o amôr de David? Estava a chaga tão disposta, o coração tão moderado, e o calor tão remettido, que bastou uma só palavra do propheta para o sarar de todo. O que era desejo, se trocou subitamente em dôr; o que era cegueira, em luz; o que era gosto, em lagrimas; e o que era amôr, em arrependimento. E se tanto póde um anno, que farão os muitos?

Estes são os poderes do tempo sobre o amôr. Mas sobre qual amôr? Sobre o amôr humano, que é fraco; sobre o amôr humano, que é inconstante; sobre o amôr humano, que não se governa por razão, senão por appetite; sobre o amôr humano, que, ainda quando parece mais fino, é grosseiro e imperfeito. O amôr, a quem remediou, e póde curar o tempo, bem poderá ser que fosse doença; mas não é amôr. O amôr perfeito, e que só merece o nome de amôr, vive im-

mortal sobre a esphera da mudança, e não chegam lá as jurisdições do tempo. Nem os annos o diminuem, nem os seculos o enfraquecem, nem as eternidades o cançam: *Omni tempore diligit, qui amicus est:* disse nos seus Proverbios o Salomão da Lei Velha: [1] e o Salomão da Nova, Santo Agostinho, commentando o mesmo Texto, penetrou o fundo delle com esta admiravel sentença: *Manifesté declarans amicitiam æternam esse, si vera est: si autem desierit, nunquam vera fuit.* Quiz-nos declarar Salomão, diz Agostinho, que o amôr que é verdadeiro, tem obrigação de ser eterno; porque se em algum tempo deixou de ser, nunca foi amôr: *Si autem desierit, nunquam vera fuit.* Notavel dizer! Em todas as outras coisas o deixar de ser, é signal de que já foram; no amôr o deixar de ser, é signal de nunca ter sido. Deixou de ser, pois nunca foi; deixastes de amar, pois nunca amastes. O amôr que não é de todo o tempo, e de todos os tempos, não é amôr, nem foi; porque se chegou a ter fim, nunca teve principio. E' como a eternidade, que se por impossivel tivera fim, não teria sido eternidade: *Declarans amicitiam æternam esse, si vera est.*

Tão isento da jurisdição do tempo é o verdadeiro amôr! Porém um tal amôr onde se achará? Só em vós, Phenix divino, só em vós. Isso quer dizer: *Cum dilexisset:* como tivesse amado. E quando, ou desde quando? Primeiramente desde o principio sem principio da eternidade; porque desde então começou o Verbo eterno a amar os homens, ou desde então os amou sem começar, como elle mesmo disse: *Et deliciæ meæ esse cum filiis hominum.* [2] E um amôr que teve as raizes na eternidade, vêde como podia achar o remedio no tempo! O tempo começou com a creação do mundo, porque antes do mundo não havia tempo. E este tempo em Christo divide-se em duas partes: o tempo em que amou desde o principio do mundo com a vontade divina, e o tempo em que amou desde o principio da vida com a vontade divina e humana. Desde o principio da vida passaram trinta e quatro annos: desde o principio do mundo passaram

---

[1] *Prov.*, XVII, 17.
[2] *Prov.*, VIII, 31.

mais de quatro mil: e em tantos annos, e tantos seculos de amôr, nenhum poder teve sobre elle o tempo. O' amôr só verdadeiro! O' amôr só constante! O' amôr só amôr! Que não desfez, que não acabou a continuação pertinaz de tantos annos, quantos correram desde o principio do mundo até o fim da vida de Christo! Que cidade tão forte, que não arruinasse? Que marmore, que não gastasse? Que bronze, que não consumisse? Todas as coisas humanas em tão comprida continuação acabou o tempo, e, o que é mais, até a memoria dellas; só o amôr de Jesus, apesar dos annos e dos seculos, sempre inteiro sem diminuição, sempre firme, sempre perseverante, sempre o mesmo; porque assim como tinha amado no principio: *Cum dilexisset;* assim amou, e com a mesma intenção, no fim: *In finem dilexit.*

Tão fóra esteve o tempo (vêde o que digo) tão fóra esteve o tempo de poder diminuir o amôr de Christo, que antes o amôr de Christo diminuiu o tempo. No mesmo Texto do nosso Evangelho o temos: *Sciens Jesus quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo ad Patrem:* Sabendo Jesus, que era chegada a hora de passar deste mundo ao Padre. Isto disse o Evangelista fallando dos mysterios da ultima ceia, em que Christo com o maior prodigio da sua humildade, e com o maior milagre da sua omnipotencia manifestou aos homens qual era o extremo com que os amava. Mas a hora em que o Senhor passou do mundo ao Padre, não foi neste dia, senão no dia de sua Ascensão, quarenta e dois dias depois deste. Pois se ainda lhe restavam a Christo quarenta e dois dias para estar no mundo antes de subir ao Padre, como diz o Evangelista, que já era chegada a hora: *Quia venit hora ejus?* Eram tantos dias, e era uma só hora? Sim. Porque todos estes dias em que o Senhor se havia de deter no mundo, eram dias de estar com os seus amados: *Cum dilexisset suos:* e ainda que pela medida do tempo eram muitos dias, pela conta do seu amôr era uma só hora: *Hora ejus.* Notae muito agora o computo destes mesmos dias, e reparae no que nunca reparastes. Desde a hora da Ceia até á hora em que Christo subiu ao céo, passaram-se pontualmente mil horas, sem faltar, nem sobejar uma só. E todos estes dias, que medidos pelas rodas do tempo faziam cabalmente mil horas, contadas pelo relogio do amôr,

que Christo tinha no peito, eram uma só hora. Por isso se chama *Hora ejus:* hora sua: porque para o mundo e para o tempo, eram mil horas; e para Christo, e para o seu amôr, era uma. E se o amôr de Christo de mil horas fazia uma só hora, vêde quão certo é o que eu dizia, que em vez de o tempo diminuir o amôr, o amôr diminuiu o tempo.

De Jacob diz a Escriptura, que sendo sete os annos que serviu por Rachel, lhe pareciam poucos dias, porque era grande o amôr com que a amava: *Videbantur illi pauci dies præ amoris magnitudine.* [1] Não seria Jacob tão celebrada figura de Christo, se tambem o seu amôr não tivesse a propriedade de diminuir o tempo. Mas nesta mesma diminuição é necessario advertir, que os annos que a Jacob lhe pareciam poucos dias, não foram só sete, senão muitos mais, ou muito maiores. Assim como o gosto faz os dias breves, assim o trabalho os faz longos. A Abrahão disse Deus, que seus descendentes serviriam aos egypcios quatrocentos annos, sendo que serviram cem annos sómente; porque o trabalho dobra e redobra o tempo, e cem annos de servir, são quatrocentos annos de padecer. Do mesmo modo se hão-de contar os annos de Jacob; Jacob serviu com tanto trabalho de dia e de noite, como elle bem encareceu a Labão, não sendo os enganos e trapaças do mesmo Labão a menor parte do seu grande trabalho. Logo assim como o amôr de Jacob diminuia os annos por uma parte, assim o trabalho os acrescentava por outra; e concorrendo juntamente o amôr a diminuir, e o trabalho a acrescentar os mesmos annos, já que elles se não multiplicassem tanto, que fossem tres vezes dobrados, ao menos haviam de ficar inteiros. Como podia logo ser, que a Jacob lhe não parecessem annos, senão dias, e esses poucos? Não ha duvida, que esta mesma que parece implicação, é o maior encarecimento do amôr de Jacob. O tempo fazia os annos, o trabalho multiplicava o tempo; mas o amôr de Jacob, maior que o trabalho, e maior que o tempo, não só diminuia os annos, que fazia o tempo, senão tambem os que multiplicava o trabalho. Com o gosto de servir diminuia o amôr uns annos, com o gosto de padecer diminuia os ou-

[1] *Gen.*, XIX, 20.

tros; e por isso ainda que fossem annos sobre annos, e muitos sobre muitos, todos elles lhe pareciam dias, e poucos dias: *Videbantur illi pauci dies.*

Muito estimara eu, que estes dias do amôr de Jacob, que a Escriptura chama poucos, nos dissesse tambem a mesma Escriptura quantos eram, ou quantos seriam. Mas dado (impossivelmente) que cada anno lhe parecesse um só dia, ainda o amôr do figurado excede infinitamente ao da figura, e o de Jesus ao de Jacob. No tempo que diminuiu o amôr de Christo, entra tambem o tempo da sua Paixão: e se o trabalho acrescenta e multiplica o tempo á medida do que se padece; quem poderá medir neste caso o tempo com o trabalho, e a duração do que o Senhor padecia, com o excesso do que padeceu? Padeceu Christo em sua Paixão, como provam todos os theologos com Santo Thomaz, mais do que padeceram, nem hão-de padecer todos os homens desde o principio até o fim do mundo. Os tormentos em si mesmo eram acerbissimos, e fazia-os incomparavelmente maiores a delicadeza do sujeito, a viveza da apprehensão, a tristeza summa, bastante ella só a tirar a vida, e, sobre tudo, o conhecimento comprehensivo da injuria infinita commettida contra Deus naquelle e em todos os peccados do genero humano. E quantos seculos de padecer vos parece que caberiam naquellas compridissimas horas? Foram tão compridas, que bastou a duração dellas para satisfazer pela eternidade das penas do inferno, que com a mesma duração se pagavam. E que sendo tão compridas ou tão eternas aquellas horas, as reduzisse o amôr de Christo a uma só hora: *Hora ejus?* O' amôr verdadeiramente immenso! Que as outras horas e dias lhe parecessem ao amorosissimo Senhor muito breves, não é tão grande maravilha, porque eram horas de estar com os que tanto amava; mas que tambem as da Paixão, sendo de tão excessivas penas, as abreviasse egualmente o seu amôr?! Sim, e pela mesma causa. As outras eram breves, porque eram horas de estar commosco; e estas eram tambem breves, porque eram horas de padecer por nós. Não soffreu o amôr, que podesse menos contra o tempo o gosto da paciencia, que o da presença, por isso diminuiu egualmente as horas tanto o gosto de padecer pelos homens como o gosto de estar com elles.

Uma e outra coisa comprehendeu e declarou S.

Paulo em uma só palavra, quando disse, fallando da morte de Christo: *Ut pro omnibus gustaret mortem.* [1] Não diz que padeceu o Senhor a morte por todos, senão que a gostou: *Ut gustaret.* Esta palavra *gustaret*, quer dizer gostar e provar; e por isso diz com grande energia, que Christo gostou a morte, porque o gosto com que a padeceu, a abreviou de tal sorte, como se sómente a provára. Excellentemente Santo Anselmo, commentando as mesmas palavras: *Ut gustaret, idest, horariam, et non longam, quasi aliquid gustando transiret:* Quer dizer o Apostolo (diz Anselmo) que padeceu o Senhor a morte com tanto gosto, como se a não padecêra toda, e sómente a tocára e passára por ella: *Quasi aliquid gustando transiret.* E por isso sendo de tantas horas e tão longas, lhe pareceu de uma só hora: *Horariam, et non longam.* Notae o novo adjectivo *horariam*, formado sem duvida do *hora ejus* de S. João; e vêde que remedio podia ser o do tempo para curar o nosso divino Enfermo, se a força do seu mal, ou do seu e nosso bem era tão forte e tão aguda, que em vez de o tempo diminuir o amôr, o amôr foi o que diminuiu o tempo: *Cum dilexisset, dilexit.*

IV

O segundo remedio do amôr é a ausencia. Muitas enfermidades se curam só com a mudança do ar; o amôr com a da terra. E' o amôr como a lua, que em havendo terra em meio, dae-o por eclipsado. A' sepultura chamou David discretamente, terra do esquecimento: *Terra oblivionis.* [2] E que terra ha que não seja a terra do esquecimento, se vos passastes a outra terra? Se os mortos são tão esquecidos, havendo tão pouca terra entre elles e os vivos; que pódem esperar e que se póde esperar dos ausentes? Se quatro palmos de terra causam taes effeitos; tantas leguas que farão? Em os longes passando de tiro de setta, não chegam lá as forças do amôr. Seguiu Pedro a Christo de longe; e deste longe que se seguiu? Que

[1] *Hebr.*, II, 9.
[2] *Psalm.* LXXXVII, 13.

aquelle que na presença o defendia com a espada, na ausencia o negou e jurou contra elle. Os philosophos definiram a morte pela ausencia: *Mors est absentia animæ á corpore;* e a ausencia tambem se ha-de definir pela morte, posto que seja uma morte de que mais vezes se resuscita. Vêde-o nos effeitos naturaes de uma e outra. Os dois primeiros effeitos da morte, são dividir e esfriar. Morreu um homem, apartou-se a alma do corpo: se o apalpardes logo, achareis algumas reliquias de calor: se tornastes dahi a um pouco, tocastes um cadaver frio, uma estatua de regelo. Estes mesmos effeitos, ou poderes, tem a vice-morte, a ausencia. Despediram-se com grandes demonstrações de affecto os que muito se amavam, apartaram-se em fim: e se tomardes logo o pulso ao mais enternecido, achareis, que palpitam no coração as saudades, que rebentam nos olhos as lagrimas, e que sáem da bocca alguns suspiros, que são as ultimas respirações do amôr. Mas se tornardes depois destes officios de corpo presente, que achareis? Os olhos enxutos, a bocca muda, o coração socegado: tudo esquecimento, tudo frieza. Fez a ausencia seu officio como a morte: apartou, e depois de apartar esfriou.

Ouvi o maior exemplo que póde haver desta verdade. Foi a Magdalena ao sepulchro de Christo na madrugada da Resurreição: olhou, não achou o sagrado corpo, tornou a olhar, persistiu, chorou. E qual cuidaes que era a causa de todas estas diligencias tão solicitas? Diz com notavel pensamento Origines, que não era tanto pelo que a Magdalena amava a Christo quanto pelo que temia de si: *Metuebat, ne amôr magistri sui in pectore suo frigesceret, si corpus ejus non inveniret, quo viso recalesceret.* Sabia a Magdalena, como experimentada, que a ausencia tem os effeitos da morte: apartar, e depois esfriar: e como se via apartada do seu amado, que é o primeiro effeito, temia que se lhe esfriasse o amôr no coração, que é o segundo: *Metuebat, ne amôr magistri sui in pectore suo frigesceret.* Pois o amôr da Magdalena tão forte, tão animoso, tão constante, tão ardente; o amôr da Magdalena canonisado de grande, engrandecido de muito: *Quoniam dilexit multum:* [1] tão pouco fiava de si mesmo, que temesse esfriar-se? Sim: que taes são

[1] *Luc.*, VII, 47.

os poderes da ausencia contra o mais qualificado amôr. E como o coração se aquenta pelos olhos, por isso procurava com tanta diligencia achar o corpo de seu Senhor, para que com a sua vista se tornasse a aquentar o amôr, ou se não esfriasse sem ella: *Si corpus ejus non inveniret, quo viso recalesceret.*

Estes costumam ser os effeitos da ausencia, ainda nos corações mais finos, qual era o da Magdalena: coração humano em fim. Porém o coração de Christo, humano e divino juntamente, ainda que como humano se aparta, como divino não se esfria. O fogo póde-se apartar, mas não se póde esfriar. Ao perto e ao longe, ou presente, ou ausente, sempre arde egualmente, porque sempre é fogo. Poderá ser tão distante a ausencia, que o tire da vista, mas nenhuma tão poderosa, que lhe mude a natureza. Tal o amôr de Christo (diz S. Bernardo) *Quia nunquam, et nusquam potuit non amare, qui amor est.* Assim como o amôr de Christo não podia deixar de amar em nenhum tempo, porque é eterno; assim não póde deixar de amar em nenhum logar, ou distancia, por que é amôr. O amôr não é união de logares, senão de vontades: se fôra união de logares, poderam desfazer a distancia, mas como é união de vontades, não o póde esfriar a ausencia. A ausencia mais distante que se póde imaginar, é a que hoje fez Christo: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem:* ausencia deste para o outro mundo. Todas as outras ausencias, por mais distantes que sejam, sempre se fazem dentro do mesmo elemento, de uma parte da terra para a outra. A ausencia de Christo era tão distante, que excedia a esphera de todos os elementos, e passava da terra até o céo. Mas com a distancia e a ausencia serem tão excessivas, pôde a distancia apartar os corpos, mas não pôde dividir os corações: pôde a ausencia impedir a vista, mas não pôde esfriar o amôr.

Tão longe esteve a ausencia com os seus longes de ser remedio para o amôr de Christo, e tão longe de causar os seus effeitos, que antes produziu os contrarios. Os effeitos da ausencia, como vimos, são dividir e esfriar: e a ausencia de Christo em vez de dividir, uniu; e em vez de esfriar, accendeu. Em vez de dividir, uniu as pessoas, e em vez de esfriar, accendeu o amôr. Quando S. Paulo, antes de ser santo, nem Paulo, caminhava furioso para Damasco, as vo-

zes com que Christo o derrubou e converteu, foram: *Saule, Saule, quid me persequeris?* [1] Saulo, Saulo, porque me persegues? Succedeu este grande caso no anno vinte do imperador Tiberio, dois annos depois da subida de Christo ao céo. Pois se Christo estava no céo (pergunta Santo Agostinho) se estava no céo, onde não podiam chegar as furias de Saulo, nem os poderes das provisões que levava da synagoga: como se queixa o mesmo Christo de que Saulo o perseguia? Se dissera, que perseguia a seus discipulos, isso é o que refere o Texto: *Saulus autem adhuc spirans minarum, et cædis in discipulos Domini.* [2] Mas dizer que Saulo, o qual estava na terra, o perseguia a elle estando no céo? Sim, responde o mesmo Santo Agostinho; porque ainda que o Senhor estava tão distante dos discipulos, quanto vae do céo á terra, estava comtudo tão unido com elles, que os não distinguia de si. Se os distinguira de si, dissera, porque persegues a meus discipulos; mas porque os não distinguia de sua propria pessoa, por isso disse, porque me persegues a mim: *Quid me persequeris?* Bem se encaminhava este Texto a concluir o que eu pretendo provar, se não tivera contra si uma grande replica. Quando no horto vieram prender a Christo os ministros dos Principes dos Sacerdotes, e disseram que buscavam a Jesus Nazareno, apontando o Senhor para os Discipulos que o acompanhavam, disse: *Si ergo me quæritis, sinite hos abire:* [3] Se me buscaes a mim, deixae ir a estes. Agora entra o meu reparo. Pois se Christo no horto faz tão grande distinção de si aos seus discipulos; quando está no céo, porque se não distingue delles? Porque no horto estava ainda presente, no céo estava já ausente: e o primeiro effeito que causou a ausencia em Christo, foi unil-o mais com os mesmos de quem se ausentára. Quando estava presente, Christo e os discipulos eram eu e estes: *Si me quæritis, sinite hos abire:* porém depois que esteve ausente, já não havia eu e estes, senão eu; já não havia porque os persegues a elles, senão a mim: *Quid me persequeris.* E se a ausencia com effeito tão contra-

---

[1] *Act.*, IX, 4.
[2] *Ibid.*, 1.
[3] *Joan.*, XVIII, 8.

rio a si mesma, em vez de dividir, uniu as pessoas, tambem em vez de esfriar, accendeu o amôr.

Depois da Ceia deste dia despediu-se o Divino Mestre amorosamente dos mesmos discipulos, e vendo-os tristes por sua partida, consolou-os com estas palavras: *Expedit vobis, ut ego vadam: si enim non abiero, Paraclitus non veniet ad vos: si autem abiero, mittam eum ad vos:* [1] Discipulos meus, não vos desconsole a minha partida. Ausento-me de vós, mas advirti, que a vós vos convém e importa muito esta mesma ausencia: porque se eu não fôr para o céo, não virá o Espirito Santo; porém se fôr, como vou, eu vol-o mandarei de lá. Todos os theologos concordam, e é sem duvida, que tanto podia vir o Espirito Santo, ausentando-se Christo da terra, como não se ausentando: que consequencia tem logo haver de vir, se Christo se ausentasse, e se fosse para o céo, e não haver de vir, se se não ausentasse? Ninguem ignora que o Espirito Santo essencialmente é amôr, mas em que amôr se viu jámais tal consequencia? Ir-se o amôr quando se vae o amante, essa é a consequencia ordinaria do que cá chamamos amôr; mas haver-se de ir o amante, para que venha o amôr, e não haver de vir o amôr, se não se fôr, e se não se ausentar o amante?! Só na ausencia e no amôr de Christo se acha tal consequencia. Assim o prometteu o Senhor, e assim o cumpriu. Partiu-se, foi-se para o céo; e dentro em poucos dias, ficando lá a Pessoa do amante, veiu cá em Pessoa o seu amôr. Mas como veiu? Não menos intenso, não menos ardente, não menos abrasado que em fórma de fogo. Bem dizia eu logo, que em vez da ausencia lhe esfriar o amôr, o havia de accender mais.

O mesmo Christo o tinha já dito muito tempo antes. Fallava deste fogo de seu amôr, e disse que elle viera pôr fogo á terra, e que nenhuma coisa mais desejava, senão que se accendesse: *Ignem veni mittere in terram, et quid volo, nisi ut accendatur?* [2] Pois se o Senhor desejava tanto que o fogo de seu amôr se accendesse na terra, porque o não accendeu em quanto esteve nella? Porque é propriedade maravilhosa deste

[1] *Joan.*, XVI, 7.
[2] *Luc.*, XII, 49.

fogo divino, aguardar pela ausencia para se accender. As mesmas palavras, se bem se consideram, o dizem: *Ignem veni mittere in terram.* Não diz que veiu para trazer o fogo á terra, senão para o mandar: logo signal era que se havia de ausentar primeiro, e tornar para o céo, donde o mandasse. E isso é o que disse aos Discipulos em proprios termos: *Si autem abiero, mittam eum ad vos.* Se eu me fôr, se eu me ausentar de vós, então vos mandarei o fogo do meu amôr, ou o meu amôr em fogo: para que vejaes quanto vos convém esta minha ausencia: e para que não receeis que ella, como costuma, me haja de esfriar o amôr, porque antes o ha-de entender e accender mais.

O amôr da Magdalena, que ainda era imperfeito, buscava o remedio da vista para se não esfriar: *Quo viso recalesceret:* Porém o amôr perfeitissimo, qual era o do coração de Christo, não depende do vêr para amar; antes quando a ausencia e distancia lhe impedem a vista, então se reconcentra e arde mais. Os olhos são as frestas do coração, por onde respira: e daqui vem, que o coração na presença, em que tem abertos os olhos, por elles evapora e exhala os affectos: porém na ausencia, em que os tem tapados pela distancia, que lhe succede? Assim como o vaso sobre o fogo, que tapado e não tendo por onde respirar, concebe maior calor, e o reconcentra todo em si e talvez rebenta, assim o coração ausente, faltando-lhe a respiração da vista, e não tendo por onde dar sahida ao incendio, recolhe dentro em si toda a força e impeto do amôr, o qual cresce naturalmente, e se accende e adelgaça de sorte, que não cabendo no mesmo coração, rebenta em maiores e mais extraordinarios effeitos.

Tudo o que acabo de dizer, é philosophia não minha, senão do mesmo Christo, e nesta mesma hora, declarando aos mesmos discipulos quaes haviam de ser os effeitos da sua ausencia. Na presença de seu soberano Mestre obravam os discipulos aquellas prodigiosas maravilhas, com que assombravam o mundo, e cuidavam agora entristecidos, que com a ausencia do sol ficariam destituidos de todas estas influencias: mas não ha-de ser assim, diz o Senhor, cada um de vós não só ha-de fazer as mesmas obras que dantes fazia, nem só tão grandes como as minhas, senão ainda maiores, e isto não por outra razão, senão por-

que me ausento: *Opera quæ ego facio, et ipse faciet, et majora horum faciet: quia ego ad Patrem vado.* [1] Esta ultima clausula, *quia ego ad Patrem vado*, é digna de summo reparo. De maneira, Senhor, que porque ides para o Padre, e porque vos ausentaes de vossos discipulos, por isso hão elles de fazer maiores obras que as suas, e maiores tambem que as vossas? Por ventura haveis de ser mais poderoso no céo, ao que ereis na terra? Não: responde o Divino Amante. Não hão-de experimentar esta differença meus discipulos, porque lá hajam de ser maiores as jurisdições do meu poder, senão porque hão-de ser maiores os effeitos do meu amôr. Porque me vou: *Quia vado;* por isso hão-de vêr o que póde comigo a ausencia; e porque vou para tão longe, *ad Patrem*, por isso hão-de vêr o que obram em mim as distancias. Os longes só hão-de servir de mais os favorecer, de mais os honrar, de mais os estimar: porque o meu amôr todo é estimação, e o preço da estimação são os longes: *Procul, et de ultimis finibus pretium ejus.* [2]

Com razão chamei sol a Christo nesta occasião. O propheta chamou-lhe sol de justiça, e eu chamo-lhe sol da ausencia. Quando a lua se mostra opposta ao sol no seu occaso, então está maior e mais cheia, e faz em sua ausencia outro novo dia. Mas donde lhe vem á lua estas enchentes de luz e de resplendores? Sabia e discretamente Apuleo: *Quanto longius abit á sole, tanto largius illuminatur, pari incremento itineris, et luminis.* Quando a lua está mais longe do sol, então se vê mais allumiada, porque tão longe estão os longes do sol de lhe diminuir a luz, que antes á medida da distancia lh'as communica maiores. E se estes são os effeitos, ou os primores do sol, quando se ausenta, quaes serão os daquelle Senhor que creou o sol? Já elle o tinha dito de si pelo propheta Jeremias: *Putas ne Deus é vicino ego sum, et non Deus de longe?* [3] Cuidaes que eu só sou Deus de perto e não Deus de longe? Enganaes-vos. De perto sou Deus, e de longe Deus: antes do modo que póde ser, mais Deus ainda de longe, do que de perto; porque de perto

[1] *Joan*, XIV, 12.
[2] *Prov.*, XXXI, 10.
[3] *Jer.*, XXIII, 23.

mostro a minha presença, e de longe a minha immensidade. Tal o amôr do nosso Deus, ou o nosso Deus do amôr. Aparta-se e ausenta-se de nós nesta hora: *Ut transeat:* a distancia é tão grande, quanto vae da terra ao céo: *Ex hoc mundo ad Patrem:* mas as gages da sua presença não se diminuem, antes crescem: *Pari incremento itineris, et luminis.* Porque quanto são mais remotas as distancias da sua ausencia, tanto são maiores e mais intensos os affectos e effeitos de seu amôr: *Ut transeat ex hoc mundo: in finem dilexit eos.*

V

O terceiro remedio do amôr, é a ingratidão. Assim como os remedios mais efficazes são ordinariamente os mais violentos; assim a ingratidão é o remedio mais sensitivo do amôr, e juntamente o mais effectivo. A virtude que lhe dá tamanha efficacia, se eu bem o considero, é ter este remedio da sua parte a razão. Diminuir o amôr o tempo, esfriar o amôr a ausencia, é semrazão de que todos se queixam; mas que a ingratidão mude o amôr e o converta em aborrecimento, a mesma razão o approva, o persuade, e parece que o manda. Que sentença mais justa, que privar do amôr a um ingrato? O tempo é natureza, a ausencia póde ser força, a ingratidão sempre é delicto. Se ponderarmos os effeitos de cada um destes contrarios, acharemos que a ingratidão é o mais forte. O tempo tira ao amôr a novidade, a ausencia tira-lhe a communicação, a ingratidão tira-lhe o motivo. De sorte, que o amigo por ser antigo, ou por estar ausente, não perde o merecimento de ser amado: se o deixamos de amar, não é culpa sua, é injustiça nossa; porém se foi ingrato, não só ficou indigno do mais tibio amôr, mas merecedor de todo o odio. Finalmente, o tempo e a ausencia combatem o amôr pela memoria, a ingratidão pelo entendimento e pela vontade. E ferido o amôr no cerebro, e ferido no coração, como póde viver? O exemplo que temos para justificar esta razão, ainda é maior que os passados.

O primeiro ingrato depois de Adão, foi Caïn: ingrato a Deus, ingrato aos pais, ingrato ao irmão e a toda a natureza ingrato. Matou a Abel, e morto elle,

parece que ficava segura a ingratidão de ter a correspondencia que merecia no coração offendido; mas vêde o que diz Deus ao mesmo Caïn: *Vox sanguinis fratris tui clamat ad me de terra:* [1] A voz do sangue de teu irmão desde a terra, onde o derramaste, está clamando a mim, e pedindo vingança. Notavel caso! Tres razões acho em Abel, que desafinam muito nos meus ouvidos estas suas vozes. Ser irmão, ser santo, e ser morto. Se era morto, como brada? Onde está a insensibilidade da morte? Se era santo, como não perdôa? Onde está o soffrimento da virtude? Se era irmão, como pede vingança? Onde está o affecto da natureza? Aqui vereis quão poderosa é a ingratidão para trocar em aborrecimento ainda o mais bem fundado amôr. Aonde achará amôr um ingrato, se nem em um irmão achou piedade, nem em um santo perdão, nem em um morto silencio? E' tão justa, e tão certa paga da ingratidão o aborrecimento, que porque houve um ingrato homicida, houve logo um aborrecimento resuscitado. E se a ingratidão resuscita o aborrecimento até nos mortos, como achará amôr nos vivos?

A natureza e a arte curam contrarios com contrarios. Sendo pois a ingratidão o maior contrario do amôr, quem duvida que este terceiro remedio seria tambem o ultimo e o mais presente e efficaz, ou para extinguir de todo, ou, quando menos, para mitigar o amôr de Christo? Assim o ensinam os aphorismos da arte, assim o confirmam as experiencias da natureza; mas não foi assim. E' a ingratidão com o amôr como o vento com o fogo: se o fogo é pequeno, apaga-o o vento; se é grande, accende-o mais. Mais offendido foi Christo que Abel, maiores ingratidões usaram com elle os homens, que a de Caïn: mas nenhuma, nem todas juntas, foram bastante para lhe remittirem um ponto o amôr, nem vivo, nem morto: *Cum dilexisset, qui erant in mundo, in finem dilexit eos.* Aquellas palavras: *qui erant in mundo:* os seus que estavam no mundo, parecem superfluas, e que antes limitam, do que encarecem o amôr. Christo Senhor e Redemptor nosso, como Senhor e Redemptor de todos os homens, não só amou aos que estavam no

[1] *Gen.*, IV, 10.

mundo, senão tambem aos que não estavam. Não só amou os presentes, senão os passados e os futuros; porque por todos os que eram, foram e haviam de ser, deu o preço de seu sangue. Fez porém expressa menção o Evangelista só dos presentes, e dos que então estavam no mundo: *Suos qui erant in mundo;* porque estes foram os mais ingratos. Os futuros ainda não eram, os passados, pela maior parte, não conheceram a Christo: os presentes conheceram-no, ouviram sua doutrina, viram seus milagres, receberam seus beneficios: e como lhe pagaram? Deixando-o, negando-o, vendendo-o, crucificando-o. Póde haver correspondencias mais desiguaes, mais contrarias, mais ingratas? Não póde. Mas não podendo as ingratidões ser maiores, tiveram tão pouco poder contra o amôr de Christo, que (assim como dissemos dos outros remedios) em vez de as ingratidões o diminuirem, o acrescentaram; e em vez de serem remedio para aborrecer, foram motivo para mais amar.

Quando os filhos de Israël caminhavam pelo deserto para a Terra da Promissão, acompanhava-os milagrosamente uma penha, da qual sahiam ribeiras de agua tambem successiva, com que o povo matava a sede. Falla deste milagre S. Paulo, e diz assim: *Bibebant de consequente eos petra, petra autem erat Christus:* [1] Bebiam da pedra que os seguia, e esta pedra era Christo. Se fôra no passo em que estamos, não era muito que Christo se convertesse em pedra, porque não ha coisa que tanto seque e endureça como a ingratidão. Mas que achou S. Paulo nesta pedra milagrosa, para dizer que era Christo? O mesmo Texto, que conta a historia, nol-o dirá: *Percutiens virga bis silicem, egressæ sunt aquæ largissimæ.* [2] Aquella pedra era pederneira: *silicem:* feriu-a Moysés duas vezes com a vara: *Percutiens virga bis silicem;* e o que a pedra ferida brotou de si, foi grande copia de agua: *Egressæ sunt aquæ largissimæ.* Daqui tirou a sua consequencia o Apostolo. O natural da pederneira, quando lhe dão golpes, é lançar de si faiscas de fogo: e pedra (diz S. Paulo) que ferida uma e outra vez, em vez de responder com fogo, se desfaz em

[1] *1.ª ad Corinth.*, x, 4.
[2] *Num.*, xx, 11.

agua, esta pedra não era pedra, era Christo: *Petra autem erat Christus.* Ponhamo-nos agora com o pensamento no Cenaculo de Jérusalem, e veremos este mesmo milagre não só repetido, mas verificado. Dois golpes deram hoje naquella pedra divina: com dois golpes feriram hoje o coração de Christo dois homens de quem elle devêra esperar e a quem merecia bem differente tratamento. Um golpe lhe deu Judas, que o vendeu; outro golpe lhe deu Pedro, que o negou. E que aconteceu? O' milagre de amôr verdadeiramente divino! Em logar de sahir da pedra fogo, sahiu agua: *Egressæ sunt aquæ largissimæ:* Em logar de sahir fogo (castigo proprio de infieis) com que os abrazasse, o que sahiu foi agua, com que por suas proprias mãos lhes lavou os pés: *Mittit aquam in pelvim, et cœpit lavare pedes discipulorum.* [1]

Notae agora, e notae muito, que lavando o Senhor os pés a todos os discipulos, só de Judas e de Pedro faz menção neste acto o Evangelista. De Judas: *Cum diabolus jam misisset in cor, ut traderet eum Judas: surgit á cœna, et ponit vestimenta sua:* [2] de Pedro: *Misit aquam in pelvim, et cœpit lavare pedes discipulorum: venit ergo ad Simonem Petrum.* [3] Pois, Senhor, vós que tudo sabeis, e estaes vendo; vós os pés de Judas? Vós os pés de Pedro? Não são os pés de Pedro aquelles pés covardes que vos hão-de seguir de longe? Não são os pés de Pedro aquelles pés desleaes, que o hão-de levar ao paço, onde vos ha-de negar tres vezes? Os pés de Judas não são aquelles pés infieis, que deste mesmo logar hão-de partir a vender-vos? Os pés de Judas não são aquelles pés traidores, que hão-de guiar vossos inimigos a vos prender no Horto? Pois diante de pés tão indignos estaes vós prostrado de joelhos? Estes pés lavaes com vossas proprias mãos, e com a agua, que sobre essa agua estão derramando vossos olhos? Sim: que não foreis vós, Deus e Senhor meu, quem sois, nem o vosso amôr fôra amôr, nem fôra vosso, se o poderam mudar ingratidões, ou diminuir aggravos. Porque nesses dois homens andou a ingratidão mais refinada, por isso

[1] *Joan.*, XIII, 5.
[2] *Ibid.*, 2 e 4.
[3] *Ibid.*, 5 e 6.

com elles se mostra o vosso amôr mais fino. E não só mais fino no acto do lavatorio dos pés, que foi commum a todos os discipulos, senão mais fino tambem nos favores particulares, com que a estes dois mais ingratos singularisou entre todos vosso amôr.

Se bem repararmos, antes e depois da morte de Christo, acharemos que o mais favorecido na Ceia foi Judas, e o mais favorecido na Resurreição foi Pedro. Na Ceia todos os discipulos comeram egualmente, e só a Judas fez o Senhor um mimo particular: *Et cum intinxisset panem, dedit Judæ.* [1] Na Resurreição a todos egualmente mandou a nova, e só a Pedro nomeou em particular: *Dicite discipulis ejus, et Petro.* [2] E porque só a Judas, e só a Pedro estes favores particulares? Porque só Judas e só Pedro tiveram particularidade na ingratidão. Na Ceia o que mais offendeu a Christo foi Judas: na Paixão o que mais o offendeu foi Pedro. E como o amôr de Christo das maiores ingratidões faz motivos de mais amar, foram estes dois os mais favorecidos, porque foram estes dois os mais ingratos. Se o amôr de Christo fôra como o nosso, haviam de ser as ingratidões motivos de aborrecer; mas como o seu amôr era o seu, foram incentivos de mais amar, e razões sobre toda a razão de mais bem fazer.

Ora eu buscando a causa destes contrarios effeitos (que todos creio desejam saber), e philosophando sobre a differença delles, acho que toda procedia da calidade singular do coração de Christo. Era tal a calidade daquelle soberanissimo coração, que mettidas nelle as ingratidões dos homens, e estiladas com o fogo do seu amôr, o estilado das mesmas ingratidões vinham a ser favores e beneficios. O mesmo Christo se queixava por bocca de David, de que semeando beneficios nos corações dos homens, de grandes beneficios colhia maiores ingratidões: porém o seu amôr (que é o que agora digo) estilando essas mesmas ingratidões dentro no coração, de grandissimas ingratidões tirava maiores beneficios. Já o vimos nos exemplos de Christo vivo, e de Christo resuscitado, vejamol-o agora com maior assombro no de Christo morto.

---

[1] *Joan*, XIII, 26.
[2] *Marc.*, XVI, 7.

Morto o Redemptor na cruz, abriram-lhe com uma lança o peito, e sahiu delle sangue e agua: *Exivit sanguis, et aqua.* [1] Mas que sangue foi este em um corpo que o tinha derramado todo, e que agua em um morto morto á sêde? Nem a agua nem o sangue eram o que tinham sido. S. Cyrillo Jerosolimitano, diz que o sangue, fôra o sangue que tomaram sobre si os que procuraram a morte do Senhor: *Sanguis ejus super nos.* [2] E que a agua, fôra a agua com que Pilatos lavou as mãos, quando o condemnou ou entregou á morte: *Aqua lavit manus coram populo.* [3] As palavras do Santo são breves, mas expressas: *Erant hæc duo de latere, judicanti aqua, clamantibus verò sanguis.* E como esta injustiça foi tão impia e barbara, e a ingratidão tão deshumana e tão atroz, não é muito que o Senhor a sentisse como merecia, e que (ao modo que se diz da agua do diluvio: *Tactus dolore cordis intrinsecus)* [4] a mesma agua e o mesmo sangue lhe chegassem ao coração, e se conservassem nelle até á morte. Isto é o que tinham sido aquelle sangue, e aquella agua, quando entraram no coração de Christo. E quando sahiram, que foram? Tertulliano, S. Chrysostomo, Santo Agostinho, e o commum sentir dos Padres, concordam em que o sangue era o Sacramento da Eucharistia, e a agua o Sacramento do Baptismo, dos quaes se formou a Igreja sahindo do lado de Christo, como Eva do lado de Adão. Deixo as auctoridades, porque são sabidas. Pois se este sangue e esta agua, quando entraram no coração de Christo, foram os dois instrumentos de sua morte; como agora quando sáem do mesmo coração, são os dois elementos de nossa vida? Porque esta é a qualidade soberana do coração de Christo, e assim se mudam e trocam nelle as ingratidões dos homens. Os aggravos se trocam em beneficios, as injustiças em misericordias, os sacrilegios em Sacramentos, e o consummado da ingratidão no estylado do amôr: *Contumelia invertitur*, disse Theofilacto.

Mas qual foi o motivo que teve o mesmo amôr para

[1] *Joan*, XIX, 34.
[2] *Math.*, XXVII, 25.
[3] *Ibid.*, 24.
[4] *Gen.*, VI, 6.

sahir com este prodigio? Foi por ventura a fé do Centurião, que reconhecendo a divindade do crucificado, confessou publicamente que era Filho de Deus: *Verè Filius Dei erat iste?* [1] Foi por ventura a contrição e penitencia dos que tornavam do Calvario para Jérusalem, batendo nos peitos: *Percutientes pectora sua, revertebantur?* [2] Não. O motivo que tomou o amôr para converter nos dois maiores beneficios as duas maiores ingratidões, foi outra ingratidão maior que todas. A maior de todas as ingratidões que os homens usaram com Christo, é sem controversia que foi a lançada. Porque as outras foram commettidas contra Christo vivo, e a lançada não só contra Christo morto, mas morto pela salvação dos mesmos homens, que assim lhe pagaram o morrer por elles. Por isso o mesmo Senhor naquelle Psalmo em que se referem todos os tormentos da Paixão, só da lançada pediu a Deus o livrasse: *Erue á framea Deus animam meam.* [3] Não pela dôr que houvesse de sentir o corpo, que já estava morto, mas pelo horror que já lhe feria e penetrava a alma na apprehensão de uma atrocidade tão feia e tão ingrata. E essa foi a razão porque não disse que lhe livrasse da lança o seu corpo, senão nomeadamente a sua alma: *Erue á framea animam meam Deus.* Sendo pois esta a mais cruel e deshumana ingratidão que jámais se commetteu, nem podia commetter no mundo, que não só a convertesse o coração de Christo no maior e mais consummado beneficio; mas que esperasse com o peito fechado, até que a lança, como diz S. Chrysostomo, fosse a chave que lh'o abrisse, porque pela mesma ferida nos communicasse sem nenhuma reserva os ultimos thesouros de sua graça? Não ha duvida, que assim como da parte da ingratidão foi o maior excesso a que podia chegar a fereza humana, assim da parte do amôr foi o maior extremo com que a podia corresponder a benignidade divina. E se este é o modo com que Christo vinga os aggravos, e esta a moeda com que paga as ingratidões, como podia sarar o seu amôr com este remedio, ou deixar de amar os seus, por mais que lhe fossem ingratos: *Suos qui erant in mundo, in finem dilexit eos?*

---

[1] *Math.*, XXVII, 54.
[2] *Luc.*, XXIII, 48.
[3] *Psalm.* XXI, 21.

VI

Não havendo aproveitado até agora, nem o remedio natural do tempo, nem o artificial da ausencia, nem o violento da ingratidão, antes tendo mostrado a experiencia, que com os remedios cresce a enfermidade, e com os contrarios se augmenta, como já disse Ricardo Victorino: *Quia amoris incendium ex alterutra contradictione magis exæstuat:* [1] tambem eu parára aqui, e deixára de applicar ou explicar o quarto remedio, se elle não fôra tão poderoso e superior na efficacia a todos, que sobre a maior desconfiança póde dar esperanças da melhoria.

E' pois o quarto e ultimo remedio do amôr, e com o qual ninguem deixou de sarar, o melhorar de objecto. Dizem que um amôr com outro se paga, e mais certo é, que um amôr com outro se apaga. Assim como dois contrarios em gráu intenso não pódem estar juntos em um sujeito; assim no mesmo coração não pódem caber dois amôres; porque o amôr que não é intenso, não é amôr. Ora grande coisa deve de ser o amôr, pois sendo assim, que não bastam a encher um coração mil mundos, não cabem em um coração dois amôres. Daqui vem, que se acaso se encontram e pleiteiam sobre o logar, sempre fica a victoria pelo melhor objecto. E' o amôr entre os affectos, como a luz entre as calidades. Cummummente se diz, que o maior contrario da luz são as trevas, e não é assim. O maior contrario de uma luz, é outra luz maior. As estrellas no meio das trevas luzem, e resplandecem mais; mas em apparecendo o sol, que é luz maior, desapparecem as estrellas. Grande luz era o Baptista antes de vir Christo ao mundo: appareceu Christo, que era a verdadeira luz: *Erat lux vera, quæ illuminat omnem hominem:* [2] E que lhe succedeu ao Baptista? Logo deixou de ser luz: *Non erat ille lux.* [3] O mesmo lhe succede ao amôr, por grande e estremado que seja. Em apparecendo o maior e melhor objecto, logo se desamou o menor.

---

[1] Rich. Vict. Tract. de 4 grad. violet. charit.
[2] *Joan.*, I, 9.
[3] *Ibid.*, 8.

Entre as injustiças que el-rei Saül commetteu contar David, a mais sensivel, e a mais sentida delle, foi negar-lhe a princeza Michol, que era o preço da victoria do gigante: e não só negar-lh'a, que fôra menor injuria, senão dal-a a seu despeito a Faltiel. Dissimulou esta dôr David, até que se viu com a corôa de Israël na cabeça: e a primeira coisa que fez, ou a primeira condição com que aceitou a mesma corôa, foi que Michol lhe fosse logo restituida (Soffriam-se estes cambios na moeda corrente daquelles tempos). Conta o caso a Escriptura, e refere uma circumstancia muito digna de reparo: *Misit ergo Isboseth, et tulit eam á viro suo Phaltiel: sequebaturque eam vir suus, plorans usque Bahurim.* [1] Quer dizer: que mandou Isboseth, filho de Saül, tirar a Faltiel sua mulher Michol, e que elle a acompanhou chorando até o logar onde se havia de entregar: e não diz mais. O que agora noto, é que neste apartamento chorasse Faltiel, e não chorasse Michol. Para Michol chorar, bastava vêr chorar a Faltiel: e quando não bastasse, concorriam nella outras duas razões naturaes, não só para chorar, senão para chorar mais. A primeira, porque nas despedidas costumam enternecer-se mais os que se vão, que os que ficam. Assim o temos por exemplo em David, quando se apartou de Jonathas: *Fleverunt pariter, David autem amplius.* [2] A segunda por ser Michol mulher, e mulher que se apartava de seu marido, segundo aquella regra da natureza: *Uxor amans flentem, flens acrius ipsa tenebat.* [3] Pois se Michol nesta occasião tinha tantas razões de chorar, e se apartava de Faltiel, e se apartava para sempre (que era outra nova razão), porque não chorou nem uma só lagrima? Não chorou, porque já não amava, e não amava, porque melhorou de objecto. Faltiel chorava, porque perdia a Michol, e Michol não chorava, porque trocava a Faltiel por David. Em quanto Michol vivia com Faltiel, não podemos duvidar que o amasse, porque Michol era princeza, e o amôr era obrigação; porém tanto que lhe fallaram nas bodas de el-rei David, mudou logo de affeição, porque melhorou de objecto.

---

[1] *2.º Livr. dos Reis*, III,15 e 16.
[2] *1.º Livr. dos Reis*, XX, 41.
[3] *Ovid.*

E se a melhoria do objecto é tão poderoso e efficaz remedio para mudar de amôr; não digo eu quão poderoso seria, senão quão omnipotente no nosso caso, em que a differença, ou a competencia, não era de homem a homem, senão de homens a Deus: nem de Faltiel a David, senão de Pedro e João ao Eterno Padre: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem.* Comparae-me o Creador do céo e da terra, com os pescadores de Tiberiades; o adorado dos anjos com os desprezados do mundo; o infinito, o immenso, o incomprehensivel, o que só é e dá o ser a tudo, com os que verdadeiramente eram nada, como somos todos; e vereis quão temeraria esperança seria, e quão louco pensamento o de quem cuidasse que á vista de tal objecto podia ter logar, não digo o amôr, mas nem a memoria dos homens. Comtudo, o Evangelista, depois de referir esta differença, e de ponderar a mesma desigualdade, dizendo: *Ex hoc mundo ad Patrem;* ainda persiste em affirmar, que os homens foram não só amantes, senão os amados: *In finem dilexit eos.* Cuidava eu, e tinha infinita razão para cuidar e para crêr, que quando o Evangelista disse que Christo se partia para o Padre: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem;* o que havia de continuar a dizer em boa consequencia, era: *In finem dilexit eum.* Em quanto esteve no mundo, amou aos homens: *Cum dilexisset suos qui erant in mundo;* porém no fim em que se partiu do mundo para o Padre: *Ex hoc mundo ad Patrem;* então com a mudança e melhoria do objecto, e tal objecto, tambem mudou e melhorou de amôr, e não os amou a elles, senão a elle: *In finem dilexit eum.* Assim o cuidava eu, e sem injuria nem aggravo do amôr dos homens: mas o Evangelista fallando da despedida dos homens, e da partida para o Padre, o que diz com assombro da razão, e pasmo do nosso mesmo juizo, e que o Padre foi o fim da jornada, porém os homens o fim do amôr. O Padre o fim da jornada: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem:* e os homens o fim do amôr: *In finem dilexit eos.*

Assim o disse S. João, e assim o dizem todas as palavras e acções do amorosissimo Senhor nesta mesma hora da sua partida. Viu tristes o divino Mestre aos Discipulos, como era justo que estivessem em tal occasião, e tão preciosa: e estranhando-lhes a tristeza, disse: *Si diligeretis me, gauderetis utique, quia*

vado ad Patrem, quia Pater major me est. [1] Se vós, discipulos meus, me amáreis, havieis-vos de alegrar com a minha ida, porque vou para meu Padre, que é maior que eu. Parece que da tristeza neste caso não se inferia bem o não amar. Antes, Senhor, porque os discipulos vos amam, por isso sentem vossa partida, e os entristece vossa ausencia? Não: diz o divino Mestre: já eu lhes disse, e dei por razão, que o Padre, para onde vou, é maior que eu: *Quia Pater major me est.* E sendo a minha partida para melhorar tanto de estado e de objecto; se elles me amaram verdadeira e desinteressadamente, haviam de poder mais as minhas melhoras para os alegrar, que a minha ausencia para os entristecer. Assim é em lei de perfeito amôr. Mas pouco depois de o mesmo Senhor ensinar e seguir este alto dictame, chega ao Horto, despede-se ultimamente dos mesmos discipulos, e foi tal o extremo da sua tristeza, que sem encarecimento lhes disse, que era bastante a lhe tirar a vida: *Tristis est anima mea usque ad mortem.* [2] Pois se os discipulos se haviam de alegrar nesta despedida, porque seu Mestre e Senhor vae para o Padre, porque se não alegra tambem o mesmo Senhor, antes se entristece com tal extremo? Não vae para o Padre, que é maior? Sim. Não vae para melhorar tanto de estado, e de objecto? Sim. Pois porque não são bastantes estas melhoras para o alegrar, e basta a ausencia dos homens para o entristecer? Por isso mesmo, e pela mesma regra do verdadeiro amôr. Poder mais a minha ausencia para entristecer os discipulos, do que as minhas melhoras para os alegrar, é amarem-se elles a si; mas poderem menos as minhas melhoras para me alegrar, do que a sua ausencia para me entristecer, é amal-os eu a elles. O que nelles é tristeza, para ser amôr, havia de ser alegria: e o que em mim parece que havia de ser alegria, porque é amôr, é tristeza. E sendo estes dois affectos de alegria e tristeza tão contrarios entre si, e os objectos de um e outro tão infinitamente desproporcionados, quanto vae do Padre aos homens; que á vista de uma razão tão immensa de alegria, tenha ainda logar e pezo a tristeza; e que

[1] *Joan*, XIV, 28.
[2] *Math.*, XXVI, 38.

no gosto e alvoroços de ir ao Padre, se não afogue, como em um mar ou diluvio, o sentimento de deixar os homens? Só no coração immudavel de um homem Deus se podia achar tal constancia, e só no seu amôr tal firmeza.

Mas apertemos bem o ponto e o Texto em todo o rigor de theologia. A alma de Christo Senhor nosso, nesta vida, e desde o instante de sua encarnação, sempre viu a Deus, e sempre foi summamente bemaventurada, sem haver momento algum em que deixasse de o ser. Como podia logo a mesma alma, e no mesmo tempo estar triste, e com tanto extremo triste: *Tristis est anima mea usque ad mortem?* Os theologos com Santo Thomaz, declarando como isto podia ser, distinguem na alma, posto que não tenha partes, uma como parte superior, que é a intellectual; e outra inferior, que é a sensitiva. E deste modo dividida de si para comsigo a mesma alma de Christo, no mesmo tempo podia estar (e estava) alegre e triste juntamente: alegre na parte superior, e summamente alegre como bemaventurada: e triste na parte inferior, e summamente triste, como tão desconsolada e affligida. Vistes o ar coberto, e cerrado de nuvens grossas e espessas, que rebatem os raios do sol totalmente, e não deixam logar á luz, a que se nos communique? Neste caso a parte superior do mesmo ar, e que olha para o céo, está toda clara e alegre: e a parte inferior que cerca a terra, toda escura e triste, e não em diversos tempos, senão no mesmo. Pois da mesma maneira, e no mesmo tempo a alma de Christo, pela parte superior, como gloriosa, estava summamente alegre, e pela parte inferior, como affligida, e tão affligida, summamente triste.

Estes são os affectos e effeitos contrarios, que couberam na alma de Christo Senhor nosso, em quanto comprehensor e viador juntamente: e os mesmos ajuntou o amôr na mesma alma de Christo, só em quanto viador, não sei se com maior milagre. O partir para o Padre, e o apartar-se dos homens, ambos foram actos de viador; e sendo os objectos tão infinitamente diversos e desiguaes, para que a melhoria do primeiro não eclipsasse os effeitos do segundo, que fez o amôr? Ou partiu a alma do amante, que se partia, dando uma parte ao Padre, outra aos homens: ou a deu toda aos homens, e toda ao Padre, sem a partir; toda ale-

gre, porque ia para elle; e toda triste, porque nos deixava a nós. Lá disse a subtileza saudosa de Santo Agostinho no apartamento de um seu amigo, que só lhe ficára ametade da alma, e a outra ametade se partira com elle; e que vendo-se assim meio vivo, e meio morto, tinha horror de si mesmo. Mas deste dito ou encarecimento, se retratou depois o mesmo Santo Agostinho, e com razão; porque só do amôr de Christo, e de quando se apartou dos seus amados, se podia dizer ou considerar com verdade. Assim o mostrou a experiencia na mesma hora em que declarou aos discipulos a tristeza da sua alma.

Apartou-se o Senhor delles para orar ao Padre, sempre com o mesmo nome de Padre na bocca: *Abbá, Pater:* [1] e notam os Evangelistas, que tres vezes orou, e tres vezes veiu buscar os discipulos: *Iterum abiit, et oravit tertió;* diz S. Matheus: [2] *Et venit tertió, et ait illis;* diz S. Marcos. [3] De sorte que andava o Senhor no mesmo tempo da oração, vindo do Padre para os discipulos, e indo dos discipulos para o Padre, e tantas vezes dos discipulos para o Padre, como do Padre para os discipulos. Agora conheço. Amante divino, com quanta razão duvidei se o vosso amôr vos dividira a alma entre o Padre e os homens, ou a déra toda a elle, e toda a elles. Quando vos vejo ir para o Padre tres vezes, e tornar para os homens tres vezes, não só me parece que está dividida a vossa alma, mas dividida, que é mais, em partes eguaes. Porém quando oiço o sentimento do que dizeis em uma parte, e a dôr do que estranhaes na outra, não posso duvidar, que fallaes com toda a alma, e que toda a leva o vosso amôr, quando ides, e toda a traz quando tornaes. Mas como póde ser que seja toda e a mesma, sendo os caminhos tão diversos, e os termos tão oppostos? Quando vos apartastes dos discipulos para orar ao Padre, diz S. Lucas, que a distancia foi um tiro de pedra: *Quantum jactus est lapidis:* [4] E se vissemos que uma pedra por si mesma já subia para cima, e já tornava para baixo, que diriamos? Funda-

[1] *Marc.*, XIV, 36.
[2] *Math.*, XXVI, 44.
[3] *Luc.*, XXII, 41.
[4] *Marc.*, XIV, 41.

mento tinhamos para dizer, que esta pedra tinha dois centros. Quereis logo, Amante divino, ou daes-nos licença para que cuidemos e digamos o mesmo de vós? Quando ides para o Padre, diremos que um centro vosso é o Padre: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem.* E quando vindes para os homens, diremos que outro centro tambem vosso são os homens: *In finem dilexit eos.*

Não sei se me atreva a dizer tanto, só digo, que tão pouco como isto obrou, e tão pouco póde a melhoria do objecto para mudar ou diminuir o amôr de Christo. E para que concluamos este discurso, como os outros, com effeito contrario; acrescento, que sem embargo de ser o Padre tão infinitamente maior e melhor objecto, tão fóra esteve o objecto de render e levar a si o amôr, que antes o amôr rendeu e levou a si o objecto. E de que modo? Fazendo que o mesmo Padre, que havia de ser o objecto só amado, fosse elle tambem amante dos homens. E quando os homens parece que haviam de perder o amôr do Filho, que se partia, não só conservaram inteiro o amôr do mesmo Filho, mas adquiriram de novo o amôr do Padre. Ouvi, e pasmae. O amôr com que o Padre e o Filho se amam, é de tal qualidade, que assim como são a mesma coisa por natureza, são tambem a mesma coisa por amôr. E quando o Filho se partiu dos homens para o Padre, que succedeu? Cresceu esta mesma união de amôr, e se multiplicou de tal sorte, que não só Christo, e o Padre entre si, senão Christo, o Padre, e os homens todos ficaram a mesma coisa. Nem crêr, nem imaginar se pudéra tal extremo de união, se o mesmo Christo o não declarára, como declarou na mesma hora. Despedindo-se o Senhor dos discipulos, estando ainda á meza depois da sagrada Ceia, fez esta oração a seu Padre: *Non pro eis rogo tantum, sed et pro eis, qui credituri sunt per verbum eorum in me, ut omnes unum sint, sicut tu Pater in me, et ego in te, ut et ipsi in nobis unum sint.* [1] Quer dizer: não só vos rogo, Pai meu, por estes poucos discipulos que tenho presentes, senão por todos aquelles, que por meio da sua doutrina hão-de crêr em mim (que são todos os christãos), e o que

[1] *Joan.*, XVII, 20 e 21.

vos peço, é, que assim como nós por união de amôr somos uma mesma coisa, vós em mim, e eu em vós; assim elles em vós, e em mim sejam tambem uma coisa pela mesma união. Quem não pasma, tendo ouvido taes palavras, ou não tem juizo, ou não tem fé. E porque não parecesse que esta união de amôr era só pedida por Christo, em duvida de o Padre a conceder, ou não; o mesmo Senhor testificou logo, que elle em nome seu, e no do Padre, a tinha já concedido aos homens: *Et ego claritatem, quam dedisti mihi, dedi eis, ut sint unum, sicut et nos unum sumus. Ego in eis, et tu in me, ut sint consummati in unum.* [1] Um e outro Texto é tão claro, que não ha mister commento; mas para maior satisfação de todos, quero que oiçaes o do doutissimo Maldonado, cuja auctoridade sabem quão singular é, todos os que lêem as Escripturas: *Sensus est* (diz elle) *ea ratione fieri, ut cum Pater in Christo unum sit, et Christus unum cum discipulis; et discipuli unum cum Patre, idest, cum Deo sint, qua unitate nulla potest esse major.*

O' se alcançassemos a comprehender, quão alto, quão divino, quão inestimavel foi este ultimo e supremo invento do amôr de Christo, o qual antes de se obrar, excedia toda a imaginação: e depois de obrado excede toda a capacidade humana! O Padre no Filho, o Filho no Padre, o Padre e o Filho no homem, e o homem no Padre e no Filho, com uma trindade de Pessoas, e uma unidade de amôr tão perfeito, que o mesmo Christo lhe chamou consummada: *Ego in eis, et tu in me, ut sint consummati in unum.* Mas até os mesmos Apostolos então não poderam comprehender tal extremo de união e amôr, e por isso lhes disse o mesmo Christo, que depois de alumiados pelo Espirito Santo o conheceriam: *In illo die vos cognoscetis, quia ego sum in Patre meo, et vos in me, et ego in vobis.* [2] Fique logo, por ultima conclusão, que mal podia a melhoria do objecto mudar o amôr de Christo para com os homens, pois em vez de o mudar nesta mesma partida para o Padre, o melhorou de maneira, que até o mesmo amôr com que Christo

---

[1] *Joan.*, 22 e 23.
[2] *Ibid.*, XIV, 20.

ama ao Padre, e o amôr com que o Padre ama a Christo, se uniram em um amôr, para mais e mais os amar: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem; in finem dilexit eos.*

VII

Eis aqui, Fieis, como nenhum dos remedios que costumam acabar ou diminuir o amôr, nenhum dos contrarios que o costumam contrastar e vencer, foi bastante para que o intensissimo amôr com que Jesus nos amou e ama, não digo se esfriasse ou enfraquecesse, mas se remittisse um ponto; servindo só o poder dos remedios para mais o accender, e a força dos contrarios para mais fortemente os triumphar: venceu o seu amôr o tempo, venceu a ausencia, venceu a ingratidão, e até da melhoria de um tão incomparavel objecto não pôde ser vencido. Julgue agora a nossa obrigação, se quando se rendem ao mesmo amôr todos os contrarios, será justo que lhe resistam os seus; e se na hora em que morre de amôr sem remedio o mesmo Amante, será bem que lhe faltem os corações daquelles por quem morre? Amemos a quem tanto nos amou, e não haja contrario tão poderoso, que nos vença, para que não perseveremos em seu amôr. Se elle nos amou por toda uma eternidade, porque o não amaremos nós por tão poucos dias, e tão breves, como são os da nossa vida? Aprenda a fraqueza da nossa virtude ao menos da constancia de nossos vicios: e pois não basta o tempo a nos mudar dos peccados, não baste tão facilmente a nos mudar do arrependimento delles. Não tem o nosso amôr o contrario da ausencia que vencer; porque sempre temos ao mesmo Christo, em quanto Deus e em quanto homem, presente: e se a sua presença se não deixa vêr de nossos olhos, não seja motivo de diminuir o amôr, o que foi traça de acrescentar as saudades. Lembremo-nos todas as horas de quem hoje a esta hora se nos deu todo a si mesmo, e ámanhã antes desta hora estará morrendo por nós em uma cruz. Elle de tantas ingratidões fez motivos de mais nos amar, e nós porque o não faremos de tantos e tão immensos beneficios? Que nos fez um tão bom Senhor para o offendermos? O' que ingratidão tão deshumana! O' que ingratidão

tão indigna de féras, quanto mais de creaturas com uso de razão! A quem te creou, a quem te remiu, a quem tanto te amou, não amas? A quem te comprou com o sangue o céo, e te tirou do inferno, quantas vezes o offendeste, tens ainda coração para o tornar a offender? Que amamos, christãos, se não amamos a Jesus? Que objecto mais digno de ser amado? Que objecto que compita com elle, não digo na egualdade, senão na similhança? Toda a outra formosura em comparação da sua, não é fealdade? Toda a outra grandeza não é vileza? E todo o outro nome de bem, não é mentira? Indignamo-nos dos que trocaram a Christo por um malfeitor, e do que o vendeu por tão vil preço; e será bem que nós o troquemos e vendamos ainda mais vil e affrontosamente?

Ah, Senhor, que só o vosso amôr, que não teve remedio, póde ser o remedio das loucuras do nosso. Remediae tantas cegueiras, remediae tantos desatinos, remediae tantas perdições. E pelo amôr com que nos amastes no fim, tenha hoje fim todo o amôr que não é vosso. Esta é, amoroso Jesus, esta é só a mercê, que por despedida vos pedimos nesta ultima hora vossa. Lembrae-vos, Enfermo divino, que estaes nos ultimos trances da vida. Não vos esqueçaes de nós em vosso testamento. O legado que esperamos de vossa liberalidade como criados, e a esmola que pedimos a vossa misericordia como pobres, é que nos deixeis, pois nos deixaes alguma parte do vosso amôr. Ámanhã vos hão-de partir o coração: reparti delle comnosco, para que de todo o coração vos amemos. O' quanto nos peza nesta hora, e para sempre, de vos não ter amado como deviamos! Nunca mais, Senhor, nunca mais! Só a vós havemos de amar de hoje em diante; e posto que em vós concorram tantos motivos de amôr, e tão soberanos, só a vós, e por serdes quem sois. Assim o promettemos firmemente a vosso amôr, e assim o confiamos de vossa graça, e só para que vos amemos eternamente na gloria.

SERMÃO

DO

MANDATO *

Prégado em Lisboa, na Capella Real,
no Anno de 1645

Sciens Jesus quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo ad Patrem, cum dilexisset suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos. [1]

I

Considerando eu com alguma attenção os termos tão singulares deste amoroso Evangelho, e ponderando a harmonia e correspondencia de todo seu discurso, tantas vezes e por tão engenhosos modos deduzido: vim a reparar finalmente (não sei se com tanta razão como novidade) que o principal intento do Evangelho foi mostrar a sciencia de Christo, e o principal intento de Christo mostrar a ignorancia dos homens.

Sabia Christo (diz S. João) que era chegada a sua hora de passar deste mundo ao Padre: *Sciens quia*

---

* Commentando este sermão, diz o padre Honorati, que elle está dividido em dois pontos não parallelos, mas subordinados de maneira que o primeiro serve de degrau para o segundo. Só o desenvolvimento do primeiro ponto podia dar largo campo a todo o discurso com unidade e divisão d'assumpto muito bem deduzidas e conformes aos preceitos da oratoria. Comtudo o alto engenho de Vieira não se contentou com isto e remontou-se com vôo mais sublime a novos encarecimentos do mesmo assumpto, considerando-o sob outro aspecto. Parece, porém, que n'esta segunda parte podia ser mais pratico e popular, como o está pedindo o seu thema.

[1] *Joan*, XIII.

venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo ad Patrem. [1] Sabia que tinha depositados em sua mão os thesouros da omnipotencia, e que de Deus viera e para Deus tornava: *Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus, et quia á Deo exivit, et ad Deum vadit.* [2] Sabia que entre os doze que tinha assentados á sua meza, estava um que lhe era infiel, e que o havia de entregar a seus inimigos: *Sciebat enim quisnam esset qui traderet eum.* [3] Até aqui mostrou o Evangelista a sabedoria de Christo. Daqui adiante continua Christo a mostrar a ignorancia dos homens. Quando S. Pedro não queria consentir que o Senhor lhe lavasse os pés, declarou-lhe o Divino Mestre a sua ignorancia, dizendo: *Quod ego facio, tu nescis:* [4] O que eu faço, Pedro, tu não o sabes. Depois de acabado aquelle tão portentoso exemplo de humildade, tornou a se assentar o Senhor, e voltando-se para os discipulos, disse-lhes: *Scitis quid fecerim vobis?* [5] Sabeis por ventura o que acabei agora de vos fazer? Aquella interrogação emphatica tinha força de affirmação; e perguntar *sabeis?* foi dizer que não sabiam. De maneira que, na primeira parte do Evangelho, o Evangelista attendeu a mostrar a sabedoria de Christo, e Christo, na segunda, a mostrar a ignorancia dos homens.

Mas se o fim e intento de ambos era o mesmo: se o fim e o intento de Christo e do Evangelista era manifestar gloriosamente ao mundo as finezas do seu amôr, porque razão o Evangelista se emprega todo em ponderar a sabedoria de Christo, e Christo em advertir a ignorancia dos homens? A razão que a mim me occorre, e eu tenho por verdadeira e bem fundada, é porque as duas supposições em que mais apuradamente se afinou o amôr de Christo hoje, foram: da parte de Christo a sua sciencia, e da parte dos homens a nossa ignorancia. Se da parte de Christo, amado, podera haver ignorancia, e da parte dos homens, sendo amados, houvera sciencia, ainda que o Senhor obrára por nós os mesmos excessos, ficariam elles e

---

[1] *Joan.*, XIII, 1.
[2] *Ibid.*, 3.
[3] *Ibid.*, 11.
[4] *Ibid.*, 7.
[5] *Ibid.*, 12.

o seu amôr (não no preço mas na estimação) de muito inferiores quilates. Pois para que o mundo levante o pensamento de considerações vulgares, e comece a sentir tão altamente das finezas do amôr de Christo, como ellas merecem, advirta-se (diz o Evangelista) que Christo amou, sabendo: *Sciens Jesus:* [1] e advirta-se (diz Christo) que os homens foram amados, ignorando: *Tu nescis.* [2]

Está proposto o pensamento, mas bem vejo que não está declarado. Em conformidade e confirmação delle pretendo mostrar hoje, que só Christo amou finamente; porque amou sabendo: *Sciens:* e só os homens foram finamente amados, porque foram amados ignorando: *Nescis:* Unindo-se, porém, e trocando-se de tal sorte o *sciens* com o *nescis*, e o *nescis* com o *sciens;* que estando a ignorancia da parte dos homens, e a sciencia da parte de Christo, Christo amou, sabendo, como se amara, ignorando: e os homens foram amados, ignorando, como se foram amados, sabendo. Vá agora o amôr destorcendo estes fios. E espero que todos vejam a fineza delles.

II

Primeiramente só Christo amou, porque amou sabendo: *Sciens.* Para intelligencia desta amorosa verdade, havemos de suppor outra não menos certa, e é, que no mundo e entre os homens, isto que vulgarmente se chama amôr, não é amôr, é ignorancia. Pintaram os antigos ao amôr menino; e a razão, dizia eu o anno passado, que era porque nenhum amôr dura tanto que chegue a ser velho. Mas esta interpretação tem contra si o exemplo de Jacob com Rachel, o de Jonathas com David, e outros grandes, ainda que poucos. Pois se ha tambem amôr que dure muitos annos, porque nol-o pintam os sabios sempre menino? Desta vez cuido que hei-de acertar a causa. Pinta-se o amôr sempre menino, porque ainda que passe dos sete annos, como o de Jacob, nunca chega á edade de uso de

[1] *Joan.*, XIII, 1.
[2] *Ibid.*, 7.

razão. Uzar de razão, e amar, são duas coisas que não se ajuntam. A alma de um menino, que vem a ser? Uma vontade com affectos, e um entendimento sem uso. Tal é o amôr vulgar. Tudo conquista o amôr, quando conquista úma alma; porém o primeiro rendido é o entendimento. Ninguem teve a vontade febricitante, que não tivesse o entendimento frenetico. O amôr deixará de variar, se fôr firme, mas não deixará de tresvariar, se é amôr. Nunca o fogo abrazou a vontade, que o fumo não cegasse o entendimento. Nunca houve enfermidade no coração, que não houvesse fraqueza no juizo. Por isso os mesmos pintores do amôr lhe vendaram os olhos. E como o primeiro effeito, ou a ultima disposição do amôr, é cegar o entendimento, daqui vem, que isto que vulgarmente se chama amôr, tem mais partes de ignorancia: e quantas partes tem de ignorancia, tantas lhe faltam de amôr. Quem ama, porque conhece, é amante; quem ama, porque ignora, é nescio. Assim como a ignorancia na offensa diminue o delicto, assim no amôr diminue o merecimento. Quem, ignorando, offendeu, em rigor não é delinquente; quem, ignorando, amou, em rigor não é amante.

E' tal a dependencia que tem o amôr destas duas supposições, que o que parece fineza, fundado em ignorancia, não é amôr; e o que não parece amôr, fundado em sciencia, é grande fineza. As duas primeiras pessoas deste Evangelho nos darão a prova: Christo e S. Pedro. Transfigurou-se Christo no Monte Thabôr, e vendo S. Pedro que o Senhor tratava com Moysés e Elias de ir morrer a Jérusalem, para o desviar da morte, deu-lhe de conselho, que ficasse alli: *Domine, bonum est nos hic esse.* [1] Esta resolução de S. Pedro considerada como a considerou Origenes, foi o maior acto de amôr que se fez nem póde fazer no mundo, porque se Christo não ia morrer a Jérusalem, não se remia o genero humano; se não se remia o genero humano, S. Pedro não podia ir ao céo: e que quizesse o grande Apostolo privar-se da gloria do céo, porque Christo não morresse na terra: que antepuzesse a vida temporal de seu Senhor á vida eterna sua, foi a maior fineza de amôr a que podia aspirar o coração mais

[1] *Math.*, XVII, 4.

alentado. Deixemos a S. Pedro, e assim vamos a Christo.

Em todas as coisas que Christo obrou neste mundo, manifestou sempre o muito que amava aos homens: comtudo, uma palavra disse na cruz, em que parece se não mostrou muito amante: *Sitio:* [1] Tenho sêde. Padecer Christo aquella rigorosa sêde, amôr foi grande; mas dizer que a padecia, e significar que lhe déssem remedio, parece que não foi amôr. Affecto natural sim, affecto amoroso não. Quem diz a vozes o que padece, ou busca o allivio na communicação, ou espera o remedio no soccorro: e é certo que não ama muito a sua dôr, quem a deseja diminuida, ou alliviada. Quem pede remedio ao que padece, não quer padecer; não querer padecer, não é amar: logo não foi acto de amôr em Christo dizer: *Sitio:* [2] Tenho sêde. Contraponhamos agora esta acção de Christo na cruz, e a de S. Pedro no Thabôr. A de S. Pedro, parece que tem muito de fineza, a de Christo, parece que não tem nada de amôr. Se será isto assim?

Dois Evangelistas o resolveram com duas palavras. O Evangelista S. João com um *sciens;* e o Evangelista S. Lucas com um *nesciens.* O que em S. Pedro parecia fineza, não era amôr, porque estava fundado em ignorancia: *Nesciens quid diceret.* [3] O que em Christo não parecia amôr, era fineza, porque estava fundado em sciencia: *Sciens quia omnia consummata sunt, ut consummaretur scriptura, dixit: Sitio.* [4] Appliquemos por cada parte. Quando S. Pedro disse: *Bonum est nos hic esse,* não sabia o que dizia: *Nesciens quid diceret,* [5] porque estava transportado e fóra de si. E assim todas aquellas finezas que consideravamos, pareciam amôr, e eram ignorancias; pareciam affectos da vontade, e eram erros de entendimento. Se aquella resolução de S. Pedro se fundara no conhecimento das consequencias que dissemos, não ha duvida que fôra o mais excellente acto de amôr a

[1] *Joan.,* XIX, 28.
[2] *Ibid.*
[3] *Luc.,* IX, 33.
[4] *Joan.,* XIX, 28.
[5] *Luc.,* IX, 33.

que podia chegar a bizarria de um coração amoroso; mas como a resolução se fundava na ignorancia do mesmo que dizia, em vez de sahir com titulo de amante, sahiu com nome de nescio, porque amar ignorando, não é amar, é não saber.

Não assim Christo. Porque quando disse *Sitio* [1] sabia mui bem que acabados já todos os outros tormentos, faltava só por cumprir a prophecia do fel: *Sciens quia omnia consummata sunt, ut consummaretur scriptura, dixit: Sitio.* [2] E assim aquellas tibiezas que consideravamos, parecia que não eram amôr, e eram as maiores finezas; parecia que eram um desejo natural, e eram o mais amoroso e requintado affecto. Se Christo dissera, tenho sêde, cuidando que lhe haviam de dar agua, era pedir allivio: mas dizer, tenho sêde, sabendo que lhe haviam de dar fel, era pedir novo tormento. E não póde chegar a máis um amôr ambicioso de padecer, que pedir os tormentos por allivios, e para remediar uma pena, dizer que lhe acudam com outra. Dizer Christo que tinha sêde, não foi sollicitar remedio á necessidade propria; foi fazer lembrança á crueldade alheia. Como se dissera: Lembrae-vos, homens do fel, que vos esquece: *Sitio.* [3] Tão differente era a sêde de Christo do que parecia. Parecia desejo de allivios, e era hydropezia de tormentos. De sorte, que a sciencia com que obrava Christo, e a ignorancia com que obrava Pedro, trocaram estes dois affectos de maneira, que o que em Pedro parecia fineza, por ser fundado em ignorancia, não era amôr: e o que em Christo não parecia amôr, por ser fundado em sciencia, era fineza. E como a sciencia ou ignorancia é a que dá ou tira o ser, e a que diminue ou accrescenta a perfeição do amôr: por isso o Evangelista S. João se funda todo em mostrar o que Christo sabia, para provar o que amava: *Sciens quia venit hora ejus, in finem dilexit eos.* [4]

---

[1] *Joan.*, XIX, 28.
[2] *Ibid.*
[3] *Ibid., Ita S. Aug.*
[4] *Joan.*, XIII, 1.

III

Quatro ignorancias pódem concorrer em um amante, que diminuam muito a perfeição e merecimento de seu amôr. Ou porque não se conhece a si: ou porque não conhecesse a quem amava: ou porque não conhecesse o amôr: ou porque não conhecesse o fim onde ha-de parar, amando. Se não se conhecesse a si, talvez empregaria o seu pensamento onde o não havia de pôr, se se conhecêra. Se não conhecesse a quem amava, talvez quereria com grandes finezas, a quem havia de aborrecer, se o não ignorára. Se não conhecesse o amôr, talvez se empenharia cegamente no que não havia de emprehender, se o soubera. Se não conhecesse o fim em que havia de parar, amando, talvez chegaria a padecer os damnos a que não havia de chegar se os previra. Todas estas ignorancias que se acham nos homens, em Christo foram sciencias, e em todas e cada uma crescem os quilates de seu estremado amôr. Conhecia-se a si, conhecia a quem amava, conhecia o amôr, e conhecia o fim onde havia de parar, amando. Tudo notou o Evangelista. Conhecia-se a si: porque sabia que não era menos que Deus, Filho do Eterno Padre: *Sciens quia á Deo exivit.* [1] Conhecia a quem amava, porque sabia quão ingratos eram os homens, e quão crueis haviam de ser para com elle: *Sciebat enim quisnam esset, qui traderet eum.* [2] Conhecia o amôr, e bem á custa do seu coração, pela larga experiencia do que tinha amado: *Cum dilexisset suos.* [3] Conhecia, finalmente, o fim em que havia de parar, amando, que era a morte, e tal morte: *Sciens quia venit hora ejus.* [4] E que conhecendo-se Christo a si, conhecendo a quem amava, conhecendo o amôr, e conhecendo o fim cruel em que havia de parar, amando; amasse comtudo? Grande excesso de amôr: *In finem dilexit!* [5] Para que co-

[1] *Joan.*, XIII, 3.
[2] *Ibid.*, 11.
[3] *Ibid.*, 1.
[4] *Ibid.*
[5] *Ibid.*

nheçamos quão grande e quão excessivo foi, vamol-o ponderando por partes em cada uma destas circumstancias de sciencia

Primeiramente foi grande o amôr de Christo, porque nos amou, conhecendo-se: *Sciens quia á Deo exivit.* [1] Que conhecendo-se Christo a si, nos amasse a nós, grande e desuzado amôr! Em quânto Páris, ignorante de si, e da fortuna de seu nascimento, guardava as ovelhas do seu rebanho nos campos do monte Ida, dizem as historias humanas, que era objecto dos seus cuidados Enome, uma formosura rustica daquelles valles. Mas quando o encuberto principe se conheceu, e soube que era filho de Priano, rei de Troya, como deixou o cajado, e o surrão, trocou tambem de pensamento. Amava humildemente, em quanto se teve por humilde; tanto que conheceu quem era, logo desconheceu a quem amava. Como o amôr se fundava na ignorancia de si, o mesmo conhecimento que desfez a ignorancia, acabou tambem o amôr. Desamou principe, o que tinha amado pastor: porque, como é falla de conhecimento proprio nos pequenos levantar o pensamento, assim é affronta da fortuna nos grandes abater o cuidado. Ah principe da gloria, que assim parece vos havia de succeder comvosco; mas não foi assim! Quem ouvisse dizer que nos amava o Filho de Deus com tanta extremo, parece que poderia pôr em duvida, se o Senhor se conhecia ou vivia ignorante de quem era? Pois para que a verdade de nossa fé não perigue nos extremos de seu amôr, e para que o mundo não cáia em tal engano, saibam todos (diz o Evangelista) que Christo amou, e amou tanto: *In finem dilexit;* [2] mas saibam tambem, que juntamente conhecia quem era: *Sciens quia á Deo exivit.* [3]

Se Christo não se conhecera, não fôra muito que nos amasse; mas amar-nos, conhecendo-se, foi tal excesso, que parece que o mesmo amar-nos, foi desconhecer-se. Disse uma vez a Esposa dos Cantares a seu Esposo, que o amava muito: *Quem diligit anima mea.* [4] E elle que lhe responderia? *Si ignoras te ó pul-*

[1] *Joan.*, XIII, 3.
[2] *Ibid.*, 1.
[3] *Ibid.*, 3.
[4] *Cant.*, 1, 6.

cherrima inter mulieres: [1] Formosissima de todas as mulheres, desconheceis-vos? Notavel resposta! De maneira, que quando a Esposa affirma ao Esposo que o ama, o Esposo pergunta á Esposa se se desconhece: *Si ignoras te?* Esposo discreto e amado, que modo de responder é esse; e que consequencia tem esta vossa resposta? Quando a Esposa vos assegura o seu amôr, vós duvidaes-lhe o seu conhecimento: e quando affirma que vos ama, perguntaes-lhe se se desconhece: *Si ignoras te?* Sim. Porque conforme a alta estimação que o Esposo fazia dos merecimentos da Esposa, affirmar ella que o amava tanto, era grande razão para duvidar se se não conhecia. Como se dissera o Esposo: Vós dizeis que me amaes: *Quem diligit anima mea?* Pois eu digo que vos não conheceis: *Si ignoras te ó pulcherrima.* Porque se vos conheceis a vós, como é possivel que me ameis a mim? Foi necessario que a vós vos faltasse o conhecimento, para que a mim me sobejasse a ventura. O amôr de minha indignidade, vem a parecer ignorancia de vossa grandeza: *Si ignoras te;* por que se não deixareis de vos conhecer, como vos abaterieis á me amar?

Isto que antigamente disse Salomão á princeza do Egypto, podemos nós dizer com mais razão ao verdadeiro Salomão, Christo, á vista dos extremos de seu amôr: *Si ignoras te.* [2] E' isto amôr, Deus meu, ou ignorancia? Amaes-nos, ou desconheceis-vos? Verdadeiramente parece que vos esqueceis de quem sois, e que vos tiraes da memoria, para nos metter na vontade. Oh que alta e que profundamente considerou hoje S. Pedro estes dois extremos, quando com assombro do céo, vos viu diante de si com os joelhos em terra: *Tu mihi!* [3] Vós a mim? Vós Pedro? Parece, Senhor, que nem vos conheceis a vós, nem me conheceis a mim. Mas o certo é que a vós vos conheceis, e a mim amaes. E é tão grande vossa sabedoria em conhecer estas desproporções, como vosso amôr em ajuntar estas distancias. Mas em amôr infinito bem pódem caber distancias infinitas. Assim o provam as mãos de Deus juntas com os pés dos ho-

[1] *Cantico dos Canticos*, I, 7.
[2] *Ibid.*, 7.
[3] *Joan.*, XIII, 6.

mens: *Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus.* [1] Eis ahi as mãos de Deus: *Cœpit lavare pedes discipulorum.* Eis ahi os pés dos homens.

Appareceu Deus na sarça a Moysés, e mandou-lh descalçar os sapatos: *Solve calceamenta de pedibus tuis.* [2] Quando eu lia este passo, admirava-me certo muito, de que a magestade e grandeza de Deus entendesse com os pés de Moysés. Mas quem puzer os olhos na sarça, deixará logo de se admirar. A sarça em que Deus appareceu, estava ardendo toda em chammas vivas, e um Deus abrazado em fogo, que muito que se abalance aos pés dos homens? Fallando a nosso modo, nunca Deus se conheceu melhor, que quando estava na sarça, porque alli definiu sua essencia: *Ego sum qui sum.* [3] É que definindo-se Deus, o fogo não se apagasse? Que conhecendo-se Deus essencialmente, as labaredas, em que ardia, não se diminuissem? Grande amôr! Definir-se e esfriar-se, fôra tibieza: definir-se e arder, isso é amar. Não fôra Deus quem é, se não amára como amou. O definir-se foi declarar a sua essencia: o arder foi provar a definição. O mesmo aconteceu a Christo hoje: *Sciens quia á Deo exivit, ponit vestimenta sua.* [4] Sabendo que era Filho de Deus, começou a despir as roupas. Quem sabia que era Filho de Deus, conhecia-se: quem lançava de si as roupas, abrazava-se: e conhecer-se e abrazar-se, isto é amôr: *In finem dilexit.*

IV

A segunda ignorancia que tira o merecimento ao amôr, é não conhecer quem ama, a quem ama. Quantas coisas ha no mundo muito amadas, que se as conhecera quem as ama, haviam de ser muito aborrecidas! Graças logo ao engano, e não ao amôr. Serviu Jacob os primeiros sete annos a Labão, e ao cabo delles em vez de lhe darem a Rachel, deram-lhe a Lia.

---

[1] *Joan.*, XIII, 3.
[2] *Exod.*, III, 5.
[3] *Ibid.*, 14.
[4] *Joan.*, XIII, 3 e 4.

Ah enganado pastor, e mais enganado amante! Se perguntarmos á imaginação de Jacob por quem servia, responderá que por Rachel. Mas se fizermos a mesma pergunta a Labão, que sabe o que é, e o que ha-de ser, dirá com toda a certeza, que serve por Lia: e assim foi. Servis por quem servis, não servis por quem cuidaes. Cuidaes que os vossos trabalhos, e os vossos desvelos, são por Rachel, a amada, e trabalhaes e desvelaes-vos por Lia, aborrecida. Se Jacob soubera que servia por Lia, não servira sete annos, nem sete dias. Serviu logo ao engano, e não ao amôr, porque serviu por quem não amava. Oh quantas vezes se representa esta historia no theatro do coração humano, e não com diversas figuras, senão na mesma! A mesma que na imaginação é Rachel, na realidade é Lia: e não é Labão o que engana a Jacob, senão Jacob o que se engana a si mesmo. Não assim o divino amante Christo. Não serviu por Lia debaixo da imaginação de Rachel; mas amava a Lia conhecida como Lia. Nem a ignorancia lhe roubou o merecimento ao amôr, nem o engano lhe trocou o objecto ao trabalho. Amou e padeceu por todos, e por cada um, não como era bem que elles fossem, senão assim como eram. Pelo inimigo, sabendo que era inimigo; pelo ingrato, sabendo que era ingrato: e pelo traidor, sabendo que era traidor: *Sciebat enim quisnam esset, qui traderet eum.* [1]

Deste discurso se segue uma conclusão tão certa, como ignorada; e é, que os homens não amam aquillo que cuidam que amam. Porque? Ou porque o que amam não é o que cuidam: ou porque amam o que verdadeiramente não ha. Quem estima vidros, cuidando que são diamantes, diamantes estima, e não vidros: quem ama defeitos, cuidando que são perfeições, perfeições ama, e não defeitos. Cuidaes que amaes diamantes de firmeza, e amaes vidros de fragilidade: cuidaes que amaes perfeições angelicas, e amaes imperfeições humanas. Logo os homens não amam o que cuidam que amam. Donde tambem se segue, que amam o que verdadeiramente não ha; porque amam as coisas, não como são, senão como as imaginam, e o que se imagina, e não é, não o ha no

[1] *Joan.*, XIII, 11.

mundo. Não assim o amôr de Christo, sabio sem engano: *Cum dilexisset suos, qui erant in mundo.* [1] Notae o Texto, e a ultima clausula delle, que parece superflua e ociosa. — Como amasse aos seus que havia no mundo. - Pois onde os havia de haver? Fóra do mundo? Claro está que não. Logo se bastava dizer — como amasse aos seus - porque acrescenta o Evangelista, — os seus que havia no mundo? - *Suos, qui erant in mundo.* Foi para que entendessemos o conhecimento com que Christo amava aos homens, mui differente do com que os homens amam. Os homens amam muitas coisas que as não ha no mundo: amam as coisas como as imaginam; e as coisas como elles as imaginam, havel-as-ha na imaginação, mas no mundo não as ha. Pelo contrario, Christo amou os homens como verdadeiramente eram no mundo, e não como enganosamente podiam ser na imaginação: *Cum dilexisset suos, qui erant in mundo.* [2] Não amou Christo os seus, como vós amaes os vossos. Vós amae-los, como são na vossa imaginação, e não como são no mundo. No mundo são ingratos, na vossa imaginação são agradecidos: no mundo são traidores, na vossa imaginação são leaes: no mundo são inimigos, na vossa imaginação são amigos. E amar ao inimigo, cuidando que é amigo, e ao traidor, cuidando que é leal, e ao ingrato, cuidando que é agradecido, não é fineza, é ignorancia. Por isso o vosso amôr não tem merecimento, nem é senão engano. Só o de Christo foi verdadeiro amôr, e verdadeira fineza; porque amou os seus como eram, e com inteira sciencia do que eram: ao inimigo, sabendo o seu odio, ao ingrato, sabendo a sua ingratidão, e ao traidor, sabendo a sua deslealdade: *Sciebat enim quisnam esset, qui traderet eum.* [3]

Mas se esta sciencia de Christo era universal, em respeito de todos os discipulos (que eram os seus, que havia no mundo) porque nota mais particularmente o Evangelista o conhecimento desta mesma sciencia, em respeito de Judas, advertindo que sabia o Senhor qual era o que o havia de entregar: *Sciebat enim quisnam*

---

[1] *Joan.*, XIII, 1.
[2] *Ibid.*
[3] *Ibid.*, 11.

esset, qui traderet eum? Tão inteiramente conhecia Christo a Judas, como a Pedro, e aos demais; mas notou o Evangelista com especialidade a sciencia do Senhor, em respeito de Judas; porque em Judas mais que em nenhum dos outros campeou a fineza do seu amôr. Ora vêde. Definindo S. Bernardo o amôr fino, diz assim: *Amôr non quærit causam, nec fructum.* O amôr fino não busca causa nem fructo. Se amo, porque me amam, tem o amôr causa; se amo, para que me amem, tem fructo: e amôr fino não ha-de ter porquê, nem para quê. Se amo, porque me amam, é obrigação, faço o que devo: se amo, para que me amem, é negociação, busco o que desejo. Pois como ha-de amar o amôr para ser fino? *Amo, quia amo, amo, ut amem:* amo, porque amo, e amo para amar. Quem ama porque o amam, é agradecido, quem ama, para que o amem, é interesseiro: quem ama, não porque o amam, nem para que o amem, esse só é fino. E tal foi a fineza de Christo, em respeito de Judas, fundada na sciencia que tinha delle e dos demais discipulos.

Na pratica desta ultima Ceia, disse Christo aos Discipulos: *Jam non dicam vos servos, sed amicos:* [1] Discipulos meus: daqui em diante não vos hei-de chamar servos, senão amigos. Sendo isto assim, lêde todos os Evangelistas, e achareis que só a Judas chamou amigo, quando disse: *Amice, ad quid venisti.* [2] Pois, Senhor, não está ahi Pedro, não está ahi João, que merecem mais que todos o nome de amigos? Porque lhes não daes a elles este nome, senão a Judas? A Judas o inimigo? A Judas o falsario? A Judas o traidor o nome de amigo: *Amice?* Hoje sim. Porque Christo neste dia não buscava motivos ao amôr, buscava circumstancias á fineza. Os outros Discipulos sabia Christo que o amavam, e sabia que o haviam de amar até dar a vida por elle. Porque o amavam, tinha o seu amôr causa, e porque o haviam de amar, tinha fructo. Pelo contrario Judas, nem amava a Christo, porque o vendia, nem o havia de amar, porque havia de perseverar obstinado até á morte: e amar o Senhor a quem o não amava, nem o havia de amar, era

[1] *Ibid.*, XV, 15.
[2] *Math.*, XXVI, 50.

amar sem causa, e sem fructo, e por isso a maior fineza. Amar ingratidões conhecidas, coisa é que algumas vezes se acha no amôr. Mas ninguem amou uma ingratidão sabida, que ahi mesmo não amasse um agradecimento esperado. Só Christo foi tão fino e tão amante que amou sem correspondencia, porque amou a quem sabia que o não amava: e sem esperança, porque amou a quem sabia que o não havia de amar. Por isso dá o titulo de amigo só a Judas, não porque lhe merecesse o amôr, mas porque lhe acreditava a fineza. Amar por razões de amar, isso fazem todos; mas amar com razões de aborrecer, só o faz Christo. Fez das offensas obrigações, e dos aggravos motivos; porque era obrigação do seu amôr chegar á maior fineza: *In finem dilexit.*

V

A terceira circumstancia de sciencia, que grandemente subiu de ponto o amôr de Christo, foi o conhecimento que tinha do mesmo amôr. Christo conhecia todas as coisas com tres sciencias altissimas: com a sciencia divina, como Deus; com a sciencia beata, como bemaventurado; com a sciencia infusa, como cabeça do genero humano e redemptor do mundo. O amôr ainda o conheceu com outra quarta sciencia, que foi a experimental e adquirida; porque assim como diz S. Paulo, que aprendeu a obedecer, padecendo, assim aprendeu a amar, amando. E isto é o que ponderou muito S. João, advertindo, que amou, tendo amado: *Cum dilexisset, dilexit.*

Questão é curiosa nesta philosophia, qual seja mais precioso e de maiores quilates: se o primeiro amôr, ou o segundo? Ao primeiro ninguem póde negar que é o primogenito do coração, o morgado dos affectos, a flôr do desejo, e as primicias da vontade. Comtudo, eu reconheço grandes vantagens no amôr segundo. O primeiro é bizonho, o segundo é experimentado: o primeiro é aprendiz, o segundo é mestre: o primeiro póde ser impeto, o segundo não póde ser senão amôr. Emfim, o segundo amôr, porque é segundo, é confirmação e ratificação do primeiro, e por isso não simples amôr, senão duplicado, e amôr sobre amôr.

E' verdade que o primeiro amôr é o primogenito do coração; porém a vontade sempre livre não tem os seus bens vinculados. Seja o primeiro, mas não por isso o maior.

A primeira vez que Jonathas se affeiçoou a David, diz a Escriptura Sagrada, que lhe fez juramento de perpetuo amôr: *Inierunt autem David, et Jonathas fœdus, diligebat enim eum, quasi animam suam.* [1] Passaram depois disto alguns tempos de firme vontade, posto que de varia fortuna; torna a dizer o Texto, que Jonathas fez segundo juramento a David de nunca faltar a seu amôr: *Et addidit Jonathas dejerare David, eo quod diligeret illum.* [2] Pois se Jonathas tinha já feito um juramento de amar a David, porque faz agora outro? Por ventura quebrou o primeiro, para que fosse necessario o segundo? E' certo que o não quebrou, porque não fôra Jonathas o exemplo maior da amisade, se o não fôra tambem da firmeza. Pois se o amôr estava jurado ao principio, porque o jura outra vez agora? Porque foi mui differente materia jurar o amôr antes de conhecido, ou jural-o depois de experimentado. Quando Jonathas jurou a primeira vez, não sabia ainda o que era amar, porque o não experimentara: quando jurou a segunda vez já tinha larga experiencia do que era e do que custava, pelo muito que padeceu por David: e era tão differente o conceito que Jonathas fazia agora de um amôr a outro, que julgou que o juramento do primeiro não o obrigava a guardar o segundo. Pois para que a ignorancia passada não diminuisse o merecimento presente, por isso fez juramento de novo amôr. Não novo, porque deixasse de amar alguma hora mas porque era pouco o que dantes promettera, em comparação do muito que hoje amava. Então prometteu como conhecia, agora promettia como experimentara. Que Jonathas se resolvesse a amar a David, quando não conhecia as paixões deste tyranno affecto, não foi muita fineza: mas depois de conhecer seus rigores, depois de soffrer suas semrazões, depois de experimentar suas crueldades, depois de padecer suas tyrannias, depois de sentir ausencias, depois de chorar saudades, de-

[1] *1. Livro dos Reis*, XVIII. 3.
[2] *Ibid.*, XX, 17.

pois de resistir contradições, depois de atropellar difficuldades, depois de vencer impossiveis: arriscando a vida, desprezando a honra, abatendo a auctoridade, revelando secretos, encobrindo verdades, desmentindo espias, entregando a alma, sujeitando a vontade, captivando o alvedrio, morrendo dentro em si, por tormento e vivendo em seu amigo, por cuidado: sempre triste, sempre affligido, sempre inquieto, sempre constante, apesar de seu pai e da fortuna de ambos (que todas estas finezas, diz a Escriptura, fez Jonathas por David) que depois, digo, de tão qualificadas experiencias de seu coração e de seu amôr, se resolvesse segunda vez a fazer juramento de sempre amar? Isto sim, isto é amôr.

O mesmo digo do nosso fino amante, com a vantagem que vae de Filho de Deus a filho de Saül. Se Christo podéra não conhecer o amôr, ou o não conhecera por experiencia, menos fôra que nos amasse: porém conhecendo experimentalmente o amôr, e o amôr seu, e sabendo que este fôra tão rigoroso, que o arrancou do peito de seu pai; que foi tão deshumano, que o lançou na terra em um presepio; que foi tão cruel que a oito dias de nascido lhe tirou o sangue das veias; que foi tão desamoroso, que antes de dois mezes de edade, o desterrou sete annos para o Egypto, e que era tão tyranno, que se lhe não tirou a vida a mãos de Herodes, foi porque se não contentava com tão pouco sangue: que conhecendo Christo, que este era o seu amôr, não desistisse, nem se arrependesse, antes continuasse a amar, grande amôr! Grande, porque amou; mas muito maior, porque amou sobre ter amado: *Cum dilexisset, dilexit.*

Bem vejo que me replicam os theologos, que o amôr de Christo desde o primeiro instante até o ultimo, sempre foi egual, e nunca cresceu. Assim o pedia a razão. Se o diminuir no amôr é descredito, tambem é descredito o crescer. Quem diz que ama mais, descredita o seu amôr, porque ainda que o crescer seja augmento, é augmento que suppõe imperfeição. Amôr que póde crescer, não é amôr perfeito. Pois se o amôr perfeitissimo de Christo, sempre foi egual, e nunca cresceu, como dizemos que hoje foi maior? Todos respondem e bem, que foi maior nos effeitos. Mas eu como mais grosseiro, ainda na mesma substancia do amôr, não posso deixar de reconhecer alguma

consideração de maioria. Confesso que não cresceu, mas bem se póde ser maior sem crescer. Uma columna sobre a base, uma estatua sobre a peanha, cresce sem crescer: Assim o amôr de Christo hoje, porque foi amôr sobre amôr. E como a base e a peanha, não só era da mesma substancia, senão a mesma substancia do amôr de Christo, não só fica hoje mais subido, senão, em certo modo, maior. E' tanto isto assim, que, a meu vêr, não pódem ter outro sentido as palavra do Evangelista: *Cum dilexisset, dilexit.* Como amasse, amou. Estas palavras dizem mais do que sôam. Amasse, e amou, não teem mais differença, que no tempo: na significação, não teem diversidade. Que nos diz logo de novo o Evangelista? Se dissera — como amasse muito, agora amou mais, bem estava: isso é o que queria provar. Mas se queria dizer que amou mais; como diz sómente que amou? Porque o diz com taes termos, que dizendo só que amou, fica provado que amou mais: *Cum dilexisset, dilexit.* ¿Como amasse, amou: e isto de amôr sobre haver amado, não é só amar depois, senão amar mais. Não diz só relação de tempo, senão excesso de amôr. E como o Evangelista queria subir de ponto o muito que o Senhor amou hoje, entendeu que para encarecer o amôr presente, bastava suppôr o passado.

Quando Deus mandou a Abrahão que lhe sacrificasse seu filho, em todo o rigor da propriedade hebrea, diz o Texto assim: *Tolle filium tuum, quem dilexisti Isaac:* [1] Sacrifica-me teu filho Isaac, a quem amaste. A quem amas, parece que havia de dizer, porque todo o intento de Deus, foi encarecer o amôr, para difficultar o sacrificio. Pois porque não diz, sacrifica-me o filho que amas, senão o filho que amaste? Por isso mesmo. Queria Deus encarecer o amôr, para difficultar o sacrificio, e em nenhuma coisa podia encarecer mais o amôr presente, que na supposição do passado. Sacrifica-me o filho não só que amas, senão que amaste, porque amar sobre haver amado, é o maior amôr. Por isso o Evangelista hoje, comparando amôr com amôr, não faz comparação de grande a excessivo, senão de primeiro a segundo: *Cum dilexisset, dilexit.* Esta foi a primeira e segunda ferida

[1] *Genes.*, XXII, 2.

do coração, de que o nosso divino Amante, muito antes de o amôr lhe tirar as settas, já se gloriava: *Vulnerasti cor meum, soror mea sponsa, vulnerasti cor meum.* [1] A primeira ferida, foi a do amôr passado, a segunda, a do amôr presente: e para prova de qual foi maior e mais penetrante, se não basta ser ferida sobre ferida, baste saber, que com a primeira viveu, e que a segunda lhe tirou a vida: *Cum dilexisset, in finem dilexit.* E sômos entrados sem o pretender na quarta consideração.

VI

A quarta e ultima circumstancia em que a sciencia de Christo afinou muito os extremos de seu amôr, foi saber e conhecer o fim onde havia parar, amando: *Sciens quia venit hora ejus.* De muitos contam as historias que morreram, porque amaram; mas porque o amôr foi só a occasião, e a ignorancia a causa, falsamente lhe deu a morte o epitaphio de amantes. Não é amante, quem morre porque amou, senão quem amou para morrer. Bem notavel é neste genero o exemplo do principe Sichem. Amou Sichem a Dina, filha de Jacob, e rendeu-se tanto aos imperios de seu affecto, que sendo principe soberano, se sujeitou a taes condições e partidos, que a poucos dias de desposado lhe poderam tirar a vida, Simeão e Levi, irmãos de Dina. Amou Sichem, e morreu; mas a morte não foi tropheu de seu amôr, foi castigo de sua ignorancia. Foi caso, e não merecimento; porque não amou para morrer, ainda que morreu porque amou. Deveu-lhe Dina o amôr, mas não lhe deveu a morte; antes por isso nem o amôr lhe deveu. Que quem amou porque não sabia que havia de morrer, se o soubera não amára. Não está o merecimento do amôr na morte, senão no conhecimento della.

Vêde-o em Abrahão e Isaac claramente. Naquelles tres dias em que Abrahão foi caminhando para o monte do sacrificio com seu filho Isaac, ambos iam egualmente perigosos, mas não iam egualmente finos.

---

[1] *Cant.*, IV, 9.

Iam egualmente perigosos, porque um ia a morrer, outro a matar, ou a matar-se: mas não iam egualmente finos, porque um sabia aonde caminhavam, o outro não o sabia. O caminho era o mesmo, os passos eram eguaes, mas o conhecimento era muito diverso, e por isso tambem o merecimento. Abrahão merecia muito, Isaac não merecia nada; porque Abrahão caminhava com sciencia, Isaac com ignorancia: Abrahão ao sacrificio sabido, Isaac ao sacrificio ignorado. Esta é a differença que faz o sacrificio de Christo a todos os que sacrificou a morte, por culpas do amôr. Só Christo caminhou voluntario á morte sabida, todos os outros sem vontade á morte ignorada. [1] A Sichem, a Samsão, a Amon, e aos demais que morreram, porque amaram, levou-os o amôr á morte, com os olhos cubertos, como condemnados: só a Christo, como triumphador, com os olhos abertos. (Tomára ter mais honradas anthiteses; mas estas são as que lêmos na Escriptura). Nem Sichem amára a Dina, nem Samsão a Dalila, nem Amon a Thamar, se anteviram a morte que os aguardava. Só a sciencia de Christo conheceu que o seu amôr o levava á morte, e só Christo conhecendo-a, e vendo-a vir para si, caminhou animosamente a ella: *Sciens quia venit hora ejus.*

Que bem, e que poeticamente o cantou David: *Sol cognovit occasum suum.* [2] O sol conheceu o seu occaso. Poucas palavras, mas difficultosas. O sol é uma creatura irracional e insensivel. (Porque ainda que alguns philosophos crêram o contrario, é erro condemnado). Pois se o sol não tem entendimento, nem sentidos, como diz o Propheta que o sol conheceu o seu occaso: *Sol cognovit occasum suum?* O certo é (diz Agostinho) que debaixo da metaphora do sol material, fallou David do Sol divino, Christo, que só é sol com entendimento. E porque ambos foram mui parecidos em correr ao seu occaso, por isso retratou as finezas de um nas insensibilidades do outro. Se a luz do sol fôra verdadeira luz de conhecimento; e o occidente, onde se vae pôr o sol, fôra verdadeira morte; não nos causára grande admiração vêr que o sol, conhecendo o logar de sua morte, com a mesma ve-

[1] *Genes.*, *Juizes*, *Reis.*
[2] *Psal.*, CIII, 19.

locidade com que sóbe ao zenith, se precipitasse ao occidente? Pois isto foi o que fez aquelle Sol divino: *Sol cognovit occasum suum.* Conheceu verdadeiramente o Sol divino o seu occaso, porque sabia determinadamente a hora, em que chegando aos ultimos horizontes da vida, havia de passar deste ao outro hemispherio: *Sciens quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo.* E que sobre este conhecimento certo do fim cruel a que o levava seu amôr, caminhasse sem fazer pé atraz, tão animoso ao verdadeiro e conhecido occaso, como o mesmo sol material, que não morre, nem conhece; grande resolução, e valentia de amôr! Não só conhecer a morte, e ir a morrer; mas ir a morrer, conhecendo-a, como se a ignorára.

Só S. João, que nos deu o pensamento, poderá dár a prova. Quando vieram a prender a Christo seus inimigos, diz assim o Evangelista: *Sciens omnia, quæ ventura erant super eum, processit, et dixit: quem quæritis?* [1] Sabendo o Senhor tudo o que havia de vir sobre elle, sahiu a encontrar-se com os que o vinham prender, e disse-lhes: A quem buscaes? Parece que se implica nos termos esta narração. Quem sabe, não pergunta. Pois se Christo sabia tudo, e sabia que o buscavam a elle, e o Evangelista nota que o sabia; porque pergunta como se o não soubera? A razão e o mysterio é, porque desde este ponto começava Christo a caminhar para a morte, e esse foi o modo com que seu amôr o levava. Levava-o á morte, sabendo, como se o levára, ignorando. Quem lêr o que diz o Evangelista, dirá que Christo sabia: quem ouvir o que Christo pergunta, cuidará que Christo ignorava: e, ou na verdade, ou na apparencia, tudo era. Na verdade sabia, e na apparencia ignorava; porque de tal maneira amou, e foi a morrer, sabendo, como se amára, e morrera, ignorando.

Este é o segredo que encobria aquelle véo, ou aquelle mysterioso eclipse com que o amôr hoje cobriu os olhos a Christo, por mãos de seus inimigos: *Velaverunt eum, et percutiebant faciem ejus.* [2] Que soffresse o Senhor outros muitos tormentos, não me espanto, que a tudo se offerece, quem sobre tudo ama.

[1] *Joan.*, XVIII 4.
[2] *Luc.*, XXII, 64.

Mas de permittir que lhe cobrissem os olhos, parece que não só se podia offender a sua paciencia, senão muito mais seu amôr. S. João hoje naquelle repetido *sciens*, não tirou as vendas ao amôr de Christo, para que soubesse o mundo que amava com os olhos abertos? Pois porque permitte no mesmo dia, que lhe cubram e vendem os olhos? Porque esta foi a destreza com que o amôr de Christo soube equivocar a sciencia com a ignorancia. Fez que amasse de tal maneira com os olhos abertos, como se amára com os olhos fechados. Que amasse de tal maneira, sabendo, como se amára, ignorando. Desaffrontou-se o amôr com aquelle véo que parecia affrontoso, e vingou-se para maior honra sua, do que lhe tinha feito S. João. S. João tirou as vendas ao amôr de Christo, e o mesmo amôr tornou-as a pôr em Christo; para que advertissemos, que de tal maneira amou, sabendo, e com os olhos abertos, como se amára, ignorando, e com os olhos fechados: *Velaverunt eum.* Conhecia-se Christo a si, e amou como se não se conhecêra: sabia o que amava, e amou como se o não soubera: tinha experimentado o amôr, e amou como se o não experimentára: previu o fim a que havia de chegar, amando, e amou como se o não previra. E porque amou, sabendo, como se amára, ignorando; por isso só elle amou, e soube amar finamente: *Sciens, sciens, sciens, sciens in finem dilexit eos.*

VII

Temos considerado o amôr de Christo, pelas advertencias de S. João. Consideremol-o agora pelas advertencias do mesmo Christo, que, como quem o conhecia melhor, serão as mais bem ponderadas e mais profundas. Apostaram hoje o maior amante, e o maior amado — Christo e S. João — apostaram, digo, a encarecer os extremos do mesmo amôr: e depois que S. João disse quanto soube, advertindo que Christo amára, sabendo: Tá (diz Christo) que não é essa a maior circumstancia que sóbe de ponto o meu amôr,

Se os homens querem saber a fineza com que os amei, não a ponderem pela minha sabedoria, ponderem-na pela sua ignorancia. Amei muito aos homens, porque os amei, sabendo Eu tudo, mas muito maior foi meu amôr, porque os amei ignorando elles quanto eu os amava: *Quid ego facio, tu nescis.* Por mais que os homens façam discursos, e levantem pensamentos, nunca poderão chegar a conhecer o amôr com que os amou Christo, nem em quanto Deus, nem em quanto homem: e que se resolva Christo a amar a quem não só lhe não havia de pagar o amôr, mas nem ainda o havia de conhecer! Que não haja de ter o meu amôr, não só a satisfação de pago, mas nem ainda o allivio de conhecido! Esta foi a maior valentia do coração amoroso de Christo, e esta a maior difficuldade, porque rompeu a força do seu amôr.

E senão façamos esta questão. Que é o que mais deseja, e mais estima o amôr: vêr-se conhecido, ou vêr-se pago? E' certo que o amôr não póde ser pago, sem ser primeiro conhecido: mas póde ser conhecido, sem ser pago: e considerando divididos estes dois termos, não ha duvida que mais estima o amôr e melhor lhe está vêr-se conhecido, que pago. Porque o que o amôr mais pretende, é obrigar: o conhecimento obriga, a paga desempenha: logo muito melhor lhe está ao amôr, vêr-se conhecido, que pago; porque o conhecimento aperta as obrigações, a paga e o desempenho desata-as. O conhecimento é satisfação do amôr proprio: a paga é satisfação do amôr alheio: na satisfação do que o amôr recebe, póde ser o affecto interessado: na satisfação do que communica, não póde ser senão liberal: logo mais deve estimar o amôr ter segura no conhecimento a satisfação da sua liberalidade, que vêr duvidosa na paga a fidalguia do seu desinteresse. O mais seguro credito de quem ama, é a confissão da divida no amado: mas como ha-de confessar a divida, quem a não conhece? Mais lhe importa logo ao amôr o conhecimento, que a paga; porque a sua maior riqueza é ter sempre individado a quem ama. Quando o amôr deixa de ser acredor, só então é pobre. Finalmente, ser tão grande o amôr que se não possa pagar, é a maior gloria de quem ama: se esta grandeza se conhece, é gloria manifesta: se não se conhece, fica escurecida, e não é gloria:

logo muito mais estima o amôr, e muito mais deseja, e muito mais lhe convém a gloria de conhecido, que a satisfação de pago. Baste de razões, vamos á Escriptura.

A maior façanha do amôr humano, foi aquella animosa resolução, com que o patriarcha Abrahão, antepondo o amôr divino ao natural e paterno, determinou tirar a vida a seu proprio filho. Teve Deus mão na espada ao desamorado e amorosissimo servo seu: e o que lhe disse immediatamente, foi: *Nunc cognovi quod timeas Deum.* [1] Agora conheço, Abrahão, que me amas. Isto quer dizer aquelle *timeas*, em phrase da Escriptura, e assim o trasladam muitos, e interpretam todos: *Nunc cognovi quod diligis Deum.* Depois disto appareceu alli um cordeiro grande embaraçado entre umas sarças, que deu alegre fim ao não imaginado sacrificio: o qual acabado, tornou Deus a fallar a Abrahão, e disse-lhe: *Quia fecisti hanc rem, benedicam tibi, et multiplicabo semen tuum sicut stellas cœli.* Em premio desta acção que fizeste, será tua geração bemdita, multiplicarei teus descendentes como as estrellas, nascerá de ti o Messias. Este foi historialmente o caso: reparemos agora nelle. Duas vezes fallou Deus aqui com Abrahão, e duas coisas lhe disse; uma logo, quando lhe deteve a espada, e outra depois. A que lhe disse logo, foi, que conhecia que o amava: *Nunc cognovi quod diligis Deum.* A que lhe disse depois, foi, que lhe premiaria liberalmente aquella acção: *Quia fecisti rem hanc, etc.* Pois pergunto: porque diz Deus a Abrahão em primeiro logar, que conhecia seu amôr, e no segundo, que o premiaria? E já que dilatou para depois as promessas do premio, porque não dilatou tambem as certificações do conhecimento: *Nunc cognovi?* Fallou Deus como quem conhece os corações, e sabe o que mais estima quem verdadeiramente ama. Primeiro certificou a Abrahão, de que conhecia seu amôr, e reservou para depois o assegurar-lhe que o havia de premiar, porque como Abrahão era tão verdadeiro e fino amante, mais estimava vêr o seu amôr conhecido, que pago. As promessas do premio, dilatem-se embora; mas as certificações do conhecimento, dêem-se logo e no mesmo

[1] *Genes.*, XXII, 12.

instante. Porque mais facilmente soffrerá um grande amôr as dilações ou esperanças de pago, que as duvidas de conhecido. Antes digo, que foi necessaria a consequencia de dizer Deus a Abrahão, que conhecia seu amôr, quando lhe mandava suspender a espada, porque se Abrahão não ficára certo de que seu amôr estava já conhecido, sem duvida executára o golpe, para que o sangue de melhor parte de seu coração, dissesse a gritos, quão verdadeiramente amava. E que estimando o amôr sobre tudo vêr-se conhecido: e não conhecendo os homens o amôr de Christo (antes sendo impossivel conhecel-o como elle é) vencesse seu amôr esta difficuldade, e atropellasse este impossivel, e apesar delle e de si mesmo amasse: estupenda resolução de amôr!

VIII

Muito custou a Christo amar-nos, muito padeceu, amando-nos; porém a mais rigorosa pena a que o condemnou seu amôr, foi que amasse a quem o não havia de conhecer. Isto é o que mais sente, isto é o que mais lastima a quem ama. Dois desmaios, ou dois accidentes grandes padeceu a Esposa dos Cantares, causados ambos do seu amôr. Um foi logo no principio delle, que se escreve no Capitulo segundo: outro foi depois de haver já amado muito, e se refere no Capitulo quinto. Houve-se porém a Esposa nestes dois accidentes com differença mui digna de consideração e reparo. No primeiro accidente disse: *Fulcite me floribus, stipate me malis, quia amore langueo:* [1] Acudi-me com confortativos, trazei-me rosas e flôres, porque estou enferma de amôr. No segundo diz: *Adjuro vos filiæ Jérusalem, si inveneritis dilectum, ut nuntietis ei, quia amore langueo:* [2] Pelo que vos mereço, filhas de Jérusalem, que busqueis a meu Amado, e lhe façaes a saber que estou enferma de amôr. Notavel differença! Se a Esposa em ambos os casos estava egualmente enferma de amôr: *Quia amore langueo;* porque razão no primeiro accidente pediu remedios

[1] *Cant.*, II, 5.
[2] *Ibid*, V, 8.

e confortativos, e no segundo não? E se no segundo não teve cuidado de pedir remedios, porque encommenda com tanto encarecimento ás amigas, e lhe pede juramento de que o façam a saber a seu Esposo: *Adjuro vos, ut nuntietis dilecto?* Não se podia melhor pintar a verdade do que dizemos. No primeiro accidente, em que a Esposa era ainda principiante no amôr, pediu sómente remedios para a enfermidade, porque os effeitos penosos que experimentava seu coração, eram os que mais lhe doíam. Porém no segundo accidente, em que o amôr era já perfeito e consummado, em vez de dizer que acudam com remedios a seu mal, diz que acudam com noticias a seu amado, porque não lhe doia tanto a sua dôr, porque ella a padecia, quanto porque elle a ignorava. Acudiu a Esposa primeiro ao que lhe doía mais; e mais lhe doíam os affectos do seu amôr, porque os ignorava a causa, que porque os padecia o sujeito. Por isso em vez de dizer, trazei-me remedios, dizia, levae-lhe noticias. Tanto a affligiam as penas do seu amôr, muito mais por ignoradas, que por padecidas! O mesmo foi em Christo.

No Psalmo 34 conforme o Texto grego, diz assim o Filho de Deus: *Congregata sunt super me flagella, et ignoraverunt:* [1] Cahiram sobre mim tantos açoites e ignoraram. Para intelligencia deste affecto, havemos de suppôr que de todos os tormentos de sua Paixão, nenhum sentiu Christo tanto como o dos açoites. Bastava a razão por prova; mas o mesmo Senhor o declarou, quando descobriu aos discipulos o que havia de padecer: *Tradetur gentibus, et illudetur, et flagellabitur, et conspuetur, et postquam flagellaverint, occident eum.* [2] Em todos os outros tormentos, e na mesma morte, fallou só uma vez; porém o tormento dos açoites repetiu-o duas vezes: *Flagellabitur, et postquam flagellaverint,* [3] porque o que mais sente o coração, naturalmente sáe mais vezes á bocca. Diz pois o Senhor: *Congregata sunt super me flagella, et ignoraverunt:* [4] Cahiram sobre mim tantos açoites e

[1] *Psal.*, XXXIV, 15.
[2] *Luc.*, XVIII, 32 e 33.
[3] *Ibid.*
[4] *Psal.*, XXXIV, 15.

ignoraram. Affligido Jesus; que termos de fallar são estes? Se foram os açoites o tormento de vós mais sentido, parece que havieis de dizer: Cahiram sobre mim os açoites. Oh como os senti! Oh como me atormentaram! Mas em vez de dizer que os sentiu, e que o atormentaram, queixa-se sómente o Senhor, de que os ignoraram; porque, no meio dos maiores excessos do seu amôr, o que mais atormentava o coração de Christo não era o que elle padecia, senão o que os homens ignoravam: *Et ignoraverunt*. Não se queixa dos açoites, e queixa-se da ignorancia: porque os açoites affrontavam a Pessoa, a ignorancia desacreditava o amôr. E quem amava com tanto extremo, que quiz comprar os creditos de seu amôr á custa das affrontas de sua Pessoa, que visse emfim a Pessoa affrontada, e o amôr não conhecido, oh que insoffrivel dôr! E porque esta falta de conhecimento é o que mais sente e mais deve sentir quem ama, por isso ponderou Christo a fineza de seu amôr, não pela circumstancia da sua sciencia, senão pela de nossa ignorancia: *Quod ego facio, tu nescis*. Muito mais realça o amôr de Christo este *nescis*, que o *sciens* de S. João, tantas vezes repetido. Porque se foram grandes circumstancias de amôr, amar, conhecendo-se a si, e conhecendo a quem amava, e conhecendo o amôr, e conhecendo o fim em que havia de parar, amando, sobre todas estas considerações se levanta, e remonta incomparavelmente empregar todos esses conhecimentos e todo esse amôr por quem o não havia de conhecer: *Tu nescis*. [1]

IX

Mas sendo assim que as ignorancias dos homens eram por uma parte o maior sentimento, e por outra o maior credito do amôr de Christo, usou o mesmo amôr tão finamente dellas, que tomou estas mesmas ignorancias por instrumento de nos acreditar a nós, sem reparar nas consequencias, com que se podia desacreditar a si. Subindo Christo á cruz, isto é, ao throno de seu amôr, no mais publico theatro delle,

[1] *Joan.*, XIII, 7.

que foi o Calvario, a primeira palavra que fallou, foi esta: *Pater, dimitte illis, non enim sciunt quid faciunt:* [1] Eterno Pai, perdoae aos homens, porque não sabem o que fazem. Porque não sabem o que fazem, Perdoador amoroso? E sabe vosso amôr o que vos obriga a fazer nesta razão que allegaes? Se a nossa ignorancia nos faz menos ingratos, tambem vos faz a vós menos amante, porque na pedra da ingratidão afia o amôr as suas settas, e quanto a dureza é maior, tanto mais as afina. Como formaes logo desculpas a nossas ingratidões, donde podieis crescer motivos a vossas finezas? Cuidei que tinha dito a maior de todas, mas esta foi a maior. Chegou Christo a diminuir o credito de seu amôr, para dissimular e encobrir os defeitos do nosso, e quiz parecer menos amante, só para que nós parecessemos menos ingratos. Assim usou da ignorancia dos homens, sendo a consideração da nossa ignorancia o mais apurado motivo da sua fineza.

Mas por isso mesmo veiu a não ser assim, e onde arriscou o amôr de Christo a sua opinião, dalli sahiu com ella mais acreditada. Porque não póde chegar a maior fineza um amante, que a estimar mais o credito do seu amado, que o credito do seu amôr. Exemplo deste primôr, só no mesmo Christo se póde achar. Nasceu Christo em um Presepio, e diz por bocca do Evangelista, que nasceu alli, porque não havia logar na cidade: *Quia non erat ei locus in diversorio.* [2] Evangelista sagrado, não digaes tal coisa: seria essa a occasião, mas não foi essa a causa. Nasceu Christo em um Presepio, porque foi tão amante dos homens, que logo quiz padecer por elles aquelle desamparo: e nasceu fóra da cidade, porque foram os homens tão duros e tão ingratos, que lhe não quizeram dar abrigo dentro em Belem. Pois se o amôr de Christo e a ingratidão dos homens, foram a causa, porque se cala o merecimento de Christo, e a culpa, que era dos homens, se attribue á occasião e ao tempo: *Quia non erat ei locus in diversorio?* [3] O certo é, que mais amante se mostrou Christo na causa que apontou, que no

---

[1] *Luc.*, XXIII, 34.
[2] *Ibid.*, II, 7.
[3] *Ibid.*

desamparo que padeceu. O que era eleição sua quiz que parecesse necessidade; e o que era ingratidão nossa, quiz que parecesse contingencia, para que na contingencia ficasse dissimulada a ingratidão, e na necessidade o amôr. A ingratidão acrescentava a fineza, a necessidade diminuia o amôr, e quiz Christo parecer menos amante para que os homens parecessem menos ingratos. Assim amou no principio da vida, e assim acabou no fim della. Por isso desculpa a ingratidão dos homens com a sua ignorancia: *Non enim sciunt quid faciunt*, sendo a mesma ignorancia dos homens o maior credito de seu amôr: *Quod ego facio, tu nescis.*

X

Este foi, christãos, o amôr de Christo, esta a sciencia e as sciencias, com que nos amou, e esta a ignorancia e ignorancias, sobre que somos amados. Tragamos sempre diante dos olhos este *sciens*, [1] e este *nescis:* [2] tenhamos sempre na memoria (que o mesmo Senhor tanto nos recommendou neste dia) a sua sciencia e a nossa ignorancia. Sirva-nos a sua sciencia de espertador, para nunca deixar de amar: sirva-nos a nossa ignorancia de estimulo, para sempre amar mais e mais a quem tanto nos amou. Como não havemos de amar sempre, a quem sempre está vendo e conhecendo se o amamos? Como não havemos de amar muito a quem nos amou tanto, que jámais o poderemos alcançar, nem conhecer? Oh que confusão tão grande será a nossa se bem considerarmos a força e correspondencia deste *sciens*, e deste *nescis*? Quando Christo perguntou tantas vezes a S. Pedro se o amava, respondeu elle, attonito da pergunta: *Tu Domine scis, quia amo te:* [3] Bem sabeis vós, Senhor, que vos amo. Comparae agora este *tu scis* de Pedro, dito a Christo, com o *tu nescis* de Christo dito a Pedro. Quando Christo ama a Pedro, não sabe Pedro quanto o ama Christo: *Tu nescis.* Mas quando Pedro ama a Christo, sabe

[1] *Joan.*, XIII, 1.
[2] *Ibid.*, 7.
[3] *Ibid.*, XXI, 15.

Christo quanto o ama Pedro: *Tu scis.* Oh que desproporção tão notavel de amôr e de sciencia! O amôr de Pedro, sabido: o amôr de Christo, ignorado. O amôr de Christo padece a nossa ignorancia: o nosso padece a sua sciencia: e ambos pódem estar egualmente queixosos. O de Christo queixoso, porque o não conhecem os homens: *Tu nescis:* o dos homens queixoso, porque o conhece Christo: *Tu scis.* Se Christo não conhecera o amôr dos homens, tivera o nosso amôr essa consolação nas suas tibiezas: e se os homens conheceram o amôr de Christo, tivera o seu amôr essa satisfação nos seus excessos. Mas que sendo o amôr de Christo tão excessivo, não o conheçam os homens! E que sendo o amôr dos homens tão imperfeito o conheça Christo! Mui egual e mui desegual sorte é a de ambos. O remedio que isto tinha, Senhor, era que vós e nós trocassemos os corações. Se vós nos amasseis com o nosso coração, proporcionado seria o amôr e o merecimento, e bastaria a nossa ignorancia para o conhecer. E se nós vos amassemos com o vosso, amar-vos-hiamos quanto mereceis, e só a vossa sciencia conheceria o nosso amôr. Mas já que isto não póde ser, Vós, que só vos conheceis, Vós amae: vós, que só conheceis vosso amôr, o pagae. E seja unica gloria vossa e sua, saber-se que só de vós póde ser pago, e só de vós conhecido. Assim o crêmos, assim o confessamos, e prostrados aos pés de vosso amôr lhe offerecemos uma eterna corôa, tecida deste *nescis*, e deste *sciens: Sciens quia venit hora ejus, in finem dilexit eos.*

SERMÃO

DO

MANDATO

Prégado em Lisboa, na Capella Real,
no Anno de 1650

Et vos debetis alter alterius lavare pedes. [1]

I

Como nas obras da creação acabou Deus no ultimo dia pelas maiores do seu poder; assim nas da redempção, de que este dia foi o ultimo, reservou tambem para o fim as maiores do seu amôr. Isto foi ajuntar o mesmo amôr o fim com o fino: *In finem dilexit eos.* Não diz o Evangelista, que como amasse os seus, no fim os amou mais, senão, como amasse, amou: *Cum dilexisset, dilexit.* E porque? Porque é certo que o amôr de Christo para com os homens desde o primeiro instante de sua encarnação até o ultimo de sua vida, sempre foi egual e similhante a si mesmo: nunca Christo amou mais nem menos. A razão desta verdade theologica é muito clara; porque se consideramos o amôr de Christo em quanto homem, é amôr perfeito; e o que é perfeito não póde melhorar: se o consideramos em quanto Deus, é amôr infinito; e o que é infinito não póde crescer. Pois se o amôr de Christo foi sempre egual sem excesso, sempre similhante a si mesmo sem augmento: se Christo em fim, tanto amou aos homens no fim, que differença ha, ou póde haver entre o *cum dilexisset*, e o *in finem dilexit*? Não é esta a duvida que me dá cuidado. Respondem os Santos em muitas palavras com o que já

---

[1] *Joan.*, XIII.

insinuei em poucas. Dizem que usou destes termos o Evangelista, não porque Christo no fim amasse mais do que no principio amára, senão porque fez mais seu amôr no fim do que no principio, e em toda a vida fizera. O amôr póde-se considerar, ou por dentro quanto aos affectos, ou por fóra quanto aos effeitos; e o amôr de Christo quanto aos affectos de dentro, tão intenso foi no principio, como no fim: mas quanto aos effeitos de fóra, muito mais excessivo foi no fim, que em todo o tempo da vida. Então foram maiores as demonstrações, maiores os extremos, maiores os rendimentos, maiores as ternuras, maiores em fim todas as finezas que cabem em um amôr humanamente divino, e divinamente humano; porque naquella clausula final ajuntou o fim com o fino: *In finem dilexit eos.*

Esta é a verdadeira e litteral intelligencia do Texto. Mas agora pergunta a minha curiosidade, e póde perguntar tambem a vossa devoção: Supposto que do amôr de Christo as finezas do fim foram maiores que as de todo o tempo da vida; entre as finezas do fim, qual foi a maior fineza? Esta comparação é muito differente da que faz o Evangelho. O Evangelista compara as finezas do fim com as finezas de toda a vida, e resolve que as do fim foram maiores: eu comparo as finezas do fim entre si mesmas; e pergunto: destas finezas maiores qual foi a maior? O Evangelista diz quaes foram as maiores de todas; e eu pergunto: qual foi a maior das maiores? Esta é a minha duvida; esta será a materia do sermão; e a ultima resolução de tudo as palavras que propuz: *Et vos debetis alter alterius lavare pedes.*

O estylo que guardarei neste discurso, para que procedamos com muita clareza, será este: referirei primeiro as opiniões dos Santos, e depois direi tambem a minha; mas com esta differença — que nenhuma fineza do amôr de Christo me darão, que eu não dê outra maior; e a fineza do amôr de Christo que eu disser, ninguem me ha-de dar outra egual.

Parece-vos muito prometter? Parece-vos demasiado empenhar este? Ah, Senhor, que agora é o tempo de reparar que estaes presente, todo poderoso, e todo amoroso Jesus! Bem creio que no dia em que as fontes de vossa graça estão mais abertas, não m'a negareis, Senhor, para satisfazer ás promessas, a que

por parte de vosso divino amôr me tenho empenhado. Mas para que os corações humanos, costumados a ouvir tibiezas com nome de encarecimentos, não se enganem na similhança das palavras em descredito de vosso amôr, protesto que tudo o que disser de suas finezas, por mais que eu lhes queira chamar as maiores das maiores, não são exagerações, senão verdades muito desaffectadas; antes não chegam a ser verdades, porque são aggravo dellas. Todos os que hoje subimos a este logar (e o mesmo havia de acontecer aos Anjos e Serafins, se a elle subiram) não vimos a louvar e engrandecer o amôr de Christo, vimos a aggraval-o, vimos a affrontal-o, vimos a apoucal-o, vimos a abatel-o com a rudeza de nossas palavras, com a frieza de nossos affectos, com a limitação de nossos encarecimentos, com a humildade de nossos discursos; que aquelle que mais altamente fallou do amôr de Christo, quando muito o aggravou menos. Assim é, aggravado Senhor, assim é! Hoje é o dia da paixão de vosso amôr; porque mais padece elle hoje na tibieza de nossas linguas, do que vós padecestes ámanhã na crueldade de nossas mãos. Mas estas são as pensões do amôr divino, quando se applica ao humano, estes são os desares do infinito e immenso, quando se deixa medir do finito e limitado. Vós, Senhor, que conheceis vosso amôr, o engrandecei, vós que só o comprehendeis, o louvae; e pois é força e obrigação que nós tambem fallemos, passe por uma das maiores finezas suas, soffrer que em vossa presença digamos tão pouco delle.

II

Et vos debetis alter alterius lavare pedes

Entrando pois na nossa questão, qual fineza de Christo é a maior das maiores? Seja a primeira opinião de Santo Agostinho, que a maior fineza do amôr de Christo para com os homens foi o morrer por elles. E parece que o mesmo Christo quiz que o entendessemos assim, quando disse: *Majorem hac dilectionem nemo habet, ut animam suam ponat quis pro amicis*

suis: [1] que o maior acto de caridade, a maior valentia do amôr, é chegar a dar elle a vida pelo que ama.

Com licença, porém, de Santo Agostinho, e de todos os Santos e Doutores que o seguem, que são muitos, eu digo que o morrer Christo pelos homens, não foi a maior fineza de seu amôr: maior fineza foi em Christo o ausentar-se, que o morrer: logo a fineza do morrer não foi a maior das maiores. Discorro assim: Christo Senhor nosso amou mais aos homens, que a sua vida; prova-se, porque deu a sua vida por amôr dos homens: o morrer era deixar a vida, o ausentar-se era deixar os homens: logo muito mais fez em se ausentar, que em morrer; porque morrendo, deixava a vida, que amava menos; ausentando-se, deixava os homens, que amava mais. Allumiado o entendimento com a razão, entre a fé com o Evangelho: *Sciens quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo ad patrem:* [2] Sabendo que era chegada a hora de partir deste mundo para o Padre. Reparo, e com grande fundamento. O partir de que aqui falla o Evangelista, era o morrer; porque o caminho por onde Christo passou deste mundo para o Padre, foi a morte: pois se o partir era o morrer, porque não diz o Evangelista: sabendo Jesus que era chegada a hora de morrer; senão: sabendo Jesus que era chegada a hora de partir? Porque o intento do Evangelista era encarecer e ponderar muito o amôr de Christo: *Cum dilexisset, dilexit:* e muito mais encarecida e ponderada ficava a sua fineza em dizer que se partia, do que em dizer que morrêra. A morte de Christo foi tão circumstanciada de tormentos e affrontas padecidas por nosso amôr, que cada circumstancia della era uma nova fineza: comtudo, de nada disto faz menção o Evangelista, tudo passa em silencio, porque achou que encarecia mais com dizer em uma só palavra que se partira, que com fazer dilatadas narrações dos tormentos e affrontas (posto que tão excessivas) com que morrera: *Ut transeat ex hoc mundo: in finem dilexit eos.*

Que seja maior dôr a da ausencia, que a da morte,

---

[1] *Joan.*, XV, 13.
[2] *Ibid.*, XIII, 1.

não o pódem dizer os que se vão, porque morrem, só o pódem dizer os que ficam, porque vivem, e assim nesta controversia da morte e ausencia de Christo havemos de buscar alguma testemunha viva. Seja a Magdalena, como quem tão bem o soube sentir. E' muito de reparar que chorasse mais a Magdalena na madrugada da resurreição ás portas do sepulchro, que no dia da Paixão ao pé da cruz. Destas lagrimas nada se diz no Evangelho, das outras fazem grandes encarecimentos os Evangelistas: pois porque chorou mais a Magdalena no sepulchro, que na cruz? Discretamente Origenes: *Prius dolebat defunctum, modó dolebat sublatum; et hic dolor major erat:* Quando a Magdalena viu morrer a Christo na cruz, chorava-o defunto; quando achou menos a Christo na sepultura, chorava-o roubado; e eram aqui mais as lagrimas, porque era aqui maior a dôr. Maior a dôr aqui? Agora tenho eu maior duvida. E é maior dôr a dôr de considerar a Christo roubado, que a dôr de vêr a Christo defunto? Sim; porque a dôr de o vêr, ou não vêr roubado, era dôr de ausencia: *Et hic dolor major erat.* Notae: tão morto estava Christo roubado, como defunto; mas defunto estava menos ausente do que roubado; porque a morte foi meia ausencia, levou-lhe a alma, e deixou-lhe o corpo: o roubo era ausencia total; levou-lhe o corpo depois de estar levada a alma: e como o roubo era a maior ausencia do amado, por isso foi maior a dôr do amante.

Mas parae como amante, Magdalena santa, trocae as correntes ás lagrimas, que não vão bem repartidas. O que vos matou a morte, foi Christo vivo; o que vos roubou a ausencia, foi Christo morto: o bem que vos levou a cruz, foi todo o bem; o que vos falta na sepultura, é só uma parte delle, e a menor, o corpo: pois porque haveis de chorar mais a perda do morto, que a perda do vivo; a perda da parte, que a perda do todo? Aqui vereis quanto maior é o mal da ausencia, que o mal da morte. Chora a Magdalena menos a morte de um vivo, que a ausencia de um morto; a morte do todo, que a ausencia da parte. E se o amôr da Magdalena, que era menos fino, avaliava assim a causa da sua dôr entre a morte e a ausencia; que faria o amôr de Christo, que era a mesma fineza? Por dois argumentos o podemos conhecer: o primeimeiro pelos sentimentos que fez em cada uma; o segundo pelos remedios que buscou a ambos.

III

Quanto aos sentimentos, sendo que padeceu Christo a morte naquella edade robusta, em que os homens costumam morrer fazendo termos não só violentos mas horriveis, agonisando anciosamente, como se a morte luctára com a vida, e arrancando-se a alma do corpo, como a pedaços, pela força com que a natureza resiste ao rompimento de uma união tão estreita; comtudo Christo morreu tão placido e quietamente, como o dizem aquellas palavras: *Inclinato capite tradidit spiritum:* [1] que entregou uma vida de trinta e tres annos sem outra violencia, nem movimento mais que uma inclinação da cabeça. Passemos agora do Calvario ao Horto, e teremos muito de que nos admirar. Quando Christo se despediu no Horto de seus Discipulos, diz o Evangelista: *Avulsus est ab eis:* [2] que se arrancou o Senhor delles; e que apartando-se um tiro de pedra, começou a agonisar: *Et factus in agonia.* [3] Notae como estão trocados os termos: o agonisar é de quem está morrendo, o arrancar é da alma quando se aparta do corpo; pois se na cruz não houve arrancar, nem agonisar, como o houve no Horto? Porque na cruz morreu Christo, no Horto apartou-se de seus discipulos; e como o Senhor sentia mais o ausentar-se que o morrer, os accidentes que havia de haver na morte, para os padecer mais em seu logar, trocou-os; tirou-os da morte, e passou-os á ausencia: sendo que o arrancar havia de ser da alma, quando se apartou do corpo, Christo foi o que se arrancou, quando se apartou dos Discipulos: *Avulsus est ab eis:* e sendo que o agonisar havia de ser no Calvario, quando morreu, não agonisou o Senhor, senão no Horto, porque lá se apartou: *Et factus in agonia.* Morreu Christo com a facilidade com que os homens se costumam ausentar, e ausentou-se com todos os accidentes com que os homens costumam morrer.

Para ponderarmos bem o fino desta fineza, que ainda não está ponderado, havemos de entender e

---

[1] *Joan.* XIX, 30.
[2] *Luc.*, XII, 414.
[3] *Ibid.*, X, 3.

penetrar bem o que era em Christo o ausentar-se, e o que era o morrer. O morrer era apartar-se a alma do corpo; o ausentar-se, era apartar-se elle dos homens: e mais soffrivel se lhe fez a Christo a morte, que era apartamento de si para comsigo, que a ausencia, que era apartamento de si para comnosco; e muito mais sentiu Christo o dividir-se de nós, que dividir-se de si. Ainda não está encarecido. Christo pela morte deixou de ser Christo; porque naquelles tres dias havia corpo de Christo no sepulchro, e havia alma de Christo no Limbo; mas todo Christo quanto á humanidade, que consiste na união da alma com o corpo, não o havia. De maneira que pela morte deixou de ser Christo, pela ausencia deixou de estar com os homens: e sentiu mais o amoroso Senhor deixar de estar com quem amava, que deixar de ser quem era. A morte privou-o de ser, a ausencia privou-o de estar: e mais sentiu Christo o deixar de estar, que o deixar de ser: mais sentiu a perda da companhia, que a destruição da essencia.

IV

Isto quanto aos sentimentos. Vamos aos remedios. Se repararmos nas circumstancias da morte de Christo, acharemos que resuscitou tres dias depois, e que se sacramentou um dia antes. Christo podéra antecipar a Resurreição, e não só resuscitar antes do terceiro dia, senão logo no outro instante depois de morto, que para a Redempção bastava. Da mesma maneira podéra Christo dilatar a instituição do Sacramento: e assim como se sacramentou antes de morto, sacramentar-se depois de resuscitado. Antes era mais conveniente ao estado, que Christo tem no Sacramento, que é de impassivel. Pois porque razão não resuscita Christo senão tres dias depois da morte, e não se quiz sacramentar senão um dia antes? Ora vêde. A Resurreição era remedio da morte, o Sacramento era remedio da ausencia: e como Christo sentia mais o ausentar-se, que o morrer; o remedio da morte dilatou-o, o remedio da ausencia preveniu-o. Como a ausencia lhe doía tanto, applicou o remedio antes: como a morte lhe doía menos, deixou o remedio para depois. Mais,

Christo ausentou-se uma só vez, assim como uma só vez morreu; mas reparae que o resuscitar foi uma só vez, e o sacramentar-se infinitas vezes, todas as horas e em todas as partes do mundo. E porque se não sacramentou Christo uma só vez, assim como uma só vez resuscitou? Porque como Christo sentia menos a morte que a ausencia, contentou-se com remediar uma morte com uma vida; mas como sentia mais a ausencia que a morte, não se contentou com remediar uma ausencia, senão com infinitas presenças. Morreu uma vez no Calvario e resuscitou uma vez no sepulchro: ausentou-se uma vez em Jérusalem, mas faz-se infinitas vezes presente em todo o mundo.

Das portas a dentro do mesmo Sacramento temos grandes provas disto. O mysterio sagrado da Eucharistia é sacramento, e é sacrificio: em quanto sacramento do corpo de Christo, é presença; em quanto sacrificio do mesmo corpo, é morte. Daqui se segue, que tantas vezes morre Christo naquelle sacrificio, quantas se faz presente naquelle sacramento. O' excessiva fineza de amôr! De sorte que cada presença que Christo alcança pelo sacramento, lhe custa uma morte pelo sacrificio. E quem compra cada presença a preço de uma morte, vêde se sente menos o morrer, que o ausentar-se. O Sacramento do altar com ser um, tem estes dois mysterios: é continua representação da morte de Christo, e é continuo remedio da ausencia de Christo. Mas entre a morte e a ausencia (agora acabo de entender o ponto) ha esta differença: que a morte por um instante só, pareceu-lhe ao amôr de Christo pouca morte: o ausentar-se, ainda que fosse por um só instante, pareceu-lhe muita ausencia. Pois que remedio buscaria o seu amôr? Instituiu um Sacramento que fosse juntamente morte continua: morte continua, para morrer não só por um instante, mas por muito tempo; presença continua, para se não ausentar não por muito tempo, mas nem ainda por um instante. Em summa, que sentiu Christo tanto mais o ausentar-se, que o morrer, que se sujeitou a uma perpetuidade de morte, por não padecer um instante de ausencia. E como a Christo lhe custava mais a ausencia que a morte, reduzido hoje a termos em que nos importava a nós o partir-se: *Expedit vobis ut ego vadam:* [1]

[1] *Joan.*, XVI, 7.

não ha duvida que muito mais fez em se ausentar por nós, que em morrer por nós. E se me replicam com a auctoridade de Christo: *Majorem hac dilectionem nemo habet:* que o morrer é a maior fineza; responde S. Bernardo, que fallava Christo das finezas dos homens, e não das suas. Mas eu respondo, que ainda que fallasse das suas, se prova melhor o nosso intento. Se o morrer é maior fineza, e o ausentar-se é maior que o morrer, segue-se que a fineza de se ausentar não foi maior fineza entre as grandes, senão maior entre as maiores: foi uma fineza maior que a maior: *Majorem hac dilectionem nemo habet, ut animam suam ponat quis pro amicis suis.*

V

A segunda opinião é de S. Thomaz, e de muitos que antes e depois do Doutor Angelico tiveram a mesma. Diz S. Thomaz que a maior fineza do amôr de Christo hoje foi deixar-se comnosco, quando se ausentava de nós. E verdadeiramente que o ir e ficar, o partir-se e não se partir, o deixar-se a si, quando nos deixava a nós, não ha duvida que foi grande fineza. Foi tão grande que parece desfaz tudo, quanto até agora temos dito: porque ainda que no amôr de Christo seja maior fineza o ausentar-se, que o morrer, a fineza de se deixar comnosco desfaz a fineza de se ausentar de nós. Bem aviados estamos.

Com isto se representar assim, e com eu ser grande venerador da doutrina de S. Thomaz, digo que o deixar-se comnosco não foi a maior fineza de seu amôr: dou outra maior. E qual foi? Maior fineza foi no mesmo Sacramento o encobrir-se, que o deixar-se: logo a fineza de se deixar não foi a maior das maiores. Que fosse maior fineza o encobrir-se que o deixar-se, provo: O deixar-se foi buscar remedio á ausencia, isso é commodidade: o encobrir-se, foi renunciar os allivios da presença, isso é fineza. Para maior intelligencia desta materia, hemos de suppôr com os theologos, que Christo Senhor nosso no Sacramento do altar, ainda que está alli corporalmente, não tem uso, nem exercicio dos sentidos. Assim como nós não vemos a Christo debaixo daquelles accidentes, assim

Christo nos não vê a nós com os olhos corporaes. Encobrindo-se pois Christo no Sacramento, ainda que está presente com os homens, a quem ama, está presente sem os vêr; e a presença sem vista é maior pena que a ausencia.

Sabendo Absalão que David fazia diligencia pelo prender, para que pagasse com a vida a morte que déra ao principe Amnon, diz o Texto Sagrado que se ausentou para as terras de Gessur, fóra das raias de Judéa. Passados alguns tempos, por industria de Joab deu David licença para que Absalão podesse vir viver na côrte, e dizia assim o decreto: *Revertatur in domum suam, et faciem meam non videat:* [1] Venha embora Absalão para sua casa, mas não me veja o rosto. Veiu Absalão, continuou na côrte sem vêr o rosto a seu pai; e chamando outra vez a Joab para que tornasse a interceder por elle, disse-lhe desta maneira: *Quare veni de Gessur?* [2] Para que vim de Gessur onde estava desterrado? *Melius mihi erat ibi esse:* Melhor me era estar lá: *Obsecro ergo ut videam faciem regis:* [3] pelo que fazei, Joab, que veja eu o rosto a meu pai: *Quod si memor est iniquitatis meæ, interficiat me:* [4] E se elle se não dá ainda por satisfeito, mate-me antes.

Duas coisas pondero neste passo: primeira, dizer Absalão que melhor lhe era estar em Gessur, que em Jérusalem: *Melius mihi erat ibi esse.* Parece que não tem razão. Em Gessur estava no desterro, em Jérusalem estava na patria: em Gessur estava longe de David, em Jérusalem estava perto: em Jérusalem não via, nem communicava a seu pai; mas muito menos o podia vêr, nem communicar em Gessur: pois porque diz Absalão que melhor lhe era estar ausente em Gessur, que presente em Jérusalem? Direi. Ainda que Absalão em Jérusalem estava presente, estava presente com lei de não vêr a seu pai a quem amava, ou a quem queria mostrar que amava; porque vedava o decreto que de nenhum modo o visse: *Et faciem meam non videat.* E por isso diz que melhor lhe era estar

[1] *2.º Livro dos Reis*, XIV, 24.
[2] *Ibid.*
[3] *Ibid.*
[4] *Ibid.*

ausente em Gessur, que presente em Jérusalem; porque presença com lei de não vêr é peior que ausencia. Tal é a de Christo no Sacramento: pôl-o assim o amôr presente, com lei de não poder vêr aos homens, por quem se deixou e a quem tanto amava. E' verdade que Christo Senhor nosso no Sacramento vê-nos com os olhos da divindade, e com os olhos da alma; mas com os do corpo, que é o que immediatamente se sacramentou, não. E porque não? Não, porque o modo sacramental o não permitte: e não, por outros respeitos e conveniencias, que o mesmo amôr teve e tem para isso, e pelas quaes sujeitou a sua presença a tudo o de que Absalão se queixava na sua. Absalão tanto deixava de vêr a David quando estava ausente em Gessur, como quando estava presente em Jérusalem; porém o não vêr estando presente, ou não vêr estando ausente, ainda que seja a mesma privação, não é a mesma dôr; estar ausente e não vêr, é padecer a ausencia na ausencia; mas não vêr estando presente, é padecer a ausencia na presença. E se isto nas palavras é contradição, que violencia será na vontade?

Vamos ao segundo reparo. Diz Absalão que lhe conceda el-rei licença para lhe vêr o rosto: *Ut videam faciem regis:* e se persiste em lhe negar a vista, que o mate antes: *Interficiat me.* Vinde cá, Absalão: quando David vos queria matar, não vos ausentastes vós por espaço de tres annos por escapar da morte? Sim. Pois se para vos livrar da morte tomastes a ausencia por remedio, agora que estaes na presença, porque pedis a morte por partido? Porque ainda que David concedeu a presença a Absalão, concedeu-lhe a presença com prohibição da vista; e a presença com prohibição da vista é um tormento tanto maior que a ausencia, que o mesmo Absalão, que hontem escolheu a ausencia por remedio, para se livrar da morte, agora toma a morte por partido, para se livrar de tal presença. Em Absalão no primeiro caso querer antes a ausencia que a morte, não andou fino, nem parecido a Christo, que sentiu mais o ausentar-se, que o morrer: mas em entender Absalão no segundo caso que presença sem vista era maior mal que a ausencia, andou muito fino, muito discreto e muito parecido a Christo, que assim o padece no Sacramento. Porém nesta mesma similhança de Christo e Absalão acho eu uma diffe-

rença grande e muito digna de notar. Absalão toda esta fineza fal-a por amôr de seu pai David; mas Christo, melhor filho de David que Absalão, ainda que no dia de hoje se partia para seu pai, não fez esta fineza por amôr de seu pai, fal-a por amôr de nós: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem: in finem dilexit eos.*

VI

Para que conheçamos de alguma maneira quanto Christo sentiu esta privação da vista dos homens, não já por exemplos alheios, senão por experiencias proprias, quero ponderar dois versos da Igreja, muitas vezes cantadas, mas não sei se alguma vez bastantemente entendidos. *O sacrum convivium, in quo Christus sumitur: recolitur memoria passionis ejus.* Diz a Igreja, fundada na auctoridade de S. Paulo, que o mysterio do Sacramento do altar é uma recordação e uma recopilação da Paixão de Christo. Ora eu quando me ponho a combinar a Paixão de Christo com o Sacramento nenhuma similhança lhe acho. Na Paixão houve prisão, houve açoites, houve cruz, houve cravos, houve lança, houve fel e vinagre: e no Sacramento nada disto ha. Só um tormento houve na Paixão, além dos referidos, que se parece com o que passa no Sacramento: porque na Paixão cobriram os olhos a Christo, assim como no Sacramento está com os olhos cobertos: *Velaverunt eum.* [1] Pois se no Sacramento da Eucharistia não ha mais que a similhança de um só tormento da Paixão, como se chama recopilação e representação de toda ella? Ahi vereis quanto Christo sente estar com os olhos cobertos, e privado da vista na presença dos homens, a quem tanto ama. Neste só tormento se recopilam todos os tormentos da Paixão de Christo. Em todos os membros de Christo atormentado esteve a Paixão por extenso: em só os olhos de Christo cobertos esteve a mesma Paixão recopilada. Por isso o Sacramento não só em significação, senão em realidade é uma recopilação abreviada, mas verdadeira de toda a Paixão de Christo: *Recolitur me-*

[1] *Luc.*, XXII, 64.

moria passionis ejus. Ainda não está ponderado o passo.

Duas Paixões teve Christo executadas por differentes ministros: uma executaram os homens na cruz, outra executou o amôr no Sacramento. E que fizeram os homens? Ajuntaram todos os tormentos, que póde inventar a crueldade, e tiraram a vida a Christo; e esta foi a Paixão dos homens. E que fez o amôr, menos apparatoso, mas mais executivo? Tirou a venda dos seus olhos, cobriu os olhos de Christo com ella no Sacramento: e esta foi a Paixão do amôr. Mas qual mais rigorosa, a do amôr, ou a dos homens? Não ha duvida que a do amôr. A Paixão dos homens teve maiores apparatos e maiores instrumentos; a Paixão do amôr mais breve execução, mas maior tormento. Houveram-se os homens e o amôr na Paixão de Christo, como os juizes dos philisteus na sentença de Samsão. Os primeiros juizes disseram que morresse: os segundos disseram que lhe tirassem os olhos: e esta sentença se executou por se julgar por mais cruel. Assim aconteceu a Christo. Os homens tiraram-lhe a vida: o amôr tirou-lhe a vista: os homens na cruz deixaram-o morto, mas sem sentir; o amôr no Sacramento deixou-o vivo, mas sem vêr.

VII

Já eu me dera por satisfeito, se do mais interior do mesmo Sacramento não resultára uma replica tão forte, que na differença da comparação parece que desfaz a fineza. Maior fineza é a de um vivo sem vêr a quem ama, que a de um morto sem sentir o que padece. Mas Christo no Sacramento tambem não sente, porque está alli impassivel: logo não é fineza o não vêr, onde se não sente a privação da vista. Concedo que Christo no Sacramento está impassivel; mas nego que essa impassibilidade lhe tirasse o sentimento de não vêr aos homens. Assim como o amôr de Christo na privação da vista dos homens recopilou todos os sentimentos da sua Paixão, assim na instituição do Sacramento recopilou todos os sentimentos desta privação da mesma vista. Mas como, ou quando? O quando, foi quando consagrou o seu corpo: e o como,

consagrando-o de tal maneira, que estivesse nelle como cego, e sem a vista dos olhos. Então padeceu recopiladamente passivel o que depois não podia padecer impassivel.

Coisa admiravel é, que recebendo e padecendo Christo tantas feridas nos pés, nas mãos, na cabeça e em todos os outros membros do sacratissimo corpo, só o coração, que é o principal, e a fonte e principio da vida, tirando-lh'a os outros tormentos, ficasse inteiro, illeso e sem ferida: morto porém o Senhor, então recebeu no peito a lançada que lhe trespassou o coração: *Ut viderunt eum jam mortuum: unus militum lancea latus ejus aperuit.* [1] Perguntam agora os theologos, se mereceu Christo na ferida da lança como nas outras, que padeceu vivo; porque os mortos já não estão em estado de merecer. E responde S. Bernardo com a sentença commum, não só que mereceu, mas com pensamento e agudeza particular, que tambem padeceu a mesma ferida: *Dominus meus Jesus post cætera inæstimabilis erga me beneficia pietatis, etiam dextrum propter me passum est latus perfodi.* [2] Estas ultimas palavras parecem difficultosas: porque o corpo de Christo depois de morto estava impassivel. Pois se estava impassivel e incapaz de padecer, como padeceu a lançada: *Passus est latus perfodi?* Porque ainda que a recebeu impassivel depois da morte, aceitou-a vivo e passivel no principio da vida. Notae muito. No principio da vida de Christo, e logo no primeiro instante da sua Encarnação, manifestou-lhe o Eterno Padre tudo o que queria que padecesse pela salvação dos homens, e estava escripto nos Prophetas. Isso quer dizer, em sentença de todos os Padres e Theologos: *In capite libri scriptum est de me, ut facerem voluntatem tuam:* [3] e a isso alludiu o mesmo Christo, quando, mandando embainhar a espada a S. Pedro, lhe disse: *Quomodo implebuntur Scripturæ?* [4] E que respondeu Christo á proposta do Eterno Padre? *Deus meus volui, et legem tuam in medio*

---

[1] *Joan.*, XIX, 33 e 34.
[2] *Bern. in Psal. Qui habitat.*
[3] *Psalm.* XXXIX. 8.
[4] *Math.*, XXVI, 54.

cordis mei: [1] Eu quero e aceito tudo não só como vontade vossa, Pai meu, mas como preceito e lei, que eu desde agora ponho no meio do coração: *et legem tuam in medio cordis mei:* e já daqui ficou o mesmo coração de Christo sujeito e obrigado á lançada. Tanto assim, que no mesmo logar o diz o Texto hebreu expressamente: *Corpus autem perforasti mihi.* E como esta aceitação voluntaria, antevendo a mesma lançada, foi de Christo vivo e passivel, por isto a padeceu morto e impassivel, tanto por amôr de nós, como as outras feridas: *Propter me passus est latus perfodi.*

Confirme o pensamento de Bernardo o mesmo Christo: *Vulnerasti cor meum soror mea sponsa, vulnerasti cor meum.* Feriste-me o coração, esposa minha, feriste-me o coração. Duas vezes diz que lhe feriu a esposa o coração, sendo que uma só vez foi ferido; porque? Porque a mesma lançada que recebeu depois de morto, já a tinha antevisto e aceite estando vivo. [2] E por este modo padeceu o Senhor então, o que depois não havia de padecer, supprindo a aceitação de vivo e passivel a impassibilidade de morto e impassivel. E para que esta troca de morto e vivo, e de se aceitar em um estado o que se recebe em outro, não pareça imaginada ou fingida: vêde-o no mesmo Christo. Ungiu a Magdalena a Christo; e respondendo o Senhor á murmuração de Judas, disse, que a Magdalena o ungira como morto para a sepultura: *Mittens haec unguentum in corpus meum, ad sepeliendum me fecit.* [3] A Magdalena, quando foi á sepultura ungir a Christo, não o ungiu: pois se o não ungiu na sepultura morto, como o ungiu para a mesma sepultura vivo? Porque o mesmo unguento que o Senhor recebeu vivo no Cenaculo, o aceitou como morto no sepulchro: e tanto valeu a aceitação antecipada de Christo vivo, como se a Magdalena o ungira depois de morto: *Ad sepeliendum me fecit.* Troquemos agora uma e outra acção. Assim como Christo recebeu o unguento como vivo, e o aceitou como morto, assim recebeu a lançada como morto e a aceitou como vivo; e assim como esta aceitação bastou para que a Magdalena fizesse o

---

[1] *Psalm.*, XXXIX, 9.
[2] *Cant.*, IV, 9.
[3] *Math.*, XXVI, 12.

que não fez, *Ad sepeliendum me fecit*, assim bastou a aceitação da lançada, para que padecesse o que não padeceu: ***Passus est latus perfodi.***

Vamos agora ao Sacramento (que toda esta supposição foi necessaria para fundar um ponto de tanto fundo). Disse que quando Christo consagrou seu corpo de tal modo que estivesse sempre privado da vista dos homens, então padeceu recopiladamente passivel, o que depois não podia padecer impassivel. E assim foi, como acabamos de mostrar em exemplo tão similhante. E senão, ponhamo-nos com Christo no Cenaculo antes de dizer: *Hoc est Corpus meum:* [1] e façamos esta proposta aos seus humanissimos e amorosissimos olhos. E bem, Senhor, por parte dos vossos mesmos olhos vos requeiro, que antes de lhe correr essa cortina vejaes bem o que quereis fazer. Não são esses mesmos os olhos que, quando os levantastes no monte: *Cum sublevasset oculos Jesus*, [2] se enterneceram de maneira vendo aquella multidão de cinco mil homens famintos, que dissestes vós: *Misereor super turbam?* [3] Pois se esses olhos se compadeceram tanto dos homens, como se não compadecem de si? Neste Sacramento não haveis de estar em todas as partes do mundo? Neste Sacramento não haveis de estar até o fim do mundo: *Ecce ego vobiscum sum usque ad consummationem sæculi?* [4] Pois é possivel que em todas as partes do mundo, e até o fim do mundo se hão-de atrever e sujeitar vossos olhos a perder para sempre a vista dos homens? Sim. Tudo isso estou vendo, diz o amoroso Jesus; mas como eu me quero dar aos homens todo em todo, e todo em qualquer parte deste Sacramento, e como neste modo sacramental não é possivel a extensão que requer o uso da vista, padeçam embora os meus olhos esta violencia sempre, com tanto que eu me dê aos homens por este modo todo, e para sempre.

Nesta resolução, e neste só acto (bastante a remir mil mundos) padeceu Christo por junto, e de uma vez, o que os seus olhos no estado impassivel do Sacra-

---

[1] *Matth.*, XXVI, 26.
[2] *Joan.*, VI, 5.
[3] *Marc.*, VIII, 2.
[4] *Matth.*, XXVIII, 20.

mento não podiam padecer; reduzindo-se toda a sua impassibilidade a um acto infinitamente tão dilatado, como é em logar e duração todo este mundo. Com esta deliberação tomou o Senhor o pão em suas santas e veneraveis mãos: *Accepit panem in sanctas, ac venerabiles manus suas, et elevatis oculis in cœlum*, e levantando os olhos ao céo: Tende mão, Senhor, e perdoae-me. Agora que estaes com o pão nas mãos para o consagrar, agora levantaes os olhos ao céo, e os tiraes dos homens? Sim; agora, e neste acto; porque se em consagrar o pão consiste o Sacramento, em não vêr os homens consiste o sacrificio. Alli o temos impassivel e incruento, mas pelo impedimento daquellas paredes, que nós vêmos, e pelas quaes elle nos não póde vêr sacrificado. Disse paredes, e não parede, porque são duas, uma da humanidade, que encobre a divindade, e a Christo em quanto Deus; outra dos accidentes sacramentaes, que encobrem a humanidade, e a Christo em quanto homem. Da primeira parede dizia a Esposa antes de Christo ser homem: *En ipse stat post parietem nostrum respiciens per fenestras, prospiciens per cancellos.* [1] Porque encoberto daquella primeira parede, que é a da humanidade, elle via-nos a nós em quanto Deus, posto que nós o não viamos a elle: porém depois que sobre aquella parede se pôz a segunda, que é a dos accidentes, nem nós em quanto homem o vêmos a elle, nem elle nos vê a nós. E esta é a fineza cruel e terrivel do amôr, pela qual deixando-se com os homens, se condemnou a não vêr os mesmos por quem se deixou. Com declaração e sentença final, e sem embargos, que mais fez em se encobrir, que em se deixar.

VIII

A terceira e ultima opinião é de S. João Chrysostomo, o qual tem para si, que a maior fineza do amôr de Christo hoje, foi o lavar os pés a seus Discipulos. E parece que o mesmo Evangelista o entendeu, e quiz que o entendessemos assim, pois acabando de dizer,

[1] *Cant.*, II, 9.

In finem dilexit eos, entra logo a descrever a acção do lavatorio dos pés, ponderando uma por uma todas suas circumstancias, como se foram ella e ellas a maior prova do que dizia. O mesmo confirmam os assombros e pasmos de S. Pedro, nunca similhantes em outra alguma acção de Christo: *Domine, tu mihi lavas pedes?* [1] E bem, Senhor, vós a mim lavar-me os pés? *Tu mihi?* Vós a mim? A distancia que ha entre estas duas tão breves palavras é infinita: e posto que Pedro a cria por fé, nem elle nem outro entendimento humano a póde comprehender nesta vida. Por isso lhe disse o mesmo Christo: *Quod ego facio, tu nescis modo:* [2] O que eu faço, tu agora não o sabes, mas sabel-o-has depois, isto é, quando no céo conheceres a grandeza da gloria e magestade que agora vês prostrada a teus pés. Assim entendem o *postea* Santo Agostinho, Beda, e Ruperto. Finalmente, o mesmo Evangelista, ponderando a differença dos pés, que haviam de ser lavados, e das mãos, que os haviam de lavar, acrescenta aquella notavel prefação: *Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus.* [3] Isto fez o soberano Senhor sabendo que seu Eterno Padre lhe tinha posto tudo nas mãos. Como se duvidára e dissera comsigo seu mesmo amôr antes de se arrojar aos pés dos Discipulos: Eu tenho tudo nestas mãos: e que posso fazer nesta despedida, para que os meus amados conheçam quanto os amo? Pois tenho nas mãos tudo, dar-lhes-hei tudo. Mas é pouco, que tambem elles deixaram tudo por amôr de mim: *Ecce nos reliquimus omnia.* [4] Pois se é pouco tudo o que tenho nas mãos, quero com essas mãos, em que tenho tudo, lavar-lhes os pés: *Cœpit lavare pedes Discipulorum.* [5]

Sendo tão fundada como isto a opinião de S. Chrysostomo, e dos outros Doutores antigos e modernos, que a encarecem e seguem; eu comtudo não posso consentir que seja esta a maior fineza do amôr de Christo hoje; porque dentro do mesmo lavatorio dos pés darei outra maior. E qual é? Não excluir delle

---

[1] *Joan.*, XIII, 6.
[2] *Ibid.*, 7.
[3] *Ibid.*, 3.
[4] *Math.*, XIX, 27.
[5] *Joan.*, XIII, 5.

Christo a Judas. Muito foi, e mais que muito, lavar Christo os pés aos Discipulos; mas laval-os tambem a Judas, essa foi a fineza. Não é consideração minha, senão advertencia, e ponderação do mesmo Evangelista. Notae a ordem e consequencia do Texto. Depois de ter dito: *Cum dilexisset suos, in finem dilexit eos;* continua logo em prova do que dizia: *Et Cœna facta, cum diabolus jam misisset in cor, ut traderet eum Judas: surgit á Cœna, et cœpit lavare pedes Discipulorum.* [1] E feita a Ceia, tendo já o demonio persuadido o coração de Judas a que entregasse a seu Mestre, então se levantou da meza a lavar os pés dos Discipulos. E porque advertiu e interpoz o Evangelista aquella notavel clausula, de que antes de lavar os pés a todos os Discipulos, já um delles tinha consentido com o demonio, e determinado a traição, e nomeadamente que este era Judas? Porque nesta circumstancia consistia o mais profundo da humanidade, o mais subido da acção, e o mais fino do amôr de Christo.

Notae mais. *Cum dilexisset suos, qui erant in mundo:* Como amasse aos seus, que deixava neste mundo: e quem eram estes seus? Eram os doze da sua escóla, da sua familia, e da sua meza, donde se levantava. Todos estes eram os seus, mas com grande differença seus: os onze seus, porque eram os seus amigos; e o duodecimo tambem seu, porque era o seu traidor; mas sem embargo desta differença todos amados neste fim: *Cum dilexisset suos, in finem dilexit eos.* Mais ainda. Quando Christo disse a S. Pedro, que os que estavam limpos de peccado, ou maldade grave, bastava que lavassem os pés: *Non indiget nisi ut pedes lavet:* [2] acrescentou: *Et vos mundi estis, sed non omnes:* E vós, Discipulos meus, estaes limpos, mas não todos. E porque fez o Senhor esta excepção, *e não todos?* O mesmo Evangelista o declarou: *Sciebat enim quisnam esset, qui traderet eum: propterea dixit: Non estis mundi omnes.* [3] Disse que não estavam limpos todos, porque elle sabia que um estava inficionado com o peccado da traição, e quem era. Pois se Christo fez esta excepção entre todos: *sed non*

---

[1] *Joan.*, XIII, 1, 2, 4 e 5.
[2] *Ibid.*, 10.
[3] *Ibid.*, 11.

omnes; porque não exceptuou tambem ao mesmo traidor? Porque o não excluiu do regalo e favor amoroso do lavatorio? E porque não sendo elle como todos, antes tão indigno, o admittiu com todos? Porque hoje não era o seu dia do juizo, senão o do seu amôr.

IX

A fineza do amôr mostra-se em egualar nos favores os que são deseguaes nos merecimentos: não em fazer dos indignos dignos, mas em os tratar como se o fôssem. Ha-de ter o amôr alguns resabios de injusto, para ser fino. Amae a quem vos tem odio, e fazei bem a quem vos quer mal, diz Christo: *Ut sitis filii Patris vestri, qui in cœlis est:* [1] para que sejaes filhos do voso Pai, que está no céo. E que faz o Pai do céo no céo? *Solem suum oriri facit super bonos, et malos: et pluit super justos et injustos.* [2] No céo nasce o sol; e faz que nasça sobre bons e máus: do céo desce a chuva; e faz que desça sobre justos e injustos. Verdadeiramente não póde haver maior egualdade com todos; mas egualdade que parece injustiça. Não é coisa injusta medir os bons e máus, os justos e os injustos, com a mesma regra? Os bons e justos servem a Deus, os máus e injustos offendem-o: e sendo tanto maior a differencia de servir ou offender, a servir mais, ou a servir menos: os operarios da vinha que tinham servido mais, queixavam-se muito do Pai de familias os egualar aos que serviram menos: *Hi novissimi unam horam fecerunt, et pares illos nobis fecisti.* [3] Mas ponhamos o exemplo no mesmo sol, e na mesma chuva. Quando Deus castigou a dureza do coração de Pharaó, que não era mais duro que o de Judas, o sol allumiava os hebreus, e os egypcios estavam em trevas: nos campos dos hebreus as nuvens choviam agua, e nos dos egypcios choviam raios. Pois se a mesma differença entre bons e máus podia agora fazer Deus com o seu sol, e a sua chuva, porque

---

[1] *Math.*, v, 45.
[2] *Ibid.*
[3] *Ibid.*, xx, 12.

trata com a mesma egualdade a todos? Porque então obrava no Egypto como juiz severo, agora communica-se ao mundo como pai amoroso. E o amôr fino (qual é sobre todos o amôr de pai) quando é egual na benignidade para os que a merecem e desmerecem, nessas mesmas apparencias de menos justiça realça mais os quilates da sua fineza. E se isto é o que ensina Christo aos que quizerem ser filhos de Deus por imitação; que faria elle que o é por natureza? Assim como os raios do sol e os da chuva, que tambem são raios, descem do céo; assim elle desceu neste dia, não *super bonos et malos, et super justos et injustos;* mas até os pés de uns e outros. Os outros Discipulos eram justos e bons, Judas era injusto e pessimo: e comtudo (antes por isso) com reflexão, que era Filho de Deus, tratou egualmente a todos. Para todos lançou a agua na bacia: *Mittit aquam in pelvim:* [1] a todos lavou os pés: *Cœpit lavare pedes Discipulorum:* [2] a todos os enxugou com a toalha, de que estava cingido: *Et extergere linteo, quo erat præcinctus.* [3] Tambem aqui tem logar o sol e a chuva, porque a chuva a todos molha, e o sol a todos enxuga. e porque os outros Discipulos na grande differença de Judas se podiam queixar desta egualdade, e dizer como os operarios: *Parem illum nobis fecisti;* não desistiu por isso o amôr de Christo, antes se gloriou da mesma desegualdade, porque as queixas, quando as houvesse da sua justiça, eram os maiores panegyricos da sua fineza.

Christo Senhor nosso antes de lavar os pés aos Discipulos, tinha-lhes já revelado que um delles era traidor, e o havia de entregar a seus inimigos; mas não lhes descobriu quem era. Com esta noticia da traição e ignorancia da pessoa, quando o Senhor começou, e continuou o lavatorio, estavam todos suspensos, esperando que o traidor fosse excluido daquelle favor; mas quando viram que todos eram tratados com a mesma egualdade, sem nenhuma excepção, os onze, a quem segurava a propria consciencia, como cada um só sabia de si, estavam attonitos e pasmados. A todos

[1] *Joan.*, XIII, 5.
[2] *Ibid.*
[3] *Ibid.*

dava a agua da bacia pelos artelhos, mas na profundidade do mysterio e do amôr, nenhum tomava pé. Só S. João entre todos sabia que o traidor era Judas: porque o Senhor só a elle tinha descoberto este segredo, e por isso só o mesmo S. João parece que se podia queixar desta egualdade em nome de todos, e muito mais no de seu amôr.

Em nome de todos podia dizer S. João com a confiança e familiaridade de valído: Basta, Senhor, que com a mesma egualdade haveis de tratar a um Discipulo tão indigno, e os que tanto vos servem, e vos merecem? Com a mesma egualdade aos fieis, e ao traidor? Aos maiores amigos, e ao mais cruel inimigo? Aos que vos entregaram a sua liberdade, e ao que ha-de vender a vossa? Sempre este nome de Judas foi fatal para vós. Na figura deste mesmo caso em que estamos, Judas se chamava o que aconselhou e tratou a venda de José: mas quanto vae de Judas a Judas! Estava José condemnado á morte: *Venite, occidamus eum:* [1] e aquelle Judas traçou-lhe a venda para lhe salvar a vida: mas o vosso Judas (que bem lhe posso chamar vosso, pois tão amorosamente o tratães) não só vos vende a liberdade, mas a aquelles que vós sabeis e elle sabe, que não só vos hão-de dar a morte, mas morte de cruz. Que dirão agora as cruzes de Pedro e de André, e as dos outros? Tanto merece o que vos tem fabricado a cruz e a morte, como os que hão-de morrer todos, e dar a vida por vós? Não quero ir buscar as desegualdades mais longe, e ao futuro, baste a presente.

A maior fineza que fizestes pelos homens na vossa Encarnação, não foi fazer-vos homem como nós, mas tomar a natureza humana no mais baixo gráu da sua fortuna, que é a de escravo: *Cum in forma Dei esset, formam servi accipiens.* [2] Trinta e tres annos, Senhor, vos contentastes com exercitar só a condição de homem, conforme a sentença do primeiro, comendo o vosso pão com o suor do vosso rosto, e reservando sempre o exercicio de escravo para este ultimo acto da tragedia de vosso amôr, lavando como escravo os pés dos homens. Mas reparae, amoroso Mestre, na

[1] *Gen.* XXXVII, 20.
[2] *Philip.*, II, 6 e 7.

differença com que aceitaram este extremo de humildade vossos discipulos. Chegastes aos pés de Pedro, e que fez elle, pasmado de horror e assombro? A sua resolução foi egual á sua fé, e aos vossos attributos: *Non lavabis mihi pedes in æternum.* [1] Eternamente disse que não consentiria tal coisa; porque a um acto de humildade infinita era devido outro de resistencia eterna. Assim reconheceu e reverenciou Pedro vossa Magestade, posto que deposta a purpura, e assim a reconhecemos nelle todos vossos servos fieis como na cabeça de todos. Chegastes, em fim, o mesmo, e não outro, aos pés de Judas, assombradas, e tremendo aquellas paredes de que a agua da bacia se não sumisse, e o metal se não derretesse; e como se portou a dureza daquella pedra, a fereza daquelle bruto, e a villania, que só assim se póde encarecer, sua? *O' manus tornatiles aureæ!* [2] Quando dessas soberanas mãos se haviam de formar grilhões de oiro aos pés do cubiçoso traidor, para que se esquecesse da pouca e falsa prata que esperava na venda, tão fóra esteve de se enternecer com tal vista, e se lhe abrandar o coração com taes abraços, que no mesmo tempo estava dizendo dentro de si: Já que agora como escravo me estás lavando os pés, eu nesta mesma noite te venderei como a escravo. Oh insolencia! Oh descomedimento! Oh maldade mais que infernal, digna de que no mesmo momento se abrisse a terra, e não depois rebentasse tal coração, mas logo o tragassem os abysmos! E a este Judas, e áquelle Pedro será justo, Senhor, que vós trateis com a mesma egualdade?

Sim, Discipulo amado, e sim outra vez como amado e como amante. Bem vejo que esta egualdade, que tanto admiraes e encareceis entre extremos tão desiguaes, não é para arguir injustiça no amôr de Christo, mas para mais apurar a sua fineza. Concedo-vos que o desmerecimento de Judas é egual, e ainda maior, se quizerdes, ao merecimento de Pedro. Quanto é o amôr de Pedro, tanto, e maior ainda é o odio de Judas a Christo: mas dahi que se segue na egualdade dos mesmos favores? Segue-se que Christo

[1] *Joan.*, XIII, 8.
[2] *Cant.*, V, 14.

paga a Pedro amôr com amôr, que é o que se chama correspondencia; porém a Judas paga-lhe odio com amôr, em que propriamente consiste a fineza. Pergunto (e a vós com maior razão, como ao maior theologo do Apostolado): Christo morreu por todos? Sim: *Pro omnibus mortuus est Christus:* [1] e morreu tambem por Judas? Tambem. Pergunto mais: e Christo lavou a todos no seu sangue? Vós mesmo o dissestes: *Qui dilexit nos, et lavit nos á peccatis nostris in sanguine suo:* [2] e lavou tambem em seu sangue a Judas? Tambem. Pois se Christo não excluiu a Judas do lavatorio do seu sangue, porque o havia de excluir do seu lavatorio de agua? A mesma razão que depois teve no Calvario, teve agora no Cenaculo: e qual foi? A fineza do seu amôr. S. Paulo: *Quid enim Christus pro impiis mortuus est?* [3] Porque morreu Christo pelos injustos e impios? Porque pelo justo apenas ha quem dê a vida: *Vix enim pro justo quis moritur.* [4] E quando apenas ha quem morra pelo justo, Christo, para mostrar a fineza do seu amôr, morreu por justos e por injustos. Qual é mais, morrer por quem ha-de morrer por mim, ou morrer por quem me mata? O primeiro fez o amôr de Christo por Pedro, o segundo por Judas. Olhava Christo na cruz para seus inimigos, diz Santo Agostinho, mas não como para aquelles que lhe tiravam a vida, senão como para aquelles por quem elle a dava: *Non á quibus, sed pro quibus moriebatur.* Disse bem Agostinho, mas disse pouco: para todos olhava seu amôr, e para tudo: para uns como mais effectivo, e para outros como mais fino.

Parece que não quer o Discipulo amado que seja fino para outrem o amôr do seu amante; mas oiça-me agora (que folgo de fallar com quem me entende) e lhe direi o maior louvor do seu amôr, e a maior fineza do de Christo. O amôr de Christo para com João não podia ser fino; porque era tão alta a correspondencia do amado, que se lhe não engrossava as finezas, impedia que o fossem. E supposto que elle só foi o sabedor da traição, saiba e oiça agora, que não achou Christo menos amabilidade em Judas, que no

---

[1] *2.ª ad Corinth.*, v, 15.
[2] *Apoc.*, I, 5.
[3] *Rom.*, v, 6.
[4] *Ibid.*, 7.

mesmo S. João. Provo. Chorava David a morte de Saül e Jonathas: e que diz de ambos? *Saül, et Jonathas amabiles;* [1] Saül e Jonathas ambos se pareciam como pai e filho, ambos eram amaveis. Não reparo na amabilidade do segundo, mas muito na do primeiro, e mais em bocca de David. Assim como Jonathas era o maior não só amigo, mas amante de David, assim Saül era o seu maior e mais cruel inimigo. Pois se um era tão amigo e outro tão inimigo do mesmo David: como ambos para com elle podiam ser egualmente amaveis? E se o eram, em que consistia a amabilidade de um e do outro? A amabilidade de Jonathas consistia no amôr, nos affectos, nas saudades, nas lagrimas, que levavam após si o coração e a correspondencia do amôr de David: e a amabilidade de Saül consistia no odio, na ingratidão, na inveja, nas perseguições, tanto e tão obstinadas, com que por si mesmo, e pelos seus lhe desejava beber o sangue e tirar a vida: e estas lhe provocavam as finezas do amôr forte e heroico com que tantas vezes, tendo-o debaixo da lança, lhe perdoou a morte. Façamos distinção de amôr a amôr, como de raio a raio. O raio do sol derrete favos de cera: o raio da nuvem não se contenta com menos que com escalar montanhas de diamante. Uma coisa é o amôr affectuoso e brando, outra o forte e fino. Era a fortaleza do amôr no coração de David, como nos seus braços a da sua valentia. Na montaria da campanha não competia com os servos e gamos: desafiava os ursos e os leões. Para o amôr affectuoso e brando eram as caricias de Jonathas, que elle agradecia e pagava com outras; mas para o amôr forte e fino eram os odios, as ingratidões, os aggravos, as invejas, as vinganças, as traições e perseguições mortaes de Saül, as quaes elle vencia com armas eguaes, amando heroicamente a quem tanto lh'o desmerecia. Tal era a amabilidade de Saül, tal a amabilidade de Jonathas para com David: e as mesmas foram para com Christo a de João, que era o seu Jonathas, e a de Judas que era o seu Saül. Por isso lhe pagou o beijo de paz com o nome de amigo, derivado da mesma amabilidade: *Amice, ad quid venisti?* [2]

---

[1] *2.º Livr. dos Reis*, I, 23.
[2] *Math.*, XXVI, 50.

X

Acabemos com o mais fino de todas as finezas deste acto, comprehendendo desde o principio até o fim delle todos os Discipulos e todo o lavatorio: *Cœpit lavare pedes Discipulorum.* A fineza tanto maior quanto mais sentida de Christo nesta ultima scena do seu amôr, foi que começou lavando, e acabou sem lavar. Os pés dos outros Discipulos ficaram lavados, os de Judas molhados sim, mas lavados não. Nos outros logrou o intento, em Judas perdeu a obra. Desgraça grande, se o Senhor não soubera o que havia de ser; mas sabendo-o, como advertiu o Evangelista, por isso a maior fineza! Definindo S. Bernardo o amôr fino, diz: *Amôr non quærit causam, nec fructum: amo quia amo, amo ut amem.* O amôr fino é aquelle que não busca causa, nem fructo: ama porque ama, e ama por amar. Nos outros Discipulos teve o amôr de Christo causa e tão grande causa, como amar os que o amavam e haviam de amar até á morte. Em Judas não só não teve causa, para o amar, mas muitas para o aborrecer e abominar, quaes eram a sua ingratidão, o seu odio, a sua traição e desatinada cubiça, e a vontade por tantos modos obstinada de um coração entregue ao demonio. Dos Apostolos, entrando tambem neste numero Judas, esperou Christo fructo na sua eleição: *Non vos me elegistis, sed ego elegi vos, ut eatis, et fructum afferatis.* [1] Para este fructo regou hoje tão copiosamente aquellas plantas: e só Judas foi a esteril e maldita, que deu espinhos em logar de fructo: *Expectata est ut faceret uvam, fecit autem spinas.* [2] E como o Senhor sabia o máu grado que havia de colher deste seu cuidado e diligencia; que quando a devêra mandar cortar e lançar no fogo, a regasse tão amorosamente como as demais, e perdesse o trabalho de suas mãos, e tambem o regadio mais alto das suas lagrimas, esta foi a fineza sobre fineza do lavatorio dos pés.

---

[1] *Joan.*, XV, 16.
[2] Ex D. August. Trac. 80. in Joan.

XI

Referidas e refutadas as principaes opiniões dos Doutores, segue-se por fim dizer eu a minha. Muito se empenhou, mas creio que se ha-de desempenhar. Digo que a maior fineza de Christo hoje, foi querer que o amôr com que nos amou, fosse divida de nos amarmos. *Et vos debetis alter alterius lavare pedes.* Amei-vos eu, cheguei a servir-vos eu (diz Christo), pois quero que me pagueis essa fineza e essa divida, em vos amardes e em vos servirdes uns aos outros. Abramos bem os olhos e vejamos a differença deste amôr a todo o que se usa e tem visto no mundo. O amôr dos homens diz: Amei-vos? pois amae-me: o amôr de Christo diz: Amei-vos? pois amae-vos. Amei-vos, amae-me, é voz do interesse: amei-vos, amae-vos, é voz, posto que nunca ouvida, do verdadeiro e só amôr. Isto é amar, e o demais amar-se. O amôr dos homens é muito racional, diz: O que me deveis a mim, pagae-m'o a mim: o amôr de Christo, superior a toda a razão, e só egual a si mesmo, que diz? Não diz: o que me deveis a mim, pagae-m'o a mim; senão: o que me deveis a mim, pagae-o a vós. E quem são estes vós? Somos todos e cada um de nós. Vós me haveis de pagar a mim o amôr de Christo, e eu vos hei-de pagar a vós o amôr de Christo, e todos hão-de pagar a cada um o mesmo amôr, e cada um o ha-de pagar a todos. E que razão ou consequencia é esta? A que só se podia achar nos arcanos do racional divino. Assim a tirou de lá o secretario do mesmo amôr, S. João. *Si sic Deus dilexit nos: et nos debemus alterutrum diligere.* [1] Amou-nos Christo ou em quanto Deus, ou em quanto homem, ou como Deus e homem juntamente? Logo devemol-o amar a elle: bem se segue: mas que a obrigação desse amôr seja divida de nos amarmos uns aos outros: *Et nos debemus alterutrum diligere?* Sim; porque o seu mesmo amôr o quiz assim. Christo trespassou em nós todo o direito do seu amôr, e pelas escripturas deste trespasso, *et vos debetis, et nos debemus*, todas as obrigações de o amarmos a elle são dividas de nos amarmos a nós.

[1] *1.ª Epist. ad Joan.*, IV, 11.

Fez-nos herdeiros das dividas do seu amôr; e assim quando elle é o amante nós havemos de ser os correspondidos. O amôr e a correspondencia são dois actos reciprocos, que sempre olham um para o outro, donde se segue, que sendo o seu amôr nosso, a nossa correspondencia havia de ser sua; mas o Amante divino trocou esta ordem natural de tal maneira, que o amôr e a correspondencia, tudo quiz que fosse nosso: nós os amados, e nós os correspondidos: nós os amados, porque elle foi o que nos amou; e nós os correspondidos, porque nós somos os que nos havemos e devemos amar: *Et vos debetis.*

Diga-me agora a terra e o céo, digam-me os homens e os anjos, se houve ou póde haver, nem amôr maior que este amôr, nem fineza que eguale esta fineza? Por isso eu me empenhei a dizer, que dando a todas as outras finezas de Christo hoje outra maior, como fiz, á ultima que eu signalasse, ninguem me havia de dar outra egual. Para as outras finezas, tão celebradas por seus auctores, e tão encarecidas por seus extremos, tivemos Magdalenas, Absalões e Davides que nos déssem exemplos; para esta nem dentro, nem fóra da Escriptura se achará algum que se pareça com ella, quanto mais que a eguale. Se Rachel dissesse a Jacob, que o amôr que lhe devia, o pagasse a Lia: se Jonathas dissesse a David que o amôr que lhe devia, o pagasse a Saül: se o mesmo S. João dissesse a Christo, que o amôr, com que o amava, o pagasse a Pedro: então teriam aquelles affectos humanos alguma apparencia com que podessem arremedar esta fineza de Christo: mas nem o amôr dos irmãos, nem o dos pais, nem o dos filhos, nem o dos esposos, nem o dos amigos, que se não funda em carne e sangue, ainda fingidos e imaginados se poderam nunca medir, quanto mais egualar o que tem as raizes no immenso, e o tronco no infinito. Mas dêmos tres passos atraz, e ponhamos esta fineza á vista das outras tres que tanto adelgaçamos. Todas foram por nós, e para nós; a primeira, dar a vida por amôr dos homens: a segunda, deixar-se no Sacramento com os homens: a terceira, lavar os pés aos homens. E todas estas finezas tão grandes, quem as deve, e a quem se hão-de pagar? Quem as deve somos nós, *et vos debetis;* e a quem se hão-de pagar, não a mim, que vos amei (diz Christo), senão a vós, amando-vos uns a outros: *Alter alterius.*

XII

Agora, depois de declarado o que prometti, vos quero mostrar o fundamento solido de quanto disse, e proval-o, não com outras palavras, senão do mesmo Christo, e não pronunciadas em outro dia e logar, senão neste mesmo em que estamos. E' Texto notavel, e que péde toda a attenção: *Mandatum novum do vobis, ut diligatis invicem:* [1] Discipulos meus (diz o divino e amoroso Mestre): que vos darei nesta hora em prendas do meu amôr? Dou-vos por despedida um mandamento novo, e é que vos ameis uns aos outros. Reparam aqui todos os Doutores: e a razão do reparo é chamar o Senhor a este mandamento, mandamento novo. Amarem-se os homens uns aos outros absolutamente era preceito da Lei Velha: *Diliges proximum tuum sicut te ipsum:* [2] amarem-se os homens uns aos outros, ainda que fossem inimigos, era preceito da Lei Nova, que Christo já tinha dado: *Diligite inimicos vestros.* [3] Pois se este mandamento de os homens se amarem uns aos outros era mandamento velho e antigo, como lhe chamou Christo mandamento novo: *Mandatum novum do vobis?* Para responder a esta difficuldade se dividem os Doutores em quatorze opiniões differentes: tão pouco se satisfazem uns dos outros, e cada um da sua! Mas com licença de todos, eu cuido que hei-de dar o verdadeiro entendimento ao Texto: e com o mesmo Texto. Não só diz Christo: *Mandatum novum do vobis, ut diligatis invicem;* mas acrescenta: *Sicut dilexi vos, ut et vos diligatis invicem.* Dou-vos um mandamento novo, o qual é, que vos ameis uns aos outros, como eu vos amei a vós, para que vós vos ameis a vós. De sorte que a novidade do mandamento e do amôr, não está em os homens se amarem uns aos outros: está em que o amôr com que se amarem, seja paga do amôr com que Christo os amou: *Sicut dilexi vos, ut et vos diligatis invicem.* Amarem-se os homens uns aos outros em

---

[1] *Joan.*, XIII, 34.
[2] *Levit.*, XIX, 18.
[3] *Math.*, V, 44.

satisfação do amôr com que elles amam, e ainda sem essa satisfação (como succede no amôr dos inimigos) é mandamento velho com maior ou menor antiguidade: mas amarem-se porque Christo os amou, e querer Christo que o amôr com que amou aos homens, lh'o paguem os homens com se amarem a si; e que sendo o amôr com que elle nos amou, divida, seja o amôr com que nos amarmos, paga; este é o amôr novo, e mandamento novo: *Mandatum novum do vobis:* porque nem Deus deu nunca tal preceito, nem Christo ensinou nunca tal doutrina, nem os homens imaginaram nunca tal amôr.

Tal amôr como este inventou a ingratidão para o maior dos tormentos, que é quando o amôr que se devia a um, se applica a outro. E este amôr que a ingratidão inventou para o maior torcedor do coração humano, foi tal a fineza do amôr de Christo, que nol-o deixou em preceito. Os homens, quando menos, querem que o seu amôr seja divida de os amarem a elles, e obrigação de não amarem a outrem. E Christo quer que o seu amôr seja divida de amarmos a todos, e obrigação de todos nos amarem a nós. Mais: No amôr dos homens, em que o ciume se reputa por fineza, um amôr leva sempre por condição dois aborrecimentos; porque quando amam, é com condição que nem vós haveis de amar a outrem, nem outrem vos ha-de amar a vós. Pelo contrario o amôr de Christo leva por obrigação dois amôres; porque nos ama com preceito de que cada um de nós ame a todos, e de que todos amem a cada um de nós. E porque tal fineza de amôr se não viu nunca no mundo, por isso o preceito deste amôr se chama mandamento: *Mandatum novum do vobis.*

Daqui infiro eu que só hoje acertei a prégar o Mandato, não no discurso, que não sou tão desvanecido, mas no intento. O assumpto dos prégadores neste dia é encarecermos o amôr de Christo para com os homens: e isto não é prégar o Mandato. Diga-o o mesmo Christo: *Hoc est mandatum meum, ut diligatis invicem.* [1] O meu Mandato, ou o meu Mandamento, é que vos ameis uns aos outros. De maneira que o amôr de Christo não é Mandato porque elle nos amou, é Man-

[1] *Joan.*, XV, 12 in radice græc.

dato para que nós nos amemos. E fallando propriamente, o Mandato compõe-se de dois amôres, o amôr de Christo para comnosco, e o amôr dos homens entre si: o amôr com que Christo nos amou entra no Mandato como meio, e o amôr com que nós nos devemos amar, como fim. Isso quer dizer em sentido de Ruperto, aquelle *in finem dilexit eos:* que nos amou a fim: e a que fim? A fim de nós nos amarmos. Os homens amam a fim de que os amem; Christo amou-nos a fim de que nós nos amemos: *Et vos debetis alter alterius lavare pedes.*

XIII

Este é, christãos, o Mandato do amôr, este é o mandamento de Christo, esta é a obrigação nossa, e a divida em que hoje nos pôz o amoroso Jesus: *Et vos debetis.* Notemos muito neste *debetis*, que não disse que pagassemos, senão que deviamos: pois porque razão nos aponta Christo a divida, e não nos persuade a paga? Com duas palavras de S. Paulo entenderemos estas: *Nemini quidquam debeatis, nisi ut invicem diligatis:* [1] Christãos (diz S. Paulo), não devaes nada a ninguem, senão o amôr de uns aos outros. Difficultosa doutrina! Antes parece que havia de dizer: Se não tiverdes com que pagar as outras dividas, ao menos não devaes o amôr de uns aos outros. Porque o não pagar as outras dividas, póde ter escusa na impossibilidade; mas não pagar o amôr, nenhuma escusa póde ter, porque basta a vontade para pagar. Pois porque diz S. Paulo que havemos de dever sempre o amôr de uns a outros? Porque o amôr em que se funda esta divida, não é amôr dos homens, senão amôr de Christo. Se nós houveramos de pagar aos homens o amôr que lhes devemos, muito facil era a paga; porque elles nunca se empenham muito. Mas como havemos de pagar aos homens o amôr que devemos a Christo, por tantos modos infinito, por mais e mais que paguemos, sempre é força ficar devendo: *Nisi ut invicem diligatis.*

[1] *Rom.*, XIII, 8.

Sendo pois as dividas deste amôr tão immensas, e o nosso cabedal tão estreito, que faremos, depois de publicada a maior de todas? Primeiramente ponhamos os olhos no que deixamos visto na Cruz, no Sacramento, no Cenaculo: na Cruz, a Christo morto por nós; no Sacramento, a Christo sacrificado por nós; no Cenaculo, a Christo prostrado aos pés dos homens por nós: e logo ao mesmo Christo com a terceira taboa do seu mandamento novo nas mãos, em que está escripto: *Hæc mando vobis, ut diligatis invicem, sicut dilexi vos.* [1] Vimos já? Oiçamos agora o que nos diz o mesmo Senhor com voz tão amorosa como tremenda: diz uma só palavra: *Et vos debetis:* Isto é o que deveis. E haverá homem christão, que neste passo deixe de amar a qualquer outro homem, por mais que lh'o desmereça? Para se deixar de amar aos homens pelo que se lhes deve a elles, muitas razões póde haver, os odios, as ingratidões, os aggravos: mas para deixar de amar aos homens pelo que devemos a Christo, que razão póde haver, senão a de não sermos christãos? Será christão quem no dia de hoje se não conforme com o mandamento de Christo? Será christão quem no dia de hoje conserve ainda no coração algum odio, e não ame ao maior inimigo? Verdadeiramente (só isto peço que nos fique verdadeiramente que em um dia como o de hoje o homem que se não faz amigo do maior inimigo, quasi póde desesperar de sua salvação, e resolver-se que não é predestinado. Pilatos e Herodes eram inimigos, e diz delles o Evangelista: *Facti sunt amici Herodes, et Pilatus in ipsa die: nam antea inimici erant:* [2] que naquelle dia (em que ainda não eram passadas doze horas deste em que estamos), naquelle dia Pilatos e Herodes que dantes eram inimigos, se fizeram amigos. E quem era Pilatos e Herodes? Herodes era um homem que teve a Christo por louco; e Pilatos foi um homem que pôz a Christo em uma cruz: pois se homens que desprezam a Christo, se homens que crucificam a Christo se fazem amigos neste dia, que homens serão os que em tal dia como hoje ficarem inimigos? Maior desesperação ainda. Pilatos e Herodes eram dois homens

[1] *Joan.*, XV, 12 e 17.
[2] *Luc.*, XXIII, 12.

precitos, ambos estão ardendo hoje, e arderão eternamente no inferno: pois se em um dia como o de hoje até os precitos se fazem amigos, quem neste dia se não reconciliar com seus inimigos, que esperança póde ter de ser predestinado?

Ah Deus! Não permittaes tão grande maldade entre christãos. Pelo excessivo amôr com que nos amastes, que nos communiqueis vossa graça, Senhor, para que todos nos amemos. Pela humildade com que vos abatestes a lavar os pés aos homens, que nos deis um conhecimento do que somos, para que se humilhem nossas soberbas. Por aquelle assombro de rendimento, com que estivestes prostrado aos pés de Judas, que nos deis um auxilio efficaz, com que todos os que aqui estão em odio, vão logo pedir perdão a seus inimigos. Em fim, pelo preço infinito desse sangue, pela ternura infinita dessas lagrimas por nós derramadas, que nos abrandeis estes durissimos corações, para que só a vós amem, e ao proximo por amôr de vós: começando nesta vida com um tão fino e tão firme amôr, que se continue na outra por toda a eternidade, vendo-vos, amando-vos, adorando-vos, não já com os olhos cobertos, como nesse divinissimo Sacramento, mas face a face: e não nas duvidas de vossa graça, mas nas seguranças eternas da gloria, que foi o fim para que nos amastes: *In finem dilexit eos.*

SERMÃO

DO

MANDATO

CONCORRENDO NO MESMO DIA O DA ENCARNAÇÃO

Prégado na Misericordia de Lisboa ás 11 da manhã, no Anno de 1655

Sciens quia á Deo exivit, et ad Deum vadit: Cum dilexisset suos, in finem dilexit eos. [1]

I

Grande dia! Grande amôr! Depois que o Eterno se fez temporal, tambem o amôr divino tem dias. O Evangelista S. João querendo-nos declarar a grandeza e grandezas do mesmo amôr neste dia, a primeira coisa que ponderou com tão alto juizo como o seu, foi ser um dia antes de outro dia: *Ante diem festum Paschæ.* [2] Tanto póde acrescentar quilates ao amôr a reflexão ou circumstancia dos dias! E que farei eu? Dois dias hei-de combinar tambem hoje, mas não o dia de antes com o dia de depois, senão o dia de depois com o dia de antes: e não livremente ou por eleição propria e minha, senão por obrigação forçosa dos mesmos dias.

---

* Vê-se em todos estes sermões do Mandato, commenta o padre Antonio Honorati, que o orador, seguindo o estylo dos sermões de festa, insiste mais na consideração do mysterio que na sua applicação; e abunda mais de pensamentos delicados, engenhosos e por vezes poeticos, que de reflexões praticas. A razão é porque os mysterios que declara, fallam bastante ao coração dos ouvintes, para que por si mesmos, com a uncção do Espirito Santo, tirem as conclusões de que precisam.

[1] *Joan.*, XIII.
[2] *Joan.*, III, 1.

Assim como depois de longo circulo de annos se encontram e ajuntam dois planetas a fazer uma conjunção magna, assim no anno presente concorrem e se ajuntam hoje no mesmo dia os dois maiores mysterios e os dois maiores dias: o dia da Encarnação do Verbo, e o dia da partida do mesmo Verbo encarnado. O dia da Encarnação do Verbo: *Sciens quia á Deo exivit*, [1] que foi o principio do seu amôr para com os homens: *Cum dilexisset suos:* e a partida do mesmo Verbo encarnado: *Et ad Deum vadit*, que foi o fim sem fim do mesmo amôr: *In finem dilexit eos.*

O Real Propheta David, antevendo em espirito estes dois dias, diz, que o dia de hoje falla com o dia da Encarnação e o dia da Encarnação com o dia de hoje, e que ambos se entendem entre si, e se respondem um ao outro: *Dies diei eructat Verbum.* [2] Assim explica este famoso Texto Santo Agostinho. [3] E se perguntarmos, que é o que fallam estes dias, que devem de ser coisas muito dignas de se ouvir e saber, responde o mesmo David, que as noites dos mesmos dias nos dirão e declararão o que elles fallam: *Dies diei eructat Verbum, et nox nocti indicat scientiam.* Pois as noites, que são escuras, nos hão-de declarar o que dizem os dias? Sim. Porque os mysterios do dia de hoje, e do dia da Encarnação, ambos se celebraram nas noites dos mesmos dias. Tanto silencio e reverencia era devido á magestade de tão divinos mysterios! Os do dia da Encarnação de noite: *Cum quietum silentium contineret omnia, et nox in suo cursu medium iter haberet:* [4] e os do dia de hoje tambem de noite: *Et cœna facta.* [5] As luzes a que se ha-de vêr toda esta famosa representação são as da fé: os logares, um Cenaculo grande em Jérusalem, e uma casa humilde, mas real em Nazareth. E a questão ou problema, qual será? Se foi maior o amôr de Christo no dia da Encarnação ou no dia de hoje?

Posto pois um dia defronte do outro dia, e um mysterio á vista de outro mysterio, e um amôr competindo

[1] *Joan.*, XIII, 3.
[2] *Psal.*, XVIII, 3.
[3] *Aug. Serm.* 20 *de Nativit.*
[4] *Sap.*, XVIII, 14.
[5] *Joan.*, XIII, 2.

com outro amôr, é certo, que nunca o amôr divino se viu em mais glorioso theatro, pois sáe a competir comsigo mesmo. Nas outras comparações do amôr divino com o amôr dos homens, ou seja com o amôr dos irmãos, ou com o amôr dos pais, ou com o amôr dos filhos, ou com o amôr dos esposos, ou com o amôr dos amigos (que deve ser o maior de todos) ainda que sáia vencedor o amôr de Christo, sempre fica aggravado na victoria, porque entra affrontado na competencia. Só hoje, se vencer, será vencedor glorioso, porque tem competidor egual, e se vencerá a si mesmo. Quando David sahiu a desafio com o gigante, mediulhe o gigante com os olhos a estatura, e posto que não duvidava da victoria, na desegualdade de tão inferior combatente, teve por injuriosa a batalha. Do mesmo modo e com mais verdade, Christo. Quando o seu amôr se compara com outro amôr, compete o gigante com David, mas quando se compara o amôr de Christo com o amôr do mesmo Christo, como fazemos hoje, é competir o gigante com o gigante. Assim o disse ou cantou o mesmo David: *Exultavit ut gigas ad currendam viam.* [1] Entrou Christo na estacada como gigante: e que fez? Justou comsigo mesmo. A primeira carreira foi do céo para a terra: *A summo cœlo egressio ejus:* [2] a segunda carreira foi da terra para o céo: *Et occursus ejus usque ad summum ejus:* e neste encontro se cerrou a justa, e se quebraram as lanças, um e outro amôr. E' em verso de David o mesmo que diz a prosa do nosso Evangelho. A primeira carreira: *A summo cœlo egressio ejus*, foi no dia da Encarnação, quando o Verbo sahiu do Padre: *A Deo exivit:* a segunda carreira: *Et occursus ejus usque ad summum ejus*, foi no dia de hoje, quando o mesmo Verbo tornou para o Padre: *Et ad Deum vadit;* na primeira carreira amôr: *Cum dilexisset suos;* e na segunda tambem amôr: *In finem dilexit eos.* O *dilexisset* e o *dilexit* distingue os dias: o *dilexisset* declara um amôr, e o *dilexit* outro: mas nem juntos, nem divididos signalam a victoria, nem resolvem qual foi maior. Esta famosa decisão entre os maiores combatentes, que jámais se viram, havemos de vêr hoje.

---

[1] *Psal.*, XVIII, 7.
[2] *Ibid.*, 8.

Assistir-nos-ha com a graça, quem foi presente em um e outro dia, e quem teve a maior parte em um e outro mysterio, que foi a Mãi do mesmo amôr: *Mater pulchræ dilectionis.* [1] Mas como invocaremos seu favor e patrocinio? Com as mesmas palavras com que tambem hoje a invocou o Anjo: *Ave gratia plena.*

II

Cum dilexissete, dilexit.

Nestas palavras (como dizia) deixou o Evangelista indecisa a nossa questão, porque não disse, como amasse mais amou menos; nem como amasse menos amou mais; senão, como amasse, amou. Ditinguiu sómente os tempos, e pelos tempos o amôr, sem preferencia porém, ou vantagem, nem do amôr passado ao presente, nem do presente ao passado. Fallou S. João como divino theologo, e não só como quem tecia a historia, mas como quem compunha o panegyrico do amôr de Christo. Quanto á substancia do amôr, Christo Senhor nosso tanto nos amou no dia da Encarnação, como no dia de hoje, e em todos os da sua vida, porque o seu amôr é amôr perfeito, e não fôra seu se assim não fôra. O amôr dos homens, ou mingúa, ou cresce, ou pára: o de Christo nem póde minguar, nem crescer, nem parar, porque é, foi, e será sempre amôr perfeito, e por isso sempre o mesmo, e sem alteração nem mudança. Ama Christo em quanto homem, como ama em quanto Deus. Perguntam os theologos, como ama Deus a uns mais e a outros menos, se o seu amôr (o qual se não distingue da sua essencia) é sempre um só, e o mesmo, infinito, simplicissimo e immutavel? E respondem, que a differença ou desigualdade não está no amôr, senão nos effeitos, porque a uns sujeitos faz Deus maiores bens que a outros. Os homens amamos os objectos pelo bem que teem; Deus ama-os pelo bem que lhes faz. E assim como julgamos a maioria do amôr de Deus

[1] *Eccl.*, XXIV, 24.

pelos effeitos, assim havemos de julgar tambem a do amôr de Christo. Este é o fundamento solido e certo sobre que excitamos a nossa questão: e estes os termos de egual certeza, com que a havemos de resolver. Nem daqui deve inferir ou cuidar a rudeza do nosso entendimento, que seria menos affectuoso, ou menos amoroso, este modo de amar de Christo, porque assim como em Deus o fazer o bem se chama amôr effectivo, e o querel-o fazer, amôr effectivo; assim no amôr de Christo os affectos foram a causa dos effeitos que veremos, e os effeitos a demonstração dos affectos

Vindo pois aos effeitos e demonstrações de um e outro amôr no dia de hoje, e no dia da Encarnação, parece que assim no numero, como no modo, os esteve medindo e proporcionando o mesmo amôr, que nelles se quiz egualar e vencer. O Concilio Nisseno, no Symbolo da Fé, ponderando o amôr de Christo na Encarnação, reduz os effeitos delle a dois extremos: descer do céo, e fazer-se homem: *Qui propter nos homines, et propter nostram salutem descendit de cœlis. Et Incarnatus est ex Maria Virgine, et homo factus est.* Isto diz o Espirito Santo no Concilio, fallando do dia da Encarnação. E fallando do dia de hoje, que é o que diz e pondera o mesmo Espirito Santo no Evangelho? Outros dois effeitos e outros dois extremos: lavar os pés aos homens, e deixar-se no Santissimo Sacramento: *Et cœna facta, cœpit lavare pedes discipulorum.* [1] Suppostos de uma e outra parte este par de extremos, uns e outros não só admiraveis mas estupendos, comparando-se o amôr de Christo, e competindo-se em uns e outros; que diremos ou que podemos dizer? Sem temeridade, nem temor, digo e affirmo, que maiores foram os extremos do dia de hoje, que os do dia da Encarnação. E porque? Porque se no dia da Encarnação foi grande extremo de amôr descer Deus do céo á terra: *Descendit de cœlis:* muito maior extremo foi no dia de hoje lavar Christo os pés aos homens: *Cœpit lavare pedes discipulorum.* E se foi grande extremo de amôr no dia da Encarnação fazer-se Deus homem: *Et homo factus est:* muito maior extremo foi no dia de hoje deixar Christo seu Corpo no Sacramento, para que o comessem os homens, como

[1] *Joan.*, XIII, 2 e 5.

fez na Ceia: *Et cœna facta.* Estes serão os dois pontos do nosso discurso, em que elle descubrirá muito mais do que apparece no que está dito.

III

Tão grande e tão prodigiosa coisa foi descer Deus em Pessoa do céo á terra, que visto de muito longe este mysterio, não só causava admiração e espanto ao entendimento, mas horror e assombro á mesma fé. Viu Jacob em sonhos aquella famosa escada que chegava da terra até o céo, pela qual subiam e desciam anjos, encostado e inclinado Deus no alto della: e assombrado do que via, accordou com um grito, dizendo: *Terribilis est locus iste!* [1] O' que terrivel, ó que temeroso logar! De varios modos se costuma ponderar a estranheza deste dito. Eu só noto, que nem a vista podia causar horror, nem a novidade espanto. O que só poderia causar horror a Jacob, era vêr que os que subiam e desciam fossem sómente anjos, e que nem elle que estava no baixo da escada subisse, nem Deus que estava no alto descesse: com que se demonstrava uma grande separação entre Deus e o homem, como aquella de que disse Abrahão ao avarento: *Inter nos et vos chaos magnum firmatum est.* [2] E posto que hoje esta apprehensão seria para nós de grande horror, porque sabemos o contrario; naquelle tempo nem podia causar horror pela vista, nem espanto pela novidade, como dizia; porque tudo o que Jacob viu, e tudo o que mostrava significar o que via, era o mesmo que elle e os demais suppunham. Até o tempo de Jacob, e ainda depois no tempo da Lei escripta, nunca Deus prometteu aos homens o céo, senão tudo premios da terra. E daqui nasceu aquella paremia ou proverbio: *Cœlum cœli Domino; terram autem dedit filiis hominum:* [3] que o céo era para Deus, e a terra para os homens. Logo não se podia assombrar nem espantar Jacob, de que elle sendo homem,

---

[1] *Gen.*, XXVIII, 17.
[2] *Luc.*, XVI, 26.
[3] *Psal.*, CXIII, 16.

e estando na terra, não subisse pela escada: e muito menos, de que Deus sendo Deus, e estando no céo, não descesse. Pois se Jacob não tinha que admirar nem que estranhar no seu sonho, de que accordou com tanto horror, e tão notavel assombro?

Accordou assombrado Jacob, não do que vira, senão do que na mesma visão Deus lhe revelára. Revelou Deus a Jacob, que naquella escada era significado o mysterio altissimo da Encarnação do Verbo; e que para elle Jacob, e os outros homens poderem subir ao céo, elle Deus havia de descer do céo á terra: *Qui propter nos homines, et propter nostram salutem descendit de cœlis.* E vendo Jacob que a magestade suprema de Deus, deixando do modo que o podia deixar o throno do empyreo, havia de descer em Pessoa do céo á terra; a revelação desta estupenda novidade, que nunca entrou na imaginação humana, lhe causou no mesmo somno tal horror e assombro, que accordou tremendo e gritando: *Terribilis est locus iste.* Duas coisas viu Jacob no que viu, que muito e com muita razão lhe assombraram, não a vista, senão o entendimento. E quaes foram? A primeira, que sendo a escada para descer Deus, a descida era muito maior que a escada. Pois a descida maior que a escada? Sim. Porque a escada chegava da terra ao céo, que é distancia limitada, e a descida era de Deus ao homem, que é distancia infinita. E vendo unir dois extremos infinitamente distantes, quem, ainda estando muito em si, não ficaria attonito e assombrado? A segunda causa, e não menor, do mesmo assombro, foi, que por meio da Encarnação do Verbo assim revelada a Jacob, vinha a conseguir muito mais o menor anjo, do que a soberba de Lucifer tinha affectado. Porque Lucifer quiz ser egual a Deus, e fazendo-se Deus homem, ficava Deus por este lado sendo inferior ao menor anjo. Este foi o grande mysterio (diz Santo Agostinho) porque os anjos da escada uns desciam, outros subiam. Como Deus estava no alto da escada, e Jacob ao pé della, os anjos que ficavam da parte de Deus, desciam, e os que ficavam da parte de Jacob, subiam; e este subir e descer, não era acto ou movimento da vontade dos mesmos anjos, senão ordem e constituição da sua propria natureza. Os da parte superior da escada onde estava Deus, desciam: porque todos os anjos são muito inferiores a

Deus; e os da parte inferior onde estava Jacob, subiam; porque esses mesmos são muito superiores ao homem. E como os anjos são superiores ao homem, e Deus não havia de tomar a natureza angelica, senão a humana, isto era o que assombrava a Jacob, e lhe parecia coisa terrivel: que Deus houvesse de descer, e abater-se tanto, que ficasse por esta parte muito inferior a qualquer anjo.

Lá disse David, que Deus tinha feito ao homem pouco menor que os anjos: *Minuisti eum paulo minus ab angelis.* [1] Mas isto se entende no dominio, e não na natureza; porque deu Deus a Adão o senhorio e imperio de todos os animaes da terra, do mar, e do ar, como logo declarou o mesmo propheta: *Minuisti eum paulo minus ab angelis: gloria, et honore coronasti eum, et constituisti eum super opera manuum tuarum: omnia subjecisti sub pedibus ejus, oves, et boves, insuper et pecora campi: volucres cœli, et pisces maris.* [2] De maneira que no dominio e uso de todas as coisas creadas para serviço seu nos tres elementos, é o homem pouco menor que os anjos: porém no ser e nobreza natural, não só quanto á parte do barro, em que aparentamos com os brutos, senão ainda quanto á parte espiritual da alma, e suas potencias, em que imitamos a natureza angelica, não é o homem pouco menor, senão muito menor, e muito inferior a qualquer anjo: e tanto mais quanto fôr de mais superior gerarchia. A escada de Jacob tinha nove degráus, que são as nove ordens de creaturas racionaes que ha entre Deus e o homem, as quaes por outro nome chamamos nove Côros dos Anjos: e todos estes degráus desceu Deus, e os deixou e passou por elles, para se unir com a natureza humana, que jazia em Jacob abaixo de todos.

E' o que ponderou S. Paulo naquellas palavras: *Nusquam Angelos apprehendit, sed semen Abrahæ apprehendit,* [3] cujo fundo e energia não acho tão declarada nos Expositores como ella péde. Dizem que *nusquam*, é o mesmo que *nunquam*, ou *nequaquam;* mas *nusquam* não é simples negação, nem adverbio

[1] *Psalm.*, VIII, 6.
[2] *Ibid.*, 7, 8 e 9.
[3] *Hebr.*, II, 16.

de tempo, senão de logar, e propriamente quer dizer, em nenhuma parte. Pois porque diz S. Paulo, que não tomou Deus a natureza angelica em nenhuma parte, *nusquam?* Porque tinha Deus nove partes em que a tomar: tres na primeira gerarchia, tres na segunda, e tres na terceira. E essa foi a maravilha do mysterio da Encarnação, que por tomar Deus a natureza humana, deixasse em tantas partes a angelica. Na primeira gerarchia deixou Serafins, Cherubins, Thronos: na segunda deixou Potestades, Principados, Dominações: na terceira deixou Virtudes, Archanjos, Anjos: e no homem, que era o decimo, ultimo e infimo logar, onde jazia Jacob, alli tomou a nossa natureza cahida, para a levantar, e enferma, para lhe dar saude, que foi o fim para que tanto se abateu e desceu. Estando el-rei Ezechias mortalmente enfermo, prometteu-lhe o propheta Isaias a vida em nome de Deus; e em testemunho de que a promessa era divina, deu-lhe por signal no céo, que o sol tornaria atraz dez linhas, ou dez degráus, e assim succedeu: *Et reversus est sol decem lineis per gradus, quos descenderat.* [1] E porque tornou o sol atraz dez linhas, ou dez degráus; e não onze, ou nove, senão dez, nem mais, nem menos signaladamente? Porque naquelle prodigio, verdadeiramente grande, se significava outro maior, que era o da Encarnação do Verbo, na qual assim como o sol estando no zenith (que não podia ser de outra sorte) tornou atraz dez linhas até se pôr nos horizontes da terra, assim Deus desde o mais alto de sua Magestade infinita desceu outras dez linhas até se pôr na ultima e infima da natureza humana: e assim como fez aquelle estupendo prodigio por amôr de Ezechias, e em beneficio da sua saude, assim obrou o da Encarnação, muito mais estupendo, por amôr dos homens, e para saude dos homens: *Qui propter nos homines, et propter nostram salutem descendit de cœlis: et incarnatus est.*

[1] *Isai.*, XXXVIII, 8.

IV

Isto é o que neste dia se obrou em Názareth. Mudemos agora a scena, e ponhamo-nos no Cenaculo de Jérusalem, e veremos com quanta maior razão se póde dizer daquelle logar: *Terribilis est locus iste!* Despe-se Christo das roupas exteriores, cinge-se com uma toalha, deita agua em uma bacia com suas proprias mãos: entende-se destas acções, que quer lavar os pés aos discipulos: e qual foi com esta vista o assombro, o pasmo, o horror, com que as mesmas paredes do Cenaculo parece que tremiam? Não estava aqui Jacob, mas estava Pedro, o qual mais fóra de si que no Thabôr, exclamou, dizendo: *Domine, tu mihi lavas pedes?* [1] Vós, Senhor, a mim lavar os pés? Eternamente consentirei tal coisa: *Non lavabis mihi pedes in æternum.* [2] Já neste primeiro movimento se vê quanto vae de dia a dia, e de mysterio a mysterio. Comparae-me a S. Pedro com Jacob. Jacob depois que viu a escada, e que Deus havia de descer por ella, desejava summamente que descesse, e em quanto tardava a vir, lhe parecia uma eternidade: *Donec veniret desiderium collium æternorum.* [3] Pelo contrario Pedro, vendo que Christo lhe quer lavar os pés, não soffre, nem consente em tal acção: antes diz resolutamente, que a não consentirá por toda a eternidade: *Non lavabis mihi pedes in æternum.* Se isto era amôr e reverencia de Christo em Pedro, tambem Jacob o reverenciava e amava muito. Pois se Jacob deseja que Deus desça, e se abata a se fazer homem, porque não consente Pedro que se abata a lhe lavar os pés? Por isso mesmo. Porque tanto vae de um abatimento a outro abatimento. Encarnar Deus, era fazer-se homem; lavar os pés aos homens, era fazer-se servo: encarnar, era vestir-se da nossa humanidade; fazer-se servo dos homens, era despir-se da sua divindade.

Não me atrevêra a dizer tanto, se S. Paulo o não tivera dito, e ainda muito mais. E' passo muitas ve-

---

[1] *Joan.*, XIII, 6.
[2] *Ibid.*,8.
[3] *Gen.*, XLIX, 26.

zes ouvido, mas que terá que explicar até o fim do mundo: *Qui cum in forma Dei esset, non rapinam arbitratus est esse se æqualem Deo, sed semetipsum exinanivit formam servi accipiens, in similitudinem hominum factus, et habitu inventus ut homo.* [1] Quer dizer: que sendo o Verbo Eterno egual ao Padre em tudo, se fez, e se desfez. Se fez; porque sendo Deus, se fez homem: *In similitudinem hominum factus, et habitu inventus ut homo* e se desfez; porque sendo Deus e homem, se fez servo, e fazendo-se servo, se desfez, e anniquilou a si mesmo: *Exinanivit semetipsum, formam servi accipiens.* Agora pergunto: Quando se fez Deus homem, e quando se fez servo? Fez-se homem na Encarnação, e fez-se servo no lavatorio dos pés: logo na Encarnação se fez, e no lavatorio se desfez. Muitos auctores entendem todo este Texto só da Encarnação, e que o fazer-se Deus homem, foi juntamente fazer-se servo. Mas esta interpretação é impropria, por não dizer injuriosa á natureza humana. O ser homem é indifferente, ou para ser servo, ou para ser Senhor: e Christo, em quanto homem, não só foi Senhor, senão grande Senhor. Assim o disse o Anjo no mesmo dia da Encarnação, annunciando, que em quanto Deus, seria Filho do Altissimo, e em quanto homem, herdeiro do sceptro de seu pai David. Nesta supposição fallou sempre o mesmo Christo: *Non est servus major domino suo: si me persequuti sunt, et vos persequentur:* [2] e hoje depois do mesmo acto do lavatorio: *Vos vocatis me Magister, et Domine, et benédicitis, sum etenim.* [3] Nem encontram, antes confirmam esta distinção as mesmas palavras de S. Paulo, as quaes dizem que tomou o Senhor a fórma de servo, não fazendo-se, senão feito homem: *Formam servi accipiens, in similitudinem hominum factus:* porque feito homem na Encarnação, tomou a fórma de servo, lavando os pés aos homens. Expressa e exquisitamente Dionysio Alexandrino: *Jesus Christus Dominus, et Deus Apostolorum, cum accepisset formam servi, surgit á cœna, et ponit vestimenta sua, et lineo præcinxit se: hæc est forma servi.* A baixeza

[1] *Phil.*, II, 6 e 7.
[2] *Joan.*, XV, 20.
[3] *Ibid.*, XIII, 13.

do servo não é obra ou injuria da natureza, senão da fortuna. A natureza a todos os homens fez eguaes; a fortuna é a que fez os altos, os baixos, e os baixissimos, quaes são os servos. E esta foi a fineza do amôr de Christo hoje sobre a do dia e obra da Encarnação. Quando se fez homem tomou as condições da natureza; quando se fez servo, e lavou os pés aos homens, tomou as baixezas da fortuna. Aquillo foi fazer-se, e isto desfazer-se: *Exinanivit semetipsum, formam servi accipiens.*

Com duas comparações ou metaphoras, declara S. Paulo este *fazer-se* e *desfazer-se:* com metaphora da roupa que se veste e se despe: e com metaphora do vaso que se enche e se vasa. Com metaphora da roupa que se veste e se despe: *Habitu inventus ut homo;* com metaphora do vaso que se enche e se vasa: *Exinanivit semetipsum;* e ambas as metaphoras parece que as tomou S. Paulo do mesmo acto do lavatorio em que estamos. A da roupa em quanto se despe: *Ponit vestimenta sua;* e a do vaso em quanto se vasa: *Mittit aquam in pelvim.* E porque usou S. Paulo destas duas metaphoras, e destas duas comparações? Porque só com ellas podia mostrar a differença deste acto e deste dia, ao acto e ao dia da Encarnação. No dia e acto da Encarnação, fazendo-se Deus homem, Deus vestiu-se da humanidade, porque a uniu a si, e se cubriu com ella: e a humanidade, que era um vaso de barro pequeno e estreito, ficou cheia de Deus, porque Deus a encheu com toda a immensidade de seu ser: *Quia in ipso inhabitat omnis plenitudo divinitatis corporaliter.* [1] E sendo isto o que se fez no dia da Encarnação, tudo isto (quanto á vista dos olhos humanos) se desfez no dia e no acto de hoje. Porque lançando-se Christo aos pés dos homens, e taes homens; e fazendo-se servo seu, e servo em ministerio tão vil e tão abatido, parece que Deus se despira outra vez da humanidade de que estava vestido, desunindo-se della: e que a mesma humanidade, que estava cheia de Deus, perdida a união com a divindade, ficára totalmente vazia: *Exinanivit semetipsum, formam servi accipiens.* E foi isto assim como parece? Não. Mas posto que a humanidade de Christo por este acto não perdeu a união com a divindade, nem deixou de estar tão cheia

[1] *Coloss.*, II, 9.

de Deus como dantes estava, abaixar-se porém, e pôr-se em estado tão abatido, que o parecesse ou podesse parecer aos homens, foi uma differença tão notavel, e tão estupenda, que só o mesmo S. Paulo a pôde ponderar e encarecer. Agora entra o mais profundo pensamento das suas palavras.

Non rapinam arbitratus est, esse se æqualem Deo, sed semetipsum exinanivit, formam servi accipiens. [1] O fazer-se Christo servo, sendo Deus (diz S. Paulo) não foi porque cuidasse ou tivesse para si o mesmo Christo, que a sua divindade não era sua, senão alheia, como se a tivesse roubado ao Padre. Pois Christo podia cuidar, nem ter para si, que a sua divindade não era sua? Claro está que não podia ter para si uma coisa tão contraria á verdade, nem cuidar o que era tão alheio de todo o pensamento. Porque diz logo o Apostolo do terceiro céo que quando Christo se fez servo, não cuidou, nem teve para si que a sua divindade não era sua? Porque foi tal acto o de Christo se abater aos pés dos homens, que podiam os mesmos homens cuidar que Christo o cuidára assim. Homem que tanto se abate, ou não é Deus, ou se foi Deus alguma hora, tem deixado de o ser: ou se ainda é Deus, deve de cuidar sem duvida, que o não é, porque sendo Deus, e tendo para si que é Deus, não se podia abater a coisa tão baixa. E como o acto foi alheio de quem o fazia, que os homens podiam entrar em tal pensamento, que, ou cuidassem que Christo não era Deus, ou cuidassem que o mesmo Christo cuidou que o não era: por isso pondera e adverte S. Paulo primeiro que tudo, que quando Christo se abateu á baixeza de servo, não foi porque cuidasse ou tivesse para si que não era Deus: *Non rapinam arbitratus est esse se æqualem Deo, sed semetipsum exinanivit, formam servi accipiens.* E' o que tambem advertiu, e ponderou o nosso Evangelista na prefação com que entrou a narrar este mesmo acto. Por isso disse, que quando o Senhor começou a lavar os pés dos Discipulos sabia que era Deus, e que nas mesmas mãos com que lhes lavava os pés, tinha o poder de tudo: *Sciens quia á Deo exivit, et ad Deum vadit, et quia omnia dedit ei Pater in manus, cœpit la-*

[1] *Phil.*, II, 6 e 7.

vare pedes Discipulorum. Crendo pois S. Pedro firmissimamente esta verdade (que por isso disse: *Domine, tu mihi)?* que muito é que sendo aquelle grande piloto, que nunca perdeu o tino nas maiores tempestades, e se atreveu a caminhar a pé sobre as mesmas ondas do mar, agora areasse e se afogasse em tão pouca agua, como a daquella bacia, e não podesse tomar pé na profundidade immensa de tão tremendo mysterio?

V

Socegou Christo o assombro e resistencia de S. Pedro. Mas como? *Quod ego facio, tu nescis modo, scies autem postea:* [1] Pedro, o que eu agora faço, tu não o sabes nem o entendes: mas sabel-o-has depois. Depois, Senhor? E quando? Quando vires no céo revestido de sua propria magestade o mesmo que agora vês meio despido, e cingido com este panno servil. Neste sentido entendem o *Scies autem postea*, Santo Agostinho, S. Chrysostomo, Béda, Ruperto, Theofilato, Euthimio. E com razão. Assim como as similhanças se não pódem conhecer senão de perto, assim as distancias não se pódem medir senão de longe. Que importa que digas: *Tu mihi*, se de ti conheces pouco, e de mim nada? Quando vires o tudo que sou, então entenderás o muito que faço. Se fallas pelo que viste no Thabôr, este é o excesso que se havia de cumprir em Jérusalem, de que Moysés e Elias, mais assombrados do que tu, fallavam. Agora deixa-te lavar, sob pena de me não veres eternamente, nem chegares a saber o que estás vendo, e não sabes: *Quod ego facio, tu nescis modo.*

Assim disse com graves e temerosas palavras o Senhor, e se dissera o mesmo a outro Apostolo, não me admirára tanto; mas a S. Pedro? Isto é o que me admira muito, e muito mais na memoria e concurso dos dois dias em que estamos. Perguntou Christo noutra occasião aos Discipulos, que tambem estavam juntos: *Quem dicunt homines esse Filium hominis?* [2] Quem dizem os homens que é o Filho do ho-

[1] *Joan.*, XIII, 7.
[2] *Math.*, XVI, 13.

mem? Os outros referiram varios ditos, porém S. Pedro respondeu: *Tu es Christus, Filius Dei vivi:* [1] Vós, Senhor, sois Christo, Filho de Deus vivo. Ajuntae agora esta resposta de S. Pedro com a pergunta de Christo, e vereis como o principe dos Apostolos em tão poucas palavras comprehendeu e resumiu todo o mysterio da Encarnação. *Filium hominis: Filius Dei vivi.* No *Filium* e no *Filius* comprehendeu as duas gerações, uma eterna, e outra temporal: no *hominis* e no *Dei vivi* comprehendeu as duas naturezas, divina e humana, e no *tu es*, comprehendeu a união hypostatica, com que uma indissoluvelmente se uniu á outra. Pois se S. Pedro antes deste dia estando na terra foi capaz de entender e saber tão perfeitamente o mysterio da Encarnação; como agora com muito mais tempo e estudo da escóla de Christo, não estava ainda com sufficiente capacidade para entender e penetrar o mysterio do lavatorio dos pés: *Quod ego facio, tu nescis?* E se pela confissão do mesmo mysterio da Encarnação se deram ao mesmo Pedro as chaves do céo, como se lhe reserva para o céo a sciencia do que estava vendo e admirando: *Scies autem postea?* Aqui vereis quanto maior profundidade de mysterios e de amôr se encerra na acção tremenda de Christo se prostrar aos pés dos homens, do que no mesmo mysterio altissimo de Deus se fazer homem. A alteza do primeiro com luz do céo pôde-a alcançar na terra um pescador, a profundidade deste segundo não a pôde sondar em tão pouca agua o maior Apostolo. A alteza do mysterio da Encarnação revelou-a o Padre, que está no céo, a Pedro estando na terra: *Caro, et sanguis non revelavit tibi, sed Pater meus, qui in cœlis est:* [2] mas a profundidade do lavatorio dos pés não a revelará ao mesmo Pedro o Filho, senão quando o Filho e Pedro ambos estiverem no céo: *Scies autem postea.*

Parece-me que S. Paulo fallou com o espirito de S. Pedro, quando disse: *Neque altitudo, neque profundum poterit nos separare a charitate Christi.* [3] Esta caridade de Christo, conforme dizem os Interpretes,

---

[1] *Math.*, XVI, 16.
[2] *Ibid.*,17.
[3] *Rom.*, VIII. 39 e 35.

ou se póde entender do amôr com que nós amamos a Christo, ou do amôr com que Christo nos ama a nós, e neste segundo sentido diz S. Paulo que nem a alteza, nem o profundo pôde fazer que Christo nos não amasse, porque na alteza da Encarnação sendo Deus, nos amou fazendo-se homem; e no profundo do lavatorio dos pés, sendo já homem, nos amou pondo-se aos pés dos homens. Mas o eloquentissimo Apostolo depois de pôr o alto, então poz o profundo: *Neque altitudo, neque profundum;* porque mais pondera e mais encarece o amôr de Christo o profundo do lavatorio, onde se abateu aos pés dos homens, que o alto da Encarnação, donde desceu a ser homem.

Isto é o que eu sou obrigado a ponderar nesta profundissima acção: mas quando Christo diz a Pedro: *Quod ego facio, tu nescis:* onde Pedro não sabe entender, quem saberá fallar? A' vista comtudo da sua ignorancia me atreverei eu a dizer as minhas, mas no concurso e comparação sómente de um dia com outro dia. O que todos encarecem no dia da Encarnação, é humilhar-se Deus a se fazer homem, mas é certo que este acto não foi de humildade; o lavar Christo os pés dos homens, sim, é a maior humildade de todas. E porque não foi humildade o fazer-se Deus homem? Porque Deus não é humilde, nem póde ser humilde. Humildade essencialmente é o conhecimento da propria dependencia, da propria imperfeição, e da propria miseria; e sendo Deus summa independencia, summa perfeição, e summa felicidade, nem é nem póde ser humildade. Como dizem logo todos os Santos, que Deus se humilhou, neste grande acto? Porque se humilhou por humilhação, e não por humildade. De el-rei Achab disse Deus ao Propheta: *Nonne vidisti humiliatum Achab?* [1] Não viste humilhado a Achab? E Achab não era humilde, nem tinha humildade: mas estava naquelle caso humilhado, não por humildade, senão por humilhação. A este modo (mas por modo divinissimo e santissimo) se humilhou tambem Deus, quando se fez homem, porque até então nem era nem podia ser humilde. Porém no primeiro instante da Encarnação ou no segundo depois de encarnado (como querem outros theologos) então co-

[1] *3.º Livr. dos Reis,* XXI, 29.

meçou tambem a ser humilde, e summamente humilde, como hoje mostrou mais que nunca. Onde se deve notar, que este grande extremo de humildade, depois da humilhação de se fazer homem, não só foi consequencia do novo estado, senão obrigação. Porque se Deus antes de ser humilde se humilhou tanto que se abateu a ser homem, segue-se que depois de ser humilde tinha obrigação de se humilhar muito mais. Obrigado pois Deus a se humilhar mais do que se tinha humilhado; que havia de fazer? Só lhe restava o que hoje fez. Ajoelha-se diante dos homens e lava-lhes os pés com suas proprias mãos, porque só prostrado aos pés dos homens se podia humilhar mais do que se tinha humilhado, fazendo-se homem.

Esta consequencia, como forçosa, a que a humilhação do primeiro mysterio obrigou e empenhou a Christo para a humildade do segundo, reconheceu propheticamente David, quando disse: *Abyssus abyssum invocat:* [1] que um abysmo chama outro abysmo. Abysmo já sabeis que é um pégo immenso e profundissimo, como aquelle de que falla a Escriptura na primeira creação dos elementos: *Et tenebræ erant super faciem abyssi.* [2] E que dois abysmos foram estes, em que o primeiro chamou pelo segundo? Não dissemos ao principio que o dia da Encarnação se fallava com o dia de hoje: *Dies diei eructat verbum?* [3] Pois quando estes dois dias se fallaram, então chamou o mysterio da Encarnação pelo mysterio do lavatorio dos pés, e estes foram os dois abysmos. O primeiro abysmo foi a Encarnação do Verbo, porque fazendo-se Deus homem, se abysmou e sumiu de tal sorte a divindade na natureza humana, que desappareceu totalmente, e por isso estando dentro nella, não apparecia. O segundo abysmo foi o lavatorio dos pés, porque tendo-se Christo sumido na Encarnação, em quanto Deus, lançado depois aos pés dos homens, tambem se sumiu alli, em quanto homem. O mesmo Christo o disse: *Ego sum vermis, et non homo, opprobrium hominum, et abjectio plebis:* [4] Eu sou um bichinho da terra, e não

---

[1] *Psal.*, XLI, 8.
[2] *Gen.*, I, 2.
[3] *Psal.*, XVIII, 3.
[4] *Ibid.*, XXI, 7,

sou homem, porque sou o opprobrio dos homens, e o abjecto da plebe. E quem é esta plebe, e quem é este abjecto? A plebe eram os Apostolos, por natureza, por geração e por officio plebe, porque eram uns pobres pescadores: e o abjecto desta plebe era Christo posto a seus pés, e lavando-lh'os; porque não póde haver acto mais abjecto e vil, e mais inferior á mesma plebe, que ajoelhar-se diante della, e lavar-lhe os pés. A agua era sómente a de uma bacia, mas o abysmo da acção era tão profundo que nelle se abysmou e sumiu de tal sorte Christo, ainda em quanto homem, que já não parecia nem apparecia nelle signal do que era, senão uma negação do que tinha sido: *Non homo:* um não homem. Muito mais se desfez logo sem comparação, e muito mais fez o seu amôr no acto do lavatorio dos pés, que na obra da Encarnação, porque na Encarnação fez-se homem, no lavar os pés aos homens fez-se não homem: *Non homo.*

E se assim se sumiu Christo, lavando os pés a Pedro e aos outros Discipulos, que direi eu, ou que posso imaginar, quando o vejo prostrado aos pés de Judas? Aqui se sómem tambem até os entendimentos dos Serafins, e emmudecem de pasmo as linguas dos Anjos. Se Pedro, Senhor, vos disse assombrado: *Tu mihi:* Vós a mim? Com quanto maior assombro vos podemos nós dizer: *Tu Judæ:* Vós a Judas? A Judas, aquelle traidor endemoninhado, de quem diz S. João: *Cum diabolus jam misisset in cor, ut traderet eum Judas?* [1] A Judas, aquelle precito infernal e maior de todos os precitos, do qual vós mesmo dissestes: *Bonum erat ei, si natus non fuisset homo ille?* [2] Não quero outra ponderação que estas vossas mesmas palavras. Diz Christo que em Judas era melhor o não ser que o ser; e não se podéra mais encarecer, nem a infima miseria de Judas, nem o infimo abatimento de Christo posto a seus pés. Eu bem sei as subtilezas com que a philosophia disputa, se em Judas e em qualquer outro condemnado fôra melhor o não ser, que o ser: mas onde temos uma conclusão absoluta de Christo, não valem nada as argucias dos philosophos. Salomão faz tres classes de homens: os vivos,

[1] *Joan.*, XIII, 2.
[2] *Math.*, XXVI, 24.

os mortos, e os que não nasceram: e só na consideração dos males temporaes desta vida antepõe os mortos aos vivos, e os que não nasceram, a uns e outros. Que diria, se fizera a comparação com os males eternos que esperavam a Judas, e com o peccado, em que estava obstinado, que é o maior mal de todos os males? Por todas as razões era melhor em Judas o não ser, que o ser. E que se puzesse Christo aos pés de um homem, cujo ser era peior que o não ser? Do ser, qualquer que seja, ao não ser, ha infinita distancia: e sendo esta distancia infinita, hoje se viram no Cenaculo de Jérusalem dois degráus, ou dois estados mais abaixo do não ser. O primeiro em Judas, que estava mais abaixo do não ser: porque lhe fôra melhor não ser, que ser: e o segundo em Christo, que estando Judas mais abaixo do não ser, elle estava aos pés de Judas. Medi agora, começando de Deus, a baixeza em que está posto o Filho do mesmo Deus, por amôr dos homens. Abaixo de Deus, com infinita distancia, está todo o creado: abaixo de todo o creado, com distancia tambem infinita, está o não ser; abaixo do não ser está Judas; e abaixo de Judas está Christo. Tanta differença vae de Deus no dia da Encarnação feito homem, a Christo no dia de hoje, posto aos pés de tal homem! Aquelle foi o *cum dilexisset:* este é o *in finem dilexit.*

VI

Tarde chego, Sacramentado Senhor, á comparação desse sacrosanto e divinissimo mysterio com o mysterio de vossa Encarnação tambem divinissimo; mas esse mesmo throno de magestade, em que vos vêmos e adoramos, ou vos adoramos sem vos vêr, nos está publicando os triumphos de vosso amôr neste dia, em que por ser o ultimo de vossa visivel presença, vos deixastes comnosco. Seja esta a primeira prova.

Prophetisando Isaias o mysterio da Encarnação do Verbo com palavras mais expressas e circumstancias mais singulares que todos os outros prophetas, disse, que uma Virgem conceberia e pariria um Filho, o qual se chamaria Emmanuel: *Ecce Virgo concipiet, et*

pariet Filium, et vocabitur nomen ejus Emmanuel. [1] Nesta ultima palavra reparam muito os pouco versados na phrase da Escriptura. Christo, Senhor nosso, não se chamou Emmanuel, chamou-se Jesus: como diz logo o Propheta, que o Filho que nascesse de uma Virgem, se havia de chamar Emmanuel? Mas este reparo, como digo, é por ignorancia da phrase hebrea. Na lingua hebraica assim como as coisas se chamam palavras, *Verba*, assim o chamar-se significa ser, e isso quer dizer *vocabitur*. Da mesma phrase usou o Anjo no mesmo dia e mysterio da Encarnação annunciando á Virgem que o que de suas purissimas entranhas havia de nascer, se chamaria Filho do Altissimo: *Filius Altissimi vocabitur:* [2] sendo assim, que Christo por humildade não se chamava Filho do Altissimo, senão: *Filius hominis:* Filho do homem. Mas fallaram por esta phrase, assim o Propheta como o Anjo no mesmo caso, porque *vocabitur* quer dizer, será. Supposto pois que o chamar-se significa ser, e o nome se toma pelo significado; que quiz significar o Propheta quando disse que o Filho que nasceria de uma Virgem, se havia de chamar Emmanuel? Emmanuel quer dizer: *Nobiscum Deus:* Deus comnosco, e isto é o que annunciou e prometteu Isaias nesta famosa prophecia, dando por nova aos homens, tão admiravel como certa, que aquelle mesmo Deus, cuja magestade se conservou sempre tão retirada e longe de nós, sem jámais se abalar nem sahir do céo, agora se havia de humanar tanto, que se fizesse homem, e descesse á terra para nella morar e estar comnosco: *Nobiscum Deus.*

Disse, sem se abalar jámais nem sahir do céo, porque quando se diz nas Escripturas que Deus formou o barro de Adão, e que desceu a impedir a fabrica de Babel, e que appareceu a Moysés na sarça, e lhe deu a Lei no Monte Sinay, e outras acções similhantes, os que obravam visivelmente estas coisas (segundo o mais provavel sentir dos doutos) eram anjos que representavam a Deus, e não o mesmo Deus em Pessoa. Por isso Deus naquelle tempo dizia: *Cœlum mihi sedes est.* E David contava e cantava por grande

[1] *Isai.*, VII, 14.
[2] *Luc.*, I, 32.

maravilha, que estando Deus tão alto, se dignasse de olhar cá para baixo, e pôr os olhos na terra: *Quis sicut Dominus Deus noster, qui in altis habitat, et humilia respicit in cœlo, et in terra.* [1] Porém como o amôr não se contenta de longes, e soffre mal ausencias, pôde tanto o amôr dos homens com Deus, que o trouxe do céo á terra, e o fez homem, não tanto para nos remir e salvar (como muitos cuidam) quanto pelo desejo que tinha, e pelo gosto que havia de ter de estar comnosco: *Nobiscum Deus.*

E' celeberrima questão entre os theologos, no caso em que Adão não peccasse, se havia de encarnar Deus? S. Thomaz e a sua escóla, dizem que não. Scoto com a sua, affirma que sim. Distingo e concordo ambas as opiniões. Porque Adão peccou, encarnou Deus em carne possivel, porque era mais proporcionado á culpa, e mais conveniente á satisfação o padecer e morrer. Porém se Adão não peccára, havia de encarnar comtudo Deus, mas em carne impassivel, porque onde não havia culpa, não era necessaria a pena, e fazia-se homem no tal caso, não para satisfação do nosso peccado, senão para satisfação do seu amôr. Não é esta distinção minha, senão do mesmo Concilio Nisseno: *Qui propter nos homines, et propter nostram salutem incarnatus est:* Encarnou Deus por amôr de nós e por amôr de nossa saude. Onde se vê claramente que o mysterio da Encarnação teve dois motivos distinctos: um motivo o remedio, e outro motivo o amôr, mas o amôr primeiro que o remedio. De sorte que se o remedio não fôra necessario, pelo motivo só do amôr dos homens havia de encarnar Deus, porque esse foi o primeiro motivo e o primario: *Qui propter nos homines.* Ieis visitar um amigo, soubestes no caminho que estava ferido, e visitastel-o como amigo e como ferido, mas com tal presupposto, que se não estivera ferido, só por amigo o havieis de visitar, que este foi o vosso primeiro intento. O mesmo succedeu no mysterio da Encarnação, ao qual Zacharias chamou visita de Deus: *Visitavit nos, oriens ex alto.* [2] O primeiro decreto de Deus se fazer homem antes da previsão do peccado, foi unicamente o amôr dos ho-

[1] *Psal.*, CXII, 5 e 6.
[2] *Luc.*, I, 78.

mens e para morar e estar com elles, como já então dizia: *Deliciæ meæ esse cum filiis hominum.* [1] Aconteceu depois o peccado de Adão, e a ferida mortal do genero humano, com que ao motivo do amôr se ajuntou o motivo do remedio, e Deus, que só nos havia de visitar por amigo, nos visitou tambem por feridos: *Propter nos homines, et propter nostram salutem.* E assim como ao outro amigo na visita que só fazia por amôr e por gosto, lhe acresceu a dôr e a pena, assim Deus, que havia de vir homem impassivel, veiu passivel. Em summa, que o intento e fim da Encarnação, como dizia, não foi tanto para Deus nos remir e salvar, que foi o segundo motivo, quanto para satisfazer a seu amôr e estar comnosco, que foi o primeiro: e por isso Isaias, que com tanta expressão de circumstancias revelou os arcanos da Encarnação do Verbo, podendo dizer que o Filho que havia de nascer da Virgem se chamaria Jesus, que quer dizer Salvador, não disse senão que se chamaria Emmanuel, que quer dizer, Deus comnosco; porque o principal motivo de Deus se fazer homem, não foi tanto o remedio de salvar os homens, quanto o amôr e desejo de estar com elles: *Nobiscum Deus.*

VII

Este foi o motivo mais affectuoso, este o affecto mais fino, esta a fineza mais subida de ponto, com que o amôr divino no dia da Encarnação, e logo em seu principio, mostrou o fim com que trouxera a Deus á terra. Fim desde o primeiro decreto, e de sua propria origem, pura e sinceramente amoroso, sem mistura de outro intento, ou outro affecto; porque o remir foi amôr com misericordia; o estar comnosco puro amôr. Mas que direi no dia de hoje, encarnado e sacramentado Deus? Por mais que vosso divino amôr no dia da Encarnação se mostrasse tão fina e tão puramente amoroso, nem eu posso deixar de dizer, nem elle póde negar, que no dia de hoje foi amoroso sobre amoroso, e amôr sobre amôr. Porque? Porque se

[1] *Prov.*, VIII, 31.

naquelle dia encarnastes para estar comnosco: *Nobiscum Deus;* neste dia vos sacramentastes, não só para estar comnosco, senão tambem para estar em nós: comnosco nesse altar onde vos adoramos; e em nós entrando em nossos peitos, onde vos recebemos. O amôr (vède se é maior este) o amôr essencialmente é união, e quanto mais une ou procura unir os que se amam, tanto maiores effeitos tem, e tanto maiores affectos mostra de amôr. Estar comnosco é assistencia de fóra, estar em nós é presença intima: estar comnosco é estar perto; estar em nós é estar dentro: estar comnosco é companhia; estar em nós é identidade: logo menos fez o amôr da Encarnação em estar Christo comnosco, que o amôr do Sacramento em estar comnosco, e mais em nós.

Admiravelmente uniu estes dois extremos, e distinguiu estes dois amôres o mesmo Discipulo amado. Depois de se remontar esta aguia divina com aquelle vôo altissimo, egual á voz, ou ao trovão, com que disse: *In principio erat Verbum:* [1] cerra as azas, dá comsigo em terra, e diz que o mesmo Verbo se fez carne: *Verbum caro factum est:* [2] e sem interpôr palavra, acrescenta: *Et habitavit in nobis:* e morou em nós. Evangelista, que no alto e no baixo sempre vos remontaes, permitti que vos entendamos. Se fallaes da união do Verbo com a humanidade, porque não dizeis que se fez homem, senão que se fez carne: *Caro factum est?* E se fallaes do tempo em que o mesmo Verbo, por isso e para isso humanado, morou e habitou comnosco, porque dizeis que habitou em nós: *Habitavit in nobis?* Não fôra S. João o mais amado e o mais amante de Christo, se não acudira por seu amôr, e o deixára nas auroras da Encarnação, sem o subir ao zenith do Sacramento. E' agudeza de Santo Agostinho, tambem aguia. Não disse que o Verbo se fizera homem, senão carne, porque na carne: *Ex vi verborum,* havia de instituir Christo o Sacramento de seu Corpo: *Caro mea veré est cibus:* e não disse que habitou comnosco, senão em nós; porque se o amôr da Encarnação se satisfez de estar comnosco: *Nobiscum Deus:* o do Sacramento, mais ancioso, porque

[1] *Joan.*, I, 1.
[2] *Ibid*, 14.

mais amôr, não se satisfez de estar sómente comnosco, senão tambem em nós: *Et habitavit in nobis*.

Depois de Deus pela Encarnação se fazer homem, a mesma carne, e o mesmo corpo que tinha tomado, era novo impedimento para estar em nós; porque dois corpos não pódem estar no mesmo logar. Pois que remedio acharia o amôr, para facilitar este impossivel, tão repugnante ao seu desejo? O remedio foi, que a mesma carne que tinha tomado na Encarnação, se fizesse manjar nosso no Sacramento: *Caro mea veré est cibus:* e deste modo se unigam juntamente ambos os fins de um e outro amôr: o de estar comnosco, fôra o da Encarnação, e o de estar comnosco, e mais em nós, que é o de hoje.

Mas ainda neste estar sobre estar, temos outra fineza sobre fineza. Porque não só quiz o amôr de hoje, que Christo estivesse comnosco, e estivesse em nós, senão que nós tambem estivessemos nelle. Este é o segundo effeito do Sacramento, e mais amoroso ainda que o primeiro, em quem o come: *Qui manducat meam carnem, in me manet, et ego in illo:* [1] Quem come a minha carne, está em mim, e eu nelle. Não só eu nelle por uma união; mas eu nelle e elle em mim por uma união dobrada, e modo de estar reciproco. E' o que declarou com um discreto solecismo Santo Agostinho: *Si manet, et manetur.* [2] Que diria Donato se tal ouvisse? Mas estas são as grammaticas do amôr, e mais em dia em que o Verbo se fez passivo. Até os philosophos, para admittirem uma união perfeita, reconhecem duas: uma da parte da fórma, e a outra da parte do sujeito: uma da parte unida, e outra da parte a que se une. E esta é a philosophia de Christo.

Quando Christo na cruz substituiu em seu logar a S. João, disse á Mãi Santissima: *Ecce filius tuus:* [3] e logo ao Discipulo amado: *Ecce Mater tua.* Parece que tanto dizem neste caso as primeiras palavras, como as segundas; porque se a Senhora era Mãi de João, já ficava entendido que João era filho da Senhora. Porque repete logo Christo o que tinha já dito,

---

[1] *Joan.*, VI, 57,
[2] *Aug. Tract. 27 in Joan.*
[3] *Joan.*, XIX, 26.

e em tempo que as suas palavras eram tão contadas? Porque nos dois primeiros legatarios da sua ultima vontade, e reciprocos herdeiros de seu amôr, queria que o amôr e as correspondencias de uma e outra parte fossem tambem reciprocas. O coração da Senhora, e o de S. João, eram os dois corações que Christo mais amava, e mais amavam a Christo; e como o Senhor na substituição da sua ausencia testava nelles de seu proprio amôr; para que o mesmo amôr, como seu, não fosse amôr, e grande amôr, mas amôr reciprocamente unido, com as primeiras palavras uniu o coração da mãi ao novo filho: *Ecce filius tuus;* e com as segundas uniu o coração do filho á nova Mãi: *Ecce Mater tua.*

E se os dois legados particulares da Mãi, e do Discipulo, os estabeleceu o Senhor com dobrado vinculo de amôr, e união reciproca; como a não dobraria tambem no testamento commum, em que nos fez herdeiros universaes de seu Corpo e Sangue: *Hic calix novum testamentum est in meo sanguine?* [1] Por isso na ratificação do mesmo testamento a recommendação que fez aos Discipulos, foi esta: *Manete in me, et ego in vobis:* [2] Estae em mim, e eu em vós. Tão reciproco quiz que fosse este modo de estar. E tanto se empenhou o amôr de hoje em vencer o amôr da Encarnação, não só com uma, senão com dobrada victoria, e não só da parte de Christo, senão da sua, e mais da nossa. Para vencer o amôr de hoje ao da Encarnação, bastava estar Christo no Sacramento comnosco, e mais em nós; mas para que a victoria não fosse como a de Jacob, vencedor com victoria claudicante, não só quiz vencer o estar comnosco com o estar em nós, senão com elle estar em nós, e nós estarmos nelle: *In me manet, et ego in illo.*

VIII

E porque não possa dizer o Amôr da Encarnação, que ficou hoje vencido de differença a differença, e não de similhança a similhança; deixada á parte a

[1] *1.ª ad Corinth.*, XI, 25.
[2] *Joan.*, XV, 4.

differença ou vantagem com que Christo no Sacramento está em nós, e nós nelle; e tomado separadamente, e por si só, o acto de estar comnosco, que foi o primeiro motivo da Encarnação, comparemos de egual a egual o como está Christo comnosco, em quanto sacramentado, e o como esteve comnosco, em quanto sómente encarnado; e vêr-se-ha com novo e maior triumpho do Amôr de hoje, quanto vae de estar comnosco a estar comnosco.

Em quanto encarnado esteve Christo comnosco: mas onde esteve? Ou em Názareth, ou em Belem, ou em Jérusalem, ou em outras partes: de tal modo porém, e com tal limitação de logares, que quando estava em um, faltava nos outros. Quizeram os de além do Jordão deter a Christo, para que estivesse alguns dias com elles: *Detinebant illum, ne discederet ab eis*, diz S. Lucas. [1] E que lhes respondeu o Senhor? *Quia et aliis civitatibus oportet me evangelizare Regnum Dei.* Que se não podia deter mais alli, porque lhe importava ir prégar a outras cidades. Não admitto, Senhor meu, a escusa, antes me parece que desacredita o vosso poder, e desabona o vosso amôr. Ide prégar a essas cidades, e ficae juntamente com esses homens, que com tanta devoção o desejam. Não podeis vós estar no mesmo tempo em diversas cidades? Sim, posso. Mas esses modos de estar, guardo eu para quando estiver no Sacramento. Em quanto encarnado, se estava Christo em uma cidade, não estava noutra: em quanto sacramentado, não só está em todas as cidades, senão em tantas partes da mesma cidade, em quantas hoje o temos. Correi as igrejas de Lisboa, e primeiro vos cançareis de as visitar, do que o Senhor se cance de esperar por vós, porque se poz e expoz em tantas partes, só para em todas estar comvosco. Esta noite vos espera com as portas abertas, e nas outras em que as portas se fecham, nem por isso elle se vae, porque sempre o detem alli seu amôr solitario e saudoso, na esperança só de que amanheça, para estar com os que tanto ama.

Tambem encarnado amava, mas com grande differença de estar a estar. Enfermou e morreu Lazaro, de quem testemunha o Evangelho que era muito amado

[1] *Luc.*, IV, 42 e 43.

de Christo, e disse o mesmo Senhor aos Discipulos, que morrêra Lazaro, porque elle não estava alli: *Lazarus mortuus est, ut credatis quoniam non eram ibi.* [1] E Martha e Maria, ambas com as mesmas palavras, disseram: *Domine, si fuisses hic, frater meus non fuisset mortuus:* [2] Se vós, Senhor, estivereis aqui, não morrêra nosso irmão. Isto dizia Christo, e isto diziam a Christo, quando sómente tinha encarnado; mas depois que se deixou no Sacramento, já nem Christo póde dizer: *Non eram ibi:* nem nós podemos dizer: *Si fuisses hic:* porque em Bethania, e fóra de Bethania, na vida e na morte, na saude e na enfermidade, sempre, e em toda a parte o temos, e está comnosco. Só em uma parte do mundo não está Christo comnosco: e qual é? Onde nós não estivermos. Morem os homens nas cidades, habitem os desertos, subam aos montes, desçam aos valles, penetrem os bosques, fiem a vida a um madeiro inconstante sobre as ondas, e até alli estará comnosco. No mar andavam os Discipulos, e bem necessitados da presença de seu Divino Mestre: e diz o Evangelista, que neste caso estava o Senhor só em terra: *Et ipse solus erat in terra.* [3] Mas tal caso como este já se não póde dar hoje, porque não só na terra, senão tambem no mar, está e navega comnosco Christo Sacramentado. Noë não sacrificou no tempo do diluvio, porque estava no mar; e quando desembarcou da arca, então sacrificou. Porém hoje não espera, nem soffre aquelle amôr, que os navegantes cheguem a terra, permitte que sacrifiquem, e o consagrem sobre as ondas, para tambem sobre as ondas estar comnosco.

Mas que digo eu sobre as ondas, se no meio de mais furiosas tempestades que as do mar, e quando vós, meu Senhor, devereis fugir dos homens, não póde acabar comvosco o vosso amôr, que deixeis de estar com elles! Encarnado, e pouco depois de encarnado, porque vos perseguiu Herodes, fugistes para o Egypto: não admittido em Genezareth, e em Samaria, deixastes Samaritanos e Genezarenos: e hoje que é o que faz vosso amôr em Inglaterra, em Hol-

[1] *Joan.*, XI, 14 e 15.
[2] *Ibid.*, 21.
[3] *Marc.*, VI, 47.

landa, em Dinamarca, em Suecia, e em tantas outras partes septentrionaes, onde nesse mesmo Sacramento sois tão perseguido da perfidia heretica, e nem vos crêem, nem vos querem? Assim perseguido não fugís, assim não querido, nem crido, vos deixaes estar entre elles, encuberto e escondido, e como homisiado de vosso proprio amôr, porque elle vos não consente que haja parte alguma do mundo, em que não estejaes comnosco. Não fallo no que podéra dizer das nossas ingratidões, e dos aggravos que aquelle Senhor Sacramentado padece tambem entre os catholicos, cujos peccados occultos, e cujas irreverencias publicas a nossa mesma fé faz muito mais sensiveis. Merecedoras eram justamente, de que cançada de tanto soffrer sua paciencia, dissesse, como já disse: *Eamus hinc;* [1] e como deixou outro templo, e outro povo, que tambem se chamava seu, nos deixasse a nós. Mas foi tão firme a resolução com que empenhou a Christo o amôr de hoje a estar comnosco sempre, que para nunca se poder apartar de nós (ainda que nós o merecessemos, e o mesmo Senhor quizesse) encerrando-o nas voluntarias prisões daquelle Sacramento, as chaves não as deixou nas suas mãos, senão nas nossas. Na Encarnação porque tinha na sua mão as chaves, tornou-se para o céo; no Sacramento, como as chaves estão na nossa mão, e temos ao mesmo Senhor debaixo da chave, ainda que elle não quizesse, sempre ha-de estar comnosco.

S. Lourenço Justiniano fallando de Christo Sacramentado com allusão ao Texto de Isaias, disse elegantemente: *Dispar modus, et idem Emmanuel:* [2] que assim como na Encarnação foi Emmanuel, tambem é Emmanuel no Sacramento, só com differença no modo. E qual é a differença? Muitas, como já disse; mas a principal e maior de todas é, que na Encarnação foi Emmanuel, e Deus comnosco, mas com liberdade de nos deixar, antes com presupposto de o fazer assim, como elle mesmo disse: *Exivi a Patre, et veni in mundum, iterum relinquo mundum, et vado ad Patrem.* [3] Porém no Sacramento é Emmanuel, e Deus

[1] Hæc vox audita est in Templo cum scisum est velum in morte Christi.

[2] Laur. Just. lib. de casto connubio verb. et animæ c. 24.

[3] *Joan.*, XVI, 28.

commosco, não só sem liberdade para se apartar de nós, mas com obrigação inviolavel, fundada em sua propria promessa, de nunca jámais nos deixar, e estar commosco até o fim do mundo: *Ecce ego vobiscum sum usque ad consummationem sæculi.* [1] Em summa, resumindo tudo a duas palavras: na Encarnação foi Emmanuel, e Deus commosco em uma só terra; no Sacramento em toda a parte: na Encarnação para poucos; no Sacramento para todos: na Encarnação só para os presentes; no Sacramento para os presentes, e para os futuros: na Encarnação por tempo limitado e breve; no Sacramento sem limite de duração em quanto durar o mundo, e houver homens: *Usque ad consummationem sæculi.* Logo não se póde negar, ainda na precisa similhança de estar commosco, que muito mais fino, muito mais estremado, muito mais amorosô, muito mais ameravel, muito mais amante, muito mais amigo, e muito mais amôr se mostrou o de Christo hoje, que no dia da sua Encarnação.

IX

Mas porque a Encarnação do Verbo Eterno foi um acto tão heroicamente divino, que infinitamente se levantou sobre todas as obras da magnificencia de Deus; para que nem por esta parte possa parecer que aquelle amôr excedeu o deste dia, ouvi como o amôr de hoje sujeitou ao seu triumpho a mesma Encarnação, não só quanto aos effeitos que vimos, e outros que deixo; mas em sua propria substancia. E de que modo foi isto, que parece coisa impossivel? Fazendo o mesmo amôr, que assim como Deus naquelle dia encarnou em uma só humanidade, hoje encarnasse em todos os homens. No dia da Encarnação, tomando Deus a carne da Virgem Santissima, encarnou em uma só humanidade, que foi a de Christo; e hoje dando-nos Christo sua propria carne no Sacramento, encarnou em todos os homens, que somos nós os que a commungamos. E' pensamento profundissimo de S. João Chrysostomo, a quem seguiu S. João Da-

[1] *Math.*, XXVIII, 20.

masceno, S. Paschasio, Ruperto, e outros Padres. As palavras do santo, que os Auctores Latinos commummente ou não referem, ou allegam mutiladas por effeito dos traductores, tiradas do original grego, em que foram escriptas, são estas: (Vamos por partes) *Ex nostra (Deus) generatus est substantia:* [1] O Verbo fazendo-se homem, assim como fôra gerado *ab æterno* da substancia de Deus, assim na Encarnação foi gerado em tempo da nossa propria substancia: *Sed nihil hoc (iniquies) ad omnes pertinet:* Mas dir-me-heis (insta Chrysostomo) que isto pertence sómente a Christo, e não a todos nós: *Imó ad omnes.* Digo, e torno a dizer, que a todos. E porque? *Nam si ad naturam nostram descendit, patet quod ad omnes: quod si ad omnes; et ad unumquemque profecto.* Porque se Deus tomou a nossa natureza encarnando, segue-se que a mesma Encarnação se estendeu a todos, e se a todos, tambem a cada um. Quando aqui cheguei, descontentou-me a razão e argumento de Chrysostomo: porque se Deus se unira á natureza humana em commum, então se seguia bem, que a mesma união se communicasse a todos os individuos: mas Deus não uniu a si a natureza em commum, a qual não é assumptivel, e só tomou e uniu á subsistencia divina a humanidade de Christo, que é singular, e não commum. Explica-se Chrysostomo admiravelmente, passando do mysterio da Encarnação ao do Sacramento: *Singulis enim fidelibus per hoc mysterium se commiscet, et quos peperit, non aliis nutriendos tradit, sed ipse studiosissimé alit, hac etiam re tibi persuadens carnem illam tuam assumpsisse.* E' verdade que Deus na Encarnação não tomou a natureza humana em commum, senão uma humanidade particular; mas essa mesma humanidade, e essa mesma carne unida á divindade, fel-a Christo universal e commum, dando-a no Sacramento a todos os fieis, e unindo-os realmente comsigo: e como ficam unidos, e encarnados com Christo, a mesma Encarnação do Verbo se estende e multiplica em todos nós. As palavras de Ruperto tambem são dignas de se não passarem em silencio: *Assumpserat hominem in Deum, quando Verbum caro factum est*

[1] Sic locum à se restitutum ait Theop. Raimund. in Candel. sec. 3 c. 1.

ut per eum essemus in illo; sed nec dum illi admiscuerat, se per carnem suam nobis ut singuli, membra in illo, unum essemus corpus. [1] Quer dizer: Quando Deus se fez homem, foi para que por meio da carne do Verbo nos unisse a si, e fossemos a mesma coisa com elle. Mas isto não se effectuou no acto da Encarnação, em que o corpo de Deus e os nossos eram diversos; mas ficou reservado para a instituição do Sacramento, em que unindo-se Christo por meio da sua carne a cada um de nós, todos como membros seus ficamos um só corpo. Baste de auctoridades, posto que taes e tão grandes, que ellas só bastavam. Vamos ás Escripturas e á experiencia.

Acabada a Ceia, parte Christo Senhor nosso para o Horto de Gethesémani, e apartando-se dos Discipulos diz o Evangelista S. Lucas: *Et ipse avulsus est ab eis:* [2] que o Senhor se arrancou delles. Ninguem haverá que não note a singularidade desta palavra. Muitas outras vezes referem os Evangelistas, que Christo se apartou de seus Discipulos, e em todas dizem simplesmente que se apartára. Pois se então se apartava porque agora se arrancou? Porque agora tinha o Senhor acabado de instituir o Santissimo Sacramento, e os Apostolos tinham acabado de commungar, e como por meio do Sacramento se tinha encarnado Christo nelles, e elles em Christo, por isso o apartar-se agora já não era apartar-se, era arrancar-se: *Avulsus es.* Ouvi ao grande Tertulliano, no Livro *De Carne Christi: Quid avellitur, nisi quod inhæret, quod infixum, et innexum est ei, á quo avellitur.* E explicando-se ainda mais: *Cum quid extraneum ita conviscerатur, et concarnatur, ut cum avellitur rapiat secum aliquid ex corpore, cui avellitur.* De maneira que a palavra *avellitur*, ou *avulsus*, só se diz propriamente de duas coisas diversas, as quaes não só estão pegadas e unidas: *Infixum et innexum;* senão entranhadas e encarnadas uma com a outra: *Conviscerатur, et concarnatur.* E como esta era a primeira communhão que houve no mundo, usou o Evangelista da palavra *avulsus est* com grande mysterio, para que a mesma propriedade da palavra mostrasse a efficacia

[1] Rup. lib. 2. de offic. CXI.
[2] *Luc.*, XXII, 41.

e effeito do Sacramento, pois não se podia apartar senão arrancando-se quem estava entranhado e encarnado nos mesmos de quem se apartava: entranhado, porque tinha entrado em suas entranhas: *Conviscéretur;* e encarnado, porque se tinha unido com elles por meio de sua propria carne: *Concarnatur.* E esta foi a differença com que ainda de encarnado a encarnado venceu o amôr e dia de hoje ao amôr e dia da Encarnação. No dia da Encarnação encarnando Christo em uma só humanidade: no dia de hoje encarnando em todos os homens.

Dois signaes do céo pediu Gedeão a Deus em dois dias differentes, com modo bem notavel. Poz um vello de lã no meio de uma eira, e no primeiro dia pediu que o orvalho do céo cahisse só no vello, e não na eira; e no segundo, que cahisse na eira e não no vello, e assim succedeu. O signal do primeiro dia é certo que significava o mysterio da Encarnação, porque o orvalho era o Verbo, que desceu do céo; e o vello de lã era a humanidade, de que o mesmo Verbo se vestiu como Cordeiro de Deus, que vinha tirar os peccados do mundo: *Agnus, qui tollit peccata mundi.* [1] Assim o declararam depois não menos que dois prophetas, Isaias e David: Isaias pedindo a Encarnação, dizia que orvalhasse o céo sobre a terra, para que nella nascesse o Salvador: *Rorate cœli desuper, et nubes pluant justum, aperiatur terra et germinet Salvatorem:* [2] e David signalando o modo com que havia de vir, diz que desceria como a chuva ou orvalho sobre um vello de lã mansamente e sem ruido: *Descendit sicut pluvia in vellus, et sicut stillicidia stillantia super terram:* [3] e destes dois Prophetas o tomou a Igreja, quando canta da mesma Encarnação: *Sicut pluvia in vellus descendisti, ut salvum faceres genus humanum.* Pois se Gedeão no orvalho que havia de cahir do céo pedia a Encarnação no primeiro dia, porque tornou a pedir no segundo dia a mesma Encarnação, e no mesmo orvalho? E se no primeiro dia pediu que cahisse sobre o vello, e não sobre a eira, porque no segundo pediu que cahisse na eira, e não

---

[1] *Joan.*, I, 29.
[2] *Isai.*, XLV, 8.
[3] *Psal.*, LXXI, 6.

no vello? Porque Gedeão como alumiado naquella hora com espirito prophetico, não só viu uma Encarnação do Filho de Deus, senão duas Encarnações em dois dias differentes, uma no dia em que propriamente se chama da Encarnação e outra no dia de hoje. A primeira estreita e contrahida, e por isso em um vello; a segunda estendida e dilatada, e por isso em uma eira: a primeira no vello, onde se sumia o orvalho, e se encobriu a divindade; a segunda na eira, em que se recolhe o pão, onde se nos deu no Sacramento: a primeira particular, em que se uniu Christo a uma só humanidade; a segunda universal, em que se uniu a todos os homens: a primeira, em que encarnou só em si, tomando a nossa carne: a segunda em que encarnou em nós, dando-nos a sua. *Totus in vellere, totus in area, diz S. Bernardo:* [1] Todo no vello, e todo na eira; mas no vello todo só para sua Mãi, na eira todo para todos. E' o manná com os tempos trocados. O manná que primeiro chovia do céo nos campos, para que se sustentasse delle o povo, depois esteve encerrado na Arca do Testamento, onde ninguem o comia. Porém cá, trocados os dias, no dia da Encarnação estava encerrado no ventre virginal, que por isso se chama Arca do Testamento; mas no dia de hoje se estendeu e diffundiu pelo mundo todo para que todos o comam e o convertam em si. Em fim, parecido o Sacramento ao mesmo amôr com que hoje foi instituido, como diz o Concilio Tridentino: *In quo Salvator divitias divini sui erga homines amoris velut effudit.* [2]

Só me pódem oppôr e dizer os doutos, que todas as vantagens ou finezas, em que o amôr de hoje parece vencer o amôr da Encarnação, se hão-de referir á mesma Encarnação, e ao amôr daquelle dia, porque a mesma Encarnação foi o principio e fundamento de todas, pois se Christo não encarnara, tambem se não podéra consagrar, nem deixar no Sacramento. Respondo que não se segue tal coisa. E ouvireis agora o que por ventura nunca ouvistes. Scoto, e outros grandes theologos, dizem que é tal a força e efficacia das palavras da Consagração, que se antes de Christo en-

[1] Serm. III de Annuntiat.
[2] Trid. Sess. 13. Cap. 2.

carnar, e antes de Deus crear o mundo, creára um sacerdote sómente, e uma hostia, sobre a qual pronunciasse as palavras da Consagração, no mesmo ponto havia de estar naquella hostia o corpo de Christo, tão real e inteiramente como está hoje na que temos e adoramos presente. [1] Pois como havia de estar alli o corpo de Christo, se ainda não era nascido Christo, nem havia tal corpo? Porque assim como a omnipotencia daquellas palavras tem força para reproduzir o corpo de Christo no logar onde não estava, assim teriam tambem força neste caso para o produzir no corpo em que não era, porque não se requer maior poder para um milagre que para outro. Daqui se entenderá uma nova e excellente propriedade, com que S. Paulo, declarando o sacerdocio de Christo pelo de Melchisedech, nota que Melchisedech não teve pai, nem mãi, nem genealogia: *Sine patre, sine matre, sine genealogia.* [2] O sacerdocio de Christo não foi segundo a ordem de Arão, que sacrificava cordeiros e bezerros, senão (como diz David) segundo a ordem de Melchisedech, que sacrificava em pão e vinho: *Melchisedech proferens panem, et vinum, erat enim sacerdos Dei altissimi.* [3] E por isso mesmo Christo, sendo juntamente o sacerdote e o sacrificio, consagrou e sacrificou seu corpo e sangue debaixo das mesmas especies de pão e vinho. Mas Christo Senhor nosso teve Mãi e Pai, e a mais estendida genealogia de quantas se lêem nas Escripturas: *Liber generationis Jesu Christi, filii Abraham, etc.* [4] Pois se Christo teve uma genealogia tão grande e tão declarada; como nota S. Paulo que o seu sacerdocio foi como o de Melchisedech, homem sem pai, nem mãi, nem genealogia? Porque quando Christo instituiu o Sacrificio e Sacramento, em que se deixou a si mesmo, foi com tanta independencia da sua propria Encarnação, como se nunca fôra gerado, nem nascido. De sorte que se Christo ainda não encarnara, nem nascera, e comtudo se dissessem as palavras da Consagração sobre uma hostia, em qualquer

---

[1] Scot. citatus à Theoph. Rainaud. in Candelab. Et alii, quos laudat. Corn. in Isai. VII — 14 p. 120. col. 2.

[2] *Hebr.*, VII, 3.

[3] *Gen.*, XIV, 18.

[4] *Math.*, I, 1.

tempo e em qualquer logar que fosse, alli havia de estar seu corpo infallivelmente. E' verdade que o corpo e sangue que Christo consagrou hoje, foi o mesmo que na Encarnação tinha tomado: mas consagrou-o por modo tão absoluto e tão independente da mesma Encarnação, que se dantes não houvera encarnado, encarnara então sem mãi nem genealogia, e existira sacramentado. Logo, ainda que o Senhor no dia de hoje nos deu a mesma carne e o mesmo sangue que tinha recebido no dia da Encarnação, nem por isso a grandeza e supposição daquella obra diminue nada as vantagens desta, porque de tal modo a suppoz, como se a não suppozera. Encarnado naquelle dia sim, com grande amôr: *Cum dilexisset suos;* mas Sacramentado hoje com maior amôr: *In finem dilexit eos.*

X

Muito tempo ha que devêra ter acabado. De um e outro amôr recolho um só documento muito breve. E qual é? Que seja tal o nosso amôr na vida, que o continuemos á vista da morte. Que amou Christo desde o instante de sua Encarnação? Aos homens: *Cum dilexisset suos:* e hoje, que foi o fim da sua vida, estando com a morte á vista: *Sciens quia venit hora ejus;* que amou? Aos mesmos que tinha amado: *In finem dilexit eos.* Oh que differente viver, oh que differente morrer, oh que differente amar foi este do que é o nosso! Aquelles a quem a misericordia de Deus concede morrerem com eleição e com juizo, o que commummente fazem na hora da morte, é arrependerem-se do que teem amado na vida. Póde haver maior loucura, póde haver maior cegueira, que amar aquillo mesmo de que sei que ou me hei-de arrepender, ou me hei-de condemnar? Oh Senhor, quem vos tivera amado desde o primeiro instante em que vos conhece, sem nunca empregar ou esperdiçar o coração em outro amôr? Se alguem se podéra justamente arrepender do que amou, ereis vós, pois amastes umas creaturas tão vís, tão ingratas e tão merecedoras de ser aborrecidas, como sômos os homens. Mas pois o vosso amôr foi tão fino e tão constante, que amando-nos com tantos extremos desde o principio, foram ainda muito

maiores os com que nos amastes até o fim; seja hoje e neste mesmo instante o fim de todo o amôr, que não é vosso. Os que imitaram o Prodigo e as que imitaram a Magdalena em amar o que não deviam, assim como seguiram os passos errados e cegos de seu falso amôr, assim se resolvam hoje e de hoje para sempre, a seguir a luz de seu desengano, a verdade do seu arrependimento, e a firmeza e constancia de só a vós amar até a morte. Só a vós, amorosissimo Senhor, só a vós. Só a vós, e não pelos interesses do céo, que vós deixastes por amôr de nós: só a vós, e não por temôr do inferno, que Judas antes quiz que a vós, mas unica e puramente por serdes vós quem sois, digno de ser infinita e eternamente amado. Assim propomos de vos amar na vida, assim propômos de vos amar até á morte, para que a vossa graça e o vosso amôr nos faça dignos, não dizemos de vos gosar, senão de vos amar por toda a eternidade. Amen.

SERMÃO SEGUNDO

DO

MANDATO

Prégado no mesmo dia, na Capella Real, ás tres horas da tarde

---

Sciens Jesus quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo ad Patrem: Cum dilexisset suos, in finem dilexit eos. [1]

I

Outra vez, Senhor, neste mesmo dia, outra vez torno a fallar de vosso amôr. Dobraram-se neste dia os dias, dobraram-se e encontraram-se os mysterios, encontrou-se comsigo o mesmo amôr: e pois elle no mesmo dia duas vezes nos amou tanto; porque não diremos nós tambem duas vezes no mesmo dia, já que dizemos tão pouco? Victorioso deixei hoje o amôr de Christo, mas ainda neste mesmo dia lhe resta muito que vencer. Josuë para acabar de vencer uma victoria, mandou parar o sol, e fez de um dia dois dias. Nós temos dois dias reduzidos a um só dia, e nem por isso receio presentar hoje nova batalha; que nos não póde faltar luz, onde o mesmo sol é o combatente. Josuë disse que nem antes nem depois houve tão grande dia como aquelle: *Non fuit antea, nec postea tam lon-*

---

* Sobre os dois sermões prégados n'este mesmo dia, escrevia Vieira, da Bahia, em 23 de Junho de 1663, ao conego Francisco Barreto: Dos dois do Mandato em dia da Incarnação approvou mais o nosso Juiz do Officio D. Lucas o da manhã que o da tarde. O certo é que eu préguei na Capella o que tive por melhor, e assim os remetto por appellação a Vossa Mercê.

N'este sermão Vieira alarga mais a sua eloquencia sobre os mysterios sublimes do Cenaculo e do Horto e é mais eloquente na conclusão.

[1] *Joan.*, XIII.

ga dies: [1] mas o dia em que estamos (que tambem comprehende o antes e o depois) pelo que foi, e pelo que é, é muito maior dia. Uma só hora deste dia é muito maior que todo aquelle; porque aquelle era dia de Josuë, e esta é hora de Jesus: *Sciens Jesus quia venit hora ejus.*

Nesta hora, pois (que não será mais de uma hora) sahirá outra vez em campo o amôr de Christo tambem de amôr a amôr, e de dia a dia. Viu S. João no seu Apocalypse sobre um cavallo pombo um galhardo cavalleiro armado de arco e settas: *Et ecce equus albus, et qui sedebat super illum, habebat arcum:* [2] logo viu que lhe punham uma corôa na cabeça: *Et data est ei corona;* e que assim coroado sahiu já vencedor para vencer: *Et exivit vincens ut vinceret.* [3] Por este cavallo branco entendem os Interpretes a sagrada Humanidade, que sempre, como no Thabôr, veste de neve. O cavalleiro armado de arco e settas, as mesmas insignias dizem que é o amôr, e não outro senão o amôr do mesmo Christo. Mas se já vinha vencedor, e tinha recebido a corôa da victoria, porque sáe outra vez a pelejar e vencer: *Exivit vincens ut vinceret?* Porque o amôr do nosso divino Amante, quando compete em amar, como compete hoje *(Cum dilexisset, dilexit)* não se contenta com uma só corôa, nem com uma só victoria: corôa-se para se tornar a coroar, e vence para tornar a vencer. Esta é a não imaginada empreza que o tira nesta hora, não ao mesmo, senão a outro maior theatro. Esta manhã sahiu a vencer a batalha, agora sáe a vencer a victoria.

Mas se na comparação de dia a dia, e de amôr a amôr, o amôr de Christo esta manhã se competiu e se venceu a si mesmo; que novo ou que outro competidor póde haver maior, para que seja maior a competencia, e maior a victoria? E' certo que só o Eterno Padre póde ser maior, do qual disse o mesmo Christo: *Quia Pater major me est.* [4] E porque este unicamente é o maior competidor; o amôr do Eterno Padre no

---

[1] *Joan.*, x, 14.
[2] *Apoc.*, vi, 2.
[3] *Ibid.*
[4] *Joan.*, xiv, 28.

dia da Encarnação, e o amôr de Christo no dia de hoje, serão os dois altissimos competidores que esta tarde veremos contender (com tanta gloria sua como nossa) sobre qual delles amou mais aos homens. Em tudo o que Christo Senhor nosso obrou nos mysterios do Cenaculo, já vimos que teve sempre adiante dos olhos o dia da Encarnação, e o dia de hoje: *Sciens quia á Deo exivit:* [1] Eis ahi o dia da Encarnação: *Et ad Deum vadit:* Eis ahi o dia de hoje. E assim como o Senhor comparou um dia com o outro dia, assim tambem o Evangelista comparou um amôr com o outro amôr. Do amôr do Padre no dia da Encarnação tinha dito o mesmo S. João: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum Unigenitum daret:* [2] e do amôr de Christo no dia de hoje, contrapondo amôr a amôr, mundo a mundo, e Filho a Padre, disse pelos mesmos termos: *Suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos.* [3] O *in finem* responde ao *sic;* e o *sic* e o *in finem* significam com egualdade, e sem vantagem, o excesso de um e outro *dilexit.* Pondo, pois, de fronte a fronte em competencia egual, de uma parte um *dilexit,* e da outra outro *dilexit:* de uma parte o amôr do Padre no dia da Encarnação, e da outra o amôr de Christo no dia de hoje, a resolução de todo o combate em duas proposições será esta: No dia da Encarnação amou tanto o Padre aos homens, que parece amou mais aos homens que ao Filho: e no dia de hoje amou Christo tanto aos homens, que parece amou mais aos homens que ao Padre. Se alguem cuidar, entretanto, que isto é egualar, e não vencer, depois verá que da parte do amôr de Christo foi vencer, e com a maior victoria.

II

Entrando nas nossas grandes proposições, e começando pela primeira; para inteira intelligencia do que se ha-de dizer, é necessario suppôr com a melhor e

---

[1] *Joan.*, XIII, 3.
[2] *Ibid.*, III, 16.
[3] *Ibid.*, XIII, 1.

mais bem fundada theologia, que quando o amôr do Eterno Padre deu aos homens seu Filho: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum Unigenitum daret*, não só nol-o não deu com liberdade de viver quanto e como quizesse; mas com preceito e obediencia de morrer e padecer tudo o que padeceu por nós. Assim o tinha já dito o mesmo Senhor por bocca de David: *In capite libri scriptum est de me, ut facerem voluntatem tuam, Deus meus volui, et legem tuam in medio cordis mei.* [1] E neste dia (como outras muitas vezes) fez menção do mesmo preceito: *Ut cognoscat mundus quia diligo Patrem, et sicut mandatum dedit mihi Pater, sic facio.* [2] E assim como no dia da Encarnação nos deu effectivamente o Eterno Padre seu Filho, assim no mesmo dia, e no mesmo instante, o carregou destas pensões, e lhe poz esta obediencia, o que antes não podia ser; porque dantes o Verbo não era sujeito ao Padre, e tanto que encarnou e se fez homem, sim.

Isto posto, já que não podemos comprehender o amôr divino pelo que é, julgal-o-hemos pelo que parece. Digo, pois, que no dia da Encarnação amou tanto o Eterno Padre aos homens, que parece amou mais aos homens que ao Filho: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum Unigenitum daret.* O que muito encarece o amôr do Eterno Padre no dia da Encarnação, é que désse por nós seu Filho, sendo unico, e não tendo outro: *Filium suum Unigenitum.* Se o Eterno Padre tivera dois Filhos, muito fôra dar um: e se déra um por outro, já tinhamos grande argumento para cuidar e nos parecer que amava mais este segundo que o primeiro. Dizei-me: Se um pai tivera dois filhos, um livre na patria, e outro captivo em Argel, e para resgatar o captivo désse ou vendesse o livre; não entenderiamos todos que este pai amava mais o filho captivo, que o filho livre? Claro está. E se este que chamamos filho, não fôra filho, senão servo, não fariamos ainda muito maior conceito do excessivo amôr daquelle pai? Pois isto é o que fez o Eterno Padre no dia da Encarnação: *Ut servum redimeres, Filium tradidisti.* Estava o homem captivo pelo

---

[1] *Psalm.* XXXIX, 8 e 9.
[2] *Joan.*, XIV, 31.

peccado: quil-o resgatar o Eterno Padre: e que fez o seu amôr? Vendeu o Filho para resgatar o servo. Hoje vereis o Filho vendido: ámanhã vereis o servo resgatado.

Mais faz neste caso o Eterno Padre; e tanto mais, que bastava só ametade do que fez para todo o bom entendimento julgar que amou muito mais aos homens que ao Filho. O propheta Isaias no Capitulo cincoenta e trez, em que prova a geração ineffavel de Christo, em quanto Filho do Eterno Padre: *Generationem ejus quis enarrabit?* [1] pondera duas resoluções admiraveis do mesmo Padre, e que de nenhum pai se podéram crêr em respeito de seu filho. Por isso começa dizendo, e como duvidando se haverá alguem que lhe dê credito: *Quis credidit auditui nostro?* [2] E que duas resoluções foram estas? A primeira, que para nos livrar, tirou as nossas culpas de nós, e as poz em seu Filho: *Posuit Dominus in eo iniquitatem omnium nostrum:* [3] a segunda, que para nos justificar, tirou os merecimentos do Filho, e os poz em nós: *Pro eo quod laboravit anima ejus, justificabit ipse justus servus meus multos.* [4] Assim foi uma e outra coisa. Tirou o Eterno Padre as culpas de nós, e pôl-as em seu Filho, porque nós não podiamos satisfazer á divina justiça por nossas culpas, e Christo foi o que tomando-as sobre si satisfez por ellas. E tirou os merecimentos de seu Filho, e pôl-os em nós, porque Christo não mereceu para si a graça nem a gloria, nem nós alcançámos, nem podiamos alcançar uma e outra, senão pelos merecimentos de Christo. Sendo, pois, certo e de fé, que o Padre tirou de nós as culpas, e as poz em seu Filho; e tirou de seu Filho os merecimentos, e os poz em nós; quanta fé é necessaria para não crêr que amou mais aos homens que ao Filho? Bastava só um destes dois excessos, ou ametade delles, como dizia, para que todo o mundo o julgasse assim.

Rebecca tinha dois filhos, Jacob e Esaü; mas o que

---

[1] *Isai.*, LIII, 8.
[2] *Ibid.*, 1.
[3] *Ibid.*, 6.
[4] *Ibid.*, 11.

mais amava era Jacob: *Rebecca diligebat Jacob.* [1] E donde se prova este maior amôr? Não só se prova das palavras da Escriptura, que é a primeira fé, senão tambem das obras, que é a segunda. Todos sabemos que pertencendo a benção a Esaü, Rebecca com as suas industrias a tirou a Esaü, e a poz em Jacob. E mãi que tira a benção a um filho, cuja era, e a dá a outro filho, a quem não pertencia, e faz que o que Esaü tinha trabalhado, suado, e merecido, que o logre Jacob a mãos lavadas, e sem trabalho, claro está que a Jacob ama mais que a Esaü, antes que só a Jacob ama, que isso quer dizer a palavra do Texto: *Rebecca diligebat Jacob.* Agora pergunto: e assim como Rebecca tirou a benção de Esaü, e a poz em Jacob, tirou tambem algumas culpas de Jacob para as pôr em Esaü? Não. Logo Rebecca não fez, ou não arremedou por amôr de Jacob, mais que ametade do que fez o Eterno Padre por amôr de nós. Porque Rebecca só tirou a benção a Esaü para a pôr em Jacob; e o Eterno Padre tirou a benção do Filho para a pôr no homem, e tirou a culpa do homem para a pôr no Filho. Pois se ametade só, ou uma similhança de ametade do que fez o Padre pelos homens, bastou para provar, e ser de fé, que Rebecca amava mais a Jacob que a Esaü, dobrada prova tinha a nossa razão para cuidar que amou mais o Padre aos homens, que a seu Filho. Não foi assim, porque ensina o contrario a fé: mas esteve tão perto de o ser, que parece que o foi. Vamos a outros filhos.

Os excessos a que o amôr do Padre sujeitou e obrigou a seu Filho no dia da Encarnação, foram tão superiores, tão oppostos, e tão verdadeiramente contrarios a tudo o que o amôr paternal intenta, ainda quando mais empenhado, que para os entender é necessario fingir. Quando os filhos do Zebedeu pretenderam as duas cadeiras do reino de Christo, e o Senhor lhes respondeu que para subir á cadeira, era necessario beber o calix; se o amôr da mãi, que fez a petição, fôra tão desegual como o de Rebecca, podéra replicar desta maneira: Aceito, Senhor, o despacho, como tão proprio de vossa divina justiça, mas para que ella se mantenha em todo seu vigor, e a esperança, que me trouxe a vossos pés, não fique de todo

[1] *Gen.*, XXV, 28.

frustrada; supposto que os meus filhos são dois, parta-se entre ambos a minha petição, e tambem o vosso despacho. Mereça um com o trabalho, e logre o outro o premio: beba um o calix, e suba o outro á cadeira: assente-se na cadeira João, e beba o calix Jacobo. Se assim replicára a mãi dos Zebedeus, não haviamos de entender que amava mais a João que ao outro filho? E' sem duvida. E posto que eu não digo que entendamos o mesmo do amôr do Padre, digo porém, que saibamos que assim o fez. Para o homem se assentar na cadeira da gloria, segundo as leis e decretos da divina justiça, era necessario que o calix da Paixão se bebesse primeiro: e que fez o amôr do Padre? Partiu o calix e a cadeira, entre o Filho e o homem; e o homem quiz que subisse á cadeira, e o Filho que bebesse o calix. Assim o disse o mesmo Filho fallando de si e do Padre: *Calicem quem dedit mihi Pater, non vis ut bibam illum?* [1] E que não seja isto amar mais ao homem que ao Filho? Tanta fé é necessaria para crêr que nos não amou mais, como para crêr que fez tanto.

Mas vamos com a parabola, ou com o fingimento por diante. A mãi dos Zebedeus como amava tanto a um filho como ao outro, não pediu aquella partilha; mas se ella a pedira, e o Senhor lh'a concedêra, e Jacobo replicára uma e muitas vezes, que pois João havia de levar a cadeira, bebesse tambem João o calix, e não elle; e a mãi comtudo estivesse inexoravel a todas estas replicas, e sem nenhum movimento de piedade persistisse na mesma resolução, de que Jacobo bebesse o calix, e finalmente o obrigasse a isso: não se provaria nesta segunda instancia, ainda com maior evidencia, que amava mais a João? Pois este é o caso em que estamos, e assim o executou o Padre com seu Filho. Estando Christo no Horto, deu licença á parte inferior da alma a que fallasse por bocca da natureza, e exprimisse todos seus affectos; e o que disse foram estas palavras: *Pater omnia tibi possibilia sunt: si possibile est, transfer calicem hunc á me:* [2] Pai meu, tudo vos é possivel; e se é possivel que eu não padeça, transferi de mim este calix.

---

[1] *Joan.*, XVIII, 11.
[2] *Marc.*, XIV, 36. *Math.*, XXVI, 39.

Da mesma palavra *transfer* usa S. Lucas, [1] e transferir é passar de um logar para outro logar, ou de uma pessoa para outra pessoa. Onde se vê que Christo não pedia que o mundo se não remisse, nem que o calix se suspendesse ou derramasse, mas que não fosse elle o que o bebesse, senão outro em quem se transferisse: *Transfer calicem hunc á me.* Por isso allegava a possibilidade desta commutação. Porque, como resolvem os theologos, ainda que para satisfação de rigor de justiça, era necessario que o homem que houvesse de satisfazer, fosse juntamente Deus: de liberalidade porém, e de graça, bem podia Deus aceitar a satisfação de um puro homem. Fallando pois Christo neste sentido, a sua petição foi como se disséra: Já que o homem peccou, pague elle pelo seu peccado, e já que ha-de ir á gloria que lhe não é devida, beba elle o calix, para que de algum modo a mereça. Beba elle o calix, outra vez, e não eu que nunca pequei, e sou a mesma innocencia: Beba elle o calix, e não eu, a quem não é necessario ganhar ou merecer a gloria, pois que é minha. E que sendo esta petição tão justificada, e de materia não impossivel, e fazendo-a o Filho tres vezes com tanta afflição e efficacia, que chegou a suar sangue; que o Padre comtudo invocado como Pai, não oiça a primeira oração, nem oiça a segunda, nem oiça a terceira, e que resolutamente queira e mande, que para que o homem se assente na cadeira, beba o Filho o calix, e para que o homem peccador triumphe, o Filho innocente padeça, excesso foi de amôr, que excede toda a admiração. E que á vista de tudo isto haja de cuidar o entendimento humano, que no dia em que este decreto se intimou a Christo (que foi o dia da sua Encarnação) o Padre que assim o ordenou, não amasse mais aos homens que ao Filho?

III

Ora, Senhor, eu já não quero discorrer com supposição nem argumentos humanos, mas quero que vós mesmo nos digaes vosso parecer, para que veja-

[1] *Luc.*, XXII, 42.

mos e vejaes quão bem fundado é o nosso. Quiz Deus averiguar por experiencia a qual de dois amava mais Abrahão: se ao mesmo Deus, se a seu filho Isaac. A razão de fazer esta prova era muito bem fundada; porque ha muitos pais que amam mais os filhos que a Deus, e Abrahão verdadeiramente amava muito aquelle filho. E que meio tomou Deus para experimentar qual era o mais amado? Todos sabemos o caso. Manda a Abrahão que lhe sacrifique a Isaac: *Tolle filium tuum, quem diligis, Isaac, et offeres eum in holocaustum.* [1] O *quem diligis* mostrava bem o motivo do sacrificio. Toma pois Abrahão ao filho, leva-o ao monte, ata-o, põe-no sobre a lenha, tira pela espada... Basta, diz Deus, já estou satisfeito: *Nunc cognovi quod times Deum, et non pepercisti unigenito filio tuo propter me.* [2] Não perdoaste a teu filho, e quizeste-o sacrificar por amôr de mim? Claro está que me amas mais a mim que a elle. Pois se isto, Senhor, vos pareceu a vós, porque me não parecerá a mim o que digo? Não é o parecer meu, é vosso. Vós dizeis de Abrahão: *Non pepercisti unigenito filio tuo propter me;* e S. Paulo diz de vós: *Proprio Filio suo non pepercit, sed pro nobis tradidit illum.* [3] Se querer sacrificar o pai ao filho por amôr de Deus, é amar mais a Deus que ao filho, sacrificar Deus com effeito ao Filho por amôr dos homens, porque não será amar mais aos homens que ao Filho? Eu não posso dizer que é assim, mas Deus não póde dizer que o não parece. Deus disse: *Nunc cognovi:* e nós podemos dizer o mesmo, e com muito maior razão. Abrahão quiz sacrificar o filho, mas não o sacrificou; o Padre quiz sacrificar o Filho, e sacrificou-o: Abrahão poz o filho sobre a lenha, mas não lhe metteu o ferro; o Padre poz o filho sobre a cruz, e pregou-o nella com tres cravos até dar a vida: Abrahão, se deu um filho, ficava-lhe outro; o Padre deu um Filho, mas não tinha outro, nem o podia ter: o amôr de Abrahão foi forçado com o preceito, o amôr do Padre foi livre e espontaneo: o amôr de Abrahão foi misturado com temor: *Nunc cognovi quod times Deum;* o amôr do Pa-

[1] *Gen.*, XXII, 2.
[2] *Ibid.*, 12.
[3] *Rom.*, VIII, 32.

dre todo foi amôr, porque não tinha a quem temer, e só temeu que os homens se perdessem, que foi maior circumstancia de amôr. Pois sendo tanta a differença de Pai a Pai, de Filho a Filho, e de amôr a amôr; se dar Abrahão o filho por amôr de Deus foi amar mais a Deus que ao filho; dar Deus o Filho por amôr dos homens, porque não será amar mais aos homens que ao Filho? Parece-o tanto, que é necessario que a fé nos feche os olhos, para crêr que não foi assim.

Viveu emfim Isaac, mas nem por isso deixou Deus de aperfeiçoar o sacrificio: e como? Com um cordeiro que alli appareceu prezo pela cabeça entre uns espinhos: *Arietem inter vepres hærentem cornibus.* [1] Este, diz o Texto, que sacrificou Abrahão em logar do filho: *Quem assumens obtulit holocaustum pro filio:* [2] e assim acabou em alegria aquella famosa tragicomedia. Mas se neste ultimo acto della me fôra licito perguntar a Deus, perguntara-lhe eu duas coisas: a primeira, se amava mais a este cordeiro, que alli trouxe milagrosamente para ser sacrificado, ou a Isaac, a quem tirou da garganta a espada do pai, e livrou do sacrificio? E', certo que havia de responder Deus que mais amava a Isaac que ao cordeiro. E sobre esta resposta a segunda coisa que eu havia de perguntar, é, quem era aquelle Isaac, e quem era aquelle cordeiro? E tambem é certo que me havia de responder Deus, que Isaac era figura do homem, que estava condemnado á morte, e o cordeiro corôado de espinhos e sacrificado, figura de seu Filho, que morreu para que o homem não morresse. Pois se Isaac foi mais amado que o cordeiro, e o cordeiro era figura do Filho, e Isaac figura do homem, porque não entenderemos nós, e se nos affigurará, quando menos, que quando o Padre matou o Filho, para que o homem vivesse, amou mais ao homem que ao Filho?

---

[1] *Genes.*, XXII, 13.
[2] *Ibid.*

IV

E' tanto assim verdade, que postos neste acto de uma parte os homens, e da outra o Filho, e o Padre entre ambos, dos homens parece que era Pai, e do Filho não. E' juizo humano, mas de sabedoria divina. Vieram duas mulheres diante de Salomão, com uma demanda notavel. Traziam comsigo dois meninos, um morto, outro vivo: o vivo cada uma dizia que era seu filho, o morto cada uma dizia que o não era. Que faria o grande rei nesta perplexidade? *Dividite infantem vivum:* [1] Parta-se o menino vivo pelo meio, e leve cada uma a sua parte. Ouvida a sentença, uma das mulheres consentiu e disse, parta-se: a outra não consentiu, e disse, viva o menino, e leve-o embora minha competidora. E qual destas duas era a verdadeira mãi? A que disse, viva o menino. Assim o julgou Salomão, e assim era: porque a que disse, morra, mostrou que não amava: a que disse, viva, provou que amava, e da que amava o menino desta era filho. Voltemos agora o passo, e venha a juizo o amôr do Eterno Padre. No dia da Encarnação estava o homem morto, e o seu Filho vivo: e o Eterno Padre que disse? Disse, morra o Filho, para que viva o homem. Morra o Filho, e viva o homem? Logo do homem é Pai, e do Filho não. Alli está o amôr, e não aqui. A mãi do vivo amava-o tanto, que o quiz vivo, ainda que ficasse alheio: a mãi do morto amava-o tão pouco, que antes queria o vivo alheio, que o morto seu. E o Eterno Padre, sendo Pai do vivo, amou tanto o morto, que quiz que morresse o vivo, para que o morto vivesse. Vêde, se amava mais ao homem que ao Filho, e se do homem parecia Pai e do Filho não. Se assim o havia de julgar Salomão, que muito é que a mim m'o pareça?

Sedulio, Padre antigo, e poeta illustre da Lei da Graça, conta um caso admiravel. Foi á caça um famoso tirador da Thessalia, e deixou um filho pequeno ao pé de uma arvore, em quanto se metteu pelas brenhas. Quando tornou, viu que estava enroscada uma

[1] *3.º Livr. dos Reis,* III, 25.

serpente no menino. E que conselho tomaria o pai em um caso tão perigoso? Se atirava á serpente, arriscava-se a matar o filho: se lhe não atirava, mordia a serpente o menino e matava-o. A resolução foi, que embebeu uma setta no arco, e mediu a corda com tanta certeza, e pezou o impulso com tanta egualdade, que matando a serpente não tocou no menino. Pasma Sedulio da felicidade do tiro, e diz assim: *Ars fuit esse patrem.* Não cuide ninguem que foi isto destreza da arte, foi ser pai. Aquella serpente do paraizo enroscou-se em Adão, e enroscou-se em Christo: em Adão, porque foi o auctor da culpa: em Christo, porque tomou a culpa de Adão sobre si. Quiz o Eterno Padre matar a serpente, mas como se houve? Faz um tiro á serpente, que estava enroscada no homem, mata a serpente, e não toca no homem: faz outro tiro á serpente que estava enroscada no Filho, mata a serpente e passa de parte a parte o Filho. Pois ao Filho mata, e ao homem não toca? Sim. Ao Filho atirou com tão pouco reparo, como se não fôra seu Filho, e ao homem com tanto tento, como se fôra seu Pai: *Ars fuit esse patrem.* Se o amôr se ha-de julgar pelas settas, na do homem mostrou o Padre que era Pai, na do Filho que não era. No dia de ámanhã se viu isto mesmo publicamente e em proprios termos.

Quando Christo e Barrabaz foram propostos por Pilatos á eleição do povo, clamou o mesmo povo solicitado pelos Principes dos Sacerdotes: Morra Christo, e viva Barrabaz. Grande injustiça, mas muito maior mysterio, diz Santo Athanasio. E qual foi? Que logo na primeira sentença com que Christo foi condemnado á morte, se visse publicamente nos effeitos della, que morria e era condemnado para dar vida e absolver condemnados: *O res mira, præterque omnem opinionem. Subit sententiam mortis Christus, et statim Barabbas absolvitur. Condemnationes ingressus liberationis condemnatorum quidam ingressus fuit.* O povo, que costumava ser voz de Deus, sem entender o que diziam as suas vozes, foi o pregoeiro da sentença do Padre, que primeiro tinha dito: Morra meu Filho, e viva o homem. E vêde como em nenhuma figura se podia melhor representar o caso, que na de Barrabaz. Barrabaz, como dizem S. Lucas e S. Marcos, era ladrão e homicida, e por isso propriissima figura do primeiro homem, que foi ladrão, roubando o fructo

da arvore vedada, e homicida, matando-se a si e a todos seus descendentes. E quando o Padre mata e condemna o Filho para dar vida e absolver o homem, qual delles diremos que é o Filho do Padre? Digo confiadamente que não é, segundo parece, o Filho, senão o homem. Pois o homem representado em Barrabaz, ou o mesmo Barrabaz é o Filho? Sim: e outra vez sim, com milagrosa propriedade; porque Barrabaz na lingua hebraica quer dizer: *Filius Patris:* [1] o Filho do Padre. *Barabbas Filius Patris Latiné dicitur*, diz Santo Ambrosio. E a razão da etymologia é, porque *Bar* em hebreu quer dizer filho, e *Abas* quer dizer pai. De sorte que quando o Filho é condemnado, para que o homem se livre, e quando o Filho morre, para que o homem viva, então o homem se chama filho do Padre: *Filius Patris*, porque o homem verdadeiramente neste caso, o homem parece que é o Filho do Padre, e o Filho não.

Ah Filho de Deus, que não sei se me compadeça de vós! O certo é que se de Deus podéra haver ciumes, e no Filho de Deus podêra haver inveja, caso e occasião era esta, em que Christo podéra ter invejas dos homens e ciumes do amôr de seu Padre. O mesmo Christo o disse, ou descreveu assim. Quando o pai recebeu o filho Prodigo com tanta festa, e matou o vitello regalado (que eram as delicias naturaes daquelle bom tempo) para lhe fazer o banquete, o filho mais velho, que estava fóra, e teve noticia do que passava, se mostrou tão sentido e queixoso, que para entrar em casa, foi necessario que o pai sahisse a o buscar e dar-lhe satisfações. E quem era este pai e estes dois filhos? O pai era o Eterno Padre, o Filho mais velho, Christo, que em quanto Deus foi gerado *ab æterno*, e o filho mais moço o homem, que foi creado em tempo. Pois se o Filho mais velho era Christo, como se mostra tão sentido dos favores e regalos que o pai fez ao mais moço, que não só parece lhe tem inveja, senão ainda ciumes do amôr do mesmo pai? A razão é, porque consideradas todas as circumstancias do mysterio da Encarnação do Verbo e redempção do genero humano, são taes os excessos que Deus fez pelo homem, e a differença, com que

[1] *Ambr. in* Cap. XXIII, *Luc.*

tratou a seu Filho, que se o Filho de Deus fôra capaz de invejas, e no amôr de Deus houvera logar de ciumes, tivera o Filho grandes ciumes do amôr do Padre, e grandes invejas tambem ao favor e regalo com que tratou os homens.

O regalo do vitello morto para o banquete, é o de que o filho maior se mostrou mais queixoso, e o que particularmente lançou em rosto ao pai. Mas tende mão, magoado e innocente filho, tende mão na vossa justa dôr e sentimento, que a occasião da queixa, do ciume e da inveja, ainda se não declarou, nem mostrou até onde ha-de chegar. Dizei-me, se em logar do vitello, que vosso pai matou para vosso irmão, vos matára a vós, para da vossa carne e do vosso sangue lhe fazer um novo prato, que excesso nunca visto seria este? Pois sabei que assim ha-de ser, e que dessa mesma carne e desse mesmo sangue, que hoje tomastes, lhe ha-de guisar a omnipotencia, a sabedoria, e o amôr de vosso Padre um tão exquisito manjar, que não tenha comparação com elle o manná do céo. Assim foi, e assim o confessou o mesmo Christo, publicando que a instituição do Sacramento antes de ser obra sua, fôra dadiva do Padre: *Non Moysés dedit vobis panem de cœlo, sed Pater meus dat vobis panem de cœlo verum.* [1] A tanto chegou, a tanto se estendeu o *dilexit* do Padre no dia da Encarnação: e tanto deu aos homens, quando lhe deu seu Unigenito Filho: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum unigenitum daret.*

V

Mas se no dia da Encarnação amou tanto o Padre aos homens, que parece amou mais aos homens que ao Filho, contrapondo agora um dia a outro dia, e um amôr a outro amôr, vejamos tambem como no dia de hoje amou tanto o Filho aos homens, que parece amou mais aos homens que ao Padre. E posto que o *dilexit* daquelle primeiro dia nos abriu mais largo campo e nos deu mais ampla e copiosa materia com

[1] *Joan.*, VI, 32.

as obediencias então impostas por seu Padre ao Verbo recentemente encarnado, cujas execuções se estenderam até a hora da morte, á qual principalmente se ordenaram: e pelo contrario o *dilexit* deste dia se estreita e limita sómente ás acções de poucas horas, sem mais theatro, que o de um Cenaculo, nem mais campo, que o de um Horto; espera comtudo o amôr de hoje confiadamente que, sem sahir da estacada, ha-de correr e quebrar as lanças com tal esforço, que se lhe não duvide a victoria.

Suos qui erant in mundo, in finem dilexit eos. O que muito se deve reparar nestas palavras do Evangelista, é que ao Padre chama sómente Padre, e não lhe chama seu; e aos homens chama sómente seus, e não lhes dá outro nome. Ao Padre chama sómente Padre, e não lhe chama seu: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem:* aos homens chama sómente seus, e não lhes dá outro nome: *Suos qui erant in mundo, in finem dilexit eos.* Em quasi todas as paginas do Evangelho chama Christo a seu Padre, meu Padre, e do mesmo modo aos homens com que tratava, umas vezes lhes chama servos, outras discipulos, outras amigos, outras filhos. Pois se o mesmo Christo a seu Padre chamava seu, e aos homens nomeava variamente, segundo o pedia a occasião, com tão differentes titulos, como neste dia signaladamente *(Ante diem festum Paschæ)* muda o Evangelista de estylo, e com termos nem antes nem depois usados, aos homens chama sómente seus: *Suos qui erant in mundo,* e ao Padre não chama seu: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem?* O certo é que S. João, como secretario do peito, e amôr de Christo, não sahiu neste dia com uma novidade tão singular, sem muito grande e bem fundada causa. Qual esta fosse, não me toca a mim hoje especular; o que só pertence a meu intento, é dizer o que parece. Digo, pois, que esta palavra, *seu,* quando não significa dominio, senão especialidade, (como aqui) não só é denominação de amôr, senão de maior amôr. Apertado el-rei Ezechias pelos exercitos dos Assyrios, mandou pedir ao propheta Isaias, que encommendasse a Deus aquella grande necessidade, e o consultasse nella: *Si quo modo audiat Dominus Deus tuus verba Rabsácis, quem misit rex Assyriorum ad blasphemandum Dominum Deum viventem, et exprobrandum sermonibus, quos audivit Dominus Deus*

tuus. [1] Estas foram as palavras do recado, nas quaes é muito para notar, que pede o rei a Isaias, não só que encommende o caso a Deus, senão ao seu Deus: seu de Isaias, e não seu do mesmo rei: *Si quo modo audiat Dominus Deus tuus: quos audivit Dominus Deus tuus*. El-rei Ezechias e o propheta Isaias ambos criam e adoravam o mesmo Deus verdadeiro. Pois se o Deus do rei e o do propheta era o mesmo, porque se chama Deus seu do propheta, e não Deus seu do rei? A razão litteral é, porque esta denominação de *seu*, não se funda só na fé, senão no amôr. Neste sentido dizia Santo Agostinho: *O' Deus, utinam possem dicere meus?* Chamo-vos Deus, porque vos creio, mas não me atrevo a vos chamar meu, porque vos não amo. Porém esta razão ou excepção não tinha logar em Ezechias, porque Ezechias era rei santo, e amava muito a Deus. Pois se Ezechias tambem amava a Deus, porque lhe não chama meu, ou nosso, senão seu de Isaias: *Deus tuus*? Porque Isaias, como Propheta de tão singular e levantado espirito, amava e era amado de Deus muito mais que o rei, e que todos quantos então havia em Israël, e este nome, ou titulo de seu, não só é denominação de amôr, senão de maior amôr: nem só significa ser amado, senão mais amado.

E' tão certa e tão geral esta regra (para que se não duvide della nem pela parte do Padre, nem pela nossa) que não só se verifica do amôr para com Deus, senão tambem do amôr para com os homens. Quando Deus houve de levar para o céo a Elias, assim os prophetas de Bethel, como os de Jericó, disseram a Eliseu pelas mesmas palavras: *Nunquid nosti, quia hodie Dominus tollet Dominum tuum á te?* [2] Sabes que hoje ha Deus de levar para si a teu senhor? Assim chamavam por reverencia a seu mestre. Mas se Elias, mestre de Eliseu, tambem era mestre de todos os outros Prophetas que viviam naquelles desertos, porque não chamaram a Elias nosso mestre, senão seu de Eliseu: *Dominum tuum?* Era de todos, e só de Eliseu era seu? Sim, porque entre todos os discipulos, o que

[1] *Isai.*, XXXVII, 4.
[2] *4.° Livr. dos Reis*, II, 3.

mais amava, e o mais amado de Elias, era Eliseu; e este nome ou prerogativa de seu, é tão propria e singular do maior amôr, que sendo Elias seu mestre de todos, de Elias só era seu, e dos outros não. Por isso em confirmação do mesmo amôr e da mesma singularidade, não disseram que Elias os havia de deixar a elles, senão a elle: *Tollet á te.* E como o ser seu ou não ser seu, é o mesmo que ser ou não ser o mais amado; vendo nós hoje que fallando S. João do amôr de Christo, aos homens chama seus: *Suos qui erant in mundo*, e ao Padre não chama seu: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem;* que havemos de arguir ou inferir desta differença? Por ventura havemos de inferir, que ao Padre, que se não chama seu, amou Christo menos, e aos homens, que se chamam seus, amou mais? Nenhum christão é tão ignorante que lhe houvesse de vir ao pensamento tal erro. Mas uma coisa é o que é, outra o que parece. Sempre Christo infinitamente, e sem nenhuma comparação, amou mais ao Padre que aos homens; porém neste dia em que o Evangelista singularmente lhes chama seus, foram taes os extremos de amôr que o mesmo Filho de Deus fez por elles, que parece amou mais aos homens que ao Padre.

VI

Ora discorramos por todas as acções de Christo neste mesmo dia sem sahir delle; e veremos como todas confirmam este parecer. Quando o amoroso Senhor deu principio á primeira, que foi lavar os pés aos Discipulos, nota e pondera o Evangelista, que se deliberou o Divino Mestre a uma acção tão prodigiosa, considerando e advertindo que seu Padre lhe tinha posto tudo nas mãos: *Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus, cœpit lavare pedes Discipulorum.* [1] Muitas outras vezes se faz menção no Texto sagrado deste *tudo* dado a Christo por seu Eterno Padre: *Omnia mihi tradita sunt á Patre meo. Omnia quæcumque habet Pater, mea sunt. Omnia quæ dedisti mihi,*

[1] *Joan.*, XIII, 3 e 5.

abs te sunt. [1] E em outros muitos logares. Pois se tantas vezes se repete que o Padre deu tudo a seu Filho, porque razão só neste logar se diz que esse *tudo* lh'o poz nas mãos: *Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus?* Sem duvida pela correspondencia e opposição que teem as mãos com os pés. O intento do Evangelista era encarecer o amôr de Christo neste dia para com os homens: e haver o Filho de Deus de lavar os pés aos homens com aquellas mesmas mãos em que o Eterno Padre tinha posto tudo, parece que levantava tanto a baixeza da mesma acção, que chegava a tocar no Padre. Por isso disse *Pater*, com grande advertencia. Bem podéra o Evangelista dizer Deus, como logo continuou: *Sciens quia á Deo exivit, et ad Deum vadit:* mas disse nomeadamente Padre: *Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus;* para assim como contrapoz as mãos aos pés, contrapôr tambem o Padre aos homens. E verdadeiramente nesta opposição de mãos a pés, e de Padre a homens, parece que foram mais amados os homens, que o mesmo Padre.

O amôr todo é estimação. E quem haverá que vendo ao Filho de Deus lavar os pés aos homens com aquellas mesmas mãos em que o Padre tinha posto tudo, não lhe pareça que a olhos vistos fez mais estimação o Filho dos pés dos homens, que das dadivas do Padre? O Padre estimou tanto ao Filho, que tudo quanto tinha pôz nas mãos do Filho: *Omnia dedit ei Pater in manus:* e o Filho estimou tanto aos homens, que com tudo quanto o Padre lhe tinha posto nas mãos, pôz as mesmas mãos aos pés dos homens: *Cœpit lavare pedes Discipulorum.* Notae este modo de lavar, que foi muito diverso do que costuma ser. Não lavou os pés aos homens com as mãos vazias, senão com as mãos cheias. Assim lavou, e assim havia de lavar, porque assim lava Deus. Deus quando lava, não só alimpa, mas enriquece: alimpa, porque nos tira as manchas da culpa; e enriquece, porque juntamente nos enche dos thesouros da graça. Assim que sendo Deus o que lavava os pés aos Discipulos, claro está que não havia de ser com as mãos vazias, senão cheias. Mas se estavam cheias de tudo o que nellas pôz o Padre, e essas mesmas mãos põe Christo

[1] *Math.*, XI, 27; *Joan.*, XVI, 15; *Ibid.*, XVII, 7.

debaixo dos pés dos homens, como se não ha-de entender que estima mais os mesmos pés, que tudo quanto o Padre lhe pôz nas mãos?

Dos christãos da primitiva Igreja diz S. Lucas, que tudo quanto tinham vendiam; e punham o preço aos pés dos Apostolos: *Afferebant pretia eorum, quæ vendebant, et ponebant ante pedes Apostolorum.* [1] E porque lh'o punham aos pés, e não lh'o entregavam nas mãos, se era o preço de tudo? Para mostrar, diz S. Chrysostomo, que estimavam mais os pés dos Apostolos, que tudo quanto davam, e quanto tinham. Entregar-lh'o nas mãos, seria fazer estimação do que davam; pôr-lh'o aos pés, era protestar a veneração das pessoas: e como estimavam mais as pessoas que as dadivas, por isso lh'as punham aos pés, e não lh'as davam nas mãos: *Ponebant ante pedes Apostolorum.* O' dadivas do Padre! O' pés dos homens! O' amôr e estimação de Christo! O Padre deu tudo quanto tinha ao Filho, e não lh'o pôz aos pés, senão nas mãos: porque estimou o que lhe dava, quanto a mesma dadiva merecia, pois era tudo quanto tinha Deus. E que este tudo do Padre, de que estavam cheias as mãos do Filho, o puzesse o Filho, e mais as mesmas mãos aos pés dos homens!

O que podia daqui inferir o discurso, se não tivesse mão nelle a fé, é que prezou Christo mais os pés dos homens, que as dadivas do Padre. Mas o certo, e a verdade, é que não foi nem podia ser assim. Amou e estimou o Filho summamente as dadivas de seu Padre, tanto pelo que eram em si, como pelas mãos de quem vinham. Porém esta mesma estimação não desfaz, antes reforça mais o mesmo discurso, porque delle se infere estima com sobre estimação, e amôr sobre amôr. Quando a Magdalena pôz aos pés de Christo os alabastros, os unguentos, os cabellos, os olhos, as lagrimas, as mãos, a bocca, e a si mesma, não foi porque não estimasse tudo isto, senão porque tudo isto era o que mais estimava. E que consequencia tirou dalli, não outrem, senão o mesmo Christo? *Quoniam dilexit multum.* [2] De pôr tudo o que mais estimava, e a si mesma, a seus pés, inferiu o Senhor o

[1] *Act.*, IV, 34 e 35.
[2] *Luc.*, VII, 47.

grande excesso com que amava. E assim era. Porque quando o que se preza muito em um amôr se põe aos pés do outro, então se prova que este segundo é maior. Logo, se assim o inferiu Christo, porque não inferiremos nós o mesmo? Se tudo quanto o Padre pôz nas mãos do Filho, e as mesmas mãos, e a si mesmo prostrado em terra, põe o Filho aos pés dos homens, como não ha-de parecer que os homens são os que mais estima, e os homens os que mais ama?

Para declarar o amôr do Padre, foi-nos necessario fingir parabolas: para inferir o do Filho não é necessario fingil-as, basta applicar uma e sua. Quando o Filho Prodigo, em serviço de outro amôr, empregou quanto tinha recebido de seu pai, e sua propria pessoa, até se abaixar ás maiores vilezas de servo, não é certo que amou mais a quem se tinha rendido, que a seu pai? Pois este prodigo foi Christo, diz Guerrico Abbade, e depois delle Guilielmo, ainda com maior energia: *Quis unicus Prodigus inveniur, sicut ille unigenitus Patris?* [1] O unico Prodigo que houve no mundo foi o Filho do Eterno Padre. E porque Prodigo e unico? Prodigo, porque se pareceu com o Prodigo; e unico, porque o excedeu. Pareceu-se com o Prodigo; porque assim como o Prodigo tudo quanto tinha recebido do pai, e a si mesmo, empregou em serviço e amôr de quem o não merecia, assim Christo com tudo quanto lhe tinha dado seu Padre, e com sua propria Pessoa, serviu e amou aos homens: e (para que a parabola ficasse inteira) a homens peccadores. E excedeu muito ao mesmo Prodigo; porque o Prodigo, obrigado da fome, foi buscar o pão a casa do pai: e Christo não o foi buscar a outra parte, mas desentranhou-se a si mesmo, e fez-se pão: o Prodigo arrependeu-se do seu amôr, e pediu perdão do que tinha amado; e Christo não se arrependeu jámais, mas perseverou constante no mesmo amôr até o fim: *In finem dilexit eos.*

Do ministerio humilde do Lavatorio, passou o Senhor ao mysterio altissimo do Sacramento, e aqui se declarou seu amôr muito mais por parte dos homens. E porque? Porque para o Padre instituiu o Sacra-

[1] Guerr. serm. in Pent. Guil. apud. Euseb. in Theopol. p. 1. lib. 1. c. 4.

mento como sacrificio, para os homens instituiu o sacrificio como Sacramento: e posto que o mysterio seja o mesmo, maior amôr se argue delle em quanto Sacramento que em quanto sacrificio. Como sacrificio consome-se: como Sacramento conserva-se: como sacrificio é acção transeunte; como sacramento permanente: como sacrificio tem horas do dia certas; como sacramento é de todo o tempo, de dia e de noite: como sacrificio não se aparta do altar, e de sobre a ára; como sacramento sáe ás ruas, e entra em nossas casas: como sacrificio, em fim, tem por fim o culto e adoração do Padre; como Sacramento a presença, a assistencia, e a união com os homens: vêde a differença do amôr na mesma instituição, e na mesma meza, que foi a meza e o altar: *Tibi*, ao Padre? *Gratias agens. Discipulis*, aos homens? *Accipite, et comedite*. Ao Padre deu as graças, aos homens fez o banquete: ao Padre offereceu-se, com os homens uniu-se.

E como se uniu? E' tal a união que os homens contrahem com Christo no Sacramento, que comparada com a mesma união, que o filho tem com o Padre, se a não excede em quanto união, excede-a muito em quanto amorosa. Revelando Christo a união altissima que tem com seu Padre, diz: *Ego in Patre, et Pater in me est.* [1] Eu estou no Padre, e o Padre está em mim. E declarando a união que tem com o homem no Sacramento, diz pelos mesmos termos: *In me manet, et ego in illo.* [2] Elle está em mim, e eu nelle. E qual destas duas uniões tão parecidas é maior? A que o Filho tem com o Padre é maior em genero de união, porque é unidade; porém a que Christo tem com o homem no Sacramento, é maior em genero de amorosa, porque a fez o amôr. Pois a união que tem o Filho com o Padre, não a fez o amôr? Não. Porque a união entre o Padre e o Filho funda-se na geração eterna antecedente a todo acto da vontade. A nossa é obra da vontade do Filho, a do Filho é obra do entendimento do Padre. O Filho está no Padre, e o Padre no Filho, porque o Padre se conheceu, e nós estamos em Christo, e Christo em nós, porque o Filho

[1] *Joan.*, XIV, 10.
[2] *Ibid.*, VI, 57.

nos amou. Logo ainda em comparação da união que o Filho tem com o Padre, vence sem controversia, nem batalha, o amôr dos homens.

Isto no sacramento em quanto sacramento. E passando ao sacrificio em quanto sacrificio, digo que tambem o mesmo sacrificio se ordenou a maior união de Christo com os homens, que do mesmo Christo com o Padre. Santo Agostinho, distinguindo esta união, e admirando o amôr de Christo nella, depois de advertir que todo o sacrificio se compõe de quatro partes: *Quid offeratur: á quo offeratur: cui offeratur: pro quibus offeratur:* [1] Quem offerece: o que offerece: a quem offerece: e por quem offerece: diz que o fim que Christo teve no admiravel invento do seu sacrificio, foi fazer que todos estes quatro, por meio delle, fossem uma só coisa: *Ut idem ipse unus, verusque mediator per sacrificium pacis reconcilians nos Deo, unum cum illo maneret, cui offerebat: unum in se faceret, pro quibus offerebat: unus ipse esset, qui offerebat, et quod offerebat.* Só a agudeza de Agostinho podéra penetrar os intimos secretos de tão intrincado, e bem tecido labyrintho de amôr. No sacrificio do altar, quem offerece é Christo: o que offerece é seu corpo: a quem offerece é o Padre: por quem offerece são os homens. E como póde ser, que todos estes quatro em um só sacrificio se unam de tal sorte, que sejam uma e a mesma coisa? Deste modo. Para que Christo, que é o sacerdote que offerece, fosse a mesma coisa com o sacrificio, fez que o sacrificio fosse de seu corpo: para que os homens, por quem se offerece, fossem a mesma coisa com o sacrificio e com o sacerdote, fez que os homens o comessemos: e para que o Padre a quem se offerece, fosse a mesma coisa com os homens e com Christo, fez que por meio do mesmo sacrificio se reconciliasse o Padre com os homens. Só o amôr omnipotente podia inventar um bocado, em que sendo um só o que o come, fossem quatro, e taes quatro, os que ficassem unidos.

Agora pergunto eu: e nesta união tão maravilhosa como verdadeira, á qual Christo ordenou o mesmo sacrificio que offerece ao Padre, quem são os que ficam mais unidos a Christo, o Padre, ou os homens?

---

[1] *August. Lib.* IV, *Trin.* XIV.

Não ha duvida que os homens. Porque a nossa união com Christo é immediata e directa; a união do Padre com o mesmo Christo é mediata e reflexa. A nós uniu-nos Christo immediatamente a si, ao Padre uniu-se o mesmo Christo por meio de nós. Porque o Padre se uniu a nós, por isso Christo se uniu ao Padre. De sorte, que a união de Christo com o Padre foi o effeito, e a união do Padre comnosco foi o motivo. Tornae a ouvir as palavras de Agostinho, e ouvi-as com attenção: *Ut ipse unus per sacrificium pacis reconcilians nos Deo, unum cum illo maneret, cui offerebat:* Offereceu-se Christo ao Padre em sacrificio, para que por meio do mesmo sacrificio, reconciliando-se o Padre com os homens, se unisse Christo ao mesmo Padre. Pois para Christo se unir ao Padre, é necessario que o Padre primeiro se una aos homens e se reconcilie com elles? Sim, que debaixo destas condições ama Deus quando parece que antepõe o amôr dos homens ao seu amôr. *Si offers munus tuum ad altare, et ibi recordatus fueris, quia frater tuus habet aliquid adversum te: vade prius reconciliari fratri tuo, et tunc offeres munus tuum:* [1] Se tiveres posta a tua offerta ao pé do meu altar (diz Deus) e não estiveres reconciliado com teu proximo, vae primeiro reconciliar-te com elle, e então aceitarei a tua offerta. Ao mesmo modo e debaixo da mesma condição se une Christo ao Padre no sacrificio de seu Corpo. Assim como Deus não aceita a offerta do homem antes de o homem estar reconciliado com o proximo, assim Christo não se une ao Padre antes de o Padre se reconciliar com os homens: *Ut reconcilians nos Deo, unum cum illo maneret.* Oh assombro! Oh prodigio do amôr de Christo para com os homens, ainda em respeito do Padre! O maior Interprete dos Evangelistas, commentando este Texto, infere delle que Deus em certo modo antepõe o amôr do proximo ao seu proprio amôr: *Dilectioni quodammodo sui proximi dilectionem anteponit.* [2] E se esta força tem a condição de estar primeiro reconciliado o homem com o proximo para Deus aceitar a sua offerta, porque não terá a mesma consequencia o estar primeiro reconciliado o Padre com os homens, para

---

[1] *Math.*, v, 23 e 24.
[2] Maldonat. ibi.

Christo se unir ao Padre? E para que se veja quanta certeza tem isto *que se chama em certo modo*, oiçamos ao mesmo Christo neste mesmo dia, e na mesma meza em que instituiu o mesmo mysterio: *Ipse Pater amat vos, quia vos me amastis:* [1] O Padre ama-vos a vós, porque vós me amastes. A força deste porque é egual em um e outro caso. Assim como o Padre ama aos homens, porque os homens amam ao Filho, assim o Filho se une ao Padre, porque o Padre se une aos homens. Logo, se amar o Padre aos homens, porque os homens amam ao Filho, é signal de amar o Padre mais ao Filho que aos homens; tambem o unir-se o Filho ao Padre, porque o Padre se une aos homens, será signal de amar o Filho mais aos homens que ao Padre? A fé não póde affirmar que seja assim; mas o entendimento não póde negar que o parece.

VII

Acabados os mysterios da sagrada Ceia, querendo o Senhor partir do Cenaculo para o Horto, onde finalmente se despediu dos seus para sempre, fallou aos Discipulos nesta fórma: *Ut cognoscat mundus, quia diligo Patrem, et sicut mandatum dedit mihi Pater, sic facio: surgite eamus hinc:* [2] Para que conheça o mundo quanto amo a meu Padre, e quão obediente sou a seus preceitos; levantae-vos, vamo-nos daqui. Destas palavras se prova uma coisa certamente, e parece que se prova outra. A que se prova certamente é que não tinha Christo neste mundo coisa que mais amasse que os homens, nem que mais lhe houvesse de custar que apartar-se delles, pois este era o maior exemplo e demonstração, por onde o mundo havia de conhecer quanto o mesmo Senhor amava a seu Padre. Mas daqui mesmo parece se prova com evidencia (contra o que até agora queriamos arguir) que muito maior é, e muito mais pôde com Christo o amôr do Padre que o amôr dos homens, pois custando tanto ao seu coração o deixal-os e apar-

[1] *Joan.*, XVI, 27.
[2] *Ibid.*, XIV, 31.

tar-se delles, em conflicto de amôr com amôr, prevalece o amôr do Padre. Assim parece, mas não é assim, antes das mesmas palavras de Christo se convence o contrario, e que mais forte era no seu coração o amôr dos homens que o amôr do Padre. Provo. Porque o Senhor não diz que o leva e o aparta dos homens só o amôr do Padre, senão o amôr do Padre, e mais a obediencia do Padre: *Quia diligo Patrem, et sicut mandatum dedit mihi Pater, sic facio.* Se o amôr do Padre contendera só por só com o amôr dos homens, e prevalecera, então se inferia bem que era mais poderoso; mas se elle se não atreveu a entrar na contenda senão acompanhado da obediencia (a que não era licito resistir) dahi mesmo se infere claramente, e se convence, que se não fiava só das suas forças, nem foram ellas só as que prevaleceram. Porque se não atreveram nunca os Philisteus contra Samsão, senão quando Dalila o tinha atado? Porque reconheciam que Samsão era mais valente que elles. A Dalila, que atou as mãos ao amôr com que Christo amava os homens, foi a obediencia: e como o amôr com que amava ao Padre, arcou com elle estando com as mãos atadas; que muito é que prevalecesse? Assim foi vencido Samsão, sendo mais forte.

Mas ainda a sua historia tem mais similhanças do nosso caso. Não só foi vencido Samsão, porque o atou Dalila, mas porque foi subornado o seu amôr. Para que o amôr do Padre prevalecesse em Christo ao amôr dos homens, não só empenhou o Padre as razões do seu amôr, e os poderes da sua obediencia, mas subornou o mesmo amôr com que Christo amava aos homens, para que não só como obrigado e obediente, mas como interessado, se deixasse render. E que suborno foi este? Foram os dons do Espirito Santo, os quaes decretou o Padre que Christo não podesse dar ou mandar aos homens, senão depois de subir ao céo, e estar com o mesmo Padre: *Expedit, ut ego vadam: si enim non abiero, Paraclitus non veniet ad vos; si autem abiero, mittam eum ad vos.* [1] Vêde quão poderoso foi, e quão engenhoso juntamente o empenho do Padre para render e obrigar a Christo a que se apartasse dos homens. Subornou-o com os

[1] *Joan.*, XVI, 7.

dons que havia de dar aos mesmos homens; mas com condição e decreto que lh'os não podesse dar senão apartando-se primeiro delles. O amôr de Dalila, como amôr falso, deixou-se subornar dos dons que recebeu para si: o amôr de Christo, como verdadeiro, só pôde ser subornado dos dons que recebeu para dar aos homens. Agora ficará bem entendido, e concordado aquelle encontro de S. Paulo com David, que tanta discordia tem causado entre os Expositores. S. Paulo diz que subindo Christo ao céo, deu dons aos homens: *Ascendens in altum, dedit dona hominibus.* [1] E David não diz que os deu, senão que os recebeu: *Ascendisti in altum: accepisti dona in hominibus.* [2] Pois se S. Paulo cita ao mesmo David, e David diz que Christo subindo ao céo, recebeu os dons, como diz e treslada S. Paulo, não que os recebeu, senão que os deu? Porque tudo foi. Recebeu-os do Padre para os dar aos homens. O mesmo David o declarou assim: *Accepisti dona in hominibus.* Não diz que recebeu os dons em si, senão que os recebeu nos homens: *In hominibus:* porque para os dar aos homens os recebeu. Desta maneira subornou o Padre o amôr de Christo com grande credito do mesmo amôr, o qual, quando é verdadeiro, só se deixa subornar das conveniencias do amado: *Expedit vobis, ut ego vadam:* Vou-me, porque a vós vos convém que eu me vá. Como se dissera o amoroso Senhor aos homens: Não é só o Padre o que me leva, tambem vós sois os que me levaes. Não só vou para o Padre, porque é obediencia sua, senão porque é conveniencia vossa: não só porque o amo a elle, senão porque vos amo a vós. E se o amôr do Padre nesta occasião se valeu para com Christo do mesmo amôr dos homens; bem parece que amava mais Christo aos homens que ao Padre. Se não fôra assim, quando o Evangelista disse: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem*, dissera: *In finem dilexit eum:* mas como diz: *Dilexit eos*, parece que nos confirma o mesmo parecer.

Vae por diante a pratica, vae-se desafogando o amôr, e sempre em novos argumentos a favor dos homens. Desenganados os Discipulos da partida, por

---

[1] *Ephes.*, IV, 8.
[2] *Psal.*, LXVII, 19.

parte da obediencia do Padre, forçosa, e por parte dos seus interesses, conveniente; outro motivo com que o benignissimo Senhor os consolou, foi a promessa de que ainda o haviam de tornar a vêr, se bem por breve tempo: *Iterum modicum, et videbitis me, quia vado ad Patrem.* [1] Da intelligencia destas palavras duvidaram com tal admiração os Discipulos, que se perguntavam uns aos outros: *Quid est hoc, quod dicit nobis: modicum, et quia vado ad Patrem?* [2] E finalmente se resolveu entre todos, que nenhum delles sabia nem podia entender o que Senhor dizia: *Nescimus quid loquitur.* Notavel caso! Se as palavras eram tão claras que todos as entendemos; como se não achou em toda a escóla de Christo quem as soubesse entender; e mais estando alli S. João, o qual pouco antes, reclinado sobre o peito do mesmo Senhor, tinha aprendido e recolhido delle os thesouros da mais alta sabedoria? Comtudo todos elles confessaram que nenhum sabia nem entendia o que queriam dizer aquellas palavras. E o que menos as entendia era o mesmo S. João, porque entendia melhor que todos o que dellas se entendia. Cada uma das partes da proposição era muito facil, mas ambas juntas não cabiam em nenhum entendimento. Uma parte dizia que Christo se partia para o Padre: *Quia vado ad Patrem:* a outra parte dizia que o tempo que se detivesse na terra com os Discipulos, havia de ser pouco: *Modicum, et videbitis me:* e que o tempo desta demora, sendo tempo que dilatava a Christo a ida para seu Padre, houvesse de ser pouco, e muito pouco, (que isto quer dizer *modicum*) esta era a difficuldade que os embaraçava, e se não deixava entender. E porque? Porque della se inferia, por natural consequencia, uma grande implicação no amôr de Christo, a qual depois se declarou ainda mais, mostrando a experiencia, que aquella demora ou tardança, foi de quarenta dias.

Não ha coisa que mais alargue o tempo na ausencia e na saudade, que a dilação: as horas se fazem annos, e os dias seculos. Pois se as saudades e desejos de Christo subir ao Padre, eram quaes deviam ser as de um Filho, e tal Filho, para vêr um Pai, e tal

---

[1] *Joan.*, XVI, 16.
[2] *Ibid.*, 17.

Pai, depois de uma ausencia de trinta e quatro annos, como podia ser breve tempo, e tão breve o de tão larga dilação? O que daqui se inferia naturalmente, é que no coração do Senhor reinava outro affecto dominante, o qual em opposição do amôr do Padre, como mais poderoso que elle, estreitava as distancias, e encurtava os espaços áquelle mesmo tempo. O tempo define-se: *Mensura primi mobilis:* a medida do primeiro movel: e o primeiro movel neste mundo pequeno, que chamamos homem, é o coração. Daqui vem, que, segundo os movimentos do mesmo coração, póde o mesmo tempo, com differentes respeitos, ser longo e breve. E taes se convencia pelo discurso serem em respeito do Padre e dos homens, aquelles quarenta dias. Para ir ao Padre, eram dias, e quarenta: mas para se deter com os homens, eram uns minutos ou momentos tão abreviados que não chegavam a fazer numero. Isto queria dizer a palavra *modicum*, e muito mais a palavra *vado*. Supposto que o Senhor promettia aos Discipulos que se havia de deter com elles algum tempo, parece que não havia de dizer, vou, senão, hei-de ir. Antes mais propriamente havia de dizer, não vou, ou não irei tão depressa que não tenhaes tempo de me vêr. Pois se o Senhor não ia ainda então quando o dizia, nem depois de sua resurreição havia de ir, senão dahi a quarenta dias, como diz que já naquelle mesmo dia, e naquella mesma hora ia: *Quia vado?* Porque como aquelles dias eram de estar com os homens, o amôr dos mesmos homens os abreviava, unia, e penetrava entre si de tal sorte, que não só cabiam todos, mas todos estavam resumidos áquella mesma hora. Por isso quando, segundo as leis do tempo, parece que havia de dizer, hei-de ir, segundo as experiencias do seu amôr, dizia, vou: *vado*. Grande prova no mesmo Texto evangelico.

Na madrugada do primeiro dos mesmos quarenta dias, que foi o da Resurreição, o recado, que apparecendo o Senhor á Magdalena lhe deu, para que o levasse aos Apostolos, foi este: Diz a meus Discipulos que vão esperar por mim a Galiléa, por quanto subo ao Padre: *Ascendo ad Patrem meum, et Patrem vestrum.* [1] E como a Magdalena se quizesse lançar a

[1] *Joan.*, XX, 17.

seus pés, prohibiu-lhe o Senhor esta detença, dizendo que ainda não tinha subido ao Padre: *Nondum ascendi ad Patrem.* [1] Pois se o Filho não havia de subir ao Padre senão dahi a quarenta dias; como não diz que havia de subir, senão que já subia: *Ascendo?* E se aos Apostolos mandou dizer que subia, á Magdalena porque diz que não tinha subido: *Nondum ascendi?* Não se podia melhor declarar, como todas as differenças do tempo no coração e amôr de Christo estavam resumidas áquella hora. A madrugada da Resurreição era a primeira hora dos quarenta dias, depois dos quaes o Senhor havia de subir ao Padre: mas o amôr e desejo de estar com os homens, lhe faziam tão breves todos aquelles dias, que o principio do primeiro lhe parecia já o fim do ultimo. Por isso não diz que havia de subir, senão que já subia: *Ascendo.* E assim como o mesmo amôr e desejo, sendo o praso tão distante, lhe fazia o futuro presente; assim sendo a duração tão comprida, lhe fazia tão breve o mesmo presente, que já podia parecer passado. Por isso disse á Magdalena, que ainda não tinha subido: *Nondum ascendi.* No *ascendo* tinha dito nomeadamente *ad Patrem:* E no *ascendi* tornou a repetir do mesmo modo, *ad Patrem:* para que se veja os poderes que tinha no peito de Christo, ainda em concurso do amôr do Padre, o amôr dos homens. E se o amôr, na presença do que ama, abrevia o tempo, e na ausencia o alonga: quando o mesmo tempo, em quanto dilatava a Christo a partida para o Padre, lhe não parecia largo, e em quanto lhe permittia estar com os homens, lhe parecia tão breve: quem não julgará nesta differença, que amava mais aos homens que ao Padre? Isto era o que naturalmente se inferia das palavras de Christo, e esta foi a difficuldade ou implicação, porque todos os Apostolos, e muito mais S. João, as não entendiam: *Nescimus quid loquitur.*

Houve de apartar-se finalmente o soberano Senhor, e porque este apartamento não causasse nos Discipulos o que naturalmente costuma nos homens; exhortando-os a estarem sempre unidos com elle por memoria e por amôr, lhes declarou a importancia desta união com o exemplo da vinha, em que as vides não

[1] *Joan.*, XX, 17.

pódem dar fructo senão unidas á cepa, e disse assim: *Ego sum vitis, vos palmites; Pater meus agricola est.* [1] Eu, Discipulos meus, sou a cepa, vós sois as vides, e meu Padre é o lavrador. Aqui temos outra vez o Padre, os homens, e o mesmo Christo, que é todo o concurso da nossa questão; mas a pessoa do Padre, que não está applicada, como pedia a propriedade natural da parabola. Se Christo se compara á cepa, e os Discipulos ás vides, parece que o Padre se havia de comparar á raiz, e não ao lavrador. Christo é Filho do Padre, e os Discipulos são filhos de Christo, como o mesmo Senhor lhes chamou nesta occasião: *Filioli, adhuc modicum vobiscum sum:* [2] *(Filioli*, diz. E quem poderá comprehender a immensidade de amôr que naquelle diminutivo se encerra?) Pois se os Discipulos eram filhos de Christo, e Christo Filho do Padre, e elle se compara á cepa, e os Discipulos ás vides, porque não compara o Padre á raiz, como pedia a natureza da metaphora, senão ao lavrador? Porque o lavrador não está pegado á cepa, as vides sim. E neste dia parece que todo o cuidado do amôr de Christo era despegar-se do Padre, e pegar-se aos homens. Dos homens fallava como de filhos, do Padre como se não fôra Pai: ao Padre dava o nome do poder; aos homens o do amôr: ao Padre como separado: aos homens como unidos: Em fim, similhante áquelle plánta, que entre todas só sabe chorar apartamentos; sujeita, porém, como as demais, a não se poder apartar da terra sem se arrancar.

Chegado o Senhor ao Horto, e apartando-se dos Discipulos para ir orar ao Padre, diz o Evangelista S. Lucas que se arrancou delles: *Avulsus est ab eis.* [3] Esta manhã ponderei este passo a outro intento: agora accrescento e noto mais, que apartando-se do Padre na mesma oração, e tornando aos Discipulos, nem o mesmo S. Lucas, nem algum outro Evangelista diz que se arrancou, senão que veiu: *Venit ad Discipulos suos.* [4] Pois se quando vae dos Discipulos para o Padre se arranca, quando vem do Padre para os Discipulos, por-

---

[1] *Joan.*, XV, 1 e 5.
[2] *Ibid*, XIII, 33.
[3] *Luc.*, XXII, 41.
[4] *Math.*, XXVI, 49.

que se não arranca tambem? Porque essa é a differença de estar pegado, como dizia, ou não estar pegado. Quando se vae o que está pegado, arranca-se; quando vem o que não está pegado, vem. Assim ia o Senhor quando ia, e assim vinha quando tornava. E se o ir dos homens para o Padre é arrancar-se, e o vir do Padre para os homens é sómente vir; que havemos de dizer ou cuidar que parece isto, não notado por nós, mas advertido pelos mesmos Evangelistas? Ó menos que se póde cuidar, e o muito que se não póde dizer, é que o amor de Christo hoje amou mais aos homens que ao Padre.

Mas quem se atreverá a pronunciar por palavras, o que o mesmo amor emmudecido por respeito, se não atreveu a significar, senão por acenos e por acções? Tres horas durou aquella oração do Horto, e tres vezes nas mesmas tres horas veiu o Senhor a visitar os Discipulos, sem ser bastante o descuido com que os viu, e o desamor que nelles experimentou, para não tornar uma e tantas vezes. E bem, Filho sempre amantissimo de vosso Eterno Padre, ao mesmo Padre deixaes vós, e tão repetidamente por vir aos homens? Não argumento por parte do respeito, que tambem podéra ter sua demanda neste caso: só duvido por parte do amor. O centro do vosso amor não é o Padre? Sim, é, nem póde deixar de ser. Pois como se inquieta tanto o vosso coração, se está no seu centro? Dizer que o Padre era o centro do amor, e os homens o centro do cuidado, não é boa solução; porque o amor e o cuidado não se distinguem. Pois se estaes com o Padre só tres horas, como tres vezes em tres horas deixaes o Padre para vir aos Discipulos? Sei eu, que tres dias deixastes vós a Mãe, sobre todas as creaturas amada, e a satisfação que lhe déstes, foi que estaveis com vosso Padre. Mas isso foi então, e não no dia de hoje, em que os privilegios do amor dos homens não teem exemplo. Não entendo o que isto é, mas não posso deixar de dizer o que parece. Parece que tambem quizestes dar satisfação aos homens; e porque era ella tal que não cabia em palavras; com o amor, com o cuidado, e com as acções, lhe dissestes por ultima despedida... que? Ainda tremo de o pronunciar. Parece que nos quizestes dizer assim: Já que neste dia hei de deixar uma vez os homens por amor do Padre, quero deixar tres vezes o Padre por amor dos homens.

Agora sim, que se desquitou bem o amor de Christo. Porque se o amôr do Padre (como vimos) foi tal que podéra dar ciumes ao Filho; esta acção do amôr do Filho é tal que podéra causar ciumes ao Padre. Saül chegou a negar de filho a Jonathas; porque amava mais a David que ao proprio pai. E ámanhã quando se ouvir que o Padre deixa a seu Filho: *Ut quid dereliquisti me:* [1] não faltará quem cuide que o Padre o deixa, porque elle tambem deixou ao Padre por amôr dos homens. Mas é tanto pelo contrario, que nunca tanto o Filho agradou ao Padre, nem o Padre o reconheceu mais por Filho, que por estes mesmos extremos com que amou aos homens: *Filius meus es tu: Ego hodie genui te.* [2] Hoje, hoje vos reconheço mais que nunca por Filho, pois em amar aos homens como os amastes, mostrastes bem ser Filho de vosso Pai. Porque se eu no dia da Encarnação, que foi o primeiro, os amei tanto que parece amei mais aos homens que ao Filho, como havieis vós de mostrar que ereis meu Filho no dia de hoje, que é o ultimo, senão amando tanto aos mesmos homens, que pareça amastes mais aos homens que ao Padre?

VIII

Esta foi na competencia de um dia com outro dia, e de um amôr com outro amôr, esta foi a egualdade do *dilexit* do Padre: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum unigenitum daret:* e esta a egualdade do *dilexit* do Filho: *Suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos.* Mas nesta mesma egualdade em que se não conhece vantagem, consistiu (como prometti) a victoria do amôr de hoje. E porque, ou como? Porque Christo, pela parte que tem de homem, é menor que o Padre, como elle mesmo nos ensinou: *Quia Pater major me est:* [3] e nas batalhas de menor a maior, quando o menor eguala o maior, o egualar é vencer. Na lucta que teve Jacob com o Anjo, nem o

[1] *Math.*, XXVII, 46.
[2] *Hebr.*, I, 5.
[3] *Joan.*, XIV, 28.

Anjo derrubou a Jacob, nem Jacob derrubou ao Anjo: e comtudo o Texto sagrado não só uma senão muitas vezes celebra a victoria de Jacob, e por ella lhe mudou Deus o nome de Jacob em Israël, dizendo: *Si contra Deum fortis fuisti, quantó magis contra homines prævalebis.* [1] Pois se Jacob não venceu o Anjo, e o Anjo sómente reconheceu que o não podia vencer: *Cum videret quod eum superare non posset;* [2] porque se attribue a victoria a Jacob? Diga-se que não foi vencido; mas não se diga que venceu. Antes porque não foi vencido, por isso mesmo se diz que venceu; porque nas batalhas de menor a maior, o não ser vencido é vencer. Se a lucta fôra de homem a homem, ou de anjo a anjo, então era necessario derrubar um ao outro para ficar vencedor; porém como era de homem a anjo, e de menor a maior, a egualdade no menor foi victoria, e o não ser vencido, vencer. Mas quem era este anjo, quem era este Jacob, e qual foi esta batalha? O anjo representava ao Padre, que por isso disse: *Si contra Deum fortis fuisti:* Jacob representava a Christo, que muitas vezes na Escriptura se chama Jacob, e a batalha era de amôr, que por essa razão foi lucta, que são abraços. E como nesta competencia amorosa nem o Padre pôde vencer o Filho, nem o Filho vencer o Padre, bem se conclue da mesma egualdade do amôr de ambos, que toda a victoria ficou pelo *dilexit* de hoje. *In finem:* treslada S. Chrysostomo: *In victoriam dilexit eos.*

IX

Os despojos desta victoria pede o amôr que sejam os corações dos homens, tão egual e tão excessivamente amados do Padre e do Filho. Muito sentiu o amoroso Senhor, que de só doze corações que se acharam no Cenaculo, lhe faltasse um: *Cum diabolus jam misisset in cor, ut traderet eum Judas.* [3] E que seria se entre os que tanto abominamos aquella in-

[1] *Gen.*, XXXII, 28.
[2] *Ibid.*, 25.
[3] *Joan.*, XIII, 2.

gratidão e deslealdade, houvesse muitos egualmente desleaes, e mais que o mesmo Judas, ingratos? Que seria, se quando o Padre e o Filho competem sobre qual ha-de amar mais aos homens, os homens vivessemos como á competencia de quem mais ha-de offender ao Padre, que nos deu seu proprio Filho, e ao Filho, que se nos deu a si mesmo?

Os mais obrigados a este exemplo são os pais e os filhos. Os pais para que amem mais a Deus que aos filhos, por cuja causa muitos se condemnam: e os filhos para que amem mais a Deus que aos pais, por cujo temor ou respeito não tomam aquelle estado, em que mais se segura a salvação. Quantos pais ha que por amarem falsa e erradamente os filhos, e os quererem antes para o mundo que para Deus, lhes impedem o servir a Deus? E quantos filhos que por não desagradarem aos pais, nem se apartarem delles, deixam a Deus, e servem ao mundo? Oh ditosas, bem entendidas, e valorosas almas, vós que com tão animosa e prudente resolução deixastes a gerarchia desse côro tão alto, e desprezastes todas as promessas e esperanças do mundo, onde elle é mais mundo; e na edade mais sujeita a seus enganos, não só lhe voltastes o rosto, mas o mettestes debaixo dos pés! [1] Se Christo hoje chamou seus aos que estavam no mundo: *Suos, qui erant in mundo*, só porque o mundo não estava nelles: a vós que não estaes já no mundo, nem elle póde estar em vós para sempre, que nome vos terá dado o seu amôr, e que logar o seu coração? E se as filhas, em que a delicadeza e o mimo é tão natural, com tão galharda resistencia, e tão constante desapego, deixam as casas dos pais, e não lhes faz horror o claustro, nem o cilicio; nos filhos (comvosco fallo) nos filhos que nasceram com obrigações de maior valor, e o mostram tanto onde não convinha, porque se não verão similhantes desenganos? Porque se não acabarão de resolver tantas mocidades enganadas a deixar o mundo, a desprezar o mundo, a conhecer o mundo, e o tratar como elle merece, e Deus nos merece?

Desenganemo-nos, que é necessario deixar o mundo, antes que elle nos deixe. E que occasião mais

[1] Allude ás damas do Paço, que n'aquella Quaresma se fizeram Religiosas.

apparelhada e ainda mais forçosa e mais fidalga, que deixal-o, quando quem o creou e nos creou, o deixa? Será bem, que se parta Christo do mundo? *Ut transeat ex hoc mundo;* e que faça esta jornada só, sem haver quem o acompanhe e o siga? Que coração haverá tão esquecido de Deus e de si, que ouvindo aquelle rebate, ou aquelle pregão do céo: *Sciens Jesus quia venit hora ejus:* [1] lhe não cause um grande abalo na alma, e diga resolutamente comsigo: esta será tambem a minha hora? Nenhum christão ha de consciencia tão perdida, que não faça conta de se converter e se dar a Deus alguma hora: e se ha-de ser alguma hora, que hora como esta? Oh como é para temer, que quem se não aproveitar desta hora, lhe falte outra? Se cada um de nós soubera a hora em que ha-de passar deste mundo, como Christo sabia a sua: *Sciens quia venit hora ejus;* menos cegueira fôra; mas se este secreto é occulto a todos, e ninguem sabe o dia nem a hora: *Quia nescitis diem, neque horam;* porque havemos de perder tal hora como esta, e tal dia como o de hoje? Tal dia como o de hoje, torno a dizer. Um dia em que se ajuntaram os dois maiores dias do amôr e misericordia divina. O dia em que Jesus nosso Deus, e nosso Redemptor, se parte do mundo, e o deixa, para que nós o sigamos, e o dia em que veiu ao mundo, e deixou o céo, para que nós ao menos deixemos a terra. Oh maldita terra, oh maldito mundo, que nenhum exemplo basta para te deixarmos, nenhum desengano para te conhecermos, nenhum amôr de Deus, para te não amarmos?

Senhor Jesus: já que hoje está vosso amôr tão vencedor de tudo, vença tambem e triumphe destes corações, tão duros, tão ingratos, tão cegos. Abrandae, Senhor, esta dureza, convertei esta ingratidão, alumiae esta cegueira: trocae e transformae de uma vez a rebeldia destas vontades, para que só a vós amem, só a vos queiram, só a vós desejem, só por vós suspirem, só de vós esperem, só em vós vivam, só por vós morram: até que chegue aquella ultima e feliz hora de passar comvosco deste mundo ao Padre: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem;* onde vos vejam, onde vos gosem, onde vos amem sem fim: *In finem dilexit eos.*

---

[1] *Joan.*, XIII, 1.